



de Louins
nos

JULIANNA COSTA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Julianna Costa

Alguns Anos

Brasília
2015

Gogo Books

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Este livro, ou qualquer parte dele, não pode ser reproduzido por quaisquer meios sem prévia autorização expressa da autora.

Capa
Maria Beatriz Martins

Revisão e preparação
Julianna Costa



Capítulo 1

Fiquei deitado na cama assistindo ela se arrumar. Era tudo tão deliciosamente familiar que eu não conseguia parar de sorrir. O jeito como ela passava o batom, como fechava e abria os olhos verificando a sombra, como se aproximava do espelho para colocar o rímel. Eu deixei a risada escapar sorradeira pelos meus lábios e ela levantou uma sobrancelha para mim.

- Holt! Se nós chegarmos atrasados, é comigo que ela vai gritar. Levante sua bunda gostosa dessa cama e vá se arrumar.

Ela ia olhar de volta para o seu reflexo no espelho, mas eu continuei exatamente onde estava e vi seus olhos focarem nos meus mais uma vez.

- Agora! - ordenou e eu ri.

Há dois anos, eu estava deitado naquela cama quando disse que estava apaixonado por ela. Eu não fazia a menor ideia de quão intenso aquele sentimento um dia poderia ser. Eu achava que sabia, mas olhando para trás, agora, tenho certeza que não fazia a menor ideia.

Eu a amava mais do que qualquer coisa no mundo. Mais do que minha própria vida.

- Se me fizer ir até aí, você vai apanhar. - avisou.

- Isso parece bom. - provoquei.

- Holt. Eu juro por deus. Se aquela velha... - respirou fundo - Perdão. Se a sua *avó querida* vier reclamar comigo porque nós chegamos atrasados, eu engulo você!

- Engole é? E vai começar por que parte?

Ela pegou o pote do pó compacto e jogou na minha cabeça. Eu o aparei no ar antes que me atingisse.

- Eu digo a ela que foi culpa minha. - levantei e comecei a vestir a roupa.

- Ela não vai acreditar! Esse é o problema. Esse é *sempre* o problema. Um Baxter é incapaz de cometer um erro. Tudo que vocês

fazem é perfeito, cristalino e adocicado na visão *daquela mulher*.

- Eu acho que você tem até conseguido interagir bem com a família, ultimamente. - joguei a gravata pelo meu pescoço.

- Isso é porque eu não os levo mais a sério. No começo, eu tentava conversar, me explicar, provar quem eu era... Agora. Bem...

- Agora, você mandou todos pro inferno.

- E ninguém faz isso tão bem quanto eu. - acrescentou, dando o nó na gravata por mim. Eu estiquei o pescoço para lhe dar mais espaço e sorri.

- Nós conversamos sobre isso.

- Eu sei, eu sei. Mas você sabe como me sinto.

- Dom, você poderia ter dito algo antes.

- Ter dito o quê, Greg? - ela tinha um brilho determinado nos olhos. - Que não queria que você voltasse a se envolver com os negócios da sua família? Era o que você queria!

Eu engoli em seco.

O que eu queria era me casar com ela.

Queria começar uma família.

Queria vê-la grávida dos meus filhos.

Queria ter horários mais flexíveis para poder ver nossas crianças crescerem.

Queria que minha avó visse que Dominique não me afastou da família, e que foi por causa dela que voltei. Talvez assim ela parasse de implicar com a mulher que eu amo e eu pudesse preservar os cacos que restavam da minha destruída família. Minha avó era impossível, eu sei.

Mas família nenhuma era perfeita. E apesar de todos os pezares, eu tinha certeza que ela me amava. Do seu jeito louco, superprotetor e tradicional. Mas ela me amava, ainda assim. E era recíproco: eu me recusava a perder mais qualquer parente que fosse. Meus filhos iam crescer cercados de família e não afastados de tudo e de todos.

- Se te incomoda tanto, Dom, você deveria ter dito. Eu nunca faria...

- Eu sei! E não me incomoda *tanto*. São só todos esses malditos almoços e eventos sociais para os quais eu não tenho uma

roupa que a sua avó considere apropriada.

- Já te disse que, se quiser...

- E eu já te disse onde vou enfiar a espátula se você vier me oferecer dinheiro de novo, não é?

Eu tive que rir da sua recorrente delicadeza.

- Não é dinheiro, Dominique. Seria um presente.

- Meu bem. Se Coco Chanel descesse dos Céus e me fizesse um modelo exclusivo seguindo todas as últimas tendências da moda, mas sem perder o toque clássico e elegante... ainda assim a sua avó olharia para mim e diria - ela colocou as mãos na cintura em uma tentativa de imitar Eleanor - "*E tinha que ser nessa cor vagabunda?*".

Eu tapei a boca com a mão tentando me policiar. Rir era uma má ideia: só ia incentivar aquele comportamento que eu tentava ativamente desestimular.

- Eu posso vestir diamantes e cristais e ela ainda ia me achar *barata*. Então, poupe o seu dinheiro.

Abriu a caixa de joias e começou a colocar o par de brincos de brilhante que eu tinha lhe dado de aniversário de namoro.

- Não, Dom! Não faz isso... - choraminguei. Aqueles brincos tinham sido fonte de discórdia e tumulto na minha vida. Mas Dominique os usava com um orgulho sem precedente. Tenho certeza que fazia isso especialmente para irritar Eleanor.

- São meus brincos, Gregory! - rosnou com aquele tom de voz que não dá abertura para qualquer comentário subsequente - Uso quando quiser!

Eu já tinha tentado dar joias exorbitantemente caras para Dominique três vezes. E depois da última, eu decidi que ela era irrecuperável e que era melhor desistir.

A primeira vez foi no aniversário dela. Usei o fundo Baxter depois de anos intocado. O colar de diamantes da Harry Winston custou uma pequena fortuna que eu paguei com muito gosto, apenas para levar o embrulho para casa e ver Dominique abri-lo e fechá-lo com a mais absoluta apatia e depois me devolver ainda na caixa e mandar que eu devolvesse.

A mulher tinha uma teimosia que não conhecia limites.

Não aceitava nada que eu não tivesse comprado apenas com o meu salário. E depois de três tentativas, foi isso que fiz: comprei um par de modestos brincos de brilhante para nosso aniversário.

Ela os usava sempre e não demorou até que a história chegasse a Eleanor que ficou consideravelmente ultrajada por Dominique se recusar a dar espaço para que eu voltasse a usar os fundos Baxter. Para a minha avó, isso teria sido um *avanço* na minha *caminhada de volta para casa*. Para Dominique, seria uma batalha perdida. Para mim, era só um par de brincos.

Mas quando aquelas duas mulheres resolviam brigar, o resultado era de consequências catastróficas em nível nuclear. Eu desisti de me envolver e reduzi a minha participação a meros pedidos de "*por favor, não use na frente dela*" quando Dom resolvia colocar a joia. Meus pedidos sempre encontravam seus ouvidos surdos e irritados. Mas eu tinha que tentar.

- São meus brincos favoritos. - constatou, observando seu belo reflexo. Respirei de forma profunda e dolorida. Ia ser mais um longo dia tentando esconder suas orelhas atrás dos cabelos sempre que ela me deixasse tocá-la. - Você está pronto?

- Quase. - peguei um par de meias e ia me sentar para calçá-las quando ela passou por mim e me segurou pela virilha. Dominique fazia isso, às vezes: me tocava em um lugar delicado de um jeito casual e descontraído. Como se ela fosse a dona e eu o bicho de estimação. Uma pequena contração de seus dedos sobre o volume nas minhas calças e meu sangue estava fluindo na direção do seu toque. Escorregou a mão pela parte interna das minhas pernas antes de se afastar. Passei o braço pela sua cintura, puxando-a de volta pra mim com o princípio de ereção se aproveitando da curva daquela bunda deliciosa. - Sabe? Eu acho que você faz isso de propósito. - sussurrei.

- Querido, *tudo* que eu faço é de propósito. - riu, daquele jeito sacana e pernóstico que faz a gente querer foder sua boca até ela se calar.

- Por que você tem que fazer isso antes da gente sair? - chiei.

- Se quiser, a gente pode desistir de ir. - cantarolou, afastando meu braço - Eu tiro tudo pra você, amor. Menos os saltos e os

brincos. - riu.

Era a novidade do mês.

Dominique conseguia fazer isso. Trazer pequenas novidades sexuais que poderiam parecer bobagens, mas conseguiam fazer meu pau acordar como se alguém tivesse dado a ele uma overdose de energético.

E a novidade do mês era aquela porra daquela coleção de saltos agulha. Aparentemente, era um fraco que eu não sabia que tinha: a minha Dom gostosa só de lingerie e saltos. Ou nua e de saltos. Funcionava igualmente bem.

Sacudi os cabelos com violência.

- Não, Dom. Eu disse que a gente ia. - belisquei sua bunda - Como você quando a gente voltar. - sussurrei antes de beijar seu pescoço levemente.

- Ah, pode até tentar. - torceu o nariz - Mas eu sempre volto de mau humor desses eventos, você sabe...

Mordi o lábio e a encarei com firmeza. Dominique cruzou os braços sobre os seios e levantou uma sobrancelha para mim. Ela não precisava abrir a boca: eu sabia o que ela estava dizendo. *"Ou sua festa ou minha boceta"*. Era esse o acordo. E eu sempre perdia nesses acordos.

Mas dessa vez, eu realmente tinha prometido.

- Então, eu te como amanhã. - provoquei.

Ela estreitou os olhos pra mim daquele jeito que, realmente, me assustava. Como se ela fosse capaz de me matar enquanto eu dormia.

- Gregory! - ela o abraçou com aqueles dedinhos demoníacos - Que bom que veio! - sorriu. A vadia era uma boa atriz. Isso eu tinha que confessar.

- Olá Eleanor. Eu tinha prometido que vinha, não tinha?

- Ah, Gregory, mas não é como se você nunca tivesse me enganado antes. - brincou, apertando seu braço.

- Sim, mas dessa vez prometi a Meryll.

Meryll.

Prometeu a Meryll?

Filho da puta. Ele tinha me arrastado até a Convenção Internacional dos Demônios Grotescamente Ricos porque prometeu pra ex-namorada?

Eu ia matar ele.

Ia enfiar um daqueles saltos que ele tanto amava pela sua garganta até ele parar de respirar.

- Claro, claro! - ela alargou o sorriso e eu tive vontade de bater nela também. - Ela está tão linda! Chegou ontem mesmo de viagem.

- Eu sei, é por isso que disse a ela que viria.

Engoli em seco e fiquei repetindo um "ohmm" mental e meditativo.

Acalme-se, Thoen.

- Vamos! Eu levo você até ela. - a velha maldita tomou ele dos meus braços e ia levá-lo para longe.

- Não vai cumprimentar Dominique, vó? - ele sempre a chamava de "vó" quando queria suavizar a situação. Eu já tinha explicado pra ele em mais de um idioma e com ilustrações primorosamente desenhadas que aquela merda não funcionava. Ela continuava me odiando e continuava sendo recíproco. Independente de como ele a chamava. Gregory, no entanto, fez o que os homens geralmente fazem: persistiu no erro.

- Olá, Dominique. - seca.

- Eleanor. - ofereci um gesto curto com a cabeça.

- Podemos? - virou-se para ele, mais uma vez. Holt sacudiu a cabeça como se estivesse desistindo de nós duas. Mas eu sabia que ele não estava.

- Eu vou até lá. - desenroscou o braço da avó do seu e me beijou na bochecha - Vocês duas ficam aqui e conversam, sim? Cumprimente Dominique do jeito certo, vó.

- Mas o que foi que eu fiz? - ela levou a mão ao peito, profundamente ofendida não sei do quê.

- Você foi grossa e sabe disso. - beijou sua testa - Dom acabou de fazer uma cirurgia, lembra? Não vai perguntar como ela está?

- O tumor era maligno? - piscou na minha direção, com uma animação disfarçada.

- Não. - fingi más notícias. - Sinto muito. Era só um nódulo.

- Dominique... - ele alertou com um tom de "*comporte-se*".

- Estou me recuperando muito bem, obrigada. - sorri, falsa.

- Conversem como as damas educadas que eu sei que são, tudo bem? - apontou de uma de nós para a outra. - Por mim?

Greg se afastou rápido demais e eu fiquei pra trás. Assistindo ele me abandonar no covil de serpentes enquanto ia confraternizar com a ex-namorada.

- Vocês conhecem Dominique?

Nós nos sentamos em uma das mesas dispostas pelo pátio e um garçom se aproximou com taças de cristal preenchidas por champanhe e rodela de morango.

Algumas das moças da mesa gesticularam afirmativamente, enquanto outras abriram os olhos em curiosidade.

- É uma colega de trabalho de Gregory.

Inspirei, repetindo meus "*ohmms*" apenas para descobrir que meditação, de fato, não funcionava pra mim.

Sentei e levei uma das taças de champanhe aos lábios. Só pelo cheiro, dava pra notar que uma garrafa daquela porcaria deveria custar mais que meu carro. Estava quase dando o primeiro gole quando lembrei da minha situação. Fingi engolir alguma coisa e repousei a taça na mesa mais uma vez.

Eu conhecia, com segurança, apenas uma das moças na mesa. Elizabeth era uma dessas vadias de luxo. Mimada e rica, acostumada a pegar o que quer sem pedir autorização, licença ou por favor. Eleanor continuava sendo a pessoa do ambiente que eu mais detestava. Mas *Lizzie* estava, incontestavelmente, na segunda posição.

- E onde está Gregory? - a maldita sorriu um pouco interessada demais. Senti que alguém deveria informá-la que eu mordo.

- Ah, Elizabeth, querida! E onde mais ele estaria? Com a Meryll, é claro. - Eleanor riu e o resto da mesa a acompanhou.

- Aqueles dois nasceram um para o outro.

Tive vontade de virar a porra da taça de champanhe inteira, pedir mais duas e uma dose de tequila. Embriaguez era o único modo de sobreviver a torturas desse tipo.

Mas minha menstruação, que até hoje sempre tinha sido mais precisa que um relógio suíço, estava assustadoramente atrasada. E os doze exames de farmácia aos quais eu tinha, compulsivamente, me submetido nas últimas 48 horas trouxeram sempre o mesmo resultado fatídico: eu estava fodida.

Dancei o dedo pela borda da taça.

Passei o mês inteiro antes da cirurgia usando camisinha... Não podia correr o risco, e o médico tinha ordenado que eu suspendesse o anticoncepcional durante aquele período.

Usamos preservativos todas as vezes. Todas.

Menos uma.

Uma vez rápida, excitante, nervosa... Eu conseguia lembrar do meu corpo tenso e nervoso na véspera do procedimento cirúrgico. A tensão. O estresse. Gregory me beijou e eu soube que precisava de mais. A camisinha sequer foi considerada e, em seguida, restou absolutamente esquecida.

Uma bela merda.

E agora, ali estava eu. Cercada de mulheres com olhos de superioridade e reprovação, desprovida de meu único escudo: o álcool.

- Seu vestido é lindo, Dom. - Elizabeth estava falando - Uma gracinha.

Eu conhecia aquele tom condescendente de mulher que não compra roupas com menos de quatro dígitos na etiqueta do preço.

- Gostou? - sorri, arrumando o tecido escuro ao meu redor - Ponta de estoque. - menti - Tem um bazar legal que vende roupas usadas de coleções passadas.

Uma das mulheres na mesa pareceu entalar com o champanhe.

Se eu teria que ouvir ofensas a tarde inteira, pelo menos iria me divertir.

- Ah, mas são roupas que foram usadas poucas vezes. - acrescentei, com uma falsa seriedade - Essa daqui me garantiram que foi usada uma única vez pela dona anterior.

- Maya está grávida! - Eleanor mudou de assunto como se eu não tivesse feito qualquer comentário. As interjeições se espalharam pela mesa. Engoli em seco e me preparei para a próxima.

- Sim! Aidan está felicíssimo!

- Ele vai ser um excelente pai!

- Ah, com certeza! Você já viu como ele é com os sobrinhos?

- O senhor Chadwick deve estar empolgadíssimo! Ele sempre quis ser avô.

- Ele disse que queria, pelo menos, mais três. - Eleanor sorriu, falando do amigo.

- E a senhora, senhora Baxter? Quantos netos gostaria de ter?

Ela ficou muito quieta e me observou com o canto do olho. Aquele era um terreno perigoso. Com certeza, ela não iria querer "colocar ideias na minha cabeça". Mal sabia ela que a ideia de ter filhos me assustava mais que a morte e o pânico concentrado que eu sentiria até o dia seguinte, quando, finalmente, teria minha consulta médica e descobriria se tinha ou não uma vida se desenvolvendo dentro da minha barriga.

- Acho que isso é Gregory quem vai resolver. Mas, é claro, - me indicou com um gesto simples - que não estamos nem perto disso.

O temor que eu sentia por uma prole desconhecida e eventual não era maior do que a raiva que eu sentia daquela mulher...

- Eu e Greg pensamos em três, também. - respondi - Mas eu preferia dois meninos e ele, duas meninas.

- Ah? - Elizabeth não conseguia decidir o que fazer com o queixo.

- Já até conversamos sobre nomes.

- Claramente, não conversam. - Eleanor decidiu. - É cedo demais.

- Estamos juntos há dois anos, Eleanor. Estamos morando juntos. É claro que falamos sobre o futuro.

Ela estava nervosa. Eu podia sentir o cheiro no ar. Só precisava dar o golpe de misericórdia e ela perderia o controle.

- O único nome que concordamos é Tyler. - sorri.

- Não. - decidiu.

- Perdão?

- Gregory não vai ter um filho chamado Tyler.

- Posso saber por quê?

- Não que seja da sua conta, já que não será você a gerá-lo.

Mas Tyler não é um nome próprio para um Baxter.

- É o nome do avô dele...

- Do avô *Holt* dele. Gregory é um Baxter e Tyler não é um nome apropriado.

- Seria uma homenagem a um avô que ele adora.

- Seu avô favorito era meu marido Hyatt. Ele pode batizar seu primogênito de Hyatt sem qualquer problema.

- Não acho que vai ser sua a decisão sobre como...

- E não sei por que estou discutindo isso com você! - exclamou - Fica cada vez mais claro que é com Meryll que eu deveria ter essa conversa.

Greg estava alguns passos atrás de nós conversando animadamente com sua ex-namorada e amiga de infância. Eu senti um ódio percorrer cada centímetro do meu corpo.

- É. Parece que você também perdeu sua chance, Lizzie. - uma das mulheres de vestido azul e olhos felinos provocou.

- Eles ainda não estão noivos. - Elizabeth riu - Até o matrimônio estar consumado, o resto de nós pode sonhar.

O garçom se aproximou trazendo petiscos que todas aceitaram, menos eu.

- E eu não sou como Dominique. - Elizabeth sorriu seus dentes exageradamente brancos - Não vou me contentar em só distrair o Gregory enquanto ele não encontra uma mulher de verdade. - riu alto, antes de sacudir a mão - Estou brincando, querida, é claro.

Eu devolvi a risada.

Era sempre a mesma coisa. Elas criticavam minha roupa, minha educação, meu *berço*, minhas opiniões... Eu era o ser humano inferior que tinha sido agraciado com a honra de poder ficar na presença de tão ilustres pessoas.

No começo eu ainda tentei mostrar quem eu era. Tentei impor minha opinião, meus modos. Evidenciar o absurdo dos seus preconceitos. Mas todos eles me olhavam como se eu fosse uma criança muito pequena gritando que já tinha idade o suficiente para ficar acordada até a hora que quisesse e sempre que eu acabava meus pequenos discursos inflamados ou comentários sagazes e precisos, recebia como resposta os olhares pedantes de "*Que fofa, você. Acabou? Pronto, os adultos vão voltar a conversar, agora*".

Foi então que mudei minha estratégia e resolvi que, se era para ser humilhada, pelo menos eu me divertiria no caminho. Vesti a roupa de mulher barata e sem educação que tinham me oferecido e desfilei nela com muito orgulho.

- Dominique sabe que você está brincando, Lizzie. - Eleanor apertou meu braço como se quisesse me confortar. Embora eu soubesse que ela era incapaz de tal atitude - Ela está divertindo Gregory agora, mas ela entende perfeitamente quem ele é e o que isso significa.

- Claro. - respondi, resignada - Sou grata pela experiência. - sorri - Mas seja lá quem for a mulher que ele escolher, ela me deve um agradecimento. - alarguei o sorriso e suspeito que minha falsidade tenha começado a transparecer.

- Por que diz isso?

- Hm... O rapaz não sabia o que fazer na cama. - expirei simulando exaustão - Anos ensinando ele a foder direito e ainda não está completamente pronto. - expliquei casualmente.

Eleanor travou a mandíbula e me encarou com fogo nos olhos.

- Ah! - cobri a boca com a mão - Perdão. Não foi apropriado falar mal das habilidades de Gregory na cama. É culpa da minha precária educação caseira. Peço desculpas.

Eleanor sorriu forçadamente e tentou mudar de assunto.

- Na verdade, ele é muito bom na cama. - insisti - Quero dizer... precisa de uma ou outra indicação aqui e ali. Mas segue ordens muito bem. E é bem dotado! - ri - Isso ajuda.

A matriarca Baxter estava pronta para abrir a boca o máximo que pudesse e me engolir quando eu acrescentei:

- "*Bem dotado*" significa que ele tem um pau bem grande e grosso. - expliquei com simplicidade. - Imagino que a maior parte das respeitadas damas nessa mesa ignorem o significado da expressão.

- Não precisa ser agressiva, senhorita Thoen. - Eleanor rosnou baixinho, mas todas a ouvimos com clareza. - Já fez sua piada, pode parar agora.

- Piada? Que bom que me acha engraçada, Eleanor. - rosnei, sem fingir qualquer graça - Acho que isso significa que eu tenho pelo menos uma qualidade, han?

- Você pode ser *baixa* no seu ambiente. Mas aqui, peço que respeite meus convidados.

- Eu também sou sua convidada. E você já me agrediu verbalmente de todos os modos que a língua permite. Imaginei que ofensas fossem a etiqueta do local.

- Você sabe muito bem do que estou falando.

- Eu sempre sei, mas...

- E ou se cala, agora, ou se retira. Não vou expor meus convidados a esse tipo de constrangimento.

Respirei fundo. Eu podia ser teimosa e ficar. Mas já a tinha irritado o suficiente e cada fibra do meu corpo queria, de fato, ir para bem longe daquela mesa.

- Bem, por mais *agradável* que seja sua companhia, Eleanor. Acho que vou preferir dar uma volta.

- Por que não vai ficar com os serventes? - sugeriu peçonhenta - Lá, certamente, encontrará pessoas do seu nível.

- Você é um santo, Boe. Não sei como a suporta.

- Ela não é tão má assim, senhorita Dominique.

Abri os olhos para ele em descrença e enfiei outra torrada com patê na boca.

- Cruella De Vil perde fácil para aquela dali.

Ele riu.

- E Cruella queria fazer um casaco com pele de filhotinhos! -
apontei a pequena faca pra ele.

- A senhorita deveria voltar para a festa. - sugeriu com
gentileza.

- Todo mundo me detesta. Não me entenda mal, eu consigo
lidar com isso muito bem, mas agora... acho que só preciso de uns
minutos. Me esconde mais um pouco?

- Claro. - eu tinha plena convicção de que parecia uma
criança pequena e ele não parava de rir.

Ficamos em silêncio enquanto eu comia mais um pouco. Ele
me ofereceu algo para beber e eu aceitei um copo de água.

- Está faminta, han?

- Sobrecompensando, já que não posso beber. - entalei nas
palavras apenas depois de notar que elas já tinham sido ditas.

- Não pode beber? - ele me observou com cuidado.

Mastiguei minhas torradas em silêncio. Mas ele estava
fazendo as contas. Eu sabia que estava.

- Não conta pra bruxa?

Ele sorriu.

- Está grávida, senhorita Dominique?

- Não tenho certeza. - confessei - Tenho uma consulta
amanhã, pela manhã.

- E o que o jovem senhor Baxter acha disso?

- Não falei com ele ainda. Não tenho certeza, Boe. - dei de
ombros.

Ele baixou os olhos para o chão.

- O que foi, Boe?

- Gosto de você, senhorita Dominique. - sorriu, paternalmente
- Você me lembra a menina Amanda. Ela também achava isso tudo -
gesticulou indicando a festa - uma grande bobagem. Eu vi essa
família crescer, sabe? - tinha algo nostálgico e dolorido em sua voz -
Vi cada conquista e cada problema. Quase me sinto um tio, para o
jovem Greg. Mas não deixe a senhora Baxter me ouvir dizer isso. -
sussurrou, exagerando no medo e eu ri - E você faz bem pra ele. Faz

bem para o menino Gregory. Se por mais nada, eu gostaria de você só por isso.

- Também gosto de você, Boe. - lhe dei um abraço desajeitado. Tinha algo no seu jeito grande e quieto que me lembrava muito o meu pai. Demorei pouquíssimo tempo para cair de amores pelo velho mordomo.

- Não vou dizer nada para a bruxa. - sussurrou.

- Obrigada. - devolvi o sussurro e o sorriso.

- Mas você precisa tomar cuidado.

- Com o quê? - ri.

- Com esse pessoal, senhorita. - ele fez uma careta de desconforto - Não vão receber essa notícia muito bem. Você, grávida, de um Baxter... antes do casamento.

- Oh, sim... seria um grande escândalo, não seria? - brinquei.

- Estou falando sério. - ralhou - Essa gente não é como a gente. Eles vivem por dinheiro e consideram que cada detalhe de suas vidas influencia quanto eles podem ganhar ou perder. É doentio, mas acredite: eu já vi de perto.

- Boe... eu não sei nem se vou ficar... - confessei baixinho - Isso é... se eu estiver grávida. Talvez um aborto seja a melhor opção. Não sei se Greg e eu estamos prontos para isso, sabe?

- Ah, senhorita Dom! Não! - pediu - Eu sei que, pela lei, você pode fazer o que quiser. Sei que tem lugares que podem fazer isso com segurança, mas... Mas um filho da senhorita e do senhor Greg... - ele sorriu - Não faça isso.

- Boe! Não vou prometer nada, está bem? Ainda é muito cedo para o que quer que seja e eu nem sei se estou mesmo... - respirei fundo. Merda... eu nem conseguia dizer a palavra.

- Só pense com cuidado antes de fazer alguma besteira. Pode me prometer isso?

- Posso! Eu *sempre* penso com cuidado. - apertei seu braço com carinho.

- E tome cuidado com a senhorita Saint-Michel.

- A Elizabeth? - ri alto - Aquela dali late demais. Conheço gente assim. A mordida é muito fraca.

Ele me observou como se não estivesse completamente seguro.

- Ela é um poodle, Boe. Eu sou um dobermann. Pode ficar tranquilo. - assegurei.

- O problema desse lugar, senhorita Dom, é que tem muito pitbull disfarçado de poodle. E a gente nunca sabe quando eles vão atacar.

- Está grávida, Thoen?

A voz de Holt no meu ouvido fez os pelos do meu corpo inteiro se arrepiarem.

- Han? - eu não conseguia respirar.

- Ouvi dizer que vamos ter três filhos e até já escolhemos os nomes.

O ar saiu dos meus pulmões em uma vagarosa forma de alívio.

- Sua avó estava sendo horrível. Olá, Merryl.

- Olá, Dom. Como vai? - sorriu, educada.

- Bem, obrigada. E você? Como foi a viagem?

- Excelente. Conhece a Itália? - eu queria que ela soasse arrogante para que eu pudesse odiá-la. Mas de todas as pessoas da parte Baxter da vida de Gregory, ela era, infelizmente, a mais simpática.

Merda.

- Só Veneza.

- Passamos por Veneza, também. É uma cidade linda!

- Verdade. - confessei - As pessoas dizem que é desagradável por causa do odor dos canais, mas eu tenho que confessar que não senti nada.

- Com certeza! Acho que as pessoas só gostam de reclamar. - virou-se de lado e puxou a bolsa como se algo dentro dela a incomodasse. Pescou um celular que vibrava discretamente - Ahn... Me dão licença?

Ela se afastou atendendo a ligação e Gregory passou os braços pela minha cintura.

- Eu quero duas meninas? - perguntou com um sorriso imenso no rosto.

- Sua avó estava sendo HORRÍVEL! - repeti. - Eu precisava me vingar.

- Sabe? Se nossas filhas forem herdar sua personalidade, acho que prefiro meninos. Não sei se aguento três *Dominiques Thoen*. - abriu os olhos em uma exagerada expressão de horror - Não vai haver paz. Nunca. - suspirou.

- Pare, Holt. Eu só queria que ela calasse a boca.

- Mas acho que quatro seria um número bom. - ele me ignorou e eu mordi o lábio com raiva - Dois casais... É! Aí cada mini-Greg se preocupava com uma mini-Dominique. Acho que assim a gente mantinha a situação sob controle. Ai! - reclamou quando meu punho encontrou seu tórax com força. - Por que eu estou apanhando? Foi ideia sua!

- A insuportável da Elizabeth Saint-Michel disse que eu era a *distração* enquanto você não encontrava uma mulher de verdade. E sua avó só sorriu e concordou.

- Nossa! Ela cutucou o vespeiro mesmo, não foi? - brincou.

- Será que você pode ficar do meu lado? - reclamei - Uma única vez!

- Eu estou sempre do seu lado, amor, você sabe. Mas ela é minha avó. Eu a conheço. Não vai mudar. Vocês duas vão ter que encontrar um meio termo porque eu não quero me livrar de nenhuma. Tudo bem?

Mantive os braços cruzados a minha frente, os lábios contraídos e o olhar duro nele.

- Amor? - acariciou meus braços com cuidado - Por favor... Só tente entender que...

- A mulher me odeia, Gregory! Não há nada que eu possa fazer! Você... Você devia vir pra essas coisas sozinho.

- Gosto da sua companhia. - lembrou com tom de obviedade.

- E quando é que você desfruta da minha companhia nesses eventos? - perguntei um pouco alto demais. Ele olhou ao redor sorrindo e, ao sentir que eu precisava gritar mais um pouco, me guiou pelo braço para um dos aposentos internos.

- Dom, você é minha namorada. É claro que quero você aqui.

- E eu venho, Greg. Estou sempre fisicamente presente. Do seu lado, sempre. Até você sumir com Meryll, *Lizzie*, Derek ou a Bruxa. É sempre a mesma coisa.

- Eu tenho poucas oportunidades de ver essas pessoas, Dom.

- Eu sei! Então, por que insiste que eu venha?

Comecei a me odiar no exato segundo que disse as palavras. Se ele me dissesse que tudo bem, que eu não precisava mais vir, eu ia querer morrer. O que eu deveria fazer da próxima vez que ele tivesse um desses eventos? Mandá-lo arrumado, perfumado e sem acompanhante direto para os braços de Meryll? Não, obrigada.

- Eu não insisto. Você só faz o que quer e sabe disso. Mas se eu tivesse que insistir, insistiria.

Eu expirei profundamente e me virei de costas para andar pela sala.

- Eu sei que é horrível agora, amor, mas com o tempo vai melhorar. Ela vai se acostumar com você e você com ela. Mas se você não vier... se não tiverem contato... Não vão se acostumar nunca.

- É fácil pra você!

- Não é!

- É claro que é! É sempre do seu jeito!

- Sempre do *meu* jeito? - abriu os olhos. - Você ficou louca? - riu - Dom, você é a criatura mais teimosa que existe debaixo do céu.

- É, e ainda assim você me convenceu a tanta coisa. Me convenceu a baixar a guarda e me envolver romanticamente. A ser educada com vizinhos, a fazer amizades, a não ser tão... tão... *vadia*. - decidi, gesticulando - Me convenceu a mudar para essa cidade. A morar com você. A me envolver com eventos e negócios do seu lado *Baxter*.

Ele me observou resignado. Sabia que eu estava certa.

- Eu não tenho mais espaço, Greg! Isso tem me deixado louca! E essa conversa de se mudar...

- Dom, isso foi só um comentário há meses.

- Um que você ainda tem na cabeça! Não me engana, Gregory, eu te conheço.

- Só imaginei que a gente podia ir morar em algum lugar mais confortável.

- Nossa casa é imensa! Imensa! O que a gente faria com mais espaço ou conforto? A gente não precisa!

- Eu sei... - passou a mão nos cabelos - Foi só uma sugestão.

- Uma que veio da cabeça *dela!*

- Você me ofende ao pensar que eu não tenho mais opinião, sabia? Ao pensar que tudo que eu digo ou falo vem de Eleanor.

- Mas vem! E é tão sutil que você sequer nota! Mas está lá, Gregory! E eu não quero Eleanor tomando decisões sobre a *minha* vida.

- Ela não toma. Ela só se mete demais. - sorriu, constrangido.

- Você se chama Gregory. - constatei e ele me encarou com cuidado. Sabia exatamente o que eu ia dizer. - Sua mãe me disse que passou a gravidez inteira te chamando de Tyler. Era o nome que seu pai queria. Ela achava o nome lindo. Mas por que você se chama Gregory?

- Porque Eleanor achou que um Baxter deveria ter um nome de família. - desistiu.

- Viu? É o que ela faz! Ela se mete! E ela convence as pessoas ao seu redor e eu...

Estava difícil respirar.

Não queria que ela resolvesse o nome do *meu* filho.

Não queria que ela resolvesse onde eu ia morar com a *minha* família.

Não queria que ela dissesse o que eu podia ou não fazer.

- Não quero me mudar, Gregory.

- Dom, se for só por causa das amizades, você não vai perder o contato com o pessoal...

- Não importa! Eu não quero. Demorei muito para fazer as amizades que fiz e sinceramente? Fazer amigos dá muito trabalho, não quero ter que passar por todo esse esforço de novo em alguma outra vizinhança. Chega. Estou satisfeita onde estou.

- Tudo bem.

Eu ainda estava pronta para gritar mais um pouco e sua concordância me pegou desprevenida.

- Han?

- Você está certa. Eu tenho decidido muitas coisas ultimamente. Você não quer se mudar, a gente não se muda.

- E Eleanor para de se meter em nossas vidas? - acrescentei, aproveitando o momento.

- Dom... ela é família. Eu sei que você não tem contato com a sua, mas se tivesse, e eu não me desse bem com alguém... Com seu pai! Você iria parar de se relacionar com seu pai se eu não me desse bem com ele?

- Meu pai nunca seria agressivo com você como ela é comigo. E sabe o que mais?

Ele me abraçou, beijou meu rosto e eu esqueci o que eu ia dizer.

- Eu te amo. - falou pausadamente no meu ouvido. Segurou meu queixo e me beijou. - Só um pouquinho de paciência? Por favor?

Inspirei, sentindo a raiva ir embora. Apertei seus ombros e fingi que estava decidindo, quando era óbvio que eu ia fazer o que ele quisesse. Era a nova versão de Dominique. A que conseguia se impor sempre... menos quando Gregory a beijava, dizia que a amava e pedia alguma coisa. Aí a resposta era sempre "*sim*". Me irritava, mas era incontrolável.

- Tudo bem.

Apertei seus ombros e deixei ele beijar meu pescoço.

- É melhor eu sair daqui. - riu - Antes que esse teu perfume me deixe doido.

Mordi seu lábio inferior e ao invés de me soltar, ele me puxou para mais perto.

- O que está fazendo, Thoen? - recriminou, sussurrando, mas deixou que eu o mordesse e lambesse.

- Você gosta de me ver nua de salto alto... Eu gosto de situações de risco. - sorri, sacana contra sua boca.

- Transar na casa da minha avó está nessa sua lista de sexo arriscado, é? - provocou.

- Bem no topo. - estava passando os braços pelos seus ombros quando ele me segurou.

- Dom, não... Quando a gente chegar em casa, linda.
- Vai ser do seu jeito, de novo, é Holt?
- Amor...

Forcei meus braços ao redor do seu pescoço.

- Tudo bem... se você não quer, não quer. Não posso te forçar.

Ele segurou minha cintura com cuidado e olhou pra mim com um sorriso. Tinha certeza que eu não tinha desistido e, realmente, ele me conhece bem.

- Só é uma pena. - beijei sua boca devagar - Porque eu já tinha vindo sem calcinha.

- Dom... - choramingou nos meus braços e eu senti seus dedos cravando a carne da minha cintura - Não faz isso. Por favor.

- Não estou fazendo nada, Holt. Apenas constatando um fato.

- É um fato perigoso pra se constatar, Thoen. Aqui não. - Mas ele não me soltava. Sua mente deveria estar desesperada, mas suas mãos se recusavam a colaborar e eu empurrei seus braços para baixo e senti seus dedos escorregando pela minha bunda. - Você é impossível.

Sua respiração estava curta. Eu sabia o que aquilo significava: estava bem perto.

- Tire as mãos de mim, Holt - sussurrei contra seus lábios - Se você está bem, ótimo. Mas eu estou excitada. Se não quer me ajudar, vou resolver meu problema sozinha.

- Vai, é? - espremeu os lábios - E vai fazer o quê?

Beijei o canto da sua boca e sussurrei no seu ouvido.

- Vou me trancar no primeiro banheiro que encontrar, me apoiar contra uma parede e descer a mão pelas minhas coxas. - ele se derreteu nos meus braços - Não vou demorar muito, já estou molhada e nua por baixo do vestido. E... ah! - sorri - Acho que não te disse, mas me depilei hoje a tarde. - Greg estremeceu no meu abraço - Estou bem lisinha, amor, do jeito que você gosta.

- Dom... - murmurou, com uma voz falha.

- Quer sentir? - puxei sua mão até a barra do meu vestido e ela fez o resto sozinha. Subiu entre as minhas coxas e passou a ponta dos dedos pela minha área recém-depilada.

- Puta merda... - algo dentro dele parecia doer, profundamente - Vou me despedir de todo mundo. - seu polegar subia e descia pela minha pele como se não conseguisse se controlar - Você faz isso e eu explodo. Agora, preciso te comer.

- Ai, amor, você não entendeu. - espalhei meus dedos pelos seus cabelos, pirracenta - Ou me come aqui, ou não me come.

- É o quê? - se afastou como se não acreditasse no que eu estava dizendo.

- Eu *to* muito excitada, agora. Não aguento chegar em casa. Vou fazer sozinha e não acho que vou estar disposta de novo quando chegar em casa. - dobrei o lábio, dengosa.

- Mulher maldita. - sussurrou. - Então, é assim?

Enfiei a mão entre minhas pernas e belisquei meu clitóris. Senti seus dedos sobre os meus, se deliciando nos meus movimentos. Enfiei um dedo em mim, fechei os olhos e gemi.

- Ai, merda, Dom.

- Lindo, eu *to* pingando. - gemi, cheia de fogo - Me ajuda. Por favor.

Gregory estava olhando ao redor desesperado.

O que estava se passando pela cabeça dele eu podia apenas imaginar. De início, eu só queria provocá-lo. Mas quando ele me puxou pela cintura, nos enfiou no banheiro e trancou a porta, eu comecei a ver nublado.

Seu corpo se lançou contra o meu com fúria e fome.

- Vai se fazer de puta, hoje, Thoen? - levantou meu vestido até a cintura e se ajoelhou - Então, te fodo como uma puta.

Sua língua quente tomou minha pele lisa. Seu hálito atingia meu corpo causando calafrios na minha espinha.

- Adoro quando você depila essa porra desse jeito.

Desceu a língua e atingiu minha umidade. Eu arfei.

- E é por isso que eu faço, lindo. - gemi - Pra deixar ela do jeitinho que você gosta.

Um de seus dedos entrou na minha carne e ele chupou meu grelinho com força. Um grito abafado escapou pelos meus lábios. Greg já se levantou desatacando o cinto.

- Por que você faz isso comigo? Por quê?

Segurou minha saia para cima e observou minha nudez com uma expressão contemplativa de tesão. Puxei a ereção dele para fora e o vi duro pronto pra mim. Holt ergueu um de meus joelhos e chupou meu pescoço. Passei os dedos pelas minhas alças e deixei o busto do vestido cair. Ele gemeu baixinho e tomou um de meus seios na boca.

Arranhei suas costas por cima do paletó. Greg deu um passo a frente e, com um impulso, eu senti seu pau me preenchendo. Passei a língua pelos lábios. Não existe nada no mundo melhor do que o pau de Greg bem ali. Me tomando devagar. Fazendo minha pele se arrepiar. Espalhando vibrações pelo meu corpo inteiro, tirando minha razão e causando arrepios.

Eu estava gemendo cada vez mais alto e ao invés de me mandar calar, ele aumentou o ritmo e me acompanhou. Estava gemendo na minha língua. Manteve meu joelho erguido enquanto as estocadas ficavam cada vez mais intensas.

- Você me deixa louco. - gemeu nos meus lábios - Por essa porra dessa boca. Por essa bocetinha. Por esse teu gemido. - me beijou com força.

Uma de suas mãos na minha bunda, a outra apertando meu seio. Rebolei e ele afastou o tórax para me observar dançar. Podia ouvir as pessoas lá fora. A música, as conversas, as risadas, o tilintar de garfos, facas e taças.

Ele enfiou com mais força e espremeu minha bunda na mão. Meu gemido estava começando a se parecer com um grito.

- Não grita, linda. Não grita. - pediu. Mas ele tinha atingido aquele ponto em que o gozo é inevitável e estava me rasgando tão rápido e tão gostoso que acho que a maior parte do seu corpo não ligaria nem um pouco se eu começasse a gritar.

- Não dá. Eu quero gritar! Greg... ai... Greg...

Desde que tínhamos assistido o vídeo no seu celular, eu descobri que gemer seu nome era um ponto fraco. Ele ficava duro como rocha e não conseguia mais pensar com clareza.

- Gre-eg... - joguei minha cabeça contra a parede do banheiro e senti sua respiração pesada no meu pescoço.

- Então grita. - ele meteu com tanta força que eu não consegui me calar - Grita nessa porra. - sua voz oscilava com a falta de oxigênio - Pra essa porra dessa festa inteira saber como é que minha Dom gosta de ser fodida.

Eu estava derretendo. Sentindo a tensão se desfazer em alívio.

Gemi e ele me beijou. Gozamos mordendo os lábios um do outro.

- Onde estava se escondendo, Baxter?

- Derek! Como vai?

Apertei a mão do meu amigo e não consegui evitar um olhar na direção de Dominique. Ela revirou os olhos discretamente ainda passando os dedos pelos cabelos. Mas não adiantava... qualquer par de olhos mais atentos perceberia que ela tinha acabado de realizar um leve atentado ao pudor.

- Olá, Dom. - cumprimentou.

- Como vai, Derek? - ela apertou a mão que ele oferecia. E eu passei os olhos pelo seu corpo.

Era difícil não sorrir.

Minha mulher era muito linda. E gostosa.

Além de todas as outras óbvias qualidades que ela tinha. Mas naquela porra daquele vestido... *linda* e *gostosa* eram as duas primeiras coisas que me vinham a mente.

- Já estão preparando o casamento? - Derek brincou.

- Não sofro desse tipo de insanidade. - sorriu.

- Nem eu. - imitei e ela me observou, curiosa - Não estamos nem perto disso. - constatei. - De jeito nenhum.

Dominique engoliu a seco e eu tive que me controlar para não rir.

- Bem! - ela espremeu as mãos - Vocês vão falar de negócios e eu vou ficar entediada.

- Acho que temos falado muito disso ultimamente, han Greg?

- É, mas essa fusão das empresas é provavelmente uma das maiores aquisições da Baxter nos últimos dez anos.

- Vamos todos trabalhar juntos. - riu, apertando meu ombro - E vocês, Baxters, vão fazer de mim um homem rico.

- Acho que você quer dizer *mais* rico, Derek.

- Conversem a vontade. Eu acho que preciso comer alguma coisa, de qualquer modo.

Beijou meu rosto antes de se retirar.

Ela não gostava de Derek. Essa parte ela já tinha deixado cristalinamente claro. Mas isso era normal: Dominique não gostava de ninguém. Só de mim... ainda bem.

Mas ele era meu melhor e mais antigo amigo. Era mais uma pessoa que ela, infelizmente, teria que tolerar.

- Não sabia que você estava tão assustado assim com casamento, Gregory. - ele bateu no meu ombro, enquanto nos aproximávamos do bar. - Whisky. - pediu - Com gelo. Peço dois?

- Sem gelo pra mim. - pedi - E não estou. - ri - Já peguei o anel de diamante dos Holt.

- O que era da sua irmã?

- Esse. Já está no joalheiro. Queria que ele fosse devidamente limpo, antes.

- Está me confundindo, Greg. - deu um gole na bebida - Se quer casar, por que a charada?

- Porque Dominique é uma criatura muito complicada. - tive que rir.

- Como assim?

- Já escolhi o lugar, resolvi o anel... Já estou até praticando o que vou dizer. - confessei - Mas ela não pode suspeitar.

- Ah! Você quer que seja surpresa.

- Não, eu quero amaciar a fera.

Ele riu.

- Estou falando sério, Der... Com Dom é assim: ela não quer casar. Tem certeza absoluta disso. Mas é só por causa dessa casca impenetrável que ela usa pra proteger os próprios sentimentos. Ela diz que não quer para não se magoar caso não tenha, entende?

- Muitas mulheres são assim, Gregory... Ainda não justifica a charada.

- Vou precisar de exatamente três semanas com Dominique achando que eu não quero casar de modo algum.

- Por que três?

- Na primeira ela vai ficar curiosa... Pensando se é algo que eu realmente não quero ou se estou falando isso para agradá-la ou enganá-la. Na segunda, ela vai começar a se perguntar por que diabos está tão incomodada com isso, já que não queria se casar de modo algum, logo, se eu não quero também, não deveria mudar nada para ela. E aí chega a terceira semana. E ela está se questionando se realmente é algo que ela não quer ou se está incomodada porque, na verdade, é algo que ela gostaria de fazer. Então, eu pego ela na dúvida.

- E aí ela vai dizer "*sim*"?

- Dominique? Dizer "sim"? Nunca!

- Então, você ficou louco! - riu.

- Ela vai dizer "não", porque é teimosa. Ela precisa discordar primeiro. Sempre! A fase dois do meu plano é levá-la pra cama, fazer amor, explicar pra ela como eu a amo e como ela já é minha família independente de uma aliança, mas que a aliança significaria muito pra mim.

- Aí ela diz "sim"?

- Não... ela diz "não", de novo.

- Me explica mais uma vez porque você está namorando com essa mulher?

- A última fase é o golpe de misericórdia.

- Que é?

- Dizer pra ela que Eleanor provavelmente infarta se ela disser sim.

- Aí ela diz "sim"?

- Aí ela diz "sim"! - concordei.

- Me parece trabalho demais.

- Acredite, Der. Ela vale a pena!

- Espero que sim, Greggy... Porque não sei se Eleanor infarta, mas ela definitivamente vai querer te matar.

- Ah, eu tenho um plano para lidar com ela também. - ri.

E eu estava me escondendo pela casa, mais uma vez.

Qualquer coisa para evitar um encontro desagradável com a Bruxa. Estava na cozinha procurando por Boe quando algo além da janela dos fundos chamou minha atenção.

Merryl estava conversando com uma pessoa que eu nunca tinha visto antes. Uma mulher negra e alta com um lindo cabelo trançado. E pelas calças jeans surradas e camiseta de U2, eu deduzi que ela não tinha sido convidada.

Inferno, eu estava usando um vestido que me custou quase metade do meu obscuro salário e mal era considerada uma convidada...

Não era da minha conta. Isso eu sabia. Mas era Merryl... a escolhida desde o berço para ser o par ideal do meu Greg e pela expressão corporal, não havia dúvidas que elas estavam brigando. Parte de mim queria simplesmente mandar a cena se foder. Não tinha nada a ver comigo e não era do meu feitio invadir a vida de ninguém. A outra parte estava rindo e dizendo que nos últimos anos só o que eu tinha feito era invadir a vida das pessoas, a começar pela vizinhança... Quando o elemento egoísta entrou na balança e eu percebi que, se ela estivesse fazendo algo errado, eu poderia usar isso para defender meu relacionamento no futuro, acabei decidindo me aproximar do portal da área de serviço e ouvir a conversa.

Apoiei as costas contra uma das colunas e prendi a respiração. Estava me sentindo infantil e ridícula. Mas uma vez escondida para ouvir a conversa alheia, achei melhor fazer silêncio e prestar atenção.

- Não, Merryl. Chega.
- Não é assim tão simples.
- É simples demais... Quantas vezes você ainda vai fazer isso?
- Gillian, eu só preciso de tempo.

Arrisquei uma olhada além da coluna. Elas estavam no pátio dos fundos, Merryl andava em direção a colega que dava alguns passos para trás sempre que a outra se aproximava.

- Você já me contou sua história, Mer, lembra? Diz pra mim... com quantas namoradas você já teve que acabar por causa disso?

Namoradas?

Put a que pariu.

- Gill...

- Eu já tive que superar a intolerância da *minha* família. E olha... eu te amo e nossa viagem pra Itália foi perfeita. Mas eu não passei por tudo que eu passei para ter que me esconder com a mulher que eu amo.

- Gill, olha...

- Não, Mer! Chega. Não quero mais isso. Não assim. Ou você fica comigo, ou não fica.

- É um ultimato?

- Assim como tantos outros que você já deve ter recebido, então não se ofenda.

- Eu te amo... - suspirou.

- Eu sei. Mas é difícil demais desse jeito.

- Eu não estou pronta. Minha família, Gill... Minha família nunca vai entender.

- Eu sou lésbica! - falou tão alto que, mesmo que eu não estivesse prestando atenção, seria impossível não ouvi-la - Cansei de me esconder e que se foda o preconceito das pessoas!

- Meryll?

A voz da Bruxa me fez congelar onde eu estava.

Eleanor apareceu acompanhada de mais duas amigas e estavam todas replicando o susto e o constrangimento da matriarca Baxter diante da cena que presenciavam.

Ai, merda.

- Estávamos procurando por você. Queria trocar uma palavra com você e Gregory. Com quem estava falando, querida? - A cena era clara por si só. E se eu tinha ouvido as últimas duas frases sem qualquer problema, ela tinha ouvido também.

- Ahm... - Meryll entalou e Gillian a observava com uma atitude de "agora ou nunca".

Queria que Meryll tivesse forças para dizer a verdade. Em parte porque seria bom para ela e em parte porque seria bom para mim... Mas eu podia sentir o cheiro no ar: ela não ia conseguir. Aquele mundo tinha sido impactante o suficiente para fazer

Dominique Thoen se esconder pelos cantos procurando refúgio. Eu podia apenas imaginar o quão forte Merryl teria que ser para superar essa barreira tendo sido criada nesse ambiente.

O silêncio foi igualmente breve e eterno.

Por algum motivo, eu não conseguia parar de pensar na irmã de Holt. Não conseguia parar de pensar em Amanda. A mulher que foi criada ali e teve coragem para lutar e mandar todo mundo pro inferno. Eu queria muito tê-la conhecido. Muito mesmo.

Se Amanda estivesse ali, ela ajudaria... Se Amanda estivesse ali, Merryl não precisaria fazer aquilo sozinha...

Respirei fundo.

Ah... que se foda.

- Gillian! - exclamei, saindo do meu precário esconderijo. - Quantas vezes vou ter que te dizer... Merryl, obrigada por distrair minha amiga enquanto eu estava ocupada.

As duas me olharam como se eu tivesse acabado de anunciar uma invasão de alienígenas montados em cogumelos voadores.

- Dominique. - Eleanor pronunciou meu nome com nojo - Você conhece essa... *pessoa*?

Gillian torceu o nariz para o comentário grosseiro.

Pois é, amiga... estou contigo. Bem vinda a esse lado do mundo.

- É sim. - me aproximei da cena, tentando ficar de costas para as três recém-chegadas, ofereci um olhar sugestivo a Merryl e ela seguiu minha liderança.

- E que conversa é essa sobre... - Eleanor engoliu em seco. Vamos lá, meu bem, diga a palavra - Lésbicas e preconceito? - riu, como se fosse uma piada.

- Ah! Eu já tive experiências homossexuais. - Ela já me odiava mesmo, não é? - Gillian é uma ex namorada que se recusa a entender que eu estou com outra pessoa. Gill. - me virei e segurei as mãos de uma completa desconhecida - Precisamos superar. O que nós tivemos foi lindo! - ela me observava com um misto de incômodo e incredulidade que seria cômico se não fosse toda aquela situação horrível. - Mas estou com outra pessoa agora e precisamos

seguir nossas vidas. Não me ligue mais, está bem? Meryll, poderia me fazer o favor de acompanhar minha amiga até a saída?

- Ela não fará isso! - Eleanor levou a mão ao peito na sua típica interpretação de mulher elegante ultrajada. Era um número que ela dominava bem, confesso... - Não vai ser obrigada a interagir com *esse tipo de gente* por sua causa.

- Não, Eleanor! Eu não me incomodo! Sem problemas.

Puxou Gillian consigo e foram, creio eu, terminar a conversa em algum lugar mais reservado. Sibilou um *obrigada* para mim antes de sair e me deixar diante do pelotão de fuzilamento.

Suspirei exausta.

É... Isso ia ser divertido.

Capítulo 2

- Você passou muito tempo longe do jogo, Greg! - ele riu dando um tapa amigável no meu ombro.

- Eu precisava te dar alguma vantagem, idiota! - ri.

- Vou dar uma olhada nos números pra você. E depois te explico tudo.

- Eu agradeço. Já está sendo difícil o suficiente com Eleanor respirando em cima de tudo que eu faço. - confessei em voz baixa.

- Gregory!

A voz da minha avó me assustou.

- Falando nela! - Derek abriu um braço convidativo.

- Olá Derek. Gregory! Precisamos conversar.

Olhei ao redor, procurando Dominique por reflexo. Tinha descoberto uma idiossincrasia nos diferentes "*Gregorys*" de Eleanor. E quando ela pronunciava meu nome daquele jeito baixo, ríspido e urgente. Era o "*gregory-dominique*". Queria reclamar da minha namorada e, sinceramente, eu não sei se estava com paciência para aquilo.

- O que foi agora, Eleanor?

- Um momento a sós? Se me permite?

Derek ria como quando éramos moleques e um de nós se metia em alguma encrenca.

- Qual o assunto?

- Derek não se incomoda. - olhou para ele com o seu tom que misturava pedido e ordem em iguais quantidades. - Não é, querido?

- De modo algum. - levantou o copo para nós e se retirou. Eu lhe lancei um último olhar de "maldito seja", e ele apenas levantou um ombro em desculpa. Mas era normal: quem ali tinha coragem de contrariar minha avó?

Aliás... quem além de Dominique?

- Tudo bem. - expirei, resignado - Vamos lá: o que foi?

- Você precisa acabar o namoro com essa moça. - abriu os olhos.

Ai meu deus...

- Eleanor, não vou conversar sobre isso com você.

- Gregory! Estou falando sério!

- Eu também.

- Ela não serve! Nunca serviu e isso está indo longe demais!

- Pare.

- E agora! Se você souber o que aconteceu! Acabei de encontrar com ela na área de serviço da propriedade!

- E qual o problema com isso?

- Ela estava falando com uma amiga... uma amiga *lésbica*. - sussurrou a última palavra como se tivesse medo que o termo ganhasse vida na sua frente.

- Duvido muito que Dominique tenha chamado alguma amiga para cá. - tentei evitar uma expressão de condescendência. Mas Dom não era exatamente popular em nenhum ambiente. Competente, inteligente e profissional? Sim, muito. Mas *amigável*?

Eu conseguia contar quantas amigas ela tinha em uma mão e todas moravam a uma distância ínfima de nossa casa. Não me parecia certo que alguma delas tivesse vindo até aqui.

- Era uma ex-namorada! Você sabia que ela teve relacionamentos assim? Ah, Gregory! Diga que não sabia, por favor.

Eu sabia que ela já tinha ficado com mulheres. Já tinha convencido ela a me descrever esse encontro algumas vezes. Mas desconhecia que tinha sido um relacionamento.

Algo na minha expressão deve ter deixado claro para Eleanor que eu estava confuso.

- Ah, ainda bem! - suspirou - E o pior! Ela fez Meryll fazer companhia para essa *pessoa* enquanto ia fazer outras coisas. No mínimo, queria manchar a reputação da garota...

Meryll...

Amiga lésbica...

Mordi o pequeno sorriso de compreensão que se formou no meu lábio.

Compreensão e orgulho.

Apesar de qualquer coisa, minha Dom tinha corrido em defesa de outro ser humano. Provavelmente tinha salvado a pele de Mer.

- Vou conversar com ela sobre isso, está bem? - terminei minha dose. Se Dom tinha mesmo feito isso... a festa acabou. Era melhor levá-la para casa.

- Não. Vai conversar comigo! - suas palavras saíram firmes e rudes - Vai explicar para mim o que vai fazer. Não posso mais vê-lo com essa moça! - apontou o indicador para o meu rosto - Me recuso, ouviu bem?

Segurei o corpo de whisky com força e mantive meus olhos duros nela. Deixei a firmeza do meu olhar e alguns segundos de silêncio a situarem no espaço.

- Se não quer me ver com Dominique, pois então feche os olhos.

- Não faça gracinhas, garoto! Isso é sério.

- Não, não é. - mantive o maxilar rígido - Você é minha avó e está me recriminando no meio de uma festa por causa da mulher que eu escolhi e seus relacionamentos anteriores. É uma *piada*, Eleanor. Uma piada sem graça. - acrescentei - Mas uma piada, ainda assim.

- Escute aqui...

- E não me chame de garoto. - ignorei sua tentativa de se expressar - Não sou uma criança e definitivamente não sou seu brinquedo.

Ela engoliu a seco antes de continuar com suas palavras frias.

- Não sei como ela conseguiu te enfeitiçar, Gregory.

- Pare.

- Confie na sua avó: não importa o quão *gostosinha* ela seja. - sacudiu o corpo ao mencionar a palavra e eu podia sentir a raiva escorrendo pelos seus lábios.

- Pare, Eleanor.

- Não importa se ela é *boa na cama*. O que importa...

- Pare...

- O que importa! É que ela seja uma mulher decente! E ela não é! É uma vadia, baixo nível, asquerosa...

- Chega!

Eu ouvi o estalo alto da minha mão caindo pesada contra a mesa antes mesmo de perceber que queria fazer isso. Algumas pessoas ao redor pararam o que estavam fazendo e nos observaram por alguns momentos, assustadas, antes de decidir que o mais educado a fazer era continuar suas conversas.

- Você. - levantei o dedo para o seu nariz e vi seus olhos tremerem - Está acostumada demais a mandar. Virou uma velha ranzinza, prepotente e mal-educada.

- Gregory! - arfou.

- Cale a boca porque eu ainda estou falando. - a fúria saía na minha voz como um rosnado - Estou cansado dessa sua atuação. Foi um bom número, foi um bom show. Chega. Acabou! E acabou agora mesmo. Não vou ouvir nem mais um comentário desrespeitoso sobre Dominique.

- São verdades.

- São *suas* verdades. - a risada breve e abafada que eu emiti foi de desespero - O mais engraçado é que eu realmente queria que vocês se dessem bem. Mas tudo bem... - levantei as mãos, rendido - É impossível. Não vai acontecer... Eu aceito. Você não é obrigada a gostar dela, nem ela de você. Mas você é obrigada a me respeitar.

- Não lhe faltei com o respeito em momento algum.

- Eu estou com Dominique, Eleanor. E eu vou ficar com Dominique. Não sou seu animal de estimação. Você não manda em mim. Voltei a trabalhar na Baxter porque eu quis, e posso muito bem ir embora de novo se não estiver dando certo.

- Eu não disse isso...

- Você não me diz como viver minha vida. Será que pode entender isso? Será que pode realmente entender isso? - estreitei os olhos na sua direção - Acabou hoje. - decidi - Essa foi a última conversa que tive com você sobre minha vida pessoal. A partir de hoje, você não se mete a não ser que seja convidada e, sinceramente, eu acho muito difícil que seja convidada. Fui claro?

- Gregory, eu...

- Fui claro, Eleanor?

Mordeu o lábio e me observou em silêncio.

- Foi. - disse finalmente.
- Ótimo. Agora... onde você viu minha mulher pela última vez? Vou buscá-la. Estamos indo para casa.

- Ela é a mulher mais preconceituosa do universo.
- Você já disse isso, Dom.
- E a mais irritante. - tirei os brincos e os coloquei de volta na caixa.

- Já disse isso também. - riu baixinho. - Ela só demora para se acostumar com novidades... só precisa de um tempo.

- Ela precisa é de uma boa noite de sexo e um martini envenenado.

- Vamos só esquecer essa história, está bem?

- Pare de rir, Gregory! Você não estava lá! Ela é uma mulher horrível.

- Você já disse isso também. - repetiu.

- Ora, cale-se! - rosnei - Eu sei que já disse, mas quero repetir. Vai me impedir de repetir?

- Não, senhora.

- Horrível e irritante.

- E preconceituosa... - lembrou com um tom professoral.

- E preconceituosa! - quase gritei - Você precisava ter visto como ela...

Um pensamento me ocorreu. Um pensamento quieto e tranquilo, mas tão óbvio que me odiei por não ter percebido antes.

- Você está muito calmo, Holt. - levantei um indicador para ele - Por que está tão calmo?

- Eu deveria fazer o quê? - levantou os ombros - Entrar em pânico?

- Não... mas acabou de ouvir que eu tenho uma ex-namorada que está me perseguindo e... não perguntou nada.

- Eu te conheço. - engoliu em seco - É melhor deixar você falar quando quiser, sabe? Fazer as coisas no seu tempo...

Mentira...

- Uma ova! O que aconteceu, Holt? Conte de uma vez!

- O que você quer que eu pergunte, Dominique?

- Se nós namoramos há muito tempo, por que nos separamos, por que ela voltou...

- Não estou com ciúmes dela, Dom.

- Então pergunte como era o sexo, Gregory! É o tipo de coisa que um homem iria querer saber, não é? Mas você não fez uma única pergunta e só faz sorrir e ficar calmo como um tonto.

- *Um tonto?* Quantos anos você tem? Doze? - riu

- Gregory! - sussurrei ameaçadora - Não me provoque. Não é inteligente.

- Sim, senhora. - mordeu o lábio.

- Você sabia, não sabia?

Ele me olhou com o canto do olho e eu tive certeza!

- Ai que merda! E me deixou passar todos esses anos morrendo de ciúmes de uma mulher que não ia te querer de jeito nenhum!

- Ela me pediu para não contar... Não é uma coisa minha, Dom, eu...

- Dois anos, Holt! Dois anos com ciúmes daquela mulher.

- Tinha ciúmes dela, é? - sorriu em um misto de satisfação e sacanagem.

- Isso... continue me cutucando... pode me provocar a noite toda - continuei, sarcástica - e ainda acordar com seu pau inteiro amanhã. - ameacei e ele engoliu em seco.

- Eu realmente só estava respeitando o espaço dela.

- Só não te chamo de filho de uma puta porque tenho respeito pela Audrey.

- Obrigado. - fez menção de beliscar minha cintura e eu empurrei seu braço.

- Vai pro inferno.

- Elas realmente te fizeram ouvir, não foi?

- Será que você podia ficar do meu lado? Só uma única mísera vez?

- Estou do seu lado. - tinha algo delicado no seu sorriso - Sempre.

- Sei... Será que você podia, por favor, avisar pra sua avó, então? E eu não acredito que Merryl não gosta de homens! E! Não

acredito que você sabia! - esfreguei as têmporas, sem decidir pelo que eu ficaria com raiva primeiro.

Ele levantou deixando a gravata e o paletó em cima da cama e se virou para a porta.

- Aonde você vai? Eu ainda não acabei de gritar.

- Oh, eu sei. - abriu os olhos, exagerando no medo - Mas é porque se você vai gritar por mais algumas horas eu preciso de um café. Eu já volto. Trago um pra você também. Aí você pode gritar comigo cheia de cafeína. - resmungou, rindo - Vai ser ótimo. Não pra mim, é claro.

Expirei, tentando não rir da sua bobagem.

- Tá, tá. Só me ajuda com o zíper, primeiro. - revirei os olhos e virei de costas.

Holt se aproximou, passou a mão pela minha nuca, tirando meu cabelo do caminho e desceu o zíper pelas costas do vestido. Enfiou os dedos pela abertura, enquanto eu puxava as alças para os lados e o tecido macio escorregou até cair no chão. Usei seu braço de apoio para sair do vestido, um pé de cada vez. Imaginei que ele iria embora fazer o seu café, mas quando me curvei para apanhar o vestido no chão, senti seu quadril pressionado contra minhas coxas.

- Desistiu do café?

- Depende... você ainda vai gritar comigo?

- Depende... - sentei na cama para tirar os saltos, e o observei atrevida - Você vai me fazer gritar?

Greg se ajoelhou na minha frente e segurou meus pulsos.

- Não. - pediu, com a língua no lábio - Deixa.

Soltei a presilha que prendia o topo da sandália ao meu tornozelo e lambi o canto da sua boca.

- Já moramos juntos há muito tempo, Gregory. Não pode ficar excitado toda vez que eu te pedir para me ajudar com um zíper.

Desceu os olhos pelo meu corpo, sem esconder a safadeza no olhar.

- Vamos concordar em discordar. Agora... - esticou uma mão que eu aceitei - Eu fui prometido alguns gritos.

Levantei com a ajuda da sua mão e estava nos seus braços.

- Não sei... Já tivemos excitação o bastante por hoje.

- Acho que consigo me superar. - prometeu.

Sua boca buscava a minha e, entre um comentário e um sorriso, eu escapava dos seus lábios só para provocá-lo. Seu toque percorria os mais variados caminhos pela minha pele. Tantos caminhos que ele conhecia como mais ninguém. Sem conquistar minha boca, Greg beijou e mordeu qualquer porção de mim que alcançava. Sua língua na minha orelha. Seus dentes no meu pescoço.

Escorregou pelo meu corpo, e seu nariz estava na altura da minha área sensível e recém-depilada. Holt beijou minha nudez e seu hálito fez meu corpo inteiro se arrepiar.

Subiu de volta para a minha boca, mas não sem antes passear um dedo de leve pela minha entrada. Um pequeno aviso do que me esperava. E eu já estava úmida e pronta para ele.

Mas então ele parou.

Quase tão de repente quanto tinha começado.

O sorriso safado sumiu. Os toques urgentes se foram. Os rosnados descarados cessaram.

Senti uma de suas mãos buscar a minha, enquanto a outra colocava meu cabelo para trás da orelha. Ele tinha aquele olhar cuidadoso e contemplativo que fazia eu me sentir amada. Um sorriso sereno e tranquilo.

- Eu te amo. - era tão gostoso ouvi-lo dizer aquilo com tanta simplicidade. Com tanta... *rotina*. Ele me amava. Era isso que ele fazia: era parte do seu dia-a-dia.

E eu o amava de volta.

Sorri como uma boba. Ele desceu o rosto para mim até nossas testas se tocarem.

- Eu também te amo.

- Eu te amo mais. - decidiu.

Seu toque desceu pelo meu braço com tanto carinho que eu quase derreti.

Nunca na minha vida alguém tinha conseguido fazer eu me sentir especial como Gregory fazia.

Era por isso que ele era o único que conseguia me dobrar.

Por isso conseguia me fazer ceder e desistir.

Por isso conseguia me convencer a fazer o que quisesse.

E eu faria.

Faria qualquer coisa por ele.

- Não sei se isso é possível. - confessei e senti o gosto do seu sorriso.

- Bem, agora que deixamos isso claro. - ele ainda estava rindo e era uma felicidade embriagante - Vamos voltar a conversar sobre aqueles gritos que você me prometeu.

- Quem é um bom garoto? Quem é um bom garoto?

- Eu?

Holt desceu as escadas ainda arrumando o nó da gravata.

- Não. - franzi o cenho - Você é um garoto muito levado, na verdade. - alisei o pelo de Max e ele abanou o rabo para nós.

- Ah, fala sério. Eu sou muito bem comportado. - beliscou minha bunda sem cerimônia.

- Pare. - ralhei, rindo.

- E por que você não está engolindo alguma coisa e gritando que está atrasada como manda seu ritual matinal? - beijou minha boca e sentou na mesa ao meu lado.

Servi os ovos que eu tinha feito para ele do seu jeito favorito.

- Porque hoje não tenho compromissos pela manhã.

- Não? - comeu os ovos e fez uma cara da mais absoluta aprovação. - Mulher! Você vai me deixar gordo. Cozinhando desse jeito, já está pronta para casar. - piscou para mim e o fato dele ter usado um comentário tão sexista sugeriu que ele queria conversar sobre aquele assunto. Ou teria sido impressão minha?

- Vou ignorar seu comentário machista. - decidi.

- Ainda bem. Foi só uma brincadeira. Mas nem que seja só de brincadeira, acho que esse assunto de casamento não é uma boa, não é? - riu - E você não tem compromissos?

- Não. Tenho uma consulta.

- Hm? - limpou a boca no guardanapo e me observou, preocupado - Do quê?

- Nada demais. - me forcei a sorrir - Só consulta de rotina. - levantei os ombros.

- Quer que eu vá com você?

- Não! - respondi um pouco rápido demais - Não sou você que precisa de alguém para segurar sua mão sempre que vê uma injeção, Holt!

- Injeções são assustadoras! - brincou. - Mas, Dom... Tem certeza? Porque se quiser companhia...

- É só uma consulta de rotina a ginecologista, Greg. Nada demais. E eu vou ficar mais a vontade se meu namorado não precisar me ver nua e aberta na frente de uma desconhecida.

Ele riu com gosto.

- Tudo bem.

Ele demorou para sair e quando estava quase na porta eu o puxei para um último beijo desesperado. Havia uma pergunta no seu olhar. Uma dúvida... Um desejo de saber se estava tudo bem.

E, na verdade, eu não sabia. Não fazia a menor ideia.

Era melhor que ele não fizesse essa pergunta, porque eu não saberia como responder.

Transformei meu nervosismo em um sorriso sacana, belisquei sua bunda de volta e fiz algum comentário sugestivo. Ele devolveu sorrisos, beliscões e comentários. Me beijou mais uma vez e se foi.

Fiquei espremendo os dedos até ver seu carro sumir de vista.

- Positivo! - ela riu, abrindo o resultado do exame - Parabéns, Dominique!

Eu não estava sorrindo e isso deve ter sido a indicação que minha médica precisou para dar mais sobriedade ao seu semblante.

- Não era o que você estava esperando?

Eu a encarei com a boca aberta. Queria dizer alguma coisa, mas eu estava sem palavras.

Não me lembro de já ter passado por algum momento assim na minha vida.

Eu podia estar destruída e depressiva ou exorbitantemente feliz... eu sempre sabia o que dizer.

Mas ali... na frente dela. Segurando um papel que dizia que minha vida ia mudar de um jeito que eu não podia nem compreender... Eu só consegui manter minha boca aberta e muda.

- Acontece, às vezes. Mas você se surpreenderia com o número de mulheres que fica sem reação ao receber essa notícia e que poucos meses depois não consegue se livrar do sorriso.

Acho que minha cara deveria estar péssima. Engoli em seco.

- O inesperado pode ser uma excelente notícia.

- Eu não... - respirei fundo - Não lido muito bem com o inesperado.

- Eu vou te dar alguns minutos, tudo bem? - ela apertou minha mão e ofereceu um sorriso antes de sair.

E eu...

Eu me sentia pequena.

Me sentia minúscula.

Eu sempre soube me cuidar, sem problemas. Mas como diabos eu ia cuidar de outra pessoa?

Não tinha ninguém que eu confiasse para me ensinar e o único exemplo de mãe que eu tive deveria se sentir honrado por ser sequer considerado um exemplo.

Meu pai estava morto há tanto tempo... Ele sempre fez o melhor que pode comigo, mas nunca me preocupei em observá-lo para adquirir o conhecimento nesse assunto específico.

E Holt... Holt tinha perdido o pai. A mãe era uma pessoa ótima mas não podia ser considerada mentalmente estável e a avó mal podia ser considerada da mesma espécie que o resto de nós.

A avó...

Meu estômago embrulhou.

Senti vontade de vomitar e a ideia de que poderia ser enjoo matinal me deixou ainda mais desesperada.

Eu estava grávida. Tinha uma vida se formando dentro do meu corpo e a pobrezinha da *vida* mal tinha desenvolvido todos os membros e já receberia uma dose inigualável de ódio.

Ela seria odiada por um monte de gente desde o útero. Sofreria todo tipo de comentário maldoso e invejoso e eu... O que eu iria fazer? Iria defender a *vida*, claro que ia. Mas ia ser mais uma batalha que eu ia ter que enfrentar, não era? Mais uma de tantas. E eu não tinha certeza se suportaria.

Quando era comigo eu aguentava, mas... e se fosse com uma parte tão delicada e indefesa de mim como um feto, o que eu faria? Será que eu conseguiria me controlar e não acabar dando um murro em alguém?

Vai ser ótimo... vou esmurrar Eleanor, ela vai me jogar na cadeia e eu vou ter meu filho encarcerado. Vai ser bem charmoso.

E Greg. Tentei imaginar sua reação quando eu contasse. Eu podia ouvi-lo feliz, podia ouvi-lo sorrindo, satisfeito. O homem seria um pai extraordinário. Mas eu também podia imaginá-lo mudo. Sem rumo... podia ver seu rosto me observando como se esperasse que eu dissesse que era brincadeira. Uma brincadeira perversa e sem graça.

Não estamos nem perto disso. - ele tinha dito - *De jeito nenhum.*

Estávamos juntos, mas ele não pensava em casamento. E "não pensar em casamento" para um cara como Greg significava que ele não pensava em algo sério. E o que diabos podia ser mais sério que um bebê?

Ele não estava pronto. Ia forçá-lo a fazer algo que ele não queria?

Sua decência o impediria de confessar e nosso relacionamento desandaria.

Assim como o dos meus pais.

Eu podia ouvir a voz da minha mãe gritando pelo nosso minúsculo apartamento em uma das últimas brigas que teve como meu pai antes de ir embora.

Eu não queria ter engravidado.

Era aquela a origem de tantos problemas: um filho quando não se estava pronto.

Era um risco. E nosso relacionamento apesar de tantas provações ainda era tão frágil.

Eu aguentaria? Aguentaria o aumento exponencial no ódio de Eleanor dirigido não só a mim, mas a algo indefeso como minha prole? Aguentaria não saber como Gregory se sentia? Aguentaria criar algo que poderia ser a semente que o faria me ressentir e destruir nosso relacionamento?

E eu seria uma péssima mãe... isso é um fato inquestionável. Eu já não era lá um ser humano muito exemplar... quem dirá um ser humano que deve criar outro!

Eu estava perdida.

Ainda tinha a testa nas mãos quando minha médica voltou.

- Dominique? Você está bem?

Eu queria dizer que estava, mas eu podia sentir a umidade característica nos meus olhos e bochechas. Eu estava chorando e nem percebi quando foi que comecei.

- Dominique? Tem alguém com quem você possa conversar, meu bem? O pai da criança, ele... ele já sabe?

- Ainda não. - mordi o lábio.

- Você precisa contar pra ele e depois vocês resolvem o que querem fazer.

- Não sei se vai ser uma boa ideia... Eu ter um filho, quero dizer. Não sei se é uma boa ideia.

Ela respirou fundo e abriu a gaveta.

- Aqui. - ela me passou uma caixa de lenços e um cartão. Aceitei os dois - Fale com o pai. Conversem. A sensação que você tem agora pode ser passageira. Mas, se não for... - ela indicou o cartão e eu li as inscrições - Se vocês decidirem que realmente não é isso que vocês querem agora, essa é uma ótima clínica de abortamento. Eles funcionam 24 horas. Conheço alguns profissionais que trabalham lá, a equipe é excelente.

Engoli em seco e agradei com um gesto.

Como eu consegui passar dois dias sem deixar que Holt percebesse o que estava acontecendo é algo que eu nunca vou saber.

Ele notou que algo estava errado... Mas eu mudei de assunto em uma ou duas ocasiões e ele finalmente deixou para lá.

Isso foi no primeiro dia.

No segundo, eu me enfiei em trabalho. Saí de casa antes dele acordar e voltei depois que ele já estava dormindo.

Eu não conseguia parar de pensar em Eleanor, maldita seja. Não conseguia parar de pensar em levar uma vida assim: uma

gravidez, criar uma criança... tudo em um ambiente hostil que ela, certamente, iria fazer questão de preparar.

Já seria difícil o suficiente se eu considerasse minhas próprias limitações. E só de imaginar como ia piorar quando ela começasse a se meter, eu sentia que ia desmaiar.

Não consegui comer ou dormir. Não conseguia pensar direito. Mal conseguia trabalhar.

Essa situação não ia se sustentar por muito tempo.

Greg estava dormindo quando eu cheguei. Tomei um banho rápido e me enfiei na cama ao seu lado. Ele se virou e passou o braço pela minha cintura, me puxando para perto. Mais e mais fundo no seu abraço.

Apoiei a mão no seu peito e fechei os olhos.

Sua família ia me odiar. Ia odiar nosso filho.

Eu conseguiria suportar o que jogassem em mim. Sempre consegui.

Mas como eu me sentiria quanto ao nosso filho?

E como *ele* se sentiria?

Será que ele conseguiria suportar?

Será que ficaria ao meu lado? Ou me abandonaria em defesa da família? Porque *isso* eu não conseguiria suportar.

Essa história estava me enlouquecendo.

Levantei da cama e peguei minha bolsa. Desci as escadas devagar, deixei meu corpo cair no sofá e contemplei o escuro além das janelas.

Talvez, um dia eu estivesse pronta para ter um filho. Talvez, um dia Holt estivesse.

Inferno... talvez, um dia até Eleanor estivesse.

Mas nós ainda não estávamos lá. Deveria ser uma notícia boa. Uma coisa simples e que fizesse perfeito sentido.

No entanto, eu sentia como se meu mundo inteiro tivesse sido sacudido de cabeça para baixo e como se nada, *nada*, na minha vida pudesse algum dia voltar a fazer sentido.

Não, Dom. Você não está pronta para isso.

Peguei o celular e liguei para a clínica. Marquei uma hora para o dia seguinte. Logo pela manhã... antes que eu mudasse de ideia.

Tentei voltar a dormir, mas passei a noite inteira encarando o teto. Greg respirava tranquilo ao meu lado e eu quis acordá-lo para que ele me abraçasse. Fechei os olhos, as horas escorreram lentamente. Eu podia sentir meu coração batendo com força no meu peito, a ansiedade fritando embaixo da minha pele.

Levantei antes de Holt acordar e estava quase na porta quando ouvi sua voz.

- Escravidão é crime. - brincou.

Eu me virei e tentei sorrir.

- Eu vivo pelo meu trabalho. - levantei um ombro em confissão, esperando profundamente que dali a algumas horas tudo estivesse resolvido.

De tarde, vai estar tudo certo. Tudo vai voltar a ser como antes.

Mal retribuí o beijo desajeitado que Gregory me ofereceu. Era como se em dois dias nós dois tivéssemos desaprendido a ficar juntos. Tinha tanta estranheza entre nossos corpos que a naturalidade das nossas vidas tinha desaparecido quase que completamente.

O caminho foi longo e silencioso. Todas as estações de rádio pareciam transmitir uma alegria que eu não sentia. Até a mais depressiva delas parecia mais animada do que eu e acabei preferindo o silêncio a qualquer tipo de tortura musical.

Entreguei meu documento de identificação no balcão principal e a moça rechonchuda de olhos gentis do outro lado sorriu timidamente para mim.

- Aqui, querida. - devolveu o formulário que eu deveria preencher e meu documento - Preencha isso e já vamos te chamar para entrar. Espere só um pouco, pode sentar em qualquer lugar.

Escolhi uma cadeira em um canto e sentei.

O formulário foi preenchido tão automaticamente que, pela minha vida, eu não saberia repetir quais informações ele pedia. Alguns quadros estavam penduradas na parede cor de creme e, para tentar controlar a ansiedade que parecia querer sair do meu corpo através de tremidas na minha perna, comecei a observá-los. Não que estivesse me ajudando muito, mas pelo menos me distraía.

Família e refeições, frutas em uma panela de prata, cenários religiosos. Não havia um tema preciso naquela sala de espera... havia apenas quadros. Muitos deles. Para escolher.

Talvez algum médico da equipe tivesse feito um estudo e comprovado que quadros servem para acabar com o tremor de ansiedade na perna de advogadas. Passei o dedo pelo cabeçalho do formulário onde o nome da clínica estava timbrado assim como o endereço. Lembrei do cartão. O pequeno pedaço de papel que a médica me passou e que iria mudar minha vida. De volta, eu esperava.

Fale com o pai. Conversem. A sensação que você tem agora pode ser passageira. Mas, se não for...

Eu tinha desobedecido a sua instrução. Não tinha falado com ninguém.

Bem a minha frente estava um quadro de um homem idoso. Ele usava uma barba longa e fumava um cachimbo. Não parecia particularmente feliz com nada em especial. Na verdade, parecia bastante entediado. Como se nada novo jamais acontecesse por ali.

Exceto que acontece.

Todo dia... quantas vidas são mudadas ali? Naquela sala?

Encarei o homem de barba de tinta a óleo e senti seus olhos sobre mim. Era como se ele estivesse me recriminando. Dizendo *"eu estou aqui em paz, fumando meu cachimbo, e você vem me incomodar com essa tremedeira nas pernas, batendo seus saltos agulha no assoalho só porque tomou uma decisão sem ter certeza do que quer. Vá para casa e resolva, ou fique e pare de bater esse maldito pé."*

Abracei meu corpo e respirei fundo.

Se dali a alguns anos, Gregory descobrisse, o que aconteceria? Será que ele admiraria a coragem que eu tive de proteger nosso relacionamento? A frágil estabilidade de nossas vidas?

Só o pensamento me fez rir de desespero.

De jeito nenhum

Ele iria querer me matar.

Perto de mim um quadro pendurado mostrava uma mulher calçando um sapato em uma garotinha. Ela era tão jovem que, sentada na cama cheia de travesseiros, seus pés mal batiam no chão. Olhava ao redor com um expressão irritada enquanto a mãe lhe enfiava as sapatilhas cor de rosa nos pés.

Você está irritada porque te enfiaram em um quadro de "mãe e filha" dentro de uma clínica de aborto, não é? De todos os quadros desse lugar, você deve ser o que mais incomoda as pessoas. Isso ou você odeia essas sapatilhas.

E se eu tivesse uma menina? Será que enfiaria sapatilhas cor de rosa nos seus pés a força ou deixaria que ela tomasse suas próprias decisões?

Enfiaria a força. Você só pode ter as coisas do seu jeito, não foi sempre assim?

Eu seria uma mãe horrível.

Essa merda desse quadro...

Quis levantar e gritar para a mãe que deixasse a garota em paz. Se ela não quer usar os sapatos o direito é dela não é? A decisão é dela também.

Gregory... A decisão é dele também, não é?

E não é só uma decisão sobre um maldito sapato. É algo muito *muito* mais importante. E eu sequer lhe daria o direito a um voto.

Falar com ele podia prejudicar nosso relacionamento... podia destruir tudo que nós tínhamos: mas eu precisava falar com ele, ainda assim. A decisão não era só minha.

- Dominique Thoen!

A enfermeira estava parada na frente de portas duplas que levavam até os consultórios. Tinha uma ficha na mão, seu olhar repousava no salão esperando alguém se levantar.

Mas ninguém levantou.

- Dominique Thoen? - repetiu.

Eu estava congelada na cadeira. Ouvindo meu coração martelar. Minhas mãos buscaram meu ventre em um instinto novo e insano.

Logo teria um coração ali também.

Ai, merda...

Eu não podia fazer aquilo.

A enfermeira chamou meu nome mais uma vez, antes de desistir e sair. Logo, outra pessoa foi convidada a entrar e eu fiquei ali sentada. Esperando os segundos virarem minutos.

Levantei devagar e discreta e procurei a saída. Ainda me sentia atordoada. Se minha vida continuasse a ser essa montanha-russa por muito mais tempo, eu ia acabar pedindo pra descer e vomitar.

O carro parou bruscamente na minha frente. A janela escura desceu e eu vi o rosto agressivo de Eleanor.

Mas o que diabos....

- Entre. - ordenou.

- Não, obrigada. - consegui murmurar.

- Ah, Dominique! - ela exclamou exausta e abriu a porta, empurrando na minha direção e escorregando no banco para me dar espaço - Entre de uma vez.

Eu ainda estava atordoada. E curiosa! Para saber o que ela poderia estar fazendo ali.

- Meu carro está no estacionamento, Eleanor, não preciso de carona.

- Não estou oferecendo uma carona. Só quero conversar. Eu sei onde você estava, garota. Segui você até aqui. Entre logo. Precisamos conversar.

Meu coração parou de bater em algum lugar entre "eu sei onde você estava" e "segui você até aqui".

Ela ia deturpar essa história e contar para Gregory de uma maneira irreal, não ia?

Entrei no carro. Estava me sentindo esgotada depois da longa batalha travada contra mim mesma nas últimas 48 horas. Não tinha mais forças. *Você quer falar, Eleanor? Pois fale. E agradeça porque, pela primeira vez na minha vida, eu não tenho forças para contra-atacar.*

- Você fez a coisa certa.

Pisquei os olhos várias vezes, incerta do que tinha ouvido corretamente.

- Foi melhor assim e é excelente ver que você tenha esse tipo de coragem em você, menina! Finalmente, vi um traço em você que me fez entender porque Gregory se sentiu atraído.

- Eleanor, não tenho certeza se estou entendendo.

- Eu sei que você estava grávida.

Estava?

- Mantenho um olho sempre em Gregory, como tenho certeza que você já sabe. E, por causa da sua proximidade com ele, mantenho um olho em você também.

A bruxa estava investigando minha vida.

Ótimo.

- Estava pensando no que fazer e em como falar com você, quando vi que marcou um hora na clínica e, querida, estou muito orgulhosa. Você fez a coisa certa.

Eu estava com raiva. Uma raiva súbita e insana que surgiu de repente e tomou conta de tudo.

Não queria que ela se metesse na minha vida, mas ela fazia isso porque eu mesma permitia! Eu permitia que ela se intrometesse quando considerava o que ela ia pensar, o que ia dizer, como trataria meu filho.

Quase tomei uma decisão sem falar com Greg e em parte - grande parte - por causa dela.

Chega.

Ela ainda estava me elogiando.

- Não fiz isso. Você entendeu errado, Eleanor. Eu ainda estou grávida.

Ela calou a boca e me observou com veneno no olhar.

- Não? E posso perguntar por quê?

- Não, não pode.

Ela bateu o punho contra o estofado do sofá.

- Fale, Dominique! Não me teste.

- Não é da sua conta. Minha vida não é da sua conta. A vida de Gregory não é da sua conta. E acho que já está na hora de alguém te dizer isso de uma forma clara. Porque você é tão egocêntrica que parece ter dificuldade para ouvir as vozes dos outros.

- Você sempre soube que Gregory e você...

- Sempre soube de nada, sua velha arrogante! - eu estava de saco cheio e sentia que poderia começar a espumar pela boca a qualquer segundo - Eu e Gregory temos um relacionamento normal e saudável. A única parte deturpada das nossas vidas é você e o seu veneno.

- Você não é boa o bastante. - falou como se aquele fosse o fato mais óbvio do mundo - Nunca foi e sabe disso.

- *Eu* não sou boa o bastante? E por que não ele? E por que não é ele que não é bom o bastante para mim?

- Gregory é perfeito.

- Garanto a você que não é.

- Cale-se. Cale-se. - esfregou a testa como se pudesse magicamente voltar no tempo e fazer Greg nunca ter me conhecido - Cale essa boca agora mesmo.

- Se não quer conversar, por que me convidou para entrar? - fingi inocência. Já tinha a mão na maçaneta da porta quando ela disse.

- Eu te pago!

Eu ri.

- É o quê?

- Eu te pago! Cinco milhões para você voltar para aquela clínica agora mesmo e cumprir seu compromisso.

Eu sabia que minha boca estava aberta, mas apesar de todas as insanidades dela eu realmente não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

- Eu já sabia que você era uma vadia egocêntrica, Eleanor. Mas não imaginava que fosse louca.

- E você não entende por que eu quero você longe do meu neto.

- Você é louca! Completamente louca!

- Trocar ofensas não vai nos levar a lugar algum. Te fiz uma proposta, Dominique, só isso. Ou você diz sim ou diz não. - havia um desespero contido na sua voz.

Encarei seus olhos frios ainda boquiaberta. A única reação aceitável seria lhe dar um tapa. Bem forte. Bem dado. No meio

daquela cara esnobe.

Mas isso não melhoraria minha situação.

Em nada.

- Se Gregory souber que disse isso, ele...

- Ele não vai acreditar. - expirou irritada - Porque eu vou negar. E sabe como vai ser, não sabe?

Eu queria gritar que ela estava errada. Ele ia acreditar em mim porque eu ia amarrá-lo na mesa do jantar e berrar na cara dele até fazê-lo entender. Se apenas o inferno da mulher não fosse *família*.

E eu... eu era só a colega de trabalho inconveniente com um corpo gostoso.

Quanto tempo aquilo ia durar?

Se é que não já tinha durado tempo demais. Principalmente depois que eu dissesse que estava grávida quando ele sequer pensava em casamento.

- Você é louca.

- Sim, sim, querida, você já disse isso. Mas a pergunta é: eu sou a louca que vai te dar cinco milhões?

Eu nunca tinha sido tão insultada na minha vida.

Nunca.

Tive vontade de chorar de raiva. Mas não ia lhe dar esse gosto.

- Deixo até você escolher a moeda. Euro está bem cotado. Cinco milhões de euros, Dominique. Você entra naquela clínica ali, desfaz esse... *erro* na sua barriga... eu pago o procedimento. E um spa cinco estrelas para você passar a semana se recuperando. E depois você some. Some cinco milhões mais rica. O que me diz?

- Se você acha que eu vou dizer "sim", alguém deveria te levar pro hospício, Eleanor.

- Pois é... mas eu não vejo você descendo do meu carro, não é?

- Não me vê descendo do carro porque eu tenho que te dizer uma coisa antes de sair: você é o ser humano mais doentio, nojento e patético do mundo por sequer cogitar fazer uma oferta dessas para a namorada do seu neto. - bati as mãos nos joelhos, indignada

- Eu amo Gregory. É uma emoção que você desconhece, eu sei, e por isso nem vou tentar explicar. E esse filho é dele também. A escolha sobre o que vai ser feito com essa criança é minha e dele. Seja o nascimento, nome, roupas, escola... o que quer que seja. Você não tem voto em nada.

Ela parecia pronta para me morder.

- Acabou?

- Ainda não. - decidi. Já tinha começado, não era? Era refrescante botar tudo para fora - Você é uma puta, mal-comida e burra. Puta porque é assim que se chama quem se vende por dinheiro. Mal-comida porque é a única explicação pra sua amargura na vida. E burra por desconhecer meu valor e minha integridade. Agora eu acabei. Passar bem.

Desci do carro batendo a porta atrás de mim.

Capítulo 3

- Estou atrapalhando?

Ouvi sua voz assim que desliguei o telefone. Minha avó estava parada na porta dupla do meu escritório na Baxter Inc. com um semblante de quem espera autorização.

Ótimo. Parece que ela finalmente entendeu.

- Entre, Eleanor.

- Não quero incomodar se estiver ocupado.

- Não estou ocupado. - levantei e indiquei as poltronas próximas a janela de parede inteira, na lateral na minha sala - Sente-se. O que houve?

- Queria conversar com você. Estive pensando sobre o que disse para mim na festa e... E talvez eu concorde com algumas coisas que você disse. - torceu o nariz e eu ri.

- *Eleanor Baxter!* Você está querendo dizer que eu estou certo e você está errada? - provoquei.

- Não force, garoto. - tentou soar fria, mas eu vi o sorriso no seu olhar - É que... - ela colocou as mãos nos joelhos e me observou com aquele carinho maternal que ela reservava apenas para mim - É difícil. É muito difícil pra mim.

- Eu entendo...

- Não, não entende! - levantou um indicador, cuidadosa - Eu posso ser uma idosa arcaica e conservadora. - deu de ombros - Vivendo em tempos diferentes e tentando manter a vida como ela era há anos atrás. Pode ser absurdo e ridículo, mas... Mas é como eu sou, Gregory. E essa família é tudo para mim. *Você* é tudo para mim.

- Eleanor, se algum dia eu me casar, minha esposa será uma Baxter, também. - lembrei, com afeto. Ela tinha exagerado no dia anterior e eu fui rude de propósito. Mas se ela tinha ido até ali se desculpar, eu ouviria suas desculpas. E a desculparia.

- Será? - expirou, cansada - Não vejo Dominique aceitando o nome Baxter! Ela aceitaria o Holt. Ou faria você aceitar o Thoen.

Foi impossível não rir alto e com gosto. Eu não tinha pensado nisso ainda, mas era realmente difícil imaginar minha Dom teimosa aceitando o nome de um homem pelo simples fato de estar casada. Se eu fizesse questão dessa mudança, ia ser uma guerra.

- E se vocês tiverem filhos, Gregory? - seus olhos brilharam nervosamente - Vão ser todos Thoen-Holt? Onde fica o nome da nossa família? Eu me preocupo!

- Hostilizar Dom não vai ajudar, Eleanor. Só vai deixá-la mais convicta nesse caminho. Então, por que não me ajuda? - tentei me colocar ao seu lado, diplomaticamente. Talvez aquele fosse um meio termo aceitável para as duas: acabariam as ofensas e a linhagem Baxter continuaria.

- Tudo bem. - murmurou resignada e eu não acreditei nos meus ouvidos.

- Perdão? - exclamei descrente - Você concordou? Vai ser amigável com Dom?

- Eu não diria *amigável*, Gregory. - seu rancor foi cômico e eu me ajoelhei ao seu lado e beijei sua bochecha. Ela riu adoravelmente e eu a beijei de novo.

- Ah, menino! - ela passou as mãos pelos meus cabelos e eu sorri - O que eu não faço por você?

- Eu sei que ela é complicada.

- Ah, você não sabe! - fez uma careta e estávamos rindo.

- Ela é uma pessoa boa. Mas é teimosa. Assim como você. - empurrei seu nariz com o dedo - Seriam boas amigas se tentassem.

- Acho que sim. - levantou um ombro - Acho que vi um lado dela que não tinha visto ainda. - estava falando mais para si do que para mim - Acho que ela tem um... *valor*. Uma força. É admirável quando não é irritante. - confessou.

- Hmm... foram tomar café juntas e esqueceram de me convidar? - brinquei.

- Não, não! - falou rapidamente. Respirou fundo como se estivesse escolhendo as palavras - Foi o seu discurso. Você é um

bom homem, Gregory. Um homem incrível. E se viu nela algo pelo qual valha a pena lutar, então ela deve ter um grande valor.

- Você não faz ideia.

- Não faço. - levantou-se como se já tivesse dito o que veio dizer - Mas aí é que está: eu não preciso. É você quem precisa gostar dela, não eu. Você estava certo. Está bem? - abriu os braços, carinhosa - Não era isso que queria ouvir? Estava certo. Você é um homem. Mas eu sou sua avó e tem que entender que é difícil não ver aquele menino danado que destruiu meu colar de pérolas para usar como bolinhas de gude.

- Foi um belo prejuízo, han? - ri.

- O único garoto do país com um jogo de bolinhas de gude feito de pérolas. - riu - Acho que seria apropriado. - segurou meus braços - Estou orgulhosa de você. De quem você é e de tudo que conquistou. Acho que não digo isso com frequência porque sempre acho que seria desnecessário, mas aí está! Disse agora!

- Obrigado, Eleanor.

- Vamos jantar, próximo fim de semana? Eu, você e Dominique?

- Acho que estou com um problema de audição. - brinquei e enfiei o indicador no ouvido, fingindo desentupi-lo.

- Ora, não me faça repetir! - puxou minha mão - Vamos jantar, nós três. Eu diria para irmos só eu e ela, mas acho que seria demais. É melhor começar devagar.

- Vai pedir desculpas?

- Se você convencer ela a fazer o mesmo. - abriu os olhos para mim.

Pesei minhas possibilidades e imaginei como seria *agradável* ter essa conversa com Dom.

- Er... Tudo bem, é melhor começar devagar.

Ela riu e me abraçou antes de ir embora.

Fiquei ali sentado observando a paisagem. Dom estava agindo de um jeito estranho desde a festa e agora Eleanor chegava dizendo que viu *algo* na minha namorada. Elas tinham conversado. Ah, tinham sim. Sem dúvidas. Alguma coisa tinha acontecido ali e seja lá o que for que perturbou Dom, deixou Eleanor admirada. De

um jeito ou de outro, algo me dizia que as duas tinham dado um passo adiante.

Lembrei da nossa discussão na noite da festa. Tinha sido bom omitir a briga que tive com Eleanor. Dom iria entender aquilo como uma separação absoluta quando só o que eu queria era fazer minha avó entender. Por enquanto, era melhor que ela achasse que eu não entendia e que não ficava ao seu lado, mesmo que não fosse verdade. Era melhor que ela ficasse com um pouco de raiva de mim do que com ainda mais raiva de Eleanor. E, desde que as duas se entendessem, eu realmente não me incomodava que ficassem um pouco chateadas comigo.

É possível que fosse psicológico: a mera noção de que eu estava grávida e que ia *continuar* grávida me deu uma fome insana. Combinando isso ao estresse depois da conversa nem um pouco agradável com a *avó sociopata*, eu queria comer até morrer. Olhei para o relógio enquanto preparava um sanduiche monstruoso. Já que eu não ia precisar de repouso, era melhor voltar ao trabalho assim que eu terminasse e deixar a vida seguir em frente.

Estava me servindo de um dos maiores copos de suco que eu já bebi na vida quando um barulho na sala me assustou. Peguei uma faca no balcão e coloquei o rosto para fora da porta da cozinha.

- Boe! - reclamei, colocando a faca em cima da mesa.

- Nossa! Calma, senhorita Dom! - levantou os braços. Acho que ele ainda se lembrava de nosso primeiro encontro quando o joguei no chão.

- Você tem que parar de entrar aqui em casa assim!

- Desculpe, mas eu precisava conversar com a senhorita! Um assunto urgente e eu queria ser discreto...

- Tudo bem, tudo bem.

Respirei fundo e percebi que minhas mãos estavam cobrindo meu estômago. Um detalhe ínfimo. Um reflexo involuntário. Era o meu corpo dizendo que tinha uma coisa ali dentro que era minha e do homem que eu amo e que se alguém quisesse se meter com ela, eu ia lutar. Eu ia fazer o que fosse preciso para mantê-la a salvo.

Sentei a mesa e indiquei outra cadeira para ele.

- Quer alguma coisa para beber?

- Não, senhorita. Obrigado. Só preciso conversar.

- Pois então sente e converse. - olhei para o relógio - Mas não demore, porque eu tenho que voltar para o trabalho.

- É sobre a senhora Baxter.

- Ai, Boe. Não! - resolvi - Não quero conversar sobre essa mulher.

- Eu imagino, senhorita. Mas é preciso. Soube que vai ficar com o bebê. - sorriu, paternal e eu apertei uma de suas mãos.

- Ainda não falei com Gregory. Vou falar hoje a noite. Vi seu sorriso se transformar em algo sombrio.

- Era melhor que não fizesse isso, senhorita. Sua voz era igualmente séria e dolorida. Abri a boca querendo articular as palavras certas. Mas o melhor que consegui foi:

- Como é?

Ele escondeu os olhos nas mãos enquanto esfregava a testa.

- Não tem um jeito fácil de explicar isso, então eu acho melhor contar uma história.

- Não. - bati a mão na mesa. Entre descobrir que estava grávida, quase abortar e receber a mais indecente das propostas, minha vida tinha se tornado uma verdadeira montanha-russa emocional e agora já bastava - Se você tem algo pra me dizer, vai me dizer de uma vez. Uma frase, Boe. Diga!

- Eu queria que fosse simples...

- Vai ter que ser! Porque eu não aguento mais complicação na minha vida, agora.

- Eu realmente queria poder ir embora sem derrubar esse problema na senhorita, mas não há como...

- Boe! Uma frase! Diga de uma vez.

- Deixe-me apenas explicar. - ele tinha um olhar nervoso entre a confusão e o desespero.

- Depois! Primeiro você me conta.

- Senhorita...

- Uma frase! Só mais uma e eu vou levantar, Boe! Não vou ouvir mais nada!

- A senhora Baxter mandou te matar. - sussurrou.

Eu devo ter piscado umas trinta e sete vezes antes de começar a rir.

- Ah, Boe! Por favor...

- Eu juro, senhorita. Pela minha vida.

- Boe... eu tenho certeza que as pessoas matam por poder, por dinheiro... por... sei lá mais o quê. Mas a mulher já me odeia há muito tempo! Se fosse mandar me matar, acho que já teria feito isso. - lembrei - Ela pode não ligar pra minha vida, mas esse aqui. - apontei pro meu estômago - É sangue dela. É o bisneto dela. Não pode esquecer disso!

- O bisneto que ela ofereceu cinco milhões para que a senhorita abortasse? Acha mesmo que ela se importa?

Eu engoli a seco. Queria dizer para ele que aquilo não fazia qualquer sentido e ir embora. Mas estava grudada na cadeira. Pesada. Presa a suas palavras.

- Eleanor Baxter se importa com a família, com dinheiro, com poder e influência. E só. - disse - Estou com ela há tempo suficiente para ter certeza disso.

- Não acho que ela me mataria, Boe. Ela é horrível, mas assassinato...

- Eu queria contar uma história, lembra? Tenho direito a mais do que uma frase agora? - a perturbação em sua voz estava me dando calafrios.

- Conte. - murmurei.

- Há alguns anos atrás Eleanor resolveu que Mathias Holt não era bom o suficiente para sua filha Audrey. Fez o possível e o impossível para se livrar dele. Mas os dois estavam apaixonados e se casaram. Viveram uma longa vida juntos, sempre infernizados por Eleanor e, precisa ser dito, o senhor Holt era o homem mais determinado que eu já conheci. Qualquer um teria desistido da senhora Audrey há muito tempo. Não conheço muita gente que se submeteria a tudo aquilo que ele passou, por amor. As pessoas dizem que o amor é coisa mais forte do mundo, mas eu discordo, senhorita. Com todo o respeito, mas o amor não parece durar muito mais do que a paciência. A paciência acaba e o amor parece ir embora junto. Sempre vi isso acontecer. Menos com o senhor Holt.

- Eu conheço a história, Boe.

- Não, não conhece. - balançou a cabeça para mim - Eleanor conseguia convencer Audrey a abandoná-lo quase que uma vez a cada dois meses. Mas aí o senhor Holt a abraçava e dizia que a amava e ela lembrava que sua mãe era... uma... vadia manipuladora - acrescentou bem baixinho, como se a patroa pudesse ouvi-lo - E eles continuavam juntos. Isso se manteve por muitos anos. Até todo aquele problema com a menina Amanda.

- Ela assumiu publicamente que era gay.

- Sim, e os Baxters viraram as costas para ela. Mas ela não precisava dos Baxter. Ela tinha o lado Holt da família que era rico o suficiente. Isso deixou Eleanor enfurecida.

Eu estava começando a sentir para onde a história estava indo.

- Um dia ela me chamou. Disse "Boe, está vendo esse rapaz aqui? Quero que leve ele até o local onde Mathias está se reunindo com uns investidores". Eu obedeci. - ele engoliu a seco e eu vi que aquela era a parte da história que ele mais queria contar e que seria a mais difícil - Eu levei o rapaz até lá. Era em uma cidade vizinha. Entramos no estacionamento e fomos até o carro do senhor Holt. Ele... ele... *mexeu* em alguma coisa no carro.

Meu estômago estava dando voltas e eu tive certeza que ia passar mal. Boe não parou:

- Eu gostaria de dizer que não sabia o que ele estava fazendo. Mas eu sabia, senhorita. - ele escondeu o rosto nas mãos - Eu sabia muito bem. Parte de mim esperou que ele estivesse só fazendo algo para... o carro não funcionar, entende? Eleanor conversou com Audrey naquele dia. E a convenceu a abandonar o marido, mais uma vez. E como todas as vezes, Audrey ligou para o senhor Holt. E como todas as vezes, ele veio desesperado atrás da mulher que amava. Só que *dessa vez*, Eleanor tinha feito algo com o carro.

Eu segurei a mesa e ofeguei.

- Senhorita Dom! - ele levantou preocupado e se abaixou do meu lado. - Ah, por favor! Não. A senhorita está grávida! O que eu faço? Levo a senhorita para o hospital?

- Me diz que isso é uma brincadeira, Boe. Me diz que Eleanor mandou você vir dizer isso só para me assustar.

- Eu sinto muito, senhorita. Mas é verdade. - ele se sentou mais uma vez e eu queria beber um gole do suco, mas minha garganta estava tão inchada que eu tinha certeza que sufocaria - Eleanor matou o senhor Holt.

Eu conseguia ouvir a voz de Greg. Poucos anos atrás me contando tudo.

Meu pai e minha irmã estavam mortos. Minha mãe estava dizendo que não foi culpa dela e minha avó estava dizendo que foi melhor assim.

- Eu não sabia que a senhorita Amanda estaria no carro. Não fazia ideia. - Boe estava entre um soluço contido e um choro. Ele estava falando, mas eu só conseguia ouvir frases separadas, palavras... meu raciocínio linear estava irreparavelmente fragmentado e eu não consegui impor ordem ao caos.

- A gente precisa contar para a polícia. - finalmente consegui dizer - A gente precisa contar para alguém.

Ele sacudiu a cabeça.

- Nunca pensei que a senhorita fosse o tipo inocente. Não há provas, senhorita Dom. Eu nem mesmo sei quem era o homem que eu levei até lá. E muita gente muito poderosa já recebeu um bocado de dinheiro para olhar para o outro lado. Nós nunca conseguiríamos provar nada. E aí depois de alguns meses, quando o assunto já estivesse esquecido, ela mandaria matar nós dois e o que bem isso ia fazer?

- Gregory! - exclamei - A gente conta pro Gregory.

Era isso. Ele ia poder fazer alguma coisa, não ia?

Boe estava sacudindo a cabeça de novo:

- E por que ele iria acreditar em mim?

- Ele iria acreditar em mim!

- Mas a senhorita não tem provas fora minhas palavras.

- Boe! Jure! Jure que isso é verdade! Prometa para mim!

Eu estava muito perto de experimentar o mais absoluto pânico pela primeira vez na minha vida. Se aquilo fosse verdade, se

Eleanor tivesse matado alguém, eu não poderia deixar isso para lá. Nunca! Mas precisava ter certeza...

- Eu juro, senhorita. Pela minha vida, eu juro.

- Então, nós vamos conseguir as provas que precisamos. Você vai me ajudar e nós vamos... - ele estava balançando a cabeça de novo - Ora, Boe, mas que inferno! O que foi agora?

- A senhorita não esqueceu alguma coisa?

- O quê?

- Ela me mandou até aqui para matar a senhorita.

Uma de minhas mãos voltou para o meu estômago e meus olhos voaram para a faca em cima da mesa.

- Não vou fazer nada! - acrescentou rapidamente, abanando as mãos - Eu não quero mais isso para a minha vida. Não aguento mais. - tirou um pequeno vidro do bolso e o colocou em cima da mesa - Dez gotas disso aí dentro do suco e a senhorita abortaria com certeza, além de passar uma boa semana no hospital por envenenamento. Seria difícil sobreviver sem qualquer sequela. - explicou - Eleanor me mandou colocar trinta gotas.

Senti um arrepio de pavor descendo pela minha espinha.

- Seria fácil como trocar açúcar por sal na sua bebida. - continuou - Brincadeira de criança.

- E você faria?

- Não me orgulho nem um pouco de dizer que já fiz trabalhos parecidos para ela, antes. E ela sabe que a senhorita confia em mim. Mas superestimou minha lealdade por ela. Eu não aguento mais. - disse mais uma vez e eu ouvi a dor em sua voz.

Puxei a faca para perto de mim e apoiei a testa nas mãos.

- Se qualquer uma dessas coisas chegar ao público, senhorita... se ela não conseguir manter esses rumores longe dela...

- Ela vai culpar você.

- Sem dúvidas.

- Eu preciso falar com Gregory. - sussurrei.

- Pode fazer isso. - começou e eu senti que ele ainda ia continuar falando - E pode ser que ele acredite em você. Mas e então? Ele vai direto para a avó, ela vai desmentir e em quem ele vai acreditar?

- Ele me ama! - não foi intencional, mas minha voz saiu aguda e trêmula.

- Eu sei. Mas ela o criou. E todas as provas vão dizer que ela é inocente. E para piorar, ela diz que você está grávida e que foi ela que te convenceu a sair da clínica de aborto. Ela tem fotos suas lá dentro, tem o resultado do seu exame, tem provas de que você agendou uma hora para realizar o procedimento, tem fotos sua no carro com ela. Vai poder provar que você sabe que está grávida há quase uma semana, que não contou para ele, que ia abortar sem sequer conversar sobre isso e ainda vai se mostrar como a heroína que não quis interferir na vida do neto e da namorada, mas que impediu que um absurdo fosse cometido.

Eu queria vomitar.

- E aí, senhorita Dom? Em quem ele vai acreditar?

Eu podia sentir meu queixo batendo e culpei os hormônios pela minha falta de autocontrole.

- O que você quer que eu faça, Boe? - a pergunta saiu como um sussurro - Qual opção me resta? A não ser contar tudo para Greg... e esperar que ele acredite em mim.

- Na melhor das hipóteses, senhorita Dom... Na melhor das hipóteses, ele acredita. Mas isso não significa que Eleanor vai parar de *tentar*. A senhorita tem muito a perder e ela... ela não perde nada.

- O que eu faço? - soou quase como um desespero - O que você faria no meu lugar?

- Eu iria embora.

Travei a mandíbula.

- Não. - resolvi.

- Pode ficar e fingir que nada aconteceu. Eu não vou machucá-la. Mas não posso enganar Eleanor por muito tempo. Se eu não mostrar resultados logo, vou ter que confessar que não posso fazer isso e depois vou ter que desaparecer. Eu sei demais. E a senhorita pode não ter medo dela, mas eu tenho. Eu assumo que não posso mais fazer isso e vou embora. E ela... ela contrata outra pessoa. Uma que não tenha qualquer sentimento pela senhorita e que vai *trocar o seu açúcar por sal* tranquilamente.

- Quanto tempo?

- Ela queria você morta antes que Gregory descobrisse sobre a gravidez. Mas mesmo que ele descubra... acho difícil que ela espere mais que alguns dias.

Surreal.

Completamente surreal.

Eu me sentia um relógio derretido de Dalí. Meu tempo acabou.

- Não acredito, Boe. As pessoas não fazem isso! - enfiei os dedos nos cabelos - As pessoas não mandam matar outras e...

- Senhorita... não temos tempo para isso.

- Mas o quê...

- Você tem que ir embora. Eu digo para ela que a senhorita viu alguém mexendo na sua bebida. Digo que viu o frasco... ou até mesmo que eu te ameacei... não sei. Invento alguma coisa. Faço ela acreditar que ficou assustada. Digo que abortou e foi embora. Consigo os documentos e as provas do aborto. E a senhorita vai viver em paz em algum lugar.

- Não sem Gregory!

- Eu queria trazer boas notícias, senhorita Dom. De verdade! Mas não trago. Trago as piores. E a verdade é que você vai ter que escolher entre ficar com o senhor Holt ou proteger a sua vida e do seu filho. É uma escolha horrível. Mas temo que a senhorita só pode ter um dos dois.

- Vou falar com ele. - decidi - Podemos não falar com Eleanor. Posso convencê-lo a conseguir provas antes de falar com ela!

- A decisão é sua, senhorita. Vou dizer para Eleanor que Gregory ainda não sabe da gravidez. Isso vai lhe dar mais um dia ou dois. Mas seja lá o que for resolver, resolva bem rápido. Eleanor não vai esperar e mesmo que ela resolva esperar ou desista de... *mata-la...* ainda assim, não vai descansar. Vai fazer da sua vida um perfeito inferno até lá.

- Mas por quê? Se ela já quer me matar, não imagino que algo possa ser pior.

- Porque ela não arrisca. Caso o *impensável* aconteça e você sobreviva, ela ainda vai querer ter o controle sobre cada um de seus

dias. Talvez até fazê-la considerar a proposta inicial.

- 5 milhões para abortar meu filho? - senti o gosto doce das palavras *meu filho* derretendo na minha boca. Era tão natural que eu não conseguia mais entender o que teria me levado, apenas poucas horas atrás, a sequer considerar me livrar dele.

- Vai te deixar desesperada o suficiente para considerar o acordo. E se você voltasse, ela te diria que o acordo mudou e ofereceria apenas 2 milhões.

- Não vou considerar essa possibilidade, Boe. Nunca.

- Eu sei. Só estou te preparando, senhorita Dom. É como eu te disse: pitbulls disfarçados de poodles. Pitbulls em todos os lugares.

Entrei no escritório querendo me enterrar em trabalho e não sair de lá nunca mais.

Eu ainda não tinha processado tudo que Boe tinha me dito, mas uma coisa eu sabia com certeza: precisava falar com Gregory. Nem que fosse só para ver o que aconteceria a partir dali. Mesmo se ele não acreditasse em mim, ou me odiasse. Pelo menos eu poderia continuar tendo certeza que tentei fazer o que podia.

Eu não tinha sequer encontrado o primeiro processo que eu ia trabalhar quando Conaughy entrou na minha sala.

- Dominique, achei que não viria hoje.

- Estava me sentindo melhor, Andrew. - engoli a seco - E a não ser que eu esteja confinada a uma cama, eu estou trabalhando.

- Eu sei, eu sei. - ele adiantou-se e sentou em uma das cadeiras do outro lado da minha mesa. Tinha algo urgente no seu tom de voz que eu achei muito estranho.

- Aconteceu alguma coisa? Porque eu realmente preciso trabalhar... - apontei para os papeis na minha mão. Eu precisava de trabalho hoje como nunca antes na minha vida. Qualquer coisa para manter minha mente bem ocupada.

- Dom, precisamos conversar.

Joguei a testa na mão.

- Andrew, é a terceira vez que eu escuto isso hoje e as outras duas vezes terminaram muito mal. O que houve?

- Não quero que ache que não apreciamos o seu trabalho aqui. Você é uma das melhores advogadas da firma. Uma das melhores que já tivemos e sabe disso.

- Sei. - levantei um ombro sem qualquer falsa modéstia.

- Por isso é muito difícil dizer isso, mas... Vamos precisar deixa-la ir.

Eu ri.

- Me deixar ir para onde?

Ele estava muito sério.

- Por favor, não faça isso ser mais difícil do que já é. Dom, tivemos que fazer algumas mudanças na firma. Temos que demitir parte do pessoal e...

- E vai demitir a melhor advogada que você tem?

- Sabemos que você vai conseguir outra oportunidade facilmente! - abriu os braços - Você é muito competente, esforçada. Já que temos que demitir alguém, preferimos demitir quem tenha chances lá fora. Preservar os mais fracos.

- Ah, claro! - cuspi sarcasmo - Porque é isso que firmas de advocacia fazem: protegem os advogados fracos e se livram dos fortes. O que diabos está acontecendo, Andrew?

- É só isso que te disse, Dom. Infelizmente...

E de repente uma luz...

- Eleanor Baxter mandou que me demitisse, Andrew?

Ele travou o maxilar com os olhos fixos em mim e eu não precisei de uma resposta verbal.

- Filha da puta. - sussurrei - E você se vendeu? Abriu as pernas e deixou ela te foder?

- Dominique, isso não é apropriado.

- Não é *apropriado*? Sabe que não é *apropriado*? A quantidade obscena de dinheiro que eu ganhei para esse escritório nos últimos dois anos. E não tenho sequer o mínimo de lealdade sua! Ou amizade! Porque você ia me demitir sem nem me dizer o verdadeiro motivo, não ia? E quer me falar do que é apropriado?

- Eu sinto muito.

- Sou a melhor advogada desse lugar, e você sabe disso!

- Sei, está bem? É óbvio que sei! Você é como um cachorro com um osso! Não larga uma causa por nada e isso é excelente! É o que faz os melhores advogados! Mas aparentemente não é uma qualidade que Eleanor Baxter gostaria para a namorada do seu neto.

- Minha vida privada não diz respeito a nenhum de vocês. - rosnei.

- Concordo. Sabe o que me diz respeito? A chefe do conglomerado que compõe nosso maior cliente dizer que vai procurar uma nova firma a não ser que um de nossos advogados seja demitido.

Mordi o lábio e não soltei.

- Você ganha causa atrás de causa. É verdade. Mas todo o dinheiro que ganha para a firma em um ano não seria nada perto do que iríamos perder se a Baxter Inc terminasse o contrato de representação. Sabe disso.

Eu sabia.

- Tudo bem. Sabe que vou te processar por isso, não sabe?

- Não esperaria nada menos.

Joguei o corpo contra a cadeira.

- Se puder, gostaria que limpasse sua sala até o fim do dia. - completou já na minha porta.

- Isso é sério? - tive que rir. Uma risada breve de ódio.

- É. Sinto muito. Precisamos deixar claro que seguimos a instrução e... - ele apoiou a testa contra a lateral da porta aberta e eu senti que essa parte ia doer - Não nos coloque em seu currículo como referência para o próximo emprego, tudo bem?

Levantei da cadeira e "indignação" não seria uma palavra forte o suficiente.

- E eu digo o quê no meu currículo, Conaughy? Que passei os últimos dois anos fora da sociedade em um templo budista? É claro que vou colocar vocês como referência.

- Dom... seria melhor para você que não colocasse.

- A filha da puta mandou você falar mal de mim para o próximo empregador? Foi isso, não foi?

- Dom... se quiser nos colocar, coloque. É só um conselho de amigo. Por favor...

- Então, ela não quer que eu trabalhe aqui ou em nenhum outro lugar. É isso? Quer que eu fique desempregada?

- Eu entendo que esteja chateada, mas...

- *Chateada? CHATEADA?* Chateada é como eu fico quando não colocam molho picante no meu sanduíche, Andrew. Fico chateada quando perco os trailers no cinema. Fico chateada quando quebro uma unha! Mas agora? Não... Agora eu estou *possessa. Enfurecida. Furiosa. Raivosa. Colérica.* Pode escolher uma dessas.

- Eu entendo...

- Pare de dizer que entende! Só... só pare!

Eu queria morder alguma coisa ou bater em alguém.

Ela ainda vai querer ter o controle sobre cada um de seus dias. Talvez até fazê-la considerar a proposta inicial.

A voz de Boe estava nos meus ouvidos e eu esfreguei as têmporas. Conaughy disse que sentia muito e saiu.

Então, era isso. Eu estava desempregada. *Demitida.* É... tinha uma primeira vez para tudo.

E sem referência para os últimos dois anos de trabalho. Ótimo.

Peguei os poucos itens pessoais que estavam ali e larguei o resto para trás.

Que se foda.

Querem se livrar de mim, pois que limpem a sujeira. Arrumem a sala e joguem tudo fora.

Andei pela rua como se estivesse flutuando. Não parecia real. Não parecia verdade. Era como se a qualquer momento eu fosse acordar na cama ao lado de Holt. Ia respirar aliviada, descer para a cozinha e beber um copo de café.

Eu precisava de um café.

Levantei os olhos para a esquina. A *Brioche Dorée* estava bem ali. O local onde eu tomava meu café quando o dia de trabalho estava particularmente infernal. Coloquei o pé na rua, ainda observando a esquina. Eu não viria mais naquela cafeteria... Eu não trabalharia mais naquele prédio... E não por uma opção minha. *Demitida.*

Ouvi a buzina estalando nos meus ouvidos e pulei para o lado.

Eu tinha atravessado a rua sem olhar para os lados? Ou o carro tinha avançado para cima de mim?

Uma de minhas mãos estava sobre o estômago a outra sobre o coração acelerado.

Acho difícil que ela espere mais que alguns dias.

Ia ser assim, agora, não ia? Em cada curva, em cada sombra? Seria hoje o dia que Eleanor ia acabar com minha vida de uma vez? Seria agora?

Parte de mim duvidava que o relato de Boe fosse verdadeiro. Outra parte não conseguia pensar em nada que fizesse mais sentido.

Já tinha sido ameaçada de morte antes. Mas nunca tinha sido mais do que intenções. Quero dizer... eu sempre fui uma pessoa horrível e era difícil vencer o dia sem fazer pelo menos duas ou três pessoas terem pensamentos homicidas. Eu deixava as pessoas com raiva. Advogados, partes opostas, juízes, funcionários, desconhecidos no meio da rua... era um talento que eu tinha. Mas nunca... nunca imaginei que uma dessas ameaças realmente poderia ser tão palpável.

Entrei na *Brioche* e pedi um café. Fiquei encarando a imensa vitrine da padaria, perdida em pensamentos.

Eu estava desempregada.

Mas isso não ia durar. Não podia durar. Se alguém da Baxter tinha começado esse problema, alguém da Baxter ia resolver. Eu precisava ir pra casa. Precisava falar com Greg. Seria a única solução.

Peguei o café para a viagem. Descafeinado. Mesmo assim, ia me ajudar. Precisava de uma pausa. Precisava de dois minutos de calma naquele dia insano. Já estava na calçada quando dei o primeiro gole. O gosto era horrível e eu não consegui não cuspir em uma lata de lixo próxima.

Mas que merda é essa?

Limpei a boca com as costas das mãos, ainda tinha uma careta no meu rosto quando eu percebi. Era *sal* no meu café. Alguém trocou meu açúcar por sal.

Boe...

Olhei ao redor.

Ele estava querendo provar um ponto. Mostrar que seria a coisa mais fácil do mundo colocar aquelas trinta gotinhas na minha bebida.

Seria *brincadeira de criança*.

Eu tinha me acostumado com essa dinâmica: não sabe o que fazer? Reúne toda aquela gente louca da vizinhança na casa de Thierry e come biscoitos enquanto discute bobagens.

Era disso que eu precisava.

- Não sei onde estão. - confessou - Quero dizer... Rick está em uma reunião agora há tarde. Vi Andy saindo de carro há pouco tempo quando estava sentado na varanda, Dom, Madeleine e Shelby eu não vejo desde ontem.

- Ah, ótimo. - murmurei em um nervosismo mal disfarçado - Ninguém trabalha nessa vizinhança a não ser quando eu preciso conversar. - esfreguei a testa. Estava repetindo muito esse gesto ultimamente. Era como se meu corpo estivesse repetindo algo ciclicamente para aliviar o estresse.

- Bem! – Thierry abriu os braços, amigavelmente - Eu estou aqui. Sobre o que precisa conversar?

- Pode guardar um segredo?

- Segredo? O que você quer conversar é um segredo? E você queria conversar com toda aquela gente fofqueira? - brincou.

- É, acho que acabou sendo bom ter encontrado só você, Thierry! - sorri.

- Sente, querida. Não conto para ninguém. Prometo.

Respirei fundo, sem saber por onde começar até finalmente descobrir quais eram as palavras que eu queria dizer. Thierry ficou muito silencioso enquanto eu contava vários problemas com Eleanor, alguns dos quais ele já sabia muito bem devido a conversas anteriores, mas ele continuou ouvindo sem me interromper, ainda assim. Apoiou a mão no rosto quando eu finalmente contei a

proposta nojenta que Eleanor tinha feito mais cedo e baixou os olhos quando eu contei sobre o relato de Boe e minha demissão.

Nada tinha sido resolvido, eu sei. Mas só falar... só colocar aquilo tudo para fora já fazia com que eu me sentisse bem melhor.

- Entendo. - ele suspirou - E quando você vai?

Fiquei muda por alguns segundos tentando entender a profundidade da sua pergunta.

- Vou para onde?

- Embora? O rapaz disse que ia tentar ganhar algum tempo para você, não foi? Quanto tempo ele conseguiu?

- Não, Thierry. - balancei as mãos para ele - Eu não vou. Não gosto de fugir dos meus problemas. Não sou esse tipo de gente.

- Bem, eu lembro vividamente de pelo menos uma outra vez que você fugiu. - lembrou e eu revirei os olhos para ele.

- Ali foi diferente. Eu estava apaixonada por Holt e fiquei com medo e me escondi. Mas agora é uma briga. Eu não entendia *amor*, mas briga eu sempre entendi. E não fujo de uma briga.

- Tudo bem. - levantou uma mão - Mas não é só você agora, não é?

Ele tinha um olhar paternal que me lembrou Boe.

Era isso... eram pessoas que gostavam de mim por motivos que eu nunca iria entender, já que a maior parte dos indivíduos que já cruzaram meu caminho sempre pareceram achar que ódio era um sentimento que pessoas insuportáveis como eu mereciam muito mais do que carinho. Mas ali estava Thierry. Olhando para mim com os mesmos olhos de Boe. *Com os mesmos olhos do meu pai.*

Eles estavam preocupados comigo. Preocupados *por* mim.

- Eu consigo me virar.

- Não tenho dúvidas. Mas vai ter que se virar por dois, Dom.

Não é só você agora...

- Não está sozinha. Nunca mais vai estar sozinha. Vai ter uma pequena pessoa que vai depender de você para tudo. E ele... ou *ela*... desconhece essa briga. Desconhece o ódio, as tramas... Você pode ficar e brigar. Mas mesmo que consiga escapar das garras dessa velha, tem certeza que pode manter seu filho a salvo?

- Essa decisão não é só minha. Gregory tem direito a voto. - decidi, mas notei que a convicção estava falhando.

- Gregory tem voto na questão do aborto, eu concordo. Foi errado você sequer considerar isso sem falar com ele antes. Mas agora é diferente. Você tem uma obrigação natural de proteger a sua prole.

- *Prole*, Thierry? Você fala como se eu fosse um animal.

- E você é. E eu acho que o seu amigo está certo. Falar com Gregory agora pode complicar tudo.

- Você não pode estar falando sério!

- Não posso? Dominique! É você quem não parece estar levando essa situação a sério. Essa gente é perigosa. É o tipo de coisa que se lê no jornal, que se escuta falar, mas que se acha que nunca vai acontecer com você ou alguém próximo. Não é um filme! Não é um jogo! É a sua vida e a do seu filho. Falar com Gregory vai arriscar a vida dele. A vida do seu amigo que te contou tudo. E vai te colocar ainda mais na mira dessa mulher perigosa.

- Não acho que ela faria algo com Gregory. É o neto precioso dela.

- Sim, mas acho que até ontem você não imaginava que ela tentaria te matar também, não é?

Fiquei em silêncio e ele soube que eu concordava.

- Querida... - ele pegou minha mão nas suas e eu vi que ele estava realmente preocupado - Ela não vai deixar você ficar com Gregory. E eu entendo lutar! acredite! Lutei muito na minha juventude. - sorriu cansado - E luto contra essa doença maldita há anos. - engoliu a seco, com um sorriso discreto, lembrando do próprio câncer - Mas tem hora que a gente precisa aceitar a derrota e se preparar para a próxima batalha.

Minha garganta estava se fechando. Eu realmente achava que meus dias de solidão tinham ficado para trás. Achava que as próximas lutas que eu tivesse que encarar seriam *em equipe*.

- Se eu for embora, eu perco. - sussurrei.

- Se você for embora, seu filho vive. Em paz. Se você ganha ou perde não importa mais, Dom. Agora, é a vez dele.

Eu já estava na sala e quando Gregory passou pela porta eu me joguei em cima dele como se minha vida dependesse disso.

- Ei! Dom? O que houve?

Largou as coisas no chão e me abraçou.

Eu precisava tanto daquele abraço.

Antes de Holt, eu era acostumada a viver sozinha. A *ser* sozinha. Desnecessário dizer que ele mudou tudo, mas em momentos assim eu ainda me surpreendia com quanto ele tinha me mudado. Eu precisava dele. Precisava muito.

- Me abraça. - pedi.

Ele apertou o abraço ao meu redor. Sua respiração no meu pescoço, um beijo na minha bochecha.

- Amor? O que houve? Estou preocupado. - me afastou só um pouco, mas manteve os braços na minha cintura. Seus olhos carinhosos e superprotetores estavam lá, como sempre. Eu sorri.

Diante de toda a merda do dia, eu só consegui sorrir.

Amor e insanidade eram duas coisas realmente muito próximas.

Eu queria conversar com ele. Queria contar tudo.

Mas tinha algo que eu precisava mais.

- Me beija?

Ele riu e me segurou pelos cabelos. Alinhou seu rosto com o meu, olhando fundo nos meus olhos como se perguntasse o que diabos tinha acontecido. Eu fiquei em silêncio. Carente.

Greg me beijou, apertando meu corpo contra o seu, me fazendo esquecer todas as minhas dúvidas e as minhas inseguranças. Beijando meus lábios, minhas bochechas, meus olhos, meu queixo, meu pescoço.

- Um banho? - convidou.

- Diz que me ama. - pedi.

- Dom? - seu tom divertido e confuso assumiu uma cor mais escura. Como se antes ele só estivesse estranhando meu comportamento esquisito, mas agora estivesse genuinamente certo de que algo errado tinha acontecido - Claro que eu te amo. Te amo muito. - me puxou pela cintura, mais uma vez - Muito mais do que qualquer coisa na minha vida, amor. O que houve?

- Acho que estou... - levantei um ombro e sorri da minha bobagem - carente.

- Vem cá que eu resolvo isso. - sorriu.

Eu estava protegida ali. Envolvida por ele. Tinha um Gregory ao meu redor e era delicioso. Ele me beijou quase em cada parte do corpo. Disse que me amava mais vezes do que eu podia contar. Me fez rir. Beijou minha boca e ele tinha um gosto delicioso de lar.

Eu não ia fazer aquilo...

As pessoas estavam erradas.

Estavam todas erradas.

Eu e Holt já tínhamos passado por situações assim. Já tínhamos experimentado a falta de confiança um no outro. Mas no fim, a gente tinha superado tudo, não era? A avó dele era um problema. Um problema imenso. Thierry estava errado: eu levava a sério. Levava muito a sério.

Gregory ficaria sabendo de tudo. Eu podia ir embora... podia fingir que tinha ido embora... Enquanto ele resolvia. Ele ficaria a salvo, Boe ficaria a salvo. Gregory não iria parar de lutar para descobrir a verdade. Não se sua irmã tivesse sido assassinada! Ele ia resolver. Eu tinha certeza.

- Faz amor comigo.

- Estou adorando você carente. - riu na minha boca e eu mordi seu lábio, puxando-o para as escadas... para o quarto. Greg me despiu devagar, como se não tivesse pressa. E por que precisaria ter pressa? Eu era sua. Sempre... Sentir seus lábios quentes na minha pele recarregou todas as minhas energias. Ouvir sua voz meiga contra minha pele aliviou todos os temores.

Greg fez amor comigo quase que a noite inteira. Não sei dizer se a minha carência momentânea o assustou ou se, de algum modo, ele sabia que eu precisava daquilo. Seja como for, ele não me abandonou. Não parou de me abraçar e me beijar. Me deu um banho quente e demorado, sussurrando seus sentimentos no meu ouvido. Fez eu me sentir amada como só ele conseguia fazer.

Passei os dedos pelo seu tórax.

- Greg? - chamei. Ele desceu os olhos para mim com uma expressão exausta - Preciso conversar com você sobre uma coisa.

- Amanhã? - murmurou, me apertando com força, sem conseguir disfarçar a sonolência na sua voz.
- Logo cedo, antes de você sair?
- Logo cedo. - prometeu - Antes de eu sair.

Capítulo 4

Eu tinha aprendido a cozinhar algumas coisas. Era o que eu chamava do Método Dominique de Ensinar Homens a Cozinhar. Era muito simples e envolvia quatro regras básicas:

Pimenta era bom.

Doce era melhor.

Se você fizesse tudo certo, ganhava um boquete.

Se fizesse besteira, apanhava com uma colher de pau.

Simple e eficiente.

Ela devia escrever um livro.

Estava terminando de tomar café quando ela desceu as escadas ainda enrolada no roupão.

- Dom? - engoli a torrada - Está doente?

- Não. Não. - sentou-se ao meu lado e arrancou um pedaço da minha torrada.

- Não vai trabalhar? - Entre seu comportamento estranho nos últimos dias, a carência inesperada e as repetidas ausências no trabalho eu estava começando a ficar seriamente preocupado.

- Tive que resolver umas coisas essa semana... - colocou um pouco de pimenta nos ovos que eu tinha fritado e roubou um pedaço com o garfo.

- Um dia você ainda vai passar mal de tanto comer pimenta.

- Está pensando que meu estômago é frouxo como o seu? - sorriu e eu quis beijá-la. Puta que pariu, eu amava aquele sorriso. Amava demais.

- Essa coisa é perigosa!

- Ai... lá vem ele... - revirou os olhos.

- Você se lembra da nossa viagem pro México?

- Você tem um estômago fraco, Holt... Tem que aceitar isso!

- Foi horrível! - exagerei - Até o cheetos daquele lugar tinha pimenta.

- Foi adorável! Pare de ser tão dramático.

- Foi adorável te ver molhada e de biquíni o dia inteiro. A pimenta foi uma merda.

Ela estava rindo.

- A gente devia voltar. - sugeri e peguei sua mão - Para Cancun... tirar umas férias de novo. O que acha?

- Pode ser. - entrelaçou os dedos nos meus - Ou a gente pode conhecer outro lugar.

- Você vai ficar molhada e de biquíni?

Ela riu com gosto.

- E - continuei - de preferência algum lugar que tenha opções *não-picantes* no cardápio. Assim, eu não preciso ficar doente e te assustar.

- Eu não me assustei! Eu sabia que era só drama.

- Quer mesmo me dizer que não se assusta quando eu fico doente? - deixei meu olhar explicar o nível da minha incredulidade.

- Aquela vez foi diferente, Greg! No México você só se sentiu um pouco mal. Mas aquela doença infernal que você pegou no fim do ano passado foi diferente.

Seu tom mudou e eu soube que ela não deveria gostar nem mesmo de lembrar. Apertei sua mão com carinho.

- Você gritou com o médico. - ri.

- Ele era um incompetente que queria te mandar de volta para casa, naquele estado!

- Ele ficou com medo. - eu ainda conseguia ver o rosto do médico indeciso entre resolver meu problema ou correr para longe daquela mulher insana.

- E devia mesmo! Você estava ardendo em febre! Se ele não resolvesse, eu matava ele. - puxou minha xícara e bebeu meu café - Isso está horrível. - fez uma careta depois do gole. Passei o polegar pelos seus lábios limpando as gotas de café.

Dom estava sorrindo e eu imaginei que já tinha descontraído a situação o suficiente.

- O que você teve que resolver essa semana? – eu a vi hesitar - Era sobre isso que queria conversar?

Vamos... Eu sei que você e Eleanor conversaram sobre alguma coisa, Dom... Me conte.

- É uma história longa. E curta, ao mesmo tempo.
- Quer me contar logo a parte curta?
- Não. Não quero deixar nenhum detalhe para trás. Não quero que você entenda nada errado.

- Tudo bem. Estou ouvindo. - apertei sua mão e sorri.

Passou a língua nos lábios e me observou com um receio curioso.

Meu coração estava se movendo de um jeito descompassado. Sobre o que ela queria conversar? Eu sabia que ela não tinha me traído... Não só porque, agora, eu sabia com alguma certeza que ela me amava, mas também porque Eleanor parecia ter virado uma nova amiga. Se Dom tivesse me traído, a conversa com minha avó teria sido diferente.

Ela inspirou fundo e meu celular tocou.

- Isso está ficando difícil. - brinquei, mas não a vi sorrir. Atendi o telefone e ouvi minha secretária explicar os problemas do dia. - Era Rose. - expliquei, assim que desliguei - Preciso ir logo para a Baxter, houve um ou outro problema, como sempre. - sorri e beijei seus lábios - E é urgente, como sempre. Podemos continuar isso mais tarde? - levantei da mesa e senti sua mão no meu braço.

- Não, Greg. Precisamos conversar *agora*.

- Tudo bem... - sentei de volta sentindo o nó na minha garganta se intensificar. O que estava acontecendo? O que poderia ser tão sério? - O que foi que houve, Dom?

- É uma história longa e você vai ouvir tudo agora. - sacudiu o rosto cheia de resolução - Não vai sair ou atender o telefone até eu acabar, certo?

- Certo... - concordei e estaria mentindo se dissesse que não estava cada vez mais assustado.

- Acho que tenho que começar falando sobre sua avó.

Fiquei na dúvida se dizia para ela que já sabia que as duas tinham conversado sobre alguma coisa. Considerei ficar em silêncio, mas se depois ela descobrisse que Eleanor já tinha me dito ia parecer que eu estava do lado da minha avó e não do lado da minha mulher. Eu realmente queria que essa história de "lados" parasse de existir na minha vida... Mas, para preservar a paz, abri minha boca:

- Eleanor já falou comigo.
Vi seu pescoço inteiro se contrair.
- Falou com você? Sobre o quê?
- Sobre essa conversa estranha que vocês tiveram. - abri os braços indicando a obviedade da resposta.
- Quando? - sua voz estava um pouco aguda demais.
- Ontem a tarde.
- E o que ela disse? - Dom estava segurando meus braços.
- Amor? Eu achei que era você quem ia me contar uma história! E... Ela só falou sobre como você não era quem ela imaginava e sobre como estava enganada e queria te conhecer melhor.

Dominique abriu os olhos encarando o vazio, como se estivesse resolvendo uma equação sem solução. Passou alguns segundos nesse semi-torpor da mais absoluta incompreensão antes de começar a rir.

- Filha da puta... - sussurrou.
- Dom! - *ah...* - Se ela é desagradável, você a ofende. Se ela é agradável, você a ofende também?

- Acho que a conversa que tivemos não foi exatamente como ela te disse, Gregory.

Esfreguei as têmporas.

Ótimo...

- Dom... Eu achei que vocês duas tinham conversado e se entendido. Até porque! - elevei a voz, sem querer - Para Eleanor admitir que estava errada, algo deve ter acontecido! Mas claramente você entendeu errado o que quer que ela tenha dito e...

- *Eu* entendi errado? - ela apontou para si mesma com um semblante de mágoa.

- Não estou defendendo nem ofendendo ninguém. - levantei as mãos, rendido, antes que ela ficasse com raiva - Mas eu estou cansado dessa coisa entre vocês, Dom! Estou cansado de discutir com você e cansado de discutir com ela! Vocês duas são minha família e são igualmente importantes para mim! Mas nenhuma das duas parece se importar com isso. Vocês só me puxam como um cabo de guerra e ficam assistindo eu me partir. Não é justo!

- *Não é justo?* Não é justo? Vou te dizer o que não é justo, Holt! Não é justo uma pessoa ser julgada pelo berço! Não é justo uma pessoa ser considerada inferior a outra por ter lutado a vida inteira por algo que os outros conseguiram de mãos beijadas. Para a sua avó maldita eu seria melhor se tivesse vivido uma vida de vagabunda rica que não precisa trabalhar. Meu esforço vale *menos* para ela.

Eu já tinha perdido a conta de quantas vezes ouvi aquele discurso.

Dominique tinha um passado dolorido em alguns pontos que Eleanor tinha aprendido a apertar. Todo o esforço da sua vida era algo que ela se orgulhava profundamente mas, ao mesmo tempo, parecia constituir uma de suas maiores mágoas. Era como se ela estivesse sempre dizendo "*Está vendo? Eu sou forte. Não preciso de ninguém.*" Mas isso doía porque ela tinha aprendido a ser forte *porque* não tinha ninguém.

- Você realmente insistiu que eu ignorasse um problema urgente no trabalho só para falar mal da minha avó?

- Insisti que você ficasse porque queria te explicar! Queria que você entendesse que ela é um monstro e que eu preciso de você! Preciso que fique do meu lado.

Era admirável que ela tivesse feito o melhor que pode com sua solidão. Mas sua solidão era uma ferida que nunca parecia parar de sangrar. E, sinceramente, eu estava cansado de fazer o curativo. Não podia passar o resto da vida provando para Dominique que ela não estava sozinha. Ela precisava aprender isso de uma vez para que a gente pudesse seguir em frente.

- Chega.

- Você disse que ia me ouvir e agora diz "chega"?

- Ia ouvir se você fosse dizer algo importante! Mas estou sem paciência para sua briga com minha avó, Dom. Eu estou aqui para você, como sempre estive desde que ficamos juntos. Mas não sei mais de quantas formas posso te dizer isso. E toda semana, Dominique! Toda semana é uma confusão diferente por causa de Eleanor!

- E a culpa é *minha*?

- Não tem culpa! Mas vocês são duas teimosas que não sabem ceder. Eu sei que você tem feito muito por esse relacionamento, mas, sinceramente, não precisa! Não precisa fazer mais nada! Eu cedo em tudo a partir de agora, está bem? Faça o que você quiser, como quiser. Só faz uma coisa por mim! Só uma coisa minúscula: se entenda com Eleanor. Ou a aceite. Não me importa. Conversem e resolvam. Mas me deixem fora disso.

Seu lábio inferior tremeu e ela me observou cheia de sofrimento. Minhas entranhas viraram creme e eu quis abraça-la e pedir desculpas antes que ela começasse a gritar.

Mas...

A coisa mais estranha aconteceu e...

Ela não gritou.

Apenas ficou em silêncio me observando. Tentando impedir que o lábio inferior tremesse e sem sucesso. Ela parecia querer chorar o que piorou tudo e só me deu vontade de abraça-la mais ainda.

Mas eu tinha que me manter firme. Se quisesse preservar o que sobrava da minha família, eu precisava me impor com Dom assim como me impus com Eleanor. Minha avó parecia finalmente ter entendido, agora, eu precisa concentrar minhas forças na minha mulher. Fazê-la entender que não era uma competição. Eu a amava mais do que qualquer coisa, mas isso era importante para mim.

Era realmente tão impossível de entender?

Fiquei ali parada repassando os últimos dias.

Seu lábio estava contraído e ele mantinha aqueles lindos e imensos olhos verdes fixos em mim. Aquilo era loucura.

Estreitei os olhos e passei a língua pelos lábios.

Desde o começo, eu não sabia exatamente como dizer aquilo e ficar sem palavras não era uma sensação que eu tinha o costume de experimentar.

Estou grávida, Gregory. Tem uma pequena criatura crescendo dentro do meu corpo que é metade eu e metade você. Estou assustada como o inferno e só preciso que você me abrace. Assuma

o controle porque, por mais que me enlouqueça admitir, sozinha eu me perco. Preciso de você.

É... era isso... Simples.

Era só isso que eu queria dizer.

Mas tive medo... Tive medo da parte da clínica de aborto. Da proposta nojenta que sua avó me fez. Tive medo daquele olhar... daquela descrença. Tive medo de que acontecesse exatamente aquilo: ele não ia aceitar.

Eleanor era sua família. Ele era o neto favorito, o que tinha sido mimado e idolatrado. E agora eu precisava competir com isso.

Já sabe o que acontece em situações assim, não sabe, Dom? Você fica sozinha, garota. É isso que acontece. É isso que sempre acontece.

Respirei fundo e sorri. Era um sorriso de desespero, mas acho que algo na minha expressão foi revelador demais.

- Ora, o que foi, Thoen? - ele estava nervoso - Diga de uma vez, mulher!

Respirei fundo.

É, Greg... Chegou a hora...

- Nada. - minha voz mal saiu. Eu não podia chorar agora. - Vá resolver seu problema urgente. Eu e meus problemas irritantes ainda vamos estar aqui quando você voltar.

Travei a mandíbula e fiz o impossível para não chorar.

Minha vida tinha se transformado em uma montanha-russa bizarra e surreal.

Vai ter que escolher entre ficar com o senhor Holt ou proteger a sua vida e do seu filho. É uma escolha horrível. Mas temo que a senhorita só pode ter um dos dois.

Eu nunca quis fazer uma escolha assim.

Nunca imaginei que precisaria.

E se precisasse, nunca achei que conseguiria.

Mas ali estava eu.

Holt virou-se para a porta ainda irritado.

- Tudo bem. - ele parecia exausto e derrotado. Imaginei que eu não deveria ter uma expressão muito diferente. - Te vejo de noite.

Fiz que sim com a cabeça.

Se você for embora, seu filho vive. Se você ganha ou perde não importa mais, Dom. Agora, é a vez dele.

Assisti Holt se afastar. Ouvia meu coração batendo e sentia as vibrações no meu corpo inteiro. Era possível que eu nunca mais o visse. Nunca mais na minha vida.

Algum desespero irracional se apoderou do meu corpo e eu corri até ele. Puxei seu corpo para mim e o beijei. Com força e urgência. Greg devolveu o carinho e eu mantive minha boca na dele enquanto ele dizia:

- Dom, não quero brigar. Só estou cansado dessa mesma discussão.

- Eu sei. - beijei seus lábios mais uma vez. Fechei os olhos. Memorizando gosto e textura.

Nunca nada seria a mesma coisa.

Nunca.

Nada.

Beijou minha bochecha devagar e sorriu sem jeito antes de andar até o carro.

Não importa se eu ganho ou perco. Isso ia ser uma filosofia de vida nova para mim. O oposto absoluto de tudo que eu já vivi. Mas Thierry estava certo. Não importava mais. Eu podia perder. Meu filho era quem precisava ter a chance de jogar.

Mordi o lábio e senti as lágrimas começarem a descer.

Parabéns, Eleanor.

Eu desisto.

Você venceu.

Boe atendeu o telefone no primeiro toque.

- Vou fazer como você disse. - falei de uma vez, antes que mudasse de ideia.

- É uma boa notícia, senhorita.

- Como fazemos isso?

- Eu posso passar para pegar a senhorita daqui a uma hora. Vai ter que sair da cidade. Posso levá-la até o aeroporto. Tem algum lugar para onde possa ir?

Eu não tinha pensado nessa parte.

Não tinha pensado em nada, na verdade. Só estava deixando um piloto automático etéreo e deprimente me guiar para onde quer que fosse.

- Senhorita Dominique? - eu devia ter ficado em silêncio por tempo demais - Qual é o plano?

Qual era o plano?

Aquela frase parece ter atingido o interruptor e eu acordei. Precisei respirar fundo para não ceder ao pânico.

Eu ia precisar de dinheiro.

Ia precisar de um emprego.

Não podia contar com minha mãe...

Quem eu conhecia? Quem no mundo poderia me ajudar a sair dessa situação? Quem não faria perguntas? Quem simplesmente me ajudaria?

- Eu tenho um lugar. - respondi - Vou resolver tudo antes de você chegar. Só me deixe no aeroporto.

- Tudo bem. Vejo a senhorita em uma hora.

- Boe! - chamei antes que ele desligasse.

- Sim?

- O que vai... O que vai dizer? Para ela?

- Não se preocupe, senhorita. Ninguém vai atrás de você. Vou me certificar disso.

- E... E Greg?

- Não se despeça, senhorita Dom. Não se despeça de ninguém. Não deixe uma carta, não mande mensagem, não ligue. Apenas me espere!

Expirei longamente assim que ele desligou.

Minha mão tremia quando mandei o celular ligar para o outro número.

- *Thoen?*

- Stow! – suspirei, quando meu velho amigo e cliente atendeu - Sou eu.

- *Algum problema?*

- Sim. - eu quis rir da minha desgraça inacreditável - Um problema bem grande. Sabe que eu detesto pedir isso, mas vou

precisar de um favor seu.

Eu podia ouvi-lo rindo.

- *Imagino que deteste, mesmo! Mas claro! O que você precisa?*

- Vai ser um favor imenso, Oliver.

- *Sem problemas. Eu acho que te devo um ou dois favores desse tipo, não é?*

- E vou precisar que não faça perguntas e nem fale sobre isso para ninguém. Pode fazer isso?

- *Bem... minha noiva está aqui do lado e já ouviu algumas coisas, mas ela é discreta e também te deve um ou dois favores imensos, então pode ficar tranquila. O que houve?*

- Prefiro explicar pessoalmente.

- *Pessoalmente?*

- É... Pode me encontrar no aeroporto daqui a algumas horas?

- *Ahm... Posso, claro. Dom, você está bem?*

- Não exatamente, mas eu explico quando chegar. Vou te passar todas as informações do voo por mensagem, assim que resolver tudo.

- Tudo bem. Eu espero.

Eu sei que quando Boe disse para não me despedir de ninguém ele não estava se referindo a Max. Mas eu não me despedi ainda assim. Fiz minhas malas em um frenesi mudo e lacrimoso. Tinha feito minha decisão e ia acabar com aquilo de uma vez.

O carro que parou na minha porta não era a limusine que Boe sempre dirigia, mas um carro comum e eu imaginei que fosse o carro dele.

Fugida e sem levantar suspeitas... minha vida agora ia ser assim, não ia?

Limpei as lágrimas e coloquei os ombros para trás.

Vai doer por um tempo, Dom. Mas vai passar. Você sabe ficar sozinha.

Sabe muito bem.

- E então?

Enfiei as mãos nos bolsos. Era engraçado como eu sempre achei que era um péssimo mentiroso. Mas ali, encarando a senhora Eleanor, eu tive certeza que mentiria como nunca na minha vida. Pela primeira vez, eu ia mentir por algo que eu realmente defendia e achava ser o certo.

- Está resolvido, como a senhora queria.

- Ela foi para o hospital?

- Não... Trinta gotas foram... *demais*.

- Entendo. E o corpo? - ela nem hesitava. Abria e fechava a boca com descaso, como se fosse de um animal que ela estivesse falando.

- Resolvido também.

- Ótimo, Boe! Você é excelente, como sempre! - sorriu, cheia de maldade - E qual a história que vamos contar?

Soltei os ombros, tentando parecer relaxado e comecei a listar.

- Arrumei as malas dela e me liberei das coisas. Fiz umas ligações do celular dela para a cidade natal dela e comprei uma passagem só de ida para lá. Também resolvi as coisas no banco dela.

- Perfeito! Vou resolver as coisas com o meu banco e com Conaughy. Traga o carro, Boe. Quero resolver isso tudo agora mesmo. E depois vamos encontrar Gregory. Conversarei com ele hoje mesmo. Amanhã, quero que isso tudo seja passado.

- Dom!

Oliver Stow levantou um braço e eu o encontrei.

- Oliver, obrigada. - murmurei.

- Por te pegar no aeroporto? - riu - Dom, você já fez coisas muito mais complicadas por mim. - eu não sorri e ele parou de brincar - Foi sério mesmo, não é?

- Preciso ficar por aqui um dia ou dois e isso não é nem o começo de todos os favores que eu preciso. - avisei.

- Tudo bem. Eu lido bem com coisas *complicadas* e *inusitadas*. - apertou meu ombro amigavelmente, fazendo uma referência descontraída a um dos casos em que atuei com sua

advogada. Stow trabalhava para uma das maiores empresas pornográficas do planeta e era o único cliente que eu já tive que me enfiava em causas criminais com direito a tráfico de seres humanos e asfixia erótica.

- E não vou poder te explicar porque estou fazendo nada disso.

- Tudo bem. Eu lido bem com situações que exigem *discrição* também. - piscou um olho brincalhão - Vem, vamos te levar lá pra casa. A mansão tem muita gente, lá é mais discreto.

Pegou o carrinho com minhas malas e o empurrou para o estacionamento.

Havia uma voz bem no fundo da minha consciência que me perguntava se eu tinha certeza do que eu estava fazendo, mas a resposta era sempre a mesma: não, eu não tinha a mínima certeza.

Tudo que eu podia fazer era lembrar dois fatos inquestionáveis: Eleanor queria me matar e eu tinha que proteger o meu filho.

Esse pensamento simples era a única coisa que me mantinha flutuando... escapando da espiral de loucura e desespero que me aguardava que se eu começasse a filosofar sobre a complexidade da minha situação.

Oliver pediu que eu sentasse e trouxe uma garrafa de vinho para a sala.

- Aqui. - levantou a garrafa no ar - Seja lá qual for a história que você vai contar, algo me diz que vai precisar disso.

- Não é exatamente uma história. - aceitei a taça que ele serviu - É mais uma lista de favores.

- Tudo bem, Thoen! - sorriu, simpático - Faça sua lista.

- Vou precisar sumir por um tempo, Oliver. - deslizei o dedo pela borda da taça enquanto tentava organizar meus pensamentos.

- Pode ficar aqui pelo tempo que quiser, Dom.

- Não... Não posso ficar aqui. Tenho que ir para outro lugar. Sair do país.

Oliver piscou os olhos em um misto de admiração e incredulidade.

- Está fugindo da polícia, Thoen?

- Não. - dessa vez eu tive que rir - Achei que já nós conhecíamos há tempo o suficiente para você saber que é a polícia que foge de mim.

- Verdade. - levantou a taça em um brinde de concordância - Tem algum país em mente?

- Eu falo francês bem. - levantei um ombro - E italiano.

- Capital ou interior?

Mordi o lábio.

Se eu tivesse que me mudar para uma cidade pequena, iria morrer. Sempre fui urbana. *Muito* urbana. Mas talvez um lugar pequeno fosse melhor diante das circunstâncias.

- Se você tivesse que se esconder para onde iria?

Ele balançou a cabeça uma vez, concordando em dar sua sugestão.

- Acho que depende do meu motivo. Se eu só quisesse me esconder do mundo, um lugar pequeno e escondido no meio do nada seria melhor. Mas se eu estivesse *fugindo*, de forma contínua... se eu tivesse que *continuar a fugir*. Cidades grandes são melhores.

- Por quê?

- É mais fácil passar despercebido entre milhões de pessoas do que entre centenas. E se você for encontrado e tiver que ir embora, de novo, uma cidade grande oferece mais opções. Tem certeza que não está fugindo da polícia? Porque se estiver e for me usar como cúmplice, eu vou querer ligar pra minha advogada. - brincou - Ela é a melhor.

- Não vou mais poder te representar, Oliver.

- Como assim? - ele riu e me fez ter certeza que pensava que eu estava brincando.

- Fui demitida. - expliquei - E não vou poder voltar, então vai ter que procurar outra advogada.

- Quanto tempo vai passar fora?

- Não sei. - era verdade, mas minha voz mal saiu e ele respirou fundo.

- Eleanor Baxter está te fazendo fugir do país, Dom? - compreendeu.

O sorriso escapou quando eu expirei baixinho.

- Prefiro não confirmar nem negar.

- Vai precisar mudar de nome. - bebeu um gole do seu vinho

- Vou conseguir documentos novos pra você.

- Não quero acabar presa, Oliver. Posso usar os meus, sem problemas.

- Não, não pode. Você é nova nisso, garota. Confie em mim.

- Ai minha nossa. - esfreguei as têmporas - Não quero ouvir os detalhes da sua ilegalidade, Stow.

- E quem falou em ilegalidade? Eu conheço um juiz que tem gostos sexuais muito peculiares. - deu de ombros - Ele assina uma sentença te autorizando a mudar de nome e a gente faz outros documentos para você. *Oficialmente*. Tudo dentro da mais perfeita legalidade. E qual país será?

- Não sei. O que você recomenda?

Ele espremeu os olhos de um jeito preocupado e eu vi sua expressão mudar.

- Você não parece ter pensado em nada disso direito, Dom.

- Tudo aconteceu rápido demais.

- Tem certeza que não quer pensar mais um tempo? Pode ficar aqui, se quiser. Ou... Por que não fica um tempo com sua mãe?

- Minha mãe? - eu tive que rir. Estava aí uma pessoa no mundo que não teria nem uma gota de solidariedade por mim - Não, obrigada. E eu nem mesmo sei onde ela está. Perdemos o contato completamente.

- Posso encontrá-la pra você. Conheço uma pessoa que pode encontrar qualquer um.

- Você conhece *pessoas* demais, Stow. Mas não... não acho que minha mãe seja uma boa opção. E você está certo, não tive tempo pra pensar em como vou fazer isso, mas estou decidida a fazer isso de fato. Só preciso... só preciso descobrir o *como*.

Eu não queria conversar sobre sentimentos e pelo que eu conhecia de Oliver, ele também não.

- Veneza! - exclamou, de repente.

- Veneza?

- É! A cidade é um verdadeiro labirinto. É o lugar perfeito para se esconder. Eu li uma entrevista de Eleanor Baxter em uma

revista uma vez e, aparentemente, ela odeia a Itália. Especialmente Veneza. Ou seja, é o tipo de lugar em que você não vai encontrar com ela por acidente.

- Parece perfeito!

- Conheço umas pessoas por lá. Consigo uma casa até você se organizar em um lugar seu. Vai precisar de um plano de fuga, por segurança... Caso precise ir para outro lugar. Pode ser Paris?

- Pode, mas... *plano de fuga?*

- É... caso Veneza não te sirva mais por algum motivo. Vou deixar tudo pronto pra você em Paris, também. Te dou um número de telefone e, caso você precise, é só ligar pra esse cara e ele te consegue um lugar seguro em Paris até você se organizar de novo. Tudo bem?

- Tudo. Oliver... - respirei fundo - Obrigada.

- De nada, Dom. É interessante salvar a sua pele pra variar. - brincou e eu sorri.

- Oliver... tem outra coisa.

- O que foi?

Essa parte ia doer.

- Preciso de um emprego.

- Quer um escritório jurídico em Veneza?

- Não! Não acho que seria uma boa ideia. E... - essa parte ia doer *muito* - Não ia poder usar meu diploma.

- Ah, claro... - ele coçou a cabeça - Temos uma filial da empresa por lá, Dom. Mas... não seria um emprego excelente. E o salário não é nem perto do que você está acostumada a receber.

- Sem problemas. - engoli a seco - Obrigada, Oliver.

- Faço as ligações pela manhã. Acho que você vai precisar ficar aqui durante a semana... até organizarmos seus documentos.

- Tudo bem. Não sei como te agradecer.

- Ei! Se eu me meter em confusão com a polícia de novo, te mando meu processo e você aconselha meu novo advogado?

- Com certeza.

- Então está tudo certo!

Eu amava Dominique tanto que nosso relacionamento funcionava de um jeito que até brigar era bom. Tinha a perspectiva de fazer as pazes com um adorável sexo furioso, claro... Mas não era só isso: eu preferia brigar com ela do que ter uma conversa normal com qualquer outra pessoa. Até nossas discussões eram gostosas.

Não todas as discussões, no entanto.

Era legal brigar quando discordávamos sobre qual banda tocava certa música. Ou para escolher o filme. Porque eu esquecia de lavar os pratos ou porque ela prometia que ia se comportar em um determinado evento.

Mas essas brigas *de verdade* eram horríveis.

Odiava a ideia de que ela estaria triste ou magoada. Odiava mais ainda a ideia de que ela poderia estar assim por culpa minha.

Cancelei o último compromisso do dia e corri pra casa. Queria que ela estivesse carente como no dia anterior. Que pedisse para que eu a abraçasse e beijasse. Esquecer essa discussão imbecil e seguir nossas vidas. Planejava pedi-la em casamento dali a duas semanas, era melhor começar a colocar esse plano de volta nos trilhos.

A casa estava escura quando passei pela porta. Achei que ela não tinha ido trabalhar, mas talvez só tivesse saído mais tarde. Tomei banho pensando em qual tipo de surpresa eu poderia preparar... talvez organizar um jantar? Ou colocar um filme que ela gostasse... fazer pipoca...

Alguma coisa que dissesse em alto e bom som "*Eu te amo. Não quero brigar. Vamos esquecer isso?*" Claro que, conhecendo Dominique, ela me faria dizer as palavras, independente de qualquer coisa. Mas seria bom ter uma *ação* preparada para quebrar o gelo.

Enxuguei o cabelo e enrolei a toalha na cintura. Andei pelo quarto até o guarda-roupa para pegar uma roupa limpa e tudo teria sido perfeitamente normal se algo estranho não tivesse...

A penteadeira...

Na lateral do quarto... a mesinha comprida com as joias, bijuterias e maquiagens de Dom...

A penteadeira estava vazia.

Estranho.

Abri uma ou duas gavetas e elas estavam vazias.

Muito estranho.

Minha cabeça estava considerando a possibilidade de termos sido roubados. Dom tinha boas joias. Algumas excelentes. E eu não entendo muito de maquiagem, mas a única vez que fui comprar algo para ela achei que a vendedora estava tentando me enganar. Aquelas coisas eram caras.

Mas o resto do meu corpo seguiu para o guarda-roupa sem que eu pensasse muito sobre o que estava fazendo. Abri uma das portas do lado de Dom perdido em uma sensação estranha de que algo estava errado.

Eu me lembraria daquele momento pelo resto da minha vida.

O armário vazio.

Não completamente. Algumas peças tinham sido deixadas para trás, mas a grande maioria das coisas que deveriam estar ali, sumiram. E eu desejei que tivéssemos sido roubados.

Desejei aquilo como nunca tinha desejado nada até então.

Que alguém tivesse nos roubado e levado todas aquelas coisas.

Dominique morreria de raiva, mas eu a abraçaria, chamaríamos a polícia e eu lhe compraria roupas novas pela manhã.

Por favor, que tenha sido isso.

A alternativa era impensável.

Peguei meu celular em cima da cama e digitei o primeiro número da minha discagem rápida.

A ligação para o celular de Dom caiu direto na caixa de mensagem.

Celular desligado. Olhei para o relógio. Era tarde para audiências, não era isso... Talvez ela tivesse esquecido de ligar o telefone de volta. Já aconteceu algumas vezes. Apertei no botão da agenda telefônica e liguei para o escritório.

- Conaughy, Lawrence e Polt. - a secretária atendeu com um tom formal e educado.

- Tessa? É o Gregory... Holt. Tudo bem?

- Olá, senhor Holt. Posso ajudá-lo?

- Sim, eu queria falar com Dominique. Ela ainda está por aí? Ou já saiu?

- Dominique? - ela soou confusa de um jeito horrível - Senhor Holt, ahm... a senhorita Thoen não trabalha mais aqui.

Não havia palavra no dicionário para descrever o meu desconforto. O que diabos estava acontecendo?

- *Não trabalha mais...* Tessa, você pode transferir a ligação para Andrew Conaughy, por favor?

Ela concordou e a música de espera tocou por segundos infinitos antes que eu ouvisse a voz de Andrew do outro lado.

- Greg! Como vai?

- Andrew, por que Tessa me disse que Dominique não trabalha mais aí?

- Ora, Greg... - tinha uma obviedade desconcertante em seu tom de voz - Ela se demitiu hoje.

- *Ela se demitiu?*

- É. Também achei estranho! Fiz umas oito propostas diferentes para convence-la a ficar. Ela é nossa melhor advogada, você sabe.

- Mas o que ela disse?

- Ela me disse que não era uma questão de dinheiro. Eu imaginei que ela tivesse recebido alguma oferta em outro lugar, por isso comecei a *jogar dinheiro* em cima dela, mas parece que não era isso, realmente. Aí imaginei que vocês dois fossem tirar umas férias prolongadas ou que ela fosse trabalhar na Baxter, não sei... Ela não falou nada com você?

Eu não conseguiria responder.

- Você sabe onde ela está, Andrew? Que horas ela... que horas vocês conversaram?

- Pela manhã, Greg. Já faz bastante tempo. Não sei onde ela está.

- Tudo bem. Vou... acho que ela está com a vizinha. Elas são amigas e... Vou desligar. Obrigado, Andrew.

- Disponha, Greg. Se descobrir o que houve, me avise, sim? Fiquei preocupado. E diga a Dom que se ela mudar de ideia, estamos esperando por ela.

Desci as escadas dois degraus de cada vez e só notei que ainda estava sem camisa quando cheguei na porta de casa, mas não me importei. Atravessei o gramado mesmo assim e toquei a campainha da casa de Andy.

- Oi Greg. - ela abriu a porta, descontraída.

- Ela está aqui?

- Han? Quem?

- Dominique. Dominique está aqui?

Ela piscou os olhos, confusa.

- Não. Ela disse que estaria?

- Não. Estou procurando por ela.

- *Você a perdeu?* - riu e eu lhe dei um olhar sério por resposta
- Vocês brigaram?

- Não. - levei as mãos a cabeça - Quer dizer... sim. Mas foi uma bobagem e agora não sei onde ela está.

- Gregory, ainda é cedo. - ela devia estar achando graça do meu desespero. Que bom para ela... - Aquela viciada em trabalho deve estar destruindo a vida de alguém. Daqui a pouco ela aparece.

- Ela se demitiu. - expliquei pausadamente.

- Recebeu uma oferta de emprego em um lugar melhor?

- Não que ela tenha me dito. E o Conaughy disse que ofereceu um bocado de dinheiro para ela.

- E ainda assim ela se demitiu?

- Andrea! Você acha que eu estaria do lado de fora de casa, sem camisa, desesperado, conversando com você se fosse uma besteira? Eu não sei onde Dominique está! - eu acho que estava gritando - Ela se demitiu sem conversar nada comigo. Seu celular está desligado, ela não está no escritório, não está aqui com você e o guarda-roupas dela está vazio.

- Ela não foi embora, se é isso que você está pensando! - sua voz era nervosa e esganiçada. Não senti nenhuma confiança em suas palavras. - Ela não se despediu.

- Andy... isso não prova nada.

- Prova sim! Ela se despediu da última vez. Quando ela fugiu feito uma maluca. Se despediu de todo mundo. Ela não iria embora sem se despedir.

- Dominique faz o que ela quer. Quando você vai aprender isso?

Ela saiu correndo pela porta e atravessou a rua.

- Andrea? - gritei.

- Venha até aqui. - me chamou. Ela estava batendo na porta de Thierry.

Rick abriu a porta e observou a cena, assustado.

- Oi, ahm... o que houve? - tinha os olhos espremidos e confusos.

- Você viu Dominique, hoje?

- Não. Por quê?

- Porque a gente não sabe onde ela está. Thierry!

Ele se aproximou da porta, apoiando-se na bengala. Rick o ajudou a vir até a porta.

- Vocês querem entrar? - ele convidou.

- Não, Thierry, obrigada. - Andy tomou minha frente - Você viu Dominique? Ninguém sabe onde ela está.

- Dominique? - eu não o conhecia muito bem, mas pude jurar que vi algo no seu olhar - Não... quer dizer... só mais cedo quando ela pegou o táxi.

- Táxi? - agora era eu quem tomava a frente de Andy.

- É! Eu estava sentado na varanda, podando meus bonsais e vi quando ela entrou em um táxi. Cheia de malas. Achei que vocês dois iam viajar ou algo assim.

Tentei engolir em seco, mas minha garganta estava fechada.

Andrea estava gritando algo atrás de mim enquanto Rick tentava acalmá-la, mas eu apenas voltei para dentro de casa. Para o meu celular. Ela ia ligar, não ia? Ia me dar algum tipo de explicação.

Talvez ela tivesse descoberto que sua mãe tinha ficado doente, uma viagem de urgência explicaria isso. Talvez estivesse querendo me dar um susto e fazer birra depois da nossa discussão.

Pronto, Dom. Já estou assustado. Foi horrível. Pode voltar, agora.

Mandei cinco mensagens diferentes para ela. Email e notificações por redes sociais. Uma hora ela iria responder, não era?

Vesti uma camisa e sentei no sofá.

Eu ia matar Dominique.

Foi ruim o suficiente quando ela fez isso comigo uma vez. Mas duas? Não é assim que se resolve problemas, Thoen. Achei que era você quem defendia isso: ficar e resolver. E não virar as costas e fugir.

Ela abandona antes de ser abandonada.

Eu entendia isso. Mas por que diabos ela achou que eu ia abandona-la?

A campainha tocou me arrancando dos meus pensamentos.

Eu não tinha paciência para Andy, agora. E não podia ser Dom. Ela tinha a chave.

Andy pode ter descoberto onde ela está.

Ah, merda.

Levantei e fui até a porta gritando um "já vai" irritado.

Mas não era Andy. Nem nenhum dos vizinhos. Nem Dom.

- Eleanor?

- Gregory! Precisamos conversar.

- Eleanor... - sacudi a cabeça - Agora não é um bom momento.

- É sobre Dominique, Gregory. Acho que agora é o melhor momento.

- Eleanor! Eu não estou com paciência para muita coisa agora. - avisei, assim que ela se sentou - O que houve com Dominique?

- Ela foi embora.

- Embora? Pra onde? - olhei para os lados, irritado - E por que você sabe disso e eu não?

- Porque fui eu quem conversou com ela.

- Eleanor! - levantei um indicador colérico - Se você fez Dominique ir embora, eu...

- Acalme-se, Gregory! Eu não fiz nada! Eu apenas testei a moça.

- *Testou a moça?* Eleanor, você tem um minuto pra me contar essa história toda ou eu te chuto pra fora dessa casa. Isso é uma

promessa. - eu mal reconhecia minha voz. Era um rosnado baixo e surdo de ódio.

- Eu sempre achei que ela queria te enganar... que estava com você por dinheiro. Então, resolvi testa-la. Ofereci alguns milhões para que ela fosse embora.

- FEZ O QUÊ? - eu estava ficando cego de raiva. Perdendo o controle do meu corpo...

- Mas ela disse que não! - acrescentou rapidamente - Rasgou meu cheque ao meio e eu pensei "Estava errada. A garota é decente". Por isso fui conversar com você. Imaginei que tinha julgado mal a menina. Resolvi lhe dar uma segunda chance.

Eu estava conseguindo respirar.

Certo...

Aquilo fazia sentido.

Era isso que Dominique queria me dizer? Conversar sobre a oferta absurda de minha avó? Ela não sabia que era um teste. Não sabia que *tinha passado*. Não sabia da nova postura de Eleanor.

- Mas então, eu descobri uma coisa.

- Descobriu o quê? - não sei em que momento eu tinha sentado, mas acho que minhas pernas estavam falhando.

- Descobri que ela estava grávida.

Não há como descrever.

É como se meu corpo inteiro estivesse queimando e congelando ao mesmo tempo. Meu coração disparou, subindo até a garganta. Uma vontade incontrolável de rir e chorar.

Grávida?

Eu precisava trazer ela de volta para casa hoje mesmo. Chega dessa loucura.

Dom, por favor, chega.

- Grávida? - minha voz mal saía. Aquilo estava errado. Não era Eleanor quem deveria me contar isso. Era Dom. Ou um médico. Eu devia estar lá. Queria beija-la, abraça-la e gritar. Gritar a noite toda. O dia todo. A semana toda.

Grávida.

E aí uma palavra... uma única palavra.

Eleanor tinha um olhar sombrio quando disse:

- *Estava, Gregory, estava.* Descobri tarde demais. Fiquei sabendo que ela marcou uma consulta em uma clínica de aborto e fui confrontá-la. Ela não negou. E hoje de tarde, ela sacou o cheque. Deve ter unido as partes que rasgou, eu não sei... Você pode olhar o extrato da Baxter, se quiser. Vai ver o saque de cinco milhões feito hoje a tarde.

- Não. - era um sussurro - Não. - repeti, dessa vez, mais forte
- Ela não faria isso.

- Posso te mostrar o registro da clínica. O horário que ela marcou. Pode falar com o médico, se quiser.

Levantei do sofá.

Eu ia vomitar.

Ia vomitar ali mesmo.

Não.

Não. Não.

Não era verdade.

Dom... não, por favor...

- Eu não acredito. - eu mal conseguia respirar - Não acredito.

- Eu sei que parece estranho. Quero dizer... que ela estivesse fazendo tudo isso aqui ao seu lado, sem que você percebesse e...

Ela ainda estava falando. Mas meu raciocínio se prendeu em suas palavras.

Sem que você percebesse.

A estranheza dos últimos dias. Será que ela tinha descoberto que estava grávida? Estava tomando essa decisão e escondendo tudo de mim?

Estou carente.

Será que ela tinha feito o aborto naquele dia?

Tenho uma consulta médica.

Ela não queria que eu fosse.

Sentei no chão.

Não conseguia mais andar ou pensar. Doía tudo.

Eu a amava... Amava *tanto*.

O que ela sentia por mim... Não podia ser mentira.

Podia?

Enfiei meu rosto nas mãos e senti alguém ao meu lado. Eleanor sentou-se no chão perto de mim e ver aquela mulher idosa e elegante jogada no chão da minha sala fez com que a gravidade da minha situação me atingisse de uma vez só.

Era verdade.

Ela engravidou do meu filho.

Ela abortou.

Ela aceitou dinheiro para me abandonar.

Ela foi embora.

Será que era isso que ela queria me contar? Será que estava tentando se despedir?

Lembrei do último beijo que ela me deu, já na porta. Ela estava se despedindo. Era isso.

Andy estava certa: ela não iria embora sem se despedir. E ela se despediu.

Eu não saberia dizer se era o medo de ser abandonada, o medo de ser uma mãe horrível tomando a sua como exemplo, ou se ela realmente nunca me amou. Seja como for, era verdade. Ela tinha ido embora. Mas não sem antes arrancar o meu coração e leva-lo junto.

Fiquei ali no chão da minha sala. Entre um choro e um transe da mais absoluta tristeza que eu já senti na vida.

Ia pedi-la em casamento em duas semanas. Mudei de emprego para cuidar da nossa família.

E agora eu não tinha mais nada.

Acabou. Acabou tudo.

Nada importava mais.

Eu ia sofrer pelo resto da minha vida.

Capítulo 5

Estava calor lá fora. A brisa gelada do ar condicionado escapava pela fresta da porta da varanda que nós esquecemos de fechar quando entramos no quarto, entre beijos e abraços, loucos de paixão. Correndo para nos livrar das peças de roupa. Eu acordei primeiro e ainda estava sonolento assistindo Dominique respirar longamente naqueles últimos segundos de sono. Ela suspirou e suas pálpebras se apertaram. Eu desejei que ela continuasse dormindo. Desci os nós dos dedos pela suas costas nuas. Podia observá-la ali o dia inteiro, a luz batendo nas curvas do seu corpo que entrava e saía dos lençóis.

- Detesto quando você faz isso. - empurrou meu rosto para longe e eu segurei sua mão.

- Bom dia pra você também, amor.

- Detesto quando você me assiste dormir. É estranho, Holt. - reclamou, virando-se na cama. Puxei ela para os meus braços e beijei sua boca.

- Você detesta tudo.

- Não detesto você. - riu.

- Nossa! De verdade? - exagerei uma falsa surpresa.

- Às vezes. - me beliscou. O som da sua risada acariciava meus ouvidos, esquentando meu corpo inteiro.

Enfiei os dedos pelos seus cabelos.

- Eu te amo tanto. - sussurrei. - *Tanto*.

Ela apenas sorriu. Meu celular tocou e eu resmunguei.

Atendi e Rose me explicou todos os problemas que eu teria que resolver.

Mas...

- Não, Rose. Eu não estou em casa. Estou viajando com Dom. Estamos no México.

Ela continuou falando e eu vi Dom ficar muito séria. Estava com raiva porque eu estava trabalhando nas nossas férias.

- Desculpa, amor! Pode ser urgente.

Seu rosto estava contraído de tristeza.

- Vá resolver seu problema urgente. Eu e meus problemas irritantes ainda vamos estar aqui quando você voltar.

É mentira.

Ela está mentindo.

Ela vai embora.

É uma despedida.

Dom se levantou da cama e eu percebi que ela já estava vestida. Um vestido branco e leve de verão.

- Não. Amor! Eu desligo! Olha, eu desligo. - desliguei o telefone, mas ela já estava na porta do quarto com as malas atrás de si. Corri atrás dela e empurrei a porta para impedir que ele passasse - Você não vai! - a voz saiu da minha boca como uma ordem. Cheia de cólera - Não vai sem me explicar porquê!

Ela gemeu alto de dor. As mãos apertando o ventre.

- Dom! - eu me afastei e vi as manchas vermelhas colando o tecido branco em suas coxas. Toquei suas pernas e senti o sangue úmido e viscoso que a encharcava - Não, Dom! Não! O que foi que você fez? - eu a segurava e não saberia dizer se era amor ou ódio o que eu sentia. Um misto absoluto dos dois. - Não, amor! Não! Por quê? - ela ainda estava de pé, me observando como se eu fosse a mais ridícula das criaturas. Eu estava de joelhos, encolhido aos seus pés. Sendo arrebatado por aquela avassaladora onda de tristeza mais uma vez - Me diz por quê? - implorei - Só me diz por quê? Por favor!

Abri os olhos.

Sentei na cama, esfregando meu rosto, expulsando o sonho.

O pesadelo.

O mais recorrente de todos os meus pesadelos.

Meu quarto estava escuro e eu acendi o abajur antes de levantar. Me mudei daquela casa maldita para a mais luxuosa cobertura que eu encontrei para vender dois dias depois que Dominique foi embora, mas ainda acordava no meio da noite achando que eu estava na minha velha casa. Andava pelo escuro procurando por mobília que não estava lá e me batendo em outras

que não deveriam existir até me lembrar que não estava mais no mesmo lugar. Esticava minha mão de noite pela cama vazia procurando o corpo dela até despertar e lembrar que...

Olhei para o relógio na minha cabeceira. Quatro horas da manhã.

É... Era hora de levantar. Não ia conseguir dormir muito mais do que isso.

Eu tinha me tornado o clichê completo: o presidente do conglomerado multibilionário que precisa de dois ou três tranquilizantes para conseguir dormir umas poucas horas medíocres cada noite, e que acorda para se entupir de cafeína e despejar acidez em todas as pessoas em uma tentativa de se livrar daquele rancor que lhe corrompe o coração e que nunca vai embora. Nunca.

Era óbvio que eu culpava Dominique. Culpava Dominique pela minha falta de sono. Culpava Dominique pela raiva que eu sentia todos os dias da hora que eu acordava a hora que ia dormir. Culpava Dominique por saber que eu não conseguiria mais ser feliz. Culpava Dominique por eu ter me tornado uma pessoa amarga e ríspida. Culpava Dominique por tudo.

Até pelo meu acidente médico há dois meses.

Se ela não tivesse ido embora teria me levado ao médico no mesmo segundo. Mas não... eu preferi esperar. E agora, ali estava eu me recuperando do que tinha parecido ser apenas um ardor e tinha se transformado em uma infertilidade temporária.

Eu tinha que apreciar a ironia: Dominique mata meu filho e vai embora. Eu tenho uma doença e não vou ao médico tão rápido quanto teria ido se ela estivesse comigo. Eu fico infértil e agora não posso mais ter filhos.

Ou pelo menos não antes de vários meses de tratamento é o que diz o meu médico.

Eleanor iria adorar ouvir essa história: o último herdeiro Baxter não pode se reproduzir. O fim da linhagem.

Mas era melhor não me preocupar com esse tipo de coisa agora. Principalmente, não hoje, no dia do meu casamento.

Lavei o rosto e encarei meu reflexo irritado.

Meu reflexo estava sempre irritado. Parecia que meus músculos faciais tinham desaprendido a sorrir.

Eu ia me casar dali a algumas horas.

Trazer para casa uma mulher com quem eu não me importava e fingir ama-la pelo resto da minha vida. Ia ser *muito* divertido.

- Você está magnífico, Gregory.

Não me virei. Apenas continuei a encarar o espelho e apertar o nó da gravata.

- Obrigado, Eleanor.

- Estou muito feliz por você, querido. - ela me puxou para um abraço e fingiu se emocionar. Por que ela precisava fazer aquilo? Eu me sentia como uma criança sendo elogiada por algum desenho estúpido de bonecos palito. - Fez uma ótima escolha e vocês dois serão ótimos juntos.

Eu duvidava seriamente.

Mas queria que ela me deixasse em paz e um casamento ia conseguir isso, ótimo.

- Pode ficar tranquila, senhora Baxter! - Derek riu, passando o braço pelos meus ombros. Eu preferia que ele não me tocasse. Eu não gostava que me tocassem - Não vou deixar ele fugir.

- Ah! Não me preocupo. Baxters não fogem. - piscou para o meu amigo com uma simpatia que não lhe caía bem. - Vou voltar lá pra fora. Só queria ver você solteiro uma última vez. - brincou.

Eu nem me dei o trabalho de sorrir. Acenei para ela e voltei a me concentrar na minha gravata. O reflexo no espelho descrevia perfeitamente bem como eu me sentia: uma casca. Meu corpo inteiro era uma casca vazia. Me levando para os lugares, tomando decisões, conversando com pessoas. Mas quase nada daquilo importava.

Se você assistir mais uma vez comigo eu me masturbo pra você assistir.

Merda.

Eu queria tirar Dominique da minha cabeça. Arrancar os tentáculos envenenados que aquela vadia usou para me amarrar nela.

- Para onde vão na lua de mel? - Derek quis saber.

- Não sei. Algum lugar que ela escolheu.

- Cara! - Derek deu dois tapas no meu ombro - A lua de mel é o único motivo pelo qual um homem deveria se casar! Dias de férias em algum paraíso isolado com sexo vinte e quatro horas por dia? Anime-se! Sua esposa é gostosinha e eu sei que as quietinhas são as piores.

Não era apenas meu padrinho, Derek era meu melhor amigo e estava apenas querendo me animar. Mas eu só queria que ele calasse a boca.

- Para onde você gostaria de ir, han? É o cara mais rico do mundo. Acho que ainda dá tempo de mudar os planos.

Taiti.

Um bangalô no Taiti só para mim e Dom. Duas semanas inteiras.

Você vai ficar molhada e de biquíni?

Eu não ia querer voltar para casa nunca mais.

- Qualquer lugar, Derek. Desde que esteja de volta no escritório na segunda.

- Ainda não consigo acreditar que você só vai passar três dias em lua de mel...

- Você sabe como essas negociações agora são importantes.

- Sei, mas... cara... você está se casando.

- E vou passar o resto da vida casado. Vai haver tempo para férias e viagens, mas não agora.

- Você quem sabe, eu só acho que...

- Olá, garotos.

Só precisei me mover um pouco para ver o reflexo de Meryll no espelho. Ela estava parada na porta atrás de nós.

- Olá Meryll! - Derek sorriu animado. Ele estava investindo na possibilidade de um relacionamento. *Boa sorte.*

- Oi Derek. Posso conversar um pouco com Greg a sós? Queria passar meus votos de felicidades.

- Claro, claro. - ele deu um tapa amigável no meu ombro mais uma vez e alargou ainda mais o sorriso para Meryll antes de sair e fechar a porta atrás de si.

- O que você está fazendo? - ela mal esperou a porta se fechar.

- Ahm... Nó da gravata?

- Gregory! Não achei que você fosse levar essa loucura adiante.

- Que loucura? - forcei uma risada.

- Elizabeth Saint-Michel? Sério? Ela vai fazer da sua vida um inferno.

Eu duvidava seriamente que alguém conseguisse me deixar mais infeliz do que eu já era.

- Merryl, não vai me fazer mudar de opinião.

- Você só está fazendo isso para se vingar dela, não é?

- "*Dela*" quem?

Mas eu sabia. Sabia exatamente. E mesmo que Merryl estivesse se referindo a outra mulher, o nome dela ainda viria a minha mente primeiro.

- Você sabe quem! - me puxou pelo paletó para que ficasse de frente para ela - Dominique detestava Elizabeth e você está se casando com ela por vingança. Quer fazer Dominique sofrer.

- Me corrija se eu estiver errado, mas Dominique não foi convidada para o casamento.

- Claro! Porque apenas convidados sabem que você vai casar.

- cuspiu sarcástica - Isso está na mídia inteira, Gregory! É claro que Dominique sabe! Sinceramente? Eu achava que você estava fazendo isso só pra chamar a atenção dela. Fazê-la ficar com raiva e vir até aqui gritar com você, porque assim, pelo menos, você poderia se despedir. Ou resolver tudo! Não sei! Só por isso não me meti e deixei você continuar essa insanidade. Mas agora chega! Você não ama aquela mulher!

- Que diferença faz?

- Greg. - ela alisou meus braços com um carinho fraternal - Só porque não deu certo com Dominique, não significa que não vai dar certo com ninguém. Você ainda pode se apaixonar de novo. Você é jovem, simpático, inteligente, talentoso! Não faz nem um ano que ela foi embora, Greg, e você já está se casando.

Sete meses e duas semanas, para ser exato.

- Você precisa viver um pouco, Greg! Dê a si mesmo a chance de tentar de novo. Casar por amor, sabe? - ela tinha um sorriso de incentivo que eu odiei.

Segurei seus braços retribuindo o carinho e olhei fundo nos seus olhos quando disse:

- Você é muito hipócrita, Merry.

- Posso saber por quê?

- Você acha mesmo que tem moral de vir até aqui e me dizer que eu deveria lutar para casar por amor? *Eu?* Olhe pra você! Olhe pra sua vida! Admita você todos os seus segredos, encare a família e case por amor antes de vir até aqui me dizer o que eu devo ou não fazer com minha vida.

- Meu problema é a família, Baxter. Não um coração partido.

- Meu problema não é um coração partido. Não me importo mais com *ela*. Ela foi embora, não foi? Pois eu vou viver minha vida como achar melhor e não vou pensar nela nem mais um segundo.

- Você sequer consegue dizer seu nome... - riu cheia de tristeza - Você ainda a ama, Greg. Está se casando com alguém que ela odiava porque sabe que ela vai ouvir sobre isso. Quer que ela sofra. Mas está condenando sua felicidade também! Não é justo com você.

- Estou me casando para que Eleanor me deixe em paz, Merry. Só por isso.

- Só por isso? - eu podia ver em seus olhos que ela estava maquinando algum plano - Só vai casar para acalmar Eleanor? Não é para se vingar de Dom?

- Só por Eleanor.

- Ótimo, então. Case comigo.

A gargalhada saiu cheia de escárnio.

- Como eu seria feliz casado com uma mulher que prefere mulheres? Explica pra mim.

- Posso não te querer sexualmente, mas eu te amo, Greggy. Você sempre foi um dos meus melhores amigos e eu te amo, de verdade. Seríamos companheiros. Seríamos felizes. Eleanor não pararia de sorrir pelo resto da vida. Você poderia ter quantas namoradas quisesse, fora do casamento. Eu não me importaria. Até

te ajudaria com as desculpas que precisasse. Você retribuiria o favor - levantou o ombro com um sorriso tímido - Seríamos amigos. Fala pra mim que você não preferia viajar de férias comigo do que com Elizabeth? Ou ter a mim como companhia em eventos sociais ao invés dela?

Não havia qualquer falha na sua lógica. Merryl ainda estava falando.

- Se um dia Dominique aparecesse, você poderia conversar com ela, sem se preocupar comigo. Sem se preocupar em se esconder. Se quisesse perdoá-la, nós nos divorciariamos. E se não quisesse, teria uma amiga te esperando em casa se precisasse desabafar.

- Você faria isso?

- Claro! E você nem precisa lidar com Elizabeth. - sorriu - Eu vou agora até Eleanor, faço uma cara de choro e digo que ainda estou apaixonada por você. Digo que não vou conseguir assistir você se casar e que estou indo embora.

- Ela tocara fogo na igreja para impedir o casamento. - concordei.

- No mínimo! Não acaba com sua vida por vingança, Greg. Fechei os olhos e respirei fundo.

Dominique.

Dominique sentada lendo o jornal. O anúncio do meu casamento com Elizabeth. Ela ia sofrer, eu sei que ia, mesmo que ela não me amasse mais, ia sofrer. Ia retorcer seu coração podre e maldito e deixá-la enfurecida quebrando xícaras pela casa.

Machucá-la como ela me machucou: deixa-la caída no chão, sentindo-se arrebatada pela tristeza mais impossível de suportar, sufocando dentro de si mesma.

Ou Dominique sentada lendo o jornal. O anúncio de que meu casamento com Elizabeth tinha sido cancelado. O anúncio do meu casamento com Merryl. O alívio. A vagabunda ia sentir alívio. Ia saber que eu estava desistindo de continuar minha vida e tinha me casado com minha melhor amiga lésbica porque não ia conseguir esquecê-la.

- Eu agradeço seu carinho, Meryll. Mas eu vou me casar com Elizabeth.

- Greg... - seu semblante mudou, os lábios contraídos.

- Eu preciso terminar de me arrumar. Pode sair agora? Chame Derek quando estiver saindo, por favor.

Virei de volta para o espelho e ela me observou em silêncio por alguns segundos.

Ouvi sua voz atrás de mim, assistindo seu reflexo em conflito sem saber se deveria ou não me abandonar.

- Não preciso de você para acabar esse casamento, sabia? Posso só falar com Eleanor que amo você e...

Chega dessa merda do caralho.

Enfie minha mão na mobília escura do lado do espelho e ouvi o som alto se espalhar pelo aposento fazendo Meryll calar a boca.

- Chega disso. - minha voz era baixa e firme. Ameaçadora quase. - Eu estou muito cansado de Eleanor tentar manipular minha vida e de todo mundo achar que ela consegue. Eu vou casar com a porra da Elizabeth Saint-Michel porque vai fazer Dominique sofrer. - as palavras saíam furiosas entre meus dentes travados e eu estava salivando de ódio - Porque vai fazê-la ler a matéria do jornal e sofrer. Vai ferir aquela porra daquele coração fodido dela do mesmo jeito que ele feriu o meu. Se ela não me ama, que se foda. Ela ligava para dinheiro, não é? Elizabeth vai ter muito mais dinheiro casando comigo do que qualquer esmola que minha avó tenha enfiado nela. Eu vou me casar, eu vou ter muitos filhos e eu vou tirar fotos sorrindo para qualquer jornal que queira publicar qualquer merda. Porque ela *vai* ver. Ela *vai* me ver *feliz*. Vai me ver sem precisar dela. E ela *vai* sofrer.

- E você vai sofrer também? Vale a pena?

- Eu já estou sofrendo. - dei de ombros - Desde que ela venha comigo, está tudo perfeito. Vai valer a pena.

- Então, não posso te ajudar.

- E nem eu quero que faça isso.

Eu estava respirando pela boca, o suor frio escorrendo pela minha testa. Passei as mãos pela minha barriga sentindo a pele

esticada ao redor do meu filho. Meu ventre inteiro se contraiu e contraiu. Eu estava gemendo de dor. Apertando os olhos.

É. Acho que vai ser agora.

Eu devia ter pensado no meu plano um pouco melhor. Táxis eram uma coisa que não existia em Veneza. Peguei minha mala pronta e andei pela rua até o cais a dois quarteirões de onde eu morava. As ruas estavam escuras e vazias.

Meu corpo doía.

Sentei em um banco perto do cais e esperei o próximo barco.

Veneza definitivamente não tinha sido uma boa ideia. A gravidez me fazia enjoar em barcos a cada dois minutos e não havia muitas outras opções de transporte por ali. Então, eu caminhava... pelas ruas estreitas e tortuosas de paralelepípedos que sempre acabavam em construções altas e compridas, pequenas praças abertas com restaurantes cheios de turistas, pontes ou... simplesmente acabavam subitamente no mar.

Apoiei minhas mãos sobre minha barriga dilatada, me sentia tão sozinha.

Não me lembro de já ter me sentido tão sozinha antes. No escuro, em um cais vazio, precisando desesperadamente de alguém, nem que fosse só para me ajudar a levantar... para carregar minha mala.

Vamos Dom, não se vitimize. Você consegue.

Podia ver o barco se aproximando. Estaria ali em cinco minutos.

Cinco longos minutos.

Esfreguei os dedos no meu celular.

Ele precisava saber, não precisava?

Ai merda... Eu queria tanto contar. Queria *tanto*. Queria ouvir a voz dele. Queria explicar. Queria que ele dissesse que me amava e corresse para aquela cidade afundada para segurar minha mão. Eu precisava tanto de alguém para segurar minha mão.

Culpe os hormônios, Dom. Culpe os hormônios, engula o choro e siga em frente. Você já tomou sua decisão. É tarde demais para voltar.

Se ele não tinha entendido antes, ele não entenderia agora.

Ou...

Ligue. E assim que ele atender o telefone diga: "sua avó ameaçou me matar e eu fugi de medo". Isso vai chamar a atenção dele, não vai? Vai fazê-lo calar a boca. Diga "ela me ofereceu dinheiro para que eu abortasse, mas eu não fiz isso e agora estou aqui sozinha e preciso de você".

Eu odiava *precisar de alguém*. Mas era verdade. Eu poderia fazer aquilo sozinha, mas não queria.

Destravei meu celular.

Que se dane.

O telefone chamou uma vez. Ele não iria reconhecer o número. Será que atenderia?

Um segundo toque. Eleanor deveria ter dito que eu morri. Era isso que ela achava, não era? Esse era o plano de Boe.

O terceiro toque foi interrompido.

- Gregory Baxter.

Ele atendeu.

Ouvir sua voz me fez querer chorar. Ele soava tão seguro, tão firme. Se apenas aquela segurança estivesse ali ao meu lado.

Vamos, Dom. Diga alguma coisa.

- Alô? Está me ouvindo?

Respirei fundo.

- Holt? - suspirei.

Eu podia senti-lo mudo do outro lado da linha.

Tinha sido um sussurro quase inaudível, mas ele tinha me reconhecido.

- Eu sei por que você está me ligando.

Eu esperava que ele se assustasse, que não acreditasse que era eu...

Era seguro dizer que sua primeira frase me pegou desprevenida. Eleanor não disse que eu morri, então. A pergunta era: o que ela tinha dito?

- Sabe? - ele não podia saber. Era impossível. A não ser que o poder de Eleanor sobre ele fosse ainda maior do que eu sempre imaginei.

- É claro que sei. E eu não vou comprometer meu casamento e minha *felicidade* por sua causa.

Casamento?

É, eu ia chorar.

- Holt, eu acho que não...

- É Baxter, agora.

Engoli a seco.

- Está usando o Baxter também? - eu mal conseguia acreditar na dor que aquilo me causava.

- Estou usando o Baxter *apenas*.

- Eleanor deve estar muito feliz.

- Está sim. Obrigado. Estamos todos muito bem. E o que você quer? Fora tentar estragar o dia mais feliz da minha vida?

De todos os diálogos que eu imaginei ter com Holt nos últimos meses, aquele era o mais inesperado.

- Eu queria conversar com você. Queria te explicar o que houve.

- Justo hoje? - ele riu - Você ligou porque é meu casamento, Dominique. Mas não vai conseguir estragar minha vida *de novo*.

- Não sei o que a sua avó te contou, *Baxter*. Mas acho que ela deve ter deixado minha gravidez de fora.

- Não. Ela me contou.

Contou?

Eu não estava preparada para essa parte. Levei minha mão ao estômago em um reflexo superprotetor.

- Contou?

- Contou. Eleanor me contou tudo. A gravidez, a clínica de aborto, a proposta nojenta que ela lhe fez, os cinco milhões de euros.

Não... Não era possível.

Ele sabia? Ele sabia esse tempo todo?

- Você sabia?

- Ao contrário de você, Eleanor não mente para mim. Ela me contou tudo assim que você foi embora. Ainda bem que ela fez isso, não é? Ou eu estaria até hoje sem compreender por que merda você me abandonou.

- E você ainda a defende? Depois de tudo que ela fez?

- Foi um teste, sua imbecil. - ele encheu a ofensa de sentimento e eu me senti doer.

- Um teste?

- Ela queria ver como você reagiria. E você falhou, é claro. E fugiu como a covarde egoísta que você é.

Foi só um teste?

Eu não conseguia decidir o que era mais doentio: tentar me matar, ou fingir tentar me matar para ver como eu reagiria.

- Gregory, eu liguei porque senti sua falta.

- Liguei porque eu estou me casando, sua invejosa. Mas não importa. Você me fez um favor indo embora, de verdade. Eleanor estava certa, nós dois não funcionávamos. Você é gostosa pra cacete, claro. Mas já fomos até onde poderíamos ir. Elizabeth é muito mais parecida comigo. Temos o mesmo nível, a mesma criação, os mesmos valores. Vou ser feliz com ela como nunca poderia ser com você.

- Elizabeth? - aquilo tinha sido uma péssima ideia. Tinha sido a pior de todas as ideias.

- É. Elizabeth. Nos aproximamos muito nos últimos meses e eu... - ouvi seu sorriso, o sorriso que eu tinha amado por tanto tempo - Eu achei que te amava, Thoen. - riu - Agora, eu sei o *quanto* eu estava errado! Não era amor. Era luxúria. Então, obrigado por ter ido embora. Salvou minha vida.

- E o bebê, Baxter?

- Não vou colocar a polícia atrás de você se é o que está pensando. Mas eu devia! Porque é um crime ter tomado todas essas decisões sem me avisar. Mas não vou chamar a polícia. Na verdade, não quero mais ouvir sua voz, nem olhar pra sua cara, nunca mais.

- Então, vai ser assim? Nenhum contato? É o que você quer? Sem remorsos?

- Remorso? E porque porra eu sentiria remorso, Dominique? O remorso sobre o bebê é seu. Todo seu. E que você entale e morra com ele. Porque eu estou me fodendo pra você ou *qualquer coisa* que tenha a ver com você.

Eu deliquei a ligação. Não aguentava mais.

- Está bem, *bella*? - um rapaz desceu do barco para me ajudar. As contrações estavam recomeçando, mas não doíam mais que o rombo no meu coração.

- Preciso ir para o hospital. - avisei, em italiano.

- Vamos. Vamos. - ele me ajudou a entrar no barco e pegou minha mala. O condutor sorriu, preocupado e disse que ia desviar da rota para me deixar direto no hospital. Eu agradeci e notei que o celular ainda estava agarrado na minha mão.

Qualquer coisa que tenha a ver com você.

Eleanor tinha feito uma lavagem cerebral no homem que eu conhecia.

Ou talvez, eu nunca o tenha conhecido de verdade.

Destravei o celular mais uma vez. Desci pela minha agenda telefônica de uma forma quase doentia, procurando um número que Oliver tinha conseguido e me forçado a anotar.

Minha mãe.

Eu não conseguia mais suportar.

Não conseguia mais ficar sozinha. Eu precisava de alguém.

Qualquer um.

Antes de colocar aquele bebê no mundo, alguém na minha vida ia precisar me ouvir.

Disquei o número, pronta para contar a história toda.

Eu ainda estava tremendo.

A filha da puta ainda teve a ousadia de desligar o telefone na minha cara.

Eu queria ligar de volta e gritar mais. Mas não ia lhe dar esse gosto... A satisfação de saber que tinha me irritado no dia do meu casamento. Ela era uma arrogante sacana, mas era inteligente. Se eu ligasse de volta, ela iria saber que me atingiu.

Olhei para o número no registro de ligações.

39.

Itália.

Foi gastar seus milhões na fashion week de Milão, não é, Dom? Parabéns, vadia. Você conseguiu o que queria. Mas não vou te dar mais nenhuma satisfação por hoje. *Não vou.*

Não te amo mais.

Não te amo mais.

Não te amo mais.

Isso, Greg... Continue repetindo isso. Quem sabe um dia você começa a acreditar.

Minha mãe não ajudou.

Mas isso não era uma surpresa.

Ela nunca ajudava.

Me senti pior por ter cedido a emoção e ter deixado que ela visse minha fraqueza. Fechei os olhos. Eu precisava descansar. Precisava dormir o máximo que conseguisse ali, depois do parto. Ia levar um bebê para casa e depois disso nunca mais descansaria na vida.

Meu corpo tremia inteiro.

Mas eu estava... *estranhamente...* Calma.

As lágrimas caíram amargas por todo o caminho até o hospital. Antes e durante o parto.

Eu fiquei ali sentada, sofrendo sozinha e pensando em tudo que tinha me levado até ali. Pensando na clínica de aborto e no quadro da menina que não queria calçar o sapato. Minha mente voava tentando escapar do meu sofrimento e eu considerei como teria sido minha vida se eu tivesse levantado naquela clínica. Se tivesse levantando quando chamaram meu nome.

E aí eu ouvi um choro e minha vida inteira acabou.

Holt não importava mais. Eleanor, minha mãe... o mundo inteiro parou de girar.

O médico me parabenizou e me chamou de *mamãe*.

Eu lembrava das histórias e relatos. Do modo enfático como as pessoas diziam que o amor que uma mãe sentia por um filho era o maior amor do mundo e que nada se compararia aquilo.

Durante toda a gravidez, no entanto, eu comparei. Imaginei que sentiria por meu filhote algo muito parecido ao que sempre senti por Greg. Talvez esse sentimento pudesse atenuar a dor de não tê-lo por perto. Talvez o sentimento que eu tivesse por um filho pudesse diminuir o sofrimento.

Bastava que fosse um amor ainda maior.

Mas todas as histórias e relatos estavam erradas.

Eu podia ver o médico se movendo com algo nos braços. Um embrulho bem pequeno e frágil que ele abaixou um pouco para que eu visse antes de leva-lo embora.

Não era um amor maior que qualquer outro.

Não era amor.

Era um sentimento novo.

Um que nunca tinha existido antes e que foi criado no momento que eu o vi pela primeira vez. No momento que o ouvi chorar, testando seus pulmões assim que chegou ao mundo.

Era mais poderoso que amor.

Muito mais.

Não havia qualquer comparação.

Não havia palavra, termo ou expressão em nenhuma língua que eu conhecesse que pudesse definir o que era aquilo que eu sentia.

Era um sentimento único para o qual ninguém tinha se preocupado em dar uma palavra.

Talvez porque nenhuma palavra pudesse ser forte o bastante.

- Para onde ele está indo?

- Só vai pesa-lo e limpa-lo. Já vai voltar.

Eu quis gritar para ele que tivesse cuidado. Era um embrulho tão pequeno. Tão frágil.

Meu embrulho.

Tinha alguém me segurando e pedindo que eu relaxasse, mas eu não conseguia tirar os olhos do meu embrulho. *Meu filho.* Eu era uma mãe agora.

Ai merda...

O médico voltou e o colocou de volta em meus braços.

Eu não conseguia parar de chorar. Era aquele sentimento novo e desconhecido que rapidamente se tornou a coisa mais importante que eu jamais tinha sentido.

- Está tudo bem com o rapaz. Vamos levá-lo para o berçário e você de volta para o quarto, está bem?

- Qual o nome dele? - uma enfermeira se aproximou com um formulário preso em um apoio de metal - Já tem um nome?

- Ahm... - eu não conseguia desviar minha atenção para longe dele. Ele não tinha ninguém. Nunca ia conhecer seu pai, nunca ia ter qualquer família que não fosse eu. Ia precisar ensiná-lo a ser sozinho, também. Ser sozinho como eu fui a vida inteira.

- Não precisa decidir agora. - a enfermeira se afastou.

Beijeí sua minúscula testa delicada.

Ele não ia precisar de ninguém. Eu ia cuidar de nós dois. Ia cuidar tão bem que ele nunca sentiria falta de nada e... ele abriu os olhos. Abriu aqueles olhos lindos só pra mim. Eu estava sorrindo, observando cada nuance de cor em seus olhos claros. O azul muito claro, escurecendo perto das bordas da íris. Eu ouvi dizer que olhos de bebês mudam com o tempo e adquirem sua verdadeira cor, me peguei tentando adivinhar qual seria. Qual daquelas nuances ia prevalecer sobre a outra. O azul vivo em um ponto, o cinza em outro, o verde...

Olhos verdes.

Como o pai.

Ele não ia conhecer nada sobre o pai. Nunca.

- Tyler. - avisei.

- Perdão? - a enfermeira voltou.

- É o nome dele. É Tyler. Tyler Scarlett. - completei com o novo sobrenome que eu tinha assumido.

Tinham me levado de volta para o quarto e o pequeno Ty para o berçário. Eu sabia que precisava dormir, mas não conseguia. Não conseguia pensar em nada que não fosse no meu filho.

Precisei de um esforço imenso para conseguir levantar da cama. Me apoiei no suporte do soro e trouxe ele comigo através do corredor. Seguindo até as paredes coloridas com árvores, um sol e uma imensa cegonha desproporcional adesivadas a parede clara. Do meu lado da imensa janela de vidro alguns familiares se reuniam observando um ou outro bebê e meus olhos nervosos procuraram o *meu*.

Não demorei a encontrar o berço plástico com o nome Tyler Scarlett escrito em letras grandes na parte inferior. Mas... estava

vazio.

Puxei a enfermeira que passava ao meu lado sem qualquer cortesia.

- Ahm... Meu filho? Onde está? Disseram que o trariam para cá.

- Qual o nome dele, senhorita?

- Tyler.

A enfermeira olhou pela janela.

- Se o berço dele não estiver aí, devem tê-lo levado para amamentar. Por que não volta para o quarto?

- Mas o berço está bem ali. Só está vazio.

- Devem estar dando um banho. - ela olhou para além dos berços. Mas toda a extensão do berçário era perfeitamente visível dali de onde estávamos e não havia ninguém ali, a não ser uma jovem sentada em um computador já perto da porta.

Não havia ninguém ali e meu bebê tinha sumido.

- Onde ele está? - o pânico na minha voz se fez ouvir.

- Podem tê-lo levado para o médico responsável. Talvez tenha... - ela se adiantou para dentro do berçário e eu ignorei completamente os avisos de "só pessoal autorizado".

- Talvez tenha o quê?

Ela estava conversando rápido em italiano com outra enfermeira e eu perdi algumas palavras. Mas eu tinha entendido a parte de que a planilha dizia que o bebê Tyler deveria estar ali dentro e que ele não tinha sido levado para lugar algum.

- O que houve?

Uma médica se aproximou e rapidamente entendeu o que estava acontecendo.

- Senhorita Scarlett. - pediu com gentileza, mas eu estava em pânico e não havia qualquer coisa que ela pudesse dizer que me acalmasse.

- Onde está meu filho? - aquilo era surreal. Não podia ser verdade, podia?

- Senhorita, precisa se deitar. Por que não volta para o quarto e...

- Eu quero ver meu filho! Volto para o quarto quando tiver visto meu filho.

- Chame a segurança. - ela sussurrou para uma das enfermeiras - Precisamos fechar o hospital.

Fechar o hospital.

Fechar o hospital?

- Doutora! Doutora, por favor. - uma enfermeira estava me guiando para longe e eu estava fraca demais para lhe opor resistência - Vocês perderam meu filho?

A enfermeira parou ao meu lado como se não soubesse o que fazer e eu vi os olhos da médica assumirem uma tonalidade sombria.

- É melhor voltar para o quarto, senhorita Scarlett. Vamos cuidar de tudo.

Capítulo 6

- A senhora mandou me chamar?
- Boe, sente-se.

A casa de campo dos Baxter era uma verdadeira mansão. E estava lotada de pessoas, flores e música para o casamento do jovem Greg. Eleanor Baxter não estava compartilhando da alegria, ela parecia satisfeita que o neto finalmente se casaria com alguém que ela aprovava, mas eu a via sorrindo e conversando apenas para cumprir o que lhe era socialmente exigido. Fora isso, ela se mantinha andando pela casa, tratando a festa de casamento como se fosse um acordo de negócios que precisasse ter todos os detalhes em ordem para que a execução fosse rápida e impecável.

Sentei na cadeira perto dela em seu escritório no primeiro andar.

- Algo errado, senhora?
- Quero conversar com você, Boe.
- Claro, claro. Do que precisa?
- Preciso saber se Dominique Thoen ainda está viva.

Muita calma, agora, Boe. Respire. Não deixe ela ver a mentira.

- Não, senhora. - engoli em seco - Eu cuidei disso pessoalmente.

- O corpo... Onde colocou?

Problema.

Um problema muito grande.

Eu ia conseguir mentir. Ia inventar algum lugar... essa parte era fácil. O problema é que ela nunca me perguntava coisas desse tipo. Ela nunca *queria saber* coisas desse tipo. Se estava perguntando, é porque devia imaginar que não era verdade.

Como ela pode ter descoberto?

- Com o Edouard. No ferro-velho.
- Como fez isso? Como a matou?

- Veneno, senhora.
- E foi suficiente?
- A senhora pediu trinta gotas. Eu coloquei quarenta.
- Quarenta? - levantou uma sobrancelha.
- Quarenta. - não desviei o olhar. Seria prova de fraqueza.
- Conhece uma pessoa chamada Claire Marvin-Bern?
- Sinto muito, senhora, não. Não posso dizer que conheço.
- Claire é uma pessoa horrível. - explicou com seu sorriso condescendente - O que é ótimo para os meus propósitos. Ela é capaz de fazer as mais inescrupulosas coisas por dinheiro. Nota-se que é uma aliada excelente.

- Sim, senhora. - eu estava escondendo o pânico. Aquela conversa não estava navegando por águas seguras.

- Já se casou incontáveis vezes. Todas por dinheiro. Foi capaz até de abandonar a própria família há muitos anos atrás quando partiu em busca do primeiro marido rico. Deixou para trás seu marido, um humilde zelador chamado Edsel e a sua pequena filha Dominique.

Vai dar tudo certo. A senhorita Dominique não tinha contato com a mãe. Ela não tem como saber...

- Fiz contato com Claire há quase dois anos. Eu queria saber mais sobre o passado da mulher que estava com meu neto. Antes de ir, deixei um bom dinheiro para ela. Demonstrando gratidão por sua paciência e liberdade em compartilhar detalhes pessoais e, é claro, para *fortalecer* nossa amizade. E Boe... - ela colocou as mãos sobre os joelhos - Tem sido uma boa amizade.

- Imagino que sim. - *só fique calmo. Vai ficar tudo bem.*

- Mas qual não foi minha surpresa ao ver meu telefone tocar hoje, precisamente no dia do casamento de Gregory, e uma ligação de ninguém menos que Claire Marvin-Bern. Eu ia ignorar, confesso. - sorriu - Mas estou feliz que não tenha feito isso.

- Ela tinha boas notícias? - eu precisava de mais informações. Mesmo que me arrependesse disso para sempre.

- Ela tinha ameaças e chantagens.

- Senhora?

- Ameaças, Boe. E Chantagens. Pediu uma considerável fortuna para ficar quieta. Para não falar para Gregory que Dominique estava a caminho de um hospital em Veneza para ter seu filho.

- É mentira, senhora, não pode ser.

- Eu imagino que seja. Na verdade, Boe. Tenho certeza que é mentira. Por que você jamais mentiria para mim, não é?

- Vou cuidar disso imediatamente. - levantei.

- Não. - ela se virou para sua taça de vinho - Não vai ser necessário. Já liguei para Terry.

- Terry? - o nome saiu baixo e sem convicção - Senhora... ele é louco...

- É. Mas executa trabalhos muito bem. Ele não está em Veneza, infelizmente, está aqui na cidade. Pedi que ele viesse para cá, por segurança, caso eu precise lhe pedir alguma alteração nos planos de forma mais rápida. Ele já deve estar chegando.

- A senhora não prefere que eu vá até Veneza, então?

- Não. Terry está aqui, mas me assegurou que conhece *excelentes* pessoas por lá e eu quero descobrir os detalhes disso o mais rápido possível. Claire tinha informações muito minuciosas sobre os fatos. É claro que Dominique não está viva. - afirmou com seus olhos gelados cravados em mim - Já que você cuidou disso pessoalmente. Mas há alguém em Veneza que sabe demais. E Terry vai cuidar disso.

- Sim, senhora. - fiz um esforço impossível para não deixar meu corpo me trair e demonstrar a ansiedade que sentia.

- Seja lá o que for que tenha acontecido... Vamos descobrir em breve.

- Com certeza, senhora. Ainda precisa de mim?

- Não, Boe. Só queria lhe fazer essas perguntas.

Ela não me demitiu.

Não reclamou.

Não ameaçou.

Levantei e fiz uma pequena reverência com a cabeça antes de me retirar.

Não sou mais útil e falhei.

Uma falha imperdoável.

Ela vai mandar me matar.

Preciso sair daqui, agora.

Antes que ela descubra que a senhorita Dominique está...

A caminho de um hospital em Veneza para ter seu filho.

Ah, senhorita Dom. Se apenas eu tivesse como ajudá-la.

Mas não tenho. Agora, a única pessoa que eu posso ajudar é a mim mesmo.

Esbarrei contra alguém que vinha na direção oposta e nos batemos contra a parede.

- Oh, perdão... senhorita Merryl.

- Ah! Olá, Boe! Não se incomode. Eleanor está aí? Preciso falar com ela, antes do casamento. - ela tinha algo triste no olhar.

- Está, sim, senhorita. Algum problema?

Merryl olhou de um lado para o outro no corredor como se considerasse se deveria ou não me contar. Notei que sua vontade de desabafar era maior que sua discrição. E eu só queria que ela se resolvesse mais rapidamente: falasse ou ficasse em silêncio, seja como for, faça de uma vez para que eu possa ir embora sem chamar atenção.

- Acho que vou fazer uma bobagem para tentar impedir Greg de se casar com Elizabeth. Ele não a ama, você sabe.

- Ah, sei sim. Bem... boa sorte.

Virei as costas para sair e estava quase no fim do corredor quando ouvi sua voz imediatamente atrás de mim e notei que tinha sido seguido.

- *Boa sorte?* Boe? O que houve?

- Nada, senhorita Merryl! Absolutamente nada. Só estou saindo.

- A festa é para o outro lado.

- Mas eu preciso... preciso resolver algumas coisas.

- Agora? O casamento começa em meia hora. E até onde eu sei Gregory te convidou, não é? Está aqui como convidado. Então, por que está indo embora?

- Não estou indo embora. Vou só resolver algumas coisas. - quanto mais ela me observava com seus olhos inquisitivos, mais nervoso eu me sentia - Com licença.

- Boe! - segurou meu braço - O que houve? Você é sempre tão... - ela não parecia encontrar as palavras - E agora está *tão*... Aconteceu alguma coisa? - ela olhou para o corredor de onde eu tinha vindo. Para a porta do escritório atrás de nós e calculou a resposta - Eleanor fez alguma coisa?

Olhei para o teto exasperado.

Eu podia ser grosso com ela. Puxar o braço e dar o fora dali.

Eu ia desaparecer. Não era nenhum mestre no assunto, mas eu ia conseguir me manter afastado de problemas e ia conseguir viver. Quando você não tem família ou muitos amigos é fácil começar de novo em outro lugar.

Mas a senhorita Dominique...

A senhorita Dominique estava sozinha, provavelmente cuidando de um bebê recém-nascido e tinha um monstro indo buscá-la.

Eu podia fazer uma última tentativa, não podia? Tentar ajudá-la como podia antes de fugir.

Pisquei para a jovem senhorita Merryl. Uma *Walton*.

Eleanor nunca poderia fazer nada contra uma Walton.

- O que houve, Boe?

- A senhorita Dominique. Ela foi embora porque estava grávida. E Eleanor ameaçou matá-la.

Os olhos da senhorita Merryl se abriram quase tanto quanto sua boca.

- Como é?

A enfermeira ainda estava me guiando pelo corredor da maternidade, meu corpo murcho e vazio. Minha força tinha me abandonado e eu percebi que nunca na minha vida me sentiria tão indefesa. Minha mente trabalhava desesperada e eu queria fazer alguma coisa. Queria me dar um tapa e sair pelos corredores gritando e abrindo portas. Procurando meu filho até encontrá-lo e depois dar uma surra de ferro quente em quem fosse o responsável.

Estou me fodendo pra você ou qualquer coisa que tenha a ver com você.

Será que alguém podia morrer de tristeza? Ficar tão absolutamente desprovido de qualquer tipo de alegria e secar, minguar e morrer? Porque se fosse possível, era bem provável que acontecesse comigo. E logo.

Parecia não haver sangue suficiente nas minhas veias. A exaustão me cobria como um manto e meu cérebro se recusava a aceitar que aquilo realmente tinha acontecido.

Você não viu direito. O berço com o pequeno Ty estava lá. Você olhou rápido e não o viu. Assustou todos os funcionários, mas vão olhar de novo e ver que ele está lá. Todos vão rir desse pequeno momento de desespero.

A enfermeira foi embora. Tinha outra pessoa do meu lado. Ela tinha dito a enfermeira que estava comigo e me guiou para um quarto que não era o meu. Ignorei completamente sua presença e não ia sequer reclamar que estava no lugar errado. Não tinha forças para mais nada.

Mas havia algo no canto do quarto...

Um berço de plástico sobre rodinhas com letras grandes escritas em marcador azul escuro. Era o nome "Tyler" escrito do jeito mais lindo que já li na minha vida.

E um interruptor ligou em mim. Eu estava viva de novo. Corri até o berço em um desespero tão grande que esqueci o suporte do soro. A dor aguda na minha mão deixou evidente que a agulha tinha se movido dentro do meu corpo perfurando algo que não deveria, mas eu não me importei. Puxei o meu filhote para fora do berço e o apertei nos meus braços.

A coisa mais linda desse mundo.

E eu não ia soltá-lo mais nunca. Se alguma enfermeira aparecesse para me convencer a devolve-lo ou soltá-lo ela ia sair dali apanhada e mordida. Isso era óbvio.

- Não quis te assustar. Você deveria ter ficado no seu quarto.

Levantei os olhos para a morena desconhecida ao meu lado. Ela tinha arrastado o suporte do soro para perto de mim evitando que eu me machucasse mais.

Ela era da minha altura. Um par de olhos grandes e cinzentos, uma boca desenhada e um nariz afilado completavam suas feições

discretas. Não era exuberantemente linda, mas tinha um belo corpo e algo... *exótico* em sua beleza simples.

Seus jeans era justo e surrado, a camiseta preta exibia um decote quadrado e ela mantinha os longos cabelos negros amarrados em um rabo de cavalo farto e apertado.

Não me importava que ela parecesse inofensiva, mantive Tyler escondido nos meus braços e me coloquei de lado, mantendo-a tão distante dele quanto eu conseguiria.

- Calma. - levantou as mãos com um tom animado - Sou amiga do Oliver, fofinha. Não precisa ficar nervosa.

Não deveria ter muito mais de vinte anos. E tinha algo estranho no seu sorriso delicado que era quase... *infantil*.

- Amiga do Oliver?

- É! Pode me chamar de Lola. - lançou uma mão empolgada na minha direção para que eu apertasse. Mas eu apenas a observei. A moça era uma incógnita. Uma mulher com ares de criança, com um jeito descontraído psicopático que me causava arrepios.

- *Lola*? Eu já o ouvi mencionar seu nome... mas achei que fosse... mais...

- Violenta? Rude? Cheia de cicatrizes? - sorriu.

- *Velha*.

- Ah! - sua risada era gostosa e completamente inapropriada diante do meu evidente desespero - Eu escuto muito disso também. Acho que é bom não ser o que as pessoas esperam. - seu sorriso se contraiu em uma expressão convencida e sagaz - Assim eu as pego desprevenidas.

- Oliver mandou você?

- Ele disse que você estava em uma situação de perigo. Ficou preocupado. Me pagou uma quantia obscena para que eu ficasse de olho em você nos últimos meses da gestação e primeiros meses de vida do bebê. Imaginou que você estaria indefesa nesse período e que seria bom ter um apoio por perto.

- *Indefesa*?

Eu estava acuada, sozinha, triste e deprimida. Mas ainda assim me irritava que alguém me considerasse indefesa.

- Não sei se foi a expressão que ele usou. - estreitou os olhos tentando se lembrar.

- Mas foi a expressão que *você* usou. - reclamei.

- Ah, não leve a mal, fofinha! - riu, batendo na própria coxa - Todo mundo é indefeso comparado comigo.

- E você simplesmente aceitou ficar de babá por alguns meses? - eu a observava do mesmo modo como fazia com testemunhas, informantes, partes em um processo. Eu fazia as perguntas e sentia o cheiro de mentira. Era sempre assim. Com todos.

Mas *Lola*... Ela era a mais indecifrável das incógnitas e eu não conseguia decidir o que fazer.

- Eu disse que ele pagou uma quantia *obscena* , não foi? E Oliver trabalha com pornografia, fofinha. *Obsceno* quer dizer uma coisa bem grande quando ele está no contexto.

- Eu não duvido. Agora, você quer me dizer o que está fazendo aqui e por que pegou meu filho? Antes que eu comece a gritar?

- Grampeei seus telefones. - fez uma careta infantil de culpada.

- Fez o quê? Querida... é bom que você tenha um advogado.

- Eu tenho uma Glock 9mm. - riu com gosto - Acho mais útil. Mas cada um tem uma opinião. - levantou um ombro.

Minha boca estava entreaberta e eu só não tinha começado a gritar ainda porque ela mencionou o nome de um amigo. Mas ela estava bem perto de perder esse privilégio.

- Você não é muito boa em fugir de quem quer te matar, não é? Uma dica: não ligue pra eles! Telefonemas são rastreados e tudo o mais. Não é bobagem de filme, viu? E hoje em dia até uma criança com um iphone e um waze consegue fazer esse tipo de coisa. Tem que tomar cuidado, fofinha.

- Não. Foi só... foi só um teste. Eu acho.

- Ah, fofinha. - ela fez uma cara de pena que me deu vontade de lhe morder até sangrar - Oliver disse que você não era dessas que ignora a verdade mesmo quando ela te atropela com uma kombi rosa-choque. Olha, a gente não tem muito tempo, eu vou resumir de

um jeito bem legal! - bateu uma mão na outra - Tem uma velha chata. Você conhece ela? - eu não conseguia desfazer a careta do meu rosto. Lola era o ser humano mais peculiar que eu já tinha conhecido - Pois é! Velha chata quer matar você e o bebê. Oi, bebê! - fez uma voz doce e abanou uma mão. Eu apertei meu filho ainda mais perto de mim e tentei parar de tremer - Você ligou pro pai do bebê que tem contato com a velha chata. Velha chata pode rastrear o telefonema. Isso até daria trabalho de fazer, porque eu fiz a minha mágica nos seus aparelhos, então nós teríamos algum tempo. MAS! Você também ligou para *mamãe*.

- O que isso tem a ver?

- Mamãe está na lista de pagamento da velha chata. Mamãe liga para velha chata e diz onde você está e BAM! Acabou o tempo para Lola.

- Eleanor...

- Mandou alguém vir até aqui matar vocês dois e eu estou tirando vocês do país. - sorriu - De nada! Agora, vamos para a França! *Allons-y!*

Paris...

Vou deixar tudo pronto pra você em Paris, também.

Oliver tinha dito isso: um plano de fuga. Nunca imaginei que realmente fosse precisar.

- Minha mala. - murmurei - Está no outro quarto e preciso passar em casa para...

- Não, fofinha! Não é assim que funciona. Tem umas roupas aqui. - indicou um saco em cima da cama - Para você e o bebê. Vocês vestem e a gente vai embora. Já cuidei de todos os documentos no hospital.

- Como sei que posso confiar em você?

- *Se eu ganhasse um euro para cada vez que escuto isso.* - riu baixinho - Você pode ficar para trás e descobrir, se preferir.

Trocar seu açúcar por sal.

Engoli a seco.

Brincadeira de criança.

Eu estava fora da minha profundidade nesse jogo. Eleanor estava ganhando e eu não tinha nada a meu favor.

Nada, a não ser Lola e sua personalidade *cativante*.

Puxei as roupas para fora do saco.

- Não sei se gosto de você. - admiti.

- Ah, mas isso é bom! - seu sorriso me incomodava - Sabe?

Eu sofro de uns quatro tipos diferentes de psicopatia diagnosticada. É saudável não gostar de mim. Mostra que você tem bons instintos de sobrevivência.

- Ah...

- Pois é. Agora vem. - piscou um olho para mim - Vamos sair daqui, advogada. Antes que *você* precise de uma Glock.

Eleanor enlouqueceu!

Ela simplesmente... simplesmente ficou louca!

"*Isso é sério?*" eu tinha perguntado.

"*Prefiro que não se envolva nisso, querida*" Era o que ela tinha me dito.

Tinha dito que preferia que eu não me envolvesse nisso.

Como seria possível não me envolver nisso?

Eu não conseguia acreditar. Greg também não acreditaria, mas agora ele ia ouvir! Precisava ouvir. Precisava parar esse circo disfarçado de casamento e pegar o primeiro voo para a Itália... para conhecer seu filho...

Ai meu deus... pobre Dom...

Era quase irreal acreditar naquilo...

Olhei através da janela ainda dentro da mansão. Gregory!

Ele já estava do lado de fora, cumprimentando convidados, apertando mãos, sorrindo aquele sorriso falso e ensaiado.

Respirei fundo e dei um passo adiante, para a porta na lateral da sala vazia. Não me importava que fosse uma festa ou que o lugar estivesse lotado de convidados: aquele era o mais sério assunto de nossas vidas!

Uma pressão no braço. Aconteceu em uma fração de segundo... eu achei que tinha esbarrado em alguma mobília. Mas eu estava no meio do salão e a mobília não poderia me puxar para trás. Tropecei no salto alto e teria caído de costas se não esbarasse em um corpo firme atrás de mim.

Não conseguia entender o que estava acontecendo e quando resolvi começar a me debater, já era tarde demais. Havia algo em volta do meu pescoço. Algo firme e longo que entrava na minha carne cortando minha pele, impedindo o ar de entrar.

Joguei as mãos para trás e tentei arranhar, puxar ou bater. Mas era inútil.

Havia algo forte ao redor do meu pescoço.

Eu não conseguia me livrar.

O ar estava indo embora.

Meus olhos de fecharam.

Tudo estava escuro e eu não conseguia mais pensar em nada.

Eu estava sozinha no escuro quando meu pescoço finalmente parou de doer.

Lola olhou a casa inteira antes de me deixar entrar com Tyler.

- Acho que não precisou usar sua Glock, no fim das contas.

- Nem suas habilidades de advogada. - piscou um olho - Mas vou fazer o caminho de volta. Me certificar que não te seguiram... me livrar da sua casa e das suas coisas em Veneza.

- Vou precisar mudar de nome de novo?

- Não. Eu consegui me livrar dos registros do hospital antes de pegar vocês. Mas vou ficar de olho por um tempo não precisa se preocupar. Aqui. - me entregou um cartão - É o amigo do Oliver em Paris. Ele deve ter te dado esse contato, mas não sei se sabe o número decorado.

- Não... Não sabia.

- E um celular novo. - passou o aparelho para mim - É pré-pago. É chato, mas é mais seguro. E esse daqui é travado, pode confiar. - sorriu - Tchau, fofinha. Tchau, bebê!

- Ahm... Lola?

Ela se virou com aqueles olhos cinzentos e eu não soube o que queria dizer.

- Ahm... Obrigada. - decidi.

Certo... Então agora eu sou do tipo de pessoa repleta de gratidão?

Quando alguém salva a vida do meu filho, sim. Quando alguém salva a vida do meu filho, ela tem minha gratidão eterna.

Ela sacudiu a cabeça como se estivesse entalada com algo. Suspirou profundamente, em um óbvio sinal de resignação e se virou para ir embora.

Eu me virei de costas para a porta. A sala vazia de um apartamento discreto nas margens do Sena. O sol estava nascendo e o silêncio ainda reinava absoluto.

Tinha um ser humano nos meus braços. Um que ia depender de mim para tudo e eu sequer tive tempo de processar isso. Ainda estava acelerada, precisava deitar... dormir...

Precisava descobrir o que eu ia fazer da minha vida.

- Você vai ficar bem.

Meu coração martelou alto e assustado quando eu me virei para a porta. Lola estava lá mais uma vez. Tinha uma sanidade estranha no seu olhar. Como se ela fosse lúcida demais para o seu próprio bem. Me fez questionar se a infantilidade não seria só interpretação. Só um truque para desarmar as pessoas. Para confundi-las, aproveitando-se do elemento surpresa.

- Você vai ficar bem. - ela repetiu.

- É. Eu sei. - *garota estranha*.

Ela deu quatro passos para dentro da minha sala.

- Você vai ficar bem. - suas palavras eram quentes e quando ela colocou a mão no ombro eu percebi que aquele deveria ser o primeiro carinho e as primeiras palavras de conforto que eu recebia em meses.

- Não precisa repetir, eu já entendi. - murmurei.

- Você. - ela sorriu - Vai ficar bem. - cada palavra me atingiu devagar. Era como se cada vez que ela repetisse, a informação entrasse um pouco mais fundo. Tyler pesou nos meus braços, não era só mais uma questão de cuidar de mim mesma, era conseguir dar a uma criança as melhores chances que ele pudesse ter e eu queria *tanto* que ele ficasse bem. Desci os olhos para o seu pequeno rostinho pacífico. Ele ia ser durão. Menos de um dia de vida e já estava na estrada... fugindo... Ia ser um garoto resistente. Eu ia precisar lhe ensinar tudo e se eu falhasse não haveria qualquer um

para me ajudar. Era um tipo diferente de *sozinha*. Um tipo que eu nunca tinha experimentado antes.

- Como você pode ter certeza? - sussurrei.

- Fácil! - estalou animada e eu levantei os olhos para ela - Você tem aquela loucura nos olhos. Uma agressividade meio insana. - riu - Um brilho meio psicopata no olhar que é típico das mulheres mais resistentes. Eu conheço bem, acredite! Vejo todos os dias no espelho.

- Não sou uma assassina profissional, Lola. - recriminei com um sorriso discreto - Posso ser agressiva, mas nunca matei ninguém. - brinquei.

- Ah! Eu também nunca tinha matado ninguém. Até matar... - o sorriso sumiu dos seus olhos.

- Eu sei que vou ficar bem - ignorei o surrealismo momentâneo - é só que... aconteceu tanta coisa ruim comigo ultimamente que... nunca tenho tempo de recarregar as baterias. Fico pensando que a qualquer momento vai ser demais para mim e eu vou me partir.

- Sei como é.

- Acho difícil! - ri - Você com sua glock e sua segurança. Não deve ter medo de ameaças.

Lola não parecia o tipo que fugiria de Eleanor. Ela parecia o tipo que daria um tapa na cara dela, puxaria uma arma do coldre e lhe daria um tiro no meio da testa. Eu amaria assistir. Meu rosto se abaixou e eu estava encarando o pequeno Ty mais uma vez. Era como se ele fosse magnético, sempre atraindo minha atenção.

- Quando os cinco filhos da puta me sequestraram, me amarraram em uma casa fodida e passaram 37 dias me estuprando eu também achei que ia partir.

Parecia que algo ácido tinha entrado nas minhas narinas. Lola estava com os olhos em Tyler e em mim, falava como se estivesse na mais absoluta paz e algo no meu coração latejou do jeito errado.

- Toda noite eu pensava "*hoje é demais... hoje é o dia que eu não vou mais aguentar... hoje é o dia que desisto e me quebro...*".

Engoli a seco e por não saber o que dizer, deixei que ela continuasse.

- Mas toda noite passava. - deu de ombros - E eu sempre acordava na manhã seguinte. *Viva*. Havia outras duas garotas lá, comigo. Elas desistiram. Elas quebraram. E foi horrível assistir. Mas depois que elas se foram eu ainda estava lá. Existe dois tipos de mulheres no mundo, fofinha, tem aquelas que cedem a pressão, se contorcem, gritam e racham. E tem nós... nós sofremos também. Dói na gente do mesmo jeito que dói nelas. Mas a pressão não nos rompe, só deixa a gente mais forte. E você... - riu - Você não vai romper.

Lola alargou o sorriso e se virou para sair.

- O que aconteceu? - falei um pouco alto demais. Mas eu precisava saber, antes que ela desaparecesse - Com os homens? O que aconteceu?

Ela mal se virou:

- Matei todos eles. Um por um. Alguns durante minha fuga, em legítima defesa. Alguns, muito tempo depois, em legítima vingança. - sorriu - Somos todas assassinas, fofinha. Se algum dia alguém vier por você ou pelo seu filho, não duvide disso. Só precisa aceitar que a vida é uma merda. Sua ex-sogra quer te matar e o pai do seu bebê não te quer mais por perto. Está sozinha tendo que cuidar do seu filho. É uma merda, eu sei. Mas acredite quando eu te digo: tem merda muito pior no mundo.

Eu gostava da determinação que ela exalava. Como se nada nunca pudesse dar errado.

- Sabe, Lola... acho que decidi. Gosto de você.

Ela gargalhou alto.

- Olha! - tirou um cartão escuro do bolso e me entregou - Caso você precise de ajuda.

Eu li a inscrição e não entendi.

- Uma lavanderia?

- É uma secretária eletrônica. É segura, pode deixar o recado que quiser. Pode me chamar de Lola, até. Não é meu nome verdadeiro de qualquer modo.

- Não imaginei que fosse.

- Só avise se precisar de ajuda.

- Não sei se teria dinheiro para te pagar.

- Ah... Oliver me pagou um bocado. - riu - Considere um bônus, um... presente pra Tyler. - seus olhos encararam os meus e tinha uma vida neles que eu invejei. Ela tinha *sobrevivido*. - Você vai ficar bem. E ele também. - indicou meu Ty.

- É. - eu estava sorrindo... - Acho que você tem razão.

- Eu sempre tenho razão, fofinha!

- Lola! - ri - É bom que você já esteja indo embora porque acho que nós duas não íamos nos dar muito bem.

- Personalidades conflitantes, não é?

- Um pouco.

Ela deu um adeus de qualquer jeito e estava na porta de novo.

- Lola! - ela se virou - Eu sei que não é muito, mas... Eu sou advogada. Sou muito boa. Sei que provavelmente vai ser desnecessário, mas... se algum dia você precisar.

Ela riu e puxou uma arma do cós da calça. Eu hesitei dando um passo para trás.

- Trava de segurança. - apontou - Tira a munição assim e recoloca assim. - mostrou - Cuidado para não ficar uma na câmara. Mantenha escondida e longe do alcance de crianças. - deixou a arma e um pente extra de munição em cima da mesa - É uma glock. - explicou com um sorriso - É muito boa. Sei que provavelmente vai ser desnecessário, mas... se algum dia você precisar.

Capítulo 7

Eu já me masturbei pensando em Dominique Thoen.

Acho melhor tirar isso do caminho de uma vez. Tenho certeza que é o tipo de coisa que todo mundo imagina e, embora eu negue até o dia do Juízo Final, é verdade.

A parte que as pessoas não imaginam é a frequência desagradável com que eu tenho que fazer isso. É o fato de que eu tenho que pensar nela ou travo no meio do sexo sem qualquer alívio. É o fato de que arranjei uma namorada morena de olhos escuros pelo simples fato de que aquelas características me lembravam dela.

Mulher maldita.

O jornal estava me esperando ao lado do prato no café da manhã.

- Bom dia, querido! - Elizabeth tomou minha xícara e começou a servir meu café.

- Bom dia. - respondi seco, como sempre. No começo, me irritou que ela colocasse meu café para mim, mas com o passar do tempo, resolvi que era um trabalho a menos e assim eu podia focar minha atenção no jornal e ignorá-la pelos poucos minutos do dia que tinha que tolerar sua presença.

- Termine de comer, Hyatt. - disse apressada. - Ou vai chegar atrasado.

- Não vou comer.

- Vai comer, sim.

- Não vou.

- Vai. Come de uma vez.

- Você prometeu e você mentiu.

Respirei fundo. Era melhor não me meter.

- Ele quer aquele helicóptero novo que dá pra controlar pelo celular. - ela me explicou mesmo que eu não tivesse perguntado. - Agora, faz birra sempre que pode.

- E não é sempre assim?

Olhei além da mesa para o moleque do outro lado. Os cabelos amarelos como palha, meticulosamente penteados, os olhos castanhos e muito escuros. Eu tinha tentado. Tinha tentado bravamente. Teria sido mais fácil se ele fosse uma criança simpática ou adorável. Mas o pivete testava a paciência de qualquer um. Já era irritante mesmo antes de aprender a andar ou falar.

Parecia ter nascido com a personalidade detestável de Elizabeth.

- Tudo bem. - Elizabeth se deu por vencida. Como sempre. - Eu já tinha prometido, não era? Depois da sua aula, vamos até a loja.

- Antes. - chiou.

- Depois.

- Antes! - gritou alto demais, principalmente para aquela hora da manhã.

- Qual a diferença, querido? Você só vai poder brincar com ele depois!

- Quero levar pra escola. Quero esfregar ele na cara do Evin Binz.

- O que o Evin Binz fez? - riu. *Ela ria...* O moleque era horrível e ela só fazia rir. Era por isso que ele piorava e piorava.

- Ele é um chato, pulguento, imbecil.

- Ei! - ela avisou - Não são palavras apropriadas para um pequeno cavalheiro.

- É nojento, mamãe! Ele fede. Não devia estudar na mesma escola que o resto de nós. Ele é pobre e cheio de doença.

Um desconforto tomou conta do meu estômago. Eu estava pensando *nela* de novo. Ela tinha sofrido esse tipo de tratamento em sua infância também.

- Só não fique perto dele, querido e...

- Não vai comprar o helicóptero. - decidi.

- Han? - ele me olhou com o princípio de uma raiva que funcionava bem com a mãe dele, mas não comigo.

- Se quer um brinquedo só para exibi-lo na frente de colegas que não tem condição de comprar um, não vai ganhar.

- Gregory... - Elizabeth parecia em pânico. Por que ela tinha medo dele era algo que eu nunca iria entender.

- Está decidido.

- Mas ela prometeu! - resmungou.

- E eu estou prometendo que não vai ganhar. Nada de helicóptero. Na verdade... - olhei para ela - Nada de presentes por motivo nenhum. Acabou essa festa.

- Não! - gritou mal-educado e eu tive vontade de ensinar para ele que eu também sabia gritar - Vou ganhar sim! Vou ganhar! Ela vai me dar, sim. Eu sou o herdeiro Baxter, eu tenho o que eu quiser.

Suas frases pifiamente elaboradas saíam em gritos curtos e furiosos. Mas "*eu sou o herdeiro Baxter*" foi demais para mim. Maldita fosse Eleanor e essa sua mania de enfiar ideias megalomaniacas na cabeça de crianças.

- Hyatt! - falei com firmeza - Ou se cala agora ou vai ficar sem presente no aniversário e natal também. Você escolhe. E eu não sou sua mãe, menino. Não me teste.

Engoliu a seco e desceu os olhos para o prato. Ele ia fazer da semana de Liz um verdadeiro inferno.

Problema dela.

Os segundos de silêncio se prolongaram de um modo prazeroso. Talvez constrangedor para os outros dois... Mas para mim estava bem agradável. Elizabeth foi a primeira a romper o silêncio com um falso ar de naturalidade que apenas mulheres superficiais conseguem reproduzir quando querem fingir que absolutamente nada aconteceu.

- Você decidiu algo especial, ou posso fazer a reserva no *En Dehors*?

- Algo especial? - não me incomodei em tirar os olhos do jornal. Nenhuma matéria me interessava em particular. Mas qualquer coisa me interessava mais do que as programações inúteis de Elizabeth para o que quer que fosse.

- Nosso aniversário de casamento, querido. - eu podia senti-la torcendo o nariz para mim. Desviei os olhos da leitura e confirmei minha sensação: seus lábios contraídos e seu olhar firme cheio de julgamento.

- Quando é?

Ela sequer tentou disfarçar o escárnio quando sorriu.

- No fim da semana.

- Tenho que viajar no fim de semana. Você sabe disso.

- No *outro* fim de semana, Greg. Mas eu poderia ir com você, na sexta. Seria bom sair da cidade. - esticou a mão por cima da mesa e tocou meu braço.

- Não gosto de levar a família em ocasiões de trabalho. E não vou discutir isso de novo. Está resolvido.

- Comemoramos na data, então? Quando você voltar?

- Elizabeth. - baixei o jornal e deixei minha voz transmitir a exaustão que eu sentia - Precisamos mesmo?

- Não comemoramos ano passado, Greg. - ela soltou meu braço, indignada - E no ano anterior você chegou tão atrasado que mal podemos considerar que foi comemorado.

Expirei profundamente e enfiei um garfo de ovos mexidos na boca enquanto esperava o pequeno discurso inflamado de Elizabeth acabar. O gosto suave me incomodou.

- Eu sei que você é um homem trabalhador e dedicado. Mas é um péssimo marido e um péssimo pai! Tenho assistido isso acontecer pelos últimos anos, mas agora chega. Ou você muda de atitude e começa a tratar eu e Hyatt com mais cuidado ou...

- *Ou o quê?* - soltei o garfo na mesa - Você pede o divórcio? Vai embora? Não seja ridícula, Liz. Não lhe cai bem. E onde está a pimenta? - olhei pela mesa repleta de frutas, pão de ervas, croissants e frios procurando pelo pote específico.

- Se você não me ama mais, talvez nós...

Sua voz engasgou de forma falsa e patética.

Não me ama mais... Mais? Amei algum dia?

- Por que você precisa fazer isso?

- Eu só quero comemorar nosso aniversário de casamento, Gregory. Quero comemorar nossa união. Por que tem que ser algo tão inaceitável para você? As pessoas fazem isso, sabia? Os Allender fizeram uma festa em um iate ano passado, saiu no jornal. E eu tive que ir sozinha porque você estava *trabalhando até tarde*.

- Não vamos falar sobre isso agora, tudo bem? - fiz um gesto simples, indicando Hyatt sentando no fim da mesa que começava a prestar atenção em nossa discussão. - Você pode me passar a pimenta, por favor?

- Agora você se importa em ser um bom pai? - sussurrou - Só porque estamos discutindo algo que é importante para mim.

- Não acho que a criança deveria estar presente quando temos nossos problemas. É uma questão de bom senso.

- Bom senso seria ser mais presente na vida dele e na minha. Não vou aguentar isso muito tempo, me ouviu? - eu preferia que ela continuasse falando baixo, mas as palavras estavam lhe dando força como se ela estivesse se preparando para regurgitar seu discurso ensaiado há dias.

Era isso... Ela se incomodava com minha ausência e falta de carinho, pelo simples motivo de que suas amigas estavam começando a notar, ou talvez sempre tivessem notado e só comesçassem a comentar. Então, Elizabeth acumulava a revolta por dias até finalmente explodir. Ameaçava ir embora, pedir o divórcio, liberava todo o estresse acumulado e tudo voltava ao normal. Pelo menos até o próximo comentário peçonhento de alguma amiga e a próxima revolta. Eu conseguia simplesmente ouvir, na maior parte das vezes. Em uma ou outra ocasião suas palavras mal escolhidas levaram a uma briga um pouco maior, mas ela chorava e pedia desculpas. E eu... eu não dava a mínima, mas queria paz.

Mas depois de vinte discussões como essa eu estava realmente bem perto de perder a paciência e mandar ela se foder, arrumar as coisas e sair da minha casa. Com criança presente ou não.

- Você é distante, ausente, nem um pouco cuidadoso, não dá qualquer valor a família que tem. Hyatt teve dois jogos no mês passado e você sequer sabia disso. Sabe por quê? Porque eu nem me incomodo mais de avisar! Você nunca vai, mesmo.

Desci o punho, cansado, contra a mesa.

- Não vou porque estou trabalhando como um burro de carga para manter seus luxos exorbitantes, Elizabeth, esqueceu dessa parte? Porque eu posso pegar o extrato do seu cartão para te

lembrar. Que tipo de ser humano gasta seis dígitos em uma floricultura?

- Para a festa da Novos Valores, Gregory! Você já esqueceu? Foi para a decoração da festa para angariar fundos para a causa! Foi por um motivo nobre.

- Nobre teria sido doar os seis dígitos de uma vez, ao invés de gastar com rosas e petúnias. Teria sido bem melhor para a causa.

- Não vou ficar sentada aqui ouvindo você me julgar.

- Ah, vai sim! Quer dizer que você pode me julgar por trabalhar demais para sustentar seus hábitos luxuosos, mas eu não posso te julgar por ser mal-agradecida?

- Mal-agradecida?

- Mal-agradecida. Agora, cadê a porcária da pimenta? Esses ovos não tem gosto de nada.

- Não tem pimenta. - afundou na cadeira. - Não coloquei na lista de compras dessa semana.

- E eu posso saber por que não? - talvez minha voz tenha saído muito mais rude do que eu antecipei.

- Porque você come isso demais. Não faz bem pra sua saúde. Resolvi que não entra mais pimenta nessa casa.

- Resolveu? Resolveu foi?

Um dia você ainda vai passar mal de tanto comer pimenta.

- E eu te disse que podia resolver por mim? - inclinei meu corpo na sua direção.

- Só estava preocupada com você! - sua expressão corporal indicou que ela deveria estar levemente assustada. - Você coloca pimenta até no café, Gregory! Isso não pode fazer bem!

Você tem um estômago fraco, Holt... Tem que aceitar isso!

- Então, não coma, Elizabeth! Se você não gosta, não coma! Eu te obrigo a comer, é isso?

- Só estava pensando na sua saúde.

- E resolveu tirar uma coisa que eu gosto do meu cardápio sem me consultar? Hyatt! Está na hora de você ir pra escola. - esfreguei as têmporas, antes que começasse a xingar na frente da criança. - Vai. Agora.

Ele se levantou ainda me observando com raiva.

- Você grita com ele, grita comigo. Quando você vai parar pra ver que está destruindo essa família?

- O menino é mal-educado porque você o educa mal. Ele precisa de limites.

- Eleanor disse que ele pode ter o que quiser.

- Eleanor não manda nessa casa. - ela riu e eu tive vontade de derrubar todos os pratos da mesa. - Vai colocar pimenta de volta na lista. Vai mandar alguém comprar a porra da minha pimenta, hoje, ouviu? E se eu ver a merda de um helicóptero nessa casa, suspendo todos os seus cartões de crédito.

- Eu só queria comemorar nosso aniversário de casamento e que você cuidasse melhor da sua saúde. - ah... ela ia se vitimizar, agora, não ia? - Vou mandar *ela* falar com você. Já que não escuta sua mulher, talvez escute sua puta.

- É o quê?

- Não se faça de sonso, Gregory. Acha mesmo que não sei de sua *namoradinha*? Seja sincero!

Agora basta.

- Quer ser sincera, *Lizzie*? Pois então vamos ser sinceros. Você casou comigo por dinheiro e é isso que eu te dou: dinheiro. Se você quer carinho, tem que fazer como eu e ir buscar na rua. Não que você não já tenha feito isso, é claro.

- Não me ofenda! - levou a mão ao peito e parecia que ela estava tendo aula de atuação com Eleanor. - Vou ter uma conversa com Eleanor sobre o que você tem feito e o que acontece nessa casa. Tenho certeza que ela vai ter algo a dizer sobre seu comportamento. Vai te colocar no seu lugar, te fazer pedir desculpas.

Eu nunca saberia explicar por que eu comecei a rir.

Eu mal dormia. Eu mal comia. Eu mal fodia e quando fodia, mal gozava. Tudo na minha vida era ruim e seco. Eu estava desgastado e irritado, completamente vencido. Entre um moleque mal-educado e esnobe que carregava meu sobrenome, a esposa patética e superficial que só ligava para as colunas sociais, a avó que tentava controlar minha vida e todos os conhecidos que achavam que ela conseguia.

A única porra da coisa na minha vida que prestava era aquela merda daquela pimenta nos meus ovos mexidos de manhã.

Era aquele gosto familiar que passava o dia ardendo nas minhas entranhas. Era só isso que eu queria. Era realmente pedir demais?

- Reserve o restaurante, Elizabeth. Você quer comemorar nosso casamento? Vamos comemorar.

- Ah, Greg. - ela sacudiu os cabelos loiros - Eu sinto muito, também. Não queria brigar. Obrigada, querido, era só isso que... - ela gostava de fingir que me amava. Era péssima nisso e eu sentia o cheiro da sua falsidade em cada palavra. O sobrenome ela amava. Amava muito. Era a mais prestigiada das mulheres da alta-sociedade e quando um inquérito policial caiu sobre uma parcela dos negócios da Baxter nas piores três semanas da corporação, ela foi embora para um Spa nos Alpes Suíços e me deixou sozinho. Estressado. Cansado. Tendo que, além de tudo, cuidar de uma criança e da casa. Ela sequer telefonou pelos primeiros treze dias. Eleanor achou que era porque ela iria fingir que nós já estávamos separados caso o problema na Baxter Inc. fosse pior do que imaginávamos e nós quebrássemos. Ela quis distância de mim naquele momento delicado.

Minha amada esposa.

- Não estou pedindo desculpas. Estou só te dando o que você quer para que cale a boca e me deixe em paz.

- Por que você precisa me tratar assim?

Foi logo depois do nosso casamento... Logo depois do funeral de Meryll. As últimas palavras que minha amiga me disse ecoando nos meus ouvidos. Eu já tinha me casado com a mulher, não tinha? Pelo menos ia tentar ser feliz com isso. Decidi fazer de Elizabeth minha amiga. Minha companheira.

Não durou dois meses.

Ela se importava mais em organizar festas em nossa casa do que transforma-la em um lar. Marcava entrevistas e fotos para jornais e sequer me olhava nos olhos antes ou depois. Era como se ela tivesse acabado de ganhar seu brinquedo favorito e quisesse exibi-lo para todas as suas amigas. *Eu era o helicóptero.* Algo que

ela usava quando era conveniente e depois era guardado e abandonado. Mas com o tempo ela percebeu que eu não era um objeto... E que nossa distância estava começando a ser percebida pela *sociedade*. Foi aí que o ato *mulher apaixonada* começou. E, sinceramente, só fez minha repulsa por ela aumentar.

- *Não conversar* foi opção sua, lembra? - bebi um gole do meu café e dobrei o jornal. Toda essa discórdia logo cedo me fez perder o pouco apetite que eu ainda tinha.

- Não foi isso que eu quis dizer.

- Foi exatamente isso que você quis dizer.

O meu divisor de águas. O evento que me fez perceber que meu casamento com Elizabeth sempre seria só para aparências. Eu estava triste, desapontado, frustrado. Sentei um dia ao seu lado e quis conversar. Eu ainda lembrava da sua resposta ácida: Ela era filha de uma família rica acostumada a muito conforto e nenhum problema. Me observou com descrença e disse com todas as palavras que eu era um homem e que um homem deveria dar a sua família o que ela precisava e não trazer nenhum problema para casa.

Se você tem algum problema, lide com eles sozinho e resolva tudo. É assim que homens fazem.

Ela me beijou depois disso. No canto da boca. Disse que tinha certeza que eu era um homem forte e que eu iria conseguir, antes de me beijar. E eu me senti imundo. Quis limpar o lugar onde sua boca tinha tocado no meu corpo.

Se Amanda pudesse me ver, morreria de desgosto.

- Você quer conversar, então vamos conversar. Vamos conversar sobre a sua vagabunda. Você quer salvar esse casamento? Um bom começo é acabando com ela. Se você soubesse como é humilhante... - escondeu os olhos nas mãos - Todo mundo já sabe. E a vadia faz questão de frequentar os mesmo lugares que eu! Os mesmo lugares que eu, Gregory! Isso é inaceitável.

- Acho que você está com problemas de audição, Liz, porque eu nunca disse que queria salvar esse casamento.

- Você... - ela abriu os olhos e a boca.

- Este casamento está fadado ao desastre desde que nós dissemos nossos votos. Eu nunca te amei e você nunca me amou.

Eu já desisti de fingir. Talvez se você fizesse o mesmo nós poderíamos viver nossas vidas em paz.

Eu já tinha desistido de *felicidade*. Sabia que essa parte era irreal. Mas *paz*... Eu faria qualquer coisa por um pouco de paz. Não aguentava mais ouvir os rosnados agudos de Elizabeth todos os dias.

- Você não quer salvar essa família. - repetiu - Greg, se não por mim, pelo seu filho! Pelo menos, pelo seu filho você tem algum respeito!

- Meu filho?

- Sim! Seu filho.

- Quem não está sendo sincera, agora?

Seus olhos tremeram.

- O que...

- O garoto tem os olhos negros, Liz. Eu tenho os olhos verdes, você tem olhos azuis. Eu não sou nenhum especialista em genética, mas...

- Acontece! Pode acontecer! - ela respondeu rápido demais. Alto demais.

- Vamos supor que eu acredite. Vamos supor que seja verdade e que possa acontecer. Sabe o que não pode acontecer? Um homem infértil se reproduzir.

Seus olhos se abriram e eu vi suas sobrancelhas avançarem em sua testa.

- Não. - sussurrou com um sorriso de desespero.

- Mesmo que Hyatt tivesse nascido prematuro, o que nós sabemos que não foi o caso, ainda assim. Eu tive infertilidade temporária e ainda estava fazendo o tratamento na época que ele deve ter sido concebido. Ainda não tinha, nem de longe, condições de reproduzir. Então, imagine minha surpresa quando você me disse que estava grávida.

- Pode acontecer.

- Se nós transássemos muito. Talvez. Mas... quantas vezes foram, Liz? Acho que ainda podemos contar em duas mãos, não? E eu usei camisinha.

- Eu disse a você que ela rompeu.

- Você tem uma saída para tudo. Menos para o teste de DNA que eu fiz quando o moleque nasceu.

- Você... - ela se levantou da mesa.

- Fiz quatro deles. Só para ter certeza. E todos afirmam a mesma coisa. Você quer tentar adivinhar o quê?

Seu lábio tremia enquanto ela encarava o chão. De todos os modos que ela deve ter imaginado que aquela segunda-feira iria começar, aquele deveria ser o último da lista.

- Gregory, eu...

- Relaxe, Elizabeth. Não vou dizer nada para Eleanor. Se eu dissesse, ela iria insistir para que tivéssemos outro filho e, sinceramente, acho que nenhum de nós dois quer isso. Hyatt vai ser um Baxter, vai se encaixar direitinho. E pronto.

- Eu quero outro filho! - ela se jogou contra mim e estava pendurada na minha gravata. - Quero outro, Greg. Quero mais um. Acho que é disso que essa casa precisa. Nós dois. Nós precisamos disso.

- Está com medo que eu engravide minha namorada e ela tenha um *herdeiro Baxter*, Liz?

Eu pude ver a resposta em seus olhos assustados.

- Não vai acontecer. Já tive minha cota de crianças com Hyatt. Não quero filho. Nenhum. Nunca. Minha linhagem morre comigo. Essa linhagem podre e amaldiçoada.

- Você é o pai dele!

- Não sou. Nunca fui. E nós dois sabemos disso. Eu detesto crianças, Liz. Acho que essa é a dura realidade. Não suporto crianças. E não é justo com ele. Ele não tem culpa da nossa história de vida ser tão fodida. Ele precisa do pai e acho que você deveria apresenta-los.

- Você ficou louco.

- *Eu te amo.* - recitei - *Está tudo bem. Somos felizes. Sou um marido bom e fiel. Esse é meu filho, vó. Esse é meu herdeiro, sociedade. Esta é minha vida perfeita...* Eu não aguento mais mentiras. Não aguento. Não vou mentir para Hyatt. Não vou mentir dentro da minha casa. Lá fora, tudo bem, já aceitei. Mas aqui dentro, eu quero paz. Próximo jogo da criança? Leve seu pai

verdadeiro para assistir. Eu te faço uma promessa, Elizabeth, do fundo do meu coração: não me importa. Eu só quero paz. Paz e a porra da minha pimenta.

As contas não fechavam.

As contas nunca fechavam.

Mas não era sempre assim?

- Vai ficar com os cabelos brancos! - riu.

- Já está atrasado, moleque! - levantei os olhos e estirei a língua.

- Quer que eu faça pra você? - ele se pendurou no banco de madeira elevado do meu lado e passei o braço por seus ombros. Empurrei os papéis e o escondi em um abraço.

- Se quero que faça o quê?

- As contas! Estava fazendo contas, não era?

- Não. - menti, beijando suas bochechas - Estava só organizando umas coisas para sua festa de aniversário.

- Mãe. - ele escapou do meu abraço e me observou daquele jeito *adulto* que ele fazia. Aquele cabelo cor de mel e arrepiado. Os olhos verdes... Era uma miniatura do pai. Uma lembrança constante.

- Não precisa.

- Não precisa do quê, moleque?

- O aniversário. - seus olhos estavam firmes. Ele tinha herdado toda a minha segurança e toda a gentileza de... Era uma combinação insana. - Eu sei que a gente não *tá* bem, mãe. Não precisa. De verdade. A gente comemora em dobro próximo ano.

- Nada disso. A gente comemora esse ano, sim. - passei a mão tentando organizar os fios revoltos... mas ele ia precisar de gel. O cabelo liso demais nunca ficava no lugar.

- Posso pedir um presente, então?

- Claro! Deve!

Apertei o abraço mais uma vez.

- Não quero o Rossel, mãe.

Senti meus braços folgando diante dos lábios espremidos do meu filho.

- Ty... ele é só um amigo.

- Eu sei. - seus olhos inexpressivos me mostravam que ele não acreditava. Eu tinha sido cuidadosa. Até onde ele sabia, Rossel era só um velho conhecido. Ou pelo menos era o que eu achava. - Não gosto dele.

Eu também não, filhote.

- Ele é uma pessoa boa. Nos ajuda muito.

- Só não quero ele no meu aniversário, *tá?* E se... se ele quiser me *ajudar* com algo no meu aniversário... Eu não quero. Promete?

Ajudar...

Se ele quiser me ajudar...

Como ele sabia?

- Prometo. - umedecei os lábios e respirei fundo - Agora vai pegar suas coisas! Te levo até o ônibus da escola.

Ele correu de volta para o quarto e eu puxei os papéis de volta.

Vance Rossel.

Eu nunca teria feito aquilo. Eu sabia o que ele queria. Sabia exatamente. Vance era o tipo de homem rico e nojento que caça mulheres onde pode e eu era mais uma de suas caças. Não ia durar muito tempo. Dois anos é tempo demais para enganar um homem e mantê-lo por perto. Até para mim. Logo, logo, ele iria querer *cobrar* todos os favores que já me fez e que eu, de forma nem um pouco inocente, dei a entender que pagaria.

Eu nunca teria feito aquilo.

Nunca.

Mas Ty ia bem nas aulas. Bem demais.

Vamos fazer um teste de Q.I. com ele.

Eu sabia que meu filhote era esperto, mas o resultado do teste que a diretora da sua escola anterior sugeriu que ele fizesse, realmente me surpreendeu.

Eu esperava um 110 ou 120... um garoto inteligente acima da média. Quando o examinador me informou que ele quase atingiu os 200 pontos, eu...

Eu procurei Vance Rossel.

Precisei ser sutil... me insinuar de todos os modos que eu conhecia, e eu conhecia muitos modos. Não demorou muito para fisgá-lo e começar a receber todo tipo de oferta de ajuda. Ele queria me dar dinheiro, joias, viagens... O jogo que nós jogamos foi delicado. A maior parte das mulheres que aceita algo de um homem assim precisa logo se preparar para ir para a cama com uma boa imaginação e uma dose considerável de lubrificante. Mas eu só precisava de uma coisa: uma escola melhor para o meu Ty. Uma escola excelente que eu não tinha condições de pagar, nem os contatos para conseguir a vaga.

Ele me ofereceu o que pode e eu recusei. Ele se tornou cada vez mais criativo e insistente enquanto eu representava o papel da mulher íntegra que o via como um amigo querido e que nunca aceitaria o que quer que fosse. Esperei pacientemente até que ele tivesse a ideia.

Posso te ajudar com a escola do Ty. Conheço umas pessoas e...

Isso, querido... Isso. É isso que eu quero. Por favor e obrigada.

É só um empréstimo, Vance! Vou te pagar tudo de volta.

E era verdade. Eu realmente só precisava de um empréstimo. Um que não conseguiria no banco e de forma rápida. Como eu ia juntar dinheiro para pagá-lo de volta... Bem... ainda não tinha chegado nessa parte do meu plano.

Mas logo a escola abriria inscrições para a bolsa e meu Ty conseguiria uma. Pelo menos era isso que eu esperava.

- Célere! - riu.

- Algo rápido e ágil. - descemos a rua de mãos dadas até a parada do ônibus escolar privado.

- Inócuo!

- Inofensivo.

- Incólume. - pediu.

- Intacto. Vamos, garoto, não está nem se esforçando.

- É porque você disse que a pessoa mais inteligente da casa tem que ser você! - riu - Não quero usar as mais difíceis e te

envergonhar. - torceu o nariz, rindo, e eu passei o braço pelos seus ombros.

- Não seja pernóstico, moleque!

Ele parou de andar.

- Não conheço essa.

- Olha aí! Acho que não vou te contar e vou permanecer a pessoa mais inteligente da casa. - Fiz um floreio teatral de alegria e ele riu alto. - E achei que você tinha lido o dicionário inteiro. - provoquei.

- Ainda não cheguei na letra *p*. O que quer dizer? - pisquei para o vazio. Foi só uma brincadeira... não imaginei que ele estava *realmente* lendo o dicionário.

- Petulante. Pretensioso. Pedante.

- Não cheguei na letra *P*, mãe! - puxou meu braço - Não conheço nenhuma dessas.

- Arrogante! - decidi - Significa *arrogante*. Não seja arrogante.

- Ah, de jeito nenhum! - riu - Sei que a pessoa mais arrogante da casa tem que ser você, também.

Sorri e beijei o topo da sua cabeça enquanto o ônibus se aproximava virando a esquina.

- Esse é o meu filhote!

- Bom dia, senhor Baxter.

- Bom dia, Rose. Bom dia, Laura. - cumprimentei as secretárias.

Entrei na minha sala e retirei o casaco. Laura me seguiu. Eu preferia quando era Rose quem cuidava da minha agenda. Laura parecia ler romances demais e desenvolveu uma pequena atração por mim que se tornava cada vez menos apropriada. Era uma garota esperta e competente, graduando-se em Administração, seria útil tê-la por perto. Principalmente depois que percebi que ela irritava Elizabeth... pequenos prazeres da vida. Mas se ela continuasse assim, ia precisar encontrar outro local para ela na empresa.

- A semana está cheia, senhor. E tudo confirmado para sua viagem na quinta, já reservei os assentos direto com a companhia.

- Assentos? - sentei na minha poltrona - O que houve com o jato?

- Manutenção, senhor Baxter. O senhor disse que deveríamos agendar para esse mês, mas se preferir...

- Não. Não. Assim está bem. Eu nunca paro de viajar mesmo, acho que é inevitável ter que voar com aviões comerciais. A passagem de Rose também está organizada?

- Ahm... sim, senhor. Sobre isso... será que poderia tomar um minuto?

- Claro. - expirei - O que houve?

Ela se virou discretamente e fechou a porta atrás de si. Usava um vestido escuro leve, de botões e mangas curtas. A saia caía até sobre os joelhos e um cinto fino marcava sua cintura estreita. Usava os cabelos castanhos claros em uma trança sobre o ombro.

- Eu falei com Rose sobre a possibilidade de tomar seu lugar nessa viagem. Seria uma experiência incrível para mim, senhor, se eu pudesse. - baixou os olhos, ajeitando os óculos de armação leve - Não apenas para ver a convenção de perto, mas as negociações que acontecem. E é claro que estaria pronta para ajudar com o que o senhor precisasse. Estaria a sua disposição. E Rose não se incomodaria. Ela só disse que eu teria que resolver com o senhor.

Travei a mandíbula.

- Preciso da minha equipe lá para trabalho, Laura. Isso é uma empresa e não uma organização beneficente. Se Rose não se incomoda e seria benéfico para você, eu não tenho qualquer problema. Mas não quero atrasos ou ausências porque estava fazendo novos contatos ou assistindo uma palestra, tudo bem? Se preferir vir, venha, mas vou esperar o máximo de profissionalismo seu lá, assim como espero aqui.

- Sim, senhor, claro!

- Então, faça as modificações necessárias. O que há na agenda para hoje?

A porta da minha sala se abriu e eu vi Anya entrar abruptamente seguida de Rose.

- Oi, amor. - ela viu Laura sentada na minha frente e veio direto para minha boca. Me deu um beijo longo e desnecessário que

eu tive que interromper.

- Mil perdões, senhor Baxter.

Rose tinha o coque grisalho preso no topo da cabeça e um olhar aflito.

- Anya, o que está fazendo? - meu tom era rude e objetivo.

- Vim te ver! - ela empurrou minha cadeira e tentou sentar no meu colo, mas eu a empurrei com o braço.

- Já conversei com você sobre isso.

Eu podia sentir Laura segurando o sorriso de satisfação.

- Eu tentei avisá-la, senhor Baxter, mas ela...

- Não é culpa sua, Rose. - levantei a mão para a mais exemplar de minhas funcionárias - Obrigado. Laura, já pode ir também, deixe a porta aberta quando passar, por favor. Só preciso de um minuto e continuaremos com a agenda.

- Sim, senhor. - elas saíram e Anya apontou para a porta como se não entendesse porque ela deveria ficar aberta.

- Não venha me ver no meu ambiente de trabalho sem combinar comigo antes, Anya. - eu a vi murchar - Mantenho minha vida profissional e pessoal separadas e se você não consegue respeitar isso teremos um problema. E não entre na minha sala sem ser anunciada. *Principalmente*, quando a porta estiver fechada.

- Bom dia pra você, também. - reclamou.

- Não gosto de ser surpreendido ou interrompido. Você sabe disso.

- Greg, você precisa relaxar. - ela colocou as mãos no meu pescoço em uma massagem que seria boa. *Se apenas fosse outra pessoa quem estivesse fazendo.*

Anya tinha os cabelos escuros e lisos caindo em camadas até os ombros, os olhos castanhos e o corpo esguio com curvas leves. Eu podia ficar sobre ela, beijar sua boca, colocar a mão na sua cintura, enfiar o rosto em seu cabelo e fingir que... Fingir que ela era *outra pessoa*.

A que ponto eu tinha chegado...

- O que eu preciso é trabalhar, Anya. - segurei suas mãos e a afastei de mim - E você precisa ir.

- Quando vamos nos ver?

Uma vez por semana, geralmente era tudo que eu precisava.

- Não sei. Preciso viajar na quinta.

- Ah! - ela levou as mãos a boca empolgada - Algum lugar com uma praia? Eu posso ir com você... - desceu o dedo pela minha gravata - Te esperar nua no quarto no intervalo das suas reuniões. - sussurrou no meu ouvido. Mas não teve o efeito que ela desejava. Nunca tinha o efeito que ela desejava. Anya deveria ser a décima namorada morena que eu tive nos últimos anos. E assim que elas começavam a *querer demais* era hora de me livrar delas. Ela parecia a melhor opção até o momento porque nunca quis mais. Dinheiro, viagens e presentes caros estavam bons o suficiente e ela se mantinha sob controle. Mas nos últimos meses, tinha experimentado algumas novidades da alta sociedade e certamente tinha alguma amiga inconveniente lhe sussurrando ao ouvido que estava na hora de casar e ter filhos. Eu ia ter que acabar tudo antes que Anya começasse a pensar que poderia seguir os conselhos da amiga comigo.

- Não misturo negócios com prazer. Nos vemos quando combinarmos para fazer isso.

- Não sou sua posse, Gregory! - seus ombros caíram. Ótimo... eu ia ouvir gritos de duas mulheres hoje. Estava atingindo meu limite e estava fazendo isso bem rápido. - Não pode me colocar no canto e me usar só quando precisar. Não sei com que tipo de mulher você está acostumado, mas eu não aceito homem que não me dá valor! - elevou a voz e minha paciência se foi.

- Anya! Você é minha amante. Minha *amante*. Não pode vir ao meu trabalho assim. Perdeu o juízo?

- Ah... todo mundo já sabe que a gente está junto. E do jeito que a sua mulher me olhou quando cruzei com ela em um brunch no fim de semana tenho certeza que ela sabe também. Tive vontade de acenar para ela e dizer: oi querida, acabei de foder seu marido. - riu e bateu palmas devagar.

- Não me importa quem sabe. E achei que tínhamos conversado sobre você frequentar os mesmos ambientes que Elizabeth.

- Greg... Você precisa relaxar. - sentou na minha mesa - Fecha aquela porta que eu te mostro como. - piscou um olho safado para mim.

- Não acredito que vou ter que me repetir, mas não misturo trabalho com prazer, Anya. Não vou transar com você, nem com ninguém, no meu escritório. - engoli a seco - É o tipo de coisa que eu não faço. Você precisa ir. Eu tenho trabalho a fazer.

- Quando vou te ver?

- Quando eu voltar de viagem. Talvez.

Ainda era apenas metade da semana e eu estava contando os segundos pro fim de semana. Era minha nova realidade... trabalho administrativo em um escritório não combinava comigo. Eu sentia falta dos meus processos e audiências, mas não era mais uma possibilidade. Não tinha mais o mesmo sobrenome e *Dominique Scarlett* sequer tinha um diploma em Direito.

Três batidas na minha porta.

- Dominique? Monsieur Rossel está aqui. Posso deixá-lo entrar?

Passei a mão no topo da cabeça, com impaciência, alisando meus cabelos presos em um coque firme.

- Pode. Obrigada, Carole.

Ela fez um gesto breve e abriu a porta.

- Oi, gatinha.

- Vance! - sorri, falsa - A que devo o prazer da visita?

- Quase não falei com você essa semana. Um cavalheiro não pode vir visitar uma querida amiga?

- Deve! - levantei e deixei que ele beijasse minhas bochechas.

Rossel era cinco anos mais velho do que eu. Sua barba sempre estava perfeitamente bem feita e os cabelos metodicamente penteados para trás. Ele era quase bonito. E quase charmoso. Mas sempre elegante: suas roupas eram bem passadas e ele tinha um cheiro *limpo*. Seu exagero com limpeza sempre me fez imaginar que pelo menos um de seus dois divórcios tinham acontecido depois que ele levou a pobre mulher a loucura. Minha mente voou para Shelbi.

Minha velha amiga... a vizinha que sofria com o marido traidor e neurótico com limpeza.

Mas não era hora de relembrar o passado.

- Confesso que tive segundas intenções ao vir aqui, hoje.

- Diga de uma vez. - sorri, como se estivesse brincando. Mas estava ocupada e queria que, de fato, ele dissesse de uma vez.

- Próxima semana é aniversário do Ty, estou certo?

- Está. - concordei. Duas coisas tem que ser ditas sobre Vance: ele é observador e aprende rápido. Não demorou até descobrir que o caminho para o meu coração era agradando meu filhote. Tyler não gostava dele e eu duvidava que isso fosse mudar algum dia, mas tinha rendido excelentes presentes de aniversário. Não que servisse de muita coisa... bastava que Ty soubesse de quem era o presente e logo perdia o interesse. Fosse um carrinho de controle remoto ou um livro... se o presente era de Vance, Tyler iria odiar. Meu pequeno filhote era o homem da casa. E ele não gostava de outros homens invadindo nossa vida.

- O que ele iria achar de uma pequena viagem para... Walt Disney World, na Flórida? - anunciou rapidamente.

Meu queixo caiu e eu fiquei procurando palavras.

- Nós três poderíamos ir pra lá, na próxima semana. É... ele perderia alguns dias de aula, mas o garoto é um gênio! - ri - Ele consegue recuperar tudo quando voltar. E nós podíamos contratar uma babá, um ou dois dias de noite, sabe? - seu sorriso mudou - Tem uns lugares ótimos em Orlando, para adultos. Tem um barzinho excelente que eu adoraria te levar e alguns shows a noite, também. Seria ótimo! O que me diz?

- Vance... eu agradeço, mas...

- Vamos, Dom! Não me faça essa desfeita. E não é por você! É pelo Ty! O que me diz?

- É demais, Vance, não posso aceitar.

- Eu sei que você estava planejando levá-lo para a Eurodisney.

- Estava. Ainda estou. - ri - Mas é só pegar um trem, Vance. E estamos lá em menos de uma hora. De volta para casa na hora do jantar. Você está falando em atravessar o oceano. Passagens de

avião, hospedagem... não. Você já me ajudou muito e eu já te devo mais dinheiro do que posso contar.

- Sabe que não estou cobrando.

- Sei. Mas ainda assim. Não. Muito obrigada, mas não. Vou só levar o Ty a Eurodisney dessa vez. Quem sabe daqui a alguns anos eu faço uma boa economia e ele conhece a outra.

- Você acaba comigo assim, sabia? - exagerou na frustração.

- Não diga isso! Eu agradeço, de verdade. Mas não posso aceitar.

- E se eu oferecer direto ao Ty?

Boa sorte.

- Ele é uma criança. Não decide. Quem decide sou eu e eu estou dizendo obrigada, mas não, obrigada.

- Eu insistiria. Mas sei como você é teimosa.

Eu ri apesar de não ter achado nenhuma graça.

- Tudo bem. Vamos jantar mais tarde?

- Talvez. Tenho muito trabalho, hoje... - levantei um ombro.

- Sabe, Dom? Um dia eu desisto de você.

- Desiste nada. - brinquei, lhe dando um beliscão no braço e seu olhar se derreteu sobre mim.

Desiste, sim.

E não vai demorar...

Afiveleri o cinto de segurança e Laura se sentou ao meu lado, com um sorriso discreto.

- Querem algo antes da decolagem? - a aeromoça se aproximou, solícita.

- Estou bem, obrigado.

- Um copo de água? - ela pediu e a aeromoça se afastou prontamente. - Nunca viajei de primeira classe. - confessou.

- É a mesma coisa que a executiva. Só é mais cara, com um pouco mais de espaço e você pode escolher entre a comida ruim ou a horrível.

Ela riu baixinho. Eu não fui engraçado e sua risada indicou que ela só queria me agradar.

- Senhor Baxter. Posso fazer uma pergunta pessoal?

- Não sei se deve, Laura. - olhei para ela com o canto do olho e notei que não ia desistir. Achei melhor acabar com aquilo de uma vez. - Uma pergunta. Tudo bem. Faça sua pergunta.

- O senhor é um homem bonito, rico, inteligente, bem sucedido. Mas parece estar sempre tão... Perdoe-me, mas não parece muito satisfeito com o que conquistou.

Eu sempre podia julgar o caráter de uma mulher pelo modo como ela listava minhas qualidades. A lista mostrava a prioridade que cada coisa tinha para ela. *Rico* sempre era o primeiro ou segundo lugar da lista. Podia ser só uma coincidência. Mas era uma coincidência infalível.

- Sou uma pessoa focada. Só isso. Não demonstro sentimentos por aí, mas estou muito satisfeito com minhas conquistas, obrigado.

- Não quis ofender. - apressou-se.

- Não ofendeu.

- É só que... trabalho para o senhor há mais de um ano e não lembro de ver nada na sua agenda que indicasse que o senhor relaxa. Não sei se é saudável viver só de trabalho. - ela parecia medir as palavras com cuidado para não me atingir do jeito errado. Respeitei sua decisão. Mas queria que ela parasse de falar.

- Não coloco meus momentos de lazer na minha agenda profissional.

- Mas sobra tempo fora dela, senhor? Talvez não precisasse trabalhar tanto. Poderia se permitir um momento de lazer. Posso agendar uma massagem para o senhor no hotel. Ou uma hora para relaxar na piscina, ou...

- Estou bem só fazendo meu trabalho, senhorita. Relaxo quando voltar para casa. - deixei meu tom explicar que aquela conversa tinha acabado. Ela fez silêncio por alguns segundos e queria puxar algum outro assunto, mas eu ignorei seu nervosismo e abri o livro.

- *Scarlett?* - perguntou, lendo a capa.

Baixei o livro e expirei.

- É a continuação de *E o Vento Levou*. Mas é escrito por outra pessoa. Não sei se vale. - dei de ombros.

- Ah, acho que vale sim. Desde que seja uma pessoa que tenha entendido bem o primeiro.

- Talvez. Mas pode acabar desvirtuando a intenção do autor original.

- É... nesse caso seria um problema. - ela se virou de lado, parecendo empolgada por ter começado um assunto. Ela era desse tipo, então... o tipo que concordava com qualquer coisa que o cara dissesse para continuar a conversa.

Ou talvez ela só não quisesse desagradar o chefe.

Seja lá o que fosse, pelo menos era melhor que o outro tipo de mulher na minha vida: o tipo que grita comigo por atenção.

- O senhor gostou de E o Vento Levou? Confesso que ainda não li, mas tenho muita vontade. O filme é fantástico.

- Acho uma porcaria.

- Ahm... - seu sorriso sumiu e ela não soube o que fazer consigo.

- História forçada e mal contada. Scarlett é o pior ser humano que já existiu: na realidade ou ficção. E torná-la uma heroína foi de péssimo gosto. Ela é o tipo de pessoa da qual gente decente deveria querer distância e o filme... sinceramente? Acho Clark Gable um saco e Vivien Leigh nem é assim tão bonita.

Não sei por que resolvi regurgitar tanta raiva sobre o livro mas... nos últimos anos da minha vida, não me lembro de alguém, algum dia ter me perguntado algo assim. Que livro eu gosto. Que filme. Que música. Não me lembrava de ter uma conversa com alguém em que a pessoa realmente estivesse interessada em mim. Elizabeth só se interessava por dinheiro. Eleanor tinha interesse por mim, mas era sempre em sua versão deturpada e única de carinho misturada com controle. Depois que Boe se aposentou e se foi, sem nem se despedir, eu me percebi preso e cercado por pessoas que me conheciam cada vez menos. Verdade que, antes de ir, Boe tinha me enviado um endereço de um email com sua enigmática mensagem de "para quando precisar". Talvez fosse apenas seu modo de se despedir e, considerando como *outra pessoa* já tinha me abandonado sem ao menos uma mensagem – enigmática ou não – eu era grato a Boe por sua consideração. De qualquer modo, às

vezes, eu me pegava imaginando se não deveria entrar em contato com ele. Minha versão de um amigo. Ao contrário de Derek que cada vez mais parecia apenas mais interessado em negócios do que em amizades. Ou talvez eu devesse esquecer Boe e suas intenções. Talvez eu devesse buscar novas amizades. Ou talvez apenas não ser grosseiros com pessoas como Laura que demonstravam o mínimo de real interesse.

- Desculpe, acho que me empolguei.

- Não... de modo algum. - ela sorriu - Acho que só tinha ouvido coisas boas sobre a história, mas... as pessoas fazem isso, não é? - ela tocou meu braço - Elogiam só porque é um clássico e querem fingir que são cultas.

Puxei meu braço e resolvi guiar a conversa de volta para um local apropriado.

- Vou precisar revisar um material assim que chegarmos ao hotel. Só ligue para o pessoal da empreiteira assim que chegarmos para confirmar tudo e depois pode fazer um intervalo. Nos encontramos depois do almoço.

- O senhor quer que eu faça alguma reserva para o almoço? Quando chegarmos ao hotel? Ou prefere só...

- Vou comer algo no quarto. Você pode fazer como preferir e nos encontramos depois.

Dei um toque no livro indicando que ia voltar a minha leitura. Ela sorriu, sem vida e encontrou uma revista.

Algo que Laura disse me incomodou e eu me encontrei andando pelos corredores do hotel em direção a piscina. Eu podia passar uns vinte minutos tomando sol, não poderia? Lendo meu jornal e bebendo alguma coisa? Não ia ser horrível.

Passei pelo portal que separava a área interna da externa e meus sentidos foram invadidos pela luz do sol, a música animada, o cheiro de sal e plantas, o barulho de crianças correndo e nadando. Era quase contagiante. Sentei em uma das espreguiçadeiras e dei o número do meu quarto para um dos garçons em troca de uma bebida gelada.

Estava abrindo meu jornal.

- Senhor Baxter?

Virei para encontrar Laura de biquíni, mal saída piscina, com o corpo molhado.

Ela era esbelta e esguia. Um porte elegante e um biquíni pequeno demais.

- Laura. - cumprimentei.

- Bom vê-lo tomando um sol. - sorriu animada - Posso? - indicou a espreguiçadeira ao meu lado.

- A vontade. - dei de ombros.

- Achei que ia almoçar no quarto.

- Resolvi descer um pouco.

- Relaxar um pouco na piscina? - ela tinha notado que suas palavras tinham me atingido.

- Acho que sim. A tarde vai ser longa.

- Com certeza. A abertura é daqui a duas horas. - puxou meu braço para olhar no meu relógio e eu achei a atitude descontraída igualmente inapropriada e adorável. - Vou comer alguma coisa e depois tomar um banho. - sentou-se - Já almoçou, senhor Baxter?

- Não. Ainda não.

- Pedi um sanduíche. Por que não me acompanha?

- Um sanduíche? Não me parece saudável.

- Um pequeno excesso de vez em quando, senhor Baxter. - ela riu - Faz bem. Ninguém aguenta comer salada todos os dias. - ela tinha um belo sorriso - Eu peço para colocarem pimenta.

Eu engoli em seco.

- Perdão?

- O senhor gosta, não é? Rose coloca a anotação em todos os buffets, está na sua lista de compras... e às vezes que o acompanhei em algum restaurante, o senhor sempre insiste.

Dobrei o lábio.

- Você é perceptiva.

- Acho que sim. - levantou um ombro, tímida - Um pouco. E então, o que me diz? Um dos homens mais ricos do mundo... comendo um sanduíche com bastante pimenta na beira da piscina ao lado da estagiária? Não vai ser convencional.

Eu não controlei um meio sorriso e ela se virou para mim, radiante.

- Isso foi um sorriso? Nossa! Acho que é a primeira vez que o vejo sorrir.

- Não precisa exagerar, senhorita.

- Tem um belo sorriso, senhor Baxter.

Eu agradei e o garçom estava de volta. Escolhi um dos sanduíches do cardápio e Laura repetiu a instrução do "*bastante pimenta*" que me fez deixar outro meio sorriso escapar. Ela me observou com seus imensos olhos claros e uma expressão de plena satisfação.

Capítulo 8

- Aqui.

Ty estava sentado em cima do balcão, enxugando com um pano a louça molhada que eu lhe passava.

- Mãe, eu estava lendo um livro desse cara... O Ian McEwan... Se chama o Jardim de Cimento.

Abri os olhos até minhas sobrancelhas atingirem a linha do cabelo.

- Menino! Onde você achou esse livro?

- Ahm... - ele me observou em silêncio com aquela expressão de quem sabia que tinha feito algo errado e estava formulando uma nova verdade para ser compartilhada. O pai fazia exatamente a mesma cara, exatamente na mesma situação. Não tinha como me enganar. - Na estante, no escritório. Mas eu achei que ia ser legal! - confessou - Você disse que eu podia ler qualquer coisa.

- O que houve com os livros do Harry Potter que eu te dei? - coloquei a mão na cintura.

- Já li. E o livro tinha "jardim" no título, achei que ia ser legal.

- Jardim Perfumado também tem "jardim" no título e nem por isso...

- Esse fala sobre o quê?

Um manual do sexo um pouco mais contemporâneo que o Kama Sutra.

- Sobre nada! Menino! Não é pra ler essas coisas sem falar comigo. Chegou até que parte?

- Eles estão sozinhos em casa depois que a mãe morreu e está tudo uma imundície. Eles são três. E são mais velhos do que eu... Não entendo qual o problema de lavar a louça. - demonstrou descrença enquanto enxugava mais um prato. - Só por isso, eu falei.

- Pare de ler. Ouviu? Você termina quando for mais velho.

- Tá, tá... Eu só fiquei curioso.

- Curioso com o quê?

Ele levantou um ombro de um jeito estranho. Devia querer conversar sobre algo, mas não sabia como. Desliguei a torneira.

- Ty. - puxei seu pequeno quadril e ele deslizou na bancada, coloquei-o na minha frente - O foi que houve, filhote?

- Eu só *tava* pensando. - falou tão baixo que eu quase não escutei - Eu li a orelha do livro e dizia que eram crianças vivendo sozinhas depois que os pais morreram. Só eles sozinhos e eu... Eu fiquei pensando.

- Pensando em quê, meu amor? - puxei seu queixo e alinhei seu olhar com o meu.

- No que ia acontecer comigo se algo acontecesse com a senhora.

Engoli a seco e a pouca saliva desceu rasgando minha garganta inteira.

Eu esperava ter que conversar sobre temas difíceis com Tyler um dia. Mas não imaginava que ia ser tão rápido. E nem que ia ser tão intenso. Imaginei que "quem é meu pai" ou "onde ele está" viriam antes de "eu não tenho família e vou ficar sozinho quando você morrer".

A verdade é que esse temor que ele manifestava agora era um que sempre me perseguiu. Tanto que deixei uma carta... Para Oliver.

Oliver, de todas as pessoas... Ele tinha dinheiro e era um homem decente. Ia cuidar bem de Ty ou achar alguém que fizesse isso. Tinha certeza.

Se algo acontecesse comigo, meu filho ia ser enviado aos cuidados da única pessoa no mundo que sabia onde eu estava e o que aconteceu. Mas, gênio ou não, como explicar isso tudo para um moleque de sete anos?

Sua avó queria que eu abortasse, Ty. Depois ela mandou me matar, eu fugi. Fui burra, ela me achou e mandou me matar de novo. Seu pai sabe de tudo. Te chamou de coisa, disse que você era "problema" meu e só não me mandou tomar no cu porque eu desliguei o telefone antes.

Como você explica isso para uma criança?

- Ty, escuta sua mãe. Não vai acontecer nada comigo, está bem? Não vai. Vou ficar bem velhinha morando com você e sua mulher, ela vai me detestar, vai ser lindo. - ri e uma pontada no meu coração me lembrou de Audrey. Onde ela estaria agora? Será que ainda presa naquele lugar? - Vou ficar grudada com você a vida inteira. Vai desejar se livrar de mim e eu ainda vou estar lá. Me ouviu?

- Mas...

- Mas se acontecer alguma coisa, eu tenho um amigo. Uma pessoa excelente. Ele adora você e já nos ajudou muito...

- O Rossel?

- Não, não é o Rossel. É uma pessoa que eu confio muito! Confiaria a minha vida a ele, ouviu? E aí se acontecer alguma coisa, ele vai cuidar de você.

Ele levantou seus olhos verdes para mim.

- É o meu pai?

Meu coração inteiro murchou e implodiu. Eu quis morrer.

- Não, amor. Não é o seu pai. É só um amigo.

- Meu pai não ficaria comigo?

- Ty, já te disse, querido. Você é muito novo. Eu te conto a história toda do seu pai quando você for mais velho.

- Eu só queria saber, mãe...

- Eu sei, amor. E não vou mentir pra você sobre isso nunca! Mas você é muito novo. Eu te amo e só quero o melhor pra você. Confia em mim?

Ele concordou com um gesto convincente.

- Só me diz se ele está vivo?

Respirei fundo.

- Está. Ele está vivo.

- Tudo bem. Não quero saber mais nada, então. Nunca mais.

- Filhote, não faz isso. Vou te contar tudo, um dia.

- Não estou chateado com a senhora, mãe. Eu só não quero saber a história dele.

- Não está falando sério. Vai se arrepender disso. Um dia vai precisar saber sobre ele.

- Saber o quê? Ele está vivo e se a senhora morresse, um amigo cuidaria de mim. Meu pai não ficaria comigo se minha mãe morresse. Eu não preciso saber de mais nada.

Laura era uma companhia interessante.

Foi impecavelmente profissional sempre que precisei dela. Mas todas as noites, quando a convenção acabava e todas as negociações tinham sido feitas, ela se transformava em uma companhia radiante e animada que não conhecia dias ruins.

Era uma injeção de alegria no corpo de qualquer um.

Ainda na quinta ficamos no restaurante até de madrugada com algumas pessoas que conhecemos na convenção. Falamos sobre esportes, avanços tecnológicos, programas de televisão de baixa qualidade e refeições superfaturadas. Foi uma noite... *divertida*.

Não diria que passei a noite rindo. Mas passei a noite sem me lamentar. Tomei dois remédios e consegui dormir pouco mais de cinco horas. Uma verdadeira conquista considerando minha situação.

A sexta foi uma continuação simétrica: Laura foi uma funcionária modelo durante cada segundo do dia e assim que o trabalho acabou, ela apareceu em um tubinho preto que, sinceramente, não estava exatamente trabalhando a favor de seu corpo com poucas curvas, mas a deixava levemente provocante ainda assim.

Ficamos no bar do hotel, conhecendo turistas nacionais e estrangeiros. Conversando bobagens, bebendo um pouco. Ela flertou com dois ou três rapazes e logo eu estava sozinho e sem espírito para ficar desacompanhado ou tendo que procurar companhia. Me retirei cedo e a deixei com seus novos amigos.

No sábado, ela me perguntou para onde eu fui na noite anterior. Tentou ser sutil ao deixar claro que não tinha se envolvido com nenhum dos rapazes, mas não era da minha conta e se ela estava falando era porque queria que eu soubesse. Depois lamentou eu ter me retirado tão cedo de um modo muito sugestivo.

A convenção acabou pouco depois do meio dia e eu deixei Laura me convencer a voltar para a piscina. Não cheguei a entrar na

água, mas aceitei mais um sanduíche com pimenta e algumas bebidas geladas.

O calor do sol me agradava. A bebida, o barulho, a luz. A conversa com Laura fluía facilmente e ela sempre arranjava um novo tópico de modo que nunca nos encontrávamos diante de um silêncio constrangedor.

E eu me lembrei de Meryll. Ela queria que eu fosse feliz. Tentou me convencer que eu era jovem e estava abandonando minhas chances de encontrar alguém que eu gostasse por puro rancor. Não que esse *alguém* que eu precisasse fosse Laura, mas... O fato é que eu não estava me permitindo experimentar nada. Eu tinha decidido ser infeliz por causa do que a *megeira* fez comigo tantos anos atrás. E por quê?

De repente, eu não conseguia pensar em nenhum motivo.

Não conseguia pensar em nenhum motivo para não ficar com Laura. Para não me divorciar de Elizabeth. Para não tirar um ano de folga e ir viajar pelo mundo.

Por que eu tinha me enfiado nesse buraco depressivo onde nada nunca era bom?

Laura estava brincando com os cordões da minha bermuda e eu percebi que nosso contato não precisaria de muito para ficar ainda mais inapropriado.

- Acho que vou para o quarto, agora. - decidi. Toquei sua mão, sob o pretexto de afastá-la da minha bermuda, mas deixei o toque se prolongar.

Ela acariciou meus dedos nos seus e sorriu.

- Eu te acompanho.

O tempo no elevador transcorreu entre sorrisos silenciosos e quase toques. Aquele estado prévio onde as duas partes sabem exatamente o que vai acontecer, mas nenhuma das duas fala em voz alta.

Abri a porta do meu quarto e ela entrou junto comigo.

Passou a língua nos lábios e se aproximou.

Perto demais.

Suas mãos chegaram ao meu tórax e eu passei os braços pela sua cintura.

Ah, que se foda.

Tomei seus lábios, suguei com vontade e...

Nada.

Absolutamente nada.

Eu não podia ficar surpreso. Era sempre assim... eu ia precisar de um tempo.

Sua boca era errada. Forte demais ou leve demais. Seus lábios eram finos e rígidos, ruins de ter na boca. Subi a mão pela sua cintura e seus seios eram muito pequenos. Ela era baixa demais e eu tinha que me curvar para beijá-la de um jeito desconfortável. Laura passou os braços pelos meus ombros e afundou a língua na minha boca.

Não estava exatamente ideal, mas eu sou homem e era como se meu pau estivesse dizendo... *"bem... vai ter que servir"*.

Segurei sua cintura e a empurrei por um segundo.

- Não tenho certeza se deveríamos fazer isso.

Mas era o tipo de coisa que eu me senti no dever de dizer só para constar. Minha mão estava enfiada por baixo do seu biquíni e ela estava apalpando minha ereção.

- Porque não é profissional? - ela quis saber - Também não é profissional se masturbar pensando no chefe, mas eu já fiz isso. - ela me beijou de novo e meu corpo inteiro virou um saco pesado de areia.

Tenho um vibrador lá em casa que praticamente tem seu nome escrito.

Eu estava ouvindo ela gemer no meu ouvido.

Não Laura.

A outra.

Aquela porra daquele gemido impossível de resistir.

Laura mordeu minha orelha e gemeu baixinho.

A voz era errada. O tom era errado. O gemido todo era errado.

Ela me puxou pela mão e nós estávamos na cama. Mas eu não estava ali, em um quarto de hotel. Eu estava na minha velha casa, no subúrbio. Ouvindo Dominique gemer na gravação do meu celular. Ouvindo ela gemer no meu ouvido. Laura tinha enfiado

minha língua na boca e eu abri os olhos no meio do beijo. Os cabelos claros se espalhavam no colchão.

Eu não queria ela.

Eu não queria nada.

Não queria beijar.

Não queria foder.

Eu só queria voltar no tempo.

Eu cheguei em casa e ela estava tirando a tigela de cereais do alcance de Max. Estava rindo e me senti feliz. Não me lembrava de já ter sentido tanta felicidade antes daquilo e certamente não senti nenhuma depois.

Foi a melhor época da minha vida e tinha sido mentira. Ela alisou as orelhas do meu cachorro e eu pensei em como seria perfeito voltar para casa todos os dias para aquela cena. Voltar todos os dias *para ela*.

Emoção é uma merda.

É irracional. É incontrollável.

Você só sente.

Eu só queria voltar no tempo.

Não teria ido trabalhar. Teria ficado em casa e mesmo que ela tivesse ido embora não ia deixá-la me abandonar sem me dizer por quê. Eu queria ouvi-la dizer que não me amava. Queria ouvi-la rir. Eu gritaria com ela. Chamaria ela de puta. E talvez assim aquilo acabasse. Ficasse para trás. Ao invés de me acompanhar sempre em cada segundo da minha vida de merda.

Eu queria *ela*. Queria *tanto*.

Odiava admitir. Mas em breves segundos como aquele eu não tinha escolha. Queria odiar Dominique em paz, mas não podia. Não podia porque eu não a odiava. Nunca odiei. E era isso que me consumia, me engolia vivo, queimava e destruía.

Laura ainda estava me beijando.

O dia agradável na piscina. Jantar com amigos. O bar com estranhos. A vida podia ser leve e divertida para outras pessoas. Mas não para mim. Nunca mais. Eu podia até esquecer por algumas horas, alguns dias. Mas ela ia voltar.

Isso não podia ser normal... Já fazia tanto tempo. Eu devia ter esquecido, não é? Devia ter superado. Ao invés de ouvir sua voz como se ela estivesse sussurrando do meu lado, sentir seu cheiro quando andava no meio da rua. Se eu passasse um ano viajando seria um ano de tortura. Um ano vendo Dominique em cada esquina, pensando se não teria sido naquele país, naquela cidade, que ela se escondia. Pensando em como ela teria mudado. Se teria cortado ou pintado os cabelos. Se ainda mentia a idade, se passando por mais velha, ao contrário de todas as outras mulheres que já conheci, ou se falava a idade real. Quais lugares frequentaria se estivesse ali comigo.

Soltei o beijo e me levantei nos cotovelos. Laura estava sorrindo para mim, mas logo algo no meu semblante fez sua expressão mudar.

- O que houve?

- Nada. Eu acho melhor você ir.

- Ir?

- É, Laura. Isso não foi uma boa ideia. Eu sou seu chefe... é... inapropriado de mais maneiras do que posso contar. Sinto muito.

- Mas... eu... - ela olhou para o vazio, piscando. Engoliu em seco - Eu fiz algo errado?

- Não, fui eu que fiz. Não deveria ter deixado essa situação correr tão longe. Por favor, me desculpe. Você precisa ir agora.

Dei a mão para que ela se levantasse e saísse da minha cama. Ela aceitou a mão e colocou o biquíni de volta com a mais absoluta vergonha.

Eu pedi desculpas mais uma vez.

- E Laura. Acho que vou voltar mais cedo amanhã. Por que não fica e aproveita o hotel? Troque minha passagem para mim, sim? O primeiro voo possível.

- Sim, senhor. - ela sussurrou já na porta e eu me senti horrível.

Mas era melhor assim.

Melhor do que ter essa conversa *depois* de ter transado com ela.

Sentei na ponta da cama e puxei minha carteira. Logo atrás do espaço para o último cartão de crédito havia um compartimento fino que eu só conseguia abrir quando enfiava a unha. Enfiei o dedo e pesquei meu pequeno segredo escondido. Meu pequeno tesouro.

Era um dia de domingo e a gente estava jogando vídeo game. Sentados no sofá, ela me beijava, ou mordida, qualquer coisa em sua tentativa de me distrair. Eu ria, segurava seu corpo lindo contra o meu e ganhava ainda assim. A pizza chegou e eu me levantei para buscar. Ela estava com Max no colo quando eu voltei, alisando seu pelo com uma mão e destruindo meu personagem indefeso com a outra. Eu reclamei que ela estava roubando e ela levantou para pegar a pizza.

Só vai comer se admitir que roubou no jogo.

Mas *admitir* não era fácil para Dominique e ela se contorceu até derrubar a pizza no chão.

Max teve um belo jantar naquele dia.

E eu tirei uma foto nossa. Morrendo de fome, esperando a segunda pizza chegar.

Uma prova da sua teimosia para a posteridade - brinquei.

Eu estava beijando a bochecha dela, mas mesmo com os lábios quase escondidos, meu sorriso era perceptível. Eu não conseguia me lembrar da última vez que tinha sorrido tanto assim. Dom tinha os lábios espremidos em uma falsa careta de dengo e fome. Mas eu via o sorriso nos seus olhos.

Eu queria beijá-la.

Querida abraçá-la.

Ela te abandonou, idiota. Qual é o seu problema?

Ela matou meu filho e me abandonou.

Passei o polegar pela fotografia amassada. Fiz a impressão antes de me livrar de todas as fotos que eu tinha no celular. Todas as fotos que eu tinha em qualquer lugar. Ou quase...

Eu tinha guardado algumas. Mais do que algumas... Mais do que eu gostaria de admitir. Uma pasta secreta no computador. Uma pasta com a senha "*linda*".

Por que eu tinha feito aquilo?

Porque sentiu que precisava fazer. Porque você não a odeia. Apesar de tudo, não a odeia.

Ia me casar com ela. Nós íamos ter nossos filhos, nossa vida. Eu ia voltar para casa e pedir uma pizza. Sentar no sofá e comer as fatias nas mãos da minha mulher.

Eu ia ser tão feliz.

Ela roubou isso de mim.

Ela roubou tudo.

As batidas fortes na porta me fizeram considerar buscar a Glock que eu mantinha escondida.

Os dois homens que estavam do outro lado do olho mágico eram completamente desconhecidos para mim.

Somos todas assassinas, fofinha. Se algum dia alguém vier por você ou pelo seu filho, não duvide disso.

Mesmo depois de tantos anos, eu podia ouvir o conselho de Lola como se ela estivesse rindo ali, na minha frente. Peguei a Glock e enfiei ela no cós da calça.

- Posso ajudar? - abri uma brecha da porta sem tirar a corrente de segurança.

- A senhorita é Dominique Scarlett?

- Depende de quem está perguntando.

Ele era alto e tinha os cabelos castanhos e muito lisos puxados para cima em um topete desajeitado. Não tinha 30 anos. A barba mal feita e um sorriso simpático e sedutor. Poderia ser um vendedor, não fosse seu porte atlético e rude. Seus olhos escuros brilharam para mim na meia luz do corredor mal iluminado.

- Sou Gareth Zahner, Interpol. - ele mostrou a credencial como se aquilo respondesse todas as minhas perguntas.

- Muito bonita. - sorri - Meu filho comprou uma igualzinha em uma loja de quinquilharias.

- Então vou precisar do endereço dessa loja, senhorita Scarlett, porque falsificação é crime.

O outro homem era mais velho, pelas roupas que usava não deveria trabalhar para a polícia e tinha algo... algo *familiar*.

- Será que poderíamos entrar e conversar?

- Não sou obrigada a deixá-lo entrar a não ser que tenha um bom motivo ou um mandado, senhor Zahner.

O homem mais velho atrás dele riu baixinho e algo dentro de mim imaginou por qual motivo.

- Não quero discutir a lei com a senhorita. - levantou as mãos espalmadas e me ofereceu um sorriso largo. *Dominique Scarlett não é advogada. Por que ele está provocando?*

- Já é tarde, senhor Zahner. Se quiser conversar, apareça em um horário conveniente. - ia fechar a porta na cara dele.

- Senhorita Thoen, por favor. - o mais velho suplicou subitamente.

- Malcolm! - Zahner recriminou com um rosnado curto e eu segurei a porta.

- Do que você me chamou? - *ah merda... eu tinha ouvido muito bem.*

- Senhorita. - ele engoliu em seco, observando o policial - Eu sou Malcolm Walton. Nós já nos encontramos em um ou outro evento. Creio que tenha conhecido minha filha...

- Merry! - encarei o homem pela brecha da porta. Ele tinha os cabelos grisalhos bem penteados e uma expressão séria de homens que não perdem tempo. *Era isso... eu realmente o conhecia de algum lugar.*

- Merry! - confirmou - Não sei se ouviu... Mas ela faleceu há alguns anos.

- Senhor Walton, eu... - levei a mão a boca - Sinto tanto. Ela era uma ótima pessoa. Eu... eu não sei o que dizer. O que houve?

- Ela foi assassinada, senhorita... *Scarlett.* - decidiu sob o olhar vigilante do policial - Será que poderíamos entrar e conversar com calma?

Fiz que sim e fechei a porta para abrir a corrente de segurança.

Se eles fossem homens enviados de Eleanor já teriam derrubado a porta, não é? E além disso... ele sabia quem eu era e parecia respeitar meu desejo de permanecer escondida.

Fechei a porta atrás deles e pedi que se sentasse.

- Posso lhe oferecer alguma coisa?

- Não. Obrigado. Só queremos conversar.

- Tudo bem. - sentei na cadeira de frente para o sofá que eles escolheram. Eu ia falar mais alguma coisa, mas os dois tinham vindo até a minha casa tarde da noite falando sobre o assassinato de uma conhecida que eu não via há anos. Encarei os dois e deixei meu olhar ordenar que eles começassem a explicação.

- Senhorita Scarlett...

- Pode me chamar de Dominique.

Me sentia ridícula sendo chamada por um nome falso por duas pessoas que, claramente, sabiam quem eu era.

- Dominique - Zahner continuou - Você conhece uma pessoa chamada Eleanor Baxter, sim?

Engoli em seco.

- Avó do seu ex-namorado, Gregory Baxter.

Ouvir o sobrenome errado depois do seu nome ainda me doía.

- Sei quem é.

- Ótimo. Nós temos uma teoria sobre ela e gostaríamos que nos ajudasse, tudo bem?

- Não gosto de brincadeiras, senhor Zahner, por que não me diz logo por qual motivo abri a minha porta para dois estranhos no meio da noite?

- Acho que ela matou minha Meryll, Dominique.

- Malcolm! - Zahner o reprimou mais uma vez.

- Ora, relaxe, Gary! Para quem ela vai contar? - devolveu.

Abri os olhos para ele e tentei não deixar meu desespero transparecer.

- Não acho que isso seja possível, senhor Walton. - eu sabia do que Eleanor era capaz, mas... Meryll? - Eleanor idolatrava sua filha, não creio que ela seria capaz de...

- Você está chocada com quem é a vítima e não com o fato de que a mulher seja capaz de matar? - o policial me mantinha debaixo de um olhar focado e inescapável - Acho que isso ajuda nossa teoria.

- Não sei se concordo com sua teoria, senhor Zahner.

- Gary, por favor.

- E não sei o que pode tê-los trazido até mim ou como posso ajudar...

- Estamos atrás de você há muito tempo, Dominique. Anos, na verdade.

Prendi a respiração e fiquei em silêncio.

- Foi quase impossível encontrá-la. Seja lá quem a escondeu, fez isso muito bem.

- Parece que não bem o suficiente.

- Você estava com Gregory. Ele parecia feliz, todos achávamos que vocês iam se casar e um dia... um dia você simplesmente desaparece. Corrija-me se eu estiver errado, mas eu acredito, e convenci o Gary aqui - indicou - que Eleanor pode ter algo a ver com seu súbito desaparecimento.

- Por que acha isso?

- Porque pessoas não podem simplesmente sumir por motivo nenhum. E você fez isso. E minha Merryl... minha Merryl também sumiu. Mas ela apareceu morta dois dias depois. - ele falou a palavra *morta* cheio de nojo. Como se nunca fosse se tornar uma palavra aceitável em seu vocabulário - Parecia ser um crime comum e eu teria acreditado nisso. Se não fosse a situação...

- Que situação?

- Ela mandou uma mensagem para a mãe pouco antes de sumir. Dizendo que já estava voltando para casa e que Eleanor tinha enlouquecido. Apenas isso e nada mais.

- Nós da Interpol sabemos que há algo estranho na Baxter. Volta e meia o nome dessa empresa sempre está metido em problemas, mas... Quem quer se meter com eles?

- Depois que Hyatt morreu, Eleanor assumiu as empresas e as coisas... as coisas não ficaram certas por lá, Dominique. Hyatt era um grande amigo meu e não me parecia certo o que estava sendo feito com o trabalho de sua vida. Um promotor me ouviu há uns anos atrás. - Walton explicou - Convenceu as pessoas certas a realizarem uma auditoria na empresa, durou algumas semanas e foi muito intenso, mas não descobriram nada. Eleanor esconde seu lado escuro muito bem e, agora, encontrou no neto o garoto propaganda perfeito.

Algo no meu coração estalou e doeu.

- Um ser humano exemplar, ele é... o jovem Baxter. Presidente responsável e competente, comprometido com organizações sociais, paga os impostos, apoia candidatos políticos certos e bem quistos pelas pessoas. Ninguém consegue encontrar nem sequer uma mancha de café na gravata do garoto. Ele é imaculado.

- E vocês vieram até aqui esperando o quê? Uma fita de sexo caseira de nós dois para usar contra ele?

- Viemos esperando que você pudesse confirmar algumas de nossas suspeitas sobre Eleanor. Nós acreditamos que ela é uma pessoa ruim e temos alguns fatos para nos embasar, mas é tudo circunstancial. Precisamos de provas, levamos anos tentando recolher o que pudéssemos e eu confesso, Dominique, não é muito.

- Ainda não sei o que quer de mim, senhor Walton.

- Quero que me diga o que ela fez para você, menina. O que ela falou que te fez fugir sem olhar para trás? Talvez com isso a gente possa ter novos dados para trabalhar.

- Não seria muito inteligente de minha parte fazer isso. Se vocês acham que eu fugi com medo dela, por que iria ajudar vocês e correr o risco de sofrer sua fúria?

- Não precisamos de uma declaração assinada. - expirou - Só nos diga se estamos indo na direção certa.

- O garoto é filho dele, não é? - Zahner abandonou seu silêncio.

- Gary! Não seja grosseiro!

- É uma pergunta simples. - o policial tocou o joelho do senhor Walton, pedindo que se acalmasse - O garoto dormindo lá em cima? - indicou as escadas com o queixo - É filho do Baxter, não é?

- Não. - menti e encarei seus olhos com firmeza. Ele sorriu e eu soube que não acreditou.

- Ela te ofereceu dinheiro? - Zahner falava com o tom de quem tinha experiência. Como um homem que já viu muita coisa ruim pelo mundo e se impressionava com muito pouco - E aí, deixa eu adivinhar... Você recusou. Então, ela ameaçou te matar, a

manicure ouviu e te contou? Mais ou menos isso? Perdi algum detalhe?

Eu podia sentir meus olhos traidores começando a lacrimejar.

- Foi o motorista. - admiti.

- Ah! O motorista. - bateu uma mão na outra, desapontado, como se tivesse acabado de perder uma aposta.

- Então, ela fez isso, menina? Te ameaçou?

- Senhores, eu preferia que fossem embora, agora. Já é tarde. Meu filho pode...

- Ora, vamos! - o policial pediu - Estava começando a ficar interessante.

- Eu não sei de mais nada.

- Sabe sim. - estreitou olhos investigadores para mim - Só não quer falar porque está com medo... está com medo de que ela rastreie tudo de volta até você.

É...

Isso e não quero comprometer Boe... ele salvou minha vida, não posso retribuir assim.

- Nós já estávamos te observando há alguns dias, sabia? Para ter certeza que era você e tudo mais. Se nós te achamos... Nada garante que ela também não vai te achar. Pode encará-la sozinha, Dominique, ou pode encará-la ao lado da Interpol e das conexões do senhor Walton.

- Estive sozinha por muitos anos e estou bem, obrigada.

- Não duvido. Então, tudo bem. Não é a chance de ficar em segurança que a senhorita vai estar dispensando. Vai ser a chance de algo muito *muito* melhor.

Eu não precisei que ele concluísse.

- Não me interesso por vingança, senhor Zahner.

- De verdade? Agora, eu duvido. E pode me chamar de Gary. – repetiu, piscando um olho - A chance de ver a velha que você odeia, a velha que te fez perder sua vida inteira e viver fugida e escondida em outro país com outro nome... A chance de vê-la presa: Humilhada e algemada nos jornais de todo o país. Vai mesmo dispensar isso?

- O que você quer de mim?

- Mais nada, Dominique, obrigado por seu tempo. - Walton olhou para Gareth com irritação. Ele era um homem bom e educado, mas eu não podia arriscar a vida do meu filho para ajudá-lo. De jeito nenhum.

- Ora, a garota quer ajudar, Malcolm, deixe-a ajudar.

- Não disse que queria ajudar.

- Não vou colocá-la nisso, Gary.

- Volte conosco. - o policial sorriu como se tivesse acabado de ter o melhor dos seus planos, mas pelo sua expressão empolgada e pela raiva discreta nos olhos de Walton eu imaginei que aquele plano já tinha sido discutido a exaustão e que, embora Gareth o achasse excelente, Walton discordava.

- Por que eu faria isso?

- Você não quer nos contar o que aconteceu entre vocês duas? Não quer dar mais detalhes?

- Você disse que só queria que eu apontasse na direção certa. Já aponte.

- Tudo bem. - ele continuou como se eu não tivesse interrompido - Não precisa nos dizer nada. Só volte. Malcolm aqui pode te dar um bom emprego, melhor do que qualquer coisa que você tenha agora.

- E que bem isso iria fazer?

- Eu lido com criminosos há muitos anos, senhorita Thoen. Sabe o que eu aprendi? Que eles nunca cometem erros tão grandes como quando estão acuados. Se eu estiver certo, a mera visão sua vai ser suficiente para fazer a matriarca Baxter se perder. Ela vai precisar tirar você do jogo de novo e é aí que ela vai cometer um erro.

- Quer me usar de isca, então?

- E se você quiser voltar a se encontrar com seu ex e descobrir algumas informações secretas da Baxter Inc. também não seria mal. - sugeriu - Ou tentar seduzi-lo de novo e trazê-lo para o nosso lado.

- Não. Basta, Gary! Dominique, obrigado! Você foi muito gentil em nos receber. Posso deixar meu cartão com você? Caso mude de ideia ou se lembre de algo que quer nos dizer?

- Imagina a cara dele. - o policial riu - Quando você aparecer de volta. Quer me dizer que não vai te dar o mínimo de satisfação?

- Colocar a vida do meu filho em risco? Não, satisfação nenhuma. - rosnei para ele.

- Vamos começar outra auditoria na Baxter. A ideia é colocar o máximo de pressão possível na panela dela e esperar explodir, entende? Você acha mesmo que ela ia planejar um assassinato ou dois enquanto a vida inteira dela está sob o microscópio?

- Então, ela espera a auditoria acabar e me mata depois. Continua sem me fazer bem algum.

- Se a auditoria acabar sem nenhum sucesso, eu te coloco no programa de proteção à testemunha. Tiro férias e te acompanho pessoalmente até ter certeza que está segura. Mas, confia em mim, senhorita... Não vai acabar sem nenhum sucesso, dessa vez. Não se você nos ajudar.

- Não vou falar mais nada sobre Eleanor.

- Hoje não. Já entendi. E quanto a segunda parte de nossa proposta?

- Eu não quero sequer falar e você quer que eu encare a mulher? Perdeu o juízo?

- Walton consegue um trabalho para mim também.

- Consigo, é? - reclamou.

- Consegue. - Zahner não tirou os olhos de mim - Fico trabalhando disfarçado. Seremos vizinhos. Não tiro os olhos de você e do seu filho, vocês vão ficar a salvo, tem minha palavra.

- E acha que Eleanor não vai estar me observando de perto no segundo que descobrir que estou na cidade? Vai notar a sua existência bem depressa, *Gary*.

- Então seremos mais discretos. Consigo garantir sua proteção me mantendo um pouco a distância.

- Eu sequer conheço o senhor! De que me vale sua palavra?

- Essa mulher precisa ser parada! Ela não pode matar, ameaçar e manipular e sair impune com isso. Você realmente deixaria isso acontecer?

Ele já tinha me convencido desde a primeira menção a vingança. Mas a maternidade dentro de mim gritava que proteger o

meu filhote era mais importante do que qualquer outra coisa.

Eu abri a boca para dizer "não" mais uma vez.

- E ele? - o policial mudou o foco - Não quer se vingar dela, está resistindo, tudo bem, eu entendo. Mas e ele? Nós sabemos que ligou para ele quando estava na Itália. Pelas minhas contas você tinha acabado de ter o bebê ou estava bem perto. O que ele disse? O filho da puta faz papel de empresário perfeito, marido exemplar, contribuinte imaculado, mas como ele é, de verdade?

O homem mais gentil que eu já conheci.

- O que ele disse quando você explicou o que a avó dele tinha feito? Disse que não era problema dele? Mandou você se virar?

Algo assim.

Eu estava mordendo meu lábio.

- Vamos, Dominique! Só precisa aparecer na cidade. Assuste a velha. Se com o tempo quiser nos ajudar com o Baxter, melhor ainda! Vamos... Ela te ameaçou! Matou a filha do Malcolm! Você é mãe, como se sentiria se alguém machucasse seu filho? E o cara não presta! Abandonou você e seu filho. A família dele inteira é podre. É sua chance de devolver. Restaurar o equilíbrio. Não finja que não está tentada.

Encarei o policial com fogo nos olhos.

- O que me diz? - perguntou.

- Preciso pensar.

Encarar Laura na segunda feira de manhã foi particularmente desagradável. Ela estava atrasando informações e se atrapalhou com os horários de duas reuniões importantes. Creio eu que de propósito.

Ela era uma boa funcionário e eu tinha uma parcela de culpa pelo seu comportamento, mas aquilo não podia continuar. A empresa não poderia sofrer por causa dos meus problemas de relacionamento.

- Senhor Baxter? – Rose perguntou quando atendi o telefone.

- Sim?

- Há duas pessoas aqui querendo falar com o senhor. Não tem hora marcada.

- Coloque na agenda, Rose, já estou atrasado. – com agradecimentos a Laura.

- Eles disseram que é urgente, senhor.

Esfreguei os olhos, irritado.

- Quem são?

- Andy e Rick, são os nomes que me deram. – meu coração estalou bem alto. Não falava com nenhum dos dois há anos – Não deram sobrenome, mas disseram que o senhor os reconheceria pelos primeiros nomes?

Cocei o cabelo, considerando.

- Tudo bem, Rose. Deixe-os entrar.

A porta se abriu e era como se eu tivesse visto dois fantasmas. Perdidos bem longe no meu passado.

- Greg! – Andy sorriu, me oferecendo um murro no ombro animadamente.

- Quanto tempo! – Rick estendeu a mão e eu a apertei.

- Muito tempo. – concordei com um sorriso calmo. A imagem daqueles dois trazia de volta lembranças dos melhores e piores momentos da minha vida. Meu coração batia indeciso, sem saber se era melhor prolongar a conversa pelas boas memórias, ou me livrar deles rapidamente antes que as más começassem a me atacar. – O que os traz aqui. – gesticulei em direção as cadeiras e eles se sentaram – Querem beber alguma coisa? – ofereci, servindo-me de uma dose.

- Não, obrigado. – Rick acenou. Sua expressão sóbria e contraída. Observei Andy, espremendo as mãos sobre o colo. *Más notícias.*

Rick olhou para ela como se buscasse autorização para continuar. Eu me sentei com eles.

- A gente veio porque precisava falar com você, Greg. – começou – É um assunto bastante delicado e que não é da nossa conta. – enfatizou, educado – Mas achamos que você deveria saber.

- Tudo bem. – concordei, curioso – O que houve?

- Bem... – Rick respirou fundo.

- Você conseguiu falar com Dominique? – Andy exaltou-se.

O whisky desceu amargo e ardendo.

Ouvir o nome dela, principalmente desse modo súbito e inesperado não foi nem um pouco agradável.

- Esqueceu dessa parte, Andy? - espremi os lábios - Ela foi embora, não se lembra?

- Sim, mas... depois disso... Nunca mais falou com ela?

- E por que falaria? - apoiei um cotovelo sobre o braço da cadeira. Será que ela tinha enlouquecido? – Não lembra o que ela fez?

- Meu Deus. - ela levou a mão a boca, buscando o olhar de Rick para apoio moral – Então, nunca te contaram, mesmo. Thierry estava certo.

Rick esfregou as têmporas como se preferisse estar em qualquer outro lugar do mundo do que sentado na minha frente.

- Andy. - falei, firme. Estava perdendo a paciência - Nunca me contaram o quê?

- Thierry morreu, Greg. – Andy sussurrou diante do peso das palavras. Senti a carga sobre ela se transferir para mim, a medida que eu recebia as palavras. Nunca fomos melhores amigos, mas ele era um bom homem.

- Câncer? – eu quis confirmação. Seria mentira dizer que pensei muito nisso, mas nosso velho vizinho lutava contra a doença há anos. Estava em remissão última vez que o vi, mas era sempre uma possibilidade com essa doença maldita.

- Não. – Rick sorriu. Ele sim tinha Thierry como um grande amigo. – Acho que ele só ficou muito velho. – levantou um ombro me fazendo sentir o carinho que ele tinha pelo homem em seu jeito fraterno e cuidadoso.

- Sinto muito. – ofereci.

Ele acenou.

- Mas o que isso tem a ver com...

- Dominique? – Andy completou por mim – Ainda não consegue dizer o nome dela? – acusou.

- ... Dominique? – completei minha própria frase, sentindo o nome sair amargo. Rick tocou o pulso de Andy como se pedisse a ela que fosse mais gentil. O gesto me incomodou bastante. Eu não precisava que ninguém fosse gentil. Eu conseguia aguentar.

- Desculpe. – ela pediu – É só porque a gente nunca sabe, com vocês dois...

- Andy! – pedi – Pode me dizer o que houve.

Rick respirou fundo para me contar, provavelmente com seu jeito mais polido. Mas as palavras de Andy me atingiram primeiro.

- Dom estava grávida. Ela conversou com Thierry antes de ir embora e ele... contou pra gente, antes de... – abanou as mãos como se essa parte não fosse relevante – Tem umas coisas sobre a sua avó que você tem que saber.

Eu expirei longamente. Um sorriso escapou pelos meus lábios e eu me senti ridículo. O que mais eu esperava que ela dissesse?

- Eu sei, Andy.

- Sabe?

- Sei. Eleanor me falou sobre a gravidez e a clínica de aborto. E a proposta que ela fez pra Dominique.

- Falou?

- Falou. Ela não é o monstro maluco que tanta gente pensa. Foi isso que o Thierry contou para vocês?

Rick estava concordando, mas Andy o interrompeu com a testa enrugada de dúvida.

- E o que houve quando você foi atrás dela?

- De quem?

- De Dominique, Gregory!

- Por que eu faria isso?

Ela piscou como se não conseguisse me decifrar.

- Porque a mulher estava grávida do seu filho e a sua avó carniceira assustou a coitada e a ameaçou de morte, seu imbecil! – Andy se irritou – Qual é o seu problema? – ela estava sentada na ponta da cadeira, eu parei de respirar – A puta da sua avó...

- Andy... – Rick pediu.

- Ora, cale-se! – reclamou, rosnando para o amigo – A puta da sua avó! – continuou – Ofereceu dinheiro para Dominique abortar, e quando ela se recusou, mandou o *mordomo* atrás dela para assustá-la, fez com que ela perdesse o emprego e a assustou a ponto de fazê-la ir embora da cidade, e você me pergunta “porque iria atrás dela?” No mínimo pra pedir desculpas, seu mimado

prepotente! – ela estava de pé, Rick tentou acalmá-la. Eu estava afundado na cadeira sentindo suas palavras se agarrarem a minha pele – Pelo menos o tal de Boe foi mais decente que você e ajudou Dominique a ir embora e fugir da velha maluca e de você!

Minha cabeça estava girando. Alto demais. Rápido demais.

- O... O que... - eu sabia quais perguntas eu queria fazer. Mas tinha esquecido quais as palavras usar.

Andy ainda estava possuída por sua crise de raiva. Mas Rick estava inclinado na poltrona me observando.

- Acho que a sua avó não te contou, não foi? – murmurou com cuidado. Encarei Andy e nossos olhares se cruzaram, vi compreensão inundar seu olhar.

- Ela ofereceu dinheiro para Dominique abortar? - eu disse cada uma das palavras com apenas metade do nojo e descrença que eu sentia.

- Ofereceu. Thierry ouviu essa história direto de Dom, Greg. – ele continuou – Ele disse que Dominique estava muito assustada e sem saber o que fazer. Sua avó fez a proposta indecente Dominique a chamou de... bem...

- De puta. – Andy completou e voltou a se sentar – Você não sabia mesmo?

- Então, o dinheiro que Dominique aceitou não foi só para ir embora? – ignorei a pergunta de Andy. Tinham coisas muito mais importantes agora - Foi para abortar?

- *Dinheiro que...* Oh Gregory! – Andy rosou indignada. Era impressionante como ela me lembrava Dominique – Você perdeu o juízo? Ela não aceitou o dinheiro.

- Não é possível, Andy. - minha voz estava ríspida. Eu sabia que ela não era culpada pelos meus problemas ou pela minha confusão, mas não consegui controlar minha voz - Se ela não aceitou o dinheiro por que foi embora?

- Sua avó mandou Boe assustá-la. Você tem um problema de audição?

- Como assim assustá-la? - sussurrei. Minhas forças estavam me abandonando rápido demais.

- Andy, por favor! – Rick recriminou e eu tive a sensação que eles não estavam me contando tudo - Sua avó fez algumas ameaças. – voltou-se para mim - Mandou que Boe falasse com Dom e fizesse outras. Dominique não acreditou. Disse que você ia ficar do lado dela, que iria entender. Aí sua avó fez com que ela fosse demitida e... Thierry disse que conversou com ela e Dom parecia determinada em contar tudo pra você. Agora... eu não sei o que ela falou com você, mas imagino que não tenha ido bem.

Minhas mãos espalmadas estavam apoiadas a minha mãe e eram o único contato que eu tinha com a realidade. A superfície fria sob meus dedos. O resto do meu corpo inteiro fugiu de mim.

Não quero deixar nenhum detalhe para trás. Não quero que você entenda nada errado.

Ela estava tentando me contar?

Estava tentando me contar que me amava e que estava grávida do meu filho.

Estava tentando me contar que minha avó era louca e que ela estava com medo.

E o que eu fiz?

Conversem e resolvam. Mas me deixem fora disso.

Eu tinha dito a ela que resolvesse sozinha. Tinha dito a ela algo muito parecido com o que Elizabeth me disse quando eu só precisava de alguém para conversar.

- E foi aí que ela abortou? - minha voz mal saía. Havia algo ruim preso na minha garganta e meus olhos ardiam. Mas essa parte era importante.

Era a parte mais importante.

E eu estava começando a morrer de medo do caminho que a conversa estava tomando.

- Thierry disse que ela ligou pra Boe e ele foi buscá-la. Ela levou muitas malas e foi para o aeroporto. Mas Thierry disse que ela ainda estava grávida quando foi embora.

E era assim que eu ia morrer.

Não de tristeza, depressão ou solidão.

De desespero.

Eu ia morrer de desespero.

Ali mesmo, em um barzinho barato no meio de um aeroporto.

Eu queria pela minha vida que Andy estivesse enganada. Ou que Thierry tivesse alucinado em seus últimos instantes de vida. Queria que Dominique não me amasse. Queria que ela tivesse fugido por dinheiro. Queria voltar a só odiá-la. Porque a alternativa...

A alternativa era que a mulher da minha vida me amava, tinha engravidado do meu filho e eu a tinha abandonado. O medo que ela deve ter sentido. A solidão. Uma gravidez inteira sozinha.

Minha Dom.

Grávida.

Minha cabeça estava calculando os meses aproximados depois que ela foi embora.

Ela ligou pra mim.

Oito meses... quase...

Ela estava tendo o nosso filho?

Ah, não, por favor.

Minha visão estava prejudicada e eu senti meus olhos embaçados do mais pleno desespero. Andy se levantou e veio ficar ao meu lado. Se minha aparência estivesse tão mal quanto eu me sentia, seria uma explicação para o nervosismo dela.

Mas eu não estava prestando atenção. Não me importava.

Contou?

Contou. Eleanor me contou tudo.

Ela entendeu errado.

Não, Dom! Não... ela não me contou! Ela mentiu.

Eu liguei porque senti sua falta.

Quantas vezes eu repassei aquele diálogo na minha cabeça. Quantas!

Ela estava falando a verdade. Estava em algum hospital, grávida e sozinha. Se preparando para ter nosso filho. *Minha Dom. Nosso filho.*

Eu queria morrer.

E o bebê, Baxter?

Ela me perguntou. Ela me perguntou e o que eu disse? O que eu tinha dito?

*Então, vai ser assim? Nenhum contato? É o que você quer?
Sem remorsos?*

Eu tinha dito que o remorso era dela. Tinha dito que não queria nenhum contato. Mandei ela morrer.

Eu fui horrível.

O que ela deve ter pensado?

Eu tinha um filho. Ou uma filha.

Meu. Em algum lugar. Crescendo com a crença de que seu pai não o queria, ou não o amava.

Eu merecia morrer. Devagar e de algum jeito muito doloroso. E seja lá como fosse, não ia doer tanto quanto isso.

Rick estava tentando falar alguma coisa, mas eu não ouvi. Ainda estava pensando em algo que eles disseram.

Eleanor fez com que ela fosse demitida.

Demitida.

Para onde ela teria ido?

Ela não aceitou o dinheiro. Não tinha emprego.

Para onde ela foi? Para onde ela foi com meu filho?

Será que estavam bem? Será que precisavam de alguma coisa?

Será que o bebê tinha sobrevivido? E se o hospital fosse ruim... ou os médicos...

Minha testa estava nas minhas mãos e minha respiração entrava e saía por etapas. Etapas sofridas e abafadas.

Um dos homens mais ricos do mundo, e minha família poderia estar passando fome. Eu ia me matar. Se Dom não estivesse bem... se o bebê não tivesse sobrevivido... ia ser demais. Ia ser demais pra mim, eu não ia aguentar. Não ia.

Ah, Dom, eu te amo. Te amo tanto. Te amei a vida inteira.

Por favor, esteja bem. Por favor. Eu não quero mais nada. Mais nada na vida, nunca.

Só quero que vocês estejam bem.

Eu vou matar Eleanor.

Capítulo 9

Ela poderia mentir para mim.

E mesmo que ela dissesse a verdade, não sei se eu estaria em condições de acreditar.

Eu precisava ter certeza de tudo antes de falar com Eleanor. Ou pelo menos, certeza de muitas coisas. Não poderia lhe dar tempo para preparar a próxima mentira.

Já estava na sala de espera de Conaughy quando meu celular apitou avisando que meu email para Boe tinha sido respondido.

“Para quando precisar” ele tinha dito antes de ir embora. Será que estava antecipando algo assim? Toquei na opção para ler a mensagem.

“É tudo verdade”.

Essa era a primeira frase de sua mensagem.

Eu não precisei ler o resto.

Eu não consegui ler o resto.

- Senhor Baxter? O senhor Conaughy vai recebê-lo agora.

Levantei sentindo o fogo do inferno ardendo sob minha pele e segui a secretária até a porta de Andrew Conaughy. Era possível que eu cometesse um assassinato antes do dia terminar.

- Gregory! - ele me ofereceu a mão - Um prazer vê-lo por aqui. O que houve? Você tinha um tom urgente ao telefone. Algum problema com os contratos da semana passada?

- Não. Vim por um motivo pessoal. - escolhi as palavras, trincando os dentes. Respirando fundo.

Controle-se. Calma.

- Não diga que vai se divorciar. - brincou, indicando que eu me sentasse.

Levantei uma sobrancelha. Era possível que eu ainda fizesse isso também. Hoje, no entanto, meu objetivo era outro. E, assim como pretendia fazer com Eleanor, eu também não ia dar tempo a Conaughy para mentir.

- Andrew, você demitiu Dominique Thoen há alguns anos atrás? Antes dela sair da cidade?

- O quê? - ele engoliu em seco e me ofereceu um meio sorriso falso de descrença. - Claro que não!

Mentiroso.

- Tem certeza?

- Se eu tenho certeza? - ele ajustou a gravata e eu pude ver que estava pensando bem rápido em uma saída. - Você se lembra de Dominique, Gregory? Ela era minha melhor advogada! Por que eu a demitiria? Claro que não fiz isso. Achei que todo esse assunto já tinha sido resolvido. O que houve? Você quer conversar? Aqui! Deixe eu te servir uma dose de whisky.

Ele se levantou para servir as doses.

- Sente-se, Conaughy. - era por isso que não estávamos tendo essa conversa pelo telefone. Se aquilo fosse verdade seria mais fácil ver na sua expressão. - Não quero beber. Quero que você me diga por que diabos demitiu sua melhor advogada.

- Não fiz isso. - sentou-se.

- Não minta pra mim.

- Gregory, veja bem, eu não demiti Dominique e não entendo o que te levou a acreditar nisso.

- Tudo bem. - agora era eu quem ajustava a gravata - Se você diz que não a demitiu, acredito em você.

- Ótimo. - ele não pareceu muito confiante quando bateu as mãos nos braços da poltrona e fez menção de se levantar.

- Já entrei em contato com um investigador particular. Um de minha confiança e que não tem qualquer contato com Eleanor. - disse e ele voltou a se sentar, me observando temeroso - Ele *vai* encontrar Dominique. Quando conversar com ela, vou perguntar o que realmente aconteceu.

- *Ótimo.* - ele sussurrou e eu não senti convicção em sua voz.

- *Aí* isso tudo será esclarecido. - levantei e ele me acompanhou ainda hesitante - Obrigado pelo seu tempo, Andrew. - ele apertou minha mão e eu vi em seus olhos que sua mente deveria estar bem longe daquela sala.

É verdade. Ele a demitiu.

- Só mais uma coisa, antes de eu ir. - acrescentei, levantando um indicador - Se, por uma eventualidade, Dominique discordar da sua versão dos fatos... Se ela disser que, de qualquer modo que seja, você insinuou, indicou ou sugeriu que ela estaria demitida, Conaughy, a Baxter Inc. vai terminar nosso contrato de representação. Tenho certeza que você entende, mas... se eu te faço uma pergunta direta e você mente pra mim, bem... Prefiro ter um advogado em quem eu possa confiar.

Fiz um gesto breve de cumprimento antes de virar as costas, ainda com o canto do olho o vi levar a testa as mãos.

- Espere. - eu já estava na porta. - Foram instruções de Eleanor, Gregory, você não pode me responsabilizar. - completou nervoso - Eu estava apenas seguindo as orientações dela.

- Quais orientações? - eu sequer me virei de volta para ele.

- Ela indicou que preferia um escritório que não tivesse Dominique Thoen como funcionária. - expirou - Gregory! A conta da Baxter Inc. é...

- Não me importa o que seja, Conaughy. - virei de volta para ele sentindo meus lábios espremidos simbolizando minha fúria. - Você trabalha para mim há alguns anos. Não para Eleanor! E nunca lhe ocorreu de esclarecer isso?

- Ah, dá um tempo! - reclamou - Todo mundo sabe que você é o rosto da empresa, mas quem manda de verdade é ela. Você queria que eu fizesse o quê?

Mordi minha raiva e a engoli.

- Queria que você tivesse a lealdade para não demitir sua melhor advogada. Ou que, ao menos, tivesse a decência para ter falado comigo há muito tempo atrás. E agora, Conaughy? Agora, eu queria que você tivesse a inteligência para perceber o quanto está errado.

- Todo mundo sabe que...

- Todo mundo está errado. - sibilei. Não sei como minha voz estava conseguindo sair de meus lábios tão pacificamente quando tudo que eu sentia era um ódio difícil de conter. Era impressionante que eu não estivesse tremendo - Eleanor não manda nessa empresa. E nem em mim, por sinal. Você trabalha pra mim,

Conaughy, e gostaria que se lembrasse disso. Gostaria que se lembrasse disso com muito cuidado, hoje e sempre. Eu preciso ter uma conversa com Eleanor agora, Andrew, mas não se engane: se quando eu chegar lá, descobrir que você pegou essa merda desse telefone e avisou para ela o que está acontecendo... se lhe der tempo para elaborar mais uma de suas mentiras idiotas, eu te demito assim que acabar de *conversar* com ela. No mesmo segundo. Independente de acreditar ou não no que ela me diga. Se você agir pelas minhas costas hoje ou em qualquer outro dia enquanto durar meu contrato de representação com você, eu te demito. É possível que eu ainda faça isso mesmo que você não me dê qualquer outro motivo. O que eu já tenho é mais que suficiente.

Forcei a maçaneta quando o ouvi.

- Greg... espere!

Eu me virei de volta e podia apenas imaginar quanta raiva e desprezo estavam presentes no meu olhar.

- Tudo bem. - ele folgou a gravata. Estava tentando sair daquela situação de merda. Mas só tinha um jeito de sair: ele tinha que escolher um lado. - Me desculpe, está bem? Eu fiz o que achei que seria melhor para a firma naquele momento e não me preocupei com isso de novo. Mas droga, Greg. Você conhece sua avó! Eu fiz o que achei que deveria fazer. Só isso.

- O que mais ela mandou que você fizesse? Fora demitir Dominique e mentir para mim sobre isso?

Andrew mordeu o lábio inferior e eu soube que ele estava considerando.

- Ela é uma senhora de idade, sabia? - resolvi ajudar - Vai morrer daqui a uns poucos anos e aí a empresa vai ser só eu. Do que vai lhe servir sua lealdade a ela, então?

- Poucas coisas. - confessou - Uma ou outra cópia de arquivo. Uma ou outra desistência em uma ação que ela achava que não valia a pena. Alguns acordos que ela quis manter escondidos. Só decisões empresariais. Nada demais.

- Quero uma lista detalhada de tudo, ouviu?

- Tudo bem. Posso conseguir isso.

- E mais uma coisa: onde ela está?

- Quem?

Eu quis avançar no pescoço dele.

- Dominique, Andrew! Quem mais? Onde ela está?

- Eu... eu não sei. - me observou como se não me entendesse

- Por que eu saberia?

- No mínimo por causa da referência para o próximo emprego dela. O novo chefe deve ter ligado para você, não me trate como idiota. Para onde ela foi quando saiu daqui?

Ele se sentou. O fedor de más notícias estava no ar e era inescapável.

- O que houve? - tinha algo ruim dentro de mim - Você quer mesmo testar minha paciência?

- Foi parte do pedido de Eleanor. - falou baixinho.

- O quê?

- Ela queria que eu desse uma má referência de Dominique caso um novo empregador entrasse em contato.

- *Má referência?* Da sua melhor advogada? - eu queria rir, mas a seriedade na sua expressão deixou bem claro que não havia qualquer piada ali. - Então, ela teve que sair da cidade para procurar emprego?

Ele levantou os olhos doloridos para mim.

- Do país? Eleanor não queria que você desse referências boas sobre ela para ninguém no país, é isso? - eu estava enojado - Forçando-a a ir pra bem longe.

- Em lugar nenhum. - sua voz foi quase inaudível.

- O quê?

- Lugar nenhum. - repetiu mais alto - Eleanor me deu instruções bem claras para não dar quaisquer boas referências de Thoen qualquer que fosse o emprego.

Eu precisava sentar.

Precisava aceitar aquela dose de whisky.

Tinha sido uma má ideia conversar sobre isso sóbrio.

- Ela queria que Dominique não conseguisse mais emprego? Querida Dominique desempregada? Para sempre? Em qualquer lugar? - eu seria capaz de cometer um assassinato ali mesmo.

Pra onde você foi, Dom?

Andrew gesticulou afirmativamente.

- O que ela disse? - apoiei um ombro contra a porta - Dominique. O que ela disse quando você a demitiu?

- Me xingou. Ameaçou me processar.

Um meio sorriso tomou meus lábios. *Minha pequena guerreira teimosa.*

Para onde ela teria ido sem emprego?

- Ela sabia que era Eleanor? Ou você mentiu pra ela também?

- Você não lembra de Thoen, Baxter? Ela descobriu em dois segundos. Eu... pedi para ela não nos usar como referência. Tentei protegê-la pelo menos disso.

- Mas que belo cavalheiro você é. - cuspi.

O que você quer fazer, Dom?

Ter a chance de me vingar daquela velha maldita seria excelente, claro. Mas ela era perigosa e eu não sei como me sentia diante da ideia de arriscar o bem estar do meu filhote só para vê-la em uma má situação.

Algemada e humilhada.

Seria lindo.

Eu iria apontar e rir. Tirar um foto e guardar para sempre.

Mas não era esse o ponto que tinha me interessado de verdade.

O garoto é filho dele, não é?

Greg... Eu queria vê-lo. Queria muito. Mesmo que de longe. Mesmo que só por alguns segundos.

Não admitiria isso em voz alta nunca e para ninguém. Mas eu daria qualquer coisa para vê-lo, mesmo que de longe, mesmo que só por um segundo. Quando eu era adolescente, ouvia os filmes e livros mencionarem os perigos de se apaixonar, mas eu tinha precisado que um vizinho me filmasse me masturbando e longos anos para aprender o quanto aquilo era verdadeiro: amor não é racional.

Ele me abandonou. Escolheu a avó dele. Chamou nosso filho de "coisa".

Mas eu ouvia uma menção ao seu nome, via sua foto em um jornal, lembrava do brilho dos seus olhos quando Ty olhava pra mim

e meu coração se aquecia de um jeito preocupante. Eu amei Gregory Holt. Muito. Talvez ainda o amasse.

Mas ele não existia mais. Foi engolido e consumido por um monstro chamado Gregory Baxter e eu nunca mais teria o meu Greg.

Eu sabia que aquilo não ia acabar e estava bastante resignada com minha situação. Não importava se era um vibrador ou um homem que eu levava para a cama: minha mente sempre estava com ele. Gregory tinha meu coração nas suas mãos malditas. Ele era dono do meu corpo. Do meu prazer.

Eu era toda dele.

E odiava isso.

É claro que odiava.

Talvez seja melhor assim, Dom. Talvez não fizesse bem algum encontrá-lo pessoalmente.

Ele estava casado e feliz. Tinha um filho praticamente da idade de Ty. E eu tinha que evitar as colunas sociais de qualquer jornal ou site compulsivamente, ou correria o risco de encontrar uma foto em alta resolução do homem da minha vida sorrindo para uma mulher que eu odiava, vivendo uma vida completa e feliz, totalmente alheio a mim, meu coração, meu corpo ou meu prazer. Estava criando seu filho a milhares de quilômetros dali. E ele seria um pai excelente... sempre teve jeito com tudo. Um tato, uma gentileza... Conhecimentos que eu tive que aprender com tanto custo e que para ele sempre foram tão naturais.

Eu queria que a vida tivesse sido diferente.

Mas não foi.

Ele me abandonou. Ele abandonou Ty.

Aquela era a parte importante. Era a parte que eu precisava lembrar.

O homem que eu conheci não existia mais e talvez nunca tivesse existido. Qualquer contato que eu viesse a ter com ele jamais poderia ser igual. O homem tinha me magoado de mais formas do que eu duvidava serem possíveis e lá estava eu: machucada e remendada. Inteira, mas precária.

Nunca mais iria deixar ele ou homem algum me destruir daquele jeito.

Só havia um homem pelo qual eu viveria e morreria: o meu filhote. E ninguém mais.

Era uma péssima ideia. Iria colocar Ty no meio de um fogo cruzado que já estava juntando munição muito antes dele nascer e que bem isso iria trazer?

Nenhum.

Mas você vai vê-lo.

Seria inevitável, não é? Estaríamos na mesma cidade e o plano do agente da Interpol exigia que Eleanor me visse. Essa parte seria agradável também. Eu nunca soube exatamente o que Boe disse para ela, apesar de ter imaginado infinitos cenários. Sempre considerei que a possibilidade mais forte era que ele tivesse dito que eu morri: seguiu as instruções dela e me matou. Mas depois de minha ligação para Gregory, certamente ela tinha ficado sabendo que isso não aconteceu. Eu esperava que ele estivesse bem. Se minha ligação tivesse lhe causado algum mal, eu nunca poderia me perdoar. Mas, ao mesmo tempo, era pouquíssimo provável que algum dia eu descobrisse.

A não ser que você vá até lá e descubra.

A guerra interna estava devidamente armada. Meu coração queria muito ir até lá. Queria se vingar de Eleanor pela vida que ela roubou de mim, queria justiça pelo que ela fez com Meryll. Mas minha cabeça exigia cuidado.

Ela não tentaria me matar se estivesse sob investigação.

Não vai acabar sem nenhum sucesso, dessa vez. Não se você nos ajudar.

Eu teria meu diploma de volta. Meu nome, meu emprego, minha vida.

Não precisaria ter medo ou me esconder.

Ty enfrentaria esse pequeno perigo, mas depois estaria a salvo para sempre.

E eu poderia ver Greg.

Mesmo que de longe. Mesmo que só por alguns segundos.

Por que eu queria tanto me submeter aquilo? Por que eu queria encará-lo com sua vida perfeita, livre de remorsos enquanto eu lutava a cada segundo de cada dia tentando juntar os pedaços de uma vida destruída? Que tipo de coração masoquista era esse que eu tinha?

Tyler desceu as escadas devagar.

- Filhote? Vem até aqui?

Ele se sentou ao meu lado e eu beijei sua testa.

- Quero conversar com você sobre uma coisa.

- O que foi?

- Recebi uma proposta de emprego. É muito boa e eu ganharia mais dinheiro. Não precisaria se preocupar mais com ganhar uma bolsa pra escola nem nada assim. Não que eu não tenha certeza que você conseguiria. - pisquei um olho para ele e sorri.

- Parece legal, mãe.

- É. É ótimo. Mas... É em outro país. Longe daqui. A gente teria que se mudar e teria que fazer isso bem rápido. Não poderíamos ir pra EuroDisney no seu aniversário como eu tinha prometido.

Ele baixou os olhos.

Era uma criança boa e compreensiva. Mas ainda era só uma criança.

- Não tem problema. - falou baixinho.

- Eu vou ter um salário melhor, filhote. Próximo ano a gente vai pra Disney de verdade. O que você acha?

Seu sorriso foi um pouco mais animado.

- E a gente não vai mais precisar do Rossel! - lembrou.

- É. Ele nos ajudou muito! - lembrei - Mas não vamos mais precisar. E eu ainda poderia pagá-lo de volta.

- Adorei esse plano. - me abraçou e eu comecei a rir - Quando a gente vai?

- Ainda não sei. Vou descobrir bem rápido. Mas diz pra mim... E seus amigos? A escola? Vai fazer novas amizades, sabe? E a escola de lá vai ser bem legal também. Mas quero saber o que você está pensando.

- Não tenho tantos amigos assim. - levantou um ombro.

Garoto de pouco poder aquisitivo em uma escola cara. É... eu lembrava dessa parte.

- Vai fazer milhares de amigos na outra escola. - abracei ele com mais força.

Eu ia realmente fazer isso, então.

Ia ajudar a polícia.

Ia pegar minha vida de volta.

Tudo bem.

Só tinha uma coisa...

O telefone tocou duas vezes antes de Gareth Zahner atender.

- Estava esperando que ligasse, senhorita *Scarlett*. - eu podia sentir seu sorriso brincalhão quando dizia meu nome falso e sua atitude estava começando a me incomodar.

- Eu topo, Zahner. Como isso funciona?

- Vai precisar usar o *Thoen* de novo.

- Não tem problema.

- Vou falar com Malcolm e resolver os detalhes. Organizar a mudança do sobrenome de vocês dois. Mas precisamos de você lá o mais rápido possível.

- Me dê uma semana para organizar tudo.

- Malcolm vai conseguir um bom emprego pra você lá. Vamos organizar um apartamento pra você, mobília, passagem de avião para vocês dois, empresa de mudança... tudo... Mas preciso de você lá antes do final de semana.

- Você é muito exigente. - rosnei - Acho que não vamos nos dar muito bem.

- Nosso plano explora exclusivamente o lado emocional de Eleanor Baxter, senhorita Thoen. Estamos contando que ela vá ficar nervosa quando a encontrar e que vai tentar se livrar de informações que a senhora pode ter ou que podem prejudicá-la. Mas é tudo muito abstrato. A não ser que a senhorita tenha algum dado mais prático que queira compartilhar conosco... - fez um silêncio sugestivo - Não? - disse após alguns poucos segundos - Tudo bem, então. A auditoria já foi autorizada. Começa amanhã. Se a senhorita demorar demais para chegar na cidade nós perdemos a

oportunidade de colocar muita pressão em cima dela e meu plano pode não funcionar tão bem.

- Seu plano é péssimo, sabe disso, não é?

- E por que está aceitando participar?

- Melhor um plano ruim do que plano nenhum.

- Gosto do seu jeito de pensar, senhorita Thoen. Vou falar com Malcolm e informo a senhorita assim que tudo estiver resolvido.

- Eu não acabei de falar, senhor Zahner.

Ele fez silêncio do outro lado da linha e eu imaginei o sorriso pretensioso nos seus lábios.

- Tenho duas exigências. Não são negociáveis.

- Diga suas exigências, advogada.

- Meu filho. Você me garante que ele vai ficar protegido?

- Vou cuidar pessoalmente disso, não disse?

- Só você?

- Se eu colocar um monte de policiais ao redor de vocês fica óbvio que está trabalhando para nós. Você mesma disse que Eleanor ficaria de olho em você. Se Baxter ficar mais cuidadosa, não vai cometer erros e a senhorita não me serve de mais nada. Sem contar que o Herdeiro vai perceber também. E isso pode afastá-lo de você.

- Não vou investigar Gregory para a Interpol. O senhor disse que gostaria que eu fosse até lá como isca para desestabilizar Eleanor emocionalmente. Tudo bem, farei isso. Mas é só isso que farei.

Ele estava em silêncio. Não lhe dei muito tempo para pensar.

Ia ser do meu jeito.

E se ele não aceitasse isso logo, o problema era dele.

- E meu filho não aparece como isca.

- O que quer dizer?

- Gregory não quer contato com Tyler e eu aceito essa parte. Foi uma decisão dele. Mas Ty não precisa saber disso. Não quero que Ty veja o homem e saiba que é seu pai ou que não o quis. Pelo menos, não agora. Ele ainda é muito novo.

- Certo. De acordo. Assim que vocês chegarem lá, começo a organizar tudo. Vou manter vocês em um hotel, longe dos Baxter até tudo estar pronto. E vou ficar de olho em vocês dois. Mas não vou

colocar oitenta seguranças ao redor do seu filho, senhorita Thoen. Seria contraproducente. Estamos de acordo?

Respirei fundo.

- Estamos.

Desliguei o telefone.

Então, eu ia precisar voltar.

Zahner me prometeu segurança e eu sabia que Eleanor dificilmente tentaria alguma coisa enquanto a empresa estivesse sob investigação. Mas ainda assim eu não me sentia completamente segura.

Ia precisar dar um jeito de levar minha glock comigo.

Talvez eu só precisasse fazer uma ligação para uma certa lavanderia.

Um dos serventes estava me dizendo alguma coisa. Era possível que ele quisesse saber se podia pegar meu paletó ou casaco ou outra merda qualquer.

Mas eu não tinha olhos nem ouvidos para ninguém. Marchei pelo hall de entrada da mansão até a sala separada onde Eleanor estava sentada em um divã na companhia de Elizabeth e duas amigas da minha ilustre esposa, tomando chá.

- Gregory! - ela sorriu e eu senti a fúria tomando conta do meu corpo.

As mentiras.

Expulsou Dominique.

Ofereceu dinheiro para que ela abortasse.

Meu filho.

Quis pagar para matar meu filho.

- Amor! - Elizabeth se levantou e veio me beijar. Mas eu não estava com paciência para o teatro da família perfeita hoje. Ela se aproximou e tocou meu braço, mas eu a afastei com um toque e notei os pequenos sorrisos espremidos das suas *amigas*, invejosas de qualquer sucesso alheio, que se divertiam às custas das humilhações dos outros, não importava quão ínfimas fossem.

- Agora não, Elizabeth.

- O que houve? - ela demonstrou uma preocupação que eu sabia que ela não sentia. Com os olhares das amigas, talvez, mas não pelo meu bem-estar.

- Quero falar com você. - mantive o olhar firme em Eleanor.

- Tasha está noiva, Gregory. - bebeu seu chá - Estamos comemorando e você está sendo mal educado.

Era assim, não era? Era assim que tinha sido sempre?

Eu era uma criança. Era *sua* maldita criança. Ele mandava, comandava, guiava, manipulava. Era do jeito dela. E eu sou um homem feito, presidente de uma multinacional bilionária e ela diz que eu estou sendo mal educado como se eu fosse um garoto de dez anos mastigando com a boca aberta.

- Homens são ansiosos. E dizem que somos nós. - Tasha brincou e a outra riu. Ninguém sorria as custas de Eleanor. Ao contrário do que acontecia com Elizabeth, as convidadas riam *com* minha avó, e não *dela*.

- Ele logo se acalma. - ela riu, tocando as pérolas no seu colar. Eu me senti cozinhando na raiva. Parado de pé, encarando aquela supérflua reunião querendo estourar todas as xícaras de porcelana nas paredes. - É o segredo para lidar com homens importantes. - explicou - Fazê-los perceber desde cedo que você não é só mais um de seus funcionários em quem ele pode mandar. Conversamos depois, Gregory. - torceu o nariz.

- Vamos conversar agora. - sibilei.

Ela me olhou ultrajada, seus olhos felinos cravados em mim como se não acreditasse na minha petulância.

- Não sei com quem você acha que está falando, menino.

- Você ofereceu dinheiro a Dominique para que abortasse? E não me chame de menino. Não sou uma criança.

- Gregory... - ela baixou a xícara com os olhos ainda nos meus.

- Responda, Eleanor. - rosnei baixinho.

- Esse não é o momento, ou...

- O CARALHO! - enfiei a mão na coluna ao meu lado e vi o quadro tremer - Você vai responder essa porra agora. Você ofereceu dinheiro a Dominique para abortar?

Ela ainda estava sentada e as três mulheres ao seu redor apresentavam o temor que eu queria que ela sentisse. Mas Eleanor ainda estava completamente controlada.

- Ofereci dinheiro para que ela o abandonasse, Gregory. - resmungou com os dentes semicerrados - Como um teste. E todos nós sabemos o que ela fez. Agora, de onde está vindo isso?

- Eu quero ouvir você negar. - eu estava falando baixo, mas isso apenas aumentava a intensidade da minha raiva - Quero ouvir você dizer que não quis pagar dinheiro para que ela matasse meu filho. Diz.

- Não vou dizer nada! Você precisa se controlar e...

- FALA! - gritei.

- Talvez fosse melhor vocês... - Elizabeth se levantou, tentando se desfazer das amigas.

- Fala, Eleanor. Fala que não ofereceu dinheiro para isso.

- Era um teste, Gregory! - exclamou - Não achei que a mulher fosse fazer isso. Não sem falar comigo antes.

- E mandou Conaughy demiti-la? E mandou Boe assustá-la?

- Você está alucinando.

- Estou? Então Conaughy sofre do mesmo mal que eu, porque ele admitiu.

- Eu não achava apropriado a namorada do meu filho trabalhando para o escritório que nos representava. Pode me julgar por isso! Mas achei inapropriado. Dava a entender que suas decisões eram baseadas em seu relacionamento íntimo com ela e não porque era um bom escritório de...

- VOCÊ ESCOLHEU AQUELE ESCRITÓRIO! Antes de eu sequer assumir a presidência! - eu era a definição de indignação - Por que diabos alguém pensaria isso?

- Só estava protegendo você e a empresa dos julgamentos. Você sabe como as pessoas são!

- Que se fodam! Era minha vida! Minha namorada! O trabalho dela! Você não tinha o direito de...

As palavras travaram na minha garganta. Eu achava tudo aquilo tão absurdo e a naturalidade com que ela defendia suas decisões me indignava ainda mais.

- Fiz o que achei que deveria fazer. E por que estamos tendo essa discussão?

Elizabeth queria enxotar as amigas para fora de nossa casa, mas as duas não estavam colaborando. Era tocante como ela se incomodava mais que as amigas estivessem presenciando minha fúria do que com a minha fúria em si.

- A mulher não prestava, Gregory. Qual o propósito disso tudo agora?

Ela queria mudar de assunto. Não sabia o que dizer e odiava ficar contra a parede. Não podia escapar da minha revolta, mas não queria parecer fraca na frente das amigas.

Coloque sua melhor máscara Eleanor. Porque hoje você não escapa.

- Se você só não queria que ela trabalhasse para *nossa* firma de advocacia, por que mandou Conaughy minar outras possibilidades de emprego dela? Queria que ela não tivesse escolha a não ser aceitar seu dinheiro? Queria que ela ficasse desempregada pelo resto da vida? Era isso? Por quê?

- Eu jamais disse isso a Conaughy.

- Eleanor... - eu estava rindo de ódio - Não me teste... - avisei.

- Se você apareceu descontrolado desse modo diante dele, pode ser que ele tenha inventado qualquer absurdo para fazê-lo sair de lá em bons termos.

- Você mandou Boe assustá-la?

- De onde veio isso?

- Mandou Boe ir até a nossa casa e assustar Dominique? Força-la a ir embora?

- Por que eu faria isso?

- Por que não faria? Você a odiava.

- Não fiz nada desse gênero.

- Boe discorda.

- Ah! Essa é sua fonte? O funcionário que eu demiti e que tem todos os motivos do universo para ter raiva de mim e inventar histórias mirabolantes?

- Você disse que ele se aposentou.

- Tentei ser delicada. Foi um funcionário exemplar por...
- Então, é tudo mentira? – interrompi.
- Que parte? A de Dominique? Sim, certamente é mentira.

Eu ri e passei a mão pelos cabelos.

- Não acredito em você.
- Me dói ouvir isso.
- Mas não importa. - decidi - Vou encontrar Dominique. Vou acreditar em você quando ouvir isso da boca dela.

- Boa sorte tentando encontrar a mulher que fugiu de você.
- Gregory! - Elizabeth finalmente conseguiu colocar as amigas para fora de casa e estava de volta. As lágrimas nos seus olhos eram sinceras - Por que você precisa me humilhar desse jeito? Que merda eu já te fiz? Seu filho da puta! - ela deu um tapa no meu tórax com força.

- Acho que suas amigas vão superar esse pequeno incidente assim que a próxima fofoca surgir, Liz. - cuspi - Não se preocupe tanto com esses assuntos tão *importantes*. Porque eu estou aqui! - eu estava aos gritos de novo - Preocupado com para onde Dominique pode ter ido com meu filho enquanto você...

- É o quê? - Elizabeth me interrompeu.

- Ela não abortou. - olhei para Eleanor - Você sabia dessa parte?

Eleanor tinha os olhos fixos e neutros e parte de mim compreendeu que havia algo errado.

- Você sabia?

- Gregory, o que é isso de "filho"? - Elizabeth estava preocupada com essa parte, mas eu só queria que ela calasse a boca.

- É claro que você sabia! - levei as mãos aos cabelos - Sua filha de uma puta do cacete. Onde eles estão?

- Não sei do que você está falando.

- Não importa. - disse para mim mesmo - Não importa. - Repeti enfiando meu indicador no seu nariz. - Engula seu veneno e morra com ele, Eleanor. Eu vou encontrar Dominique. Já falei com Conaughy e ele não obedece mais nenhuma palavra sua. Eu sou o presidente da Baxter e estou suspendendo todos os seus privilégios.

A partir de hoje você é só uma velha rica e insuportável. Agora, saia da minha casa.

- Não fale assim com ela, Gregory!

- Você a defende? Acha que ela faria o mesmo por você?

- Você precisa cuidar da sua família, menino. Ao invés de perder tempo atrás de uma vadia que...

- Cala essa boca! - aponte o dedo de volta pra ela - Cala essa merda dessa boca. Não menciona Dominique. Não menciona ela nunca.

- Você tem que se preocupar com o que importa.

- E o que é que importa, Eleanor? A continuidade da linhagem Baxter? - eu comecei a rir e Elizabeth estava pendurada no meu braço implorando - A linhagem Baxter está com Dominique em algum lugar nesse mundo.

- Não seja horrível com Hyatt, Gregory!

- Hyatt não é meu filho. - sussurrei e ouvi Elizabeth gritar.

- Cale a boca! Cale a boca! Cale-se!

Eleanor olhou para ela em um pânico colérico.

- Eu tive uma doença... estava temporariamente infértil quando o garoto foi concebido. Fiz um teste de DNA quando ele nasceu. Vários na verdade. É uma pena que suas amigas não tenham ficado para o grand finale do show, han? - não havia qualquer resquício de sorriso no meu rosto. Havia apenas mágoa, rancor... uma raiva que eu cultivava há anos.

- Isso é verdade? - ela olhou de lado para Elizabeth com o máximo de desprezo que uma pessoa poderia demonstrar por outra.

- Aqui! - arranquei um fio de cabelo meu - Faça o teste, você mesma! - era um gesto simbólico, claro. Não duvidava que Eleanor tivesse amostras do meu DNA para fazer o que quisesse...

- Vocês terão outro filho.

- Que parte do "você não manda na minha vida e sai da minha casa" você não entendeu?

- Teremos! - Elizabeth estava ao meu lado mais uma vez.

- Elizabeth, será que pelo menos uma vez na sua vida você poderia ter um pouco de respeito por mim? Nem precisa ser muito. Só um pouco.

- Gregory! Não posso viver desse jeito! Olha o que você faz! - sua voz atingia tons cada vez mais agudos e elevados - Você ignora as coisas que são importantes para mim. Me humilha na frente das minhas amigas e agora isso?

- *Eu* te humilho? *Eu?* - aponte para mim mesmo em descrença.

- Não aguento mais. - ameaçou - Ou temos outro filho ou eu quero o divórcio. - espremeu os lábios em um bico choroso da birra mais falsa que eu já presenciei na minha vida.

- Tudo bem. Meu advogado liga pra você, amanhã.

Virei de costas e ela me seguiu.

- O que você está dizendo?

- Você não quer o divórcio, Liz? É o que terá. Estou exausto assim como você. Chega. E olha, não precisam sair daqui. Querem ficar? Pois que fiquem. Saio eu.

Eu precisava resolver isso.

Precisava resolver logo.

Gregory iria se acalmar. Ele sempre tinha esses pequenos episódios de revolta, mas depois sempre passava. O garoto queria ser rebelde, mas no fundo ele confiava em mim acima de qualquer coisa. Eu só precisava enfrentar essa tempestade com calma e resolução.

Passei o dedo pela lista telefônica. Eu só precisava esconder os dados. Era melhor que Gregory não soubesse o que eu descobri quando mandei uma pessoa atrás de Thoen para se livrar dela e da prole. Acabou sendo melhor assim, não foi? O bebê morreu no parto e eu não precisei ser responsável pela morte de uma criança do meu sangue.

Mas Dominique...

Ela desapareceu e parte de mim sempre esperou que ela tivesse virado uma moradora de rua traumatizada e insana ou que tivesse cedido a depressão e se matado. Ela nunca mais reapareceu e isso funcionava bem para mim.

O meu novo problema era o jovem Gregory Baxter e sua cruzada. Se ele decidisse encontrá-la, ia cavar bem fundo atrás de

informações e eu precisava ter certeza que ele ia encontrar o que eu quisesse: absolutamente nada.

Eu já tinha me acostumado a dormir pouco, mesmo com a medicação. Mas as últimas noites estavam sendo ridículas. Eu ficava acordado até as boas horas da madrugada, deitado na cama... pensando...

Pensando no cheiro dela. No calor do seu corpo se estivesse do meu lado. No seu sorriso. Tantos detalhes da sua feição que eu nunca poderia esquecer. As curvas do seu corpo contra os lençóis. Seu hálito quente na minha boca. Sua teimosia que eu tinha aprendido a achar adorável. Todos os trejeitos da sua personalidade que eu conhecia tão bem.

Conhecia.

O quanto ela teria mudado nos últimos anos?

Ela estava desempregada, sem poder dar referência de emprego por dois anos de sua vida. E se não tivesse conseguido outro trabalho decente? Como estaria vivendo? O que será que ela pensava de mim? O que será que tinha dito para nosso filho?

Eu pensava em como deveria ser sua fisionomia. Se algum dia já teria cruzado com ele em algum lugar... eu sequer prestava atenção em crianças. E se uma delas fosse minha? E mais que minha: minha e de Dominique.

Havia um pequeno ser humano no mundo que era uma união de nós dois. Tinha algo delicado naquele pensamento que fazia cada pelo do meu corpo se arrepiar. Eu precisava encontrá-los e precisava que não demorasse muito.

Derek não ajudava. Quando saí de casa e resolvi me mudar para minha cobertura, imaginei que precisaria de um amigo. Mas ele parecia mais impressionado com a situação toda do que eu. E não parava de lembrar elementos que não ajudavam.

Ela engravidou... mulheres mudam muito depois da gravidez, Greg. O corpo, o rosto... ela não deve ser mais aquela mulher bonita que você conheceu. E as dificuldades da vida, excesso de trabalho, desilusões... isso destrói uma pessoa. Você está preparado para reencontrá-la e receber a culpa por isso tudo?

Como se atributos físicos fossem me impedir de ir até o inferno atrás dela.

Eu sabia o que ele estava fazendo: ele estava preocupado que eu estivesse procurando Dominique com intenções de transformar minha vida em um conto de fadas e acabasse encontrando uma mulher rancorosa e cheia de arrependimentos pronta para descarregar todas as suas angústias nas minhas costas.

O que Derek não entendia é que por mim, tudo bem. Só a imagem de Dominique rancorosa e cheia de arrependimentos em algum lugar, sozinha, era suficiente para acabar comigo. Se só o que eu pudesse fazer para ajudá-la fosse receber a culpa, eu a receberia de bom grado.

Meu maior medo era que algo tivesse acontecido ao bebê. Era que algo tivesse acontecido com ela. Fora isso, eu suportaria qualquer coisa.

E se ela estiver casada? Se seu filho cresceu chamando outro cara de pai?

Eu tinha certeza que a coisa mais importante para mim era que eles estivessem bem. Mas esses cenários que Derek apresentava não eram exatamente gentis com o meu coração.

Por fim, eu desisti de conversar com ele e resolvi me esconder. Entre minhas atividades no trabalho e minhas longas horas encarando o vazio, só o que eu fazia era esperar. Esperar uma ligação do investigador particular que nunca vinha. Por dias a fio. Quase uma semana se passou e eu estava no meu limite quando a campainha finalmente tocou e Joe Ox passou pela porta.

Eu não estava respirando.

- Vocês os achou? - apertei sua mão ainda na porta. Vi a pasta na sua mão e meu coração estava batendo tão alto que suspeitei que até ele pudesse ouvir. Dei um passo para o lado e o deixei passar.

- Não foi fácil.

- Eu pago mais quanto você precisar.

- O que você pagou já foi suficiente. Mas você deu sorte, Baxter. Se tivesse contratado qualquer outro investigador, nunca os teria encontrado.

- Porque você é o melhor, eu sei. - meus olhos não desgrudavam da pasta na sua mão.

- Não é por causa disso. Bem... Não é só por causa disso. Por coincidência, quem os escondeu foi uma de minhas meninas.

Desviei os olhos da pasta para observá-lo.

- *Quem os escondeu?*

- É... Ela deve ter amigos com dinheiro, porque minhas meninas não são baratas e essa em especial é uma das mais caras. Uma das melhores também. Só consegui encontrá-los porque minha menina me disse onde eles estavam. Depois que eu prometi para ela que você não iria machucá-los. Acho que ela se encantou pela sua família o que é algo especial. Ela não se encanta com facilidade.

- Onde eles estão? Estão bem?

- Minha menina me fez prometer que você não os machucaria. Diz pra mim, Baxter, eu menti pra minha menina?

Ele segurava a pasta de um jeito sugestivo e eu soube que pegar ou não a pasta dependeria da minha resposta. O que não era, de modo algum, um problema.

- Nunca. - ofeguei.

- Eles estão bem. - sacudiu a cabeça - Ela estava trabalhando em um cargo administrativo em Paris.

- *Paris.* - repeti. *Te achei, Dom.* - E o bebê? - eu mal pronunciei a palavra. Não conseguia olhar Ox nos olhos. Não era exatamente vergonha o que eu sentia. Era aflição. Como se a qualquer minuto ele fosse desaparecer levando com ele todas as respostas que eu precisava tanto.

- Não é mais um bebê. Está com sete anos.

Meu coração inteiro doeu. Eu sabia que ele teria crescido, claro. Mas havia algo intenso na confirmação que tornava tudo muito real.

- E é... - ai merda... Não devia ser assim. Não devia ser desse jeito. - É uma menina? Ou um... - não conseguia tirar meus olhos do chão. Um médico deveria me dizer isso, enquanto eu segurava a mão de Dom.

- É um menino.

Escondi os olhos na mão e senti que eu ia chorar.

Eu tinha um filho.

Um filho com a mulher que eu amava.

Era o que Derek não conseguia entender: amar Dominique era fácil. Era a coisa mais fácil que eu já tinha feito na minha vida. E não amá-la foi a mais difícil das tarefas. Odiá-la exigiu todas as forças que eu tinha e me aniquilou.

- E... - respirei fundo. Não queria começar a chorar na frente do Ox - Qual o... o nome... Qual o nome dele?

- Tyler.

Eu estava rindo.

Tyler.

Ah, Dom... eu te amo tanto.

Algo naquele nome trazia força. Uma força poderosa. Ela não tinha me esquecido e não podia me odiar. Aquele nome era um pedaço meu na vida do nosso filho e ela tem que ter feito isso de propósito.

- Tyler. - eu ri. O nome tinha um gosto doce na minha boca. - E ele está bem? É saudável?

- É. Está tudo aqui. - balançou a pasta no ar - Tem fotos dele, se quiser. - ele abriu o arquivo e folheou algumas páginas.

Aquilo parecia errado, não?

- Aqui está. - ele me ofereceu o arquivo aberto, mas eu recusei com um gesto.

Eu não queria ver meu filho pela primeira vez através de uma foto. Eu já tinha perdido tanto. Tinha perdido *tudo*. Pelo menos a emoção de ver meu filho pela primeira vez com meus próprios olhos eu poderia tentar manter.

- Eles estão em Paris? Agora? - olhei para o relógio calculando o fuso-horário. Se o jato ainda estivesse em manutenção, eu pegaria o primeiro voo que encontrasse.

- Não. - ele riu baixinho - Você não vai acreditar.

- Onde eles estão?

- Estão aqui na cidade.

Eu dei um passo involuntário para trás.

- Estão aqui? Na cidade?

- Sim... em um hotel a quinze minutos daqui. Sem contar o trânsito, claro.

Ox me passou um cartão com o endereço do hotel e o número do quarto que ela estava hospedada.

Era fim da tarde e, mesmo que o trânsito estivesse horrível, eu não levaria mais do que meia hora para chegar lá.

Tantos anos.

E eu veria Dom em meia hora.

Conheceria meu filho em meia hora.

- Alô? Senhora Baxter? Sou eu. Sobre aquela informação que a senhora queria... Ela está na cidade. O seu neto está na porta do hotel que ela está hospedada... acho que ele já sabe. E tem mais uma coisa... Ela não está sozinha.

O saguão de entrada do hotel era amplo e bem iluminado. A área de lounge na frente do balcão principal tinha algumas poltronas confortáveis e um piano escuro. O recepcionista me informou que não havia ninguém no quarto.

Ela saiu... Mas vai voltar.

Eu esperaria o quanto fosse necessário. E o que mais eu poderia fazer?

Sentei em uma das poltronas perto do piano e mantive meus olhos na porta. Atrás de mim, os três elevadores panorâmicos levavam os hóspedes para um dos oito andares de quartos com sacadas voltadas para o lado interno. Havia um bar do outro lado e um jogo elaborado de aquários entre o acesso ao bar e os elevadores, formando uma parede divisória de meia altura. Eu não me demorei observando o que quer que fosse. As duas pessoas mais importantes do planeta iam passar por aquelas portas a qualquer momento e eu não iria perdê-los de vista.

Nunca mais na minha vida.

Eu estava sentado na poltrona, ouvindo o pianista tocar alguma melodia genérica e tamborilando os dedos nos braços acolchoados quando me ocorreu que dias tinham se passado no meu desespero para encontrar Dominique e, em nenhum momento, eu

tinha pensado no que iria lhe dizer. Eu imaginei a parte óbvia, é claro: *Eleanor mentiu para mim, eu não sabia, não quis dizer aquelas coisas horríveis, sinto muito...*

Mas e se ela não me ouvisse?

E se simplesmente virasse as costas e fosse embora?

O que eu faria?

E tinha chegado a hora de descobrir.

Parecia que alguém tinha apertado um botão no controle remoto e o mundo inteiro ficou em câmera lenta. Eu sabia que era ela antes mesmo de ver seu rosto.

Usava um casaco de pano leve e um vestido de tecido fino e pesado que se agarrava a suas curvas, do decote modesto a saia comprida que cobria suas longas pernas até os pés. Seu cabelo preto e liso de longos cachos soltos caía quase até a cintura. O óculos escuro estava preso sobre a cabeça e ela tinha um sorriso incrível no rosto.

Como eu podia ter me esquecido de como ela é linda?

Eu tinha as fotos. Achava que tinha cada centímetro do seu corpo decorado em minha mente.

Ledo engano.

Ela era, seguramente, umas vinte vezes mais deslumbrante do que eu lembrava. Meu corpo afundou na cadeira e meu coração bateu pesado. Eu amava aquela mulher além de qualquer salvação. Muito e desesperadamente. Tinha um sorriso nos meus lábios que eu não sei exatamente quando apareceu. Eu queria me aproximar. Queria tocá-la. Sentir seu cheiro. Ouvir sua voz.

Apertei os braços da poltrona sob meus dedos tomando coragem para me levantar e teria conseguido se meu cérebro não tivesse, finalmente, despertado do seu estado de torpor e observado a criança que Dominique trazia presa a sua mão.

Ele era magro e sorridente. Os cabelos loiros eram muito arrepiados e cada traço do seu rosto era...

Nossa...

Eu já tinha visto fotos minhas quando era pequeno e poderia dizer que o menino que Dominique trazia ao seu lado parecia mais comigo do que eu mesmo. Ele sorriu para a mãe quando ela afagou

seus cabelos e eu me levantei. Eles passaram pelo acesso do bar, próximo aos aquários. Eu os teria alcançado no elevador, se o garoto não tivesse derrubado um boneco no chão. Soltou a mão da mãe por um instante e se virou correndo para recuperá-lo. Ela observou sua operação de resgate ainda com um sorriso no rosto. Seus olhos subiram apenas por uma fração de segundo e o sorriso sumiu. Ela se virou para mim mais uma vez como se estivesse querendo me colocar em foco e se convencer de que eu era real.

Eu quis sorrir. Quis dizer alguma coisa.

Mas Dom estava séria como diabo, o queixo travado e os músculos contraídos como se esperasse que eu a atacasse a qualquer instante.

- Ty. - ela chamou e sua voz macia invadiu meu corpo como se estivesse me liberando de um longo período de horrível abstinência - Ty. - repetiu e tirou os olhos de mim.

Ele se aproximou e ela colocou um braço protetor sobre seu ombro. Eu dei dois passos em sua direção e Dom se curvou sobre nosso filho.

- Ty, vai até ali dar uma olhada naqueles aquários para mim?

- A gente não vai subir?

- Vai. Em um instante. Preciso que vá até ali olhar aqueles aquários.

- Mãe? Por quê?

- Só me obedece, filhote. Vai até lá. Tá?

Ele pareceu contrariado, mas seguiu a instrução da mãe e deu quatro ou cinco passos até o pequeno beco sem saída formado inteiramente por caixas de vidro cheias de água e peixes coloridos. Dom se certificou que ele estava bem atrás dela e não teria como sair sem que ela notasse antes de se virar para mim.

Meu discurso mal ensaiado começava com um "me desculpa" que eu não consegui dizer porque assim que estava perto o suficiente para que pudéssemos conversar em um tom de voz mais baixo, Dominique falou primeiro.

- Ele não sabe. Tudo bem? Não contei pra ele sobre o pai. Ele é só uma criança, Holt!

Ela ia gritar e me agredir com palavras: eu esperava essa parte. Mas ver Dom ali na minha frente. Minha Dom... protegendo nosso filho e me chamando de *Holt*. Eu comecei a sorrir, apesar da gravidade da situação, e senti que não ia conseguir parar.

- Por que você está rindo? - seus olhos se estreitaram.

- Ahm... - eu só falei as primeiras palavras que me vieram a mente - Você me chamou de Holt.

- Ah... desculpe. *Baxter*. - Eu abri a boca e quis lhe dizer que não era isso. Mas ela ainda estava falando - Ele é só uma criança e não precisa saber que o pai não o quis, certo?

- Dom!

- Vou explicar para ele a história toda quando ele for mais velho. Mas agora ele é só uma criança e não precisa disso. A decisão é minha. Só... só vamos fingir que nunca nos encontramos e eu vou embora.

Ela se virou para chamá-lo e eu a segurei pela mão.

- Dom, espera!

Foi só um toque. Foi tão fugaz. Tão leve.

E eu não estava conseguindo respirar. Meus dedos formigavam onde tinham tocado os dela.

- Eu não sabia.

- Holt... *Baxter*! - deu um tapa muito curto na própria testa - Eu preciso ir. Vamos só fingir que...

- Eu não sabia, Dom. Eleanor mentiu.

- Não posso fazer isso agora. - ela estava escapando de novo e eu a segurei pela mão mais uma vez. Meu toque era gentil e ela poderia ter se desviado de mim e fugido quando quisesse, mas ela ficou. Ficou com os dedos grudados nos meus como se estivesse sendo vítima da mesma hipnose que me acometia.

- Ela disse que você tinha abortado. - sussurrei - Disse que você abortou e que aceitou dinheiro para ir embora.

- O quê? - ela sacudiu a cabeça devagar e se virou para Tyler. Nosso contato estava chamando sua atenção e ele observava os peixes cada vez menos.

- Eleanor mentiu. Quando eu falei com você... quando você ligou. Eu não sabia, Dom.

- Quer me convencer que cruzou comigo por acidente em um hotel e acabou de descobrir?

- Não. Fiquei sabendo há uns dias atrás. Andy e Rick me contaram.

- *Andy e...?*

- Nossos vizinhos.

- Eu sei quem são, Holt! - rosnou baixinho e seu jeito me entupiu de vontade de sorrir mais uma vez. Senti tanta falta dessa mulher que era impossível descrever - Quero saber por que eles te contaram.

- Thierry sabia, não era?

- Eu conversei com ele antes de ir embora. - ela cruzou os braços abaixo dos seios. Seus lábios ainda estavam rígidos e pressionados um contra o outro, mas ela parecia disposta a me ouvir.

- Ele... - ai porcaria... Eu ia ter que contar pra ela que ele morreu. Cocei a cabeça, nervoso.

- Ele morreu. - suspirou - Contou pra Rick antes de morrer, não foi?

Olhei nos seus olhos e fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

- E aí a virgem fofqueira foi correndo te contar. - as palavras eram ofensivas, mas tinha um sorriso nostálgico no seu rosto e eu imaginei que estava tudo bem.

- Eu acabei de descobrir, Dom. Estava procurando você... - engoli a seco - Estava procurando *vocês* desde então.

Ela me observou como se estivesse me medindo e julgando.

- Eleanor te disse que eu aceitei dinheiro para te abandonar e você acreditou? - tinha nojo nas suas palavras e eu me senti imundo.

- O que você queria que eu pensasse?

- Queria que você pensasse que eu não sou uma vadia inescrupulosa uma vez na sua vida. - reclamou.

- Eu sinto muito. De verdade. Dom, como eu poderia...

- Então, é verdade?

A voz feminina às minhas costas falou alto demais e, sem dúvidas, chamou atenção das pessoas ao nosso redor.

- Dominique Thoen. - Elizabeth riu sarcástica - Acabou o dinheiro que Eleanor te pagou para sumir e veio extorquir meu marido?

- Boa noite pra você também, Elizabeth. - ela mordeu o lábio inferior.

- Olha, eu tenho que admirar a sua coragem. E a sua cara de pau, é claro.

- Elizabeth. - virei-me para ela - Nós estávamos conversando.

- Eleanor disse que você viria correndo atrás da puta assim que sentisse o cheiro dela na cidade.

- Cale a boca. - avisei.

- Mãe? - os gritos foram demais para o pequeno Tyler e ele se aproximou, abraçando o quadril de Dom, assustado.

- Está tudo bem, meu amor. - ela segurou seu rosto nas mãos e beijou sua bochecha.

- Ah, eu preciso ver *isso* de perto. - Elizabeth andou em direção a Tyler e Dominique se colocou entre os dois com a expressão mais perigosa que eu já tinha visto em seu rosto.

- Não encoste no meu filho, Elizabeth. E não me faça repetir.

- Você trouxe o bastardinho! Que gracinha. - riu.

- Cale a boca, agora. - puxei seu braço.

- Mãe? - o chamado de Tyler saiu choroso e Dominique o levantou no colo.

- Eu só quero saber se esse é o plano da vadia.

- Será que você pode ficar fora disso?

- Não vou! Você não manda em mim.

Tyler tinha os braços ao redor do pescoço de Dom e ela olhou para mim...

Nos seus olhos... estava lá. Um brilho de dor e medo. Ela estava protegendo nosso filho. Encurralada entre eu e minha ex-mulher descontrolada e um monte de aquários. Nosso filho assustado no seu colo, tendo que ouvir uma desconhecida maluca gritando ofensas. Segurei Elizabeth pelos braços e a puxei para o lado. Dom precisou apenas de um olhar meu e avançou pelo espaço que eu abri para ela, adiantando-se para os elevadores.

Rápido demais Elizabeth se desvencilhou das minhas mãos e estava avançando para Dominique de novo. *Se ela tocasse no meu filho, eu...*

Me apressei para tentar segurá-la.

- Algum problema?

O homem que se colocou entre Dom e Elizabeth era alto, com um porte forte, olhos claros e cabelos escuros. Seu tom de voz era firme e fez Elizabeth parar imediatamente.

- Gary! - Tyler pareceu aliviado.

- Só estamos conversando. - Liz sorriu quando eu a segurei - Se me der licença, eu...

- Dom? - o recém-chegado se virou para Dominique e eu quase sufoquei. - Está tudo bem aqui? - Dom lhe ofereceu um meio sorriso carregado de nervosismo.

- Está. Estávamos subindo.

- Tem certeza? - ele olhou ao redor e colocou a mão no ombro dela de um jeito que me fez querer arrancar seu braço fora.

Eu não tinha percebido, mas Elizabeth passou o braço pela minha cintura.

- Ah, foi só um engano. - ela riu satisfeita - Confundi a moça com outra pessoa. Eu e meu marido já estamos indo. Desculpe pelo engano.

Ela estava me puxando pela cintura e Tyler puxou *Gary* pela gola da camisa, querendo sua atenção.

Era isso.

Ela estava com outra pessoa.

Claro que está, imbecil. Ela é a mulher perfeita e você achou o quê? Que ela ia ficar solteira te esperando?

E meu filho conhecia o cara... Mais ainda: se sentia seguro perto dele.

Dom se virou para os elevadores com nosso filho no colo e subiu para o quarto, ainda escoltada pelo amigo.

Não se engane... não é um amigo... Eles provavelmente estão no mesmo quarto.

Empurrei Elizabeth para longe de mim e a tirei do hotel. Eu precisava levá-la para longe dali para poder conversar com Dom em

paz.

E com Gary ou sem Gary, eu voltaria. Isso ainda não tinha acabado. Eu podia estar perdendo com uma desvantagem imensa, mas não tinha desistido. Passei os últimos dias decidindo isso, não foi?

Amá-la era a coisa mais fácil do mundo. Era minha tarefa favorita. E eu ia lutar por esse direito.

Não acabou aqui, *Gary*... Está só começando.

Capítulo 10

Eu conseguia me lembrar da primeira vez que eu saltei de paraquedas na minha vida. Eu estava cantarolando uma música dos Beatles e o instrutor me perguntou se eu estava com medo. Eu quis rosnar que não estava. Quem ele pensava que era?

Mas eu estava. Estava morrendo de medo.

Minha garganta estava seca. Meu coração batia de um jeito desesperado como se fosse rasgar carne e costelas no caminho para fora. Eu não conseguia organizar uma linha coerente de raciocínio. Tinha que forçar meu corpo a inspirar e expirar, como se ele tivesse desaprendido a fazer a coisa toda sozinho. Minhas mãos tremiam. Meu corpo inteiro era um verdadeiro carnaval do mais absoluto descontrole com uma trilha sonora cantarolada dos Beatles.

Tinha sido uma experiência incrível que eu pretendia repetir. Mas só cheguei a essa conclusão quando já estava no chão. Quando já estava a salvo. Não antes.

Antes eu estava sentindo uma aterradora pressão desconfortável que fazia com que eu perdesse o controle sobre mim. E eu odiava perder o controle.

Era isso que ele fazia comigo não era?

Ele fazia com que eu perdesse o controle.

Sempre foi assim. E observando toda a minha crítica situação em perspectiva, acho que eu preferia o avião. Eu preferia os milhares de pés de altura, a música dos Beatles e o instrutor

insolente ousando perguntar se eu estava com medo. Preferia o desespero de morrer esmagada no fim de uma queda colossal do que aqueles olhos verdes me encarando quando eu definitivamente não estava preparada para aquilo.

Gareth estava fazendo alguma mágica idiota para Ty. Eu agradei mentalmente o seu esforço, embora não conseguisse articular palavras para tanto. Pelo menos, não ali. A moeda desapareceu e Tyler sorriu de novo enquanto o elevador nos levava até nosso andar.

- Vou te ensinar essa para você mostrar para os seus colegas na escola nova.

- Eu sei como você fez. - sorriu.

- Tem certeza? Porque essa é bem diferente.

- Tenho! - riu

Zahner torceu um nariz brincalhão.

- Mas precisa de habilidade manual. Vai ter que praticar bastante.

Tive que enfiar o cartão no espaço adequado na porta algumas vezes e receber luz vermelha após luz vermelha como resposta, até que Gareth resolveu me ajudar. Deixei que ele pegasse o cartão das minhas mãos e abrisse a porta.

- Tyler! Banho e cama.

- Mas mãe...

- O que é que eu já te disse sobre esse "mas mãe"?

- Tá. Tá.

Ele atravessou a pequena ante-sala até o quarto e nossas malas. Eu fiquei para trás com Zahner.

- Achei que você tinha dito que estaríamos longe dos Baxter aqui, Zahner! - resmunguei o mais baixo que pude. Mas ia ser difícil controlar meu tom de voz diante das circunstâncias.

- Não sei como ele encontrou vocês, Dominique.

- Acho que não importa mais, agora.

- Olha... A gente sabia que isso era inevitável. - ele colocou a mão sobre meu ombro em uma tentativa de me acalmar e, considerando os planos do agente da Interpol, suspeitei que ele não tivesse achado meu encontro com Holt nem um pouco ruim. Forçar

a nossa proximidade deveria fazer parte do que ele planejava. - Vamos só seguir com o plano. Você queria manter Ty longe dele por mais tempo, eu sei. Mas agora só o que podemos fazer é focar no plano.

- Eu sei o que você está fazendo, sabia? - reclamei.

- Ah é? - riu - E o que é?

- Está tentando me manter calma para que eu coopere. Já fiz isso muitas vezes.

- Cooperou ou convenceu pessoas a cooperar?

- Convenci. Não sou do tipo que coopera e não seja engraçadinho.

- Perdão. - levantou uma mão sorrindo - O que vai dizer pra ele? - indicou o quarto com um movimento do queixo e eu soube a quem ele se referia.

- Ele não sabe os detalhes.

- É um garoto inteligente, Dom. Por que não explica?

- Pode ser inteligente, mas é só um garoto. Não vou tratar uma criança como um adulto.

- Tudo bem. - deu um passo para trás e ia sair do quarto - Mas... - me observou com cautela antes de acrescentar - O que acontece se ela aparecer? Eleanor Baxter, eu quero dizer. Se ela aparece e o garoto não sabe de nada?

Abri os olhos para ele, irritada.

- Ouvi dizer que tem um agente da Interpol aqui para proteger meu filho. - rosnei - Ou eu me enganei?

- Não. De modo algum. - me incomodava que ele sorrisse o tempo todo. A situação poderia ser natural para ele, mas não era para mim. Nem um pouco.

- Você ri e eu acho que não está levando minha situação a sério, Zahner. Estou começando a me questionar se fiz bem confiando em você e nós mal começamos.

Ele riu ainda mais alto, aumentando minha indignação.

- Estou rindo porque você olhou para a mulher como se fosse tirar um pedaço dela na mordida. Sou eu quem está começando a ter dúvidas sobre nosso plano, senhorita Thoen. Acho que a

senhorita não precisa de ajuda alguma para se proteger. Ou para proteger seu filho.

- Não vai me acalmar me elogiando, Zahner. Sou muito cética com os elogios quando eles vêm de pessoas que precisam de mim para alguma coisa.

- E eu te digo que antes dessa operação toda acabar, ainda vai ser você quem vai me salvar de algum problema.

- Isso não faz com que eu me sinta mais segura.

- Estou no quarto ao lado se precisar de mim. - piscou um olho - Passo para ver se vocês estão bem, mais tarde. Baxter não vai fazer nada contra você. Nem aqui e nem em lugar nenhum, tudo bem?

- Me perdoe se não confiar mais em você.

- Vou descobrir como ele nos encontrou.

- Por favor. - chie sarcástica – Não que isso vá fazer diferença agora.

Coloquei a mão na maçaneta pronta para fechar a porta atrás dele.

- Ahm... Dominique? - ele voltou e o sorriso petulante tinha abandonado seu rosto.

- O que foi agora?

- Você está bem?

Bem?

Eu tinha minhas dúvidas se ainda sabia o que significava estar bem. Tinha que apertar meus punhos com força para disfarçar o tremor nas minhas mãos. Minha língua parecia uma lixa no meio da minha boca e eu estava certa que a segurança tinha abandonado minha voz.

- Tudo ótimo. - sorri falsa.

Ele concordou e com um breve gesto de reverência, se foi.

- Você perdeu o juízo?

- Queria que eu ficasse em casa esperando você me trair com mais uma mulher?

Eu esfreguei as têmporas tentando organizar o caos absoluto dos últimos minutos. Tantos anos sem ela. Tantos dias de angústia.

E eu nem sequer pude falar tudo que eu queria.

- Elizabeth, eu sei que você leva uma vida cheia de superficialidades muito importantes. - sarcástico - E sei que é muito doloroso para uma pessoa egocêntrica como você colocar as necessidades de outro ser humano na frente das suas. Mas tente, só por um segundo, um maldito segundo, entender que aquele menino é meu filho. É a minha vida que eu estou tentando organizar e ela pode ser uma merda insignificante pra você, mas é... - eu tive que rir - um pouquinho importante para mim.

- Eu só quero o melhor pra você...

- Ah, cala a boca. - pedi, exausto - Você acha mesmo que eu acredito nessa merda?

- Você está sendo horrível de novo.

Eu podia gritar com ela. Podia tentar fazê-la entender o quanto ela estava sendo egoísta e patética. Mas por que eu perderia meu tempo?

Elizabeth era problema de Elizabeth.

- Que bom que não sou mais seu marido, então. - lembrei com um sorriso.

- Não diga isso!

- Você precisa assinar os documentos, sabia? Não vai poder fugir disso para sempre. Pode ficar com o sobrenome, Liz. - ri - De verdade, eu não dou a mínima.

Ela engoliu a seco.

- Fique com o sobrenome e vamos fazer um acordo de separação que vai te deixar muito bem. Não vai precisar voltar a usar o dinheiro dos seus pais para nada.

- O nosso regime de bens...

- É... eu sei que Eleanor insistiu e eu também. Sei que você sempre achou que não ficaria com nada no caso de um divórcio. E, acredite, pelo documento que assinamos não ficaria mesmo. Mas eu não tenho nenhuma intenção em te deixar de mãos vazias, está bem?

Ela respirou fundo e me observou com cuidado.

- Eleanor pode ter me feito uma proposta parecida. - explicou.

Mordi meu lábio inferior sem intenção de soltá-lo.

- Pode é? E o que foi que ela disse?

Mas eu já imaginava.

- Ela também me garantiu que eu não sairia de um divórcio sem nada.

- E para isso você teria que fazer o quê? Infernizar a vida de Dominique? Não deixar que eu me explicasse? Nos afastar? É isso?

Ela travou os lábios e eu segurei seus braços.

- Elizabeth. - o sussurro escapou de meus lábios com uma agressividade que eu não antecipei - Eu sempre fui uma pessoa bem comedida, mas eu prometo a você que a minha paciência acabou. Esgotou. Completamente. Você vai me falar agora. Ou você vai sair da minha frente. Acabou minha tolerância para esses joguinhos.

- Então vou sair da sua frente, Gregory. - ela me encarou determinada - Agora, pelo menos. Porque independente da sua tolerância, Eleanor vai continuar a jogar. E eu prefiro ficar no time dela.

Eu achei que um banho quente seria uma boa ideia.

Ty tinha demorado a pegar no sono e eu podia apenas imaginar o quanto ele teria se assustado com a cena que presenciou.

Ele não perguntou nada.

Devia estar com medo. Preferiu ignorar.

Mas suas perguntas viriam. E não iam demorar.

Espremi a água do cabelo, lavando o shampoo.

Vai me matar afogado? Eu sabia que você devia ter um plano.

Tanto tempo tinha se passado, mas era como se eu o tivesse visto ontem. Como se tivesse sido na última segunda que eu entrei no chuveiro junto com ele. Lavei seu corpo e deixei ele me lavar. Eu podia lembrar do seu toque na minha pele úmida, deslizando pelas minhas curvas, entrelaçando os dedos nos meus. Dizendo que amava meu gemido, o jeito que eu rebojava, como colocava os dedos na boca.

Ah... Então, acho que eu vou morrer feliz.

Fechei os olhos e percebi que não era uma lembrança.

Minha mente estava me enganando.

Muito tempo tinha se passado e eu quase não lembrava mais. Qual era o gosto da sua saliva? Do seu suor? Da sua pele? Do seu esporro? Qual era a sensação do toque dos seus lábios na minha bochecha quando ele me desejava boa noite no escuro? Qual era o som da sua risada quando eu enfiava meu cotovelo nas suas costelas na cama, quando ele me perguntava se eu já tinha dormido pela vigésima vez?

Eu não lembrava.

Mas eu queria lembrar.

E minha cabeça maldita estava disfarçando meu desejo em lembranças.

Ele tinha segurado minha mão e eu quis ficar ali. Parte de mim queria ir embora e proteger meu filhote de qualquer sofrimento ou desilusão. Mas a outra parte de mim queria... Queria deixar minha mão ali a noite toda.

Eu superei Holt. Não superei? A ideia de que ele sabia de tudo e tinha nos abandonado foi suficiente para me fazer seguir em frente e tentar esquecer. Ele não me queria, era definitivo.

Era uma merda, mas era definitivo.

Eu não sabia, Dom. Eleanor mentiu.

E se fosse verdade?

Como ele poderia não saber?

Não duvide da malícia da velha artilosa, Dom.

Como ela tinha enganado ele? Qual era a extensão da mentira? Tinha que ter sido muito boa...

Ou nem tanto.

Foi por isso que eu fui embora, não foi? Porque eu sabia que ela era capaz de enfiar seus tentáculos venenosos na cabeça dele e manipulá-lo como quisesse. Foi por isso que eu desisti e resolvi defender Ty acima de qualquer outra coisa.

Era realmente tão surpreendente que ela tivesse mentido para ele?

Eleanor me contou tudo. A gravidez, a clínica de aborto, a proposta nojenta que ela lhe fez, os cinco milhões de euros.

Ela tinha alterado os fatos e projetado uma nova versão para contar para ele. Uma que o mantivesse longe e no escuro. O sabonete não era culpado pelos meus problemas, mas foi punido ainda assim. Esfreguei minha pele com força e ódio.

A filha da puta roubou minha vida inteira. E ainda cobriu todos os rastros perfeitamente.

Enxuguei o corpo e me enrolei na toalha.

O problema era o que aconteceria agora.

Fora ajudar a Interpol a enfiar a cachorra do cacete em algum buraco imundo, como ela merecia... O problema era o que aconteceria com Gregory.

Nada, porque ele está casado, sua idiota.

E porque ele pode ter imaginado que eu estava com Gary.

O que eu podia fazer? Penteei meus cabelos, encarando meu reflexo. Queria muito não precisar dele. Queria que meu coração imbecil e incorrigível simplesmente desistisse e racionalizasse: ajudar a Interpol. Proteger Ty. Recuperar minha vida e meu emprego.

Só que isso não parecia bastar e eu estava projetando cenas imaginárias do que aconteceria se eu simplesmente aparecesse no lobby da Baxter Inc pedindo para falar com seu presidente. Três batidas na porta.

Senti o tapete raspando sob meus pés quando corri apressada para o olho mágico. Poderia ser o serviço de quarto. Ou Zahner querendo ver como eu estava. Poderia ser o Papa.

Mas eu só conseguia pensar em uma pessoa que eu queria que fosse.

Coloquei o rosto contra a porta e vi sua mão nervosa enfiada nos cabelos loiros. Tinha um braço escorado contra a parede e uma postura de cansaço. Eu não sei por que eu estava sorrindo. Forcei meus lábios em movimentos abertos para fazer o sorriso desaparecer antes de abrir a porta apenas um pouco.

- Holt. - expirei baixinho.

- Dom. - ele engoliu em seco e eu senti sua aflição - Eu posso entrar?

- Você vai ter que falar baixo. - orientou a meia voz - Tyler está dormindo e ele demorou uma eternidade para se acalmar.

Passei a mão no cabelo mais uma vez.

- Eu sinto tanto, Dom. Não sabia que Elizabeth estava atrás de mim, se soubesse eu...

- Shh... - pediu com um gesto - Pode entrar, mas fale baixo.

Ela tinha uma expressão rígida que me informou com clareza que a barreira de proteção intransponível que ela construía ao seu redor estava firme como nunca. Ela não ia se deixar abalar pelo que quer que fosse, o que era péssimo para mim que não conseguia superar o fato de que Dominique usava apenas uma toalha e o quanto eu queria...

Concentre-se, Greg. Agora, não.

- Pode esperar aqui? Eu só preciso vestir alguma coisa. - apontou para o quarto atrás de si. Era aquela hipnose sobrenatural de novo e eu não conseguia afastar os olhos dela. O cabelo longo e escuro, molhado do banho, caindo sobre um ombro. A toalha amarrada no topo do busto, cobrindo seu corpo até a metade das coxas.

Eu queria ter passado os últimos oito anos lambendo aquelas coxas.

Mas não... Passei os últimos oito anos ouvindo Elizabeth reclamar que as cortinas novas da amiga eram mais caras que as nossas.

- Greg? - ela sorriu baixinho e eu percebi que deveria estar encarando.

- Ah... - meu queixo caiu, desconcertado - Tudo bem. Eu espero.

Ela se foi, fechando a porta atrás de si e eu sentei no sofá na pequena ante-sala.

Tudo bem... Calma, agora. Só explique tudo com calma. Uma palavra depois da outra. Ela vai entender. Só não entre em pânico.

Dom voltou poucos minutos depois, usando uma camiseta e as calças compridas de um pijama.

- Se incomoda?

Apontou para si mesma e eu me perguntei se ela estaria me provocando. Abriu a porta de toalha e me pergunta se eu me incomodaria com um pijama?

- Não. - sorri, discreto.

O que ela queria que eu dissesse? "Preferia que você não estivesse usando nada?"

- Quer alguma coisa? - ofereceu. Havia uma rispidez polida em suas palavras. Como se quisesse deixar explícito que estava sendo educada, mas não carinhosa.

- Estou bem. Só quero conversar.

- Certo. - sentou-se na cadeira ao lado do sofá - Converse, então.

Eu tinha realmente ido até ali para conversar. Para esclarecer todos os nossos mal entendidos e resolver o que fazer dali para frente. Mas era diferente... Na teoria, eu poderia sentar e explicar com palavras rebuscadas toda a raiva que eu sentia de Eleanor por ela ter feito o que fez. Poderia até ligar para Boe ou Andy e pedir que eles confirmassem a minha versão dos fatos. Poderia ser lógico, objetivo, concreto.

Mas ela estava ali na minha frente.

Eu só queria abraçá-la e perguntar se ela estava bem. Perguntar o que tinha acontecido, para onde ela tinha ido, o que tinha feito nos últimos anos.

Se tinha sentido minha falta...

Mas ela tinha os braços cruzados, os lábios espremidos e o olhar fixo em mim.

Converse, então. Era o que ela tinha me dito.

- Eu não sabia a história toda. - achei que essa parte era importante - Eleanor disse que te ofereceu dinheiro como um teste, para ver se você iria embora. E aí você aceitou. Eu não sabia que era mentira dela. Não sabia nada sobre o Tyler. - o nome dele se derreteu na minha boca mais uma vez - Eu não sabia.

Fiz uma pausa para esperar sua reação.

- Veio até aqui só dizer isso, Holt? Porque já tinha me explicado essa parte.

- Eu queria ter certeza que você entendeu.

- Não sou surda. Nem tenho qualquer limitação cognitiva. Entendi muito bem, obrigada.

- Acredita em mim?

- *Acreditar?* - tinha sagacidade na sua voz e eu tive certeza que ela ia advogar - Você acha que tem direito de vir até aqui e querer que eu acredite em algo a seu respeito? Quer que eu acredite na sua índole? Na sua decência? E por que eu faria isso quando você nunca me retribuiu a gentileza?

- Você desapareceu!

- Fale baixo!

- Não estou gritando. - observei, indignado.

- Fale *mais* baixo, então.

- Você sumiu. Não deixou uma carta, uma mensagem, uma ligação. Nada. As pessoas não somem assim! O que você queria que eu pensasse?

- Que eu não era uma pessoa horrível. Que a mulher que vivia com você, que dormia do seu lado, que te amava e que você dizia amar não era uma vagabunda interesseira. É pedir demais?

- Eu não só *dizia* te amar.

- Não faz diferença.

- Faz diferença para mim.

- Que diferença? Diz pra mim que diferença faz? Agora? Eu tive nosso filho sozinho. E as coisas que você disse para mim no dia que ele nasceu...

Era aquela sensação horrível no meu estômago de novo. Eu tinha feito um cálculo aproximado e imaginei que a ligação fatídica poderia ter ocorrido naquele dia, mas ouvir a confirmação doía ainda mais.

- Eu não sabia, Dom.

- Você não saber não muda o fato de que doeu, Gregory. Doeu como eu não me lembro de nada já ter doído na minha vida.

- Eu sinto muito. Muito mais do que posso dizer. Sinto tanto! Mas eu realmente não sabia.

- Sabe? - levantou seus olhos escuros para mim - Meu pai costumava dizer que tudo que as pessoas dizem antes do "mas" não vale de nada.

- Não estou defendendo o que fiz. Só quero que você acredite que eu não poderia ter feito nada diferente.

- Por que isso é tão importante pra você? - apoiou as mãos contra os joelhos, seu lábio inferior tremia e eu entendi que ela se sentia exatamente do mesmo jeito que eu: nós dois gostaríamos de ter um comportamento, mas ali, diante da situação, olhando nos olhos do outro, tínhamos que fazer uma coisa diversa.

Ela estava magoada. Do mesmo jeito que eu tinha vivido anos de ressentimento, ela deveria ter vivido os mesmo anos cheia de mágoa. Não ia passar assim. Ela ia precisar chorar. Ia precisar gritar comigo. Ia precisar me bater.

E eu deixaria que ela fizesse todas essas coisas.

O único problema era que a mulher na minha frente era a personificação da teimosia e ela ia tentar manter o controle pelo máximo de tempo que pudesse, enquanto eu... eu achava que a gente já tinha perdido tempo demais.

- Você é a mãe do meu filho, Dom. A gente já perdeu tanto tempo... Por que você acha que não seria importante para mim?

- Você está casado, Gregory. Tem uma esposa, um filho, uma vida... - seu lábio tremeu um pouco mais. Ela estava tentando esconder, mas estava falhando - Do que te importa se eu acredito em você ou não? Você é pai do Tyler... mudou de ideia e quer ter contato com ele daqui pra frente? A gente conversa sobre isso. Está em alguma jornada kármica e quer resolver as pendências do passado? Quer me pedir desculpas e dizer que não era sua intenção? Tudo bem, a gente conversa sobre isso também. Eu só quero que você me diga o que você quer. E não me venha com discursos sobre como é importante que eu acredite em você, porque eu não sou nada pra você, Holt. *Baxter!* - corrigiu-se - Ah, inferno...

Eu puxei minha carteira do bolso. Procurei o compartimento específico.

- Se você for me oferecer dinheiro, Baxter, nós vamos parar na delegacia, eu e você. Porque não vai sair inteiro desse quarto de hotel.

Seu tom ofendido me atingiu mais do qualquer murro poderia fazer. Tirei a foto e toquei na imagem com delicadeza.

- Uma lembrança da sua teimosia pra posteridade. - brinquei, com um sorriso miúdo. Estiquei o braço e ela hesitou antes de pegar a fotografia na minha mão.

Eu explicaria que carreguei essa foto comigo por anos, mas as marcas de dobras e desgaste no papel diriam isso melhor do que quaisquer palavras.

- O que você quer dizer com isso? - balançou a foto no ar, vagarosamente.

- Não é como você imagina que tenha sido. Minha vida não é essa maravilha que você pensa.

- O que você quer, Gregory?

- Eu não sabia, Dom. Sinto muito. Por tudo. Pelas coisas que eu te disse. Por não estar lá com você, segurando sua mão, quando precisou de mim. Por ter acreditado nas mentiras de Eleanor. Por não ter confiado em você. Por não corrido atrás de você até o fim do mundo para descobrir o que aconteceu. - era um desabafo, não só um pedido de desculpas. Era tudo que estava errado na minha vida condensado em umas poucas palavras, em uns poucos momentos. Todos os nós que me atavam a uma vida fosca e depressiva estavam sendo desatados. Eu só precisava dizer aquelas palavras, só precisava que ela ouvisse. - Sinto por não ter visto nosso filho crescer. Sinto por Eleanor ter te feito perder o emprego. Eu sinto por tanta coisa.

Seus lábios estavam travados em uma linha única.

- Acredito em você. - suspirou, finalmente. - Mas não muda nada. Ela te disse que eu aceitei dinheiro para abortar e te abandonar e você acreditou.

- Dom...

- Não pode negar isso, pode? Você e sua avó maldita, Gregory! Foi por isso que eu fui embora! Eu sabia que você não acreditaria em mim! Não importa qual seja o absurdo que ela te conte, você sempre acredita e a defende.

- Mas você nunca me deu a chance de fazer outra coisa, deu?

- O que você quer...

- Não deu, Dominique. - expirei cansado - Você fugiu. Sem me dizer o que estava acontecendo. E quando eu te disse que

Eleanor tinha me contado tudo, você achou que ela tinha me contado a verdade.

- E o que mais eu deveria pensar?

- Deveria pensar que se ela tivesse me contado a verdade eu não te deixaria sozinha. Deveria pensar que o homem que você conhecia, o homem com quem você vivia, que dormia ao seu lado todas as noites... o homem que te amava e que você dizia amar não ia te abandonar. Não ia abandonar o nosso filho. Mas você não acreditou nisso, não foi? Você preferiu acreditar que eu era o tipo de crápula que abandona a mãe do próprio filho e que não iria querer ter qualquer tipo de contato com o bebê. E sem remorsos. Você vem com seus argumentos fortes e precisos de que é uma pessoa decente e eu não lhe dei chance... que eu questioneei sua dignidade. Bem, Dom... Você fez a mesma coisa comigo.

Ela me olhava como se quisesse me beijar.

Ou me matar. Era difícil saber com certeza.

- Você quer comparar? Eu estava grávida, sozinha, sentada em um cais, no escuro, em trabalho de parto. Me desculpe se não considerei as possibilidades antes de acreditar que você estava me abandonando.

- No dia. Mas e todos esses anos depois?

- Por que nós estamos julgando meu comportamento, aqui? Quando foi que você virou a vítima?

- Dom! Somos todos vítimas. Eu e você. Foi horrível o que aconteceu com você? Foi. Eu tenho culpa? Tenho. Eu poderia ter evitado. Poderia ter passado todos esses anos cuidando da nossa família e vou me arrepender disso enquanto eu viver. Mas eu não sou o único que poderia ter feito alguma coisa.

- A culpa disso é de Eleanor, você sabe, não é?

- Concordamos, finalmente.

- O que você vai fazer?

- Já fiz. Ela está fora da Baxter. E eu pedi o divórcio.

Ela ficou em silêncio e eu a acompanhei. Estávamos nos observando e esperando. Esperando o outro dizer alguma coisa. Esperando o outro fazer alguma coisa.

- O que acontece agora? - ela perguntou, depois de alguns poucos minutos.

- Eu queria poder conversar com você.

- Achei que era isso que estávamos fazendo.

- Quero conversar sobre... a vida. Onde você esteve, se... se precisa de alguma coisa. E quem é o cara? O... Gary. - falei de uma vez, como se engolissem um remédio de gosto ruim. - E eu... eu quero conhecer o Tyler, Dom.

- Eu estive na França. - respondeu objetivamente - Consegui um emprego em um setor administrativo...

- Com o Oliver.

- Se você já sabe, por que perguntou?

- Eu estava procurando vocês. Eu sei a parte prática. A parte que eu quero saber não vai dar para esgotar hoje. Eu só não quero ser um inimigo, Dom. Eu quero ficar perto de vocês.

- Tyler não sabe de nada. - explicou - Não falei com ele sobre o pai, quero dizer... ele já fez algumas perguntas, mas eu lhe disse que ainda era muito novo e que lhe explicaria quando fosse mais velho.

- E ele?

- Ele confia em mim.

- E o que vai dizer agora? - minha voz era quase um sussurro cheio de receio.

- Ele é uma criança, Greg. O que aconteceu entre nós dois... o que eu quero ou o que você quer... não importa. Agora, tem que ser o que é melhor pra ele.

- Você não vai me ouvir discordar.

- Vou falar com ele. Com calma. Ty é um garoto esperto, ele vai entender. E depois ele decide. Se ele decidir que quer você na vida dele... Holt - ela espremeu os olhos - Se você sumir, eu juro por Deus...

- Não vou sumir! Não vou a lugar nenhum.

Ela fez um gesto lento de concordância antes de continuar.

- Mas se ele decidir que não quer... ou que não quer logo. Você vai ter que respeitar. Está preparado para fazer isso?

A ideia de tê-lo tão perto e ao mesmo tempo tão longe era dolorosa. Mas aquela situação inteira era e eu ia precisar colocar os interesses dele em primeiro lugar.

- Estou. Faço do que jeito que você mandar.

- Tudo bem. - ela se inclinou na poltrona - Vou conversar com ele e depois falo com você.

- Certo. - concordei e ela se levantou, indicando que eu fizesse o mesmo.

- Já está tarde agora. - esfregou os braços como se estivesse com frio - Acho que você deveria...

Seu olhar fugiu para a porta e eu entendi o que ela queria.

- Alterei meu testamento, Dom. Caso alguma coisa aconteça comigo...

- Ótimo. - torceu o nariz, o sarcasmo em sua voz era perceptível - Agora, Eleanor vai te matar para colocar a culpa em mim.

Mordi o lábio e vi a boca de Dom começar a se contorcer, tentando controlar o sorriso. Eu ri e ela desistiu.

- Olhando pelo lado positivo, pelo menos você tem uma excelente advogada.

- Ah, ela vai dar um jeito de se livrar do meu diploma também.

Eu ri alto e ela fez um gesto cômico na minha direção, mandando eu me calar.

- Shh! Holt! - mandou ainda com um sorriso.

Aquele sorriso lindo.

- Aqui. - estávamos quase na porta e eu dei a ela o meu cartão - Tem meu celular e o número da empresa. E... - puxei uma caneta do meu bolso - Esse aqui é o número de casa. - escrevi rapidamente. Na minha cabeça, vários cenários impossíveis estavam acontecendo, onde Dominique tentava falar comigo e não conseguia. - E, por segurança, esse aqui é o meu email. O pessoal e o profissional. Tenho um twitter também, mas nunca uso, não sei usar... É assim...

Ela estava rindo, tomando o cartão da minha mão.

- Eu te encontro, Holt. Acho que já tem informações suficientes aqui.

- Se precisar de qualquer coisa. - avisei baixinho - De dia ou noite. O que quer que seja... me liga?

- Ligo. - prometeu.

- Tá. - eu estava de costas para a porta, esperando. - Tudo bem. - acrescentei, por motivo nenhum. - A gente se vê, então?

- Greg?

- Dom? - eu estava congelado no lugar. Não conseguiria me mover nem com uma explosão.

- Por que a Elizabeth? - o sussurro foi tão baixo e ainda assim estourou nos meus ouvidos.

Seus olhos escuros e inquisitivos estavam ali. Desesperados por uma explicação. Qualquer explicação.

- Porque eu estava triste. Eu estava... com raiva de você e queria te magoar.

- Casou com uma mulher só pra me magoar? Que tipo de louco faria uma coisa dessas?

- Um louco apaixonado. - balancei os ombros.

- Não seja dramático, Holt.

Ela deu um tapa leve no meu ombro e eu tive que rir.

- E o Gary? - eu não ia conseguir dormir sem aquela resposta.

Ela mordeu o sorriso por alguns segundos como se estivesse se divertindo com a ideia de me torturar.

- Só um amigo. - decidi me absolver. Mas eu ainda não tinha certeza se acreditava.

- Tudo bem.

- Tudo bem. - ela repetiu com um sorriso.

- Eu acho que eu... - apontei para a porta.

- Eu ligo. Ou mando um email, ou um tweet. - riu.

- Certo. Ahm... Tchau, então.

- Tchau, Holt.

Ela ficou na dúvida se me abraçava ou oferecia a mão, mas estávamos tão próximos que eu decidi por ela e a abracei.

Uma onda de calor subiu incontrolável pelo meu corpo. Dominique... nos meus braços... nem parecia real. Ela se afastou e

sorriu, constrangida.

- A gente se vê. - acrescentei.

- Certo. - tocou meu braço e beijou minha bochecha. Passei a mão pela sua cintura em um reflexo involuntário ao qual meu corpo queria, desesperadamente, ceder.

- Eu te ligo. - ela estava tão perto.

- Ou manda um email. - brinquei, fui devolver o cumprimento, beijando sua bochecha. Suas mãos estavam no meu tórax. Coloquei uma de minhas mãos sobre uma das mãos dela.

- Boa noite. - desejou.

- Boa... - ela se espremeu contra o meu corpo para alcançar a maçaneta da porta. Mas o modo como ela prolongou cada segundo de contato entre nós me fez desistir da cautela.

Ela girou a maçaneta e se virou de volta para mim. Ia sorrir e se despedir mais uma vez, mas eu não aguentava mais.

Minha boca tocou a dela e eu me senti vivo.

Pela primeira vez em anos, eu estava vivo. Puxei sua cintura contra o meu corpo e entreabri seus lábios.

Ah... aquele gosto. Eu tinha sentido tanta falta daquele gosto.

Tomei sua língua na minha e parei de respirar. Suas mãos subiram do meu tórax para o meu pescoço, os dedos se enfiando nos meus cabelos, retribuindo meu beijo com a mesma intensidade e saudade que eu sentia.

Meu toque encontrou o espaço por baixo de sua blusa e estava explorando seu estômago. A sensação da sua pele contra a minha era suficiente para me fazer perder os sentidos. O beijo ficava mais voraz, mais feroz, Dominique mordeu meu lábio, gemeu na minha boca e eu fiquei duro. Fazia anos que eu não ficava tão duro tão rápido. Anos.

Eu queria espremer seu corpo contra a parede, arrancar suas roupas e matar a saudade. Ela soltou minha boca e eu enfiei o nariz no seu pescoço. Ele gemeu mais uma vez, um som ínfimo e quase imperceptível que fez meu pau latejar com força.

- Greg? - chamou, ofegando.

- Não. - beijei sua boca devagar - Não me manda embora. Eu não vou. - ela me segurou pelos ombros e eu pensei ter visto um

sorriso. Tocou minha testa e acariciou meus cabelos.

- Se você ficar, vai me comer e vai se arrepender.

- Passei muitos anos não te comendo e é disso que eu me arrependo.

Eu o puxei pelo pescoço até o banheiro. Minhas unhas arranhando sua pele, sugando sua boca sem parar para respirar. Greg fechou a porta do banheiro e eu sussurrei no escuro.

- Vai ter que fazer silêncio.

Ele urrou baixinho, abafando a voz com a boca no meu pescoço. Suas mãos estavam na minha cintura, por baixo da blusa. Forte, intenso, preciso. Homem nenhum me tocava como Holt. Não era nada surpreendente: homem nenhum me conhecia como Holt. Homem nenhum me deixava com tanto tesão como Holt.

Greg me virou no banheiro escuro e meus braços se chocaram contra alguma coisa em cima do balcão. As batidas ressoaram pelo banheiro indicando que, o que quer que fosse, tinha caído na pia. Eu pedi silêncio e Holt tirou minha blusa, enfiando meus seios na boca como se estivesse em um plano de existência paralelo onde era impossível ouvir ou pensar. Sua saliva tocou meu mamilo rígido, seus dentes provocando minha sensibilidade com fome e a umidade entre minhas pernas se fez sentir.

Estava sussurrando que eu era gostosa, mas não era para mim que ele estava falando, era para si mesmo. A luxúria feroz e poderosa em sua respiração fez com que eu me sentisse exatamente como ele pensava: gostosa. Levei os dedos para o lado da porta procurando o interruptor quando Greg abaixou-se deslizando a calça comprida de tecido macio pelas minhas coxas. Traçando beijos pela minha pele em seu caminho até o chão. Acendi a luz e ele estava quase ajoelhado na minha frente, tirando calça e calcinha pelos meus pés, a boca a poucos centímetros dos meus pelos. Segurou uma de minhas coxas entre suas palmas fortes, mantendo um toque leve e escorregadio pela lateral e a outra mão em um aperto firme na parte interna da minha perna, subindo devagar... Me virou de lado, sua boca estava na minha nádega, senti a mordida ardendo e o ouvi gemer.

Enfiei meus dedos nos seus cabelos finos e arrepiados, me perguntei se ele tinha desistido do gel para sempre ou se apenas tinha esquecido naquela ocasião. Acho que eu preferia ele assim. Os cabelos confusos e despenteados. O homem cheio de desejo com uma libido irrefreável ao invés do garoto propaganda da indústria bilionária sempre bem penteado. Ele mordida minha coxa e bunda repetidas vezes, como se quisesse arrancar um pedaço meu para levar consigo. Segurei seus braços e o puxei para cima. Eu queria ele nu também, mas Holt resistiu ao meu chamado e se manteve ajoelhado na minha frente. Enfiou o nariz nos meus pelos e me beijou, seus olhos se fecharam como se ele estivesse dando o primeiro gole em um refrigerante gelado depois de meses de restrita dieta. Seus dedos me abriram, sua língua escorregou pela minha entrada e eu esqueci que tinha que fazer silêncio.

Holt emitiu um chiado longo e dolorido.

- Não preciso de mais nada. - confessou contra o meu clitóris
- Só esse teu gemido e eu já fico duro e doido pra te rasgar. - Puxou meus joelhos e me colocou sentada no balcão.

- O que está fazendo? - abri os olhos - Volte pra lá. - eu não conseguia deixar meus dentes longe dos lábios por muito tempo.

- Eu voltaria, meu amor, mas você vai gritar.

Agora era eu quem emitia o chiado dolorido através de um bico de birra. Greg riu e me beijou, sua mão provocou meus seios antes de descer pelo meu estômago e agarrar meu clitóris. Meus músculos se contraíram querendo espremer minhas coxas, mas ele colocou o quadril entre minhas pernas, me mantendo aberta. Desataquei todos os seus botões e o despi.

Uma coisa sobre Gregory era indiscutível: ele era uma porra de um homem delicioso. As linhas que dividiam seus músculos rígidos pareciam gritar pela minha língua. Os ombros largos, os braços longos de mãos fortes, as coxas grossas, a bunda perfeita e aquele peitoral que deixava a mulher molhada só de explorar com os dedos.

Massageou minha entrada com a cabeça do seu pau e um gemido longo escapou pelos meus lábios. Fechei os olhos. Eu estava com tanta saudade daquele pau que não queria que ele fizesse mais

nada: não precisava ser seduzida, não queria mais nenhuma preliminar para aquecer. Eu só queria que ele me fodesse. Ele escorregou para dentro de mim rápido demais e eu tive certeza que ele deveria estar enfrentando o mesmo problema que eu. Mantive as pernas abertas e a bunda apoiada no balcão enquanto Gregory socava com um ritmo cada vez mais familiar. Entreabri os lábios e me permiti gemer, a cada nova estocada meu gemido se entrecortava ofegante e agudo, enlouquecendo um Holt que me comia com mais e mais violência.

Seus dedos estavam no meu grelo de novo, esfregando com força, fazendo doer de um jeito delicioso. Mordi sua boca, sufocando os gemidos, sua mão livre me mantendo firme pelo quadril.

Não havia palavras entre nós.

Não tinha espaço para qualquer raciocínio. Era só toques, olhares, sensações... Anos de tesão acumulado, de uma abstinência forçada, de um desejo reprimido. Holt me fodia com tanta força que teve que diminuir a velocidade. Cada nova estocada era brutal, me rasgando fundo e ele ficava ali por uma fração de segundo, com o pau enfiado até o talo no meu corpo como se precisasse respirar antes de fazer aquilo de novo. E então ele fazia: saía e entrava com uma voracidade ainda maior. Se ele estava matando a saudade ou a raiva, eu não saberia dizer. Talvez fosse uma combinação perfeita das duas coisas.

Arranhei seu tórax e braços, ele tinha diminuído a intensidade e aumentado a velocidade. Encontrou um ritmo que o enlouquecia e eu fechei os olhos. A tensão se concentrou na minha virilha e eu soube que não era apenas uma tensão momentânea de sexo. Era a tensão acumulada de tantos anos. Ali presa. Gritando, pedindo, implorando por um alívio.

Alívio que só um homem no mundo podia dar.

Eu comecei a gritar e ele tapou minha boca. Gemi mordendo seus dedos, meu corpo inteiro explodindo por ele. Seus braços estavam ao meu redor, me prendendo contra ele, fazendo meu orgasmo continuar. Seus dentes se cravaram no meu queixo e eu soube que ele estava gozando comigo.

Seu suor esfriava minha pele. Ele recuperava o fôlego e o som da sua respiração me acalmava. Ainda tinha os braços ao seu redor e nenhuma intenção de deixá-lo ir. Apoiei a cabeça em seu ombro e o senti sair de mim. Holt também não me soltou. Suas mãos ainda estavam na minha cintura, me puxando mais para o seu corpo, assim que deixou de me penetrar. A trilha de beijos acompanhou a curva do meu pescoço e eu passei minhas unhas suavemente pela sua nuca, em um cafuné tranquilo.

- Acho que minhas pernas estão desistindo. - me abraçou, brincando e apoiou o peso do corpo inteiro em mim, fingindo cansaço.

- Ai, Holt! - ri - Frouxo!

- Mulher! - ele me reprimou. Era delicioso ouvi-lo rir. Mais delicioso do que qualquer outra coisa. Era contagiante. - Não vai começar isso de novo, vai?

Ele colocou as mãos na bancada da pia e eu deslizei os dedos pelos seus braços quando me desvencilhei do seu abraço. Ele beijou minha boca e minhas palmas se apoiaram nas costas das mãos dele sobre o balcão. Foi um toque estranho abaixo da minha mão direita que chamou minha atenção. O sorriso sumiu do meu rosto quando olhei para baixo. Para sua mão esquerda. Para sua aliança.

Levantei sua mão e girei o anel em seu dedo.

- Dom... Não! - tirou a mão e segurou meu rosto com carinho
- Não. Ela não é nada pra mim.

- Não diga isso da sua esposa, Gregory.

Aquilo me doía tanto. Muito mais do que eu seria capaz de admitir. Ele era meu. Ele tinha que ter sido meu.

Mas era dela.

Empurrei seu tórax devagar e puxei o roupão pendurado em um dos cabides.

E lá estava eu ficando com um homem casado de novo.

- Eu já pedi o divórcio. Estamos separados.

- É... eu sei como essa conversa funciona. - sorri, dando um nó no cordão ao redor da minha cintura. Ele nem se deu ao trabalho de se vestir.

- Não, não sabe. Eu não quero mais nada com Elizabeth, com nenhuma delas! Eu só quero...

- *Nenhuma delas?*

O que era isso agora? Meu queixo estava caindo exigindo uma resposta.

- Eu tive namoradas. - admitiu, hesitante.

- No plural?

- Não mais de uma ao mesmo tempo. Quer dizer... - coçou a cabeça - Quase. Tive... quase tive uma coisa com uma funcionária, mas eu parei antes que algo pior acontecesse e...

- Calma, calma, calma! - eu dei dois passos para trás e ele começou a se vestir - Então você tem uma esposa, uma namorada e uma amante?

- Soa horrível quando você diz assim.

- O que isso faz de mim, então? A quarta mulher na sua vida?

- Não tem nenhuma outra mulher na minha vida. - atacou o cinto - É tudo uma distração. Eu sentia sua falta e...

- E arranjou um monte de mulheres para matar o tempo? Você mudou, Gregory.

Tinha medo nos seus olhos. Como se ele estivesse assustado que eu fosse mandá-lo embora e dizer "nunca mais". Talvez eu devesse fazer exatamente aquilo. Foi a sugestão que minha cabeça me deu. Mas era seguro dizer que meu coração estava tomando as decisões hoje.

- Dom! Amor, me escuta. - ele tomou meu rosto nas mãos e era tão natural. Era tão natural sentir seu carinho... Seu cuidado... - Foi horrível. Quando você foi embora... Todos esses anos tem sido horríveis. Eu senti a sua falta. Muito. Mais do que... Nunca mudou, Dom! O que eu sentia por você, nunca mudou. E eu sei que fui um canalha imbecil nos últimos anos. Eu sei disso e quero consertar tudo. Eu *vou* consertar tudo. Mas você... e Ty... Ter me separado de vocês é a primeira coisa que eu preciso consertar.

- Acho melhor você ir, agora.

- Dominique! - ele espremeu a mão na testa - Eu juro por Deus...

Ele tinha abotoado a blusa com desespero e tinha feito a façanha de errar quase todos os botões deixando sua camisa toda torta. Eu ri.

- O que foi agora? - ele tinha uma expressão de pânico que era quase cômica.

- Vem até aqui. - chamei.

- Vai me bater? - perguntou de lado e eu ri.

- Vem até aqui, agora, que eu estou mandando.

Ele obedeceu receoso e eu comecei a desfazer seu trabalho malfeito e abotoar sua camisa do jeito certo. Ele ficou muito quieto enquanto eu trabalhava, acariciando meus braços vagarosamente.

- Pronto. - decidi - Agora está melhor.

Greg apoiou a testa na minha.

- Também acho. - sussurrou e eu soube que ele não estava falando de botões. - Vai mesmo me mandar embora?

Levei as mãos ao seu rosto e acariciei sua bochecha.

- Eu não sei o que vai acontecer entre a gente, Holt.

- Eu só quero que...

- Shh... - pedi - Não nos vemos há anos e agora... nos encontramos há poucas horas e... Não pode ser rápido, Greg.

Ele espremeu os lábios em um gesto de concordância e eu apertei seu braço.

- Aconteceu muita coisa. Você mudou. Eu mudei. A gente tem que descobrir se ainda consegue confiar um no outro.

- Seu autocontrole é admirável, sabia? - sorriu e eu tive vontade de abraçá-lo de novo - Porque se dependesse de mim, eu passava a noite inteira te beijando.

- E o que a gente ia dizer pro Tyler, amanhã?

- Eu ia dizer que amo a m...

- Holt! - levantei uma mão e o interrompi. Meu coração acelerou. Vê-lo de novo depois de tantos anos. Sexo com ele... era tudo perfeito. Mas... Eu não estava pronta. Precisei que ele ousasse dizer as palavras para perceber que eu não estava pronta.

- O que foi? - seus olhos eram gentis - Estou dizendo alguma coisa que você não sabe?

- A gente ainda tem tanto assunto pendente! Eleanor ainda me odeia - *E quer me ver morta, o que vai acontecer se eu não colocá-la na cadeia antes, mas não confio em você pra te contar isso. Não ainda.* - E você está casado, Holt!

- Separado, eu já...

- Ainda não assinou os documentos e está usando a aliança.

- A aliança é por causa da mídia e investidores, Dom. É uma merda, mas minha vida pública e pessoal vivem agarradas! Eu estava só ganhando tempo, adiando o momento que ia ter que resolver isso tudo. Mas agora? - ele tirou a aliança do dedo - Aqui. Pode jogar fora, dar descarga... O que quiser. Toma. - convidou.

- Coloca isso no dedo, Greg. Não quero atrapalhar sua vida. Pessoal ou profissional. E eu não sei o que vai acontecer entre a gente, mas não quero resolver sussurrando no banheiro. E tem uma criança dormindo aqui do lado que é a coisa mais importante da minha vida. Eu não vou lhe dar esperanças de que eu e o pai dele podemos ter um relacionamento e depois destruir tudo de novo. Também, não posso enfiar você na vida dele assim. Da noite pro dia! Ele vai precisar de um tempo.

- Tudo bem, tudo bem. Você está certa. A gente vai com calma.

- Obrigada. - meu tom cansado encerrou a discussão - Acho melhor você ir, mesmo. Se Ty lembra...

- Certo. Tudo bem.

Ele pegou suas coisas e eu o acompanhei até a porta.

- Mas a gente se fala? - virou-se para mim - Você me liga, não é?

- Ligo. - espremi o sorriso e ele me beijou.

Foi calmo e espontâneo.

- Liga amanhã? - pediu.

- Greg!

- Só pra me avisar se falou com Ty ou não? Por favor? - ele tinha um jeito doce de falar que me derretia. Eu nunca fui muito boa em dizer não para ele e isso, claramente, não tinha mudado.

- Ligo.

- Promete?

- Prometo. - eu ri - Agora, sai daqui, Holt!

- Thoen? - ele já estava no corredor quando riu pra mim mais uma vez - Nem pense em fugir de mim de novo, ouviu? Dessa vez, se você for para algum lugar, eu vou com você.

Capítulo 11

- E então? O que achou?
- Melhor do que o hotel, mãe. - sorriu.
- E do que Paris?

Ele levantou um ombro.

- Acho que sim.

Passei a mão pelos seus cabelos arrepiados e olhei ao redor para o apartamento que Malcolm Walton tinha preparado para nos receber.

- Filhote, se não gostar, eu preciso que me diga, tudo bem?
- Eu sei, eu sei. A gente vai se acostumar.

Pegou sua pequena mochila azul e começou a andar para o último quarto a direita do corredor. Ele era só uma criança, eu sei. Mas eu adorava o modo como ele falava no plural. Fazia com que eu me sentisse parte de uma equipe. Nossa pequena equipe. E eu nos protegeria custe o que custar.

- Já falou com ele? - Gary trouxe mais algumas malas para dentro da sala e sussurrou, discreto.

- Ainda não.

- Vai falar, agora?

- Zahner! Meu filho não faz parte do seu plano, está bem? É importante que se lembre disso. - recrimei.

- Só estava preocupado, Dom. Não estou interessado em usar o garoto.

- Tudo bem. Obrigada pela ajuda. - sorri indicando que era hora dele ir.

- Meu apartamento é esse aqui do lado. - apontou para uma porta próxima no corredor - Chaves.

- Por que eu vou precisar das chaves para o seu apartamento?

- Se achar que está correndo qualquer risco, não volta pra casa, vai pra lá. Eu tenho as suas chaves também.

Abri um sorriso cético para o jovem policial.

- Isso é sério? Não sei se gosto dessa ideia.

- Questão de segurança. Achei que era o tópico mais importante na sua lista.

- Minha privacidade fica bem no topo dessa lista, também.

- Não vou invadir sua casa de madrugada, Thoen. - seu sorriso tinha uma dose concentrada de simpatia. - É só por uma questão de segurança.

- Tudo bem. Vou tentar esquecer esse fato, então.

Ele me cumprimentou com um gesto e se foi.

- Cadê o Gary?

- Ele já foi.

- Vem até aqui. O que você quer comer? A gente pode pedir uma pizza.

- Dia de semana?

- É... hoje vai ser uma exceção. - peguei o celular da bolsa - A gente tem que comemorar a casa nova.

- Quatro queijos com azeitona!

Eu tive que rir.

- Moleque, você tem uns gostos bem específicos.

Fiz o pedido enquanto ele trocava de canais na televisão. Eu conhecia outra pessoa assim. Outra pessoa que também demorava uma eternidade até decidir qual canal assistir. Genética é mesmo uma merda.

- Filhote? - sentei do seu lado no sofá.

- Hm? - não virou os olhos para mim.

- A gente precisa conversar sobre umas coisas. Desliga a televisão, pra mim?

- É sobre o Gary? - ele ainda tinha os olhos fixos em um desenho genérico.

- Não. - eu queria continuar a conversa, mas... - Por quê?

- É ele, não é? O seu amigo. O que ficaria comigo se alguma coisa te acontecesse?

- Ahm... Não, filho. Não é o Gary.

- Por que ele vive perto da gente? - dessa vez o desenho foi abandonado.

- É uma história bem longa, mas tem a ver com o trabalho da sua mãe. Eu queria conversar com você sobre outra coisa. Filhote, acho que a gente precisa conversar um pouco sobre o seu pai.

Ele engoliu em seco.

- A senhora disse que eu era pequeno.

- Eu sei. Mas acho que a gente vai precisar conversar ainda assim. Tem umas coisas que mamãe tinha entendido errado. Muito errado. E tem algumas coisas que seu pai entendeu errado também. Foram coisas bem sérias, filho, que fizeram com que a gente se separasse tanto. Mas talvez... talvez agora a gente não precise mais ficar tão distante assim. Talvez a gente possa se reaproximar.

- Mãe, o Gary é meu pai?

- O quê? - apesar da seriedade do assunto, eu me peguei rindo - Não, menino! - cocei a cabeça dele, carinhosamente - O Gary não é seu pai.

- Por que a gente tem que conversar disso, agora, então?

Ele se aproximou de mim de um jeito quase instintivo. Como ele fazia quando era pequeno e o vilão do filme estava quase pegando o herói. No segundo antes de tudo se resolver e o bem vencer, ele se aproximava de mim daquele jeito tímido. Como se estivesse pedindo colo.

Ele estava com medo.

- Olha pra mim. Vem cá. - tomei o controle remoto das suas mãos e desliguei a televisão - Quem é a pessoa mais forte que você conhece?

- Hmm... Você?

- Eu! É claro! Você teve que pensar? - lhe fiz cosquinhas e ele riu - Me ofendeu, moleque!

- E quem é a pessoa mais corajosa?

- Você?

- Eu! E a mais superprotetora?

- Você! - afirmou com convicção.

- E a mais inteligente - contei nos dedos - determinada e...

- Grossa.

Levantei uma sobrancelha pra ele.

- A vizinha dizia isso. - abanou as mãos rendido.

Eu e meu problema com vizinhas intrometidas...

- Que seja. - aceitei - Mas eu sou tudo isso?

- É. - concordou rapidamente.

- Eu sempre cuidei da gente, não foi? E eu sempre vou cuidar.

E a gente sempre vai ficar bem. Eu e você. Prometo.

- Certo. - ele estava sorrindo e não se espremia mais contra mim daquele jeito tímido e temeroso.

- Pronto. Nada disso vai mudar. Só que agora, se você quiser, você pode ter uma pessoa a mais perto de você. Mas se você não quiser, não tem problema. É você quem resolve. Certo?

- Certo. - balançou a cabeça, mais uma vez.

- Então, filho... - recomecei delicadamente - A gente precisa conversar sobre seu pai porque ele está aqui, nessa cidade. E eu conversei com ele sobre várias coisas que aconteceram... Lembra que eu te disse que era uma história complicada? - ele fez um gesto afirmativo e eu continuei - Nessa complicação, eu e ele, a gente se confundiu. Ele entendeu algumas coisas do jeito errado e eu também. Mas agora, depois da conversa, está tudo... - qual é a palavra que eu quero? - *certo*. - decidi, na falta de uma melhor - E ele queria te conhecer. Mas isso só vai acontecer se você quiser.

- O que foi a confusão, mãe?

Como eu podia explicar?

Como eu podia explicar de um jeito que não envolvesse abandonos, abortos, xingamentos, tentativas de assassinato e fugas?

- Mentiram pra mim, filhote. E mentiram pro seu pai, também. Ele não sabia onde eu estava, por isso nunca veio te conhecer antes. Mas agora ele quer muito.

- Se ele não sabia, por que você não contou?

Criança ou não, ia ser difícil enganar um moleque com um QI consideravelmente mais alto que o meu.

- Não vou mentir pra você, Ty. Essa é a parte da história que é complicada e que eu preferia que você só soubesse quando fosse

maior. Mas vou te dizer assim... Lembra... - vamos Dom... encontre as palavras... - Lembra do Rei Leão? - estalei os dedos.

- Lembro. - ele fez uma careta de quem não estava entendendo o que eu queria, mas estava achando graça.

- Lembra como Scar matou o Mufasa e enganou Simba? Aí Simba pensou que a culpa era dele. Mas ao mesmo tempo, ninguém foi atrás dele pra desfazer o mal entendido porque Scar também mentiu pra todo mundo sobre Simba?

- Meu pai matou o irmão dele pra ser rei? - riu.

- Moleque. - dei um tapa brincalhão na sua perna - Presta atenção!

- Desculpa! Desculpa! - continuou rindo.

Era melhor assim. Quanto mais descontraída a conversa pudesse ser, melhor.

- O que eu estou tentando explicar para você, seu engraçadinho, é que mentiram pra mim e pro seu pai. E eu não sabia o que estava acontecendo e nem ele. E nenhum de nós tinha como falar com o outro.

- Essa confusão foi bem confusa mesmo, hein mãe?

- Foi. Mas agora nós dois conversamos e descobrimos o que realmente aconteceu. E seu pai queria te conhecer, filho. Eu disse pra ele que ia conversar com você, mas ele sabe que depende de você e vai respeitar o que você quiser. Você resolve.

- Você sempre diz que eu sou pequeno demais pra resolver!

Ele estava voltando para o meu colo daquele jeito típico.

- Se eu pudesse te proteger disso, eu protegeria, Ty. Mas seu pai é um bom homem, ele foi enganado, nós dois fomos. Eu acho que seria bom... seria bom pra você ter contato com ele. É um homem trabalhador, gentil, honesto. - eu podia sentir minha voz se derretendo a mera lembrança de Gregory, tinha me esquecido como essa coisa de estar apaixonada é uma porcaria - Mas se você não quiser, se não se sentir pronto, a gente espera. O tempo que você quiser, tudo bem?

Ele ficou em silêncio por alguns segundos como se considerasse as opções.

- Eu ia ter que ir pra casa dele?

- Só quando você quisesse.

- Eu não sei se ia gostar disso.

- Não precisa fazer nada que não queira, filhote. E você não iria para a casa dele assim tão cedo. Primeiro, vocês iriam se conhecer. Ele poderia vir aqui um dia. A gente pede uma pizza. - brinquei - Quatro queijos com bastante azeitona.

- E a senhora ia ficar com a gente?

- Ia, filho, claro.

Mais um breve silêncio.

- Tá... Eu acho que tudo bem, então. - levantou um ombro, de qualquer jeito. Suas palavras casuais eram um fingimento que eu conseguia ler bem. Ele estava nervoso... mas era esperado. Não ia ser uma situação simples ou convencional.

Se Holt magoar meu filhote, eu mato ele.

- Posso falar com ele? Dizer que você aceitou?

- E quando vai ser isso? Quando eu vou ter que falar com ele?

- A gente pode convidar ele para o seu aniversário no fim de semana.

Ele torceu o nariz.

- Não, mãe. Melhor não. É uma festa, ele vai ter que vir, pode estar ocupado...

- Ele vem, filho.

Ah, se vem...

- Melhor não. A gente marca outro dia. - balançou a cabeça de um jeito adulto - É melhor.

- E o seu treino, amanhã? Pra o time de natação?

- Amanhã é antes do fim de semana, mãe. Acho que ele não vai poder.

Está com medo.

- Vamos fazer assim, então! - resolvi - Eu falo com ele e vejo se ele pode. Se ele puder, tudo bem. Se não puder, a gente marca outro dia. O que acha?

Ele se encolheu em uma concordância tímida.

- Ty, ninguém está te obrigando a fazer isso. Se não quiser, não precisa.

- Eu sei. - sacudiu meu joelho devagar como se quisesse que eu parasse de falar. - Pode chamar pro treino. Você vai também, não vai?

- Vou, claro! Já te disse! Vou falar com ele e amanhã, se ele puder, aparece por lá.

Tentei falar de um jeito descontraído, mas eu sabia que o momento ia ser cheio de tensão.

Levantei do sofá e fui colocar a mesa.

- Mãe? - ele ficou de joelho no sofá, me observando, apoiado no encosto.

Parei o que estava fazendo para lhe dar atenção.

- O que acontece se ele não gostar de mim?

Eu mato ele.

- Tyler... - larguei os pratos em qualquer lugar da mesa e voltei para o sofá - Amor, ele vai te adorar. Assim como qualquer ser humano no mundo. - puxei ele pros meus braços.

- Você é minha mãe. Não vale quando você diz isso.

- Vale sim! Eu te conheço melhor do que qualquer um.

- Tá. Mas e se ele não gostar? De jeito nenhum?

- Aí vai ser só eu e você como sempre foi. - beijei sua bochecha - Vai achar ruim, é? - coloquei meus dedos nas suas costelas em cosquinhas desajeitadas - Já quer se livrar de mim, é isso?

- Não! Não! - pediu entre um grito e um riso. - Mãe! - pediu, ofegando quando eu parei as cosquinhas exageradas - Eu vou ter que chamar ele de pai?

- Quando você quiser. Mas se não quiser... não chama. Simples. - sorri.

- Como é o nome dele? - sentou entre meu colo e o sofá.

- Gregory. Gregory Holt.

- E aí?

- Gary! Já te disse que não precisa se preocupar com isso.

- Estou só sendo sincero, Dom. Preocupado com o bem estar do garoto. A situação de vocês é tão enrolada que eu me sinto como se estivesse assistindo uma novela.

Olhei para ele, indignada.

- Estou tocada pela sua sensibilidade.

- Estou só sendo honesto. - riu.

- Tyler disse que quer conhecer o pai. Está com um pouco de receio, mas acho que isso deve ser normal.

- E você vai falar com ele?

- Não, Zahner... vou mandar uma mensagem telepática... - estreitei os olhos.

- Vai até lá ou só uma ligação resolve?

- Vou até lá. A escola mandou um convite padronizado... convidando pais e família e Ty me pediu para levar o convite para o pai.

Gary fez uma careta curiosa.

- Isso não é um pouco demais?

- Acho que está com medo que Gregory não goste dele. Crianças sobrecompensam. - hesitei por um segundo - Todo mundo.

- me corrija - Todo mundo sobrecompensa quando quer ser bem quisto.

- Menos você. - piscou um olho pra mim - Ouvi dizer que é uma vadia em tempo integral.

- Eu não faço questão de ser bem quista. - ri - É diferente.

- Então, você vai até lá? Falar com o homem?

- Vou.

- Discutir o relacionamento? - riu e se serviu da salada de frutas sobre a mesa.

- Não é da sua conta. - peguei uma colher limpa e lhe entreguei - Mas vou só entregar o convite de Ty e pronto.

- Eu levo Ty pra escola. - enfiou as frutas sortidas na boca.

- Obrigada.

- E o trabalho, como vai?

- Em parte é como andar de bicicleta. - expirei - Mas estou um pouco enferrujada... Algumas leis mudaram, posicionamento jurisdicional mudou sobre algumas questões... Acho que depois de tantos anos, eu não conseguiria um emprego em um escritório...

- Não diga isso.

- ... assim tão fácil. - conclui, encarando-o. - Mas eu conseguiria. - acrescentei.

- Ah, não duvido.

- Me dê uma ou duas semanas e pergunte de novo. - avisei.

- Pode deixar. Você vai até lá, agora?

- Pro escritório? Não. Só preciso chegar lá a tarde, hoje.

- Pra Baxter? Falar com o cara?

- Ah... Vou. Agora pela manhã. Por quê?

- Bem... já que é no seu caminho. Já que o garoto não está envolvido e que já é algo que você faria mesmo...

Ele estava tentando ser indireto, mas sua expressão facial deixou claro que ele tinha segundas intenções.

- Zahner? - recriminei.

- A segurança do lugar é um luxo. - disse admirado - Temos mandado e tudo mais, mas não temos como entrar no lugar discretamente.

Ele tirou uma pequena caixa da maleta que trazia consigo.

- É uma pequena escuta. Super tecnológica, dificilmente detectável. Acha que consegue, por acidente, grudar isso em baixo da mesa dele?

A risada que escapou por meus lábios foi com igual quantidade de descrença e incômodo.

- Está só preocupado, não é?

- Não faça isso. - levantou um indicador.

- Aponte o dedo pra mim e pode acabar perdendo ele, Zahner... - rosnei.

- Eu só fiz uma pergunta honesta e estava genuinamente preocupado com vocês dois. Mas tenho uma investigação a fazer, Thoen. Não se esqueça de por que viemos até aqui. Precisamos descobrir os podres daquela empresa.

- Achei que o objetivo era descobrir os podres da velha.

- Ela realizou os podres através da empresa.

- Eu disse que não ia me aproximar de Gregory para sua investigação.

- E não fez isso, fez? Mas já que está no seu caminho... se não custa nada. - Colocou a caixa em cima da mesa e a empurrou

para que deslizesse na minha direção. - Só coloque em algum lugar na bolsa de fácil acesso. Algum bolso externo... quando sentar, só empurre esse lado aqui - abriu a caixa e me mostrou o ponto minúsculo que era o aparelho - contra o tampo da mesa dele e pronto! - menos de dois segundos de trabalho e vai nos ajudar muito.

- Não me sinto a vontade fazendo isso.

- É uma pena que você esteja aqui, sabia? - seu sorriso sumiu e eu senti a seriedade em sua voz - Eu preferia estar falando com a Dominique Thoen de alguns anos atrás. A que foi exotada para fora de casa, do trabalho e do país por uma velha criminosa e assassina. Acho que aquela Dominique seria muito mais compreensiva e colaboraria melhor comigo.

- Eu sei o que você está fazendo.

- Sei que sabe. É o tipo de raciocínio lógico e sem falhas que você usaria se estivesse no meu lugar. Você está agindo por emoção, mas isso não vai mudar os fatos. Fato: a polícia internacional está atrás dessa mulher há anos. Fato: Nós sempre chegamos bem perto, mas nunca conseguimos nada definitivo. Fato: você é a melhor vitória que tivemos em toda a investigação. Fato: ela tentou te matar. Fato: tentou matar seu filho. Fato: só não tentou de novo por causa da auditoria e porque nós estamos grudados nela. Fato: assim que não tivermos mais motivos para fazer isso, teremos que ir embora e você fica sozinha com Ty. Fato: ninguém vai impedir ela de fazer o que faz melhor. De novo. Diz pra mim, advogada. Eu estou errado?

Mordi meu lábio.

Contra fatos não há argumentos, não é?

- Você nos ajuda e eu tranco ela pelo resto da vida. Você e Ty ficam livres e a salvo. Só o que eu estou pedindo são dois segundos do seu tempo. Só dois. Confidencialidade, Dom. Mesmo depois que a investigação acabar, ninguém nunca vai saber que foi você.

- Só eu... e você.

- Bem, só você. - riu - Porque eu tenho uma péssima memória e vou esquecer no segundo que você passar por aquela porta. Te dou minha palavra.

Ele estava certo.

Certo demais e eu o odiava por isso.

- Só dois segundos, não é?

- Só dois.

- Você tá fodendo essa sua secretariazinha? Porque se estiver, eu destruo ela na unha.

Eu não conseguia mais entender por que um dia pensei que Anya fosse uma pessoa discreta. Talvez ela tivesse sido um dia, ou fingido ser, até achar que me conquistou.

- Anya, eu achei que nós deveríamos conversar e resolver isso como adultos para que não houvesse ressentimentos. Mas se você for agir com esse nível de infantilidade, eu prefiro nem conversar.

- Como adultos, Baxter? Quer dizer que você me usa e quando não quer mais, me larga e pronto? Simples assim?

- Nós tínhamos um caso, não um compromisso para a vida inteira. Como você achou que isso ia acabar?

Ela veio até mim e colocou as mãos em meu rosto.

- Com você percebendo que a sua mulher sem sal não te merece. Eu te amo, Greg! De verdade! Não pela sua fortuna. Eu posso te fazer feliz como ela não pode e você sabe! Você sabe! Se está com medo... eu sei como um divórcio pode ser para um homem público como você. Eu espero. A gente... a gente pensa no melhor modo. Mas desistir do que a gente tem é a pior opção, querido!

- Anya, acho que você confundiu as coisas. Eu nunca disse que o que nós tínhamos era emocional.

- Você só está com medo! Está com medo do que pode acontecer com a empresa se pedir o divórcio. É só isso.

- É mesmo? - levantei a mão esquerda e deixei que ela notasse a ausência da aliança.

Seu queixo caiu enquanto ela decidia se ficaria feliz ou triste.

- Mas... eu não entendo... Amor! Você pediu o divórcio! - jogou os braços pelo meu pescoço e eu a segurei.

- Você precisa me ouvir.

- Estou ouvindo! Você pediu o divórcio! - ela estava batendo palmas.

Ela era persistente, esse mérito tinha que ser atribuído. Nenhuma das outras namoradas que eu tive demorou mais de uns poucos minutos, uma ou outra ofensa das que não tinham muito amor próprio, e pronto. Acabou. Mas Anya estava resistindo por quarenta longos minutos e eu não sabia mais de quantos modos diferentes eu poderia explicar para ela que acabou. A não ser do jeito rude.

E se mais nada tinha adiantado...

- Anya. Me escute. Eu não queria ter que chegar a esse ponto, mas você não me dá escolha.

Ela ainda tinha um sorriso enquanto me observava.

- Eu não te amo. Nunca te amei. Foi só um caso, Anya, e você soube disso desde o princípio. Sempre fomos muito claros quanto a nossas intenções. Sabíamos que um de nós acabaria tudo um dia e esse dia chegou. Eu não quero mais nada com você.

- Foi muito mais que um caso, amor! - ela tentava colocar meu rosto entre as mãos e eu tinha que segurar seus pulsos - A gente tinha uma conexão! Não é possível que você não tenha sentido isso.

- Anya, você está falando como uma mulher louca. E eu sei que você não é. Não tente me manipular para tentar fingir que não estamos acabando. Porque é isso que estamos fazendo: estamos acabando nosso relacionamento. Foi só sexo, sim. Só por um tempo.

- O melhor sexo da sua vida. Seu grosso egocêntrico.

Espremi os olhos em uma careta de pena...

Melhor sexo da minha vida? Não querida, sinto muito.

- Seja como for, Anya... Acabamos. Eu tenho muito trabalho para fazer. - olhei para o relógio e me odiei por não ter dito tudo aquilo logo no começo da conversa. Agora, eu estava irremediavelmente atrasado para muitas coisas muito mais importantes do que o ego de Anya. - Pode ficar com as joias e roupas... Mas vou mandar alguém buscar o carro. Ele ainda está no meu nome.

- Você vai se arrepender de todas as suas palavras afiadas, Baxter. Mas nunca mais vai me ter de volta, isso eu te prometo.

- Ótimo. Agora, se não se importa... - andei até a porta e a abri.

Anya ainda estava atrás de mim reclamando sobre uma coisa ou outra, mas eu não a ouvi. Meus músculos travaram me congelando na porta. Rose estava de pé na ante-sala, trazia um copo de água em uma bandeja e eu a vi. Estava sentada no sofá.

A saia folgada terminava na metade de suas coxas, exibindo as longas pernas cruzadas, a blusa de mangas compridas justa no busto, delineando o decote. Aquele rosto lindo. Aquele sorriso cheio de sagacidade. O cabelo escuro preso em um rabo de cavalo alto. Eu estava parado, de pé, na minha porta... sorrindo. Ela tinha esse efeito sobre mim, esse efeito... entorpecente. Ela entrava na sala e nada mais importava. Nada mais existia.

Dom se levantou e andou alguns passos na minha direção.

- Dom! - eu andei ao seu encontro e tive que resistir ao impulso de enfiá-la nos meus braços - Há quanto tempo está aqui? Por que ninguém me avisou?

- Ah... Uns vinte minutos eu acho. Me disseram que você estava em uma reunião importante. - eu senti seus olhos passeando atrás de mim e meu coração implodiu.

Ah, merda... ah não...

- Olá. Acho que não nos conhecemos.

Anya se aproximou, apoiando a mão em meu ombro. Eu a empurrei pela cintura com cortesia, mas ela estava decidida. Para tirá-la dali eu precisaria usar a força.

- Eu sou Anya, namorada do Greg. E você é? - ela ofereceu uma mão para Thoen e eu parei de respirar.

- Se você ainda estiver ocupado - ela se virou para mim com um meio sorriso, ignorando completamente tanto a existência de Anya, como a mão que ela mantinha no ar - eu posso esperar ou voltar depois.

- Não! Já acabei. Acabamos. - olhei para Anya com um tom definitivo - Por que não entra?

- Acho que não precisa. - ela espremeu os lábios e eu soube que ela estava com ciúmes. Era aquilo que ela fazia quando estava

morrendo de ciúmes e queria cometer um homicídio, mas respirava fundo, se controlava e fingia que não estava sentindo nada.

- Dom, eu te falei sobre isso. - expliquei baixinho. Eu estava plenamente ciente das duas secretárias e quatro outros funcionários que estavam por perto, mas não me importei nem um pouco. Eu e Dominique já tínhamos experimentado mal entendidos por uma vida inteira. - Eu tive namoradas. Anya é a única que eu estava, agora e eu acabei tudo. Foi isso que a gente acabou de fazer.

- Gregory! - Anya se exaltou - O que é isso? Quem é essa mulher? - virou-se para Dom - Quem é você?

- Não gosto que elevem o tom comigo, querida. - Dominique tinha aquele tom de voz baixo e ameaçador que fazia os pelos da espinha se arrepiarem - Ou você abaixa a voz voluntariamente, ou eu vou até aí fazer isso por você.

- Você está me ameaçando? Gregory! Vai deixar essa qualquer uma me ameaçar?

- Anya! - eu estava perdendo a paciência - O que você ainda está fazendo aqui? Dom, por favor, entra só um minuto?

- Não, eu tenho que ir. Aqui. - ela pegou algo na bolsa, eu a vi se atrapalhar um pouco e colocar a bolsa em cima da mesa. - É um convite.

Anya se adiantou para o convite.

- Ai que super! - exclamou cheia de sarcasmo - E para onde você acha que está convidando meu homem?

Dominique abriu os olhos para ela e riu, puxando o convite para longe do alcance da outra.

- Por favor, pare de ser ridícula. Não sou seu homem. É melhor você ir, agora. Dom, estou te pedindo, por favor! - eu estava muito *muito* perto de me ajoelhar e implorar.

- Eu devia ter ligado antes, sinto muito.

- Não! Não precisa ligar. - falei um pouco rápido demais e senti o óbvio desespero - Aparece quando quiser.

- Isso é pra você. - ela me passou um papel, certificando-se de que estaria fora do alcance de Anya. Eu peguei o papel e não o abri. Anya estava do meu lado com os olhos curiosos nas minhas mãos querendo descobrir o conteúdo do convite.

- Você falou com ele?
- Gregory... - eu queria muito que Anya calasse a boca.
- Falei. - ela fez uma pausa e meu coração veio bater na minha garganta - Ele aceitou conhecer você.

- Gregory, o que está acontecendo? Quem é essa mulher?
- É a mãe do meu filho, Anya. A mulher que eu amo. A mulher que eu estou tentando reconquistar e você está dificultando as coisas. Será que pode, por favor, fazer silêncio ou ir ser inconveniente em outro lugar?

Ela tinha o queixo caído como se não fosse biologicamente capaz de processar todas as palavras que eu tinha dito. Em Dom, eu vi seus lábios se moldarem naquele sorriso discreto que era mais perfeito que qualquer coisa no mundo e eu quis beijá-la. Será que ela deixaria?

- Parece que vocês ainda não terminaram de conversar. - ela disse.

- Não, Dom, a gente já...

- Greg. Tudo bem... Eu preciso... - ela apontou para o elevador e eu entendi.

- A gente conversa? Depois?

Ela apontou para o papel nas minhas mãos só para ter certeza que eu não tinha esquecido. Eu o sacudi devagar no ar, em confirmação.

- Eu escrevi meu telefone aí. - eu senti o sorriso se formando antes mesmo de meus lábios se moverem.

- Eu te ligo, então. Hoje? Mais tarde?

Ela já estava andando para o elevador e eu tive certeza que metade da minha equipe no andar estava rindo do minha leve crise de ansiedade.

- Tem meu número, Holt. Ligue quando quiser. - disse quase sem se virar.

Dobrei o papel e enfiei ele no bolso como se tivesse medo que alguém roubasse ele de mim.

Eu fiquei parado assistindo as portas do elevador se fecharem.

Meu filho... Ela tinha conversado com ele e ele tinha aceitado me ver. Ela tinha sorrido quando eu disse que a amava. Eu estava sentindo uma felicidade incontrolável. Fazia anos que não me sentia assim. Anos.

Só você, Dom. Só você consegue fazer isso comigo.

Eu ia ligar pra ela. Ia ligar agora mesmo. Sentia o papel no meu bolso queimando minha carne. Queria saber o que o papel dizia. O que era o convite. E queria ligar pra ela. Pedir desculpas por Anya, convidá-la pra jantar, almoçar, tomar café... de preferência, as três coisas. De preferência, todos os dias. De preferência, enquanto a gente vivesse.

Cedo demais, Greg. Vai com calma.

Tinha uma voz irritante no meu ouvido tentando me arrancar do meu torpor de êxtase.

- Anya. - eu não conseguia tirar o sorriso do meu rosto - Você precisa ir, agora, ou eu vou chamar a segurança.

Virei de costas para voltar para minha sala. Para ler meu convite e fazer minha ligação.

Em algum lugar, bem no fundo da minha mente, eu tinha consciência que tinha várias reuniões importantes ou o que quer que fosse. Mas era o efeito Dominique: nada mais importava. Nada mais existia. Eu tinha perdido quarenta minutos do meu dia com Anya. Usaria o resto do meu dia inteiro com Dom, se fosse preciso. E seria um bom dia.

- Rose, Laura. - chamei já da porta entraberta da minha sala.

- Senhor?

- Essa moça que estava aqui, agora. A morena que acabou de sair. Você a conhece, não é, Rose?

- Sim, senhor.

- Pois bem... Laura... E o resto de vocês que parou de trabalhar para prestar atenção na vida alheia. - observei - Aquela mulher se chama Dominique Thoen. Se ela vier até aqui para falar comigo, eu quero ser informado no segundo que ela chegar, entenderam? Não importa se eu estiver em uma reunião com o Presidente. Ela chega aqui, ela não espera para entrar. Eu fico

sabendo imediatamente. Se ela ligar, eu atendo a ligação no mesmo instante. Fui claro?

- Sim, senhor. - vozes de concordância se espalharam.
- Ótimo.

O senhor Baxter se fechou na sua sala mais uma vez e Rose voltou ao trabalho. Mas eu fiquei ali mais alguns segundos.

Fazia sentido, não fazia? Ele era apaixonado por uma mulher do passado e por isso tinha se sufocado em uma vida sem graça: estava esperando por ela.

Aquilo deveria fazer com que eu me sentisse melhor. Não foi culpa minha: ele não me quis por causa dela.

Mas só o que eu conseguia pensar é o que poderia acontecer a partir dali. Claro, eu poderia ser só a funcionária dedicada e seguir minha vida. Mas eu estava estagiando para a porra do Gregory Baxter! O homem mais rico, lindo e maravilhoso do universo. Era o sonho. Estava bem ali, na ponta dos meus dedos. Eu só precisaria esticar a mão e podia senti-lo.

A parte mais difícil era viver com a realidade suspirando no meu pescoço, me lembrando de que ele podia ser gay ou simplesmente não estar interessado. Mas agora eu sabia que não. Ele tinha enfiado a mão nos meus peitos e sentido meu calor. Pude sentir seu desejo quando ele me beijou. Gregory Baxter me queria. Ou me quis, em um momento. E se eu fui capaz de causar aquele efeito nele uma vez, seria capaz de causar de novo.

O único problema era ela.

"A mulher que eu amo" ele tinha dito. Mas eu trabalhava ali há dois anos e nunca tinha ouvido ninguém sequer mencionar a moça. Não podia ser tão definitivo assim. Ele precisava tirá-la do seu sistema e ver que ela não era perfeita: só isso. E eu teria meu caminho desimpedido para o mais inacreditável conto de fadas.

Ela colocou a bolsa em cima da mesa para pegar o convite e a deixou aberta. Não sei se, em algum nível, eu já tinha notado o que era ou se eu só queria tentar descobrir algum detalhe sobre sua vida... mas eu peguei sua bolsa para lhe devolver quando ela se foi.

Apanhei ela nas mãos e deixei meu olhar dançar no seu interior... e estava lá. A resposta para o meu problema.

Era muita coincidência que ela trouxesse um equipamento assim para a sede de uma das maiores e mais ricas corporações do mundo, não era? E logo para a sala de seu presidente e sócio majoritário.

Muita coincidência.

Eu sempre fui uma mulher determinada e estava muito perto de conseguir o homem dos meus sonhos. O homem dos sonhos de qualquer mulher.

Já sabia o que precisaria fazer para conquistá-lo.

E nem seria necessário mentir, trapaçar ou enganar.

Só o que eu precisaria fazer era descobrir o que aquela mulher queria fazer ali, com aquela escuta profissional.

O sinal para os pedestres ficou verde e voltou ao vermelho e eu não sai do lugar. As pessoas passavam por mim apressadas e atrasadas ou passeando calmamente enquanto admiravam paisagem e vitrines, mas eu não me movia. Fiquei ali. Parada na calçada.

É a mãe do meu filho, Anya.

As palavras dele escorriam pelo meu corpo, se agarrando a cada centímetro de pele, dançando nos meus ouvidos, apertando meu estômago, aquecendo meu coração.

A mulher que eu amo.

De certo modo, ele já tinha dito isso duas vezes em dois dias. Mesmo que da primeira vez eu não o tenha deixado concluir, ele *queria* dizer. E isso importava, não importava?

Era o *efeito Gregory*. Me destruindo por dentro. Me fazendo esquecer lógica e bom senso, anulando qualquer plano, qualquer decisão. Me fazia cega para tudo que não fosse ele, me consumindo inteira. E ele não precisava nem se esforçar. Bastava aparecer com aquele sorriso bobo de satisfação, aquelas duas ou três palavras gentis.

O que você está fazendo, Dom?

Eu estava indo embora...

Eu não precisava sequer ter ido até lá, mas não resisti. Entregar o convite foi só uma desculpa e eu sabia disso muito bem. Eu queria vê-lo. E não o vi... nem o suficiente. Poucas palavras mal trocadas no hall com a namorada dele do lado. Eu queria estapear a vadia, de um jeito que meus anéis marcassem a cara dela da bochecha até a testa. Depois queria me virar pra ele, moder aquele sorriso bobo e pedir pra ele me foder.

O que diabos aquele homem tinha? Era uma capacidade sobrenatural de me fazer perder o controle. E pior: de me fazer gostar.

Respirei fundo.

Meu dia ia ser inútil desse jeito. Eu precisava voltar lá, precisava conversar com ele. Não importava qual o assunto... precisava aceitar seu convite para entrar na sua sala, ficar sozinha com ele mesmo que por alguns minutos, vê-lo sorrir, sentir seu carinho... talvez conseguir até um abraço antes de ir embora.

Eu estava parada na calçada da Baxter decidindo o que fazer e decidi que meu dia seria melhor com um abraço de Greg. É... era isso que eu queria.

- Senhorita Thoen!

- Olá, Rose. Eu só esqueci de dizer uma coisa... Gregory está ocupado?

- Ah... a senhorita pode entrar. - tinha algo urgente no seu olhar.

- Não. Se ele estiver ocupado, eu espero...

- Não está. - ela se adiantou pelo hall e eu senti algo vibrando na minha bolsa. Puxei o celular no segundo que ela abriu a porta e vi Gregory sentado do outro lado da sua mesa com o telefone apoiado no ouvido. Encarei a tela do celular e ri.

Seu sorriso imitou o meu quando ele desligou o telefone.

- Você disse que eu podia ligar. - avisou.

- Não imaginei que fosse fazer isso tão rápido.

Rose sorriu com um breve gesto de reverência e fechou a porta assim que entrei.

Apontei o polegar para o caminho de onde eu tinha vindo.

- Eu não queria te incomodar, de novo, é só que...

Ele tinha saído de trás da sua mesa. Venceu a distância até nós. Suas mãos estavam na minha cintura, me puxando para sua boca. Eu segui, obediente e senti seu sabor. Aquela saliva maravilhosa. Puxei seus ombros impedindo que ele se afastasse e deixei que Greg me beijasse. Por minutos muito breves.

Sua boca se afastou apenas um pouco e se transformou em um sorriso calmo.

- Oi. - sussurrou.

- O que está fazendo?

- Eu te conheço. Para você ter vindo até aqui só para me entregar um convite... para ter voltado... Acho que você queria esse beijo tanto quanto eu.

- Não seja arrogante, Holt.

- Jamais. - exagerou - Desculpe se eu entendi errado, então. Aqui. - seu abraço ficou mais firme ao meu redor - Se você não gostou, devolve.

Ele me beijou de novo e eu estava rindo. Deixando nossas línguas matarem a saudade uma da outra.

- Não acredito que você usou essa cantada ridícula.

- Enquanto você continuar caindo, as cantadas ridículas permanecem.

Desci a mão que tinha em seu ombro pelo seu toráx, tocando o nó da gravata.

Greg segurou minha mão, mantendo-a contra seu peito.

- Como você está? - eu quis saber.

- Estou bem. - sorriu, sem entender.

- Eu percebi que não tinha perguntado. - expliquei - Quero dizer, você parece bem, mas eu só... - sussurrei - Só sei o que li nos jornais.

- Leu muito a meu respeito, foi?

- Compulsivamente! - exagerei - A vida não fazia mais sentido sem o homem das cantadas ridículas. - ele estava gargalhando baixinho.

- Senti sua falta. - seu braço ainda estava na minha cintura, seu polegar acariciando a parte baixa das minhas costas daquele

jeito *tão* delicioso.

- Não minta. Você estava morrendo de raiva.

- Estava. - confessou, infantil.

- E raiva sumiu assim? De repente?

- Dom, eu não estou te entendendo.

- Aconteceu tanta coisa. A gente se separou muito.

- Sim... - indicou que eu continuasse.

- Mas você diz que ainda me ama. - minha voz era aquele sussurro tímido que eu detestava. Preferia falar com segurança, como sempre. Mas Gregory sugava a segurança do ambiente e me transformava na garotinha frágil e carente.

- Digo. Quer que eu repita?

- Holt! - reclamei.

- Eu te amo.

- Eu estou falando sério.

- Eu também.

- Você passou anos tendo raiva de mim e quer me dizer que acabou? Assim? Bem simples?

- Eu passei anos *querendo* ter raiva de você. E falhando pateticamente.

Eu me inclinei só um pouco para a frente e Gregory apoiou a testa contra a minha.

- E olha. - soltou minha cintura só por um segundo para me mostrar sua mão esquerda - Aliança já era. Tudo encaminhado com o divórcio.

- Greg... - sacudi a cabeça.

- Não estou te pressionando, Dom! Você vai fazer o que quiser fazer. - ele riu - É o seu jeito, eu sei. E eu te amo por isso também. Você é teimosa e tem medo de se magoar, eu entendo. Não tenho exatamente te dado motivos para confiar cegamente em mim... Não me entenda mal: eu pretendo mudar isso. Mas também não estou esperando você dizer que me ama hoje ou amanhã. Não sei nem se você ainda me ama. - seu sorriso foi um pouco mais comedido agora - Eu estou te dizendo isso tudo para que fique colossalmente claro que eu estou aqui te esperando. Quando você resolver, *se* você resolver... É só dizer "*agora*" e eu estou pronto. Não

quero mais brincadeiras, nem jogos. Não quero perder tempo. Se você decidir destruir meu coração, vai destruir. Eu não vou nem tentar me salvar. Não de você. Chega disso. Então, é... eu te amo. Lide com isso. - riu - E quando você resolver o que quer... me diz?

Eu mordi o sorriso, tentando disfarçá-lo.

- Só não me faz esperar muito? - pediu - Não é que eu vá desistir. Não vou. Não desisto de você nunca mais, mas... Mas eu fico doido de ansiedade. Dom, minha vida tem sido uma coisa vazia e sem propósito e aí se você me diz que...

- Eu também te amo, Holt.

Ele se calou por um instante antes de abrir um sorriso imenso.

- Ama, é?

- Amo. Pensei em você quase todos os dias, por esse tempo que a gente esteve separado.

- Pensou em mim todos os dias, foi? - seu sorriso parecia não poder ficar maior.

- Eu disse "*quase*". - rosnei - *Quase* todos os dias. E como não? Você viu o Tyler... o menino é a sua cara.

- É verdade. - eu estava enganada... o sorriso podia aumentar, sim - Como foi a conversa com ele?

Nós nos soltamos um pouco. Mas não muito.

- Ele está preocupado que você não vai gostar dele.

- Impossível.

- Mas está preocupado. Vai com calma, *tá*? Seja gentil.

- *Você está me pedindo para ser gentil?* - deu uma ênfase de descrença às palavras - Quando foi que essa inversão de papéis aconteceu, hein?

- Só estou dizendo que se você magoar meu filho eu arranco suas bolas com uma faca serrilhada cega.

- Você não precisa ser tão descritiva nas ameaças sabia?

- É parte do meu charme.

Ele riu alto.

- Você vai? - eu quis saber.

- Para o treino? Vou. Não sabia que crianças de sete anos já competiam em torneios de natação.

- Crianças hoje em dia competem em tudo. Vou dizer para ele que você vai tentar ir.

- Dom. - ele segurou minha mão. - Eu vou.

- Tem certeza? Porque se eu disser pra ele que você vai e você não aparecer... ele já está com medo de você não gostar dele.

- Dominique, não me importa o que vai acontecer amanhã, eu cancelo até o apocalipse se for preciso. Vou estar lá.

- Tudo bem. - levantei as mãos, simbolizando uma rendição ainda não plenamente convencida.

- Posso levar vocês dois para jantar, depois?

- Pode.

- Ótimo. O que ele gosta de comer?

- Você vai ter que perguntar, amanhã. - provoquei.

- Justo. - riu - E você? Posso *te* levar pra jantar algum dia no fim de semana?

- Não. - disse de uma vez e seu sorriso sumiu.

- Mas...

- Não vamos fazer isso rápido, Holt. Vamos fazer bem devagar e não é porque eu sou teimosa ou porque tenho medo de me magoar. É...

- Por causa do Ty. Tudo bem. Eu entendo. E concordo. - acrescentou.

- E não vamos falar nada pra ele, agora, *tá?* Sobre nós dois.

- Como você achar melhor. E.... Ahm... Dom?

- Que foi?

- Você acha que...

- *Acho que* o quê?

- O Ty... Você que ele vai gostar de mim?

- Ai, vocês dois. - eu estalei a mão na testa dele - Vocês são tão parecidos que me dá nos nervos.

- Acho que isso é bom, não é?

- É, Holt! - eu ri - É bom.

- Certo. - ele beijou minha bochecha - E vocês estão precisando de alguma coisa? Dinheiro ou...

- Não. Estamos bem.

- Dom, ele é meu filho, também.

- Eu sei disso. Mas estamos bem.

- Como você está... - ele engoliu em seco e eu vi que ele estava temendo a pergunta. Não queria me ofender, mas se ele ia realmente questionar as minhas habilidades de trabalho e sobrevivência era inevitável. Cruzei os braços e o encarei - Você sabe... - Eu sabia. Mas não ia ajudá-lo. Se ele queria falar essa porcaria, que falasse. - Vai me fazer falar, não vai? - fiquei em silêncio - Como está fazendo para sustentar vocês dois?

- Roubando bancos. Um a cada quinze dias.

- Thoen!

- Baxter! - devolvi.

- Eu estou genuinamente preocupado. Será que você pode colaborar uma única vez?

- Eu trabalhava na França. Não era um trabalho tão bom quanto o que eu tinha aqui, mas era suficiente. E agora eu consegui um trabalho bem melhor em um escritório de advocacia. Vou voltar a advogar, estou ganhando mais dinheiro e está tudo certo. Problema resolvido?

- Onde está advogando?

- Não vou te dizer. - balancei a cabeça.

- Por que não?

- Porque você vai fazer suas ligações misteriosas para me conseguir uma promoção ou um aumento. E eu gosto de merecer minhas conquistas, obrigada.

- Justo. - respirou fundo. Não ia adiantar discutir comigo, essa parte estava claro que ele lembrava.

- Mas eu quero pagar as contas do Ty.

- Não precisa, de verdade.

- Não é questão de *precisar*, sua cabeça-dura teimosa. Ele é meu filho. Eu quero fazer isso.

Dinheiro não era algo que nós íamos precisar... mas tinha uma coisa...

- Quer ajudar?

- Quero! Claro!

- Detesto ter que pedir algo assim, mas há algum problema com os documentos dele na escola da França. Não estão passando

tudo para a escola nova e... já me pediram duas vezes. Precisam da documentação e do histórico dele de lá. Se não liberarem logo... a escola disse que ele teria que interromper os estudos.

- Resolvido.

- Você nem sabe quais são as escolas!

- Não importa.

- Você consegue ser um arrogante às vezes, sabia?

- Tive aulas com a melhor. - piscou um olho para mim.

- Eu te mando todas as informações da escola por email, então. Número de contato, essas coisas...

- Eu resolvo. Não se preocupe.

- Tudo bem.

Aquilo era gostoso. A sensação de não estar sozinha. De não ter que resolver tudo e manter tudo sob controle o tempo inteiro sem qualquer ajuda. Agora tinha alguém ali comigo. Que ia me ajudar não por interesse ou por necessidade. Ia me apoiar como eu precisasse porque me amava. Amava de verdade.

- Depois que a gente falasse com o Ty... A gente podia viajar, não era? Conhecer algum lugar diferente?

- Holt, isso não é "ir com calma". - ri.

- Eu entendi que eu não posso te levar pra jantar no fim de semana. Mas posso levar vocês dois para sair?

- É o aniversário do Ty esse fim de semana.

Ele hesitou, parecia tão perdido que eu tive vontade de abraçá-lo de novo.

- A gente pode fazer uma festa? Ele não gostaria disso?

- Eu perguntei, mas ele não tem muitos amigos na escola nova... acha que ninguém iria aparecer e...

- A gente faz uma festa imensa! Eu alugo um espaço... Uma fazenda ou... um circo! Todo mundo da escola vai vir! A gente faz...

- Gregory! Gregory... calma! - segurei seus ombros - Não tenta demais.

- Como assim?

- Ele é seu filho. Não vai tentar fazer ele gostar de você lhe dando coisas caras. Ele não tem muitos amigos aqui. A gente vai

comemorar em casa, esse ano. Você pode vir, se você e Ty quiserem, mas será uma festa simples.

Ele abria e fechava a boca como um peixe indignado.

- Gregory?

Expirou longamente.

- Sim, senhora.

- Bem... - levantei os ombros devagar e os deixei cair em seguida - Acho que já disse tudo que eu tinha para dizer. Agora, eu tenho mesmo que ir.

- Me dá um beijo, antes de ir?

Eu estava rindo quando ele se aproximou.

- Senti tanta saudade dessa tua boca que é quase um crime.

Enfiei minhas mãos em seus cabelos e me entreguei aos seus braços. Sentindo o beijo nostálgico e demorado.

- E você, Baxter? Não está atrasado para alguma coisa?

- Nada importante. E não me chama assim.

- Assim como? Achei que era o nome que você usava agora.

- Prefiro quando você me chama de *Holt*.

Mordi seu lábio inferior devagar e ele fechou os olhos. Eu devia ir embora. Sabia que devia. Mas seu rosto estava a cinco centímetros do meu e eu não consegui resisti ao impulso de lambe seus lábios. Um gemido suave escapou sem autorização e Holt me agarrou pela cintura. Me virou contra sua mesa, me prendendo ali com seu quadril.

Seu beijo ficou mais profundo, seu toque era mais intenso.

E eu podia senti-lo bem ali. Já estava duro.

Bem duro.

Eu era um animal. Era isso que ela fazia comigo: me transformava em uma criatura instintiva e incontrolável. Aquela boca macia e deliciosa gemendo baixinho. Os dedos puxando meus cabelos. As coxas nas minhas mãos.

Não... eu não ia conseguir me controlar. Eu não *queria* me controlar. E foi exatamente por isso que decidi que não ia nem tentar. Transformei a trilha de beijos em seu pescoço em uma trilha de mordidas e ela gemeu me fazendo latejar.

Eu desejava aquela mulher além dos limites da sanidade. Cada detalhe do corpo dela encaixava perfeitamente com o meu. A sensação da sua pele, os lábios entre os meus dentes, os cabelos longos e gostosos de puxar, sua altura, suas curvas, seu olhar. Era tudo exatamente do jeito perfeito. Ela estava tentando manter o beijo só no beijo, mas eu conseguia sentir seu conflito. As mãos nervosas me puxavam pelos cabelos enquanto ela mantinha os cotovelos entre nós, nos afastando.

Subi minha mão pelo meio das suas coxas e esfreguei sua virilha sob o pano. Meu tato denunciou algo com obviedade e meus dedos ariscos empurraram o pano para o lado liberando a passagem. Passei o polegar pela sua pele lisa e meu sangue inteiro desceu pro pau.

- Você ainda gosta mesmo de uma mulher depilada, não é? - riu safada - Agora, sai. Eu tenho que trabalhar.

- Uma porra. - segurei sua cintura e a assisti rir enquanto minha mão ainda explorava sua pele íntima - Não me engana. - lambi seu sorriso - Você depilou essa porra de ontem pra hoje. Estava querendo mostrar para alguém, Thoen? Diz pra mim... - eu estava respirando no seu pescoço, procurando sua orelha com os dentes - Pra quem foi que você se depilou?

- Me ofende que você precise perguntar. - confessou em um gemido cheio de tesão.

- Se depilou para mim e agora quer ir embora sem deixar eu ver? - coloquei uma mão em cada coxa sua, fazendo sua saia subir. - De jeito nenhum.

Me ajoelhei e deixei meu nariz acariciar o tecido no lugar certo, antes de olhar para ela, ainda apoiada contra minha mesa, com a língua nos lábios.

- Tira? - pedi - Se foi pra mim, eu quero ver.

- Você é um garoto bem grandinho, Gregory. Acho que consegue fazer isso sozinho. - provocou e eu obedeci. Com dedos e dentes, tirei sua calcinha do caminho e a lambi. Ela gemeu alto e aquilo me excitou mais do que qualquer coisa: eu queria que ela gritasse ali. Queria que gemesse alto, urrando meu nome pra o andar inteiro saber que eu estava fodendo ela ali. Ela era minha.

Toda minha. Daquele sorriso sacana àquela depilação orgástica: toda minha. E eu era dela. Eu era o homem que não conseguia resistir a ela, nem no meio da manhã com a agenda lotada. Era esse o recado que eu queria passar.

Grita, minha Dom. Grita bem alto pra mim.

Chupeí seu suquinho devagar e ela gemia entre as respirações fazendo meu cacete se esticar contra o zíper a ponto de doer. Lambi sua entrada todinha, mordendo o grelo, beijando suas coxas.

Mal levantei e ela já tinha as mãos na minha gravata. Joguei o paletó para trás e deixei ela desfazer nó e botões enquanto liberava meu pau das calças e cueca.

- Nem pense em escapar. Você vai trabalhar hoje cheia da minha saliva e do meu esporro, ouviu?

- E o que é que você acha que eu vim fazer aqui? - enfiou a língua na minha boca e eu estava me controlando para não gozar.

Desfiz seu rabo de cavalo e abri sua blusa. Enfiei um de seus seios ainda cobertos pelo soutien na mão enquanto levantava seu outro joelho. Ela caiu deitada em cima da minha mesa e eu tive a mais absoluta convicção na certeza de que não importava quanto qualquer outra mulher no mundo se esforçasse, ela nunca conseguiria causar em mim metade do tesão que Thoen causava e sem qualquer esforço.

Ela não estava sequer completamente despida, mas arranhou meu pau, espalhando meu lubrificante natural do ponto úmido por toda a *cabecinha* e depois levou os dedos molhados a boca. Sugando-os daquele jeito impossível que ela fazia, gemendo baixinho como uma putinha comedida e eu estava arreganhando suas pernas e segurando meu pau pela base.

Não dava para resistir a Dominique. Era simplesmente impossível.

Ela ainda tinha aquela porra daqueles dedos enfiados na boca quando eu a rasguei. Ela mordeu os nós dos dedos sufocando o gemido e eu desejei que ela abandonasse a discricção.

Eu queria tanto ouvir ela gritar...

- Acho que vou precisar te sequestrar e logo. - dobrei meu corpo contra o dela - Te comer em um lugar decente, onde eu possa ouvir esse teu gritinho sacana em paz.

Ela riu e eu assisti seus seios balançando a cada nova estocada. Não ia demorar e eu estaria me desfazendo dentro dela. Percorri seu estômago com um toque faminto, descansei meus dedos em seu clitóris com suavidade.

- Aí. Isso. - pediu quase chorosa.

- É isso aqui que você quer, é? - girei o polegar em seu grelhinho e ela gemeu continuamente.

Segurei seu corpo por um dos seios e estimulei seu clitóris até ouvir o gemido abafado se tornar um urro gutural. Beijei o topo dos seus seios e senti na sua respiração que ela tinha gozado.

- Minha vez.

Puxei seus joelhos para cima, deixando-a aberta na minha mesa.

Todas as vezes que eu comi qualquer mulher nos últimos anos.

Todas as vezes que fiquei duro.

Todas as vezes que gozei.

Era aquela cena que eu imaginava. Ou variações dela.

Era aquele rosto. Aquele gemido. Aquele sorriso. Aquele voz. Aquelas coxas abertas. Aquele bocetinha linda e depilada. Aquele calor. Aqueles lábios. Aqueles olhos escuros. Aquele cabelo espalhado pela minha mesa.

Era ela.

Era sempre ela.

E agora estava ali. Recuperando o fôlego com meu pau ainda enfiado no seu corpo até o talo.

Estoquei mais uma vez. E outra. E acabou.

O mundo inteiro girou ao nosso redor e se desfez. Eu gozei e gozei. Enfiando meu esporro fundo na minha Dom, desejando ficar ali para sempre... fazer aquilo todos os dias e, de preferência, mais de uma vez por dia.

Deitei sobre ela e a senti rindo na minha boca. Lambendo meus lábios, beijando minhas bochechas.

- Acho que vou precisar arranjar outro convite para vir te entregar amanhã.

- Vou cancelar minhas reuniões, então. - devolvi.

Saí de dentro dela e abotoei a calça de volta. Dom fechou a blusa e desceu a saia, eu a estava ajudando a descer da minha mesa quando um barulho do lado de fora da sala chamou minha atenção e as portas se abriram.

Eu não tranquei...

Anya estava na minha frente, com Rose e Laura logo atrás e eu percebi que não importava mais que eu tivesse esquecido a porta aberta. Minha gravata estava desfeita e minha camisa aberta ainda exibia meu peito nu. Dominique estava vestida a não ser pela calcinha aos meus pés, mas seu cabelo desarrumado gritava uma única explicação.

- Mas que merda é essa? - ela gritou.

Dom estava refazendo o rabo de cavalo como se alguém tivesse apenas perguntado "que horas são" e eu comecei a abotoar minha camisa e enfiá-la de volta nas calças.

- Eu é que deveria estar fazendo essa pergunta. Quem lhe disse que poderia entrar na minha sala sem pedir autorização?

- Greg! - eu vi seus lábios se moverem, mas sua voz mal saiu

- Eu voltei porque não queria que você pensasse que eu estava com raiva. Fui boba, nós precisamos conversar.

Eu tive que rir.

- E o que você estava fazendo? - sua voz subiu uma oitava - Eu sei que você *nunca* transa no escritório, não é? - recriminou.

- Anya... - pedi, baixinho - Pare.

Ela engoliu em seco e acho que finalmente percebeu que o jogo não ia funcionar.

- Faça bom proveito. - ela torceu o nariz para Dom - Ele é um homem ranzinza e mal-humorado que só pensa em trabalho e dinheiro. Não importa o quanto você se esforce, ele nunca vai te dizer como se sente. Já teve milhares de namoradas nos últimos anos, não se ache especial, viu querida? Ele não se apega a nenhuma. Vai te deixar deprimida em uma semana... não gosta de

se divertir, não faz nada pelos outros, é o tipo de cara que nunca *nunca* sorri e...

Eu estava esperando Anya terminar seu discurso vingativo quando senti uma pressão no meu rosto. Dom estava ao meu lado, puxando meu queixo, eu me virei e senti seu beijo. Suave e carinhoso. Massageando meus lábios. Sugando minha língua. Os braços sobre meus ombros me abraçando com sentimento. Segurei sua cintura e recebi o beijo com satisfação.

- Te amo. - ela sussurrou só pra mim.

- Te amo mais.

Ela me deu mais um selinho e se virou.

Anya tinha a boca aberta sem qualquer palavra para preenchê-la.

- Rose, chame a segurança, sim? - apontei.

Laura pegou a bolsa de Dom de uma das poltronas e lhe devolveu com um olhar hostil. *Vou precisar mandá-la para outro lugar. Não ia dar certo antes, e agora, com Dom, não vai dar certo de jeito nenhum.*

Rose se retirou e eu estava dando o nó na gravata.

- Ei! - chamei. Me abaixei rindo e apanhei a calcinha do chão.

Dom se virou de volta com um sorriso nos olhos.

- Vai deixar para trás?

Era engraçado como aquilo funcionava.

A gente tinha acabado de transar no meio da manhã, com a porta destrancada. Tinha um monte de gente ao nosso redor que sabia claramente o que tinha se passado ali, mas...

Mas era como se não tivesse mais ninguém.

Era como se estivéssemos a sós. Era sempre assim que eu me sentia quando estava com ela: como se não houvesse mais ninguém no mundo.

Sacudi sua calcinha no ar sem qualquer pudor e ela riu daquele jeito que me fazia querer abraçá-la e não soltar nunca mais.

- Pode ficar pra você. Um incentivo para planejar aquele sequestro.

Capítulo 12

Eu estava olhando pro relógio pela centésima vez e assassinando Gregory Holt com a minha imaginação. Ou Gregory Baxter, qualquer que seja o nome que aquele imbecil usava.

"Vou estar lá" ele tinha dito.

Muito bem, Holt. Estou aqui, do lado de fora da escola, segurando meu filho pela mão e esperando você. Onde diabos você se enfiou?

- Mãe? Eu vou me atrasar. - lembrou baixinho.

Ele estava nervoso. Tão nervoso que mal dormiu só esperando a hora chegar e o que Gregory faz? Se atrasa. Ou nem aparece.

Eu ia voltar no escritório dele. Convencê-lo de que eu estava com tesão. Esperar ele abaixar as calças e castrá-lo. Ia pegar o abridor de cartas em cima da mesa e arrancar seu pinto fora em duas marteladas. Ia assistir ele sangrar no tapete caro e gemer de dor até morrer. *Ah, se eu ia.*

- Deve ter acontecido alguma emergência, filhote. Ele disse que viria.

- Tudo bem, mãe. - a decepção na sua voz foi suficiente para fazer com que eu me arrependesse de toda essa jornada de volta. Era melhor ter ficado em Paris, ir pra Euro Disney no fim de semana e poupar minha cria dessa frustração.

É. Gregory Holt ia ser assassinado. Isso era um fato.

- Vem! Vamos entrar! Tenho certeza que você vai fazer o melhor tempo dessa turma inteira! - incentivei - Vou filmar pra gente assistir no fim de semana, eu e você.

Ele sorriu timidamente e me acompanhou para dentro do ginásio. Soltei sua mão apenas quando encontramos o treinador e o resto dos garotos da sua turma. Ty me deu um beijo na bochecha e foi se juntar aos colegas depois que eu apontei para as arquibancadas.

- Vou te assistir de lá. Te pego no fim do treino!

As arquibancadas eram imensas e não estavam tão cheias quanto se poderia imaginar. Era perceptível que a maioria da torcida era composta por babás e motoristas. *Pais excelentes, os dessa escola...*

- Dominique!

Virei para trás e vi Gregory sentado em uma das últimas fileiras.

- Onde vocês estavam? - abriu os braços pra mim - Achei que tinham desistido.

- Estávamos te esperando lá fora! - subi as escadas até onde ele estava - Eu achei que *você* tinha desistido e já estava planejando o seu funeral.

- Guardei um lugar pra você. - brincou, diante do óbvio excesso de espaço na plateia.

- Estou vendo. - sentei e ele beijou minha bochecha. Sua demonstração de carinho foi tão parecida com a de Ty que eu ri sem querer. Genética era realmente uma coisa poderosa.

- Estava planejando me matar, foi?

- Com certeza!

- Eu disse que viria!

- Disse, mas não estava lá fora.

- Porque eu estava aqui dentro esperando e...

- Shh. *Tá, tá*. Já entendi. Faz silêncio agora. Já vai começar.

- É natação, Dom. Não é uma apresentação musical.

Fiz uma cara feia e ele se calou com um sorriso.

A vez de Ty chegou logo. Ele se jogou na piscina com ânimo e fez o segundo melhor tempo da turma.

- Uau... ele é bom!

- Ele é perfeito! - corrigi - Você conseguiu os registros e o histórico escolar dele com a escola da França?

- Ainda não. - suspirou - Tem alguma coisa estranha com aquela escola. Mas vou conseguir.

- Por que tem algo estranho?

- Porque eu já ofereci muito dinheiro pra eles. *Muito*. E eles não colaboram comigo em nada.

- Bem... pelo menos você tentou. Obrigada.

Ele se virou para mim e beliscou minha cintura.

- Como assim "*pelo menos você tentou*"? Eu disse que ia resolver, Thoen. E pretendo resolver.

- Tudo bem. Você quem sabe. - ri - Mas se achar que não vai conseguir, me avise logo que eu resolvo.

- Quer apostar que eu consigo sem precisar da sua ajuda?

- Não, obrigada. Você vai querer apostar alguma safadeza, eu te conheço...

- Não está interessada na minha safadeza? - fingiu uma ofensa.

- Estou. Claro. - levantei um ombro de descaso para ele - Mas eu não tenho o costume de apostar o que eu já consigo de graça.

- Parabéns! - abracei Ty e apertei a toalha ao seu redor.

- Você viu? Fui o segundo melhor!

- Eu vi, filhote! Parabéns! Foi incrível! - ri.

Gregory ficou alguns passos para trás e eu sabia que ele estava trocando o peso de pé naquele pequeno hábito compulsivo que ele tinha.

- Olha, filhote... Seu pai veio. Ele já estava aqui dentro enquanto a gente esperava lá fora.

Seus olhos se abriram e ele ficou muito quieto. Eu tinha ensaiado aquela apresentação algumas vezes, mas acho que não foram vezes suficientes. Olhei para trás. Para Holt. E Ty se encolheu ao meu lado.

Greg entendeu o convite no meu olhar e se aproximou.

Abaixou-se no chão, perto de nós.

- Oi. - sorriu, tímido.

- Oi. - Ty devolveu, involuntariamente aproximando-se de mim.

- Como vai? - Greg ofereceu a mão para Ty e eu teria rido do seu excesso de formalidade se não tivesse plena convicção de que ele não sabia o que dizer.

Tyler olhou pra mim rapidamente, antes de se livrar vagarosamente de um pedaço da toalha e aceitar a mão que

Gregory oferecia.

- Bem. - sua mão parecia frágil e minúscula no meio da mão do pai - Eu sou Ty. - apresentou-se e Gregory riu.

- Prazer, Ty. - sorriu, discreto - Eu sou... - sua boca estava aberta e seu sorriso sumiu. Ele respirou fundo uma ou duas vezes com a indecisão espalhada pelo seu rosto.

Não sabia como se apresentar.

- Esse é o seu pai. - salvei - O nome dele é Gregory Holt. Você pode chamar ele de Greg, ou Gregory, ou pai... como você preferir. Não é? - olhei para Gregory desafiando-o a me contrariar.

- Claro! É claro! Pode me chamar como você quiser.

Ty puxou a mão de volta para dentro da toalha.

- Você estava no hotel. - murmurou - No outro dia.

- Estava. - vi sua mandíbula travar - Sinto muito se te assustei, Ty. Foi só uma pequena confusão.

Notei meu filhote vasculhando os arredores com olhos tímidos.

- Sua amiga vai sair com a gente?

- Não! - Holt abanou as mãos de um jeito terminante quando falou alto demais - Não é minha amiga. É só... - engoliu em seco - Eu sinto muito se ela te assustou, também, Ty. Mas ela não está aqui e não vai sair com a gente. Tudo bem?

Ele ainda olhou ao redor discretamente mais uma vez antes de decidir confiar na palavra do recém-conhecido.

Greg respirou fundo e eu podia perceber que ele queria falar mais alguma coisa, mas não conseguia decidir o quê. Ty puxou a toalha mais para perto de si, sem tirar os olhos de Holt. Sorriu envergonhado quando se virou de volta pra mim.

- Eu pareço com ele. - observou baixinho.

Greg riu alto, apoiando o punho no chão. O alívio no seu sorriso era perceptível.

- É. Mas só um pouquinho! - reclamei, brincalhona, beijando sua bochecha - Vem, vocês dois. - mandei - Vamos sair daqui. Você precisa tomar banho. Quer ir pro vestiário com os seus amigos ou quer voltar pra casa? - ele levantou os ombros no gesto universal do

"tanto faz" e eu notei que ainda observava o pai sempre que achava que ninguém estava olhando.

- Eu moro perto daqui. - Holt avisou. - A gente pode passar lá. Você tem as roupas limpas dele aí, não tem?

- Mora perto daqui? Eu achei que você morasse em alguma mansão monstruosa nos limites da cidade ou algo assim.

- Não. Elizabeth ficou lá, eu... - seus olhos desceram para Ty com receio - Eu moro em um apartamento aqui perto. A gente pode ir até lá. Ty toma um banho e eu aproveito para te mostrar uma coisa. Pode ser? - ele olhou para Tyler quando fez a pergunta e eu o amei por seu cuidado.

Os ombros magricelas do meu filhote se levantaram de novo e eu respondi por ele.

- Pode. Depois a gente sai pra comer alguma coisa.

- É. Você escolhe. - sorriu para o pequeno.

- Acho que ela não vai deixar. - riu pra mim e eu soube que ele queria brincar.

- Sua mãe? Por que não?

- Você não conhece ela direito. - confessou em tom de assombro. Folgou a toalha ao seu redor e eu soube que ele estava mais relaxado - Ela é mandona.

Gregory riu com gosto.

- Ei, ei, ei. Isso é jeito de falar da sua mãe? - devolvi - E você. - apontei meu indicador para Holt - Quietos.

Ele espremeu a risada e se rendeu.

Saímos para o estacionamento e Ty não soltava minha mão. Não era comum para ele andar tão grudado comigo. Ele ia precisar de um tempo para se acostumar.

- Você veio de carro?

- Não. Carona com um amigo. Ainda bem que você apareceu, por sinal. - lembrei.

- Eu disse que viria, não disse?

- Tá, tá. Onde está seu carro?

Ele apontou para a direção e nós o seguimos.

Tyler soltou minha mão e se adiantou.

- Um Aston Martin! DB9! - admirou-se.

- Menino! Não solta minha mão no estacionamento! Aqui passa carro! É perigoso.

Mas Holt já estava perto dele.

- Você gosta de carros?

Ele levantou os ombros tímidos de novo.

- Tenho uma miniatura desse. - era verdade.

- Quer dirigir? - Holt mostrou as chaves e Tyler riu - Eu fico de copiloto. - brincou.

- Ele não trouxe a carteira de motorista. - defendi, beliscando seu ombro miúdo.

- Ah, que pena. - abriu a porta e eu vi o assento infantil elevado no banco de trás.

O filho dele.

Para variar, meu relacionamento com Holt estava indo rápido demais e eu não tinha parado para pensar em todos os desdobramentos. Ele era casado e tinha um filho.

E nós estávamos destruindo uma família.

Ele se atrapalhou tentando colocar o cinto em Ty.

- Aqui. - me ofereci para ajudar - Você tem que passar a alça do cinto por aqui... assim. - mostrei - Está nervoso, Holt? - ri diante da sua confusão.

- Comprei esse negócio hoje, Thoen. Mas já aprendi como é.

Comprou hoje?

Decidi que não seria uma boa ideia falar, na frente de Ty, sobre eventuais outros filhos de Greg e ignorei o comentário.

Dominique tirou os óculos escuros presos entre os cabelos e os colocou no rosto. Ela se virava a cada poucos minutos para ter certeza que Ty estava bem vestido no roupão para não ser incomodado pelo frio, reclamava da minha direção, da direção das pessoas ao redor, dos pedestres que não saíam da frente, do clima e governo. E de repente, simplesmente parava, sorria para mim ou beliscava as pernas de Ty depois que ele fazia algum comentário cômico sobre seu eterno mau-humor.

E eu estava feliz.

Eu seria capaz de dirigir todos os dias ouvindo Dom reclamar sobre todas aquelas coisas e muitas outras, vê-la sorrir para mim, brincar com nosso filho... Era impressionante como há poucos dias atrás eu tinha certeza que felicidade era uma coisa impossível. Algo que eu sabia que nunca teria e que já tinha desistido de procurar.

Mas ali estava ela. Sentada no banco ao meu lado e atrás de mim.

Reclamando e brincando.

Tyler gostava de carros e como essa era a única coisa que eu sabia sobre ele, foi sobre isso que conversamos na maior parte do caminho.

- Eu não consigo ver tanta graça em carros. - Dom interferiu.

- Mas você vê graça em sapatos. - lembrei e Ty riu.

- E bolsas. - acrescentou.

- Sim! Bolsas. - concordei.

- Ha-ha-ha. Estou adorando isso. Prefiro minhas bolsas e sapatos a qualquer... oito cilindros?

- Não! São 12 cilindros. É o AM11, não é? 10% de aumento no torque comparado ao motor anterior.

- Nossa! Como você sabe disso tudo? - ri, impressionado.

- Ah... - Dom se mexeu do meu lado - Eu esqueci de mencionar.

- Que ele é louco por carros? Percebi.

- Não só isso... - baixou a voz, para um tom bem casual - Ele atingiu 192 pontos no teste de Q.I.

Eu quase bati o carro.

Abençoado seja o sinal vermelho que me deixou parar e me acalmar.

- 192? Dominique! - olhei para trás e Ty me olhou de volta um pouco assustado - Qual o colégio que ele estava? Essa escola era boa? Ele tinha algum acompanhamento especial? Porque tem uns instrutores particulares aqui que...

- Gregory! - seu tom forte me fez calar - Nós não fazemos muito caso disso. - indicou. E eu percebi que ela fazia, sim. Só tentava não demonstrar isso para ele. Minha boca ainda estava aberta. Eu sei que ela provavelmente estava certa, mas teve uma

vida inteira para aprender a se controlar e eu... Eu só queria explodir.

- Claro. - foi tudo que eu consegui murmurar antes do sinal abrir e eu ter algo para me distrair.

Estacionei e guiei minha família até o elevador.

As portas se abriram na cobertura e Ty deu alguns passos adiante bem devagar. Ele estava intimidado...

Marise já estava nos esperando no hall de entrada.

- Senhor Baxter. - sorriu - Olá! - colocou as mãos nos joelhos para cumprimentar Tyler depois de sorrir para Dom.

- Marise, está é Dominique Thoen e Tyler. Dom, Ty, Marise é a governanta. Ela é ótima com crianças.

Dominique me olhava como se ainda estivesse decidindo o que achava daquilo.

- Onde ele pode tomar banho?

Entreguei a mochila de Ty para Marise quando indiquei as escadas.

- No meu banheiro.

Dom estava em um dos cantos do hall, esticando-se para observar a sala.

- Quer um tour? - ri.

- Onde está o Max?

Meu sorriso se foi ao lembrar do nosso velho cachorro e eu vi nos seus olhos que ela tinha entendido.

- Ah... ele era velho. - levantou um ombro. Sua expressão triste e discreta me fez querer abraça-la. Beija-la. Minha Dom durona que na verdade poderia ser mole e frágil.

Subimos as escadas e Marise puxou algum assunto infantil com Ty. Era impressionante a quantidade de desenhos animados que ela conhecia, não foram necessários muitos degraus para que eles estivessem em uma conversa divertida e parte de mim teve ciúmes.

- Meu quarto é ali no fim do corredor. Marise?

- Claro. Ty, eu te mostro.

Eles seguiram até a porta fechada no fim do corredor e Dominique tinha aquela expressão de quem ia me fazer ouvir.

- Não gosto da ideia de uma desconhecida dando banho no meu filho, Gregory. Será que poderíamos conversar sobre coisas como essa no futuro?

- Não é uma desconhecida. Trabalha comigo há alguns anos e você viu! Ela é ótima com crianças.

Só um olhar. Foi só o que Dom precisou fazer.

- Tudo bem. - me rendi - Como você quiser. Podemos deixar passar só dessa vez? Preciso falar com você. - aponte para outra porta fechada. A do meu escritório.

Ela girou a maçaneta e entrou sem cerimônias.

- Fale.

- Queria que você lesse alguns documentos. - peguei o envelope em cima da mesa - Na verdade, queria que você assinasse. Mas sei que não vai fazer isso sem ler e...

- Vamos supor que eu tenha perdido a sanidade a vá confiar em você cegamente. - sugeriu, analisando o pesado volume e, provavelmente contabilizando o tempo que levaria - Se eu assinasse isso estaria concordando com o quê?

- Que Tyler é meu filho. Eu quero o meu nome nos documentos dele, Dom, e quero que ele leve meu sobrenome.

Ela empurrou o envelope de volta nas minhas mãos.

- Eu fujo de novo e você nunca mais nos encontra, mas não coloco um "*Baxter*" no meu filho.

- *Nosso* filho. - corriji, colocando o envelope de volta na mesa - Dominique, eu sei que o que aconteceu entre a gente foi uma merda. Olha, ninguém mais do que eu teria preferido passar os últimos anos com vocês dois. Eu queria estar lá quando você estava grávida, quando teve o Ty, queria tê-lo visto crescer e...

Péssima ideia.

Aquele desabafo tinha sido uma péssima ideia. Algo desagradável estava preso na minha garganta dificultando minha respiração e eu tive que parar para me acalmar.

- ... E não importa. - decidi. Não era hora para aquilo - Porque não foi isso que aconteceu. Temos que pensar no que acontece a partir de agora e Tyler é meu filho. Sei que você tem raiva de muitas coisas que aconteceram e você está certa. Por Deus, Dominique,

você está certa. Mas isso não muda um fato incontestável: ele é meu filho. É metade meu do mesmo jeito que é metade seu e você não tem mais direito sobre ele do que eu.

- Você quer mesmo falar sobre quem tem direito a ele? - ela avançou, felina, na minha direção e eu não me abalei.

- Não quero brigar, Dom. O garoto é meu filho. Eu tenho direito a isso. E ele tem direito a um pai. Já perdemos tempo demais. Seja razoável.

Ela cruzou os braços sob os seios e espremeu os lábios.

- Não estou pedindo nada demais. Você não suporta o *Baxter*. Tudo bem. A gente usa o *Holt*.

Seus ombros caíram, um pouco mais relaxados, diante da ideia não tão agressiva.

- Tudo bem. - concordou - Mas tem papel demais aí só para uma mudança de nome.

- Meus advogados são minuciosos.

- Diz mais o quê? - sua postura era anormalmente agressiva - Que não posso tirar meu filho do país sem sua autorização?

- É assim que funciona com uma criança, Dom, e você sabe.

- O que mais diz? Que você tem direito a dois fins de semana no mês e metade das férias de verão?

Passei a mão nos cabelos e encarei o chão.

- Dom...

- Eu fico com ele no Natal, você no Ano Novo... aniversários alternado. É isso, Holt?

- Por que você está sendo impossível com isso?

- Não vai levar meu filho embora! - apontou o indicador para o próprio peito e eu entendi o motivo do seu receio - Já falou com Eleanor, é isso? E ela te disse para bancar o bom moço, comprar um assento infantil para o carro e me convencer a assinar um monte de papeis?

- Dom...

- E aí eu assino, a imbecil apaixonada, e você leva meu filhote embora. Tranca ele em alguma mansão na Lua e eu nunca mais posso vê-lo.

- Dominique...

- Não vai tomar meu filho, Holt! Fique sabendo disso agora mesmo. Pode tentar se você quiser, mas eu não vou ser idiota de novo como...

Segurei seu queixo entre meu polegar e o indicador e a beijei. Devagar. Ela se entregou rápido demais e eu soube que precisava disso.

- Dom? - suspirei contra os seus lábios.

Ela gemeu baixinho.

- Ninguém vai tomar seu filho de você.

- Promete?

Passsei o braço pela sua cintura.

- Prometo, amor.

- Holt. - ela segurou meu rosto entre as mãos - Isso é sério. Tyler é tudo que eu tenho nessa vida. Promete pra mim.

Encarei seus olhos escuros e acariciei suas costas.

- Eu prometo. Não quero o garoto só pra mim, Dom. Quero vocês dois.

Greg nos levou para um restaurante italiano e pediu um prato igual ao de Ty, mesmo sendo do cardápio infantil. Ele tentava deixar a conversa em "carros" o que eu achei adorável já que ele tinha percebido ser um assunto em comum.

Guiei a conversa por algum tempo, tentando ensinar os dois a conviver. Mostrando a Holt outros interesses do meu filho e deixando claro para Ty que Greg era uma pessoa gentil e confiável. Não precisei coordenar a conversa por muito tempo. Houve apenas um ou dois momentos de pausa que quase se transformaram em um silêncio constrangedor e uma menção a animais de estimação que me fez lembrar de Max e Cookie. Os dois cachorros que tive com Holt. Os dois se foram. Seria interessante ter algo do nosso passado. Algo que nos assegurasse que tínhamos algo em comum.

Mas a conversa fluiu. Logo os dois acharam um ritmo próprio e parecia que já se conheciam há algum tempo. Basquete, super-heróis e jogos de vídeo game entraram no assunto e eles não paravam mais de conversar. Principalmente quando começavam a fazer graça sobre alguma característica minha. Holt contava

pequenos casos antigos e Ty os complementava com uma ou outra novidade minha. Eles apontavam e riam. Eu participava da brincadeira fazendo uma cara feia, fingindo irritação e deixando os dois aproveitarem sua piada interna.

Havia uma parede de escalada montada em um parque próximo, Tyler quis experimentar e, apesar de eu não achar uma boa ideia, percebi que Holt estava em um embalo de "*fazer o que o filho quisesse*" e resolvi que ia deixar a banda tocar essa música, pelo menos hoje.

Os dois escalaram juntos e foi...

Eu não saberia colocar em palavras. Fiquei parada no chão, preocupada e reclamando, mas meu filho pode se divertir com alguém. Greg segurou meus braços e disse um "*calma*" divertido entre sorrisos e eu obedeci. Meu filhote estava a metros do chão e eu podia ser paranoica sem me importar.

Até ali tinha sido diferente. Até ali, eu ficava em pânico quando via algo que poderia ser perigoso, mas tinha que agir com cautela e mostrar para Ty que estava tudo bem e que ele tinha que enfrentar os medos. Era importante para formação de caráter e eu sabia. Mas era quase bipolar ter que avisá-lo de todos os riscos e ao mesmo tempo incentivá-lo a se divertir.

Não era nada que eu não conseguisse fazer sozinha, mas poder dividir a carga com alguém era um alívio imediato. E eu me preocupei e lhe avisei dos riscos. E Gregory lhe disse que estava tudo bem e o incentivou que seria divertido.

Eu os esperei na sombra das árvores e quando eles voltaram, Greg tinha Ty pela mão e meu filhote pulava empolgado narrando algo sobre sua mais nova aventura.

- Mãe! - gritou ao se aproximar. Correu para mim e começou a contar algo sobre a escalada que Gregory provavelmente já sabia e ainda o ouviu repetir no caminho até mim. Mas ouviu mais uma vez e sorriu e eu o amei.

Eu estava cansada, mas quando os dois resolverem ir ao shopping e ao cinema, eu não discordei. Aproveitar o dia era uma boa ideia. Belisquei Holt na primeira loja de brinquedos e rosnei para que ele não comprasse nada. Percebi que abster-se de encher a

criança de presentes exigiu toda a força de vontade que o homem tinha, mas ele foi um guerreiro e resistiu.

- Mãe... - Ty me chamou quando me abaixei para inspecionar se seu cadarço estava, de fato, bem amarrado - Ele pode vir para o meu aniversário?

Ele.

Na dúvida de como se referir a Greg, Ty tinha ficado com "ele" quando falava comigo e "você" quando falava com Holt. Eram os nomes que ele tinha dado ao pai.

- Claro, filho. Você quer convidá-lo?

- Eu chamo. - deu de ombros e eu sorri.

- Aqui está! - Greg voltou com uma quantidade ultrajante de pipoca, doces e refrigerante para o cinema.

- Desnecessário, Gregory. - constatei, dividindo o peso com ele.

Ele só abriu e fechou a boca, desistiu de falar e riu.

Eu não o deixava comprar presentes, então ele esbanjava dinheiro em qualquer outra oportunidade que poderia. Não queria que ele conquistasse Ty daquele jeito, mas eu podia me dar o luxo de ter normas e limites. Não era eu quem estava desesperada diante da perspectiva de não ser querida pela minha própria prole.

Ty puxou Greg pelo casaco.

- Meu aniversário é esse fim de semana. Amanhã...

- É! Você está ficando velho! Sua mãe me disse. - Holt se abaixou um pouco feliz demais e eu imaginei que ele deveria estar louco de ansiedade para receber esse convite.

- Se você não estiver fazendo nada. - sugeri com um sorriso tímido - Pode vir, se quiser. Se puder... - acrescentou.

- Eu ia adorar. - Gregory sorriu e eu quis me abaixar com eles e abraçar os dois. Com muita força - Vai ser que horas? - eles olharam para mim.

- É só um bolo, em casa, Holt. Não vamos fazer nada especial. Pode vir a hora que quiser.

- Ahmm... - ele olhou pra mim de lado.

- O que foi?

Ele se levantou e falou um pouco mais baixo.

- Amanhã tem um jogo de basquete muito bom. É uma final. Pode ser complicado por causa do jogo, mas acho que eu posso conseguir três ingressos. - sugeri - Ty gosta de basquete, a gente podia...

Eu percebi que ele queria pedir minha autorização primeiro. Mas Tyler tinha escutado a conversa e começou a entoar um "*por favor, mãe*" interminável.

- Claro que pode. É seu aniversário.

Ele deu um pulo no ar animado e bateu punho com punho no pai de um jeito adorável.

E se...

- Mas pegue só dois ingressos, Greg.

Os dois pararam e se viraram para mim.

- Dom, se você...

- Não! Não tem problema! - eu ri e apertei os braços dos dois - Eu não gosto de basquete e não entendo nada! - expliquei - Eu espero vocês em casa. A gente come o bolo antes do jogo, ou depois... De verdade, não me incomodo. Acho que prefiro.

Ty me observava como se estivesse na dúvida se eu tinha ficado chateada ou não. Beije sua bochecha para que ele tivesse certeza que estava tudo bem. Quando ele se virou de costas para correr para a entrada do cinema a poucos metros de nós, Gregory se aproveitou da sua breve ausência e beijou minha bochecha. No canto da boca. Sorriu e eu soube que ele tinha entendido minha intenção.

Tyler dormiu no banco de trás do carro no caminho de volta para casa. Gregory o carregou no elevador até o apartamento e o colocou na cama. Eu troquei o seu pijama como se fosse um imenso boneco de pano que não cooperava e fechei a porta do quarto atrás de nós.

Greg estava parado no meio da sala olhando ao redor.

- Ele está desmaiado. - avisei - Normalmente, eu o faria tomar banho antes de dormir, mesmo assim. Mas acho que hoje foi um dia especial.

- E ele disse que eu poderia vir amanhã. - sorriu, realizado.

- Disse.

- Eu virei.

- Eu sei.

- Tem alguma coisa que ele queira? De presente?

- Qualquer coisa que não seja um Aston Martin em tamanho real, tudo bem, *Baxter*?

- Sim, senhora. Mas tem algo que ele queira?

- Acho que o jogo de basquete já vai ser excelente. Mas algo me diz que você vai querer comprar mais alguma coisa ainda assim.

- Você me conhece bem!

- Não compre o menino com presentes, Greg.

- Não vou fazer isso, Dom. Mas é meu filho. - ele tinha um sorriso deslumbrante - Quero mimar ele um pouco.

- Tá. Mas só um pouco.

- E essa coisa do Q.I.! Por que você não me disse antes?

- Disse agora. - expliquei com obviedade, encerrando aquele assunto sem propósito.

- Ele precisa de algum acompanhamento diferenciado?

- Às vezes. Eu li quase todos os livros sobre genialidade que você pode imaginar e muitas pesquisas dizem que crianças prodígio geralmente crescem para serem adultos convencionais. Por isso eu sempre quis dar a Ty todas as melhores oportunidades que pude. Vendi minha alma para conseguir aquela escola para ele, na França.

- *Vendeu sua alma*? Está devendo dinheiro para alguém, Dom? Porque eu posso...

- Eu sei que pode. Mas eu estou bem. Não foi nada demais, eu só exagerei e já está resolvido.

- Se precisar de ajuda...

- Não vou precisar.

- Thoen! Eu estou muito cansado. Não faz isso comigo. Te fiz uma promessa hoje, agora quero que você me faça uma. Vai me avisar se precisar?

- Vou. Mas não preciso.

- Tudo bem. - desistiu diante da minha teimosia - De qualquer modo, eu quero pagar as contas de vocês, agora.

Eu ri muito alto.

- Eu tenho dinheiro. - lembrou.
- Enfia ele na bunda. Não quero seu dinheiro.
- Quase tinha esquecido como você é doce.
- Vou manter isso em mente para não te deixar esquecer.
- As contas do Ty, então. Ele é meu filho, Dominique. Eu pago a escola dele. O melhor plano de saúde que dinheiro puder comprar... Se tiver atividade extracurricular... Ou se você precisar de dinheiro para alimentação, livros, brinquedos... o que seja.

- A gente faz as contas dele juntos e divide o valor. Tudo bem?

- Você é impossível.

- É parte do charme.

Ele mordeu o sorriso e eu quis que ele afastasse os dentes para eu poder mordê-lo também.

- Você tem um belo apartamento.

- Obrigada.

- Sabe, eu tenho alguns apartamentos na cidade...

- Não, obrigada.

- São um pouco maiores, uma localização melhor...

- Não, obrigada.

- Você poderia me pagar aluguel! Parcelas pequenas, quando quisesse.

- Deixa eu pensar... - bati o indicador no queixo, falsa.

- Vai dizer "*não, obrigada*", não é?

- Provavelmente. - sorri.

- Tudo bem. - rendeu-se - Você é irritante. - me puxou pela cintura e me beijou.

Eu adorava aquela boca. Queria que ele ficasse ali naquela sala me xingando e me beijando a noite inteira. Ele se afastou, passou a língua nos lábios e ia me beijar de novo quando eu coloquei o cotovelo entre nós.

- Greg, não. - olhei rapidamente para trás. Para a porta de Ty e ele entendeu.

Eu o acompanhei até a porta, roubou um beijo na minha bochecha antes de virar para sair. Demorou os lábios perto do meu rosto e eu devolvi um selinho discreto.

- Sai comigo esse fim de semana?

- Achei que a gente tinha combinado que iria devagar.

- A gente já foi devagar demais. Não aguento mais perder tempo. Vai. Diz que sim.

- Holt...

Passou a mão na minha cintura e me beijou de novo, dessa vez sua mão desceu pelas minhas costas até a minha bunda. Dei um passo para a frente, temendo que Ty acordasse e nos encontrasse aos beijos na porta de casa. Gregory entendeu aquilo como se eu estivesse aceitando o convite e eu não o corriji. Suas mãos estavam na minha bunda e puxando meu vestido comprido pelas minhas coxas.

Era como se eu tivesse um interruptor no meu corpo e Gregory soubesse exatamente onde ele ficava. Um toque, um sussurro, um olhar... E eu estava inescusavelmente molhada. Querendo seus dedos, sua língua, seu corpo. Um desejo irrefreável e irracional.

Entre passos apressados e tropeços, eu não saberia dizer qual de nós apagou a luz do hall comum e nos apertamos na entrada do acesso a escada. Escondidos no escuro da visão de qualquer dos apartamentos, ele me beijou.

- Estou ficando puto com essa história de sempre ter que te comer com pressa.

- E quem foi que disse que você vai me comer?

Eu já tinha a barra do vestido na altura da cintura, quando ele gargalhou, rasgou minha calcinha e levantou um dos meus joelhos. Desataquei seu cinto e botões, livrando sua carne rígida da cueca.

Aquele homem sussurrava no meu ouvido e um tesão louco me possuía, me fazia ferver por dentro... me transformava em uma *máquina de querer*. Sentia sua saliva na minha boca e pronto: eu o queria. Eu o queria *muito*.

Um barulho no corredor não fez Gregory parar, pelo contrário. Só o fez acelerar como se nada no mundo fosse capaz de fazê-lo perder a oportunidade.

Sua língua estava no meu pescoço quando ele me penetrou. Uma vez, duas, três... E então parou. Ainda estávamos unidos pelos

quadris quando ele se afastou apenas um pouco, me beijou e pediu baixinho.

- Diz que me ama.

Eu rebolei e ele apertou a mão espalmada na minha bunda, tentando me impedir de excitá-lo ainda mais.

- Diz, Dom. Diz pra mim.

Passei os braços pelos seus ombros. Apoiei minha testa na sua.

O calor que Holt exalava era algo único para mim. Era como se ele ardesse ao meu redor e dentro de mim ao mesmo tempo. Como se ele conseguisse fazer eu me sentir um puta gostosa e uma princesa amada como ninguém. Uma mistura de duas emoções intensas e avassaladoras que mal deixavam espaço pra oxigênio.

- Não rebola, se não eu gozo. E hoje eu só quero gozar ouvindo você dizer que me ama. - não era safadeza. Era uma confissão cheia de veracidade.

Passei a mão pelos seus cabelos.

- Por que você quer que eu diga algo que você já sabe?

- Porque é gostoso demais de ouvir.

Mordi seu lábio. O lábio que ele tinha mordido mais cedo e que eu desejei ter entre os dentes.

- Te amo. - confessei com um beijo discreto e senti ele meter com força, a intensidade que estava segurando há anos. - Amo essa tua boca. - gemi e ele me deixou rebolar - Esse teu sorriso. - passei os dedos nos seus lábios e ele os chupou - Essa tua bunda. - escorreguei minhas mãos pelo seu corpo.

- Agora rebola. - pediu, rindo - Rebola mais.

Eu obedeci e ele ofegou. Buscando ar a cada nova estocada, encontrando um ritmo apaixonado e furioso. Eu ouvia o som erótico do seu corpo se chocando contra o meu, minhas costas apertadas contra a parede fria. Holt mordeu meu pescoço e eu soube que ele estava gozando, mas continuou enfiando firme. Seu polegar procurando meu clitóris e eu o guiei ao ponto certo. Uma esfregada e um beliscão e eu o estava acompanhando. Mordendo meus dedos para abafar o gemido.

- Eu te juro, Thoen. - colocou o pau pra dentro das calças, enquanto eu descia meu vestido e recolhia os restos da minha calcinha - Essas *rapidinhas* estão parecendo preliminares e só servem pra aumentar minha vontade de te foder com calma.

- E em uma cama. - reclamei passando as mãos nas costas.

Ele me virou de lado sob o pretexto de conferir se eu teria me machucado, mas aproveitou para apertar minha bunda, beijar meu pescoço e morder meu ombro.

- Você aguenta.

Eu o puxei pela camisa e o beijei mandando a cautela se foder.

- Te amo. - disse de novo. Malditas palavras gostosas de ter na boca.

- Te amo mais. - me beijou de volta - E vou te amar pra sempre, minha Dom. - riu e apertou o botão do elevador - Você só precisa deixar.

As portas do elevador tinham acabado de se fechar.

- Se divertiu?

Levei a mão ao peito, sobressaltada.

- Você parece um fantasma, sempre a espreita.

- Ao contrário de você, eu estou aqui a trabalho.

- O que você quer, Gary? - expirei.

- Conseguiu colocar a escuta no escritório dele?

- Ainda não.

Entrei no meu apartamento e Zahner me seguiu, fechando a porta atrás de si.

- Thoen, eu não sei quantas vezes eu vou precisar te lembrar da seriedade da nossa situação.

Eu abri a geladeira para beber um copo de água enquanto ele reclamava.

- Sei que você está no Ato Mulher Apaixonada da peça da sua vida, mas tente manter o foco, por favor?

- Com licença? - rosnei e ele engoliu em seco e se calou. Não devia estar esperando minha hostilidade, mas foi exatamente isso que recebeu - Tive meus motivos para aceitar cooperar, Gareth, mas

parece que se esqueceu que estou lhe fazendo um favor e que nós nos conhecemos há menos de um mês. E mesmo que me conhecesse a vida inteira, ainda assim não deveria presumir coisas sobre a minha vida. Não me conhece, *Interpol*. Não fale como se conhecesse.

- Sei da sua história com o Baxter.

- Pode ter lido ou ouvido alguma coisa, mas garanto que não sabe.

- Tudo bem. Então, por que você não me explica?

- Porque não é da sua conta.

- Verdade. Mas sabe o que é da minha conta? O que vai acontecer com você e o Ty se nossa pequena *brincadeira* não acabar com Eleanor Baxter atrás das grades. Você está deslumbrada com o homem e esqueceu do que a avó é capaz, Dominique. Você precisa de foco.

Não me agradava que ele - e nem ninguém, por sinal - se metesse na minha vida. Mas eu já tinha experimentado a sensação de abandonar toda a lógica por causa de Gregory algumas vezes na minha vida. O homem tinha esse efeito sobre mim, era inegável.

- Não vou colocar uma escuta no escritório dele, Gary. Ajudo você de outro jeito. Mas não vou fazer isso.

- Precisamos de alguma coisa, Dom. Precisamos de algo podre naquela empresa para podermos derrubar tudo.

- Eu não acredito que o Greg saiba de algum *podre*. Vai ter que achar outra pessoa.

Ele sentou no braço do sofá e passou a mão nos cabelos escuros.

- Tudo bem. Quem você sugere?

- Eu não sei... eu... - mas eu sabia. Eu sabia perfeitamente. - Não. Eu sei. - corrigi com um sorriso de satisfação. A resposta estava ali o tempo inteiro, mas eu estava fugindo a tanto tempo que esqueci como somar dois mais dois. - Eu sei uma pessoa.

- E ela vai servir?

- Ah, Gary... Você nem imagina.

Nunca trabalhei com tanto empenho na minha vida, como naquela manhã de sábado. Eu só queria acabar tudo de uma vez para poder sair, comprar o presente do meu filho e ir lhe dar os parabéns.

- Senhor Baxter. Posso tomar um minuto do seu tempo?

Levantei os olhos para a porta. Para Laura. Eu não queria perder nem um minuto...

- Laura, se isso for sobre sua transferência para outro setor, minha decisão é final e irrevogável. E você é uma mulher inteligente, tenho certeza que entende meus motivos.

- Entendo, sim senhor. - havia um leve toque de ressentimento em sua voz - Mas não é sobre isso. É uma outra coisa, senhor. Uma coisa que talvez não seja da minha conta, mas eu não posso ficar em silêncio.

- Bem, então entre. - se não havia como escapar, era melhor que fosse feito de uma vez - Sente-se. O que foi, Laura?

- Senhor... a sua amiga... A morena que esteve aqui no outro dia?

- Dominique Thoen.

- Ela. Eu... ahm... Ela derrubou a bolsa ali na cadeira - apontou - quando esteve aqui... ahm... *com o senhor.*

- Sim. E qual o problema?

- Quando Anya chegou, a senhorita Thoen estava saindo com pressa e eu recolhi suas coisas para ajudá-la e... - ele parecia um pouco nervosa e eu não soube identificar o motivo exato - E eu vi uma coisa dentro da bolsa dela, senhor Baxter.

- O que você viu?

- Pode não ter sido nada... Pode ter sido só impressão minha. Ou pode ser que fosse para outra coisa. E eu sei que não é da minha conta, senhor, mas...

- Laura. - interrompi - O que você viu?

- Tinha uma escuta, senhor. Na caixa. Parecia profissional. Uma daquelas usadas em espionagem industrial. Não sei se é algo que ela usa no trabalho dela, mas... me pareceu estranho. Na verdade, me pareceu uma *coincidência* uma pessoa do seu passado

aparecer assim, de repente, e depois vir até seu escritório com uma escuta profissional na bolsa.

- Mas você disse que ainda estava na bolsa, não foi? Quando ela foi embora? Então, não devia ser para colocar aqui. - sorri.

Isso se você realmente viu alguma coisa.

Eu imaginava que Laura ainda iria causar alguma turbulência depois do nosso relacionamento breve, brusco e inapropriado. Mas não imaginava que seria através de Dominique. Acho que não me ocorreu que ela fizesse *o tipo*.

Mas aí estava.

- Eu só vi a caixa, senhor. Não sei se estava vazia.

- Laura, eu agradeço a preocupação. Mas eu confio plenamente em Dominique e...

- Posso perguntar por que ela voltou, senhor?

- Não, não pode. - ríspido.

- Não me entenda mal, eu... - algo nos seus olhos mudou - Senhor Baxter, posso falar livremente?

Umedeci os lábios enquanto decidia. A curiosidade venceu e eu decidi.

- Pode.

- Eu sei que nós tivemos... *um momento*. Entendo que foi inapropriado e respeito sua decisão de me transferir para outro lugar. Mas uma coisa não tem a ver com a outra. Eu estou me formando em breve e tenho trabalhado com muito empenho para merecer uma posição fixa aqui na Baxter Inc. depois que me formar.

- Eu sei disso, Laura. E essa transferência de modo algum terá um impacto negativo em sua carreira, tem minha palavra.

- Não estou preocupada comigo, no momento, senhor. Quer dizer... - respirou fundo - Não diretamente... Mas investi muitos anos de trabalho e dedicação aqui e... Entendo que o senhor e a senhorita Thoen tem uma história, mas não lhe parece um pouco sincronizado demais? Quero dizer, não sei o que levou vocês a se afastarem, mas ela volta depois de alguns anos, eu suponho, já que estou aqui há algum tempo e nunca a vi antes... Ela volta depois de alguns anos, justamente quando a empresa está passando por uma auditoria severa e com uma escuta profissional na bolsa? - expirou

longamente - Só peço que o senhor, enquanto dirigente da empresa que eu pretendo trabalhar por mais alguns anos pense com cuidado e coloque a razão na frente dos sentimentos. Essa mulher, senhor... Ela teria algum motivo para querer se vingar do senhor? Algum motivo para raiva ou desconfiança? E ela é realmente uma pessoa confiável? Ou há qualquer indício para suspeita? Qualquer um? Eu só não quero... eu só não quero correr o risco de ver a empresa fechar as portas por alguma complicação do seu passado, senhor. Não quero perder meu emprego.

O que ela dizia fazia sentido: era uma coincidência realmente. E não seria a primeira vez que eu ficava completamente cego enquanto Dominique escondia de mim os seus reais motivos.

Mas eu estava guiando toda a minha perspectiva de felicidade futura em um simples fato: eu ainda amava Dominique e ela ainda me amava. Se eu começasse a acreditar em qualquer meia palavra dita sobre ela eu estaria arriscando todo um futuro em potencial.

Um futuro que eu queria mais do que qualquer coisa.

- Laura, obrigado por compartilhar seu receio. Vou procurar me informar melhor sobre o que pode ter acontecido, está bem?

- Senhor, eu só queria explicar que... diante de todos esses elementos, eu falei com Rose e tomei a liberdade de ligar para a segurança interna e pedir que eles filtrassem sua sala... Para ter certeza que não havia nada.

Travei minha mandíbula para ela.

- Isso foi indevido. Enquanto trabalhar para mim, senhorita, de forma direta ou indireta, nunca mais tome esse tipo de liberdade. Rose estava de acordo com isso?

- Senhor, a segurança achou uma coisa. Fizeram um relatório.
- ela colocou o papel em cima da minha mesa - Encontraram uma escuta profissional embaixo da sua mesa.

- Isso é uma piada? - peguei o relatório oficial da equipe interna que dizia, com outras palavras, exatamente o que Laura estava me informando.

- Infelizmente, não, senhor. Eles encontraram duas impressões digitais diferentes no dispositivo, mas não há padrão

para comparação. Talvez se o senhor conseguir uma impressão da senhorita Thoen, nós possamos...

- Isso é tudo, Laura. Obrigado. - *Droga, Dom... O que é isso?*

- Vou falar diretamente com o chefe da segurança sobre essa questão. Hoje é seu último dia aqui, mas acho que não vou precisar de você. Rose consegue dar conta da agenda sozinha, sem dúvida. Pode tirar o dia de folga ou aproveitar para se adequar a sua nova função. Como preferir.

- Senhor, eu preferia ficar com o senhor e...

- Não é uma das opções, Laura. Eu vou cuidar disso pessoalmente. Obrigado pela preocupação. No entanto, nunca mais repita esse tipo de liberdade dentro da minha empresa, está claro? Fale comigo ou com seu superior *antes*, se houver uma próxima vez. Isso não é negociável. Vai seguir essa linha de conduta. E confio que não comentará sobre esse incidente com ninguém, certo?

- Sim, senhor. - ela engoliu em seco com um meio sorriso e se levantou - Senhor Baxter... - já estava na porta - Se precisar de alguém para conversar, eu... Eu sei que o que tivemos naquele fim de semana foi inapropriado por causa das nossas posições na empresa, mas quando eu estiver em outro setor, eu... Eu me diverti com você naqueles dias. Acho, de verdade, que poderia ser uma boa amiga se o senhor precisasse e, com todo respeito, não quero interferir, mas... acho que precisa.

Capítulo 13

Bati os nós dos dedos na porta de Dom e esperei ela abrir. O sorriso se desfez quando ela viu a caixa na minha mão.

- O que é isso?

- Presente do Ty. - expliquei, mostrando a caixa cheia de furos, com um imenso laço amarelo que eu equilibrava precariamente nas mãos sempre que o filhote de samoieda se movia lá dentro.

- É bom que isso seja uma planta, Gregory.

O cachorro latiu baixinho e eu arregalei os olhos para ela.

Dominique sorriu sacudindo a cabeça como se eu não tivesse solução e eu quis lhe lembrar o quanto ela tinha aprendido a gostar de cachorros, quis lhe abraçar, lhe dar um beijo e dizer que eu ajudaria a cuidar do animal.

Mas havia coisas demais na minha cabeça, congelando meus movimentos, me impedindo de aproveitar o momento.

Ela gesticulou para que eu entrasse e eu a segui.

Na verdade, não eram coisas demais na minha cabeça. Era uma coisa só: uma pergunta que eu queria fazer.

Um pedido.

Me explica sobre essa escuta, Dom.

Mas como eu podia fazer aquela pergunta sem lhe fazer pensar que eu estava questionando sua integridade de novo? E... mais importante: será que não era exatamente isso que eu estava fazendo?

Tinha um bolo de chocolate em cima da mesa que parecia realmente delicioso e eu quis esquecer tudo aquilo.

Esquecer dúvidas e escutas. Só confiar em Dominique cegamente e pronto.

Se ela destruir seu coração, tudo bem, lembra, Greg? Você mesmo prometeu que não ia nem tentar se proteger.

Eu queria ignorar as palavras de Laura. Dominique tinha sofrido tanto por tantos anos. Eu a amava e só... só queria que a gente ficasse bem.

Mas se estivéssemos bem, se tivéssemos um relacionamento normal, que mal faria uma pergunta?

Não era que eu tivesse medo da resposta... eu confiava em Dom. Mas eu precisava perguntar e esclarecer aquilo. O colossal problema é que depois de todo o nosso histórico, ela entenderia a pergunta como mais uma desconfiança e eu não poderia evitar.

Tyler veio correndo pelo corredor, eu sorri e o abracei. Sentir seus ossos minúsculos nos meus braços espalhou uma confiança pelo meu corpo. Ia ter que ficar tudo bem. Por ele.

Eu e Dominique não éramos mais só um casal de colegas que não se toleravam e acabaram descobrindo um tesão insuportável e uma paixão arrebatadora. Agora, nós éramos duas pessoas com uma história longa e com um filho que ia nos manter unidos para sempre.

Entreguei a caixa e ele a abriu com uma velocidade animada.

- Um cachorro! - pegou o filhote nos braços e deixou que ele o lambesse. Levantei o rosto para Dom, buscando sua aprovação e o sorriso pacífico que ela mantinha no rosto fez a turbulência em mim se suavizar.

Ainda teríamos uma briga ou duas, eu e ela, antes de resolvermos nossas pendências e deixarmos tudo aquilo para trás. Mas algo no modo como Tyler agradeceu, afetuoso, e ela riu, carinhosa, me deu forças para saber que... a gente ia dar um jeito.

Nosso filho estava distraído com seu novo presente.

- O resto das coisas que ele precisa estão no carro. - abanei as mãos antes que ela começasse a reclamar - Ração, coleira... Comprei tudo, só não consegui subir com tudo de uma vez.

- Tudo bem.

Abri e fechei a boca duas vezes antes de colocar ordem nas palavras.

- *Tudo bem?* Não vai brigar comigo por não ter sido uma planta?

- Não. Vou deixar passar dessa vez. - riu satisfeita e eu percebi que ela tinha adorado o cachorro.

- Está tudo certo para hoje a noite?

Ela ofegou audivelmente antes de confirmar com o lábio entre os dentes.

- Vou pedir ao Gary para ficar de olho no Ty.

- Não precisa. - falei rápido demais por um motivo que eu não soube explicar - Já pedi a Marise para fazer isso. Ela virá a noite.

- Que horas é o jogo?

- Logo, logo. - verifiquei no relógio.

- Bem, ele já está pronto.

- Tudo bem. - eu não saberia dizer se a pergunta que rodava em minha mente estava nos afastando ou se havia algo realmente errado com o clima entre nós. Quase como se ela, assim como eu, estivesse evitando uma pergunta delicada.

Eu estava cansado de *joguinhos*. Mas o receio de magoar Dominique ou afastá-la era maior que meu cansaço.

- Ty! - chamou, tirando seu pequeno casaco de cima do sofá - Está na hora, deixe o cachorro, vai estar aí quando você voltar.

Uma batida apressada na porta e eu hesitei.

- Está esperando alguém? - apontei na direção da entrada e Dominique sacudiu a cabeça negativamente.

- Talvez seja o Gary. - deu de ombros.

Marchei até a porta decidido a perguntar "*quem era*" com um tom de poucos amigos e a demorar segundos demais para abrir e porta e deixá-lo entrar. Impor um tom formal entre nós e deixar claro que aquela era minha família.

Era patético como eu estava completamente perdido naquela situação: entre *ir devagar* no meu relacionamento com Dominique, descobrir tantas coisas sobre os últimos anos e meu desespero com a maldita escuta, eu ainda encontrava tempo para ser ciumento.

Mas o que eu vi do outro lado do olho mágico me fez abrir a porta imediatamente.

- Odele? - a babá tinha pouco mais de quarenta anos, olhos cinza, muitas sardas e longos cabelos castanhos presos em um coque apertado.

- Senhor Baxter, sinto muito ter vindo até aqui. - ela trazia Hyatt pela mão. Com seu cabelo loiro muito escuro escovado e bem penteado, as bochechas rosadas e os olhos negros. Tinha os lábios apertados em uma eterna birra - Seu motorista me disse que...

- O que houve, Odele? - um toque no meu ombro. Dominique estava na porta ao meu lado, assistindo a cena com a pergunta estampada no olhar.

- A senhora Baxter deveria voltar para casa... É meu dia de folga. - levantou os ombros em um sinal de desculpas. - Mas ela não apareceu e não atende o telefone. Não havia ninguém com quem eu pudesse deixar o pequeno. - indicou Hyatt com o olhar - E eu esperaria, senhor Baxter, mas... Meu tio está no hospital, gostaria de vê-lo e é meu único dia de folga.

E eu sabia exatamente o que estava acontecendo.

Elizabeth tinha desaparecido de propósito. Estava usando a criança para me causar problemas.

Maldita fosse.

Gregory estava trocando o peso de pé. Eu sabia que ele tinha essa mania, mas sinceramente, estava começando a me irritar.

A cena era autoexplicativa de um modo tal que eu sequer precisei fazer qualquer pergunta

- Maise está de folga esta tarde, Odele - Gregory estava pegando o celular no bolso traseiro - vou precisar dela a noite e por isso ela saiu. Eu... Deixe-me tentar falar com ela.

- Talvez se o deixarmos na casa de algum amigo. - baixei os olhos para o garoto magro que a babá trazia nas mãos.

Seu queixo era duro e seu olhar era baixo. Encarava o chão como se o detestasse.

- Sei que a senhora Eleanor não o receberia assim sem aviso. - ela continuou.

- Vou tentar falar com Maise, ou então conseguir uma babá. - Gregory estava discando números no telefone em tentativas frustradas de se comunicar com alguém.

E eu não conseguia tirar os olhos do garoto.

Ele parece o meu Ty.

Pequeno e magro.

Mas sem vida no olhar. Não parecia ter qualquer alegria ali.

E por que deveria? Tem que ficar aí parado na porta de uma estranha em pleno sábado enquanto escuta adultos tentarem se desfazer dele.

- Eu fico com ele. - decidi.

Gregory e Odele me observaram como se eu tivesse acabado de decidir cortar meu tórax com uma faca de cozinha e realizar um transplante de pulmão em mim mesma.

- O que foi?

- Ahm... - Holt passou a mão nos cabelos confusos. Não tinha usado gel hoje de novo e eu não conseguia me lembrar se tinha lhe pedido para fazer isso ou se tinha sido espontâneo - Hyatt é complicado, Dom. - sussurrou.

Hyatt.

Parabéns, Eleanor! Parece que você conseguiu um neto com o nome que queria.

- Complicado? - levantei uma sobrancelha descrente e ele me puxou para o canto pelo cotovelo.

- É... ele é uma criança... Não é *fácil* como Ty.

- *Fácil como o Ty?* Que você conhece há 48 horas? Eu fico com o menino, Greg. Ou você cancela o jogo de basquete.

- Já prometi ao Ty... - coçou a cabeça, com raiva - Isso é culpa de Elizabeth! - rugiu.

- Sh! - mandei - Não importa. O garoto está aqui, agora, e não é culpa dele.

Gregory mordida o lábio e eu quis lhe dar um tapa na testa.

- Não consegue mais um ingresso? - sugeri - Pode levar os dois.

- A essa hora? Não. - suspirou - Você vai com o Ty. - resolveu - Eu encontro vocês depois.

- Não. Greg! Se quer ir ao jogo com o Ty, vai ao jogo com o Ty. - sorri com obviedade - Eu fico aqui com o Hyatt. Ou o levo para dar uma volta.

Ele ofegou uma risada sarcástica como se quisesse deixar claro que eu não sabia no que estava me metendo.

- Gregory! Vai ser assim como eu disse. Odele! - virei-me para a moça na minha porta - Obrigada por ter trazido o Hyatt até aqui, eu queria mesmo conhecê-lo. Olá, rapaz. - coloquei as mãos nos joelhos e deixei que ele me observasse. Enrugou a testa como se não tivesse decidido ainda o que fazer comigo - Parece que eu e você vamos dar uma volta hoje.

Com o cartão de crédito de Gregory Baxter-Holt na bolsa, eu e Hyatt fomos a uma loja de brinquedos com andares demais. A ideia foi do pai do menino e eu logo percebi que não devia ter confiado nas habilidades parentais de outra pessoa.

Aquilo foi uma péssima ideia.

Hyatt parecia já ter metade das coisas da loja, e a metade que ele não tinha, *queria* desesperadamente.

Soltava minha mão com frequência, empurrava pessoas sem pedir licença, falava alto demais, fazia birras desnecessárias e, assim de repente, minha paciência estava acabando.

Vou gritar com o neto de Eleanor. Perfeito. Mais um ponto contra mim na cartilha dela.

Não sou a favor de surras nem gritos. Nunca criei Ty assim.

Mas acho que crianças precisam de disciplina. Precisam que você se abaixe, olhe nos olhos dela e fale em um tom imponente que elas precisam te obedecer porque são pequenas miniaturas de seres humanos que ainda não conquistaram o direito de fazer as próprias escolhas.

Hyatt, no entanto, parecia nunca ter ouvido um discurso parecido.

- Quero esse também! - voltou agarrado com um helicóptero de controle remoto imenso e que parecia pesar quase tanto quanto ele.

Ele estava se comportando muito mal e não me pareceu correto recompensá-lo.

- Coloca na sua lista e lembre-se de pedir aos seus pais. - avisei. Levantou os olhos para mim como se eu fosse sua empregada.

- Meu pai te deu o cartão dele.

- E? - desafiei.

- E ele mandou você vir aqui me dar o que eu quisesse. - ele não bateu o pé no chão, mas a birra foi tão caricaturesca que daria no mesmo se tivesse batido.

Mandou?

Ah, Hyatt. Acho que tem uma coisa ou duas que você precisa aprender a meu respeito.

- Ele não mandou, garoto. Ele *sugeriu*. E eu resolvi não seguir a sugestão.

- Mas você TEM que fazer o que ele mandou! - agora o pé foi terminantemente enfiado no chão em uma minúscula arrogância que era risível. Ele deveria estar muito acostumado a ver as ordens do pai serem imediatamente acatadas.

- Quer apostar? - sorri.

Ele rosnou guturalmente e eu soube que um pequeno episódio se formaria.

- EU QUERO! - berrou, furioso - Quero agora! - agarrou o helicóptero mais uma vez.

- Pois então vai ter que roubar. Porque eu não vou pagar.

- Meu pai mandou você comprar! Ele mandou! Se você não obedecer, ele demite você! - sua voz fina se tornava cada vez mais elevada e mais aguda.

Estava ali uma criança que precisava de limites.

Era cômico e foi por isso mesmo que eu ri. Minha risada, no entanto, teve um efeito inesperado: acho que em seus longos poucos anos de vida, Hyatt estava muito acostumado a encher as pessoas de medo, receio e impaciência. E era assim que ele sempre conseguia o que queria.

Sentou-se no chão e gritou, agarrado ao brinquedo. E eu esperei que seu oxigênio acabasse.

- Acabou? - perguntei quando ele parou para inspirar.

Voltou a gritar quase imediatamente e eu esperei com uma calma budista.

Os olhares que os outros clientes na loja lançavam para nós dois deixou bem claro o que deveria acontecer: a criança gritava e a alta sociedade em suas joias e casacos caros deveria encarar

Elizabeth com reprovação e ela, para calar sua cria, prontamente lhe enfiava nas mãos tudo o que quisesse.

E foi assim que Hyatt aprendeu a pensar: gritos eram iguais a brinquedos. Era uma matemática bem fácil para uma criança aprender e ele logo se tornou fluente naquela lógica.

Se fosse meu filho, eu teria tempo para acalmá-lo. Eu o levaria para casa e ao longo da vida faria seu comportamento mudar.

Mas eu só tinha poucas horas com Hyatt e não estava pretendendo passa-las ouvindo seus gritos afiados.

Uma terapia de choque se fez necessária e eu não pensei duas vezes.

Me ajoelhei perto dele e gritei junto, atraindo olhares nervosos das pessoas ao redor.

Ele se calou, assustado, com os pequenos olhos escuros arregalados para minha insanidade.

- Quer ver quem grita mais alto? - perguntei quando notei que tinha sua atenção - Porque eu acho que eu ganho.

- Algum problema? - o segurança da loja se aproximou atrás de nós.

- Não. - respondi ainda no chão - O cavalheiro aqui - indiquei Hyatt com um gesto rebuscado - quer o helicóptero e eu disse que não vou dar. Ele está planejando um grande assalto a loja. Será que o senhor poderia explicar para ele o que acontece com pessoas que saem sem pagar?

O segurança esboçou um sorriso diante da minha abordagem pouco convencional, mas logo retornou a sua postura formal.

- Eu teria que detê-lo e chamar a polícia. - exagerou na seriedade.

- Hm... - balancei a cabeça, observando o filho de Greg de soslaio - Ele teria que ir para a delegacia, não é?

- Provavelmente.

- Mas não se preocupe. - dei dois tapinhas na caixa do helicóptero - Eu sou advogada. Encontro você lá na delegacia e a gente tenta resolver.

Hyatt me encarava como se eu fosse a mais esquisita criatura que ele já tinha encontrado na vida. E eu provavelmente era.

- Vai lá. - indiquei o caminho para a saída com a mão e dessa vez o segurança riu - Você é leve. Acho que consegue correr bem rápido. Quem sabe tem uma chance.

O garoto não desviava o foco, não pude deixar de imaginar que ele estava esperando que eu começasse a rir, confessasse que era uma piada e tirasse o cartão de crédito da bolsa para lhe dar o que quisesse.

- Resolveu? - ele se sobressaltou como se estivesse estalando para fora de seu transe temporário - Porque eu tenho um compromisso, não posso te esperar o dia inteiro.

Suas mãos gananciosas relaxaram devagar, abandonando a caixa e eu a tomei de volta, recolocando-a na prateleira.

- Você é meio doida. - observou baixinho como se temesse que eu voltasse a gritar.

- *Meio?* - ri - Vou considerar isso um elogio. - ofereci a mão para ajudá-lo a se levantar e ele a aceitou.

- Para onde a gente vai? - perguntou resignado.

- Para um lugar com pessoas ainda mais doidas do que eu. Vem. Você vai adorar.

Amarrei Hyatt no cinto de segurança e assumi a direção, nos levando através das ruas movimentadas até o meu velho bairro. Acho que era a primeira vez que o garoto saía de uma loja de brinquedos sem levar nada.

Ia lhe fazer bem...

- Como está a escola? - perguntei quando nos afastamos do centro, percorrendo vias mais tranquilas.

- Por que você quer saber?

- Foi só uma pergunta, garoto. Não seja mal educado.

Podia vê-lo pelo reflexo do retrovisor do meio. Sentado na cadeira elevada como se fosse um trono.

Filho de Elizabeth criado sob os mimos de Eleanor.

Coitado...

E Gregory nem sequer parecia reagir.

Eu fazia uma boa ideia do motivo.

- É legal. Eu acho.
- Do que você mais gosta?
- Sei lá. - levantou um ombro - É a melhor escola do país.
- Você fez uma pesquisa, foi? - ridicularizei o argumento prepotente que ele, seguramente, tinha escutado em algum lugar.
- Não. - espremeu os lábios naquele bico interminável - Mas ela é.

- E por quê?
- Por que o quê? - reclamou, irritado.
- Por que é a melhor escola do país?

Olhou pela janela ganhando tempo enquanto tentava lembrar qual deveria ser a resposta.

- Não sei. Tem a ver com dinheiro. A escola tem muito dinheiro.

- Hm... entendi. - balancei a cabeça - Você já ouviu falar em Nelson Mandela?

- Não.

- Ele era um cara bem humilde, de um lugar bem pobre. Tentou mudar seu país e melhorar a vida das pessoas. Foi até preso por causa disso. Mas ele nunca desistiu. E no fim, ele virou presidente do seu país e salvou muita gente.

Seu reflexo me observava esperando o fim da narrativa.

- Ele não era rico. Não tinha nenhum dinheiro. Só o que ele tinha era determinação. E ele foi um homem incrível. Um dos *melhores do mundo*.

- O Batman é rico. - lembrou com simplicidade.

- O Homem-Aranha não.

- Homem de Ferro! - tinha um sorriso se formando nos seus lábios. Ele queria transformar a brincadeira em uma competição.

O único problema do pequeno Baxter é que não tinham explicado pra ele que Dominique Thoen não perde.

- Capitão América, Hulk, Superman...

Seu sorriso se formou enquanto ele considerava.

- Meu pai é rico.

- É verdade. - dobrei o lábio - Sabe... eu conheci seu pai quando ele não trabalhava na empresa da família. Ele ganhava um

bom salário e levava uma vida simples.

- E ele era poderoso?

Tinha algo no seu timbre que me lembrava Eleanor.

Poderoso não me parecia uma palavra que um rapaz da sua idade usaria para descrever alguém. Nem mesmo meu Ty que tinha neurônios mais animados que os meus.

- Ele era um homem bom. Esforçado, determinado, honesto. Ele ainda é. - engoli em seco - Mas parece que está fingindo não ser.
- acrescentei só para mim.

Tinha se transformado no boneco de Eleanor, trabalhando demais, ignorando uma criança inocente, aceitando todo o veneno que lhe ofereciam e se enfiando em um casamento de aparências.

Era possível que eu tivesse esse efeito nele e que tudo isso fosse sofrimento pelo que ele achou que eu tinha feito? Ou será que ele apenas tinha se transformado em outra pessoa?

Estacionei o carro na rua e desamarrei Hyatt.

Ele me deu a mão e pulou para a calçada.

- Onde a gente está?

- Está vendo ali? - apontei - É a antiga casa do seu pai.

- AI MEU DEUS! - uma voz distante exclamou descrente e nós nos viramos - Ai. Meu. Deus! - Madeleine tinha as mãos na boca quando correu para nós, deixando para trás a mangueira ainda escorrendo água - Dominique!

- Olá, Madeleine! - ela me envolveu com seus braços e eu tive que rir

- Onde você esteve? Ah! - abaixou-se para verificar Hyatt - Como vai?

- Quem é você? - torceu o nariz para a animação da estranha.

- Dá pra ver que é seu filho. - tinha um sorriso sarcástico no rosto quando apertou meu braço - Tem a mesma delicadeza.

Eu ia explicar quem ele era e fazer as introduções. Mas algo pesado me envolveu com força, me fazendo quase perder o equilíbrio.

- Eu sabia que você ia voltar! - Andy estava agarrada comigo me fazendo rir ainda mais.

- Greenpeace! - passei meus braços pela sua cintura, abraçando-a de volta - Ouvi dizer que você saiu fofocando sobre minha vida por aí!

- Você é maluca, sabia? Por que fez isso? Devia ter... ah... oi! Interrompeu suas críticas infinitas para cumprimentar Hyatt.

- Como vai?

- Bem. - decidiu responder.

- Ele não parece muito com você. - Andy decidiu.

- Ah, é porque você ainda não viu como é delicado. - Madeleine acrescentou e eu mandei elas se calarem.

- Não é meu filho. É filho do Gregory.

As duas piscaram para mim, em silenciosa sincronia, como se tivessem saído de um desenho animado.

- Thoen, diz pra mim que o pai sabe que você está com o menino.

- É, Andrea. - Revirei os olhos - Sequestrei a criança. - respondi cheia de sarcasmo - Gregory está com Tyler, agora. Hyatt aqui ficou comigo.

- Tyler é o filho? - Madeleine virou-se para Andy - Porque eu estou confusa.

- Não sei. - admitiu - As coisas com Dominique são sempre muito complicadas.

- Eu estou bem aqui. Posso ouvir vocês duas, sabia?

- É parte da graça! - Andy enlaçou o braço no meu - Falar mal de você por todos esses anos que não esteve aqui foi bem pouco emocionante.

- Imagino!

- Mas vem! - me puxaram - A gente precisa ouvir a história toda.

- E a tradição mandar que a gente coma biscoitos.

- Biscoitos? Mas eu achei que o Thierry...

- Ele não detinha os direitos autorais de toda a produção de biscoitos do mundo, Dom. - sorriu, saudosa - Os meus não são tão bons mas vão servir.

Os pequenos drones sobrevoavam o estádio liberando cupons de brindes na plateia. Os lugares que eu consegui eram praticamente na quadra e, embora Ty tivesse achado a localização espetacular *durante* o jogo, sempre que o intervalo era anunciado e os pequenos aparelhos voadores entravam em ação, ele ficava ansioso para que se aproximassem. Mas eles se distanciavam mais e mais, sobrevoando os assentos mais elevados.

- Está precisando de alguma coisa? - eu tinha plena noção de que essa pergunta já tinha sido repetida umas oito vezes. A cada intervalo. Mas a repeti ainda assim.

- Não. - agradeceu, voltando sua atenção para o canudo comprido do seu refrigerante.

- Precisa ir ao banheiro?

- Não. - repetiu, sugando o canudo até o copo vazio reclamar e estalar.

- Mais refrigerante?

- Não. Estou cheio. - confessou com um sorriso.

- Está gostando do jogo?

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça e observou a quadra. No canto oposto as animadoras de torcida do time da casa faziam sua animada dança ensaiada. Cocei a orelha buscando algum assunto.

Queria conversar com ele sobre... sobre... *tudo*. E qualquer coisa. Queria que ele saísse do estádio me considerando uma de suas pessoas favoritas no mundo. Mas acho que foi irreal desejar isso.

Éramos completos desconhecidos e íamos precisar de tempo.

- Já pensou em um nome para o cachorro?

- Ainda não. Mas eu acho Euler um nome legal.

- *Euler?* - ri.

- É! Gosto do jeito como pronuncia. Acho divertido de dizer.

- Tudo bem... Onde ouviu esse nome?

- Era um matemático.

- Um matemático. - murmurei - Claro que era. - acrescentei para mim mesmo, levemente impressionado - Gosta da história dele?

- Não conheço muito. Só li o nome uma vez em um livro. Eu pronunciei errado e minha mãe me corrigiu.

- Hmm... Como escreve?

- E-u-l-e-r. - soletrou.

- Alemão, não é?

- Isso! Ela me explicou que o "eu" pronuncia como "oi".

- Sua mãe é muito esperta.

- Ela só finge. - riu e eu gargalhei com força.

- Não deixa ela te ouvir dizendo isso!

- De jeito nenhum! - arregalou os olhos em um pânico contido e eu o puxei para um abraço desajeitado - E ela não fala alemão. - acrescentou.

- Eu sei. Quer dizer... ela não falava. Faz tantos anos que... - engoli em seco, passando a mão nos cabelos. Tyler levantou o queixo para me observar melhor e esperou que eu concluísse o raciocínio. Baguncei seus cabelos arrepiados e sorri.

- Você também não vai me contar, não é? - expirou, desistindo.

- Contar?

- É... contar a história complicada que fez vocês ficarem sem se falar.

- Sua mãe acha que você ainda é muito novo. E eu concordo.

- Tá, tá. Acho que tudo bem. - deu de ombros - Já me acostumei com não poder saber de nada.

Seu comentário o fez soar como um homem muito velho e cansado, gerando uma risada involuntária no peito.

- Mas que tal se eu responder outras perguntas? - sugeri e ele voltou a prestar atenção em mim. Parecia curioso e ter seu interesse em mim me encheu de uma súbita animação - É! Vamos lá. Qualquer coisa que não envolva esse assunto que sua mãe acha que você não está pronto. Por que não me pergunta algumas coisas?

- Qualquer coisa? - desafiou.

- Qualquer coisa. - decidi.

- Certo. - ele se virou de lado na cadeira para me olhar de frente, divertindo-se com a *brincadeira* - O que você faz da vida?

- Sou presidente da empresa da minha família.

- E o que ela faz? A empresa?

Seus olhos verdes tinham uma mistura única de desconhecido com familiaridade. Suas perguntas eram rápidas e objetivas, como uma entrevista de emprego. *A entrevista de emprego mais importante da minha vida.*

- Várias coisas. Mas o ramo principal de atividade é hospitais e a indústria farmacêutica.

- Então você é dono de hospitais e faz remédios?

- Basicamente.

- Você é médico?

- Não. Advogado. Com especialização em administração.

- Por que não fez medicina já que ia trabalhar com hospitais e remédios?

- Bem... - eu estava rindo - Porque eu não faço as pesquisas nem trabalho diretamente nos hospitais. A minha parte é mais administrativa.

- Como a minha mãe.

- O que quer dizer?

- Ela também é advogada, mas só trabalha com umas coisas de administração.

Um nó rígido se formou em minha garganta.

Ela mudou de nome... teve que abandonar toda sua carreira por causa do que aconteceu.

Não importava o quanto eu tivesse sido infeliz nos últimos anos, bastava um comentário e eu me lembrava que Dominique sofreu complicações bem piores.

E com uma criança para cuidar.

- Ela também trabalhava com administração?

- Acho que sim. Ela nunca me explicava direito.

- Vocês moravam em Paris, não era? Você gostava?

- Gostava. Meus vizinhos eram legais. Mas minha mãe me trocou de escola. - sua voz ficou miúda e tímida - Eu não gostava muito da escola nova.

- Por que não?

- Os meus colegas de sala eram... *sei lá...* chatos. Mas minha mãe disse que isso aconteceu com ela também e que eu tinha que

ignorar.

- Ela está certa. Pessoas assim não merecem atenção. Você fez como ela disse?

- Não... acho que não sou tão bom em ignorar as pessoas como ela. - riu, discreto - Minha mãe sabe se cuidar. Ela fica bem sozinha.

Levantou um olhar cuidadoso para mim, como se me testasse.

- Não tenho dúvidas.

- Ela não gosta muito de ter namorados. - ensaiou um tom casual mas eu poderia ouvir a falsidade a quilômetros de distância - Ela não gosta muito de ninguém, na verdade. Ela prefere que fique só nós dois.

- Hmhum... - mantive meus lábios pressionados sem saber exatamente como responder àquela situação.

- Você tem um filho, também. - o modo como ele mencionou aquilo sem referir a si mesmo me doeu em um lugar muito fundo - Acho que a casa da gente fica muito cheia, sabe? - balançou a cabeça como um adulto - Minha mãe não gosta de muita gente.

Ciúmes.

Dom levou Hyatt para sair e ele ficou com ciúmes. Eu sou um desconhecido e ele estava preocupado que entre eu e Hyatt, sua mãe não fosse mais ter tempo para ele. O que era um absurdo, mas...

Mas eu tinha zero experiência com crianças. Ou algo bem perto disso.

Eu sabia mandar. Sabia decidir. E sabia impor limites. Raras vezes, era verdade. Mas o pouco de limites que Hyatt possuía era graças a mim, enquanto Elizabeth se abstinha completamente dessa parte.

Como eu poderia dizer para ele que seus ciúmes eram desnecessários? Não haveria qualquer divisão ali, apenas adição.

- Ty, ninguém nunca vai substituir você para a sua mãe. - comecei, tentativamente.

O juiz apitou o início do jogo e ele resmungou que sabia. Mas eu tive certeza que não sabia.

O mais interessante foi ver Hyatt brincando com os moleques da rua. Ele resistiu no começo e alegou medo de se sujar e ficar doente. Mas eu joguei uma mão de terra nele e o medo foi embora. Logo ele estava correndo pela rua, até ficar vermelho e suado. Sentou para comer biscoitos e se deixou abraçar por Andy e Madeleine.

O garoto não era difícil.

Ele só precisava de atenção e limites. E algo para diminuir aquela sua arrogância. Não demorava muito tempo até ele externar mais uma opinião pedante que só poderia ter sido gravada de discursos da sua mãe ou avó.

Foi bom que só tenhamos passado pouco menos de duas horas, ou eu suspeito que as outras crianças da rua começariam a jogar terra nele também, e não com a mesma intenção que eu.

Marise chegou dois minutos depois de nós. Sorriu satisfeita quando mandei Hyatt tomar banho e separei umas roupas de Ty para ele vestir. O garoto ainda tentou me contradizer e queria assistir desenhos antes do banho. Mas ele não demorou para entender que quem mandava era eu. Pelo menos ele era esperto. Isso ninguém poderia negar.

Atendi a campainha achando que seria Holt quem eu encontraria a porta.

- Olá, Gary.

- E para onde fomos hoje? - rabugento.

- Não sabia que lhe devia satisfação.

- Dominique... Eu tento ficar de olho em vocês, mas você não colabora.

- Relaxe, Zahner. Eu só fui visitar uns amigos.

- *Uns amigos?* Você esqueceu por que nós estamos aqui?

- Não sou idiota. - rosnei.

- Mas parece que é! - devolveu - Você esqueceu o que aquela mulher fez? - gesticulei para que ele se calasse, mas ao invés disso apenas reduziu o volume - Esqueceu do que ela é capaz? A escuta, Dominique, precisamos que você coloque a escuta no escritório de Baxter.

- Não vou fazer isso.

- A gente precisa de provas contra aquela mulher.

- Não foi esse nosso acordo, Zahner!

- Não! Nosso acordo foi que você viria até aqui e Walton te ajudaria a conseguir sua vida de volta se você nos ajudasse a pegar a matriarca Baxter. E bem! - riu regurgitando sarcasmo - Você está aqui, está advogando em uma boa empresa e *confraternizando com o inimigo*.

- Ora, cale-se! - reclamei.

- Mas é isso que está fazendo! Não foi para isso que te trouxemos até aqui!

- Você age como se quisesse me proteger, mas eu vejo suas intenções, Zahner. Ao contrário do que pensa, eu não sou idiota. Você... Você e Walton só querem me usar.

- E você quer me dizer que não quer se vingar da mulher? De verdade? Estou decepcionado, Dominique.

- Não tente me manipular, não vai conseguir.

- Não estou nem tentando, meu bem. - rosnou com os dentes semicerrados - Mas você está deslumbrada demais com o *príncipe encantado* e parece ter esquecido como foi longa a *estrada de tijolos amarelos* que te trouxe até aqui.

- Não esqueci de nada, acredite. Só não aguento você respirando no meu pescoço o tempo inteiro.

- Achei que era o que você queria.

- Eu estava com medo de Eleanor... antes. Mas agora, aqui...

- Não parece real, não é? Esse é o pior tipo de perigo, Dominique. Quando ele se disfarça.

- Seu hipócrita! Foi você mesmo quem disse que Eleanor não faria nada contra nós enquanto durasse a auditoria.

- Disse que ela não te *mataria* enquanto durasse a auditoria, porque seria arriscado demais. E ela nunca foi imprudente por um único dia na vida. Mas nunca disse que ela não faria *nada*.

- Talvez Gregory tenha mudado. Talvez ele possa ajudar.

- Puta que pariu. - levou a mão aos cabelos escuros. Os músculos dos seus braços se contraíram na camisa colada e o excesso de sexo que tinha me impregnado nos últimos dias fez com

que eu me perdesse na linha daquele bíceps. Por meio segundo - Nunca achei que você fizesse o tipo de mulher apaixonada que perde a razão.

- Não seja melodramático. - revirei os olhos.

- Estou sendo realista. Apostei todas as minhas fichas em você e agora ficou doida.

- Nada mudou. Eu disse que ia conseguir uma pessoa que teria informações, não disse?

- Disse! Mas eu não imaginei que era Gregory Baxter.

- E não é! Mas eu preciso de um tempo.

- Não temos tempo!

- Pois arranje!

A campainha tocou e dessa vez, pelas vozes no corredor, Gregory tinha voltado com meu filho.

- Tudo bem, Thoen. Faça do seu jeito. Só espero que não se esqueça do perigo.

- acredite. Eu sei muito bem sobre o perigo.

Ele sacudiu a cabeça como se não acreditasse em nenhuma de minhas sílabas.

- O problema é que eu tenho o mau hábito de proteger pessoas que acham que entendem mais do perigo que as cerca do que eu.

- Eu consigo me virar, Zahner.

- Pois então, se vire.

Abriu a porta e o sorriso de Holt se transformou em uma carranca irritada.

- Entrem, entrem. - Zahner convidou e eu vi Gregory inchar como se fosse explodir - Eu já estava de saída.

- Oi, Gary!

- Oi, pirralho! - Bagunçou os cabelos de Ty e cumprimentou Greg com um olhar no seu caminho para fora.

Ty me abraçou contando palavras confusas sobre o jogo e correu atrás do cachorro.

- Eu não conheço seu amigo, mas não acho apropriado ele chamar nosso filho de *pirralho*. - resmungou.

Eu ofeguei exagerada.

- Não é uma ofensa, Gregory.
- Só estou dizendo que não acho apropriado, Dominique. -
sua mandíbula estava travada daquele jeito que...

- Pare de ficar com ciúmes do Gary.

- Não estou com ciúmes - mantive meus olhos sorridentes nele, esperando que terminasse de mentir - Só não... - espremeu os lábios - Eu não... Ah, merda. - desistiu, esfregando os olhos - Pode me culpar?

Beije sua bochecha.

- Ainda vamos sair? - perguntou.

- Marise já está aí. Hyatt está no banho. Me dê só um minuto para trocar de roupa e cantamos o parabéns antes de sair. E... - ele segurou minha mão casualmente. Apertei seus dedos de volta - Quero te dar uma coisa antes de sairmos.

- É? - sorriu safado - O que é?

- Controle-se, Holt. - avisei e ele riu mais alto - São os documentos que você me deu. Eu li tudo e assinei. Tudo pronto.

Seu sorriso se alargou além de qualquer limite e ele sequer precisou responder.

Seu sentimento estava estampado bem ali naquele sorriso.

O restaurante era discreto e íntimo. Nada obscenamente luxuoso e eu fiquei grata a Holt por sua escolha. A mesa quadrada era estreita de modo que era quase impossível cruzar as pernas sem que alguma parte delas tocasse nele. O ambiente era romântico e a presença exclusiva de casais ao nosso redor deixava claro que aquele não era um local dedicado ao lazer familiar e sim a discreta sedução. A iluminação era baixa e agradável, a música era delicada e envolvente como um blues reconstruído. Talheres elegantes e prateados pendurados por ínfimos fios, caindo do teto em camadas, agrupados de modo que a luz refletisse neles e brilhasse. Havia algo na decoração de madeira e tons azuis que fez com que eu me sentisse no fundo do mar.

O cardápio começava com uma seleção de frutos marinhos e eu percebi que o estilo do lugar era, de fato, proposital.

- Dom? - Greg chamou minha atenção para alguma pergunta que ele tinha feito e que eu sequer tinha ouvido.

- O que foi?

- Está distraída? Perguntei se vai querer beber alguma coisa.

- Só uma água, por enquanto. E não... estava só olhando o lugar e... Como foi com Ty hoje?

- Devolvi ele inteiro, não foi? - piscou um olho - Acho que não precisa ficar com medo.

- É. Mas ele estava muito silencioso. E mal terminou de comer a fatia de bolo. Aconteceu alguma coisa?

Ele ofegou profundamente, me fazendo cravar os olhos nele como em uma presa.

- Holt? O que fez com meu filho?

- Calma. Nada. - assegurou rapidamente - Mas acho que ele pode estar com ciúmes.

- De quê?

- De você. Por minha causa e por causa de Hyatt. Ele quis deixar bem claro que você não estava interessada em ter mais ninguém na sua vida, no momento.

Meu lábio se dobrou em um sorriso. Tyler era o meu *pequeno protetor*. Embora eu nunca tivesse precisado de ninguém para cuidar de mim, ele sempre fazia questão de insistir.

Alguns minutos de um silêncio pesado se seguiram enquanto analisávamos o cardápio. Assim que o garçom se foi depois de anotar nossos pedidos, voltei o olhar para Gregory do outro lado e ele... desviou o olhar. Engoliu em seco. Encarou a costura do guardanapo por um segundo e...

- O que foi?

- Han?

- Não seja dissimulado, Greg. Me chamou aqui hoje porque queria conversar sobre alguma coisa e seja lá o que for, está te engolindo vivo.

- Tudo bem. - bebeu um gole de água e passou a mão no pescoço como se estivesse folgando uma coleira invisível que o sufocava - Ty me disse a verdade? Você não tem interesse em ter alguém na sua vida?

- Achei que tínhamos combinado que íamos fazer isso devagar.

- E tínhamos.

- Achei que você tinha dito que ia esperar o tempo que fosse necessário.

- E eu disse.

- E menos de uma semana depois já mudou de ideia?

- Eu não... Ah! - soltou o guardanapo em cima da mesa, me deixando notar que ele estava irritado - Droga, Thoen!

- O que foi que eu fiz? - reclamei.

- Por que você precisa ser impossível?

- *Impossível?* Acabei de assinar um documento te dando direito a metade da pessoa mais importante que eu tenho na minha vida, Holt. Dias após ter resolvido um problema que durou anos. Acho que estou sendo até *razoável* demais.

- Você me ama. - suspirou, havia intensidade na sua voz - Sei que me ama. E eu te amo. Então, por que ir devagar?

- Porque não quero magoar o Ty e...

- A gente não vai se separar de novo.

Uma risada sarcástica escapou dos meus lábios, eu só percebi quando era tarde demais e Holt tinha os olhos estreitos me observando.

- O que quer dizer com essa risada?

- Quero dizer que você é imprevisível. Aliás... imprevisível, não. *Manipulável*.

- Está me ofendendo.

- Obrigada. Foi minha intenção.

- Quer me ofender? - perguntou com descrença - Quando eu digo que te amo? - enfiou o indicador na toalha de mesa. - Quando eu digo que não quero desistir disso? Quando digo que não vou mais magoar você e Ty? - Não havia romance nas suas palavras. Na verdade, havia um pouco de raiva e *muito* rancor - Você simplesmente ignora tudo que eu digo e resolve que não vai confiar em mim?

- Já experimentei confiar em você outras vezes e olha para onde me levou.

Ele travou a mandíbula como se estivesse prendendo palavras na garganta. Pareciam ser palavras que estavam entaladas fundo nele há muito tempo e que talvez ele nem soubesse que as carregava. Mas algo no nosso breve diálogo inicial fez abrir as comportas e pelo modo como me olhou e inspirou, irritado, eu soube que, agora, eu ia ter que ouvir.

Vamos lá, Greg. Diga.

- E quando foi exatamente que você confiou em mim? Quando engravidou e não me contou? Quando resolveu abortar seja lá por qual... - encarou o teto levando as mãos ferozes às têmporas - Por que merda de motivo! E aí não me contou? E foi até a clínica? E desistiu, verdade! Mas não me falou nada! E aí escuta essa proposta obscena da minha avó, arruma as coisas e foge do país! Sem me dizer nada. - deu um murro curto na mesa.

- Era sobre isso que você queria conversar? Lavar roupa suja? Porque se for, acho que era melhor fazer em um local mais reservado, não?

- Vamos fazer isso agora.

- Não manda em mim, Gregory.

- Merda, Dominique.

- E veja como fala!

- Você me acusa! Me acusa de não confiar em você e me culpa por ter sofrido todos esses anos. E agora não quer acabar com essa bobagem de ir devagar porque acha que não pode confiar em mim. Mas quando foi que você me deu uma chance?

- Sabendo como se sente, acho que *ir devagar* seria o melhor cenário. No momento, estou pensando em não *ir* a lugar nenhum. - expliquei, sugestiva - A não ser de volta para minha casa.

- Viu como você é impossível?

Seu escárnio enfiou uma agulha na minha alma e agora as palavras que eu também guardava no meu subconsciente estavam querendo sair.

- Sua avó maldita tem seu belo pescocinho enrolado em uma coleira de diamantes. Ela faz com você o que quiser e você segue.

- Não é assim! Eu só não cortei relações, Dominique! E porque ela era minha família! Porque eu queria preservar o que

restava e sabia que ela era uma mulher difícil de lidar, mas como você acha que teria sido, Dom? Acha que teria me dito que ela tinha te oferecido dinheiro para abortar e eu diria: *"ah, sim, excelente ideia, por favor, faça isso?"* Ficou doida?

- Ela tem um hábito de te convencer a fazer o que ela quiser. Como eu poderia ter certeza do que você ia fazer?

- *Como poderia ter certeza?* Porque eu te amo, sua perturbada! Porque eu sempre te amei e sempre deixei isso muito claro.

- Quando a gente ficou junto pela primeira vez... Você me acusou de te trair, não se lembra, Gregory? Em mais de uma ocasião.

- Quando a gente ficou junto pela primeira vez, Dominique! Mas quantas vezes eu imaginei algo assim depois? Nenhuma! Nem uma única maldita vez! Eu sempre acreditei em você. Por que seria diferente?

- Porque sempre é diferente quando envolve sua avó! Foi ela que enfiou coisas na sua cabeça e te convenceu que eu não prestava e estava te traindo.

- É. - rosnou, cheio de sarcasmo - E aí eu te abandonei, não foi? Disse que ela estava certa, mandei você embora e esqueci que você existia? Não! - exclamou - Eu fui atrás de você quando *you* fugiu. Eu lutei por nós dois quando você achou que eu não queria. Aliás! - levantou o indicador - Se um de nós dois tem uma postura recorrente em relação a Eleanor, esse alguém é você. - apontou para mim - Você é que tem essa mania horrível de deixar o veneno dela te atingir, não conversar comigo e sair fugindo pelo mundo.

- O que você queria que eu fizesse, Gregory? Queria que eu não tivesse medo?

- Queria que você tivesse conversado comigo no segundo que sua menstruação atrasou. - rugiu rouco - Queria que tivesse me avisado que ia fazer o teste de farmácia. Queria ter esperado o resultado junto com você. Queria ter ido ao médico, ouvir a confirmação. Se você tivesse falado comigo desde o princípio as coisas teriam sido bem diferentes.

- Você não pode saber disso.

- Se você tivesse fugido e eu soubesse que você ainda me amava e estava grávida? Eu tinha te caçado no inferno, Dominique.

- Esse jogo de culpa não vai levar a gente a lugar algum! Então, o que você quer? Quer fazer com que eu me sinta mal? É isso? - tirei o guardanapo do colo e o coloquei de volta na mesa - Porque eu não preciso disso na minha vida. Já tive problemas demais por causa da sua família. - Levantei e fui em direção ao banheiro, controlando minha raiva. No caminho, percebi que algumas pessoas ao redor tinham notado nossa conversa pouco amigável e sussurravam cheias de julgamento.

Estava esfregando a testa, quando senti a mão dele nas minhas costas me empurrando para dentro do banheiro.

- Por que você foge quando a gente está conversando?

Fechou a porta atrás de nós. O banheiro era amplo e tinha três cabines vazias. Liguei uma torneira e passei as mãos úmidas de água gelada pelo rosto.

- Você não estava conversando, estava me condenando, é diferente.

- Nós já concordamos que é tudo culpa de Eleanor, não é? Não estou dizendo que a culpa é sua! A culpa é dela! Eu sei! Mas você precisa parar de pautar nosso relacionamento como se fosse culpa *minha*.

- Que relacionamento?

Ele ficou mudo e rígido.

- Pare. - pediu, com a mão levantada - Só... pare.

- Não confio em você. Pode não gostar disso, mas é verdade!

- Por quê? - gritou - Por que não confia em mim? O que eu já te fiz para não confiar?

- Você não acredita em mim, sabe disso!

- Em relação a quê? O que você já disse que eu não acreditei?

- Qualquer coisa que envolva Eleanor, Gregory, não seja sonso!

- Dominique. - ele juntou as mãos em uma oração e falava em desespero, como se achasse impossível manter uma conversa

racional comigo - Duas vezes por semana você tinha uma história diferente sobre Eleanor.

- E eram verdades!

- Você se atrasou para a festa de aniversário de Meryl e colocou a culpa nela.

- Eu saí do trabalho com tempo de folga e peguei um engarrafamento horrível!

- Porque tinham fechado três ruas no centro para fazer um campo público de observação para o eclipse! Eleanor mandou a Lua cobrir o Sol, foi isso?

- Ela pode ter mandado fechar as ruas. - eu ouvia a insanidade na minha voz, mas já tinha ido longe demais para desistir. - Queria que você tivesse um tempo a sós com Meryl e queria se livrar de mim.

- Eu precisava ignorar. - gesticulou na minha direção como se meu argumento tivesse mais força contra mim do que a meu favor - Ignorava algumas coisas que você dizia sobre ela do mesmo jeito que ignorava *muitas* coisas que ela dizia sobre você. E acredite: ela dizia várias. Eu só estava tentando preservar duas pessoas importantes para mim.

- E como eu poderia saber que você não ia *ignorar* o que eu tinha para dizer sobre ela, de novo?

- Olha, eu sei que sou um cara pacato. Mas eu gosto de imaginar que "*ela me ofereceu dinheiro para abortar*" é o tipo de coisa que chamaria minha atenção.

Era um fato: aquela briga ia se arrastar por dias.

Eu e Holt tínhamos muitos assuntos pendentes e foi insanidade temporária supor que nós poderíamos simplesmente ignorá-los.

O jantar não ia dar certo. Era melhor eu respirar fundo, voltar para casa e juntar forças para a próxima.

Mas pelo menos eu poderia fazer uma coisa antes de ir...

- Você acha que eu tinha tantas opções assim? Por que não fala com Boe? Ele mesmo me sugeriu ir embora. Ele também achava que você ia acreditar na sua avó.

- Isso é entre eu e você, Dominique. Não está ouvindo o que estou dizendo? É sobre a gente confiar um no outro.

Minhas mãos tremiam, quando puxei o celular da bolsa. Eu não tinha qualquer experiência em mentir para Gregory e a mera ideia fazia que eu me sentisse como se o estivesse traindo.

- Vamos, me diga o número de Boe, a gente liga para ele e resolve isso agora.

- Thoen, presta atenção no que eu estou dizendo!

- Vamos, vamos ligar para ele! - decidi. Mas minha voz estava trêmula.

Minha voz nunca era trêmula.

Holt estreitou os olhos e deve ter achado aquela demonstração de fraqueza a coisa mais peculiar que ele já me viu fazer.

- Por que você quer tanto falar com Boe?

- Para provar para você que...

- Você quer contato com Boe para perguntar alguma coisa para ele? - me segurou pelo braço - Foi por isso que voltou para o país? Voltou atrás dele?

Eu queria mandar ele me soltar e gritar alguma ofensa. Mas... Mas era Greg.

Era o meu Greg.

A única fraqueza que eu tinha.

A única fraqueza que eu sempre teria.

Parte de mim o odiava por me colocar contra a parede desse modo, mas havia aquela parte que não descansava e que sempre sabia que as regras que eu tinha para todo mundo, não se aplicavam a ele.

- Isso tem alguma coisa a ver com a escuta?

Eu não sabia dizer se fiquei pálida.

Mas devo ter ficado.

Devo ter ficado translúcida.

- Então foi por isso que você me convidou para jantar? - eu queria ficar indignada, mas, sinceramente... quem eu queria enganar?

- Você não voltou pro país por minha causa. - balançou o dedo no ar devagar como se estivesse fazendo a mais óbvia das somas - E conseguiu um emprego... como conseguiu um emprego como advogada se mudou de nome? Não tem mais seu diploma. Por que quer falar com o Boe? É pelo mesmo motivo que colocou uma escuta na minha sala?

Calma.

- Fiz o quê? - rosnei, aguda e ele hesitou.

- Encontrei a escuta, Dominique. Minha secretária encontrou, na verdade. Tem duas digitais nela. Se eu mandar analisar, uma delas vai ser sua?

Dei um tapa no seu tórax. Com muita força. Mais do que eu pretendia e ele tropeçou para trás. Não chegou a cair, mas levantou os olhos assustado.

- Qual o seu problema?

- Meu problema é que você não confia em mim.

- Ah, meu Deus! - esfregou os indicadores nas têmporas - A gente tem que resolver esse nosso convívio disfuncional, Thoen! Você criou essa realidade alternativa em que eu não confio em você e aí não me conta nada. Por outro lado - continuou, com raiva - Eu fico sem querer perguntar para não te magoar. Para não te dar mais munição pra esse teu delírio de desconfiança. Eu achei que você tinha me traído quando a gente começou a ficar junto - ele estava se exaltando - Eu fui até você e te perguntei. Você disse que "não" e esclareceu. E EU ACREDITEI EM VOCÊ! Eu acredito em você! Eu vou sempre acreditar em você. O problema é que você é MALUCA! Você é uma maluca perturbada e obcecada pela sua solidão! Não sou eu que não sou confiável! É VOCÊ que não quer confiar em ninguém!

- Acabou?

Meu lábio inferior tremia, meus olhos estavam pegando fogo. Eu estava furiosa.

Lembrando daquela noite naquele porto escuro e frio. Dominada pelas dores das contrações.

- *Acabou?* É só isso que você vai me dizer? Me diz, Dominique! Me diz que essa escuta foi um presente de Papai Noel.

Diz que ele te entregou pessoalmente. Diz. E eu vou acreditar em você. Seja lá o que for. Só me conta!

- Que diferença faz? Se você vai acreditar em mim, só acredite agora. Acredite que eu não quis o pior.

- Por que tem que ser assim? Por que eu tenho que confiar em você sem nenhuma prova, nenhuma palavra. Enquanto você precisa de provas de que eu sou confiável a cada meia hora? Por quê?

Travei os lábios e o encarei em um firme silêncio.

Gregory levantou as mãos com ódio, dobrando os dedos na altura do meu rosto. A boca rígida, o olhar feroz, a respiração colérica. Eu achei que ele ia me estrangular.

Mas então, ele enfiou as mãos nos meus cabelos e me beijou.

Não era um beijo doce e comedido. Era um beijo furioso e sufocado. Como se ele quisesse me punir, mas não soubesse como. Prendi seus lábios entre os dentes, lembrando de toda a dor que ele já tinha me feito passar e mordi com força. Holt não me impediu. Ele sabia exatamente o que eu tinha feito e deveria ter um plano bem parecido quando começou a arrancar minhas roupas. Explodi mais um tapa em seu tórax duro e sua mão me segurou por uma das nádegas em um aperto forte demais. Eu reclamei de dor quando ele me virou.

Minha calcinha desapareceu em suas mãos e a mordida ardeu quando ele enfiou os dentes famintos na carne da minha bunda. O tapa atingiu o mesmo lugar e não era apenas uma provocação sensual. Ele me deu um tapa com força, fazendo o impacto estalar na minha pele aquecendo o lugar onde sua mão me atingiu.

Me virei de volta para ele, irritada. Eu não ia apanhar sozinha e rasguei as unhas pelo seu antebraço, vendo os sulcos avermelhados se formando onde minhas unhas passavam e ele gemeu, me espremendo contra a parede de azulejos em diferentes tons de azul. Uma de suas mãos poderosas me segurou pela garganta quando ele me beijou de novo.

- Não está com tanta raiva de mim quanto eu estou de você. - avisou e eu belisquei seu estômago, na altura das costelas, enfiando

meus dedos no seu corpo. Gregory estremeceu em um misto de dor e prazer que eu nunca tinha presenciado antes.

Eu queria gritar com ele. Dar um tapa em sua cara. E depois lhe lambe.

Puxei sua camisa para cima, o desenho de seu abdômen musculoso formava um caminho ao longo de suas entrâncias pélvicas e o rastro de cabelos claros que descia do seu umbigo até desaparecer no cócs da calça me fez ter certeza que eu queria lambê-lo.

Mas hoje, Gregory tinha planos diferentes. Sua mão estava na minha garganta mais uma vez, enquanto a outra me beliscava e apertava, coxas e costas, até se enfiar nos meus cabelos, puxando-os pela raiz como se fosse capaz de arrancá-los todos no calor do tesão. Enfiei as unhas na sua nuca e soltei o beijo para morder seu queixo. Sua respiração entrecortada veio aquecer a curva do meu pescoço assim que se livrou dos meus dentes.

Sozinha naquele cais, em trabalho de parto.

Arrastei as unhas pelo seu pescoço, mordendo suas bochechas lisas.

- Fez a barba por quê, Gregory? - sussurrei maldita - Eleanor mandou, foi?

Ele me puxou pela coxa e me jogou de costas contra uma das cabines, fazendo a madeira escura da porta reclamar. Lambeu minha boca, mordeu minha bochecha e raspou os dentes no lóbulo da minha orelha, serrilhando-o.

- Se você for me provocar, Dominique, vai ser pior.

Sua mão forte tomou meu seio e eu tive certeza que ele iria arrancá-lo. Espremendo carne e mamilo em uma contração poderosa, punindo meu peito sob seu jugo, enquanto a ereção se dilatava em suas calças.

A ligação em desespero e as palavras rudes.

Desci suas calças e fechei o punho ao redor do seu pau com força.

- Pior pra quem? - vociferei - Eu sei me cuidar, *Baxter*. De nós dois, é você quem tem que tomar cuidado.

Aquele pau quente e delicioso espremido nas minhas mãos fez um calafrio atravessar minha espinha. Eu já tinha visto alguns homens grandes no mundo, mas nenhum se comparava a Gregory.

Ele estava chiando a cada novo aperto a que minhas garras determinadas submetiam seu precioso membro. Em um rápido movimento de defesa, ele encontrou meu sexo molhado e aflito, implorando por fricção. Não houve toques píracentos ao clitóris nem lambuzar de dedos. Ele não ia ser delicado hoje e isso já tinha ficado claro.

Quatro dedos. Foi exatamente o que Gregory me deu. Alinhados e enfiados fundo na minha vagina, estimulando terminações nervosas demais. O espasmo que se espalhou pelas minhas coxas deixou claro para ele que eu estava adorando ser seu brinquedo. Ele riu, me empurrando com o ombro, me fazendo perder o equilíbrio até que minha única opção fosse encaixar minhas coxas nele. E elas fizeram isso: gulosas e desobedientes, se esfregando em suas calças.

Chegando em casa sozinha, com um bebê nos meus braços.

Holt enfiava seus dedos em mim e os tremia, me massageando por dentro. Ou me *arranhando* e *rasgando* como seria mais de acordo com suas intenções. Bastava só um polegar e ele estaria enfiando o punho inteiro em mim. Aquele pensamento veio fugaz, mas me deixou trêmula e ofegante desejando que ele fizesse isso.

- Está querendo me punir porque você não quer admitir que é um *filhinho de mamãe*.

- Estou querendo te punir porque você *merece*. - sorriu e dessa vez foi ele quem mordeu minha boca até doer.

- Ah, me perdoe. - seus dedos atingiram um lugar delicado bem no meu osso púbico e eu controlei um grito antes de dizer - Não é *filhinho de mamãe*. - meus dedos estavam nos seus cabelos, puxando os fios finos com o máximo de força que eu podia. Evitando que eles escorregassem entre meus dedos - É o *netinho da vovó*.

Ele fechou a mão e o polegar estava enfiado em mim também. Joguei minha cabeça para trás, gemendo como uma puta,

encarando o teto enquanto buscava um apoio com mãos ou pés para impedir meu corpo de cair.

- Era isso que você queria, não era? - Sua mão me atravessava como um pau muito muito grosso. Estimulando a entrada sensível da minha vagina, me inundando de prazer ao ponto de me fazer revirar os olhos e quase perder a consciência. - Eu te conheço bem demais. Me provocou porque queria que eu te fodesse com meu punho inteiro. Te esmurrando por dentro.

Todas as dificuldades. Toda a solidão.

Minhas unhas estavam no seu peito e no seu ombro. Eu não ia largar. Ia arrancar pele até tirar sangue. Completamente descontrolada de prazer. Urrando como um animal e assistindo ele se deliciar com minha falta de controle.

Um filho que se parecia cada vez mais com ele em uma eterna lembrança.

Mordi seu pescoço e chupei sua pele. Aquele perfume delicioso. Aquela porcaria daquele perfume delicioso. Por que ele tinha que cheirar tão bem?

Tirou a mão de mim, me fazendo despertar.

- Chega. Te sentir com a mão é bom, mas tem outra parte do corpo que te sente muito melhor.

Sua ereção tocou minha pele fervente enquanto seu quadril me espremia contra a parede, abrindo minhas coxas, enfiando uma de suas pernas por baixo do meu joelho para me levantar, colocando minha entrada em uma altura acessível.

As notícias no jornal do seu casamento feliz e seu novo filho.

- Minha vez. - rugi. Dominei seu pau com uma das mãos e apertei suas bolas com a outra. Ele recuou apenas um centímetro.

- O que está fazendo?

- Você quer me sentir? Pois eu não deixo! - passei os dentes pelo seu tórax, deixando seu mamilo enrolar na minha língua - Sua vez de ser punido pelo que me fez.

Com suas bolas sob meu controle, seu pau foi um servo submisso. Eu espremia devagar e ele gemia de dor. E então eu usava seu pau de pincel, pintando seu lubrificante pela minha entrada e o gemido de dor se transformava em prazer. Seus braços

me mantinham presa pela cintura e eu desejei morrer ali. Envolta por aqueles braços enormes e aquele cheiro delicioso.

Elizabeth chamando meu filho de "bastardinho".

Esfreguei a glândula contra meu clitóris, encharcando seu cacete duro com meu molho. A distância parecia doer em Holt mais do que o aperto em seus testículos e enfiou um de meus peitos na boca para aliviar o desespero que eu via nos seus olhos.

A cabeça do seu pau estava cada vez mais próxima da minha entrada. Abrindo os lábios do meu sexo com sua rigidez, tornando o passeio longo e lento, ele gemeu. Gemeu e mordeu meu mamilo com força. Eu gritei e o deixei escorregar alguns centímetros para dentro.

Meus músculos vaginais se contraíam e relaxavam, ansiosos, querendo engolir a ereção de Gregory para si.

As várias namoradas que teve fora a esposa.

Seus dentes apertaram meu mamilo endurecido de um modo tal que me fez ter certeza que meu peito passaria a semana inteira doendo. Apertei seus testículos com força e ele me soltou. Achei que fosse reclamar, mas ao invés disso, segurou meus pulsos com uma de suas mãos enquanto usava a outra para apoiar minha nádega. Moveu o quadril me arreganhando inteira e, aproveitando que seu pau já estava encaixado nos primeiros centímetros, aplicou mais do que pressão necessária para encaixar o resto.

O caso com a secretária.

Me comeu com força, fazendo minhas pernas tremerem e convulsionarem, procurando um apoio que não existia, ali, pressionada entre uma parede e uma pia, escalando o mármore a cada nova estocada. Seu cacete pulsava dentro de mim, enquanto minha vagina inteira palpitava para lhe acompanhar e engolir o prazer que lhe era oferecido.

Meu coração batia tão alto e tão forte que eu não saberia mais dizer se eram realmente as batidas do meu coração o que eu ouvia ou se Gregory estava me batendo contra a parede forte demais.

As dúvidas e desconfiança.

O gemido se concentrou na minha garganta assim como a explosão que se formava.

Greg me beijou e eu suguei sua língua.

As confissões de amor que eu queria acreditar.

O movimento do seu quadril não parava, me deixando completamente a sua mercê. Minha virilha inteira latejava enquanto eu sentia minha crise se aproximando.

O brilho nos seus olhos quando conheceu nosso filho.

Sua língua me invadiu tão fundo quanto sua ereção e eu fechei os olhos me entregando ao alívio que tomava conta de cada ínfima parte do meu corpo. Me levando ao êxtase e ao delírio, sob sua saliva, sob suas mãos.

Aquele toque que tinha me feito tanta falta.

Gregory estava gozando e eu o apertei bem perto enquanto ele terminava. Nossos corpos brilhando de suor. Passei a mão em sua testa, limpando as gotículas de suas sobrancelhas e algo nos seus olhos me disse que ele iria sorrir.

Mas então a batida alta chamou nossa atenção e eu percebi que estava errada: não era meu coração ou os impulsos de Gregory. Os sons que eu tinha ouvido, mas estava entretida demais para dar atenção, eram batidas na porta.

Batidas bem violentas.

A velocidade com que nos vestimos foi inacreditável e eu teria arrumado o cabelo ou minimizado o dano na maquiagem se fosse possível. Mas as batidas estalavam tão urgentes que nós dois estávamos certos que a pessoa do lado de fora sabia muito bem o que nós estávamos fazendo ali.

Respirei fundo quando Gregory passou a mão na chave e abriu a porta revelando o homem de terno do outro lado, ladeado por dois policiais.

A expressão furiosa em seu olhar e o fato de que o restaurante estava consideravelmente mais vazio agora do que antes de entrarmos no banheiro e eu soube que tínhamos sido mais barulhentos do que eu tinha antecipado.

O policial afirmou que teria que nos levar para a delegacia diante da queixa do gerente e, apesar dos protestos de Gregory,

puxou uma aljava do cinto.

Ah, merda.

Tyler e Hyatt não pareciam concordar com nada. Era quase como se fosse de propósito. Cada um lutava pela sua individualidade. Mas em algum momento entre brincar com o cachorro e começar um jogo de vídeo game, eles parecem ter encontrado um campo em comum.

Não ia acontecer rapidamente, mas acho que eles iam se dar bem.

Tyler era o exato oposto do jovem Hyatt que eu conhecia desde que nasceu. Era cuidadoso e educado. E bastou sua mãe se retirar, ele assumiu um modo *homem da casa* tentando controlar o meio-irmão. Não acredito que tinha muito sucesso, mas ele se esforçava.

Pedimos uma pizza para o jantar e Tyler reclamou até fazer Hyatt levar seu prato sujo para a pia. Era adorável. Acho que esse novo contato faria bem para o jovem rapaz que não era de todo mal. Apenas precisava de um pouco de instrução.

Um toque na campainha e eu me levantei para atender a porta.

- Olá, Matisse!

- Senhora Baxter. - passei a mão pelo uniforme para ter certeza que eu estava alinhada. Eleanor Baxter era o tipo de mulher que não tolerava qualquer tipo de imperfeição e eu sabia muito bem que o mínimo detalhe seria capaz de fazer com que ela convencesse o neto a me demitir - Não estávamos esperando pela senhora.

- E por que deveria, querida? Eu não avisei que vinha. Foi uma decisão de última hora. Os garotos estão aqui?

- Sim, sim. Entre. - empurrei a porta para que ela se abrisse completamente. Hyatt ainda estava prestando atenção na tela e no jogo, mas Tyler se virou de lado para observar a avó.

Ela umedeceu os lábios enquanto o encarava.

- Matisse, arrume os meninos. - avisou com aquele tom de voz que não admitia questionamentos - Vou levá-los para um passeio.

Capítulo 14

Dominique estava em silêncio ao meu lado, o que só podia significar uma coisa: ela estava cozinhando argumentos para me destruir. Era o único momento em sua vida que Dominique não falava: quando ela estava pensando exatamente no que falar.

- Você não quer conversar? - arrisquei, finalmente.

- Sobre o quê? Sobre você me culpar pelo que aconteceu ou sobre a gente ter sido preso por atentado ao pudor?

- Não te culpei pelo que aconteceu. - exclamei, exausto - E essa coisa da prisão foi uma piada. Já está tudo resolvido e você sabe.

Conferi as horas no meu relógio de pulso. Era pouco depois das onze horas e eu não tinha imaginado que nossa noite terminaria tão cedo.

Eu não tinha imaginado muitas coisas que aconteceram hoje, na verdade.

- Acho que tiraram fotos... repórteres... na rua. Isso não vai ser bom.

- Vou dar um jeito.

- Vai subornar alguém?

- Qual é o seu problema? - parei o carro no acostamento da estrada deserta para encará-la.

- É isso que vai fazer, não é?

- Eu conheço algumas pessoas no jornal! Vou tentar evitar que as fotos apareçam! Por que você tem que agir como se eu fosse um filho da puta canalha e corrupto?

- Por que você não veio atrás de mim?

Tinha lágrimas nos seus olhos. Eu achei que estávamos brigando por um motivo... mas era por outro.

- Dom... - eu me inclinei, ela se afastou colocando as mãos espalmadas entre nós.

- Se você achou, mesmo por um segundo, que eu não era uma pessoa horrível e que poderia haver outra explicação... - sua voz não era a advogada cruel e calculista. Era uma voz chorosa, doída, cheia de sentimento. Era a minha Dom frágil que ninguém conhecia, apenas eu - Por que não veio atrás de mim?

- Você sumiu, Dom. - suspirei - Pessoas não somem assim e eu... a explicação que me deram... tinham provas e eu...

- Greg... - ela entalou, levando a mão a boca e eu vi que ela ia chorar. Meu coração se contraiu amorfo e eu ignorei a barreira que seus braços impunham entre nós para abraçá-la. Que se foda a briga. Ela precisa de um abraço e era exatamente isso que eu queria lhe dar.

- Me desculpa. - admiti, apressado - Foi tudo culpa minha. Tudo. Só não chora, por favor. - apertei meus braços e a espremi no meu tórax. A posição seria horrível por causa da marcha do carro e do espaço entre nós. *Seria*. Se não fosse pelo fato de que era Dom nos meus braços. E quando a combinação era essa, não havia posição ruim.

- Eu queria que você visse. - apoiou a testa contra a minha - Você não percebe, mas é ela... ela te manipula o tempo inteiro. É só Eleanor, Greg. Ela é tudo de ruim que há com você. *Com a gente*. Eu queria confiar em você. Eu queria saber que acreditaria em mim. Mas ela é forte demais... E eu tive tanto medo. Eu fiquei tão sozinha. É... meus olhos estavam cheios de lágrimas também.

- Shh... Não está mais sozinha. É isso que eu estou tentando te dizer.

- Eu não sei quem você é.

- Dom... - eu ri descrente.

- Você parece ter perdido a razão, Greg. - me empurrou com delicadeza - Presta atenção! Você age comigo como se nada tivesse mudado, como se me amasse e eu te amasse e isso fosse tudo que importa. E por um tempo, eu... eu estava com tanta saudade de você que acreditei. Pulei de cabeça nessa insanidade, mas o tempo não parou! Não estamos há anos atrás, apaixonados, discutindo se sua avó quer ou não minar nosso relacionamento e xingando ela de vadia pelas costas. Eu estou te dizendo que ela me ofereceu dinheiro

para abortar do seu filho sem te falar. Que me fez perder o emprego e mandou Boe me assustar o suficiente para me fazer mudar de nome e sair do país. Isso não é uma discussão por causa da cor das cortinas ou em que casa morar, Gregory! Isso é uma coisa muito séria! E eu fiquei com medo. E eu fugi e eu criei nosso filho sozinha. Não estou dizendo que eu não cometi erros. - limpou as lágrimas na palma da mão. - Eu deveria ter conversado com você. Deveria ter feito tanta coisa diferente, mas...

Engoliu a seco.

- Mas o quê? Me diz, Dom. Me diz como consertar isso.

- A gente não pode fingir que nada mudou. A gente tem que entender o que mudou, descobrir se a gente pode se perdoar e seguir daí. Você não é o homem que eu conheci e eu não sou mais aquela mulher.

- É claro que é. - acariciei sua face com uma ternura imensurável.

- Não sou. - segurou minha mão - E você? Casado com uma mulher que não ama? Um casamento de negócios e aparências para agradar Eleanor e para me causar ciúmes? O homem que eu conheci tinha *fugido* disso tudo. Ele *desprezava* isso tudo e nunca agiria assim. Você não é mais aquele homem.

Agora, era eu quem me afastava pensativo.

- As pessoas mudam, Greg. Eu mudei. Você me fez mudar. Para melhor! E eu acho que... eu acho que a morte do seu pai e de Amanda causou um impacto em você e te fez mudar para melhor, mas Eleanor... ah... aquela mulher maldita enfiou suas presas peçonhentas em você mais uma vez. Talvez você possa voltar a ser o homem que eu amei. O homem que eu confiaria minha vida. Talvez possa ser ainda melhor e mais forte do que ele foi. Mas hoje... - seu olhar era opaco e vazio - Hoje, você não é esse homem.

Fiquei parado na penumbra esperando as palavras de Dominique pararem de ecoar nos meus ouvidos. Sentido o peso da realidade me espremer e sufocar contra o banco de couro.

Eu não sabia o que dizer.

Não havia o que dizer.

Eventualmente, eu voltei a encarar a estrada e coloquei o carro em movimento.

Ela permaneceu em silêncio ao meu lado enquanto algo corroía minha carne, me preenchendo em um turbilhão de pensamentos. Eu queria voltar no tempo.

Queria voltar no tempo mais do que qualquer coisa outra coisa.

Queria que estivéssemos juntos e em paz.

Infelizmente, esse era um desejo que eu não conseguiria realizar.

Marise estava querendo entender qual era o problema e o problema era muito simples: eu ia estrangular ela.

Minha cabeça parou de funcionar em algum momento entre "*a senhora Eleanor os levou para dar uma volta*" e "*ela ainda não voltou*".

Holt estava do meu lado, rígido e pálido. Certo de que a intromissão da sua avó em nossas vidas - mais uma vez - e ela ter levado meu filho para um lugar desconhecido e sem minha autorização não iria ajudar em nada nosso precário relacionamento que se esvaia cada vez mais.

Minha garganta fechou como em uma crise anafilática e eu suspeitava que era isso mesmo que eu tinha: alergia severa a Eleanor.

Gregory ligava para a avó e tentava me acalmar, mas eu tinha desaprendido a fazer qualquer coisa que não fosse bater os pés compulsivamente, enfiar as mãos nos cabelos e entrar em desespero. Não sei exatamente quando eu consegui ligar ou mandar uma mensagem para Zahner, mas ele apareceu. Também não sei exatamente por que eu o abracei como se minha vida dependesse disso, mas aconteceu.

- Onde você estava? - o abraço o pegou desprevenido e o tapa que eu estalei com força em seu braço não foi diferente.

- Você não me queria por perto. - falou baixo, indicando Gregory com o queixo - Disse que *sabia se virar*, lembra?

- E você disse que ia cuidar do meu filho e agora ele está com Eleanor!

Gary apertou meu cotovelo, implorando para que eu falasse mais baixo.

Nem precisei olhar para Holt. Eu conseguia sentir o jato incontrolável de ciúmes que ele derramava em mim, diante da minha proximidade secretiva com Zahner.

Gostaria de dizer que não era pessoal.

Mas era.

Era exatamente isso que era: era bem pessoal e eu não confiava em Holt quando o assunto era a avó dele, *principalmente*, se a vida do meu filho estivesse em jogo.

- Conseguiu falar com ela?

Gregory sacudiu a cabeça.

- Ela não deveria levar as crianças para onde quer que fosse sem falar com um de nós dois, Dom. Isso não vai acontecer de novo.

- Sabe, Gregory? Às vezes é *engraçadinho* como você acha que tem algum controle sobre ela. Mas outras vezes é simplesmente patético.

Minhas palavras foram um desabafo sofrido de uma mãe descontrolada e cheia de preocupação, mas ele engoliu a seco e baixou os olhos me fazendo ter certeza que o golpe tinha doído muito mais do que eu planejei.

Definitivamente não era hora de pedir desculpas e eu sequer me incomodei com isso.

Eu queria meu filho de volta e queria agora.

Minha mente criativa e enlouquecida estava exibindo um curta metragem de todas as perversidades que Eleanor poderia fazer com meu filho e todas as mentiras que ela contaria depois para se proteger.

Se ela machucasse meu filho, eu matava ela.

E se Gregory acreditasse nela, eu matava ele. Castrava ele primeiro. E depois matava.

- Eu vou chamar a polícia. - decidi e assisti Matisse entrar em pânico.

- Dominique, isso é realmente necessário? Ela levou os meninos para tomar sorvete! - Holt tentou segurar meu braço e eu me afastei dele, arredia.

- Eu não confio nela!

- Você e seu problema com confiança! - se aproximou irritado e Gary se colocou entre nós.

- Olha. - pediu, levantando uma mão forte para Holt, com cautela - Acho que é melhor nós todos nos acalmarmos.

- Você não me diz o que fazer! - Greg vociferou com os dentes cerrados - E abaixe essa mão. - concluiu com um rosnado de ameaça.

- Só estou querendo acalmar os ânimos. - defendeu-se, levantando uma sobrancelha e deixando claro que o *Baxter* não o intimidava nem um pouco.

- Estamos todos calmos. - Gregory falou e eu ofeguei cheia de deboche. Ele desviou o foco para mim por um instante antes de se voltar para Zahner - E, por sinal, o que diabos você está fazendo aqui?

- Dominique me chamou.

- Por que você chamou ele?

- Por que ele é um amigo! - rosnei - E ele não leva meu filho escondido para lugar nenhum sem falar comigo!

- Ele não tem nada a ver com o que está acontecendo aqui.

- Você acha mesmo que é hora de urinar ao meu redor, Holt?

- Eleanor vai atender o telefone ou vai aparecer de volta aqui a qualquer instante. E depois eu vou deixar bem claro para ela que próxima vez que fizer algo assim, vou chamar a polícia, tudo bem?

- E aí ela vai rir e te olhar como se fosse uma criança pequena fazendo birra. E vai seguir fazendo tudo que quiser, como sempre foi. Já conheço esse tango, Greg.

- Será que você pode me dar um pouco de credibilidade uma única vez?

- Seria legal se você parasse de gritar com ela. - Zahner interferiu mais uma vez e eu achei que Gregory fosse avançar nele com os punhos fechados.

- Pede pra ele ir, Dom. - pediu, firme.

- Ele fica. - desafiei. A campainha tocou e minhas pernas correram para a porta antes que eu pudesse lhes dar essa ordem. - Tyler!

Enfiei meu filho nos braços e o levantei no ar para longe da mulher velha e podre em um figurino caro. Ela sempre usava joias discretas que deveriam custar mais que o meu apartamento e agora não era diferente. O sorriso dúbio me atravessava como uma lâmina: ela queria me ferir e sabia que tinha conseguido.

- Boa noite. Por que toda essa comoção? - ela perguntou, maldita. Eu estava de joelhos, ajeitando os cabelos do meu filho e verificando se não havia marcas de caninos no seu pescoço onde aquela vampira pudesse tê-lo ferido.

- Você está bem? - suspirei.

Ele respondeu que sim e parecia mais assustado com a minha reação do que com qualquer outra coisa.

Gregory estava reclamando com Eleanor e recriminando seu comportamento. Ele estava usando um tom firme e palavras rudes.

Mas não era firme o suficiente.

Não era rude o suficiente.

Era ela. Era *sempre* ela.

Foi ela quem estragou tudo. Ela que ameaçou me matar. Ameaçou matar meu filho. Riu na minha cara e me desafiou a contar para Gregory.

"Vamos ver em quem ele acredita".

Eu odiava aquela mulher mais do que eu poderia explicar. E vê-la ali... na porta da *minha* casa, acompanhando o *meu* filho... depois de tantos anos de um ódio incontrolável que eu fui obrigada a engolir e aceitar. Ver seus olhos calculistas e cruéis, seu sorriso sórdido e petulante, sua postura de superioridade.

Eu queria ferir ela também. Eu não sabia como, mas algo dentro de mim se acumulou até explodir. Meu corpo decidiu que era demais e que eu não iria suportar nem mais um segundo daquelas agressões. Agressões a minha integridade moral, física e emocional. Eleanor atingia o que queria e saía incólume.

Mas hoje não.

Já tinha ido pra delegacia uma vez essa noite e não me incomodaria de repetir a viagem, desde que aquela serpente do inferno fosse comigo.

- Você não toca no meu filho! - avancei para cima dela com uma fúria que eu sequer sabia possuir. Zahner e Holt estavam me segurando. Me mantendo longe da velha, enquanto Marise observava em choque e as duas crianças arregalavam os olhos para meu comportamento animalesco.

Era ela.

Aquela filha da puta venenosa que tinha estragado minha vida. Eu resisti por anos. Sufoquei o desejo incontável de apertar seu pescocinho cheio de pelancas e espremer até os últimos restos de vida amaldiçoada sumirem de seus olhos frios.

Foram anos demais.

E agora, chega.

- Você me ouviu? ME OUVIU? Você não toca no meu filho! Você fica longe dele pelo resto dessa sua vida de merda!

Ela tinha a mão no peito.

Eu odiava aquela porra daquela pose. Aquele ato de mulher elegante e comedida, severamente ultrajada. Queria enfiar a mão na cara dela e a fazer engolir todos os dentes.

- Dom! Calma!

Empurrei e arranhei os dois homens que me seguravam e por um segundo, me soltei e joguei uma mão feroz contra ela. Eleanor deu dois passos para trás, temendo pela sua integridade física e pela primeira vez desde que a conheci eu vi o relance de um temor em seus olhos.

Ela estava com medo de mim.

E eu adorei.

- Sai da minha casa! - berrei - Sai. Da. Minha. Casa. - peguei um dos copos em cima da mesa e estava pronta para jogar nela, mas Zahner era mais forte do que eu e arrancou minha preciosa arma, tirando-a do meu alcance.

Ela inspirou e eu conhecia aquela expressão: a pernóstica nojenta queria me ofender, mas o medo ainda estava nos seus olhos. Estava com mais medo de mim do que ganas de me atacar.

- VAI EMBORA! - gritei, descontrolada - Vai embora da minha vida!

Zahner deu algumas instruções para Greg que eu não tive discernimento para compreender, mas, a contragosto, Gregory parecia estar obedecendo. Deu um beijo rápido na cabeça de Ty enquanto Marise pegava Hyatt e juntos, saíram da minha casa levando a enviada de Satanás com eles.

Tyler parecia em transe. Zahner ainda tinha os braços ao meu redor, tentando me acalmar. Mas eu só consegui recuperar o fôlego depois que minha porta estava fechada e Zahner me garantiu que eles tinham ido embora.

Zahner me ofereceu mais um copo de água.

- Eu vou explodir de tanta água. - consegui sorrir finalmente.

Eu ainda estava abraçada com meu filho e não pretendia soltá-lo nunca mais.

Nunca mais.

Ia levá-lo comigo para onde fosse, como um canguru.

Gary segurava minha mão e eu logo percebi que aquela era outra coisa que eu não tinha qualquer intenção em largar.

- Obrigada. - expirei, finalmente.

- Disponha. - sorriu cuidadoso.

Havia uma constância naquele sorriso. Algo perene e imutável. Como se ele fosse a pessoa mais linear do universo.

Era o sorriso de uma pessoa que não tem besteiras ou meias palavras. Se Gary queria que eu usasse Holt para colocar uma escuta no seu escritório, era exatamente isso que ele ia dizer. Se queria usar argumentos para me convencer, iria fazer o possível para me manipular, mas sempre usando verdades inquestionáveis.

Zahner não tinha mentiras complexas, narrativas elaboradas, motivos escusos ou pretextos obscuros. Ele não agia por justificativas desconhecidas operando nas sombras.

Ele sabia o que ele queria e tinha me dito exatamente o que era. E por mais arriscado que seu plano fosse ainda era surpreendentemente reconfortante ter uma pessoa tão verdadeira por perto.

Uma pessoa tão... *constante*.

Minha vida sempre foi tão instável que eu não saberia dizer como era ter uma companhia assim. Só tive dois homens constantes na minha vida. Meu pai morreu. E Gregory... Gregory foi destruído pela vida.

Gary passou a mão pelos meus cabelos colocando os fios atrás da orelha e eu não soube dizer se ele estaria flertando ou apenas cuidando de mim. Ele sorriu mais uma vez e eu percebi que... de um modo muito estranho... eu não me importava com qual dos dois fosse.

- Achei que você ia matar a velha. - admitiu com olhos arregalados, servindo um vinho depois que eu dei banho em Tyler e o coloquei na cama.

- Você parece quase satisfeito com a ideia.

- Pouparia muitos esforços na investigação. - riu.

Tive que rir alto junto com ele.

Finalmente, uma pessoa que se diverte com a ideia de Eleanor morta tanto quanto eu.

- Aí você teria que *me* prender. - lembrei.

- Acho que eu consideraria prestação de serviço público e te daria uma medalha.

Levantei meu copo em um brinde que ele seguiu animado.

- O nome dele é Boe Wilson. - avisei, ainda sentindo o gosto do vinho tinto na minha língua, aquietando meu espírito conturbado

- Era o motorista de Eleanor. Um mordomo. Ela o chamava de segurança... mas ele não era lá essas coisas como segurança. - sorri, lembrando do dia que nos conhecemos - Era mais um...

- *Faz tudo?*

- Exatamente. Era uma pessoa de confiança dela. Da mais alta confiança. Ele com certeza sabe de muita coisa.

- E tem provas?

- Não deve ter... mas deve ter muitas histórias. Tenho certeza que se você investigar cada uma delas...

- Tenho chances de encontrar o que preciso.

- Era o meu plano.

- Era essa a pessoa que você queria entrar em contato?

- Ele mesmo. Gregory mencionou que falou com ele há pouco tempo. Não sei como o encontrou, mas se ele não trabalha mais para Eleanor... deve ter se escondido de medo dela. Ele mencionou que faria isso.

- Boe Wilson. - brincou com o nome como se as sílabas divertissem sua língua - É um bom plano.

- Obrigada.

Empurrei a porta do elevador apressado e toquei a campainha.

Eu já tinha visto Dominique com raiva antes. Já tinha visto Dominique furiosa.

Mas nunca daquele jeito.

Ela parecia ter *assassinato* estampado na testa.

Eleanor quis me convencer de que não fez nada demais, mas ao contrário do que Thoen insiste em dizer, eu não sou idiota.

Ela fez alguma aliança satânica com Elizabeth e estava, sem dúvidas, em uma cruzada para destruir meu relacionamento com Dom.

Meu *potencial* relacionamento com Dom.

Ofeguei exageradamente enquanto os segundos se passavam até que a porta finalmente se abriu.

Zahner tinha um pano de prato pendurado no ombro, como se estivesse lavando a louça, e uma taça de vinho nas mãos.

- Senhor Baxter. - cumprimentou.

- Ah, olá... - engoli a seco - Não me lembro do seu nome.

Mas eu lembrava... lembrava perfeitamente.

- Gareth. Zahner. - bebeu o último gole do vinho e colocou a taça em um lugar qualquer antes de me oferecer a mão. Eu a apertei, com descaso.

- Vim falar com Dominique. - aponte para o interior do apartamento - Se não se incomoda.

- Ela já foi dormir. - explicou casualmente e quis puxá-lo pela gola da camisa para fora da casa dela.

- Quero falar com ela ainda assim. - dei um passo a frente.

- Sinto muito. - fechou meu caminho. Ele tinha a mesma altura que eu e um sorriso arrogante nos lábios que me irritou profundamente - Não acho legal deixar pessoas entrarem na casa dos outros sem sua autorização. E acho que Dom também não aprova. - arregalou os olhos - Considerando como ela agiu hoje com...

- Senhor Zahner. - mordi o lábio - *Gary*. - acrescentei - Nós não nos conhecemos, então acho importante que algumas introduções sejam feitas.

Ele riu como se me achasse *engraçadinho*.

Nós dois não íamos nos dar bem e eu não precisei de muito tempo para notar isso.

- Não sei quem você é, nem como conheceu Dominique. Mas eu e ela temos uma história que você desconhece. Tyler é meu filho. Eu não sou um desconhecido qualquer e, acredite, eu tenho muito mais *acesso* a essa casa do que você.

- Por que não usou sua chave, então? - ele piscou, cínico.

Ele tem a chave?

Ele tem a chave da casa de Dominique.

Eu me peguei lembrando do momento em que Odele chegou trazendo Hyatt. Eu achei que era ele e queria abrir a porta para deixar claro quem *era o quê* naquele cenário.

Mas ali estava eu: do lado errado da porta.

As palavras de Dominique estalavam ao meu redor com força:

Talvez você possa voltar a ser o homem que eu amei.

Mas hoje, você não é esse homem.

E quem é esse homem, Dom? Seria o Zahner?

- Não me importa o que meu neto disse, faça como eu lhe falei. Isso. Exatamente. É isso mesmo que quero. Em todos os jornais e revistas, não me importa. Só faça a foto ser vista. Coloque uma menção na primeira página se puder.

Desliguei o telefone, entrelaçando meus dedos.

Aquela piranha.

Ela tinha algum efeito hipnótico sobre Gregory e tudo que precisava fazer era aparecer para que ele me afastasse e

questionasse todas as minhas atitudes.

Mas o que estava em jogo agora era muito maior.

Ela apareceu de volta na cidade acompanhada por um agente da Interpol se passando por *civil* no mesmo momento em que a Baxter Inc. passa por uma severa auditoria.

E *muito* severa.

Não poderiam ser coincidências.

Dominique já tinha sido um problema na minha vida por tempo demais. E se eu não conseguia fazer Gregory se afastar dela, teria que fazer com que ela quisesse se afastar de Gregory.

E eu sabia exatamente como conseguir isso.

- Eu só acho que você precisa relaxar. - Gary piscou um olho antes de abrir a geladeira me ajudando a arrumar as compras.

- E o jeito para fazer isso é beber um vinho com você?

- E me deixar cozinhar. - acrescentou com um sorriso.

Se eu tivesse que explicar para alguém, eu diria que começou com o abraço quando Eleanor sumiu com Ty. Zahner chegou e eu o abracei. E foi aí que começou. Uma semana de olhares e toques que quase marcavam o começo de alguma coisa mas nunca eram completamente definitivos.

Ele me elogiava sutilmente, mas nunca cheio de hipocrisia e luxúria como faziam os homens que só queriam me foder. Gary era simpático, era refrescante.

- Isso não seria pouco profissional da sua parte?

- Dom, eu pedi favores para amigos em todos os setores do governo para começar uma caça às bruxas contra a Baxter Inc, só para ajudar um velho amigo. Tudo isso é pouco profissional de minha parte.

Honesto.

Sempre honesto.

Mesmo quando é algo errado.

Os dias se passavam nos deixando mais próximos. Ele se tornou uma boa companhia para Ty e um bom amigo para mim. Sempre dizia uma palavra de conforto na hora certa ou me fazia rir exatamente quando eu precisava. Era *descomplicado*.

Cada gota de racionalidade que eu tinha no corpo me avisava que Zahner era uma opção mais razoável, mesmo que fosse apenas para me distrair e me fazer reunir forças. Cada pedacinho do meu cérebro concordava que *qualquer* opção era melhor do que Gregory.

Ele tinha mudado. Era um homem diferente. Era só olhar para Zahner para lembrar como um homem confiável poderia ser.

E era isso que eu fazia: olhava bastante para Zahner sempre que Gregory se aproximava, tentando estapear meu coração e convencê-lo a ouvir a voz da razão.

Mas ele não ouvia. E tudo que eu precisava era sentir o cheiro de Holt para minhas pernas tremerem e meu coração explodir. Eu era tão perdidamente apaixonada por aquele homem que chegava a ser patético. Eu sabia que não poderia voltar atrás, mas tudo que eu queria era fazer exatamente aquilo.

- Não estou te pedindo para aparecer nua, Dominique. - riu - É só um vinho e uma refeição comestível.

- Achei que nós dois não nos dávamos bem. - estreitei os olhos.

- Ah, você se enganou. - constatou - Nós nos damos muito bem.

Eu ri de sua simplicidade.

- Por que esse súbito interesse?

- *Súbito?* Não diria que é *súbito*.

- Gary....

- Faço um acordo com você. - ele tinha um belo sorriso. Não tão belo quando Greg, mas... belo da sua própria maneira - Você aceita esse mísero jantar e eu te conto.

Umedeci os lábios considerando e Zahner abriu os braços levemente me incentivando a aceitar.

- Tudo bem, Gary. - sorri - Mas você cozinha.

Dominique tinha chocolate cobrindo os mamilos endurecidos que eu enfiei na boca, guloso. Lavando o doce de sua pele com minha saliva. Eu me senti enrijecer enquanto mamava sentindo aqueles pontos duros em seus peitos rolarem na minha língua.

Sua mão acariciava minha ereção despretensiosamente, sem pressa. Tínhamos todo o tempo do mundo.

Lambi suas costelas, raspando meu nariz por seu estômago. Seus olhos negros estavam fixos em mim, me desafiando a lamber cada vez mais baixo.

Seria o momento perfeito, se não fosse aquela sensação forte de que tinha alguém nos observando. Tinha alguém ali que não queria que nós ficássemos juntos.

"Pede pra ele ir embora, Dom, por favor".

Ela arranhou meu queixo e eu não soube se era uma demonstração de carinho ou rancor.

"Ele fica" decidiu.

E então, não era mais eu que estava na cama com ela. Era *e/e*. Era Zahner quem a lavava de saliva e experimentava o chocolate de seus mamilos endurecidos. Era ele quem mamava e era a boca dele que a enchia de prazer. Eu via a barba mal feita raspando na carne dos seus seios, enquanto Dom abria a boca em um grito mudo de êxtase. Ele sorria, soprando sua pele suave e fazendo-a se arrepiar. O arrepio se espelhou em meu corpo, mas por outros motivos: um arrepio de medo. Um arrepio de perda.

Enfiei os dedos nos ouvidos tentando não ouvi-la gemer, mas nada conseguia afastar o som e Dominique estava gritando de luxúria enquanto ele a penetrava com voracidade. E eu? Não havia lugar para onde eu pudesse me virar, cada canto guardava mais uma cama com mais uma Dominique sendo fodida por mais um Zahner.

Eu acordei, exausto.

Era isso...

Passei duas belas semanas cozinhando em ciúmes.

Encontrei Dominique ou meu filho poucas vezes e Zahner estava sempre presente. Espreitando. Levantando Tyler nos braços em um gesto brincalhão ou colocando uma mão protetora sobre o ombro de Dominique. Tinha que respirar fundo e forçar um sorriso.

E Thoen... Ou ela não notava o meu incômodo, ou estava mais deslumbrada com o sorriso galanteador do seu novo *amigo* do que com minha perturbação.

E minha perturbação cresceu. E cresceu. E cresceu mais um pouco. A mais *adorável* novidade eram os pesadelos: com Zahner correndo pela praia, jogando frisbee com Ty, ou tendo momentos quentes, roucos, suados e apaixonantes com Dominique que eu sempre era obrigado a assistir.

Minhas horas de sono, que já eram precárias, se tornaram patéticas e eu estava aumentando minha dose de tranquilizantes sem orientação médica para quantidades cada vez mais exageradas.

Mas considerando os outros eventos que me cercavam... Zahner era a menor das dificuldades. Andrew Conaughy me enviou a lista com todos os documentos e procedimentos que Eleanor tinha mantido nas sombras, fora do meu alcance ou solicitado que fossem tratados com sigilo e eu iria ler, analisar e verificar cada um deles de forma metódica e impecável. Mas teria que fazer isso sozinho... Não podia confiar em mais ninguém, principalmente já que o objetivo era que *minha querida avó* sequer suspeitasse de minha conduta.

Se ela tinha feito algo remotamente errado eu iria descobrir e crucificá-la. Chega de interpretar esse papel de bom moço que só fazia me foder.

Para piorar, o fato de que meu pedido a imprensa tinha sido completamente ignorado também não ajudava minha situação, e fotos minhas com Dominique saindo do restaurante algemados tinham criado uma situação delicada de lidar. Eram artigos mencionando detalhes do atentado violento ao pudor com entrevistas de testemunhas, informativos policiais e até uma matéria em particular contendo a foto de uma camisinha usada no chão do banheiro do restaurante... camisinha que eu, por sinal, sequer tinha utilizado... quem dirá *jogar no chão com restos de esperma demonstrando não ter o mínimo respeito por padrões de higiene pública* como o jornalista tinha feito questão de enfatizar.

Dizer que Dominique estava irritada seria uma gentileza. Ela estava pronta para processar um bocado de gente e eu estava totalmente ao seu lado nessa. Mas isso não mudou nem um pouco o fato de que o rancor que ela sentia por mim só parecia ter aumentado diante de todo esse desgaste.

A única coisa curiosa durante aquele período tinha sido Hyatt... Não sei que tipo de magia negra Dom tinha utilizado, mas a criança parecia encantada. A primeira vez que ele pediu para dormir na casa dela, eu resisti, porque não sabia como Ty ia receber essa invasão, mas... eles pareciam estar se dando bem e, de algum modo, encontraram um meio termo.

Mas esse pequeno ponto não fazia o resto dos meus problemas desaparecer. E esse era o saldo das minhas semanas: Quase nenhum contato com uma Dominique que parecia cada vez mais emocionalmente distante, muito trabalho revisitando tópicos obscuros meticulosamente escondidos por Eleanor, tentando manter a cabeça fora da água com uma empresa instável no mercado por causa de rumores cada vez mais absurdos e uma auditoria sem sentido que simplesmente não acabava.

- Só queria saber como você estava. - Derek sentou-se do outro lado da minha mesa, após ser anunciado por Rose.

- Trabalhando como um burro de carga. - me permiti frouxar a gravata.

- É o que eu ouvi. Que você tem se enfiado no trabalho e só sai dessa sala quando tem alguma reunião ou... *encontros familiares*. E Rose disse que você virou a noite aqui no escritório.

- Derek, se você quer dizer alguma coisa, diga. Não tenho tempo para indiretas.

- Greg, cara, você é meu melhor amigo e sabe que...

- Não tente suavizar. Só diga.

- Eu só queria ver como você estava depois da matéria na revista.

- Minhas fotos saindo do restaurante algemado com Dominique? Eu sei, Derek. Está alguns dias atrasado, não?

- Greg...

- Pedi para todos os amigos em jornais serem discretos quanto ao assunto e o que eles fazem? - ri com ódio - Não só publicam como *inventam*. É bom saber em quem podemos confiar...

- Não estou falando disso, cara. Você... - tinha um princípio de pânico na sua expressão - Você não viu?

- Derek... - suspirei, cansado - Estou tendo uma semana horrível. Não vi o quê?

- Você não viu a matéria com a Laura?

- Laura? - minha testa se enrugou e eu senti minhas entranhas se retorcendo em antecipação da notícia desagradável que certamente viria.

- Sua ex-secretária. - ele me passou uma revista já aberta na página específica.

A manchete era clara o suficiente, mas eu me dei o trabalho de ler as primeiras linhas ainda assim.

- Filha da puta. - sussurrei.

O artigo era um verdadeiro manifesto me acusando de traição e assédio sexual. Laura aparecia vestida como uma freira, com um olhar baixo e triste, explicando sobre como eu me aproveitei de minha posição e, quando ela recusou minhas investidas, eu a coloquei em um cargo inferior na empresa, forçando-a a se demitir.

- Amanhã, quando o mercado abrir, a Baxter Inc vai levar um murro, Greg. - avisou baixinho - Se fotos suas preso e essa história de divórcio já foram suficientes para tornar a empresa um investimento instável, agora... com isso... durante uma auditoria.

- É tudo rumor, Derek! Eu tenho um contrato de regime de bens com Elizabeth, ela não vai ter direito a qualquer parte da empresa, não muda nada para investidores.

- Não é típico de você ser tão inocente, Greg... Não se chama "mercado de fatos", se chama "mercado de especulação". Qualquer rumor ou fofoca constrói fortunas e destrói impérios. Além do mais... Sabe que Liz vai te arrastar em um processo civil pelo máximo de tempo possível.

- E durante todo esse tempo a empresa vai estar instável, eu sei, eu sei.

Ele coçou a nuca encarando a borda da minha mesa.

- Você disse que eu fosse direto, mas não vai gostar do que eu tenho para dizer.

- Você acha que eu tenho que falar com Eleanor.

- Acho que está na hora de trazer o armamento pesado. Sim.

- enfatizou - Você tem uma responsabilidade, Greg, com essa

empresa e todas as pessoas que trabalham aqui ou que dependem dela em qualquer nível. Além de ser o legado da sua família.

- Vou resolver essa situação com Laura... Só preciso descobrir onde ela está.

- Foi contratada pela Saint-Michel. - deu de ombros e eu senti que ia vomitar.

- Por quem?

- Pela Saint-Michel. - repetiu como se realmente achasse que eu não tinha ouvido.

Mas eu ouvi.

Ouvi muito bem.

Eu podia ouvir Dominique em minhas lembranças:

"Você parece ter perdido a razão, Greg."

A empresa da família de Elizabeth contrata a mulher que me acusa de assédio?

"Isso não é uma discussão por causa da cor das cortinas ou em que casa morar, Gregory! Isso é uma coisa muito séria."

Isso ia fazer mal para a empresa ao ponto de forçar uma reconciliação minha com Elizabeth. Minha *esposa* ao meu lado fazendo os rumores sem sentido de um empregada demitida soarem tentativas desesperadas. Uma jogada de poder e ou Laura entrava pro time, ou era demitida da Saint-Michel com um nome queimado no mercado. Era a jogada mais óbvia no momento e...

"Eu queria que você visse."

As fotos e a matéria da prisão que eu lutei com tanto afinco para manter em segredo só pioram o caso. Por que os jornais vinculados a Baxter Inc não me teriam feito esse favor e mais: por que teriam piorado a situação?

Não fazia sentido.

A não ser que alguém estivesse por trás disso.

"Você não percebe, mas é ela... ela te manipula o tempo inteiro."

Alguém que me quisesse preso à empresa e à Elizabeth.

Alguém que sabia que todo esse problema era muito grave, mas que poderia ser resolvido com apenas algumas decisões de minha parte.

"Ela é tudo de ruim que há com você. Com a gente."

Eleanor era uma cobra. E a cada segundo seu veneno ardia mais.

Dominique estava certa. Dominique estava sempre certa.

Manipulando minhas ações, me tratando como se eu fosse sua posse...

Derek achava que eu precisava pedir a ajuda dela e diante de sua situação, seu raciocínio era o mais preciso. O problema é que, ao contrário de mim, ele não tinha percebido que foi justamente ela quem orquestrou todo esse inferno. E essa conclusão que ele alcançou com tanta facilidade era a mesma que ela queria que eu alcançasse.

Eleanor era um câncer. E estava na hora de eu me livrar dele.

Apertei o botão no telefone e pedi que Rose entrasse. Derek me observava como se estivesse preocupado que eu explodisse. Mal sabia ele que era exatamente isso que eu ia fazer.

- Sim, senhor?

- Preciso que convoque uma coletiva de imprensa, Rose. - decidi, ríspido - O mais rápido possível.

Capítulo 15

Elizabeth se sentou no sofá a minha frente e espremia os dedos como se temesse perdê-los.

Temesse que eu os arrancasse como punição.

Se eu fosse dada a tais tratamentos bárbaros e rudimentares era inegável que ela mereceria. Que tipo de excentricidade ou exagero carnal poderia acometer uma mulher para levar outro homem para os lençóis mesmo estando casada com meu Gregory?

Era claro que berço não era a única coisa que importava para a dignidade de uma pessoa. Mas era um dos elementos. E antes ter pelo menos berço do que *nada*, como a *outra*.

O mais infernal é que sua cria era idêntica ao meu Greg. Os mesmos cabelos, os mesmos olhos. Me fazendo pensar que... Tinha sido exatamente a mesma coisa quando Greg e Amanda nasceram. Eu me odiei e odiei Audrey por misturar nosso sangue sacro com o impuro do Holt. Mas lá estava: um casal de gêmeos idênticos ao meu marido. Todos os mesmo traços genéticos. Eu os levei para casa e me permiti amá-los e não demorou muito para perceber que alguma força divina interferiu naquela concepção, separando as impurezas sanguíneas de modo que meu Gregory fosse um *Baxter*. Completamente. Era o seu modo de falar, de andar, de agir. Era meu neto. Sem dúvidas.

Já Amanda...

Amanda era *Holt*. Isso ficou muito óbvio desde muito cedo. Foi de acordo com isso que eu agi e pautei a criação dos dois. Amanda não importava, ela nunca importou. *Gregory* era o herdeiro.

Minha criação.

Audrey deu a luz e Mathias colaborou de algum modo, mas Gregory era *meu*.

Mais do que ele mesmo poderia imaginar.

E se aquela morena ridícula nunca tive aparecido na sua vida... toda sua história seria impecável.

Mas acho que grandes homens devem se permitir um engano ou dois. Faz parte do seu crescimento.

E quão oportuno esse engano estava se demonstrando! Se Hyatt não era um Baxter... o novo jovem poderia ser...

Berço era uma parte importante e mesmo que tenha tido os primeiros anos de vida longe de mim, isso ainda poderia ser corrigido. Ele era metade Gregory. E isso fazia dele metade meu.

Expurgar a metade Dominique não seria impossível. Só me daria muito trabalho.

Mas isso seria depois... *Agora*, eu precisava segurar a mão de Elizabeth e acalmá-la. Pobre moça estúpida. Um mero peão ela era, sem dúvidas. Mas era importante que permanecesse com Gregory, pelo menos por enquanto. Pelo menos para afastar Dominique.

- Ele convocou uma coletiva de imprensa ontem. - sussurrou.

- Eu sei. - a encarei com frieza. Ela imaginava que eu não soubesse? - Está tudo pronto. Será no auditório do Millenium Hotel, amanhã pela manhã.

- E você acha que ele vai...

- Explicar para a imprensa que não tem planos de se divorciar, desfazer as críticas a sua integridade e revelar que não tem qualquer relação com Dominique? Acho. É a única coisa que ele *pode* fazer.

- Você é realmente especialista em criar becos sem saída.

- Pelo contrário. Eu sou especialista em mostrar para as pessoas qual é a saída perfeita. Mesmo que elas se recusem a enxergar. - bebi um gole do café amargo - Ou aceitar.

- Estou preocupada, Eleanor. Dominique sempre conseguiu mexer com Gregory de um jeito... Ela manipula ele! Basta ela surgir no assunto e ele perde a razão. Sempre foi assim.

- Bobagem. Eu conheço Gregory melhor do que ninguém. Ele tem uma paixão pelas curvas dela, mas não é nada que um pouco de bom senso não possa resolver.

- Ele estava pronto para pedi-la em casamento!

Pisquei na sua direção com descrença.

Eu sabia disso.

E sabia quem tinha *me* contado e por quê.

A pergunta era... como ela sabia? Quem tinha contado para ela e por quê?

Se ela tivesse a mesma fonte que eu... Torci o nariz com nojo, deduzindo o motivo.

- Ficou com ela por dois anos, Eleanor, apesar de todos os seus esforços e ia pedi-la em casamento.

Toquei as pérolas em meu pescoço.

Elizabeth era uma *pessoinha* ridícula. Mas ela tinha um bom ponto.

Dominique não deveria ser subestimada. E era exatamente isso que eu tinha feito pelas últimas semanas.

Estava na hora de voltar a atacar. E acho que seria melhor fazer isso logo.

Atendi a campainha e assim que vi Eleanor em toda sua elegância parada na entrada da minha casa, fechei a porta de volta na cara dela sem ao menos lhe desejar bom dia.

- Ora, Dominique! - rosnou do outro lado da porta - Eu sei que não sou sua pessoa favorita no mundo, mas um pouco de educação!

Dois segundos.

A mulher estava em contato comigo há dois ínfimos segundos e eu já estava borbulhando de raiva querendo enforcá-la com suas pérolas.

- Educação? - abri a porta admitindo para mim mesma que eu não ia conseguir ficar em silêncio. Precisava gritar com ela de volta - *Educação?* Com a história que nós temos, Eleanor, é um milagre se eu não jogar ácido sulfúrico em você! - lembrei - Ou você em mim, o que é mais provável.

- Não me rebaixe ao seu nível. - debochou.

Joguei a porta na cara dela de novo.

Era divertido fazer aquilo.

Poderia continuar o dia inteiro.

- Vim conversar sobre Gregory. - explicou, peçonhenta, com a porta nos separando.

- É claro que veio. - resmunguei - Ofende minha inteligência que você ache que eu já não tinha deduzido essa parte.

- Não tenho o costume de falar para um pedaço de madeira, Dominique. - exclamou, autoritária - Abra a porta!

- Não tenho o costume de receber na minha casa quem ameaça meu filho, Eleanor. Vá embora. Não estou interessada.

- Quanto exagero. Não sabe nem o que eu vou falar!

- Não me importa. Vá embora.

- Então, foi essa a educação que seu pai lhe deu?

Enfiei um murro na porta e a ouvi, sobressaltada de susto, do outro lado.

Queria usar o nome do meu pai para me irritar a ponto de abrir a porta. A filha da puta estava muito acostumada a manipular todos ao seu redor.

- Você lava a boca pra falar do meu pai, sua bruxa! Que parte do "não estou interessada" você está tendo dificuldade pra entender?

- Não queria ter que pedir desculpas pela porta, Dominique... Mas já que você me obriga.

Eu hesitei.

É mentira.

Ela não vai pedir desculpas. Ela tem um plano. Você vai ver. Está só preparando o bote...

- Obrigó. Peça suas desculpas, se quiser, mas a porta fica fechada.

Eleanor ofegou exageradamente, queria que eu ouvisse sua exaustão.

- Muito bem, então. Foi trazido a minha atenção que foi inapropriado ter tirado o jovem de casa, sem sua autorização.

- Tyler. - chiei - Ele tem nome.

Eu podia sentir seu cérebro cozinhando.

Vamos, Eleanor... diga o nome que você tanto odeia. É seu bisneto, agora, não importa o que você faça.

- Tyler. - murmurou, a contragosto - Peço desculpas por isso. Da próxima vez, falo com você antes.

- *Próxima vez? Você está delirando.*

- O garoto é meu bisneto, Dominique. - eu podia imaginá-la batendo os pés no assoalho do outro lado. Acho que a poderosa Eleanor Baxter nunca teve que encarar uma porta fechada na vida e isso deveria estar tirando sua paciência em uma velocidade perfeita. - A situação agora é completamente diferente! Acho que nós podemos encontrar um meio termo, eu não quero ser ausente na vida dele.

- Você *está* delirando! Seu caso é grave, Eleanor.

- O que vai acontecer, então? Vai ficar com raiva de Gregory por ele não escolher você e vai sumir de novo? Eu faço parte da vida dele! Estamos todos unidos, não há mais solução. Eu queria pelo menos que tudo ficasse civilizado entre nós duas para que eu pudesse ver meu bisneto.

Eu sabia que a frase tinha sido dita de propósito, mas tive que cair ainda assim...

- *Por Gregory não me escolher?* Acho que essa escolha não foi dele, Eleanor, seu veneno chegou atrasado dessa vez.

- Não sei o que houve entre vocês! - resmungou - É claro que não fiquei triste quando ele decidiu permanecer casado com Elizabeth, mas isso me trouxe preocupações porque...

- O que foi que você disse?

Eu vi um filme de horror uma vez... uma gosma englobava o corpo da pessoa e fazia ela implodir, murchando deformadamente sobre si mesma.

Era uma boa descrição de como eu me sentia.

- Disse que estou preocupada! Se Gregory ficasse com você, ele deixaria que eu visse Tyler, mas agora que ele está com a esposa, me preocupa que você desapareça e...

Ela estava explicando seus temores, mas eu estava ocupada sendo englobada por uma gosma e murchando deformadamente sobre mim mesma.

Meu coração latejou baixinho, me culpando pelas minhas decisões e sofrendo sozinho dentro do meu peito.

Greg ia ficar casado com Elizabeth. Então, era isso?

- Dominique, está me ouvindo? - bateu na porta - Vai me ignorar? Ótimo. Já esperava algo assim. De qualquer modo, estamos

organizando uma pequena solenidade de renovação de votos para Greg e Liz. Se você e Tyler pudessem vir, talvez pudéssemos deixar tudo para trás e tentar começar de novo. Não sou hipócrita para dizer "como amigas", mas talvez não mais como inimigas. Aqui.

Ela enfiou um papel por baixo da porta e eu não precisei me abaixar para identificar que seria um rebuscado convite para o evento que ela tinha acabado de mencionar.

E aí estava: o bote tinha sido dado.

Era isso que ela veio fazer aqui. Não pedir desculpas ou tentar se aproximar de Ty.

Veio me avisar que ganhou.

E não era sempre assim?

- Eu fiquei louca? - seus olhos estavam cheios de lágrimas, quando me encarou. A boca aberta em um grito mudo.

Eu me sentei no banco perto da sua cadeira de rodas.

- Não, Audrey. - apertei seu joelho - Sou eu.

- Dominique... - ela levou a mão ao meu rosto - Mas... mas o quê... - ela tentava colocar as palavras em ordem, mas seu cérebro não parecia ter aceitado o que via - Gregory me disse que Eleanor te pagou para ir embora e eu não acreditei. - sacudiu a cabeça - Não acreditei que você aceitou, quero dizer. É bem típico da minha mãe querer resolver problemas jogando dinheiro nas pessoas.

- Você está bem? - meu sorriso se abriu, involuntariamente. Era agradável saber que pelo menos ela tinha acreditado na minha decência.

Saber que ela tinha tentado convencer Greg e falhado não era tão agradável assim, mas eu estava contando as vitórias que pudesse.

- Estou. - deu de ombros, indicando que não poderia ser diferente: não havia muitas mudanças ali.

- Gregory vem te ver?

- Não tanto quanto antes. - sorriu, tímida - Mas tudo bem! - apertou minha mão - Eu sei que ele é muito ocupado.

- Não arranje desculpas para ele, Audrey.

- Ele é meu filho, Dom. O que você quer que eu faça?

- Quero que pare de encorajar esse tipo de comportamento!

- Mas isso não é meu trabalho. - tinha algo maternal no jeito como ela falava comigo que fazia com que eu me sentisse protegida

- É o seu. - piscou.

- Perdão?

- É o seu trabalho. Vocês dois sempre foram assim. Ele era o único que conseguia te acalmar e você era a única que conseguia agitar ele. Sem Gregory, acho que você seria uma moça nervosa, muito trabalhadora e solitária. E sem você, acho que ele seria sempre um rapaz acomodado que deixa as pessoas o jogarem para um lado e para o outro, eternamente passivo.

Engoli a seco, interpretando a dimensão daquelas poucas palavras.

- Mas eu estou falando demais! Por que não me conta o que houve. Morri de curiosidade todos esses anos!

Respirei fundo.

Aquela narrativa ia envolver descobertas, decisões ruins, ameaças, decisões ainda piores e fugas. Omiti alguns elementos mais grotescos para preservar Audrey, outros eu omiti para me preservar, de modo que a história acabou ficando com alguns buracos evidentes que ela - abençoada seja - não questionou.

- Oh, Dom. - murmurou - Precisa... - calou-se quando percebeu a urgência em seu próprio tom - Será que pode... será que pode trazê-lo aqui? - refraseou, referindo-se a Tyler - Gostaria de conhecê-lo. Gostaria de vê-lo.

- Essa semana? - sorri e ela levou as mãos a boca. Audrey era uma pessoa tão fácil de agradar que me dava vontade de fazer isso o tempo inteiro. Nada nunca parecia ruim para ela... hoje eu podia entender: não há nada pior que perder um filho. Nada. Então, não importava o que a vida lhe jogasse na cara... nada nunca seria tão ruim. - Desculpe não ter vindo antes, Audrey, eu só...

- Querida. - apertou minha mão - Eu sei.

Segurei sua mão na minha e permiti que o silêncio se prolongasse entre sorrisos.

Ela era minha mãe.

Ou a coisa mais próxima que eu jamais tive de uma na vida.

Tinha vontade de me encolher no colo dela, deixá-la me abraçar e me dizer o que fazer.

O que, na realidade, seria uma péssima ideia dada sua inquestionável fragilidade.

Mas aí estava. Era assim que eu me sentia.

A *Dominique Segura e Confiante* que os anos tinham sacudido e espancado.

Hoje eu sabia que era capaz de lidar com qualquer problema que a vida resolvesse colocar no meu caminho. Não era isso mesmo que eu tinha feito? Quantas pessoas poderiam dizer que fugiram grávidas, ameaçadas de morte, sem qualquer perspectiva de emprego e tinham sobrevivido, sustentando uma criança? Eu era uma filha da puta durona e sabia disso.

Sempre soube.

O detalhe é que depois de tanto tempo, eu estava cansada.

Estava na estrada há muito tempo e só queria que alguém assumisse o volante por uns minutos para que eu pudesse cochilar. Me permiti acreditar que era isso que Gregory faria...

- O que ela fez? - perguntou com suavidade e eu ri, levemente desesperada.

- Ai, Audrey... Não sei como ela consegue ser tão ruim.

- Dominique, minha querida! Eu não sei o que ela te disse e sinceramente, não precisa nem me contar. Eu tenho certeza que ela fez uma de duas coisas.

- O quê? - alisei seu braço com carinho.

- Ou ela mentiu ou piorou a situação.

Eu gargalhei.

- Mas é verdade! - continuou - Seja lá o que for que ela te diga: não acredite. Não é o que ela disse ou não, é *como* ela disse. Tenha certeza. Minha mãe é profissional em deformar a realidade para que ela se enquadre nos padrões *Baxter* dela.

Apertei suas mãos e beijei seu rosto.

Audrey estava rindo e me pedindo para contar por que fui até lá, mas eu mudei de assunto e a distraí. Apenas conversei trivialidades. Mostrei-lhe algumas fotos de Ty no celular e lhe contei histórias.

Eu não precisava mais lhe dizer para que eu tinha ido até ali.
Ela já tinha me dito tudo que eu precisava escutar.

Verifiquei as horas no relógio pela oitava vez.

Se eu quisesse falar com Dominique ainda hoje, precisava sair *agora* ou corria o risco de pega-la dormindo.

Mas isso...

Se metade das coisas que eu descobri fossem verdade...

Eu demorei muitos dias para encontrar um fio de algo suspeito entre os assuntos que Eleanor preferiu esconder. Mas quando puxei o fio, tudo se desenrolou em uma velocidade avassaladora e eu não sabia como toda aquela sujeira pôde ser mantida debaixo do tapete por tanto tempo.

Aquilo ia afundar a Baxter Inc. ou, no mínimo, lhe dar um murro mais forte do que qualquer divórcio ou fotos minhas algemado.

Espremi os lábios, enfiei todos os papéis mais importantes em uma pasta e levantei.

Ia precisar analisar tudo aquilo com mais cuidado e resolver o que fazer. Mas não havia tempo e eu morreria antes de me separar daqueles documentos.

- Para onde vamos com tanta pressa?

- Eleanor... - expirei - Achei que tinha sido claro quanto a sua presença na empresa.

- Ora, relaxe, Gregory. Só lhe fiz uma pergunta. - ofereceu a bochecha para que eu a beijasse.

- Estou indo embora, quero dormir bem antes da coletiva. - ignorei a bochecha que me foi oferecida e ela se afastou, espremendo os lábios.

- Sobre essa coletiva... - começou.

- Não lhe interessa, Eleanor. - *pelo menos não por enquanto*, acrescentei mentalmente - É assunto meu e da Baxter Inc. Nenhum dos dois lhe diz respeito.

- Perdoe-me por achar que eu merecia, no mínimo, a cortesia de um aviso.

- Depois de mentir para mim, por anos? Não, não merece uma cortesia.

- Tudo bem. - levantou uma mão. Eu conhecia aquele sorriso. Era o sorriso de quem achava que eu iria ficar irritado por um tempo e depois a perdoaria e faria tudo exatamente do jeito que ela queria. E Dominique estava certa: por que ela deveria imaginar diferente? Se eu sempre fui seu *cachorrinho* obediente?

E essa merda dessa coletiva... *Essa merda.*

Precisava ser feito. E por Deus, eu faria.

Mas a sensação de derrota não me abandonava.

- Gregory, eu só quero que saiba que não me importa o que você decidiu. Estou ao seu lado. - sorriu.

Diz isso porque orquestrou meus movimentos e me deixou sem saída.

Me deixou sem escolha.

Não fui eu que decidi, Eleanor. Foi você. E sabe disso.

- Dispensei meu motorista. Pode me dar uma carona, conversamos no caminho?

- Não, não posso. Vou parar em um lugar.

- Na casa de Dominique?

Levantei uma sobrancelha, desafiando-a a continuar.

- Só imaginei que você quisesse falar com ela, antes da coletiva. Independente do que vá dizer.

- Não se meta.

Segurei minha pasta com força e já estava na porta.

- Não tem algo a ver com o tal Gareth Zahner, tem?

Ofeguei exageradamente e dei um soco curto na porta.

- Maldita. - suspirei - Fale de uma vez.

- O quê?

Me virei de lado e a observei com fúria nos olhos.

- Ele é Interpol. - deu de ombros - Está trabalhando em um cargo burocrático que não tem nada a ver com suas qualificações e tentou esconder seu verdadeiro ofício muito bem. Preciso ficar preocupada, Gregory? Com termos um homem cheio de segredos e escondendo sua identidade perto do seu filho?

Mordi o lábio e a xinguei em silêncio mais algumas vezes antes de finalmente sair.

Gary estava servindo o vinho e falando alguma coisa sobre sua vida.

A bebida estava boa. A comida estava ótima. E, se eu estivesse prestando atenção, a conversa deveria ser interessante.

- Vai querer me contar o problema ou prefere me deixar falando sozinho?

- Han? Eu... Eu estava ouvindo.

- Dominique, eu acabei de dizer que passei talco no corpo inteiro e corri nu por um campo de uvas e você disse "*legal*". - riu.

- Desculpe, Gary, eu... Acho que estou com umas coisas na cabeça.

- Quer me contar? Eu sei qual é o assunto. - avisou - Só não sei os detalhes.

Passei a língua nos lábios enquanto decidia.

- Não é estranho falar de outro homem em um encontro?

- Eu sou bom com "*estranho*". - gesticulou para que eu continuasse.

Expirei longamente.

- Eu era uma megera.

- *Era?* - riu e eu lhe fiz uma careta de reprovação.

- Eu era pior. Não me aproximava de ninguém, tinha sérios problemas de personalidade e Greg mudou isso. Ele viu algo em mim, ou quis se vingar. - levei a ponta dos dedos ao meu sorriso lembrando daquelas quatro semanas quando tudo começou - Seja como for, ele... ele insistiu. Não desistiu de mim e eu acabei mudando. E agora... Agora eu me pergunto se não é minha vez. É ele quem está preso em uma personalidade desagradável e uma vida infeliz. Eu me pergunto se não é egoísta da minha parte dizer "*vai dar trabalho, não te quero mais*". Talvez seja minha vez de insistir. Minha vez de não desistir dele e fazê-lo mudar.

- Entendi. - se escondeu atrás do copo de vinho.

- É só isso que vai dizer? - eu ri.

- Bem, falar de outro cara em um encontro já é estranho o suficiente, Dom. - riu ainda mais alto - Você quer que eu faça mais o quê? Te convença a ir atrás dele?

- É... Acho que não.

Zahner tinha seus olhos claros presos em mim e eu quis saber o que ele estava pensando. Esticou o braço por cima da mesa, tocou minha mão e eu soube.

E soube o que eu faria também.

Me perder no corpo dele por um noite. Me deliciar no seu calor. Tentar esquecer meus problemas ou ultrapassá-los.

Sexo não era uma solução, mas era uma excelente distração.

E eu precisava relaxar. Precisava *muito*.

Levantei para tirar a mesa e ele me acompanhou, cercando a mesa, ficando sempre perto demais, tocando minha cintura de um modo sugestivo. Gary tentava me ajudar, tirando pratos e copos, uma única bandeja faltava, além das taças e do vinho, levamos a mão à bandeja juntos e nos atrapalhamos um no corpo do outro. Ele estava *tão* perto. Sua proximidade me envolvia, eu o encarei para deixar clara minha permissão. Suas mãos estavam na minha cintura e nossos narizes estavam se tocando quando a campainha tocou.

Ele riu, encarando o teto em descrença. Eu tive que acompanhar seu riso, me desvencilhando do seu corpo para atender a porta.

Meu sorriso sumiu quando eu o vi parado ali. O terno impecável a não ser pela gravata frouxa ao redor do pescoço, uma pasta apertada nas mãos, uma expressão sóbria. Ele olhou por cima do meu ombro, com certeza viu Zahner com o vinho e fez as contas.

- Desculpe interromper. - sussurrou - Dom, a gente pode conversar?

Eu precisava de um calmante. Assim que eu vi Dom naquele vestido colado e o Zahner no plano de fundo servindo o vinho, eu tive certeza do que aquilo significava. E eu... Eu ia gaguejar, me atrapalhar com as palavras, suar até derreter... Não ia conseguir dizer o que fui até ali dizer na frente dele. Não quando ele estava servindo vinho para minha Dom naquele vestido enlouquecedor.

Mas precisava ser dito.

E eu não teria outra chance.

Você fodeu tudo, Greg. Fodeu muito. Agora lide com as consequências.

- Ahm... - ela olhou por cima do ombro e Gary sacudiu a cabeça, indicando que não se incomodava.

Dei um passo para trás, abrindo espaço. Dom veio para o corredor e encostou a porta atrás de si.

- Algum problema? - o excesso de formalidade no seu tom me entupiu de infelicidade.

Esfreguei a mão na cabeça, bagunçando meus cabelos e folguei a gravata ainda mais.

- Eu vim pedir desculpas.

- Pelo quê, exatamente?

- Por tudo. - decidi com um gesto resolutivo - Percebi que tinha pedido desculpas cheio de segundas intenções quando nos reencontramos no hotel e acho que deveria te pedir desculpas de verdade.

Ela cruzou os braços, estava me ouvindo.

- Eu não sei tudo que aconteceu com você nesses anos, e gostaria de saber um dia, mas seja como for... Eu tenho uma parcela imensa de culpa em qualquer dificuldade, problema ou sofrimento que você tenha superado durante esse tempo. E por isso eu te peço... te peço tantas desculpas, Dom.

Fechei a boca cabisbaixo, esperando uma condenação.

- Acredito em você. - sussurrou, me absolvendo.

Ela deu um passo a frente, mas eu coloquei um braço estendido entre nós. Eu tinha ido até ali com um propósito e ao vê-la com Zahner... se ela se aproximasse um pouco mais, eu ia abraçá-la, beijá-la e colocar tudo a perder.

- Você estava certa quando disse que eu mudei. - avisei e ela se deteve, surpresa, diante do meu braço - E a verdade é que eu estive tentando culpar um monte de coisa e um monte de gente pelas minhas atitudes. Mas não posso culpar mais ninguém. - dei de ombros - Eu te amo muito, Dominique. E quando eu descobri que você não tinha ido embora porque não me amava, eu te quis. E eu

fui atrás de você e achei que você era minha para tomar. E você estava certa: eu não agi com razão. Eu só... só fingi que tudo era exatamente como eu queria que fosse. Eu culpei você por tudo que eu fiz de errado esses anos. Culpei sua ausência, culpei a saudade que eu sentia de você. Fui cego para absolutamente tudo que eu poderia ter feito diferente. Casei com irresponsabilidade, fui injusto com uma criança inocente, me tornei exatamente aquilo que eu abominava. E quando você voltou, eu achei que estava salvo. - sorri, ridicularizando minha própria inocência - Achei que só por te ter de volta, todo o mal que eu cometi seria apagado. Achei que eu só tinha sido uma pessoa ruim porque você estava longe e agora tudo ia ser diferente. Mas... mais uma vez - gesticulei na sua direção - você estava certa. Não posso só apertar um botão. Não sou uma criança ou um adolescente sem compromissos. Eu tenho responsabilidades. - bati uma mão na outra, frustrado comigo mesmo - Tenho responsabilidades com a empresa, com os funcionários. Tenho responsabilidades com Hyatt. - falei devagar - Tenho responsabilidades com Elizabeth. Tenho responsabilidade por todos os enganos que eu cometi e suas consequências. Não posso ignorar tudo isso e, definitivamente, não posso pedir que você pague pelas minhas ações junto comigo.

- Greg...

Sua voz era linda... *tão* linda. Eu amava aquela mulher na minha frente mais do que minha própria vida. Eu sabia disso... Soube desde o dia que a vi coçando as orelhas do meu cachorro e comendo cereais na minha cozinha.

- Não, Dom. Por favor, não diz nada. - senti minha respiração oscilar - Só escuta.

Balançou a cabeça em uma afirmação discreta e eu respirei para continuar, sentindo meus olhos arderem.

- Marquei uma coletiva de imprensa para amanhã pela manhã. Vai aparecer nos jornais. Eu gostaria que você assistisse. Tomei várias decisões na minha vida e espero que o que eu faça amanhã te ajude a compreender isso. - espremi os lábios. A porta atrás de Dom estava entreaberta mais uma vez, ela deve ter soltado a maçaneta quando andou na minha direção e, entretido no meu

monólogo, sequer notei. Mas agora eu podia ver Zahner me observando através da fresta. Ele não se afastou ou desviou o olhar quando eu o notei. Dominique estava ali, entre nós dois e a ideia de estar tão perto e ao mesmo tempo tão longe dela *mais uma vez* fez minha memória viajar para anos atrás, quando nós tivemos aquela louca experiência de chantagens e paixões. Do tempo que passamos juntos, fingindo nos odiar e escondendo que nos amávamos... Eu estava sorrindo - Lembra do que eu te disse? Quando você foi embora? - ela ficou em silêncio sem compreender - Você disse que meu futuro deveria ser o Plano A e que você era o Plano B?

Ela estava sorrindo também:

- E você disse que eu era um pré-requisito. - completou.

- Eu disse que sem você não tinha plano. - enfiei a mão livre no bolso - É isso, Dom. Todos esses anos. Todos esses erros. Eu não tinha você e... Isso tudo foi só... Eu não tinha um plano. Completamente perdido tentando me achar. - baixei os olhos, juntando forças - Você era o meu norte. - confessei - E eu me perdi. E não sou mais um homem digno da mulher que você se tornou. Você... Você *está* diferente, Dom. Você sempre foi uma sobrevivente, mas agora é mais que isso. É como se você fosse uma adulta e eu fosse um pivete. - sorri - Eu preciso assumir minhas responsabilidades. Eu preciso mudar. Porque assim, mesmo que você nunca mais me ame... - um calafrio atravessou minha espinha - Pelo menos eu posso me orgulhar de ser um homem que você poderia amar.

Ela tinha a mandíbula travada daquele jeito que ficava quando queria impedir o choro de se revelar. Resolvi poupar seu sofrimento e me aproximei. Eu queria me despedir. Mas como? Como eu algum dia seria capaz de me despedir de Dominique?

Toquei sua bochecha com a ponta dos dedos. Ela era preciosa demais para mim e foi isso que eu queria que meu toque representasse. Não queria machucá-la. Não queria feri-la. Demorei para perceber que eu a amava demais para torna-la minha posse.

Quis beijar seu rosto, mas não achei que fosse ter forças para me separar dela, caso fizesse isso. Então só deixei minha mão cair e descansei meu olhar por cima do seu ombro, além da fresta da

porta. Zahner me observava de volta, preso em cada sílaba do meu discurso. Acenei discretamente e ele me devolveu o cumprimento.

Minha boca se abriu antes que eu pudesse controlá-la.

- Se você magoar ela, eu te mato. - expliquei com simplicidade e ele apenas acenou em compreensão.

Dominique se abraçava como se fosse cair e eu quis me aproximar e servir de suporte. Pelo resto da vida, se ela precisasse.

Mas, infelizmente, não era isso que ela precisava.

- Dê um beijo em Ty por mim, sim?

Esperei que ela confirmasse, virei as costas e fui embora, deixando meu coração aos seus pés.

Ele foi embora e meu coração estava batendo da garganta.

Não sei quanto tempo fiquei parada na frente dos elevadores, até Gary vir me buscar.

- Você está bem?

Balancei a cabeça entre um "sim" e um "não". Me pegou pelo braço e me guiou de volta para dentro de casa.

- Olha, Dom... - sorriu, enfiando a taça de vinho cheia nas minhas mãos - Eu não sei de muita coisa na vida... Mas aquele cara te ama.

Pisquei mais vezes do que seria razoável tentando decifrar se havia algo por trás de suas palavras.

- Eu achava que o cara era um *filhinho da mamãe*, mimado que não prestava, mas... - ele deu um gole no seu próprio vinho - Talvez você não estivesse errada. Talvez ele preste.

- Gary... - passei a mão pelos cabelos, tentando despertar daquele transe - Não sei se é isso que eu precisava escutar agora.

- Por que não? - enrugou a testa, confuso - Você ama o cara!

Levantei uma sobrancelha temerosa para ele.

Há poucos minutos atrás nós estávamos na iminência de um beijo. E agora isso...

Suas pálpebras estavam baixas quando ele sacudiu a cabeça com leveza, indicando que tinha entendido meu raciocínio.

- Não me leve a mal, você é uma mulher linda. Inteligente, bem resolvida. Engraçada de um jeito meio assustador. - riu - Mas...

eu... só estava entediado por aqui, você era uma companhia divertida e eu pensei que não poderia haver mal. - justificou-se - Tenho certeza que você é o tipo de mulher por quem um cara pode se apaixonar e eu realmente gosto de você mas... - ele apontou para a porta e eu soube que ele estava falando do Greg - Não sinto *aquilo* por você.

Eu estava esfregando meus próprios braços, tentando me aquecer da solidão que me congelava.

- Já senti aquilo antes. - sussurrou, chamando minha atenção
- E eu odiaria o cara que ficasse no meu caminho. - largou a taça na mesa e levantou os ombros - Não quero ser o cara que fica no caminho.

Sorri para ele, admirando sua infinita honestidade.

- Não é inteligente amar Gregory. - expliquei.

Ele sorriu com desdém.

- Amar *nunca* é inteligente. - apertou meu braço de um jeito fraternal - Mas nós somos todos idiotas.

O motorista de Greg levou Ty para a escola e eu percebi que não ia conseguir assistir seu pronunciamento pela televisão. Até porque eu não fazia a menor ideia de quando seria exibido. Uma pesquisa rápida pela internet me avisou que a coletiva seria no Hotel Millenium e eu precisava saber...

Precisava saber se Eleanor tinha mentido ou se tinha apenas exagerado.

Precisava saber se o discurso de Holt na noite anterior tinha sido uma promessa de mudança ou uma despedida.

Batidas rápidas na minha porta e eu corri para atendê-la. Eu sabia que era improvável, mas meu corpo inteiro desejava incoerentemente que fosse Gregory.

Gregory dizendo que me amava, que sentia minha falta, me abraçando, me beijando, me pedindo uma chance. E eu lhe daria... Eu lhe daria todas as chances que precisasse porque eu era uma idiota apaixonada além da razão.

Eu devo ter murchado diante de Zahner, porque ele notou minha decepção.

- Estava esperando outra pessoa? - sorriu.

- Talvez. - dei de ombros.

Fechei a porta atrás dele e lhe ofereci um copo de café. Ele aceitou e inspirou fundo para me dizer mais alguma coisa quando foi interrompido pela campainha.

Larguei a xícara no balcão e estava de volta na porta, com o mesmo desejo no coração.

Mas murchei mais uma vez, diante do desconhecido com um envelope nas mãos.

E não era só isso...

Eu conhecia aquele porte... aquele tipo de correspondência...

- Dominique Thoen? - perguntou.

- Sou eu.

Ele me entregou o documento e colheu minha assinatura.

- O que houve? - Zahner quis saber.

- Oficial de justiça. Acho que tem alguém me acionando por algum motivo.

- O que você fez?

- Nada que eu me lembre - abri o envelope - Mas sempre dou motivos a alguém pela vida.

- Você não parece preocupada. - exclamou admirado e eu sorri.

Sorri até ler a linha em evidência na primeira página da citação.

Até ler o motivo da visita do oficial.

E aí o sorriso sumiu do meu rosto e eu acreditei, do fundo da minha alma, que eu nunca mais seria capaz de sorrir outra vez.

Era uma ação de guarda.

Gregory queria meu filho.

Capítulo 16

Meu corpo inteiro tremia, como se a fúria reverberasse pelos meus ossos. Segui o fluxo de pessoas no saguão e encontrei o local da coletiva. Um ambiente amplo e bem iluminado, o púlpito estava pronto com diversos microfones acoplados, os jornalistas se espalhavam pelas cadeiras ainda não completamente ocupadas e várias câmeras já estavam apoiadas em seus tripés no fundo da sala.

Zahner me seguia de perto, implorando para que eu não fizesse nenhuma besteira. Mas era tarde demais. A besteira estava feita e se isso ia comprometer sua preciosa operação, que seja. Eu tinha atingido meu limite.

Encontrei Gregory como se meu corpo tivesse um radar capaz de detectar sua presença e alguma coisa dentro de mim conseguisse sentir sua aura.

Lá estava ele. Centro das atenções de um pequeno grupo de pessoas ao seu redor. Reconheci Eleanor sentada ao lado de Elizabeth na primeira fila, atenta a cada palavra do neto, e Andrew Conaughy em pé murmurando palavras sorridentes para Holt. Instruções, sugestões ou pedidos, eu não saberia dizer. E nem me importei. Era melhor que toda aquela gente estivesse ali. Assim, todas elas poderiam presenciar tudo de uma vez e aquilo estaria acabado.

Atravessei os últimos metros que nos separavam com as mãos cerradas em punhos. Holt notou minha presença assim que me aproximei. Sua boca arriscou um sorriso discreto que não chegou aos seus olhos confusos e sua testa enrugada de questionamento.

Não foi preciso mais do que dois ou três segundos. As pessoas ao seu redor se calaram, me observando. Algumas me reconhecendo do passado, outras da capa de alguma revista difamatória. Eleanor se virou na cadeira aguardando minha reação e Elizabeth a imitou sem respirar.

- Dom? - Holt chamou - O que...

Mas eu interrompi o resto da sua pergunta com minha mão espalmada girando com força contra sua bochecha.

- SEU CANALHA! - exclamei furiosa, levantando a mão e estalando mais um tapa no seu rosto porque, como eu logo percebi, apenas um não tinha sido suficiente.

Gregory tinha os olhos arregalados repletos de incompreensão, a mão sobre a bochecha sem decidir se o que tinha doído mais foi a agressão física ou a verbal.

Enchi os pulmões e dei mais um passo na sua direção quando senti alguém por trás de mim, puxando-me pelos braços.

Dois seguranças de paletó escuro e postura ofensiva me apertaram a ponto de doer, tentando me arrancar para longe do salão.

- Parem com isso! - Gregory gritou, se enfiando entre nós, impedindo o trabalho dos seguranças - Soltem-na! Agora mesmo! Larguem ela!

Preocupado, tocou meu braço onde os seguranças tinham me apertado com força. Eu apenas o empurrei para longe e assim que tive espaço suficiente, estapeei seu rosto de novo. Dessa vez, ele segurou meu pulso se afastando do meu golpe. Arrisquei usar a outra mão, mas ele logo estava ao meu redor, entre um abraço e um aperto, tentando manter meus braços quietos e longe do seu rosto.

- Dominique! - pediu - O que aconteceu?

Eu me sacudi tentando me livrar, mas ele era tão mais forte e eu não tive como escapar. Aprisionada, minha ira logo se transformou em frustração e eu estava me esforçando para impedir as lágrimas de caírem.

- Maldito! - rosnei - VOCÊ PROMETEU!

- O quê, Dominique? - perguntou em pânico - O que eu prometi?

- Toda aquela conversa doce de que ninguém ia tirar meu filho de mim! VOCÊ PROMETEU!

- Você precisa me explicar o que está acontecendo. - berrou de volta.

- É *você* quem precisa me explicar, Gregory! - mudei o modo como movimentava meus ombros, tentando me afastar ao invés de atacá-lo e ele me soltou - Precisa me explicar que palhaçada é essa! - tirei o papel dobrado do bolso, abri a folha e a explodi no seu tórax com um murro curto.

Ele correu os olhos pelo papel, ainda confuso e eu compreendi tudo.

- Mas o que diabos é isso? - murmurou, descrente. Senti sua incredulidade embora não estivesse olhando para ele. Estava observando ela... sentada na primeira fila. Os cabelos grisalhos e os olhos cinzas, me encarando com seu eterno ar de superioridade, como se nenhum ultraje ou desdém no universo fosse o bastante para explicar o quanto eu não pertencia aquele local. O quanto eu não *merecia* respirar o mesmo ar que ela.

De repente eu percebi que todo aquele tempo eu estava dando tapas e murros na pessoa errada e já tinha passado da hora de corrigir aquele erro. O modo como avancei para Eleanor deve ter deixado minhas intenções cristalinas e dessa vez Zahner me alcançou.

- Holt não vai prestar queixa, mas ela vai. - aconselhou no meu ouvido. Meu lábio inferior tremia e eu tive vontade de morder aquela jugular flácida e assistir ela sangrar e morrer. - Se vai ter que lutar pelo seu filho é melhor fazer isso sem uma denúncia de agressão, Thoen. - lembrou e sua coerência me atingiu.

- Mas como alguém pode ter... - Holt estava sussurrando para si mesmo e, provavelmente, fazendo o mesmo raciocínio que eu.

Abaixou o documento encarando Conaughy primeiro e depois a avó.

- Dominique. - estendeu uma mão entre nós, com cuidado. Como se temesse futuras agressões de minha parte e, dessa vez, achasse que eu tinha a mais plena razão - Eu não fiz isso. - sacudiu o documento no ar - Tenho uma procuração de plenos poderes assinada para o escritório da Baxter Inc... e você sabe como essas coisas funcionam: eles fizeram isso por mim. Não fui eu. - disse as últimas três palavras vagorosamente, me dando tempo para digerilas.

- Eu sei quem foi. - sorri, colérica - Te dou uma chance só para adivinhar.

Baixou os olhos, virando o rosto cuidadosamente e eu soube que *ela* era seu foco.

- Vou resolver isso imediatamente. - prometeu. Uma mancha vermelha no formato dos meus dedos manchava sua pele clara na altura da bochecha. Eu não poupei força e tinha certeza que deveria estar ardendo.

Ao nosso redor, flashes indicavam que minha revolta tinha sido tão pública quanto eu pretendia. Talvez até mais.

- Já que está aqui, por que não senta? - convidou.

- Como você consegue ficar tão calmo? - explodi - Gregory! ACORDA! - gritei - Ela manipula sua vida inteira como se fosse propriedade dela. - apontei um indicador homicida para a velha do inferno - Não acredito! O homem que eu conheci precisa estar aí dentro em algum lugar! - era desespero. Puro desespero. Será que nunca ia acabar? Será que ela sempre ia conseguir jogá-lo de um lado para o outro como um boneco de pano e ele nunca iria reagir? - O homem que viu como essa vida era nociva e deu as costas! - ele respirava profundamente enquanto me ouvia, como se soubesse de algo que eu não sei. Algo que resolvesse tudo. Algo que o redimisse ou condenasse, mas de um jeito ou outro, já estivesse resolvido e minhas palavras eram em vão. - Acho que parte de mim preferia que isso - peguei o documento de volta - fosse você. Fosse decisão sua! Porque pelo menos eu poderia gritar e brigar *com você*. Poderíamos discutir por uma questão *nossa*! Mas não é! - enfiei as mãos nos cabelos - Nunca é um problema *nosso*. É sempre um problema *dela*. E eu... eu não aguento mais.

- Dom...

- Faça sua coletiva, Holt. - decidi. Virei de costas e Zahner me seguiu - Para! - reclamei, rosnando para ele também - Pare de me seguir! Sou uma mulher adulta! Você fica! - ralhei. Gary levantou as mãos rendidas em um temor cômico como se acreditasse que poderia apanhar também.

- Dominique! - Gregory exclamou alto, sua voz ecoando pelo salão, me seguindo quando Zahner ficou para trás - Você está muito

nervosa. - me alcançou na porta - Vou pedir ao motorista que...

Ele segurava meu pulso com carinho e eu me permiti derrubar uma lágrima.

Uma só.

- Eu me lembro daquelas quatro semanas quando tudo começou. - suspirei e ele se calou - Como eu não acreditava que pudesse haver no mundo um homem tão gentil quanto você. E como eu não acreditava que pudesse haver no mundo um homem tão gentil assim *só pra mim*.

- Dom... - ofegou.

- E aí aconteceu tanto coisa. - esfreguei as têmporas - Que me dá uma enxaqueca só de pensar. E... Não tem mais condições, não é? - apertei minha boca, deixando a percepção me invadir e destruir - A gente veio longe demais pra voltar. Você fez sua confissão ontem, Gregory. Agora eu vou fazer a minha: eu te amo. E queria seguir te amando mais do que tudo. Mas fazer isso não é mais saudável, não é racional, não é seguro. Você me mudou e fez de mim uma pessoa melhor. Se você não tivesse aparecido na minha vida eu nunca poderia ser uma mãe decente para Tyler. Mas o preço que eu paguei por essa mudança foi sofrer e ser magoada como eu nunca imaginei que pudesse. E chega, Greg. Chega.

- Por favor, Dominique... Só me escuta. Deixa só eu acabar isso e depois...

- Não. - respirei fundo - Já basta. Eu não aguento mais. Você diz que não foi você e eu acredito. - indiquei o documento na minha mão - Espero que você resolva. Depois espero você na minha casa para termos uma conversa bem longa. Eu não vou mais ficar aqui com meu filho. Não vou mais ficar perto dela. Espero que você entenda.

- Dom!

- Espero que você respeite! - avisei.

Ofegou exageradamente.

- Tudo bem. Conversamos depois.

- Ligue antes de vir.

- Isso é mesmo necessário? - levantou os ombros.

- Vai ter que ser.

- Eu não fui de todo ruim, Dom! - exclamou quando eu já estava de costas - Fui? Pra você? Para Ty? - eu podia ouvir o sofrimento em sua voz.

Virei de volta para ele e me permitiu oferecer um sorriso.

- Amar você foi a melhor coisa que já aconteceu comigo. - admiti, deixando meu sorriso se desfazer em seriedade - E amar você foi a pior coisa que já aconteceu comigo.

Só consegui voltar a respirar quando Gregory a abandonou na porta e voltou para o salão. Sinceramente, se ele tivesse abandonado uma coletiva cheia de representantes dos maiores meios de comunicação do país depois daquele escândalo para correr atrás de um rabo de saia, eu mandaria interná-lo.

Mas ali estava ele. Impecável. Ajustando a gravata e as mangas do paletó. Uma expressão sóbria e coesa de homens fortes que não se deixam abater.

Eu preferia se os seguranças tivessem arrancado ela dali no primeiro segundo. Mas acho que imagens de Gregory protegendo uma *mulher indefesa* poderia ser melhor para sua reputação. Pequenas vitórias.

Levantei assim que ele estava perto o suficiente para que pudéssemos conversar. Nem tudo poderia ser dito ali, na frente de tantas câmeras e microfones. Mas o primeiro passo para reduzir o dano poderia ser dado.

- Fui eu. - confessei.

- E acha que eu sou imbecil a ponto de não já ter deduzido isso? - perguntou, seco.

- Estava preocupada com você. A mulher pode fugir do país a qualquer instante, já fez isso uma vez. Quais medidas você tomou para se assegurar que meu bisneto...

- Eleanor. - ofegou, impaciente - Eu só vou pedir uma vez: por favor, cale-se.

- Vai prestar queixa contra ela?

Mordeu o lábio para mim como se não acreditasse que eu era real.

- Ela agrediu você! Isso tem implicações! - lembrei.

- Sim... sim... - concordou. Ele estava controlado, mas eu sentia o tom arisco em suas palavras - Tudo tem implicações, não é? Você me ensinou isso muito bem.

- Gregory...

- Mas tudo bem, Eleanor. Você me jogou contra a parede e não me deu escolha. E depois diz que "*é para o meu bem*". Sabe o que me faria bem? Se você parasse de se meter e deixasse eu tomar as decisões sobre minha própria vida. - o volume de sua voz se reduziu até se tornar um sussurro ameaçador - Mas você não sabe o que "privacidade" significa e me enfiou nessa merda. Sem escolha. Não era isso que você queria? Piorar tudo e me forçar a uma decisão definitiva? Pois então se sente e aproveite o show. - rosnou com os dentes semicerrados, segurando meu cotovelo com força e me guiando de volta para a cadeira.

Se afastou em direção ao púlpito e eu me sentei para ouvir suas palavras.

O gosto de bile infestava minha língua.

Como eu pude ser tão cego?

Como eu puder ser tão idiota?

Eu merecia o tapa que Dominique me deu. Cada um deles.

Na verdade, acho que ela foi até misericordiosa.

Eu merecia pior.

- Gregory! - Conaughy interrompeu meu caminho para o púlpito, os microfones e o meu destino - Eleanor me garantiu que tinha falado com você. - rugiu apressado. Sua indignação só era mais falsa do que sua lealdade - Foi só por isso que...

- Andrew, Andrew! - gesticulei para que se calasse.

- Você sabe como ela pode ser, não sabe?

- Está demitido. - balancei a cabeça e o deixei para trás.

Me posicionei atrás do aparato, diante dos microfones e respirei fundo.

Vamos, Greg. Só acabe com isso de uma vez.

- Bom dia. - cumprimentei - Agradeço a todos por terem vindo e peço desculpas pelo incidente. Parece que tenho me

envolvido em alguns desses ultimamente. - sorriso breves surgiram, descontraindo o ambiente - E é exatamente por isso que estou aqui: para falar sobre a enxurrada de rumores envolvendo meu nome que têm sido tão largamente disseminada pela mídia. Boatos sobre meu casamento ou divórcio, sobre meu envolvimento com uma *mulher misteriosa* - ironizei as palavras - sobre a situação da Baxter Inc, fotos minhas em uma delegacia... Bem, acho que não preciso citar todos, vocês devem conhecê-los muito melhor do que eu. - puxei o ar para os meus pulmões, devagar, enquanto a plateia continuava rindo, educada - Sobre todos esses rumores apenas uma coisa pode ser dita. - falei pausadamente, encarando Eleanor com um sorriso - São todos verdadeiros. - uma pequena comoção dos presentes foi seguida por um aumento no número de flashes. Eleanor não respirava - Eleanor Janine Baxter. - avisei - Acostumem-se com esse nome. Vão me ouvir repeti-lo algumas vezes nos próximos minutos. - Ela me encarava como se me desafiasse a continuar. *Uma delícia não é, vovó? Quando te colocam contra a parede e te fodem? Sua vez, agora. Divirta-se* - Para garantir que tudo ficará perfeitamente esclarecido, acho que preciso explicar do começo. A mulher com quem estive no restaurante naquela noite... a mesma mulher que acabou de sair desse salão... não é minha *amante*. Ela foi minha namorada por anos e quase minha noiva. Vejam bem: ela engravidou e minha avó, Eleanor Baxter - indiquei a primeira fila com um gesto - Achou que seria de bom tom lhe oferecer dinheiro para que abortasse e saísse da minha vida. - Dessa vez a comoção foi ainda mais audível - Claro que minha então namorada não aceitou a proposta. Vide o filho de sete anos que eu tenho, hoje, com ela. - os presentes ofegavam e se manifestavam abruptamente. Ia ser difícil para a plateia manter o controle e eu mal tinha começado - Eu descobri isso tudo há poucas semanas atrás e foi um momento de discussão acalorada que levou ao meu comportamento inadequado naquele fatídico episódio do restaurante. Aproveito para me desculpar publicamente e oficialmente tanto aos donos e funcionários do estabelecimento quanto aos clientes presentes naquela noite. Compensação financeira aos prejudicados não será um problema, eu insisto, inclusive. Quando esse episódio aconteceu,

eu e Elizabeth já estávamos separados. O divórcio, assim como tantos outros boatos, é verdadeiro. - Elizabeth parecia pronta para correr e chorar, mas Eleanor a segurou onde estava - Nosso casamento, assim como o de tantas outras pessoas hipócritas que compõem a chamada *nata* de nossa sociedade foi exclusivamente por aparências e não dividimos sequer o mesmo quarto por muito mais de um ano. Sequer dividimos a mesma cama por todo esse tempo. Então, vocês podem ver: o divórcio é mais uma formalidade. Nosso casamento não existe há muito tempo se é que algum dia existiu. Gostaria de tranquilizar investidores da Baxter Inc, lembrando que, contratualmente, Elizabeth não tem direito a qualquer parte da empresa, logo, meu divórcio por si só não implicaria em qualquer mudança de gestão ou funcionamento. E então temos a questão do assédio sexual, denunciado pela minha ex-secretária Laura Pillhix. A senhorita Pillhix foi uma funcionária exemplar pelo tempo que esteve comigo, nas últimas semanas, no entanto, sua conduta passou a se tornar inapropriada. Tivemos alguns momentos constrangedores e por último uma acusação infundada feita pela senhorita Pillhix, seguida de decisões na empresa que ela não tinha posição para tomar me fizeram crer que ela não seria mais uma pessoa tão apta a estar na minha equipe direta. Por ainda acreditar que ela era competente para outros setores, lhe dei a opção de ser transferida para outro local dentro da empresa. Caso minha palavra não tenha mais o peso que um dia teve, devo acrescentar que tenho provas irrefutáveis do que digo, mas que prefiro manter sob sigilo para preservar o que resta da imagem de minha ex-funcionária devido ao pouco respeito que ainda tenho por ela. Ela é jovem, algo assim poderia destruir sua carreira e eu não serei leviano ou mesquinho com essa decisão. Eu peço apenas que se perguntem: Não é oportuno que a família da minha ex-mulher desse uma excelente posição para uma moça curricularmente indigna de tal cargo e a levasse a público com informações que manchariam minha imagem? - Elizabeth escondia o rosto com as mãos. É... ela iria me processar. Ia fazer isso com uma fúria inabalável. Mas eu tinha encontrado aquele botão em mim que ativava o "que se dane" e era uma sensação maravilhosa de

experimental. - Acho que pontuamos todos os maiores danos a minha reputação que aconteceram nos últimos tempos. Resta apenas o mais recente deles, o que todos vocês acabaram de presenciar. Muito bem, eu explico bem objetivamente. Eleanor Baxter, sem minha autorização, fez com que o escritório de advocacia do senhor Andrew Conaughy, que representa a Baxter Inc e possui uma procuração de plenos poderes assinada por mim, solicitasse em juízo a guarda do meu filho Tyler, e isso claramente foi o estopim da justificada fúria de sua mãe. A parte pessoal dessa situação cabe apenas a mim e acho que já esclareci pontos em demasia envolvendo minha privacidade. A única coisa que vou falar a respeito desse tema é que a Baxter Inc encerrou seu contrato de representação com o escritório do senhor Conaughy. - agora era a própria Eleanor quem parecia lutar contra a vontade de fugir dali. Agir como se eu fosse um garoto levado e inconsequente, me infantilizar e sair dali com o nariz em pé e uma expressão de desdém. Mas ela estava *curiosa*. Ela queria saber até onde eu estava disposto a ir. O que era ótimo: porque eu estava ansioso para lhe mostrar. - Tendo dito isso, eu gostaria de reconhecer a minha responsabilidade diante da empresa. E não digo em relação ao nome que a empresa leva e à minha família. Mas uma responsabilidade diante dos investidores, dos funcionários, da diretoria e toda a equipe de terceirizados. É com essa responsabilidade em mente que eu reconheço que todos esses boatos e rumores envolvendo meu nome podem ser prejudiciais para a empresa e que não é justo que todo o organismo sofra, refém de decisões que eu tomei e da minha história de vida. - Eu me calei por um segundo. Um segundo para respirar. Um segundo antes do fim. Um segundo para olhar para Eleanor. Um segundo para dar adeus. Um segundo para notar que não me faria qualquer falta - E é por isso que estou me afastando da presidência da empresa, imediatamente. A Baxter Inc - aumentei o tom de voz, quando os sussurros ao meu redor se intensificaram - será dirigida a partir de agora pela mesa de diretores, até encontrarem um novo presidente que atenda todos os requisitos satisfatoriamente. As únicas atividades correlatas a Baxter Inc que continuarei realizando serão as de assessoria ao procedimento de

auditoria que ainda está ocorrendo. Fora isso, não estarei vinculado a nenhuma outra atividade da empresa. Meu pedido de demissão é final e definitivo. Obrigado a todos.

As perguntas surgiram de todos os pontos do salão, mas eu apenas gesticulei, indicando que aquela coletiva era apenas um informativo. Nenhuma pergunta seria respondida. Eleanor permanecia sentada na cadeira. Eu podia sentir o cheiro do seu cérebro fritando, tentando entender o que tinha acontecido e onde seu plano teria falhado.

Andei até um homem no fim da sala, com minha pasta nas mãos. Um homem que tinha ficado para trás.

- Eleanor disse que você é Interpol. - sussurrei, apressado, antes que os jornalistas me cercassem - Ela está certa?

Zahner me encarou, calculista.

- E se estiver?

- Se estiver - decidi, indicando minha pasta - tem uma coisa aqui que você precisa ver.

Fiz questão de fazer uma visita ao prédio de Conaughy antes de qualquer coisa e me certificar que ele não tinha mais nenhum documento assinado que lhe desse poder sobre minha vida. Quando voltei ao meu escritório, Laura já esperava por mim na sala de espera.

- Podemos conversar? - levantou assim que me viu.

Abri a porta da minha sala.

- Rose? - pedi - Pode se juntar a nós?

- Senhor Baxter, não é necessário... - pediu.

- Deixe-me julgar isso, sim? Rose, por favor! - repeti e ela se aproximou, entrando na sala comigo.

Indiquei uma das cadeiras e Laura se sentou agarrada com sua bolsa, observando, com o canto do olho, Rose, que tinha ficado perto da porta. Abri as gavetas, comecei a retirar itens que seriam mais importantes e liguei o computador para fazer um backup e deletar todos os arquivos que não fossem essenciais.

- Não se incomoda se eu trabalhar enquanto conversamos, não é? Quero sair daqui o mais rápido possível. - tirei o paletó e

sentei na cadeira.

- Senhor Baxter. - tentou respirar fundo, mas eu podia notar sua constante falta de ar - Vim até aqui porque...

- Veio até aqui porque eu disse que tenho provas irrefutáveis da sua má conduta e você quer saber o que é. Estou ocupado, então vou ser objetivo, Laura. - apoiei os cotovelos sobre a mesa - Tenho cinco câmeras diferentes dentro da minha sala. Eu as instalei e eu as mantenho. Até hoje, ninguém soube sobre a existência delas além de mim. - Seus olhos se arregalaram em pânico - E qual não foi minha surpresa... quando vi as filmagens na expectativa de encontrar Dominique colocando escutas na minha sala e ao invés disso... Quer adivinhar o que eu encontrei?

Seu queixo rígido indicava claramente seu humor.

- Também tenho vários de nossos diálogos gravados, Laura. Reuniões de agenda em que você me tocava nos braços, ombros, mãos... pernas até... com frequência e sem ser convidada. Inclusive nossa última conversa, quando colocamos toda a situação do hotel em panos limpos e você concordou com o que eu disse, acusou Dominique e sugeriu que fôssemos *amigos*. E também está lá minha real motivação para ter trocado você de setor.

- O que vai fazer com isso?

- Vou guardar. - avisei, com simplicidade - Cópias serão feitas. Uma delas vai para o meu novo escritório de advocacia. Outra vai ficar com Dominique. E você deve esperar que ela seja tão benevolente quanto eu. - sorri, sarcástico - Mas não vou fazer nenhuma queixa criminal. Esse é o único favor que vou te fazer. Fui sincero na coletiva: você é jovem e não tenho intenções de estragar sua vida. - ela respirou aliviada - Mas se esse é o jogo que você quer jogar, Laura, eu recomendo que aprenda a jogar melhor.

- Melhor? - riu, debochada - Melhor do que quem? Eu tenho um emprego na Saint-Michel superior ao que qualquer colega da faculdade vai conseguir nos primeiros cinco anos depois da formatura. Estou envolvida com o alto escalão, tenho informações importantes... e Você. - ofegou com desdém - Quem é você? Um ex-presidente de uma empresa afundada com um currículo social leproso.

Ela derrubava sua peçonha pelo meu escritório e eu imaginei se Eleanor não seria assim em sua juventude. Obstínada e guiada pelo poder. Pelo sucesso. Pelo dinheiro.

Cruzou os braços, pedante.

- Você poderia ter tido uma mulher anos mais nova. - sussurrou - Uma parceira inteligente que guiaria sua empresa para o sucesso. Mas ao invés disso escolheu a mediocridade. Você não é o homem que eu pensei. Todo o tesão que eu tinha por você acabou.

Tapei a boca com a mão, mas não fui rápido o suficiente e a gargalhada escapou gostosa e espontânea.

O que ela chamava de "mediocridade" eu sabia ser o paraíso. Ou pelo menos o paraíso *para mim*. Um comentário arrogante e uma longa risada foi tudo que eu precisei: Não estava mais preso em um trabalho que eu detestava, com uma família que eu não tinha escolhido, em uma vida que eu trocava por qualquer outra coisa.

Eu estava livre.

- Laura... se isso era tudo, acho que temos um acordo: Vou ser discreto com todas as gravações que tenho como um... presente de despedida por seu tempo de serviço a Baxter. Mas espero que você retribua a gentileza, ou vou precisar usar minhas provas para me defender.

Ela se levantou. Sua confiança estava restaurada desde o primeiro momento que expliquei não ter intenções de provar suas mentiras para o mundo.

- Alguma última dica? - sua ambição era palpável - Do presidente de sucesso. Não do fracassado. - explicou, querendo me atingir.

- Você é inteligente e ambiciosa, Laura. São dois requisitos para a vida que você escolheu. Mas não se engane: é um jogo de manipulação. Tudo isso que aconteceu com você até agora foi apenas jogadores mais experientes te usando. Não baixe sua guarda. Não importa quão esperta você se considere, sempre tem alguém por aí que é mais esperto do que você.

- Já devia ter percebido, senhor Baxter. - irônica - Eu sou o tipo de pessoa que vai crescer para manipular. Não para ser manipulada.

Eu tive que rir de sua inocência.

- Sei... Boa sorte, Laura.

- O que você quer aqui?

Elizabeth rosnou atrás de mim, assim que cruzei a porta da mansão.

Parte de mim queria evitar mais um problema depois do longo dia que tive, mas era importante fazer isso hoje. Deveria, inclusive, ter sido feito antes...

- Estou cansado, Elizabeth. Pode me deixar em paz, por favor? Conversamos através dos nossos advogados.

- Que advogados?

Boa pergunta.

Eu ia precisar de um novo advogado e rápido.

Não apenas Zahner era Interpol, como devia ser o agente mais eficiente que eles tinham. Ou isso ou a auditoria já estava ligada a ele desde o início. Mal comecei a arrumar as coisas no escritório e todos os documentos incriminando Eleanor já estavam de volta assombrando a empresa.

Cresci pensando que minha avó era a esposa conservadora de um homem muito rico, manipulando a alta sociedade a seu bel prazer apenas para manter o tédio sob controle.

Mas eu estava enganado.

Tão enganado.

Metade daqueles documentos já eram suficientes para provar que ela estava por trás de cada grande negociação da Baxter. Cada aquisição, cada venda... reuniões tidas em segredo, acordo assinados nas sombras. Cada um menos ético que o anterior, até beirar a ilegalidade e ultrapassá-la. Ela teceu uma teia perigosa e elaborada que possuía uma única rainha soberana: ela.

Se algum biógrafo fosse corajoso o suficiente para condensar sua história nas páginas de um livro, eu não me surpreenderia se seu casamento com meu avô tivesse sido cuidadosamente arquitetado por ela. Eleanor o escolheu, o ganhou e o controlou por toda a vida.

A Baxter Inc não era dele. Era *dela*.

Estava montando uma verdadeira dinastia infectada pela sua doença de poder e eu era uma peça importante.

Era.

Seja como for, agora eu estava livre.

E Zahner tinha agido rápido demais. Não demoraria mais que um dia ou dois até todos os bens da Baxter estarem congelados.

A partir de hoje, eu era carta marcada no baralho e meu nome não valia mais um centavo.

Isso é o que mais deveria doer em Elizabeth: o precioso nome que ela lutou arduamente para conquistar. E agora, não valia nada.

- Para onde está indo?

- Vim falar com Hyatt.

- Não se aproxime do meu filho! - gritou em ira e eu hesitei.

- Elizabeth... eu sei que você me odeia. Vamos resolver isso em outra ocasião. Mas o garoto é inocente. Eu posso ter sido um filho da puta com ele toda a vida, mas estou querendo ajudar agora. Pelo amor que você tem a seu filho, se é que tem algum, por favor, não se meta.

Deixei-a para trás resmungando ofensas nem um pouco discretas e subi as escadas até o quarto de Hyatt. Estava no escuro, a não ser pela pequena luz baixa do abajur na sua mesa de cabeceira. Enfiado nos cobertores, ele espremeu os olhos, fingindo dormir.

Sentei na borda da cama devagar.

- Hyatt. - toquei seu braço e ele abriu os olhos rápido demais.

- Você não foi embora? - sussurrou.

- Vim falar com você.

- Mamãe disse que você não ia aparecer mais.

Expirei longamente.

- Vem cá. - decidi, atravessei as pernas na cama e deitei ao seu lado, envolvendo-o com meu braço. Sua expressão assustada reforçou algo que eu já sabia: ele não estava acostumado a receber esse tipo de carinho ou cuidado.

Pobre garoto... foi culpa minha. Sinto tanto...

- Hyatt, as pessoas se casam por vários motivos. - expliquei baixinho - E aí quando não dá certo, elas se separam. Eu e sua mãe

já estamos separados há um tempo... E agora, resolvemos tornar isso oficial.

- Você vai se casar com a tia Dom?

Um sorriso nos meus lábios.

Era o efeito do nome dela, independente do contexto: me deixava em paz.

- Não é por causa disso que estou me separando da sua mãe, Hyatt. - *Dominique não me quer mais* - Mas vim até aqui falar com você, quero saber se você tem alguma dúvida sobre essa história toda. Tem alguma coisa que você quer saber?

Me analisou com seus grandes olhos escuros, provavelmente considerando se deveria ou não perguntar.

- Eu não vou mais ver você? - quis saber, finalmente.

- Vai, sim. Sempre que quiser.

- De verdade?

- Aqui. - enfiei a mão no bolso e lhe mostrei meu cartão - Já viu um desses? - ele balançou a cabeça, afirmando - É meu cartão. Tem meu telefone aqui, meu email e mais um monte de coisas. Peça para Odele te ajudar se precisar, é só ligar para mim quando quiser.

- E você vai vir?

- Vou.

Ele mordeu um sorriso tímido.

- *Tá certo.*

- E tem mais uma coisa. - passei a mão pelos seus cabelos, puxando-o para perto - Eu queria te pedir desculpas.

- Desculpas?

- É, desculpas. - lhe fiz cosquinhas de um jeito desajeitado. Ele riu, segurando minhas mãos - Não tenho sido um pai muito bom. E você merece mais. - levantou os olhos como se duvidasse do que eu dizia. Duvidasse que *merecia mais* - Vou ser um pai melhor a partir de agora. Te prometo. Tudo bem? - apertei o abraço - E... - essa parte era delicada - E quando eu for assinar os papeis, com o juiz, para me separar da sua mãe, oficialmente... - ele me observava, preso a cada palavra - Tem uma parte no papel onde fica escrito com quem você vai ficar. Se você quiser... - engoli a seco - eu

vou pedir ao juiz para ele escrever que você vai ficar comigo. O que acha?

Hyatt sorriu. Uma emoção leve e verdadeira que eu nunca tinha lhe visto demonstrar. Ou talvez ele tivesse demonstrado várias vezes e eu apenas não estivesse prestando atenção.

- Acho que vai ser legal. - me abraçou de volta.

Sacudi seus cabelos mais uma vez e beijei sua testa.

- Então, está combinado.

- Sou um homem solteiro de novo. - brinquei, mostrando a garrafa de uísque para Derek - Uma comemoração?

Ele colocou os óculos sobre a mesa e girou a cadeira de couro para o lado, levantando-se.

- Estou ocupado, agora, Greg... muito trabalho. - colocou a mão sobre o meu ombro me guiando para fora.

- Derek! Você não soube o que aconteceu hoje? - incredulidade escorria de cada sílaba - Cara, a Baxter está fechada, os bens congelados, eu pedi o divórcio, me demiti da empresa e acusei Eleanor de um monte de coisas! - ri - Você vai trocar seu melhor amigo por trabalho depois de um dia desses?

Baixou os olhos para o chão, esfregando a testa.

- Isso não vai dar em nada, Greg... Eleanor vai resolver tudo. Você sabe como é.

- A coisa foi séria dessa vez. Não acho que a varinha de condão dela é tão poderosa assim.

O modo como ele riu me incomodou.

- Você parece que não conhece a mulher. Talvez ela precise de uma semana ou duas. Um mês, no máximo. Mas até o fim do ano a Baxter vai estar de volta no topo.

Minha boca estava entreaberta enquanto eu decidia quais palavras usar. O olhar apático de Derek estava revirando meu estômago.

- Mas que merda, cara! De que lado você está?

- Greg! - riu - Você é meu amigo, sabe disso... Mas se o assunto é negócios, eu *preciso* ficar com Eleanor.

- *Precisa?*

- Estou nas mãos dela desde a época que você assumiu, não se lembra? Os investimentos que ela fez na minha empresa foram...

- Que *eu* fiz. - lembrei - Foram investimentos da Baxter, não dela pessoalmente.

- Não seja criança, Gregory. Os investimentos só aconteceram porque ela autorizou.

- Aconteceram porque eu sou seu amigo! Não acredito em você, Derek! Investir na sua empresa naquele momento era uma péssima ideia! Te fiz um favor. E você agradece a Eleanor?

- Mas foi ela! - reclamou, com os dentes semicerrados - E não vai gostar de me ver em conluio com você agora... se ela achar que eu tive algo a ver com isso...

- Você perdeu o juízo? - ele estava me empurrando para fora de sua casa, me entupindo de indignação.

- Ou pior! Se ela achar que eu sabia e não lhe disse...

- Você é meu melhor amigo! - ri, descrente - Por que ela ficaria com raiva se soubesse de algum segredo meu?

- Você deveria ter me contando que ia fazer essa loucura! - berrou, com o dedo no meu nariz. Dei um tapa na sua mão, afastando-o de mim - E aí, talvez eu... - esfregou as têmporas - Eu teria falado com ela e talvez nada disso precisasse chegar a esse ponto.

- Derek. - ofeguei, sem conseguir parar de sorrir em desespero. Era mentira. Tinha que ser - Isso é uma piada, não é? Diz pra mim que é uma piada.

- Não tem piada nenhuma. Você precisa crescer, Gregory! Acha que negócios são feitos dentro dessa sua bolha de moral, ética e arco-íris?

- Você ficou louco? Eleanor é uma criminosa!

- E não somos todos?

Engoli a seco. Tudo que ele disse me incomodou. Mas tinha um detalhe que tinha me incomodado acima de qualquer outro.

- Por que Eleanor esperaria que você lhe contasse algum segredo meu, Derek? - suspirei.

Enfiou as mãos nos bolsos e ofegou exageradamente.

- Acho que você pode deduzir a resposta sozinho.

- Filho da puta. - ri, sem achar qualquer graça.

- Filho da puta? *Eu?* Você poderia ter quem você quisesse... Poderia casar com Merryl Walton, mas não... escolheu logo a merda da Elizabeth Saint-Michel. Eu não podia ter uma Walton, Greg... mas uma Saint-Michel era possível. Sabe quantos anos eu investi naquela merda?

Eu só conseguia lutar contra a vontade de sacudir minha cabeça em descrença e manter minha boca fechada.

Meu melhor amigo.

Eu estava mesmo fodido.

- Você com seu *berço de diamantes* e sua avó que te entrega tudo que você quer ou precisa. E o que você faz? Foge pro outro lado do país em uma rebeldia adolescente insana e volta se esfregando com uma puta bem abaixo do nível da sua...

Eu não me lembro de algum momento na minha vida ter esmurrado alguém com tanto ódio.

A garrafa de uísque que eu soltei se estilhaçou espalhando o líquido caro pelo chão. Fechei a mão em um punho firme e mirei o murro no seu olho esquerdo. O golpe lhe atingiu com fúria e Derek se abaixou, segurando o próprio rosto nas mãos e me xingando.

- Dominique vale doze de cada um de vocês. Seu escroto mentiroso. Eu confiei em você! - gritei - Confiei na sua amizade! Te contei detalhes da minha vida! Te contei meus planos de casar com Dominique, te contei... - meu queixo caiu enquanto a mágoa se agarrava a cada pedaço da minha pele - Filho da puta! - sussurrei, esfregando os olhos - Você contou pra ela! Você contou pra Eleanor que eu pretendia casar com Dominique! Filho da puta! - repeti, mais alto - Foi por isso que ela foi atrás de Dominique! - compreendi - Foi por isso que quis dar dinheiro para ela ir embora! Por isso a assustou e a fez ser demitida! - a cólera me invadiu com força e eu o agarrei pela gola da camisa - Seu puto de merda! Você deixou Eleanor desesperada quando contou isso pra ela! - sacudia seu corpo inteiro com cada palavra - Se tivesse ficado com a porra da boca calada, ela poderia nunca ter descoberto que Dom estava grávida! Dominique teria me contado primeiro! Minha vida inteira

teria sido completamente diferente! - eu o soltei e Derek se desequilibrou caindo no chão.

- Sai da minha casa! - berrou - Sai da minha casa agora!

Minha raiva era tão grande que eu transcendi a vontade de agredi-lo fisicamente.

Não havia soco ou pancada que eu pudesse lhe dar que apaziguasse a turbulência que eu sentia por dentro.

Cheguei naquela casa com uma garrafa de uísque e carinho pelo meu amigo.

Estava saindo com a mão machucada e um asco impossível de conter.

Bati na porta de Dominique com força, o barulho alto ecoando pelo hall. De dentro do apartamento, ela pediu calma para a pessoa do lado de fora. Ouvi seu tom claramente irritado e ela ainda nem sabia que era eu.

Abriu a porta ainda amarrando o cordão do robe de algodão. O nó dado sem muito cuidado, ainda exibia a roupa que ela usava por baixo. O short azul claro, folgado e muito curto e a camisa regata branca que ela usava sem soutien.

- Eu disse para você ligar. - reclamou, olhando para o relógio. Pelo modo como o rabo de cavalo estava impecavelmente amarrado e pela vida em seus olhos, eu imaginei que ela estivesse se preparando para dormir, mas ainda não tivesse deitado.

- Não podia esperar. - avisei, urgente - Eu tive um bocado de decepções hoje, Dominique. Ninguém na minha vida é quem eu imaginava. E eu vim até aqui porque cansei de ser usado por todo mundo. - gesticulei, de modo definitivo - Cansei de fazer o que é importante para os outros primeiro. Não fui eu que pedi a guarda de Ty, não quero tira-lo de você, mas também não quero assistir vocês dois irem embora sem me manifestar. Minha avó é uma criminosa, meu melhor amigo é um filho da puta, minha ex-mulher ainda vai arquitetar alguma vingança contra mim, eu estou desempregado, com meus bens congelados... estou em uma fossa bem profunda. Mudei tudo na minha vida e vim até aqui para te avisar que isso é só

o começo! - exclamei, irritado - Não vou mais rolar pro lado e deixar a vida me foder. Você não quer ficar comigo... - constatei, aceitando as palavras azedas - Eu respeito. Mas não vai levar meu filho pra longe de mim. Pra mim chega! Chega de aceitar qualquer migalha que a vida me der e ter paciência. Não quero mais ter paciência! Não quero mais aceitar! Minha vida é uma merda e eu *vou* mudar isso, mesmo que...

Ela me abraçou me fazendo desistir das palavras.

Só me abraçou.

Deu um passo a frente, passou os braços pelos meus ombros e me puxou para si. As pontas dos dedos roçando em minha nuca, sua respiração contra o meu pescoço.

- O que está fazendo? - perguntei, confuso.

Dom sacudiu os ombros de leve.

- Você parecia precisar de um abraço. - levantou o queixo. Seus olhos negros cheios de preocupação, me observando. Seu nariz a centímetros do meu.

Abri a boca para falar alguma coisa, mas desisti e a fechei de volta em um sorriso envergonhado. Toquei sua cintura e a abracei de volta.

Eu adorava o seu cheiro. Adorava o jeito como suas mãos escorregavam da minha nuca para o meu tórax. Adorava como ela se encolhia entre meus braços. Adorava enfiar meu nariz nos seus cabelos. Por um lado eu queria que tanta coisa tivesse sido diferente. Por outro, eu sabia que não podia voltar atrás e estava satisfeito por ao menos tê-la ali tão perto.

- Teve um dia ruim, han?

- *Muito*. - suspirei.

- Vem... Entra. - convidou, me puxando pela mão enquanto se afastava do abraço - Você precisa comer alguma coisa.

Eu não conseguia entender por que ela estava me tratando com tanto cuidado. Há menos de 24 horas estava me estapeando, gritando e me chamando de canalha em público. E agora me abraçava e me oferecia comida.

Seja lá qual fosse seu motivo, eu a segui em silêncio, sem querer perturbar minha sorte. Temeroso que qualquer pergunta

fosse destruir meu pequeno momento de paz.

Me colocou sentado e preparou um sanduíche. Trabalhava concentrada e sempre que levantava os olhos para me medir eu lhe oferecia um sorriso curto e espontâneo. Tinha medo de dizer a coisa errada e por isso permaneci mudo, assistindo-a enfiar fatias de queijo e presunto no pão. Um pouco de alface e o trouxe para a mesa com um copo de suco e dois potes.

- Você pode falar, se quiser. - ralhou - Não vou mais te bater. - prometeu.

- Tem certeza? Porque acho que eu mereço. - confessei, exausto.

Tinha algo sugestivo no seu novo sorriso e em seus olhos estreitos.

- O que foi? - mordi o pão.

- Não dá pra saber se você está falando sério ou se é safadeza. - levantou um ombro.

Eu ri muito alto.

- Shh! - brigou, ainda rindo. Apontou para o quarto de Ty e eu entendi. - Vem. - levantou, deslizando a porta de vidro que servia de passagem para a varanda.

Eu a segui carregando os itens da mesa e ela me ajudou a realocá-los na espreguiçadeira do lado de fora.

- Tem maionese aqui. E... vai querer molho de pimenta? - provocou, sorrindo.

Tinha um poder naquela pergunta que eu não seria capaz de traduzir em palavras. Por isso, apenas sorri e lhe disse:

- Estômago fraco, não se lembra?

Mordeu o polegar com um sorriso imenso no rosto:

- Frouxo.

Eu não sabia se todas as decisões que ele tinha tomado na coletiva resgataram a confiança que eu tinha nele ou se foi apenas o fato de ver meu Greg cansado e triste na minha porta o que tinha diluído a raiva no meu coração.

Mas ali estava ele.

Comendo um sanduíche. Sorrindo para mim daquele jeito franco e contemplativo. Timidamente conversando trivialidades enquanto tudo o que queria era me perguntar o que ia acontecer a partir dali.

Ríamos de bobagens do passado. Um dançando ao redor do outro, procurando uma brecha para introduzir o assunto que verdadeiramente ocupava nossas mentes. Uma bobagem levou a uma risada que levou a um prolongado silêncio que teria sido constrangedor se nós não nos conhecêssemos tão bem.

Ele estava curvado na minha direção. Levei os dedos a sua face levemente avermelhada, resquício da minha agressão.

- Desculpe. - sussurrei.

- Eu mereci. - encorajou.

- Mereceu o primeiro. - levantei as sobrancelhas, concordando e fazendo-o rir - Os outros foram exagero.

- Acho que você fez o que precisava ser feito.

- Discordo. - roubei seu copo de suco e dei um gole - Eleanor escapou incólume. E Deus sabe como aquela mulher merecia uns tapas bem dados.

- Não vai me ouvir negar. - arregalou os olhos, fúnebre.

- Quer me dar detalhes do que aconteceu? - arrisquei - Com você? Hoje?

Passou os dedos pela borda do copo de suco.

- Você estava certa. - admitiu com simplicidade - Eu demorei para perceber, mas percebi, finalmente.

- Isso não são detalhes, Greg.

Ele estava resolvendo se aquele era ou não um tema seguro.

- Você descobriu alguma coisa sobre ela, não foi? - estimei-o a continuar.

- Quer me dizer que Zahner não te contou?

Havia uma linha me amarrando a Gregory. Desde o dia que ele me beijou pela primeira vez. Talvez antes disso ainda.

Uma linha invisível e inquebrável que me impedia de fugir. Um poder sobrenatural naqueles olhos verdes que poderiam ver minha alma se precisassem. Mas... ele me conhecia tão bem que eu

suspeitava ão haver nada em minha alma sobre o que ele não estivesse ciente.

As últimas semanas tinham sido uma novidade estranha e descoordenada. Eu sempre soube mentir. Mas sob o crivo daqueles olhos verdes qualquer falsidade se desmontava e havia apenas a crua realidade.

Mentir para Greg era uma atividade que eu realizava com desconforto e sem qualquer perícia. Como se minha mente me levasse de volta àquele dia horrível na sala de espera da clínica de aborto. *Mentindo para Greg*. Revoltando meu estômago. Destruindo minha integridade.

- Ele só me disse que você lhe deu alguns documentos e o contato de Boe. - confessei.

- Era isso que você queria, não era? Naquele dia no restaurante? Dar o contato de Boe para ele?

Ofeguei exageradamente, mantendo minhas mãos na cintura, como se o oxigênio em meus pulmões fosse capaz de me fazer explodir.

- Sem hipocrisias? - perguntei, objetiva.

- Por favor.

- Zahner estava investigando sua avó e pediu minha ajuda. E eu... - levantei os olhos para o céu carregado de nuvens pesadas que escondiam a lua - Digamos que eu consegui pensar em um motivo ou dois para lhe ajudar.

- Era por isso que ele queria que você colocasse uma escuta na minha sala?

Levantei uma sobrancelha.

De algum modo, a escuta tinha parado nas mãos dele. Sua secretária virulenta deveria ter furtado e inventado alguma mentira... E ali, na minha frente, ele não tinha me acusado de colocar em sua sala. Ele apenas tinha dito que aquela seria minha intenção.

Era um ponto minúsculo e ao mesmo tempo um divisor de águas: parece que Greg tinha confiado em mim.

- Não sei exatamente o que ele estava procurando. Mas era... era por causa da sua avó.

Balançou a cabeça como se estivesse somando alguma coisa.

- Por que não falou comigo?

- Não achava que você iria acreditar em mim.

- E acha agora?

- Acho que você está tentando fazer a coisa certa.

- Foi por isso que me deixou entrar?

- Eu deixei você entrar porque eu te amo e você não parecia bem. - vi seu pomo de adão se movendo cheio de esperança - Vou me arrepender?

Apertou o copo entre as mãos e moveu a cabeça em uma negativa comportada.

- Nunca mais. No que depender de mim.

Os respingos atingiram minha pele quando um ronco alto do trovão explodiu a distância. A chuva começou a cair forte e abrupta, o vento forte lavando a varanda. Levantei depressa e abri a porta, já estava colocando os potes e prato de volta na mesa quando notei que Greg tinha ficado para trás.

- Holt? - chamei na porta - Entre! Vai ficar encharcado!

De costas para mim, as mãos enfiadas nos bolsos, encarava a chuva torrencial de frente, com os ombros relaxados e o queixo erguido.

Ele não estava chorando, estava?

Eu ia morrer se ele estivesse chorando.

- Greg? Gregory? - puxei seu braço, tentando proteger meus olhos com a mão - Entre.

Sua mão forte me puxou pela cintura, e sua risada gostosa ecoou nos meus ouvidos.

- É só água, Dominique! - me manteve presa a sua frente deixando a chuva me ensopar.

- Pare, seu maluco! - me sacudi, rindo em seus braços - Qual o seu problema?

- Vai ficar linda molhada! - gargalhou - Fica linda de todo jeito.

- Não quero ficar linda! Quero ficar seca! - ralhei.

- Shh! - pediu. Seu hálito era morno no meu ouvido, prendendo minha cintura no seu abraço, mantendo minha bunda

contra sua virilha. Seus lábios perto da minha bochecha. Virei o rosto e o vi de olhos fechados.

- O que você tem? - sussurrei.

- Estou livre. - confessou, ainda de olhos fechados empurrando um calor maravilhoso pela minha coluna.

- Quer ficar gripado para provar um ponto? - brinquei.

- E se quiser? - abriu os olhos e passou a mão, sacudindo os cabelos molhados.

Foi só um gesto. Só um movimento travesso da mão pelos cabelos arrepiados e eu o vi: meu Greg. Ele estava ali. O cara meigo e descontraído que ameaçou colocar meu vídeo na internet sem nunca pretender fazer isso a não ser que eu realmente matasse seu cachorro. O cara que se envolvia nos problemas da vizinhança apenas porque achava que era a coisa certa a fazer. O cara que acreditava em resolver seus problemas com uma simples conversa e um sorriso. O cara que não precisava de nada para viver além do seu trabalho honesto e sua morena na cama.

Ele era lindo.

Perfeito.

E meu.

Estava de volta.

Como se nunca tivesse ido a lugar algum.

- Vamos ficar gripados juntos! - riu alto, debaixo da tempestade - Vai ser lindo. Você vai reclamar, exagerada, e eu cuido de você.

- Cuida de mim? Rá! Quero ver! - ele me apertou com força - Você fica doente e parece que vai morrer! Quebra uma unha e já quer ir ao hospital e a dramática sou eu?

- Eu achei que tinha quebrado um dedo com aquela topada, sua sem coração! - passou a mão pelos meus cabelos encharcados tirando-os do meu rosto e eu lhe dei a língua por resposta. - Estou feliz de ver que os anos não te deixaram menos desafortada!

- Pelo menos não sou frouxa que nem...

Ele me beijou.

Ali mesmo. Debaixo da chuva. Depois de um dia insano. Depois de anos separados.

Era como se estivesse me beijando pela primeira vez.

Mesmo quando nos beijamos nas últimas semanas, eu não conseguia me lembrar de senti-lo tão macio na minha boca. Tão doce. Tão incrivelmente familiar. Aquele beijo que te faz fechar os olhos e esquecer o mundo, enfiar as mãos nos ombros e cabelos dele sem se importar com mais nada. O jeito do universo provar que era possível você se perder completamente no corpo de outra pessoa com um único toque.

Era aquele toque nos lábios.

Aquela ignição que acendia uma chama que estava sempre esperando quietinha, louca para explodir. Segurei seu rosto em minhas mãos e o tomei para mim mais do que me entreguei.

Eu te amo, seu idiota.

Meu idiota.

De volta.

Na minha boca.

Todo meu.

Livre.

O beijo intenso deu lugar a um raspar de lábios. A leveza de Holt deu lugar a uma contração reconhecida: ele queria dizer alguma coisa, mas estava com medo.

Dei um beijo no seu lábio inferior. Outro em seu lábio superior. Ele estava rindo, quase leve de novo.

- Diz. - falei, mandona. A chuva nos cobria, meu robe pesava molhado e a camisa branca de Greg se agarrava transparente a cada linha de músculo e era uma benção que estivéssemos no escuro e eu não pudesse apreciá-lo como merecia, ou eu deixaria ele me comer ali mesmo. Apressados, como parecia ser a nossa nova moda.

Raspou os lábios sobre os meus, me respirando.

- Você não vai gostar do que eu vou dizer. - admitiu - Vou ser egoísta.

- Diga mesmo assim.

Enfiou a boca na minha. Um gosto de despedida. Como se imaginasse que eu viraria as costas depois que ele dissesse o que queria.

- Não vai embora. - sussurrou ao me soltar - Fica. - implorou miúdo - E não... não *só fica*. - pediu. Engoliu a seco, desistindo de segurar as palavras que queria dizer - Fica comigo. - nossas testas coladas, nossos narizes se acariciavam. - Fica comigo. - repetiu.

Enfiei as mãos no seu cabelo e beijei sua boca, mas ele rapidamente se afastou.

Queria uma resposta.

Estava morrendo sem ela.

- Holt. - ri baixinho - Eu te dei um tapa e mandei você sair da minha vida. - lembrei e o senti ofegando no meu rosto - E poucas horas depois você aparece na minha porta e aqui estou eu... - ridicularizei - te beijando na chuva. - ele riu apertando sua testa contra a minha. Desci meu polegar pelos seus lábios - Você acha mesmo que eu vou a algum lugar?

Não foi uma revelação apenas para ele.

Sem querer, eu estava percebendo a inegável verdade: eu não iria a lugar algum.

Eu precisava dele e lutaria por ele.

Assim como um dia ele fez por mim.

- Promete? - repetidos selinhos. Ele não conseguia se afastar.

- Só não prometo se você insistir em ficar nessa chuva! - avisei - Aí eu te deixo sozinho e vou embora, sim! Vou tirar essa roupa ensopada e tomar um banho quente.

Ele riu e eu senti o toque de safadeza presente ali.

- E eu estou convidado?

Deixei que ele me beijasse de novo, deixando minha língua a sua disposição. Suspirei satisfeita, invadida pelas primeiras pontadas de desejo.

- Sempre.

Deixamos um rastro de água pela casa. Dominique trancou a porta do quarto e se livrou do robe. A água tinha transformado sua regata branca em um pedaço de pano colado e transparente, exibindo a pele levemente mais escura na aureola de seus seios e marcando os pontos rígidos em seus mamilos.

Eu queria beijar sua boca e adorar seu rosto a noite inteira. Só tê-la nos meus braços, enfiar meu nariz em seus cabelos e me perder no seu cheiro.

Mas aquela porra daquela regata... E eu estava duro.

Ela se afastou para pegar toalhas no armário e eu fiquei assistindo sua bunda naquele short minúsculo e morrendo de saudades. Me pegou encarando quando se virou de volta, com um sorriso safado no rosto. Colocou as toalhas na cama e seus dedos vieram para o meu tórax. Acariciei seus braços enquanto ela desabotoava minha camisa molhada, enfiando os dedos por dentro do tecido, afastando-o da minha pele.

- Estava encarando meus peitos, Holt?

- Sua bunda, na verdade. - corrigi - Mas já que você mencionou. - empurrei sua cintura poucos centímetros para trás, liberando a visão da regata transparente.

Deu um tapa brincalhão no meu braço e empurrou minha camisa, despindo meu torso.

Eu me sentia bem.

Leve e feliz.

Como se tivesse me encontrado depois de uma longa busca. Podia respirar fundo e em paz pela primeira vez em muito tempo. Dominique usou uma das toalhas para secar meu peito. Fiquei em silêncio, mordendo meu sorriso levado, observando-a trabalhar, esperando minha vez.

Se esticou para secar meus cabelos e eu enfiei os dedos por dentro de sua camiseta, apertando seu estômago. Sacudiu meus cabelos com a toalha e eu reclamei risonho. Tinha sido só uma brincadeira, mas Dom levou a mão carinhosa ao meu rosto. Até a bochecha sensível que ela tinha estapeado com violência horas mais cedo. Alisou a maçã do meu rosto e plantou um beijo delicado bem ali.

- Desculpe por ter te batido. - sussurrou.

- Desculpe por ter te dado motivos. - devolvi.

Levantou os braços para o teto e eu puxei sua camiseta pela barra, despindo-a também. Livrando seus seios úmidos. Peguei a outra toalha em cima da cama e lhe devolvi o cuidado que ela tinha

me oferecido. Sequei um seio de cada vez. Escorregando a toalha por baixo do seu peso, circulando os mamilos delicadamente, acariciando cada gota de água com o pano.

- Estão secos, Holt. - riu, quando eu voltei ao primeiro seio pela terceira vez.

- Tem certeza? - brinquei - Não quero que você fique doente. - acrescentei dedicando um pouco mais de atenção ao seu seio, antes de passear a toalha pelo resto do seu corpo molhado.

- Quase deixou uma marca aqui. - apontou para o mamilo esquerdo.

- Onde? - perguntei, mesmo tendo entendido perfeitamente - Aqui? - apertei o peso do seu seio na minha mão.

- Não. - esfregou o nariz no meu - Aqui. - beliscou o mamilo - Quase ficou a marca quando você mordeu com força. Sangrou. - dobrou um lábio inferior, dengosa e eu o lambi, gemendo desculpas - Doeu por dias.

- Desculpe. - murmurei - Desculpe por ter perdido o controle naquele banheiro.

- Desculpe por ter te dado motivos. - me imitou e eu senti meu pau avançando furioso.

Dominique nunca foi inocente e ao sentir minha ereção, esfregou-se na minha virilha me fazendo tremer.

- Não me deu motivos. - gemi - Eu não deveria ter desconfiado de você. Me perdoa?

Segurou meu rosto nas mãos e eu me virei para beijar sua palma antes de apoiar meu queixo nela.

- Você só queria me perguntar o que houve. - sua testa contra minha e eu sentia seu calor - Eu deveria ter te contado desde o começo ou ter deixado você perguntar. Era só uma pergunta. Desculpe eu ter sido tão sensível.

Beijei sua boca com ganância.

- Você estava certa em ser sensível. - declarei nos curtos espaços de tempo que minha boca abandonava a dela - Eu duvidava de você com frequência. Sinto muito, Dom.

- Não era tão frequente assim. - suspirou na minha boca - Aconteceu logo quando ficamos juntos ou quando eu falava sobre

sua avó, mas eu exagerava... Não precisava ter exagerado. Me perdoa.

Apertei sua cintura, forçando seu quadril contra o meu.

- Sou eu quem tem que pedir desculpas. A mulher nunca prestou. Eu devia ter te ouvido.

- Nunca te dei a chance de me ouvir, Greg. - arfou, quando puxei seu short para baixo, arrancando-o junto com a calcinha para longe de suas pernas.

Estava nua, nos meus braços, desatacando o meu cinto.

- Deveria ter te dado a chance. Desculpe por não ter te contado tudo anos atrás.

- Você me deu uma chance. - meus dedos escorregaram pelos seus pelos e foi bom que eu já tivesse a frase pronta na língua, porque perdi a minha linha de raciocínio assim que aquela cobertura rala raspou nos meus dedos - E eu te interrompi. Não te deixei me contar. Fui horrível.

- Eu poderia ter insistido. - desceu o zíper, fazendo minhas calças escorregarem.

- Eu poderia ter sido mais compreensivo. - deslizei o dedo entre os lábios de sua vagina e senti aquela umidade que definitivamente não era água da chuva.

- Se eu tivesse falado com você desde o começo nada disso teria acontecido. - lambeu meu pescoço e eu me abaixei para enfiar seu seio na boca. Beijando com cuidado o mamilo que antes tinha machucado.

- Se *eu* não fosse tão idiota nada disso teria acontecido.

- Vou concordar com essa parte, só um pouquinho. - riu e eu me levantei para chupar sua língua. Puxei seus cabelos melhorando o ângulo para que pudesse beber sua saliva mais vorazmente.

- Me desculpa por ter te magoado. - apertei seu rosto, mantendo-a tão perto da minha boca quanto pude, sem beijá-la - Nunca foi minha intenção, Dom. *Nunca*.

- Eu sei. - seu polegar estava nos meus lábios e eu o beijei, fechando os olhos devagar - Desculpa por não ter te ligado todos esses anos.

- Eu fui um filho da puta quando você ligou.

- Foi, mas merecia uma explicação. E eu fui egoísta por não te dar uma.

- Você estava assustada. - engoli a seco - E achou que eu... achou que eu não queria vocês.

- Desculpe por acreditar nisso. - sussurrou - Eu nunca devia ter acreditado que você pudesse...

- Shh... - pedi e a calei com minha boca.

Seus dedos desceram pelo meu estômago, pirraçando meu umbigo e agarrando minha rigidez. A guiei pela cintura e tropeçamos, caindo na cama. Ele riu e se ajeitou enquanto eu rastejava sobre o seu corpo, cobrindo-a.

Puxou meus cabelos com desejo, mas eu não pretendia atingir seu pescoço agora. Ao invés disso me demorei em suas pernas, beijando suas mãos, lambendo o princípio dos seus pelos, mordendo sua barriga.

Meus dedos encontraram uma pequena falha na sua pele. Três pequenas estrias rosadas ao redor do seu umbigo.

- Isso é novo. - murmurei.

Ela passou seu dedo longo e arranhou a marca com sua unha impecável.

- Gravidez. - explicou.

Gravidez.

Sua pele esticou e cedeu para dar espaço para o meu filho.

Meu filho que cresceu ali por meses e meses longe de mim.

Coloquei meu nariz contra seu estômago, enquanto um turbilhão de emoções me invadia.

Aquela pequena marca era tudo que restava para mim. Dos primeiros nove meses. Dos primeiros sete anos.

Todo o resto eu teria que ver por fotos ou ouvir em gravações e histórias. Aquela pequena marca no estômago de Dom era a única coisa real que eu tinha do nascimento do meu filho. A única coisa palpável.

Repousei os lábios sobre a discreta falha em sua pele e a beijei. Queria ter visto aquela marca se formar. Queria tê-la visto crescer.

Cobri toda sua extensão de beijos, antes de seguir para a próxima e a próxima. Dominique estava rindo quando eu acabei.

- Adoro suas estrias. - decidi.

- Está aí uma coisa que não se escuta na cama todo dia. - brincou, alisando meu queixo.

Inspirou como se fosse continuar me perguntando outra coisa, mas eu estava farto de conversar e escorreguei para o meio de suas pernas, abrindo sua carne com os dedos, mordi o pequeno caroço inchado fazendo-a ofegar de prazer. Deslizei a língua experimentando seu mel. Suas pernas se contraíram e suas mãos agarraram os lençóis.

Me afastei poucos centímetros e soprei devagar, refrescando toda sua entrada. Dom gemeu alto e meu pau duro estava furando o colchão. Escalei seu corpo, tocando suas curvas com minha língua até alcançar a curva do seu pescoço. Suas mãos desceram raspando pela minha coluna, enterrando as unhas na minha bunda.

Puxei um de seus joelhos, abrindo espaço para mim. Esfregando minha ereção entre suas pernas em um roçado demorado, sem pressa. Dominique puxou minha boca com um beijo desesperado. Nossos gemidos intercalados com nossas respirações ofegantes. Apertei a carne de seus seios e preendi seu lábio inferior entre os dentes quando ela se afastou apenas um pouco. Me ofereceu a língua, lambendo a linha do meu maxilar. Girei o rosto para lhe dar passagem para o meu pescoço e ela o lambeu e mordeu. Sua saliva deixava um rastro na minha pele que formigava febrilmente, me entupindo de uma luxúria enlouquecedora.

- Te amo. - gemeu - Greg... te amo.

- Te amo mais. - sussurrei.

- Impossível. - sorriu por uma fração de segundo antes de passar a língua nos lábios e espremê-los, controlando o gemido quando me enterrei nela.

Estocando lentamente, fazendo nossos quadris dançarem. Suas pernas se esfregando na parte externa das minhas coxas. Cada respiração era um gemido que me deixava mais excitado que o anterior.

Beije seu rosto, vendo seus olhos revirarem.

O amor da minha vida.

Dominique enfiou os dedos na boca chupando-os daquele jeito que me fazia querer morrer e agora era eu quem gemia como um animal. Mordeu os nós dos dedos sufocando os gritos e me afoguei no seu calor. Mordi o dedo que ela mantinha na boca, afastando-os com os dentes, tomando sua boca, enfiando minha língua na sua garganta. Explodindo.

Minha virilha se aqueceu e descontrolou. Uma tensão crescente a cada novo impacto do meu corpo com o dela, roçando minha virilha com força contra seu clitóris. Ela gritava na minha boca. Um grito sufocado pelos beijos intensos. Dominique mordeu minha boca e gozou com espasmos tremendo por seu corpo. Cravou os dentes no meu queixo e a tensão dentro de mim transbordou quando esporrei possuído pelo alívio.

Rolei para o lado, saindo dela. Dom beijou minha boca e eu fiquei lambendo meus lábios quando ela se jogou nos travesseiros do seu lado da cama. Lambendo meus lábios e sentindo seu gosto ainda presente.

Beijou meu peito e se levantou.

- Ei! - reclamei - Vai pra onde?

- Vou tomar banho! - constatou com obviedade - Não sou um animal para dormir suada e molhada de chuva.

- Eu estou convidado? - brinquei mais uma vez.

- Está intimado. - exclamou, já na porta do banheiro - Não vai dormir sujo na minha cama.

Eu a segui obediente e me joguei embaixo do jato de água quente junto com ela.

Era o melhor tipo de banho. Eu tinha sentido uma saudade louca disso: Dominique ensaboando meu corpo, sorrindo, me beijando, enxaguando os próprios cabelos, curvando o pescoço no jato de água de um jeito que fazia seus seios pularem para frente, ficando a minha disposição.

Fiz amor com ela no chuveiro. Suas mãos enfiadas nos meus cabelos, puxando meus ombros. Me enfiando fundo nela, sua umidade escorrendo por nossas pernas e se misturando a água quente.

Secamos um ao outro e eu a carreguei para a cama.

- O que está fazendo? - protestou rindo, quando eu a suspendi no ar.

E eu não respondi porque não sabia.

Não fazia a menor ideia do que estava fazendo. Só sabia que eu estava feliz. Tanta felicidade que eu mal conseguia conter no meu corpo.

Deitei a cabeça no travesseiro ao seu lado e Dom se moveu na cama, aninhando-se no meu peito. Alisei seus cabelos em um cafuné sem compromisso.

- Vai dormir agarradinha, é? - provoquei.

- Vou. - beijou a base do meu pescoço - Quer que eu saia?

- Nunca. - apertei os braços ao seu redor.

Ele suspirou e logo pegou no sono. Eu fiquei deitado com Dom nos meus braços, tentando igualar nossas respirações. Minha mente demorou poucos minutos para ficar embaçada e preguiçosa. Me levando a um sono cada vez mais profundo.

Eu sequer me lembrei que não tinha tomado meus calmantes.

Não precisei deles.

O sono encontrou seu caminho de volta para mim. Era aquela mais absoluta paz que me cercava e que tinha uma justificativa muito óbvia: eu estava em casa.

Capítulo 17

A claridade me incomodou apesar de minhas pálpebras firmemente cerradas. Esfreguei os olhos e as têmporas, despertando. Estiquei o braço para o lado e encontrei a cama vazia.

Mantive meus olhos fechados por mais alguns instantes: se aquilo tudo tivesse sido apenas um sonho e eu acordasse na minha cobertura solitária eu iria querer morrer. Respirei fundo e abri os olhos, corroído pela adrenalina capaz de acordar uma pessoa de forma bem mais eficiente que qualquer alarme despertador. O piso de madeira, as cortinas brancas entreabertas, o travesseiro amassado ao meu lado. Um sorriso gostoso na minha boca.

- Dom? - chamei, preguiçoso - Traga sua bunda de volta pra cama. - reclamei para o travesseiro.

Alguns segundos de silêncio.

- Dom? - sentei na cama.

Procurei meu celular em um dos bolsos das minhas calças caídas no chão e... *puta que pariu*, era quase meio dia.

Levantei sobressaltado e me enfiei no banheiro. Já tinha a calça enfiada nas pernas, apressado, quando lembrei que não tinha para onde ir.

Você está desempregado, esqueceu?

Aquele pensamento me encheu de um alívio absurdo e maravilhoso.

Eu não precisava ir a lugar algum. Poderia simplesmente ficar ali. O dia todo.

Tirei as calças de novo e me enfiei no chuveiro. Me sequei com uma das toalhas que tínhamos usado na noite anterior e a enrolei na cintura. Tinha uma escova de dentes lacrada em um pacote ao lado de um pasta, posicionadas bem no meio do balcão, perto da pia, e eu imaginei que deveria ser uma instrução de Dominique.

Ela deve estar no trabalho e Ty na escola.

Escovei os dentes e me vesti.

O papel ofício grudado na geladeira por uma quantidade desnecessária de imãs chamou minha atenção. Letras riscadas repetidas vezes com força traziam meu nome em grandes letras garrafais, destoando do resto da longa carta escrita na elegante caligrafia de Dom que os anos não me tinham deixado esquecer.

Retirei os imãs com cuidado e o peguei nas mãos:

"GREGORY,

Não te acordei porque não imaginei que fosse preciso já que você está desempregado. (EBA!!)Deixei dois sanduíches pra você no microondas. Não coloque mais do que 30 segundos ou vai ficar muito quente, você vai se queimar e ficar reclamando como uma garotinha. Tem suco na geladeira. Não fiz café e, por favor, não arrisque. Se eu te conheço, vai destruir minha cozinha. Ty sai da escola a 1:30, você pode pegá-lo? Mande uma mensagem para mim, se puder, ou vou imaginar que não pode. Ele precisa tomar um banho quando chegar, e comer alguma coisa. Não deixei almoço e, por favor, não arrisque... Deixei dinheiro em cima da mesa (não sei como está sua situação de desempregado - EBA!!)para vocês pedirem uma pizza. Já que está aí durante a manhã, seja útil: faça a cama, tire o lixo e leve o cachorro para passear, sim? E nessa casa a gente lava a louça que usa! E NÃO FAÇA BAGUNÇA!

Você roncou e meu deixou acordada a noite toda. Espero que esteja descansado porque eu tenho planos de vingança que vão te deixar acordado a noite toda também.

Um beijo,

Te amo."

Eu não saberia dizer qual parte da mensagem eu gostava mais.

Eu adorava minha Dom mandona me dizendo o que fazer. Adorava o jeito como ela se importava e cuidava de mim. Adorava o jeito descontraído como ela viu minha nova situação. Adorava esse companheirismo de dividir tarefas. Adorava sua promessa de me deixar acordado a noite inteira.

Mas mais do que tudo, eu adorava que ela tivesse me deixado um beijo e dito que me amava. As pessoas geralmente acabam uma

carta com um dos dois. Mesmo uma carta romântica. Deveria ser "um beijo" e uma assinatura. Ou "te amo" e uma assinatura. Mas ela tinha deixado os dois. Eu precisava dos dois. Precisava de um beijo e precisava saber que ela me amava. E não precisava de uma assinatura.

Mandei uma mensagem para ela confirmando que pegaria Ty na escola e ela respondeu com um graça de descrença me chamando de preguiçoso por ter dormido até aquela hora. Estiquei os braços alongando o pescoço assim que tomei café e me pus a trabalhar. Arrumei mais do que ela tinha pedido e deixei a casa o mais organizada que pude na uma hora que tive antes de sair para pegar meu filho.

- Pai!

Tyler correu animado e me abraçou. Devolvi o abraço, sentindo meu corpo inteiro tremer. Era a primeira vez que ele me chamava assim.

- Como foi a aula, garoto? - mantive o aperto ao seu redor. Ele se moveu tentando pegar a mochila que tinha deixado poucos passos atrás de si, mas eu resisti em soltá-lo.

- Legal. - recuperou a mochila e eu passei a mão nos seus cabelos antes de beijar sua testa.

"Pai".

Eu não me importava com qual seria o motivo de sua animação para finalmente usar aquela palavra. Eu só me importava que ela tinha sido usada. E eu estava sorrindo como um imbecil.

- Pronto para ir?

- Pronto! Mamãe disse que você ia ficar com a gente por um tempo. - continuou, satisfeito.

Disse?

Eu estava sorrindo ainda mais.

- Quer dizer! - apressou-se a corrigir - Disse que *talvez* você ficasse com a gente por um tempo.

- Tudo bem por você? - sacudi sua mão, presa na minha - Se eu ficar com vocês por um tempo?

- Tudo. - concordou com um gesto - Me ajuda com o quebra-cabeça que eu te falei?

- Aquele de 8 mil peças? Claro!

Fizemos o caminho de volta com uma conversa animada em que Tyler tentava me explicar o funcionamento de algo chamado Dragon Ball Z, sem muito sucesso. Fingi entender porque não queria que nossa interação esfriasse, mas fiz uma nota mental de começar a assistir esse desenho para ter mais assunto da próxima vez.

Deixei sua mochila em um canto da sala enquanto ele corria para o cachorro.

- Euler! - sacudiu suas orelhas devagar, enfiando o nariz no seu pelo. O samoieta estava crescendo e crescendo. A medida que ficava mais velho, suas orelhas - dobradas quando filhote - começavam a se erguer, de modo que uma delas já estava praticamente de pé.

Tyler correu para o quarto. Mal tinha terminado a ligação para a pizzaria e ele já estava espalhando as peças do quebra-cabeça em cima da mesa de centro da sala. Eu lembrava da ordem de Dominique de deixá-lo alimentado e tomado banho. Também lembrava das suas severas instruções de "NÃO FAZER BAGUNÇA" em garrafais letras maiúsculas e imaginei se não seria a algo assim que ela se referia.

Mas ele estava tão feliz. Sorria e alternava os nomes. Tinha me chamado de Gregory uma vez e voltado ao "*você*", como se estivesse testando o terreno. Mas entre pegá-lo na escola e a chegada da pizza eu contei quatro "*pais*".

Quatro preciosos "*pais*".

As últimas duas vezes tinham sido seguidas e eu não ia perder minha sequência com ordens de banho, de fazer a tarefa ou simplesmente interrompendo nossa brincadeira.

Manter Euler longe das miúdas peças exigia dedicação constante e, em duas ocasiões, eu tive certeza que ele tinha danificado a peça além de qualquer solução. Certeza essa que só poderia ser confirmada se finalmente encontrasse o encaixe das malditas peças naquele emaranhado infinito de caos que eram as oito mil peças.

Nunca fui adepto da montagem de quebra-cabeças, mas já tinha visto diversas caixas contendo os brinquedos: casas de amigos, lojas especializadas... Confesso, no entanto, que sempre tinha lido o número como apenas um número. Cinco mil peças era muito. Seis mil era ainda mais. Oito mil era um bocado... Mas nunca gastei muito tempo pensando nisso.

Até Ty abrir sua caixa e despejar seu conteúdo pela mesa de centro de Dominique.

Oito mil peças eram MUITAS peças.

E eu não conseguia nos ver terminando aquela empreitada em um futuro muito próximo.

- Não sei se a gente vai conseguir terminar isso tudo hoje, Ty... - amaciei. Era melhor fazê-lo aceitar a situação ao invés de parar tudo bruscamente em uma sensação de derrota.

- Ah, eu sei. - levantou um ombro, quando encontrou mais uma peça que se encaixava na borda - Eu geralmente levo alguns dias para terminar um desses.

- Alguns dias? - exclamei impressionado - Ok. - ri.

- A gente vai montando devagar. - murmurou com cuidado, antes de levantar um olhar curioso para mim.

Eu entendi o que ele queria... Sorri de volta.

- Sem problemas.

- Mesmo que demore dias? - perguntou.

Ele queria confirmar se eu iria mesmo ficar por perto. Estava usando o quebra-cabeça como um modo de criar um vínculo. Criar uma obrigação. Algo que iria me manter ali.

- Mesmo que demore anos, filho.

Fechei a porta do seu quarto, pisando macio, para não acordá-lo.

- Não precisa ficar na ponta dos pés, Holt. - ela estava terminando de lavar os pratos do jantar - Ele tem um sono pesado. Um tiroteio não o acorda.

Enfiei as mãos nos bolsos e apoiei as costas contra a parede. Parado e sorrindo. Assistindo-a abrir a geladeira e beber goles do isotônico direto da garrafa.

- O que foi? - riu, limpando do queixo as gotas de isotônico que escorreram quando ela se livrou da garrafa rápido demais.

Eu ia dizer "nada". Mas ao invés disso:

- Te amo.

- Ama, sim. - mordeu a ponta da língua, sorridente.

- Acho que Ty gostou de me ter por perto. - arrisquei, me aproximando - Ele mencionou que você lhe disse que eu ficaria por um tempo.

- Disse que *talvez* ficasse. - corrigiu e diante das duas correções, imaginei que ela tivesse frisado aquela palavra de dúvida quando conversou com ele - Não tinha falado com você, mas não queria que meu filhote fosse pego desprevenido.

- E eu posso?

- Pode o quê?

- Ficar?

Me analisou clinicamente, demorando-se em seu escrutínio delicado.

- Pode. - decidi - Mas eu não quero mais essa confusão de quebra-cabeça na minha sala!

Eu atravessei a sala e a coloquei nos meus braços, beijando seu rosto enquanto ela arranjava novos motivos para reclamar entre sorrisos.

- Vou me comportar. - prometi.

- Duvido! - riu alto.

Coloquei sua boca nos meus lábios e a beijei preguiçosamente.

- Eu lembro de uma promessa envolvendo "me deixar acordado a noite toda". - brinquei.

- Greg. - apoiou a testa na minha. Havia seriedade ali.

- O que foi?

- Quero conversar. - murmurou - Estou com medo.

- Medo? De quê? - me afastei para olhá-la nos olhos.

- De Eleanor. E Gregory! - acrescentou com pressa - Não ouse me dizer que não tenho motivos ou que tudo está bem e...

- Não disse nada disso. - concordei.

Ela engoliu o resto do discurso e respirou fundo.

- Estou com medo dela e do que ela pode fazer.
- O que acha que ela pode fazer?
- Vai acreditar em mim? - levantou as sobrancelhas.
- Sempre e pelo resto da minha vida.
- O coelho da páscoa arrombou a janela com uma cenoura e roubou minhas meias. - testou.

- Ligo para a polícia ou para o controle de animais? - aponte o polegar para o telefone e ela riu.

Eu me afastei e peguei o celular, me preparando para discar, quando ela segurou meus braços.

- Está bem, está bem. - riu, discreta - Acredita em mim. Provou seu ponto.

- O que ia me contar? - deixei o telefone de volta na mesa.

- Eleanor mandou Boe me matar.

Um arrepio congelante rasgou minha coluna.

- Mandou ele colocar uma coisa na minha bebida que seria suficiente para me fazer abortar e me mandar para o hospital com sérias sequelas. No mínimo. - apertava meus braços como se quisesse me dar forças para ouvir aquilo. Mas não havia no mundo forças suficientes. - Mas ela subestimou Boe... nós... nós éramos amigos e ele me contou tudo. Sugeriu que eu fugisse. Disse que você não iria acreditar em mim. Eu fiquei com medo, Greg. Fiquei com medo naquela época e estou com medo agora.

Me apoiei no encosto do sofá e deixei minha mente viajar.

- Acredita em mim?

Dominique era uma mulher forte, mas eu a conhecia bem demais: ela estava tremendo por dentro. Levantei, tomando suas mãos nas minhas.

- Acredito! - encarei seus olhos escuros, dando-lhe segurança - Cada palavra. E vou cuidar disso.

- Como?

- Zahner é da polícia, não é? E está atrás de Eleanor... dei o contato do Boe para ele.

- E se Boe não falar? Ele tem medo dela também.

- Vou falar com ele. Falamos com ele, juntos. Vamos convencê-lo. Vamos conseguir provas, Dom. - coloquei seu rosto em

minhas mãos - E fazê-la pagar pelo que fez. Mas até lá: não tenha medo. Eu vou cuidar da gente. Ela não vai encostar um dedo em você ou no Ty.

- Greg...

- Você pediu para eu acreditar em você. Sem dúvidas. E eu estou fazendo isso. Agora, vou te pedir para confiar em mim. Pode fazer isso? Pode confiar que ela não vai me enganar de novo e que eu vou cuidar de nós três? Sem dúvidas?

Espremeu os lábios e balançou a cabeça afirmando. Beijeu sua boca de novo.

- Nós quatro. - murmurou.

- Han?

- Hyatt. - lembrou - Tem que cuidar dele também.

- Eleanor não vai incomodá-lo. - passei a mão nos cabelos.

- Por que ele não é seu filho genético?

Meu queixo caiu antes que eu pudesse impedi-lo.

- Como você...

- Cor dos olhos. - levantou um ombro - E você ficou amargo com os anos, deu para perceber. Mas não acho que se acreditasse que era realmente seu filho teria mantido o garoto tão distante. Ainda foi errado o que fez! - ergueu uma sobrancelha me recriminando - Ele não tinha culpa de... *nada*. Mas eu vi como você estava com Ty. Sequer o conhecia, mas só por ser seu filho... - suspirou - Eu pude *ver*. E não acredito que poderia ter ignorado Hyatt daquele jeito se fosse realmente seu sangue. Teria superado os problemas com Elizabeth.

- Você me conhece bem demais.

- Eu sei.

- É assustador. - ofeguei.

- E Eleanor sabe?

- Descobriu há pouco tempo. Ou talvez sempre soubesse... mas há pouco tempo eu falei explicitamente sobre isso e agora ela não pode fingir que desconhece.

- E quando você descobriu?

- Tive um problema... - dei de ombros - estava temporariamente infértil quando o garoto foi concebido. Fiz alguns

exames de sangue assim que ele nasceu e...

- Sempre soube.

- Sempre soube. - concordei.

- Deveria ter cuidado dele ainda assim, Holt.

- Eu sei. É por isso que falei com ele... ontem. Pedi o divórcio de Elizabeth, mas vou pedir a guarda também. Se ele quiser ficar comigo... quero que tenha essa opção.

- E sabe quem é o pai?

- Tenho uma suspeita bem forte.

- E acha que Elizabeth vai deixar?

- Não... - puxei sua cintura - Ela vai brigar. Mas é o juiz quem vai decidir e... - interrompi minhas palavras - Não preciso te explicar como isso funciona. - ri.

- Já conseguiu um novo advogado?

Inspirei profundamente e ela levantou um indicador.

- Não, Holt.

- Dom...

- Não, não e não. Isso seria complicado e confuso em níveis que...

- Dom, por favor. A audiência é na próxima semana. Eu posso fazer tudo sozinho se for preciso, mas não vou arranjar um advogado as pressas.

- Por que não?

- Precisa perguntar? Eleanor pode já ter enfiado suas garras em todos os lugares. Eu não poderia confiar em ninguém.

Ela se afastou com as mãos na cintura enquanto considerava.

- Ah, maldito seja! - esfregou os olhos.

- Obrigado! - beijei seu rosto - Obrigado. - raspei nossos narizes.

- Tá, tá... - reclamou - E como pretende me pagar? - riu quando eu mordi seu lábio inferior.

- Bem, a não ser que você aceite métodos alternativos - provoquei - Eu preciso conseguir um emprego primeiro. - brinquei.

- É? E quais são as opções? - se afastou para terminar de guardar os copos.

- Stripper, talvez. - ri - Acha que eu tenho talento?

Ela me observou com o canto do olho e eu rebolei a pélvis, devagar, desatacando o cinto.

- Definitivamente. - lambeu os lábios.

- Ah, é? - me aproximei, por trás, tomando sua bunda nas mãos.

Eu adorava o sabor dele. Ficava ecoando na minha língua sempre que me beijava. Sempre que eu o lambia em qualquer lugar que me apetecesse. Tantos anos faminta.

Faminta pelo tórax definido que eu desbravava, tirando sua camisa do caminho.

Faminta pelos lábios cheio de luxúria que buscavam minha boca com violência.

Faminta pelos seus cabelos arrepiados sempre rigorosamente penteados, a não ser quando minhas mãos libidinosas se espalhavam, bagunçando seus fios com nosso tesão.

Faminta pelos olhares.

Faminta pelas palavras.

Faminta pelas carícias.

Faminta pela sua longa extensão rígida que minhas mãos ávidas mal podiam esperar para libertar da cueca.

Anos de fome por Holt.

E ali estava ele: servido em um prato sem restrições para o meu prazer. Eu o espremia em meu abraço, mantendo-o perto, sentindo-o duro, furando suas calças e minha pele. Tentando controlar a vontade de se esfregar em mim. E falhando copiosamente em moderados movimentos do quadril, raspando seu pau ereto contra qualquer parte do meu corpo ao seu alcance.

- Vai me deixa ficar? - me beijou com gosto. Eu já tinha respondido aquela pergunta, mas se ele a repetiu é porque se deliciava com a resposta e eu não pretendia interromper seu prazer.

- Depois do striptease. - provoquei, lambendo-o - Não decidimos que é assim que você vai pagar as contas a partir de agora?

Ele começou a rir, mas meus dentes encontraram seu mamilo e a risada se transformou em um gemido abafado e incontrolável.

Mordi com força e ele reclamou.

- O que está fazendo? - passou o dedo no tórax, me recriminando, apertando minha bunda com mais força do que seria necessário.

- Me vingando. - constatei sapeca - Estamos quites agora.

Gregory mordeu meu lábio e me chupou para dentro da sua boca. Coloquei seu rosto nas mãos e tive vontade de abrir os olhos para vê-lo.

Vê-lo sobre mim... Assistir enquanto ele me amava e me possuía.

Mas o enlace de nossas línguas era tão profundo que eu só fui capaz de manter meus olhos fechados, sentindo a explosão de cores quentes atrás de minhas pálpebras fechadas e maravilhadas.

Apertei os músculos de seus braços e senti nossos corpos em chamas se cobrirem de uma fina camada de suor frio. Aquela película superficial que nos envolvia e refrescava nossa febre, enquanto meu Greg livrava o caminho entre nossos corpos, permitindo que eu fosse, mais uma vez, sua. O único homem a quem eu já havia me permitido pertencer.

Dele.

A cada nova estocada, suspiro, súplica e desejo.

Dele.

Minha bunda apoiada na pedra fria que servia de balcão para a cozinha, um pouco alta demais para Greg que se esticava quase nas pontas dos pés para se enfiar mais fundo. Empurrando minhas coxas contra o mármore, apoiei meu peso em seus ombros. As bochechas da minha bunda doíam pressionadas com força contra a borda do balcão quando eu me inclinava para baixo para encontrá-lo. Mas a dor não conseguia superar a fome.

Nada jamais conseguia superar a fome.

Sua língua estava no ar, esperando por mim, e eu a encaixei em minha boca. Sugando, voraz. Holt não parava de me preencher. A respiração curta e os gemidos contínuos. Seus braços ao meu redor me equilibravam e excitavam ao mesmo tempo.

- Desistiu do striptease? - sua boca estava úmida com a minha saliva.

- De jeito nenhum! - arfei - Economize um pouco das suas energias.

Greg moveu o quadril de um jeito inusitado e eu gemi. Girando sua ereção dentro de mim. Rebolei, forçando-o a atingir partes sensíveis.

- Eu fui prometido uma noite acordado. Agarrava as bandas da minha bunda e escorregava os dedos entre elas - Vou exigir o que me prometeu.

Levantei o rosto, rindo, e ele mordeu meu queixo, voltando a estocar de seu jeito rítmico e delicioso.

- Tentar bater um record de quantas vezes já te fiz gozar em uma noite.

- Não vai me enganar... eu quero meu striptease, Holt!

Beijou e lambeu minhas risadas.

- Eu até tentei começar... - provocou - Mas você foi logo tirando minhas roupas.

- A carne é fraca. - chupei a pele do seu pescoço, prendendo-a entre os dentes. Lambendo a região que corava sob a minha constante sucção. Me espremi em seu tórax, esfregando meus seios em seus músculos.

- *Muito* fraca. - gemeu, fechando os olhos diante do contato entre nossas peles nuas, estimulando cada região dos nossos corpos.

Demorou-se no beijo antes de me soltar e admirar meus olhos. Era sempre aquilo: meu amor era a única coisa maior que o tesão que eu sentia por Holt. Aquele calor que sobe pelas costelas e te faz corar só de ver a pessoa sorrir. Aquele comportamento febril de corações acelerados que prescinde a nudez. Basta um olhar. Uma minúscula promessa de toque.

Me encolhi diante dele e o deixei se fazer grande. Me envolvendo entre seus ombros largos e braços fortes. Me protegendo em seu abraço afetuoso. Me fazendo sua com o corpo inteiro e não apenas com seu pênis.

Fechei os olhos.

Eu estava me perdendo rápido demais. Respirei fundo, tentando me controlar.

Queria que durasse mais.

Queria que durasse para sempre.

Queria viver eternamente com Holt dentro de mim naquele exato segundo que precedia nossas crises.

Ele tomou meu ouvido na sua boca e estava sussurrando que me amava. Pequenas palavras mal murmuradas distribuindo um suave arrepio por todos os lados.

O ápice veio e me arrebatou. Me fazendo morder os gritos e enfiar as unhas nas costelas de Gregory. Ele gemia comigo, mas não de dor pelos arranhões... Gemia de prazer. O prazer que eu espelhava perfeitamente. Ali, envolvida pelos seus braços e pelo seu carinho.

Apoiou-se no balcão para aliviar o peso que tinha sobre mim. Sua testa estava suada na curva do meu pescoço e eu percebi que tinha perdido a sensibilidade em minhas pernas que formigavam e ardiam.

Holt inspirou exageradamente e eu ri.

- Vai acabar comigo, Thoen.

- E você vai gostar. - dei um tapa brincalhão na sua bunda seminua.

- Vou adorar. - saiu de mim devagar, beijando minha bochecha.

- Você também não é mau de se ter por perto. - pisquei os olhos, arrogante, e ele beliscou minha coxa ardida, me ajudando a atingir o chão em segurança, apesar de minhas pernas bambas e inseguras, mantendo-me firme em seu abraço.

- Isso foi um elogio?

- Ainda não. - eu gostava de provocar seus lábios com os meus. Era uma das partes que eu mais gostava. - Você é gentil. - pressionei nossas bocas, unindo-as - Inteligente. - ele sorriu, os olhos quase fechados, esperando os beijos seguintes que ele sabia que viriam - Decente. - não beijei de propósito, desviando nossas bocas no último segundo - Dedicado. - Greg me apertou, forçando o beijo que eu lhe tinha negado e me fazendo rir - Gostoso. - gemi baixinho, lambendo os lábios para provocá-lo.

Eu esperei ele me empurrar para o quarto mas ao invés disso ele me soltou. Pegou meu rosto nas mãos e sorriu como se esperasse algo.

Fiquei em silêncio sem compreender o que ele queria.

- E rico. - acrescentou a minha lista.

- Ah, perdão! - revirei os olhos, exagerada - E rico. Satisfeito agora?

- Você não faz ideia. - agora ele estava me empurrando para o quarto e cobrindo meu corpo de beijos.

- Achei que você ia querer acrescentar o tamanho do seu pau ou algo assim.

- Já entendi essa parte quando você gemeu me chamando de gostoso. - admitiu arrogante, fechando a porta do quarto atrás de nós.

- Pois então eu retiro.

- Retira coisa nenhuma.

Ele me carregou no colo e eu quase gritei. A lembrança do meu filho dormindo no quarto do lado foi tudo que me impediu de explicitar meu susto.

- O que está fazendo?

- Estou te levando pra cama. - me derrubou no colchão e cobriu meu corpo com o seu.

- O que pensa que está fazendo? - reclamei.

Ele hesitou sobre mim. Agora era ele quem não compreendia.

- Já disse, Holt. - sorri safada, lambendo a linha do seu maxilar e o sentindo endurecer - Não vai me enganar. - Enfiei minhas mãos pelo cós das suas calças já abertas. O sorriso descarado no rosto de Greg desapareceu em confusão quando eu abotoei suas calças de volta. - Levanta. - mandei, assim que constatei que ele já estava *precariamente* vestido - Não me ouviu mais cedo? Eu quero meu striptease.

Eu já tinha tirado a roupa, é claro.

Mas não me lembro de já ter feito isso dançando.

Verdade seja dita, eu sequer me lembrava de *dançar* nos últimos anos. E certamente nunca com movimentos tão sensuais ou uma plateia tão ávida.

Dominique escolheu uma música e a colocou para tocar nos alto-falantes do celular. Eu não conhecia a música, mas também, não sei se faria diferença se eu conhecesse. Tentei sorrir safado, mas tenho certeza que um pouco de constrangimento transpareceu em meu gesto. Seu sorriso se abriu e eu imaginei que ela me achasse adorável.

Vesti a roupa inteira, antes de continuar. Coloquei até uma gravata.

- Já está bom, Holt! – reclamou ansiosa – É pra tirar a roupa, não pra colocar.

Estreitei os olhos recriminando seu comportamento.

- Se vai ser tão mandona assim, eu não tiro mais. – eu me virei e balancei o quadril devagar, tentando acompanhar o ritmo da música.

Dom riu, e bateu na nádega que eu oferecia. Desabotoei a camisa, um botão de cada vez, girando de modo que ele pudesse ver alguns relances do meu tórax, mas perdesse outros. Na última volta que dei, vi seu corpo se inclinar, me acompanhando. Tentando seguir meu movimento. Ela alcançou um ângulo precário e quase caiu de lado na cama, me fazendo sorrir.

Isso ia ser divertido.

Mulheres associam dança a sexo.

Eu tinha um tesão louco por Holt, isso era de conhecimento público.

Mas não esperava que minha brincadeira, quase inocente, tivesse tão profunda repercussão em meu corpo.

Eu conhecia cada centímetro do corpo que Holt despiu devagar, mas ainda assim... havia algo no modo como ele se movia, me provocando, permitindo que eu visse um pouco, mas nunca muito, que estava me consumindo em desejo. Eu me senti quente e molhada, movendo minhas coxas para acompanhar o seu movimento e para criar um só meu, um que estimulasse mesmo que minimamente a coceira insuportável que a ondulação de seus músculos me causava.

Há algo glorioso em admirar um belo corpo.

E era exatamente isso que Holt tinha. Ele despiu a camisa, exibindo o peito largo, seus músculos se dividiam no abdômen, um desenho único em que um tanquinho apetitoso encontrava seus pelos púbicos, cercados pelas entrâncias pélvicas que formavam aquele caminho proibido.

E eu estava mordendo meus lábios com uma força que saía do meu controle.

Concluiu a ondulação do seu estômago com uma estocada forte no ar e algo dentro do meu útero tremeu. Apertei minhas coxas, contraindo meus músculos circunvaginais involuntariamente, criando aquela sensação que beirava um os momentos de tensão final que precedem o mais sublime orgasmo. Holt abriu os botões da calça e eu encarei os pelos claros na base do seu abdômen. Aquele trilha hipnótica que anunciava prazeres indescritíveis.

Rebolou de um jeito firme, masculino. A calça escorregou e eu arfei, ele segurou o pano, impedindo que ela se fosse e eu poderia babar. Levantei o indicador pedindo, com um gesto, que ele desse uma voltinha. Ele obedeceu devagar.

O homem tinha uma bunda linda. Aquela curva alta que te faz esquecer as horas, prendendo seu olhar ao infinito. Te fazendo esquecer até mesmo que há todo um corpo acompanhando a bunda.

Eu só parei de observá-la quando ele se virou. Exibindo sua ereção presa na cueca. Ele se acariciou longamente e eu estava molhada.

Ou talvez, eu devesse dizer *mais* molhada.

Greg vestia nada além de uma camisa, completamente aberta, a gravata folgada ao redor do pescoço e uma cueca que ficava mais apertada para ele a cada segundo que passava.

Minhas coxas latejavam ao redor da minha entrada encharcada e eu me levantei.

- Ainda não acabei. – avisou.

Eu não me importei. Enfiei as mãos pelos seus braços, sentindo-o rígido sob meus dedos, despindo o que restava da sua camisa. Desci a língua pelo seu peito, acompanhando a linha da gravata. Ele gemeu e eu me espremi nele, puxando-o pela gravata, sugando sua boca, mordendo seu peitoral.

Eu percebi que só o que faltava para o seu tórax ser absolutamente perfeito seria minha saliva. Empurrei-o contra a cama. Holt riu agarrando minhas coxas, enquanto eu montava sobre ele.

Seus dedos se enfiavam na minha carne com fome e eu estava rebolando sobre sua cueca. Aquelas mãos másculas me apertando com gosto e o rebolado sobre seu pau ia me levar ao orgasmo, era certo. Puxei suas mãos, tentando prolongar o prazer e usei sua gravata para amarrá-las na cabeceira.

- Ah, roubou minha ideia. – rosnou, cheio de tesão – Queria amarrar você nessa porra. – eu rebolei - Te deixar abertinha pra mim, sem poder se mexer ou reclamar. – suas palavras estavam se tornando um gemido e eu fechei os olhos - Ia te foder bem devagar, te fazendo pedir mais.

- Greg, cala a boca ou em vou gozar.

- Só se esfregando em mim como uma putinha? – ele moveu o quadril como tinha feito em sua dança sensual, dançando abaixo de mim e eu senti minha boceta palpitar. Ela queria um pau ou um orgasmo. Mas queria agora.

Enfiei as mãos nos cabelos, arqueei o corpo e montei nele como se ele já tivesse me penetrado.

- Dom, eu vou gozar também. Deixa eu te comer, amor, por favor. Tira essa calcinha. – gemeu, desesperado.

- Não. – gemi, mordi meus dedos sentindo o orgasmo chegar. Greg urrava obscenidades, se esfregando contra minha virilha, se desfazendo em alívio, encharcando a própria cueca com seu esperma.

- Acho que deveríamos visitar sua mãe esse fim de semana. - sugeriu.

Engoli a seco me sentindo horrivelmente culpado.

- É uma boa ideia.

Apertou minha mão, cuidadosa, provavelmente lendo minha alma como sempre fazia tão bem.

- Tyler! - reclamou - Não empurra as verduras para os lados. Não vai me enganar! É para comer! E Hyatt! O purê está morto, pare de cutuca-lo com a colher. Ou bota na boca e come ou larga o talher, diz que está satisfeito e agradece.

Os dois se entreolharam, culpados e obedeceram. Eu estava sorrindo e levantando os ombros para eles, indicando a minha impotência diante das regras de Thoen. Quem mandava era ela e era melhor que todo mundo aprendesse isso desde cedo.

A semana correu em paz e tinha se tornado facilmente um dos períodos mais felizes da minha vida.

Zahner pediu minha ajuda com algumas outras coisas na Baxter e eu fiz o que pude, alegremente. Mas esse tinha sido basicamente meu único trabalho nos últimos dias. Fora isso, eram férias: eu levava o cachorro para passear, mantinha a casa limpa,

levava os meninos para a escola e me certificava que eles tinham feito as tarefas. E de noite... De noite eu tinha Dominique. Tinha Dominique toda. Só para mim.

Hyatt veio passar um dia e acabou ficando quatro. Ele e Dom estavam se dando bem em uma velocidade incrível. Enquanto eu ficava mais próximo de Ty com seu jeito discreto, tímido e gentil, Hyatt parecia ter encontrado em Dominique uma personalidade que se encaixava melhor na sua e tudo em nossas vidas começou a funcionar como uma engrenagem perfeita.

Os meninos estavam aprendendo a aceitar um ao outro como uma boa companhia inusitada, mas ainda se desentendiam com frequência. Dominique ralhava e terminava todas as suas pequenas discussões fazendo com que pedissem desculpas e se abraçassem. Eles ainda tinham um longo caminho pela frente, mas estavam todos tentando fazer funcionar.

Tyler me chamava de "pai" com uma naturalidade cada vez maior e em pouco mais de 72 horas, Dominique tinha conseguido extirpar boa parte do preconceito que Elizabeth tinha enfiado em Hyatt desde o berço.

Eu estava tão feliz que até arrisquei uma cerveja e uma conversa amigável com Zahner em uma das noites.

Me inclinei, passando o braço pela cadeira e apoiando a mão no ombro de Dom. Ela se virou e beijou meu lábios enquanto os meninos decidiam qual alienígena de Ben 10 cada um era.

- Menos conversa e mais comida. - Dominique reclamou - Quero pratos limpos. Não vou jogar comida fora! Sabem por quê?

- Porque tem gente passando fome no mundo. - responderam sincronizados.

- Exatamente! E é ofensivo jogar comida fora. Terminem!

Eu apertei seu ombro e a puxei para mim.

Eu queria outro beijo.

Ela se virou sorrindo e meu deu o que eu pedi. Alisou meu rosto com carinho.

Era ela.

Sempre ela.

Era minha Dom quem mantinha meu mundo inteiro girando no eixo certo.

Era ela quem tornava tudo perfeito.

Ty e Hyatt acabaram de comer e ela deu instruções para todos começarem a tirar a mesa. Eu me levantei e ajudei minha família a lavar a louça.

- Zahner! Achei que não deveríamos nos encontrar assim!

- Não tem problema, Malcolm. A investigação já está bem avançada. Não há muito que possa ser feito para nos parar agora.

- Eu te agradeço por isso, sabe que...

- Malcolm... eu te devo muito. E você é um amigo. Sabe disso. Não precisa agradecer.

- Fico preocupado todos os dias. Principalmente com Dominique e o menino.

- Eleanor Baxter acha que eu estou com a Interpol, com essa auditoria interminável e agora, com o neto dele morando com Thoen... Ela não vai fazer nada contra eles. Não pode.

- *Ainda...* Isso precisa acabar bem ou será um risco para a vida dos dois.

- Eu sei! E é por isso que vim até aqui hoje. Tenho boas notícias.

- O que houve?

- Lembra do motorista, capataz, ou seja lá o que for... O que estava por dentro de todos os esquemas dela?

- O Boe?

- Exatamente. Eu o encontrei. Falei com ele. E ele concordou em nos ajudar.

Capítulo 18

- Oi, Gary. Entre.
- Olá, Greg. Os meninos estão prontos?
- Acho que sim. Dom? - chamei.
- Já vai.

Ela estava rosnando para um amarrar os cadarços e para o outro vestir o casaco porque estava frio.

- Olá, Gary! - cumprimentou, ajudando Hyatt com seu casaco
- Obrigada!

- Não há de quê. Eu gosto de filmes infantis, pelo menos assim tenho uma desculpa. - piscou um olho para Ty.

- Tem todos os telefones? E dinheiro?
- Thoen! - arregalou os olhos - Vamos voltar todos vivos.
- Cuidado. - recriminou com um indicador perigoso.

Zahner pegou um garoto em cada mão e se foi em um turbilhão caótico pelo elevador. Mal fechei a porta e Dominique estava na minha boca, me puxando pelo pescoço.

Soltei sua língua para respirar e rir.

- Está com fogo?
- Não conseguimos uma folga ontem com os meninos por perto o tempo inteiro. - lembrou - Estou doida pra fazer isso desde que acordei.

- Ótimo. - eu a puxei pela cintura, arrastando-a para o quarto, para o banheiro na suíte. Beijando seu corpo inteiro a medida que as peças de roupa iam ficando pelo caminho. Enfiando meus dedos na sua carne.

- Acho que vou te comer de quatro, hoje. - meus dedos deslizaram entre as bandas da sua bunda e ela riu safada - Encarando essa tua bunda deliciosa e te segurando por essa cintura perfeita... - eu ainda estava murmurando elogios quando os músculos dos seus braços se retesaram, apoiados em mim.

Ela despiu o que sobrava das roupas sem se virar de costas. Puxando meu lábio inferior entre os dentes e me pirraçando com obscenidades. Mas nunca se virava de costas.

Não me deixou acender a luz do banheiro, lambeu minha boca dando alguns passos para trás. Eu a segui e a puxei a força, enfiando-a nos meus braços, girando-a de costas para esfregar minha virilha na sua bunda.

Mas Dom se virou de lado, girando o corpo, exagerada, buscando minha boca em um beijo desespero e rebolando para se livrar de meu aperto.

Eu podia apenas imaginar o que tinha passado pela sua cabeça para gerar tal mudança de comportamento. Se eu estivesse certo era uma bobagem. Mais do que isso até: era desnecessário.

Mas ali estava ela, se esfregando no meu pau para que eu a soltasse... e eu não conseguia recusar nada a Dominique quando ela se esfregava no meu pau.

Soltei sua cintura, permitindo que se virasse e nos enfiei embaixo do jato do chuveiro.

Batidas apressadas na porta e eu verifique o relógio antes de correr para atender. Greg ainda estava no banho e se aquelas batidas já eram Zahner de volta com os meninos alguma coisa deveria ter acontecido... pelo tempo desde que eles se foram, o filme não deveria estar sequer na metade.

O rosto familiar do outro lado da porta me fez pausar, piscando os olhos, tentando colocar realidade em uma situação completamente inesperada.

- Vance? - sorri, incrédula - O que está fazendo aqui?

Ele deu um passo adiante e eu não ofereci reação por ainda me encontrar em uma absoluta descrença. Vance Rossel estava no meio da minha sala e eu fechei a porta atrás dele. Curiosa demais para dar a atenção merecida a sua falta de educação.

- Como me achou?

- Com dificuldade. - murmurou ácido e eu puxei as pontas do meu casaco, me cobrindo diante do seu olhar criterioso. Algo estava errado e eu estava compreendendo tudo bem depressa.

- Tive que sair de Paris as pressas para não perder uma boa oportunidade, Vance. Tentei falar com você repetidas vezes e...

- Eu vi as ligações não atendidas. - passou a mão pelo balcão da cozinha americana e investigou os arredores do meu modesto apartamento - Tentou falar comigo por... o quê? Um ou dois dias? Meses se passaram, Dominique. Não teve tempo para ligar para um *amigo*?

Apoiou-se no encosto do sofá, mantendo-se de pé, a minha frente.

- Acho que te devo um pedido de desculpas. - sorri, diplomática.

- *Acha?* ACHA? - rosnou avançando na minha direção e eu me mantive imóvel - Sua vadia descarada!

- Rossel! - exclamei violenta, sentindo o cheiro de álcool no seu hálito quando se aproximou - Continuo fazendo os depósitos do valor que lhe devo. Mensalmente e com juros! Você foi um bom amigo e eu estou pedindo desculpas se fui insensível. Mas não é dono da minha vida! E seria saudável se lembrar disso.

- *Depósitos...* Eu paguei a porra da escola daquele seu fedelho irritante por anos! ANOS, Dominique! Queria levar vocês para a Disney... - forçou uma voz ridícula e sonsa - Presentes caros! Você foi a mulher mais trabalhosa que eu já encontrei! - levou as mãos aos cabelos - Mas eu me divertia com nossa brincadeira. Na certeza que um dia você me pagaria o que me devia.

- Eu sou muito grata por sua amizade...

- Não finja inocência, Dom. Não lhe cai bem. Você criou um clima entre nós e sabe disso. Me fez promessas indiretas que não pretendia cumprir para continuar me explorando! Usando meu dinheiro. E eu tentei ser discreto para voltarmos as nossas *negociações*. Tentei impedir a escola de transferir os documentos do Tyler para ver se você se lembraria de procurar seu *querido amigo* por quem você tem *tanta gratidão*!

- Aquilo foi você? - rugi - Ia prejudicar meu filho? - agora era eu quem avançava - Perdeu o juízo, Rossel?

- Perdi a paciência, Dominique! E aí a escola libera os documentos porque recebeu uma ligação de Gregory Baxter.

GREGORY BAXTER!

- Vance, é melhor ficar quieto agora. Sei que você não é uma pessoa ruim, mas está testando meus limites. Vá para casa. Conversamos quando você estiver sóbrio.

- Estou de férias! Não pretendo ficar sóbrio. O que eu pretendo é conseguir umas respostas, sua puta!

- É o quê? - estreitei os olhos e não enfiar a mão na cara dele era uma atitude que estava exigindo toda a minha força de vontade.

- Foi por isso que me abandonou. - enfiou o indicador no meu rosto e eu ia empurrá-lo, mas ele tropeçou e eu acabei tendo que segurá-lo para que não caísse no chão - Porque conseguiu um idiota mais rico. Vai enganar *e/le* agora? Resolvi que é melhor ter uma conversa com ele antes que você adicione mais um imbecil pra sua coleção.

- Rossel, vou chamar um táxi para você. - eu o soltei e me virei para procurar pelo telefone - Vou continuar fazendo seus depósitos, mas... - eu estava de costas e pelo seu nível de embriaguez, não esperei que se movesse tão rápido.

- Não quero seus depósitos! - Avançou, me segurando com força pela mandíbula. Esmagando meu rosto na sua mão imensa, me imprensando contra a parede - Quero sua boceta!

Enfiei meu cotovelo nas suas costelas e o ouvi urrar. Ia empurrá-lo mais uma vez quando ele sumiu do meu alcance.

Gregory estava atrás dele, usando apenas uma cueca sambacação, o corpo ainda úmido do banho. Puxou Rossel pelos ombros e o segurou pela gola, mantendo-o longe de mim.

- Dom? - virou-se preocupado.

- Estou bem. - avisei - Não precisa machucá-lo, Greg! - acrescentei diante do seu olhar homicida.

- Ainda não decidi. - rosnou.

- É um velho amigo. Bebeu demais. Vai se arrepender amanhã.

- Velho amigo? - sacudiu Rossel pela gola.

- É.

- Você é o palhaço novo? - resmungou, sob o jugo de Greg.

- Han? - puxou Rossel para cima, mantendo o rosto do *prisioneiro* na sua altura.

- É isso que ela faz. Engana os pobres coitados. Está fazendo com você. Ela só quer dinheiro. - cuspiu.

- Acho que você precisa ir embora, *colega*. - Greg o soltou e o empurrou - Quer me explicar o que está acontecendo? - murmurou para mim, enfiando a mão espalmada no peito de Rossel para que ele se afastasse ainda mais.

- Versão resumida?

- Por favor.

- Descobri que Ty era muito inteligente, não tinha dinheiro para uma escola melhor e... é possível que tenha dado a Vance, aqui, uma ideia errada para que ele me fizesse um empréstimo gordo e amigável que eu ainda não tinha planos sobre como pagar. - admiti de uma vez.

- Quanto deve? - Holt perguntou, espremendo os lábios.

- Estou pagando! Com juro! - reclamei - Com meu emprego novo vou quitar a dívida até o fim do ano. Não preciso que você...

- Dominique. - Holt suspirou, apesar do volume estupidamente baixo em sua voz, eu senti sua irritação e impaciência quando me encarou esfregando as têmporas - Quanto deve? - repetiu.

Eu disse a cifra, desistindo da discussão.

- Você fica onde está. - disse para Rossel, *muito* devagar - Se aproxime dela e eu mato você. Consegue entender isso?

Vance abriu a boca em indignação, mas Holt tremia de fúria e o outro achou melhor se calar.

Greg se foi e voltou dois segundos depois com o talão de cheques na mão. Rascunhou a cifra colericamente e sacudiu o cheque no nariz de Vance.

- Tudo que ela lhe deve, com juro. A mais. - amassou a folha e a enfiou dentro da camisa de Rossel, antes de puxá-lo pela gola mais uma vez, abrindo a porta da minha casa - Não me importa quem você é, apareça na frente dela mais uma vez e eu chamo a polícia. - o colocou para fora e fechou a porta com força.

Virou-se para mim com seus olhos verdes irritados.

- Vou ter que procurar informações sobre esse cara, Dominique! Ele pode ser perigoso. - andou de um lado para o outro, esfregando os cabelos - Vou aproveitar e ver o que descobro sobre Zahner também. O que você sabia sobre esses homens antes de enfiá-los na sua vida? E na de Ty! - exclamou.

- Ele só estava bêbado. Mas eu deveria ter te falado sobre ele antes. - mordeu o lábio, esperando sua fúria se desfazer.

- Tem mais alguma coisa dos últimos anos que você acha que seria importante eu saber? - resmungou.

- Fiz um permanente. - confessei e ele mordeu o sorriso, tentando manter a expressão de irritado - Foi uma vez só, há muitos anos e me arrependi imediatamente. Nunca mais repeti. Mas pode ser que haja fotos. - arregalei os olhos, fingindo medo e ele se desfez rindo.

- Tudo bem. Mais alguma coisa?

Mordeu o lábio inferior, analisando minhas opções.

- Fiz uma tatuagem.

- É por isso que estava se entortando como uma contorcionista para que eu não te visse de costas?

- Mais ou menos.

- Sabe que falhou pateticamente, não é? - me puxou pela cintura, para dentro do seu abraço quente e o torso nu que eu amava tanto.

- Falhei?

- Falhou. Ou esqueceu que não é a primeira vez que tomamos banho juntos nos últimos dias?

Fechei os olhos, percebendo minha idiotice.

- Acho que... esqueci dela e só...

- Só lembrou ontem? Tarde demais.

- Por que não falou nada?

Levantou os ombros.

- Sinceramente?

- Sempre.

- Acho que fiquei com medo do que pudesse significar.

Me observou em silêncio por alguns segundos enquanto eu o provocava.

- Não vai me contar? - reclamou, finalmente.

- Não sei. - fingi - Estou pensando.

Greg me apertou com força, beijando meu pescoço e pedindo "por favor".

Eu estava rindo quando o afastei com carinho.

- *Tá bem, tá bem.*

Beijou minha boca e ficou muito quieto, esperando a explicação.

- Foi quando o Ty perguntou sobre o pai dele pela primeira vez.

Seu pomo de Adão se moveu quando Holt engoliu a seco e eu soube que deveria ser algo assim o que ele temia.

- Suas perguntas se tornaram mais insistentes e minha resposta era sempre a mesma. E aí eu comecei a perceber que essa resposta que eu dava para ele servia mais para me acalmar. Servia mais para me manter *funcionando*. Era mais uma resposta *para mim* do que *para ele*. E acho que... - levantei um ombro - Acho que são duas palavras cheias de significado para mim. Quando eu pensava em se te veria de novo. Quando eu pensava se teria a chance de me vingar de Eleanor. Quando eu pensava nas conversas que eu precisaria ter com Ty. Quando eu tinha uma vontade insuportável de ligar para você... - suspirei e ele me beijou. Daquele jeito que fazia: segurando meu rosto nas mãos, raspando o nariz no meu, me enchendo de amor. Meu meio sorriso veio como resposta - Se ia poder fazer *isso* de novo. - passei o polegar em seus lábios, indicando o beijo - Vê? Eram duas palavras que serviam para tudo. Serviam para me acalmar. Mesmo que, na época, eu achasse que estava mentindo para mim mesma.

Greg me beijou de novo. Com mais urgência dessa vez.

- Vem comigo. - segurou minha mão e beijou meus dedos - Quero ver essa tatuagem direito.

Eu ri e ele me guiou para o quarto.

Dominique mal tinha se enfiado nas roupas depois do banho e lá estava eu: libertando-a de todas as camadas mais uma vez. Lambendo seu corpo nu, mordiscando mamilos e abocanhando

carne. Sua língua meneava no contorno dos meus lábios, enquanto seus calcanhares impacientes puxavam minha bunda sobre si, aumentando o contato entre nossos sexos ainda carnalmente distantes.

Mas eu tinha planos diferentes e usei toda minha força de vontade para afastar minha ereção, já engrandecida com o desesperado fluxo sanguíneo, de sua abertura que suava com aquele saboroso líquido de desejo.

- Não. - murmurei sofrivelmente enquanto meu pênis ereto xingava minha boca e contestava minha decisão.

Eu puxei minha mulher pela cintura com violência, forçando-a a ficar com a barriga contra o colchão. Cada palma tomou uma banda de sua bunda e eu admirei sua nudez, lambendo os lábios.

Meu pau estava me pedindo desculpas e dizendo que agora concordava com meu novo plano.

Tirei seus cabelos do caminho e coloquei o nariz contra sua nuca, inspecionando as letras escuras tatuadas em sua pele. A minúscula inscrição que, em uma caligrafia delicada e singela lia a resposta para todos os seus problemas. A expressão que acalmava seus anseios e temores. Duas palavras.

As duas palavras cheias de significado para ela.

"Quando eu pensava em se te veria de novo. Quando eu pensava se teria a chance de me vingar de Eleanor. Quando eu pensava nas conversas que eu precisaria ter com Ty. Quando eu tinha uma vontade insuportável de ligar para você..."

Lambi as duas palavras no seu pescoço.

"Um dia".

Minha língua se recusou a voltar para minha boca e eu estava pintando sua coluna com minha saliva. Dom gemeu e se arrepiou, fazendo meu pau engrossar. Beije a curva da parte baixa de suas costas, antes de morder uma das bochechas da sua bunda. Enfiei a mão entre seu estômago e o colchão, puxando seu ventre para cima, empinando sua bunda... deixando-a a minha disposição.

Dominique se empinou, obediente.

Meu pau latejava mais rápido que meu coração. Eu adorava comer minha Dom daquele jeito. Aquele cuzinho erguido pra mim,

rebolando ao meu redor. O espetacular é que Thoen sempre se enquadrou mais em exceções do que em regras, e sexo não era exceção.

Ela era louca por estímulo ao clítoris e sexo oral. Essa parte era comum.

Mas nunca, na minha vida, eu conheci uma mulher tão louca por sexo anal como minha Dom. Era um prazer primal que escorria de cada um de seus poros me fazendo notar sua excitação incontrolável.

Ela sequer conseguia murmurar palavras. Eram apenas gemidos, os sons que saiam de seus lábios entreabertos.

Lambuzei minha ereção no lubrificante grosso que escorria de sua entrada e pressionei minha glândula vermelha injetada de sangue no botão rosa de sua bunda. Minhas mãos agarradas nas bandas, mantendo suas voluptuosas curvas abertas.

Dominique já estava rebolando e se empurrando na minha direção, me fazendo rir e pedir calma. Mas ela não queria calma. E assim que me encaixei nela, percebi que eu também não.

Sua bunda empinada fazia seu corpo se curvar de um jeito libidinoso. Agarrei seus peitos, enchendo minhas mãos na sua carne, guiando-a na direção das minhas estocadas. Dobrei meu corpo sobre ela, entupindo seus ouvidos de safadezas. Mordi seu lóbulo, pescoço e nuca. Murmurando coisas que ela já sabia, mas que ainda assim eram deliciosas de dizer.

Ela apenas gemia e me enfiava nela. Virei seu rosto, devagar, tentando vê-la. A respiração oscilava a cada movimento, seus olhos fechados enquanto o prazer a inundava. Sua absoluta entrega me fazia explodir. De quatro em cima da cama. Me recebendo com o cuzinho que rebolava, implorando. Os olhos fechados. Muda de desejo.

Absolutamente entregue.

Me fazendo explodir.

Prendi seus mamilos entre meus dedos e ela gritou.

Trouxe uma de minhas mãos para sua coluna, pressionando-a para baixo, contra a cama. Seu suor frio deslizava nos meus dedos.

Dom se inclinou, enfiando a cabeça nos travesseiros que abafaram seus urros a medida que eu me fazia mais intenso.

- Greg... Ai, lindo... Por favor...

Eu nunca soube o que eu preferia: ouvir Thoen gemer meu nome, ou ouvir Thoen implorar.

Uma combinação das duas coisas era receita infalível para um esporro instantâneo de modo que eu tive que respirar fundo para esperar por ela. Cobri sua vagina inteira com minha mão, enfiando dedos em sua carne quente e esfregando o pulso contra o seu clitóris sedento.

Seus gemidos se intercalaram com pedidos e depois os pedidos sumiram, abrindo espaço para um interminável gemido contínuo e exasperante que fazia minha alma convulsionar de tesão.

Dominique era minha definição de "irresistível". Cada uma daquelas curvas... a bunda no meu pau, a cintura rebolando, o peito pressionado contra uma de minhas mãos, a vagina na outra, a tatuagem em sua nuca, os longos cabelos negros espalhados ao seu redor...

Eu nunca seria capaz de resistir àquela morena.

Nunca.

E meu pau sabia disso melhor do que qualquer um. Principalmente quando eu o enfiava nela daquele jeito. Envolvendo-a com meu corpo. Sentindo o orgasmo chegar poderoso. Controlando-o segundo por segundo. Dando mais tempo para que ela atingisse seu máximo prazer. Esperando o seu gemido mudar para aquele silêncio característico.

Dom prendeu a respiração, se desfazendo, e eu soube que ela tinha terminado. Segurei sua cintura como se controlasse um animal, mantendo-a arrebitada para que eu pudesse desfrutar da plenitude do meu gozo.

Eu o reconheci assim que desceu do trem, e foi rapidamente engolido pela multidão. Tinha visto as fotos do velho motorista de Eleanor Baxter, e achei estranho como ele parecia mais jovem. Como se a mera distância do veneno da mulher fosse capaz de encher uma pessoa de vida, mais uma vez.

Olhei ao redor para tentar identificar alguém que pudesse ter notado sua chegada na cidade, mas eu não tinha homens suficientes para um trabalho daqueles e só poderia esperar que a sorte ficasse a nosso favor pelo tempo que eu precisava.

- Boe Daniels? - chamei.

- Senhor Zahner? - apertou minha mão - É um prazer.

- Obrigado por ter vindo, Boe. E por concordar em nos ajudar. E pode me chamar, de Gary. Por favor. - sorri.

Ele abriu um sorriso e inspirou para responder. Mas sua boca se abriu sem que nenhuma palavra saísse dela. Ao invés disso, seu sorriso animado se transformou em uma careta de dor e seu corpo se inclinou com o peso da mala que trazia na mão direita.

Passei os braços pelo seu corpo, impedindo-o de cair.

- Boe?

Um brilho em suas costas. Foi breve, mas eu pude identificar a faca saindo de suas costas. Pelo modo como seu corpo se moveu, recebeu dois golpes. No mínimo. Levantei o rosto para o homem de calças jeans surradas com um capuz azul escuro cobrindo seu rosto. Largou a faca ensanguentada no chão e se afastou, desaparecendo pela multidão.

Gritei por socorro, segurando Boe nos meus braços e vendo seu sangue se esvaír pela plataforma de desembarque 3. Apertei os ferimentos tentando estancar o sangue.

Foi inocência imaginar que a sorte estaria a seu favor, Gary.

Inocência demais.

Ty estava jogando xadrez contra Audrey. Hyatt ajudava a avó, movendo as peças que ela mandava e brigando com Ty sempre que ele fazia uma jogada melhor. Dominique insistia para que os meninos bebessem água e combinava de sair com Audrey para comprar algumas roupas. Eu me aproximei com intenção de ajudar Tyler e equilibrar as duplas. Mas ele não parecia precisar de ajuda e eu achei melhor não interferir.

Ao invés disso, apenas me sentei ao lado de minha mãe e beijei seu rosto em mais um dos inúmeros pedidos de desculpa que

eu tinha lhe feito desde que cheguei. Alguns voluntariamente, outros incentivados por beliscões de Dominique.

- Deveria vir passar um tempo conosco, depois que eu resolver essa confusão.

- Eu adoraria, querido! - alisou minha bochecha com um sorriso imenso.

Era uma longa jornada essa que eu precisava fazer: voltar a ser um ser humano do qual eu pudesse me orgulhar. Mas eu tinha dado os primeiros passos e Dominique era uma guia impecável que não ia permitir que eu saísse da linha.

- Quando vai ser a audiência? - murmurou, se referindo ao meu divórcio com Elizabeth.

- No meio dessa semana. De um jeito ou de outro, vai ficar tudo resolvido.

- Vai representar a si mesmo? Ou... - ela lançou um olhar nervoso para Dom. Provavelmente temia perguntar.

- Vou representá-lo. - Dominique decidiu sem arroubos - Acha mesmo que eu deixaria essa criatura sozinha diante de um juiz, Audrey? Me ofende. - resmungou, nos fazendo rir.

Minha mãe fez alguma graça e apertou a mão de Dom. Meu celular vibrou no bolso e eu me afastei, pedindo desculpas.

- *Senhor Baxter?*

- Joe? - respirei fundo, me preparando para as notícias de meu investigador - O que descobriu?

- *Algumas coisas que vai achar interessantes. O Rossel é uma piada, não precisa se preocupar. Bebeu demais e achou que era alguém que não era. Não vai incomodar sua família de novo e já tem passagem comprada de volta para Paris. Pedi a uma de minhas meninas que ficasse de olho nele até ir embora, só por segurança.*

- Obrigado, Joe. - respirei, aliviado.

- *Não me agradeça. Minhas meninas...*

- *"Não são baratas".* Eu sei.

- *Pois é.* - riu do outro lado da linha.

- E o Zahner? Descobriu alguma coisa digna de nota?

- *Essa foi a parte curiosa... Achei que o senhor pareceu mais preocupado com o Rossel do que com o Zahner.*

- Isso é porque estou. Rossel era um desconhecido. Do Zahner eu sei o que esperar.

- *Tem certeza?* - seu tom misterioso me incomodou.

- O que descobriu, Joe?

- *Vi que tem confiado bastante nele com as coisas da sua empresa e... não tenho certeza se deveria, senhor Baxter.*

- Ele é Interpol, confiar nele foi minha melhor opção com as informações que tinha.

- *Mas aí é que está. Tenho contatos na agência e a informação é bem segura: Gareth Zahner não está trabalhando com a Interpol.*

Capítulo 19

- Gregory! Entre!
- Malcolm! - levantei e apertei sua mão - Obrigado por me receber. E sem aviso.
- Sem problemas, garoto. Entre, entre.
- Imagino que haja problemas. - brinquei, entrando na sua sala em um dos últimos andares da Walton Global - Não sou a pessoa favorita de ninguém no mercado agora.
- Bobagem. - gesticulou com a mão - Considero você um sobrinho. Sabe disso. Como está tudo? Dominique e o jovem rapaz?
- Estão todos bem, obrigado.
- E Elizabeth?
- A audiência será amanhã.
- Será um homem livre em breve! - brincou, apontou para o uísque pedindo minha permissão.
- Sim, mas não por muito tempo, eu espero. - sorri e aceitei a bebida apesar de ainda estarmos no meio da manhã. Aquela conversa ia precisar de álcool.
- Thoen?
- Está surpreso?
- Nem um pouco. - sentou-se no sofá em uma das mesas menores na lateral da sua sala, me indicando uma das poltronas - Acho que sempre foi ela para você. Não é?
- Acho que sim. - sentei.
- Mas bem, Greg, o que posso fazer por você?
Bebi um gole antes de balançar a cabeça devagar.
- Gostaria se pudesse esclarecer um assunto para mim, Malcolm. - comecei.
- Claro, o que houve?
- Dom me contou sobre como voltou para a cidade. Sobre toda a coisa da investigação envolvendo Eleanor.
- Hm? - murmurou, escondendo-se atrás de seu copo.

Há algo aqui...

- E o que exatamente ela lhe contou? - quis saber.

- Ela me disse que Zahner foi até ela... Queria sua ajuda para desestabilizar Eleanor, entupi-la de pressão e força-la a cometer um erro. Talvez até... usar Dominique para ter acesso a mim e mais informações. E disse que pediu que você fosse com ela, para que ela se sentisse mais segura. Sentisse que poderia confiar nele.

- Hm. - concordou.

- O que deu certo, obviamente.

- Obviamente. - repetiu, baixinho - Mas ainda não entendi qual o problema.

- O problema - continuei - é que eu percebi que não sabia nada sobre Zahner e resolvi investigá-lo.

- Entendo. - encarou o chão.

- E acabei descobrindo que...

- Que ele não está trabalhando para a Interpol.

Respirei fundo e encarei Walton por alguns segundos.

- Quem é esse cara, Malcolm? Ele está perto demais da minha família e eu estou preocupado.

- Gary é um bom rapaz, Greg. Não precisa se preocupar com a segurança de sua família. Não em relação a ele, pelo menos.

- E por que ele sumiu? Descobri que ele não era da Interpol há três dias e depois disso não o encontramos em lugar algum. Ele deveria estar protegendo...

- Greg... - Malcolm se levantou e colocou a mão em meu ombro - Acalme-se. Tem muitas coisas que você precisa saber.

- Gostaria se pudesse começar do começo.

Terminou de beber seu uísque e serviu mais uma dose.

- Gary é um velho amigo. Apesar de estar *de férias*, no momento, ele realmente é um agente da Interpol. É um cara decente e muito dedicado. Honesto. Nos conhecemos há uns anos atrás. Eu o ajudei com algumas coisas que ele precisou e... nos tornamos amigos naturais, embora não mantivéssemos um contato constante. Eu seria capaz de confiar minha vida a ele. Saiba disso.

- Tudo bem, então ele é confiável. Mas o que diabos está fazendo nessa investigação?

- Aí é que está... - sentou-se - Não é uma investigação. Ou pelo menos não era, até você lhe apresentar todos aqueles documentos. Agora, há umas doze polícias diferentes querendo abrir uma investigação sobre o assunto.

- Mas não começou como uma investigação oficial?

- Não.

- E por que Zahner partiu nessa Cruzada contra Eleanor? De onde eles se conhecem?

- Não foi ele, Greg. - respirou fundo - Fui eu.

- *Você?* - eu ri, cheio de incredulidade - Malcolm, não estou acompanhando.

- Claro que não está...

- Você e meu avô foram criados juntos! O que poderia ter acontecido para lançar uma investigação contra minha família?

- Não contra sua família, Gregory. Contra Eleanor.

- Até pouco tempo atrás essas duas afirmações seriam idênticas.

- Você sempre foi um bom rapaz. - se inclinou na minha direção - Honesto e trabalhador. Há muito do seu pai em você. E do seu avô Baxter também. Mas Eleanor te dominou. - abriu os olhos forçadamente e eu não discordei - Eu sempre soube que, se lhe fosse dada a escolha, você faria a coisa certa. O problema seria fazer você enxergar o que estava acontecendo. O que estava *verdadeiramente* acontecendo.

Soltei o copo em cima da mesa e me recostei na poltrona.

- Dominique. - murmurei. Walton balançou a cabeça devagar - Você descobriu algo ruim sobre Eleanor, mas ela se protegeu bem demais... Você precisava de alguém de dentro para conseguir provas.

- *Mais* do que "alguém de dentro", Greg. Você é o Garoto de Ouro. Eleanor tem um ponto cego quando o assunto é você. Ela acha que você está tão sob seu controle que sempre vai acabar seguindo o que ela diz. E por um bom tempo, ela esteve certa. Você foi embora logo depois do acidente que matou seu pai e sua irmã... Mas estava superando seu luto. Culpou sua mãe pela que aconteceu e... Deus, até a própria Audrey se culpou. Não é de estranhar que

ela tenha acabado naquele lugar. Mas seu relacionamento com Eleanor era diferente. E assim que ela conseguiu, te trouxe de volta, não foi? Você era assim... você sempre voltava para ela.

- Mas daquela vez, eu não voltei sozinho.

- E Dominique era incontrolável. - sorriu - Mesmo quando ela não abria seus olhos, ainda assim conseguia te manter atento. Você não era mais de Eleanor. Você era dela. E como só o que Dominique queria era que você fosse "seu próprio homem". - anunciou - Você se libertou das amarras da sua avó. Poderia trabalhar para ela se quisesse. Mas não *precisava*. Não era seu único caminho. Havia vida para você *fora* de Eleanor.

- E ela não aceitou isso.

- Quando Dominique foi embora, eu tive certeza que tinha o dedo de Eleanor nesse mistério.

- Malcolm! - suspirei - Por que não me disse?

- Não estava me ouvindo, Greg? - levantou uma sobrancelha - Dominique era o que te afastava do domínio de Eleanor. Sem ela, você teria me ouvido? Teria ouvido alguém?

Me odiei pela resposta mental que fui obrigado a lhe dar. Mas ele estava certo e eu deixei que continuasse.

- Procurei Dominique por uma eternidade. Precisava falar com ela para confirmar minhas suspeitas. Mas Dominique se escondeu muito bem. E eu nunca fui o tipo de homem que tem contatos obscuros, então, procurá-la se tornou uma tarefa cada vez mais impossível.

- Foi aí que você entrou em contato com Zahner?

- Um velho amigo de confiança. Que poderia ter os contatos que eu não tinha.

- Ele encontrou Dominique para você. E vocês foram juntos falar com ela. Convencê-la a voltar para me colocar contra Eleanor.

- Mas ela tinha fugido por medo de Eleanor... - incentivou.

- Então, não iria voltar só por isso. Não acreditaria que seria possível me convencer.

- Mas nós sabíamos que era. - dialogou comigo, como em um dança. Mas eu já sabia exatamente para onde os passos iam nos levar.

- Tiveram que dar outro motivo.

- Então, lhe dissemos que Zahner estava em uma investigação oficial, que ela estaria sob absoluta proteção, que tínhamos um plano e que precisávamos dela apenas para desestabilizar Eleanor, o que... acredite... já seria uma ajuda grande o suficiente.

- Mas esperavam que ela mudasse de ideia.

- Gary esperava. Gary esperava convencê-la que você era um "filho da puta mimado" - recitou e eu imaginei que a citação fosse literal - e achou que ela poderia ajudar ativamente.

- Mas você não esperou isso?

- Não. Eu esperava apenas que ela tivesse sobre você o efeito de libertação que sempre teve. Depois disso, você nos ajudaria voluntariamente.

- E estava certo. - levantei o copo em um brinde - Não aprecio o jogo e ter sido mantido no escuro tanto tempo, Malcolm. Mas concordo que seria difícil me fazer enxergar antes. - terminei meu uísque - E acho que tenho que te agradecer por tê-la trazido de volta.

- Quase mudei de ideia. - confessou - Quando a vi. Com sua vida estável, seu filho em uma boa escola... O que nós queríamos oferecer ia colocá-la em risco. Colocar Tyler em risco. Sem qualquer certeza de sucesso. Vi que seria egoísta e desisti. Mas Gareth insistiu, falou com ela. E Dom... Ela queria te ver de novo.

- Ou se vingar de Eleanor. - ri - O que é mais provável.

- Não, Greg... Dom é esperta demais. Ela teria visto além da nossa *charada* se quisesse. Mas não quis. Nós só precisamos mencionar o seu nome e eu pude ver em seus olhos. Ela estava desesperada para que lhe déssemos um motivo para voltar. Qualquer um. E ela o aceitaria. E foi isso que aconteceu.

- Foi arriscado trazê-la aqui, Malcolm. Se nós sabemos algo sobre minha avó é que ela é instável. Dom e Ty...

- Estiveram seguros todo esse tempo. Tenho seguranças particulares seguindo os dois o tempo inteiro. Eles não fazem a menor ideia. Tenho mais medo de Eleanor do que você, garoto.

Entrelacei meus dedos, considerando o peso das suas palavras.

- E por quê? - murmurei - Por que tanto medo dela?
- Porque eu sei o que ela é capaz de fazer.
- O que ela fez, Walton? O que você descobriu?

Sua mandíbula travada e o brilho prenunciando lágrimas em seus olhos me avisou que a notícia seria ruim antes que ele abrisse a boca.

- Ela matou minha Meryll.

Algo dentro de mim quis rir, pois teve certeza que meu cérebro tinha traduzido errado a informação que recebeu dos meus ouvidos.

- Foi o quê?
- Ouviu bem, Gregory.

Não era possível.

Eu estava encarando Malcolm, com minha boca aberta em uma reclamação muda que jamais se faria ouvir já que eu não era capaz de colocar qualquer ideia em ordem.

- Meryll foi... sequestrada.
- Foi morta dias antes do seu corpo ser encontrado.
- Mas por sequestradores... - suspirei, sem fôlego.
- Que a sequestraram e mataram no mesmo instante? E depois pediram milhões e largaram seu corpo para trás sem sequer tentar coletar a recompensa?

- Algo pode ter dado errado...
- Pode acreditar nisso se quiser, mas estou querendo provar outra coisa.

Mantive os olhos nele, esperando que continuasse. Que dissesse algo que não fizesse sentido e que eu pudesse questionar.

- Boe desapareceu no mesmo dia que Meryll. - explicou - De acordo com Dominique foi ele quem a preveniu das intenções da sua avó. Eu acho que ele contou tudo para Meryll antes de ir embora. Acho que ela fez o que qualquer pessoa razoável faria: duvidou e foi falar direto com a matriarca Baxter. E então, Eleanor descobriu que ela sabia e precisou se livrar dela.

- Por que matar Merryl e não Dominique? Matar Merryl seria muito mais arriscado.

- Acho que ela tentou. Acho que Boe disse para sua avó que Dominique estava morta e ela quis se livrar de Merryl para acabar o problema.

- É uma teoria bem perigosa, Malcolm. E até agora eu não ouvi nenhuma prova.

- Você foi uma das últimas pessoas a conversar com Merryl. Diga-me, Greg. Sobre o que conversaram?

Engoli a seco, aproveitando a breve mudança de assunto para respirar.

- Ela ia dizer para Eleanor que estava apaixonada por mim, para impedir que eu me casasse com Elizabeth. Ela sabia que eu não a amava e que seria infeliz. Era... era minha melhor amiga.

- Então ela estava indo falar com Eleanor da última vez que a viu?

- Mas eu disse a ela para não fazer isso!

- Você conheceu Mer muito bem, Greg. Acha que ela desistiria se achasse que a felicidade do melhor amigo estava em risco?

Espremi os lábios.

- E acha que, se tivesse desistido de falar com sua avó, teria ido embora? Acha que não ficaria para ver você se casar? Ela poderia ameaçar fazer isso. - sorriu, nostálgico - Ela gostava de ameaças vazias, a minha menina. Mas duvido que te deixasse sozinho. Mas deixou, não foi?

- Isso ainda não é uma prova...

- Mandou uma mensagem para a mãe logo antes de desaparecer. Só dizia que estava indo embora resolver uma coisa. Pedia que alguém parasse o casamento e dizia que Eleanor tinha ficado louca. Agora, Greg, olhando para trás. Diz para mim: o que pode ter acontecido para fazer com que essa mensagem de Merryl fizesse sentido?

O ar rasgou minha garganta quando eu inspirei.

- Se ela tivesse descoberto que Eleanor mandou matar Dominique. Se Boe tivesse dito que Dominique ainda estava viva e escondida com medo.

- Sim. - fechou os olhos - Perfeito sentido.

Nos encaramos em silêncio por alguns instantes enquanto eu digería as informações.

- Mas ainda é circunstancial. - Malcolm continuou - E eu precisava de mais. Cresci com seu avô, Gregory. E lembro como ele mudou depois que se casou. Lembro do tipo de pessoa que se tornou por causa da proximidade com *ela*. Sempre a considerei o tipo de pessoa perto da qual não se pode baixar a guarda. E você escuta coisas na vida... mesmo que eu não tivesse companhias de moralidade questionável... ainda assim escutei coisas sobre ela. Então... quando Merryl desapareceu logo depois do seu casamento deixando para trás nada a não ser uma mensagem enigmática com o nome de Eleanor... Eu decidi procurar Dominique. Ao longo dos anos eu a investiguei... e descobri *indícios*. Muitos indícios que, infelizmente, eu não poderia provar. Mas, admito, parte de mim estava só querendo culpar alguém pela morte da minha garotinha. - seus olhos se perderam por um instante, cheios de saudade - Mas quando Dominique admitiu o que Eleanor tinha feito... Aí eu soube que era verdade. Tinha que ser.

- Se ela estiver envolvida com isso, Malcolm... Ela vai pagar. Vou ajudar como puder.

- Sei que vai. - sorriu - Nunca duvidei disso, garoto. Nunca duvidei que dada a escolha, você faria a opção correta. É um bom menino.

Movi minha cabeça em uma breve reverência.

- Então é por isso que Gareth esteve aqui todo esse tempo?

- Sim. - concordou - Me fazendo um favor. Mas agora ele teve que se ausentar. - passou a mão nos cabelos grisalhos.

- O que houve?

- Encontramos Boe a partir do contato que você nos deu. Ele chegou na cidade no fim de semana. Foi esfaqueado na estação de trem. Não sabemos se vai sobreviver.

Eu estava congelado na poltrona.

- Eleanor parece mais culpada a cada segundo, não é? - acrescentou.

Pretendia responder. Pretendia concordar.

Mas meu celular tocou alto, quebrando meu momento de absoluta descrença.

- Alô? - ouvi minha voz rouca e sem vida.

- *Senhor Baxter?*

- Sim?

- *Aqui é Margaret Ellison. Da escola dos seus filhos.*

- Ah, olá, senhorita Ellison. Algum problema?

- *Tivemos um problema no intervalo. Seus filhos brigaram. Foi um pouco mais sério do que simples discussão de crianças. Poderia vir até aqui?*

Desliguei o telefone depois de confirmar.

- Malcolm... eu... preciso ir. - esfreguei meus cabelos tentando voltar a realidade - Um problema na escola dos meninos.

- Espero que esteja tudo bem.

- Eu também. - admiti com um breve nuance de desespero - Podemos... ahm...

- Continuar a conversa depois? Claro, Greg. Quando quiser, minha porta está aberta.

Eu vi Elizabeth parada do lado de fora da porta da senhorita Ellison.

- Sabe que isso é culpa sua, não sabe? Lares destruídos fazem isso com crianças. - resmungou, colérica.

- Vai pro inferno, Liz. - sussurrei, ao passar por ela. A porta ainda estava fechada e eu olhei ao redor para os outros adultos que também esperavam sua vez.

- O que aconteceu? - a voz de Dominique depois daquela manhã terrível fez com que eu já me virasse abrindo os braços, enfiando ela no meu peito.

- Os meninos brigaram. Devem ter discutido por causa de alguma bobagem. Você sabe como eles são.

- Precisam fazer isso aqui? - Elizabeth rosou.

Virei-me para ela furioso e percebi Dominique me acompanhando, fazendo-a se calar.

A porta se abriu e o rosto cínico e irritado da diretora apareceu para nós.

- Entrem. - ordenou - Todos, vamos.

Deixei Dom e Liz passarem na frente e percebi que os outros adultos por perto entraram junto conosco.

Dentro da sala, cinco crianças estavam sentadas no sofá. Todas sujas de areia. Hyatt tinha a camisa rasgada perto da gola e Tyler tinha um hematoma perto do lábio inferior.

- Mas o que diabos aconteceu aqui? - Dominique se ajoelhou na frente do nosso filho, passando as mãos em seus cabelos, verificando o machucado e depois voltou-se para Hyatt, certificando-se de sua integridade física também.

- Crianças discutem, acontece. - a diretora estava falando - Mas não aprovamos violência física nessa escola. Todos os alunos envolvidos serão punidos de acordo e queremos que vocês falem com eles para explicar como não se pode resolver problemas com violência.

- O que aconteceu? - Dom perguntou para Ty.

- Ora, cale-se! Deixe a diretora falar! - Liz exclamou.

- Quer que eu cale a boca? - Thoen se levantou, rugindo como uma leoa - Vem aqui me fazer calar, Elizabeth.

- Não vou descer ao seu nível.

- Já desceu, meu bem. - cuspiu de volta - E se não desceu, me manda calar a boca mais uma vez. Só mais uma. Que eu vou aí e *te arrasto* pro meu nível.

- Vagabunda. - murmurou, cheia de elegante indignação.

- Somos duas. - Dom avisou alto - Mas pelo menos eu tenho orgulho de ser exatamente do jeito que eu sou.

- Senhoras! Por favor! - a diretora recriminou - É esse exemplo que essas crianças recebem? Não me impressiona que resolvam as coisas com violência.

- Seja lá o que Hyatt tenha feito, certamente só quis se defender!

- Não importa como começou! - Ellison continuou - Hyatt e Tyler tem que aprender a se defender com palavras.

- Hyatt sabe muito bem que... - Elizabeth estava defendendo o seu sangue diante das outras duas mães e da babá que compunham o resto do grupo, mas algo chamou minha atenção.

- Hyatt e Tyler *se defendendo*? - perguntei acima da voz aguda da minha ex-mulher.

- Sim. - concordou.

- Eles não estavam brigando um contra o outro? - precisei confirmar.

- Não. - abriu os olhos - Estavam brigando contra os outros três meninos.

- Eles estavam brigando... *juntos*? - Dominique também achou essa parte interessante.

- Senhores, esse comportamento não é adequado.

- O que houve? Por que começaram a brigar? - Dom perguntou e quando a diretora ia dizer que não importava, ela olhou para Tyler que encarou o chão, antes de responder.

- Me chamaram de *bastardo*. - sussurrou.

Os outros três garotos se entreolharam, criminosos. Pareciam um bom ano ou dois mais velhos que Ty. E ainda mais que Hyatt.

- Oh, querido. - Dom estava nos seus joelhos mais uma vez - Precisa ignorar essas crueldades.

- Não é crueldade se for verdade. - Elizabeth cuspiu seu veneno e eu ouvi Dominique respirando fundo. Muito *muito* fundo.

- Não é verdade! - o grito de Hyatt chamou a atenção de todos nós - Ele não é bastardo.

- É sim. - um dos moleques ao seu lado corrigiu baixinho.

- NÃO É! - virou-se, birrento, puxando a camisa do moleque.

- Ei, ei! - Dominique os separou. Puxando suas orelhas como uma matriarca de desenho animado.

- Solte meu filho! - a mãe do garoto mais velho se intrometeu, finalmente.

- Mande ele não incomodar o meu. - se colocou entre Hyatt e os outros, protegendo-o.

- Não é seu filho! - Elizabeth se manifestou.

- E você cala a boca! - Thoen levantou o dedo para ela - Que a sua hora vai chegar também.

Todos calaram diante da sua fúria e eu enfiei a mão nos bolsos.

Ela tem a situação sob controle.

- Não vou tolerar esse tipo de agressão moral contra minha família. A diretora Ellison está muito enganada e, nesse caso, importa sim como a briga começou. Na verdade, é a única coisa que me importa e se um de meus meninos for submetido a esse tipo de coisa de novo, vamos resolver na frente de um juiz. Me fiz entender?

Seus olhos eram felinos e vorazes. A babá foi a primeira a manifestar que entendeu, pegou um dos garotos e saiu de lá. As outras duas mães foram mais relutantes, mas se contentaram com um olhar de escárnio para Elizabeth como vingança.

- Eles estavam certos! Não pode punir crianças por falarem a verdade. - Liz reclamou e eu a segurei pelo braço. Sabia que Dominique tinha tudo sob controle e que ia adorar colocar Elizabeth no seu devido lugar, sozinha, mas eu achei melhor intervir.

- Chega. - avisei - Já deu seu show, *Lizzie*. Agora basta.

- Não é bastardo! - Hyatt repetiu.

- Você sabe o que é *bastardo*? - Elizabeth puxou o braço com força, livrando-se de mim, enquanto Dominique tomava Ty em um abraço - Sabe, Hyatt? - perguntou.

Hyatt espremeu a boca em um bico como fazia quando era contrariado.

- É do que os meninos chamam o Evin Binz quando querem ser chatos. - confessou, baixinho - Eu sei que é uma coisa ruim e o Ty não é. Mas o Ty não fazia eles calarem a boca! - exaltou-se, irritado - Ficou lá parado ouvindo eles xingarem.

- Brigar não resolve. - murmurou nos braços da mãe.

- Você é muito frouxo! - Hyatt ralhou com o irmão mais velho e eu vi Dominique sorrir - Aí eu tive que bater neles.

- Bateu neles? - Dom tinha um sorriso nos lábios e Elizabeth inspirou fundo para recriminar sua atitude, mas era tarde demais e Dominique o puxou para dentro do seu abraço e o manteve ali.

Dominique não parava de sorrir. Fechou a porta de casa e me deu mais um beijo.

- Vai voltar ao trabalho?

- Só a tarde. Não sabia qual tinha sido o problema na escola do Ty e avisei que não voltaria.

- Então, tenho você só pra mim? - tomei suas mãos com um sorriso divertido. Depois da conversa com Malcolm e do problema na escola eu precisava me perder nela mais do que qualquer coisa.

- Tem! - mais um beijo. Eu estava ficando *muito* mal acostumado. - Tenho que te manter satisfeito ou já sabemos que você vai procurar na rua o que não acha em casa. - levantou uma sobrancelha, me julgando.

- Você não está falando sério, está?

- Você teve ou não teve milhares de namoradas? *Ao mesmo tempo?* - arrancou os saltos e os colocou em um canto do quarto.

- É... - puxei-a com força espremendo sua bunda contra minha virilha - Quando estava casado com uma mulher que eu detestava só para te irritar, arranjando morenas na rua e fechando os olhos para pensar em você enquanto estava com elas.

- Verdade? - sussurrou, suculenta, me provocando.

- Verdade. - suspirei, procurando sua boca com a minha - Era o único jeito que eu conseguia ficar duro.

- *Único?* - passou a língua nos lábios.

- Único. - prometi - Só ficava duro se pensasse nessa tua bunda. - escorreguei minha mão pela sua coxa.

- Só na bunda?

- Como se você não gostasse... - revirei os olhos e levei meus dentes ao seu pescoço.

- Acho que vou ficar com ciúmes quando morenas cruzarem seu caminho a partir de agora.

- Ou pode pintar o cabelo e mudar minha preferência. - dei de ombros.

- Simples assim?

- Simples assim. - prometi - É você que me excita. Não a cor do cabelo. - nossa conversa começou como uma brincadeira picante, mas meu tom estava mais denso. Mais profundo... O que era um papo leve e provocante se tornou uma confissão que eu exalava depois de mantê-la presa por tempo demais. - Fechar os olhos e lembrar da *minha* morena. - sua boca estava no meu corpo fazendo meu sangue descer - Sua voz me chamando de frouxo. Tua boca me lambendo. Teu corpo me fazendo ficar duro e doido.

- Não sei como me sentir diante disso. - murmurou.

Rocei nossos narizes, espremendo-a contra a parede, sentindo seu hálito na minha boca. Dominique apertava meus braços com os dedos longos, acariciando pele e camisa, deixando um rastro de calor atrás do seu toque.

- Por quê? - minha voz era um sussurro rouco. Baixei os olhos para o seu decote. O topo desnudo dos seus seios, era difícil descrever a sensação que aquela curva voluptuosa entre dois peitos fartos era capaz de causar em um homem. O peso da carne redonda e o desenho dos mamilos rosados... um pênis não precisava de muito mais do que isso para ter uma severa crise de insônia. Acordado, não dormiria até experimentar um pouco daquela carne para si.

Baixei seu zíper, deixando o vestido cair para descobrir que Dominique não estava usando soutien. O vestido justo tinha um suporte próprio que mantinha os seios mais próximos. Mas anos e falta de suporte não os tinha feito desistir. Dom sempre teve aqueles *peitinho* perfeitos. Erguidos, apontando para o Paraíso e além. Um nuance suave do colo ao bico e um peso *imoral* na descida da curva.

Eu poderia me ajoelhar e adorar aqueles seios o dia inteiro. Ia acabar o dia com uma vontade insuportável de me masturbar... ou até mesmo atingindo o gozo sem jamais me tocar.

- Não sei se é verdade... Procurou outras mulheres, Greg. - enfiou os dedos em meus cabelos, levantando uma coxa ao redor do meu quadril, me tentando com seus ângulos - Teve várias ao mesmo tempo... e...

O lábio preso entre os dentes e uma dúvida no ar.

- Eu nunca vou me acostumar com seus raros episódios de insegurança, Thoen. - sorri - Está com receio de não ser suficiente? Porque se for, eu vou precisar rir de incredulidade.

- Pois então comece a rir. - soltou o próprio lábio para morder o meu. Trocando a insegurança por uma descarada provocação. Ela me mantinha sempre no limite: eu nunca sabia quando ela ia me fazer despejar sobre ela o amor que transbordava do meu coração ou o tesão que transpirava pela minha glândula.

Dominique e sua capacidade de me deixar ereto e ambíguo.

- *Foder com amor*, lembra? - coloquei seu rosto entre minhas mãos, abandonando sua coxa a contragosto - Eu fodi outras mulheres. Mas meu coração foi sempre seu, sua maluca irritante. - acariciei sua boca com meus lábios - As outras tentaram transformar o sexo em algo mais. Mas não havia nada mais. Eu não tinha mais nada para dar porque já tinha dado tudo pra você. E você levou embora. Levou meu coração embora. Por mais que as *outras* insistissem, eu nunca poderia lhes dar algo que não era mais meu. Eu lhes dava meu pau e pensava em você para tentar conseguir algum pouco prazer de volta. Mas era só isso, Dom. É absurdo você temer ser insuficiente quando elas é que eram. Quando todas as outras pessoas do universo eram insuficientes. Por um motivo muito simples - suspirei em seu ouvido - eu só queria você.

- O que está dizendo, Gregory? - ela tinha um sorriso satisfeito e uma língua safada que umedecia seus lábios antecipando convites que iriam me fazer delirar - Está dizendo que uma mulher só pode ter seu pau ou seu coração? Porque se for isso, eu quero saber se posso escolher. - levantou uma sobrancelha me fazendo gargalhar.

- Não. Você pode ter os dois. Esse é o meu ponto, não entendeu?

Ela me beijou como se entendesse.

E eu soube que tinha entendido.

Deitou-se sobre mim na cama, engolindo minha ereção sem qualquer aviso. Chupando com força, comprimindo os lábios ao redor da minha extensão e masturbando a própria garganta com meu comprimento. Eu fechei os olhos agarrando os lençóis e urrei.

Tive que controlar a respiração para reunir forças. Me inclinei, estapeando a lateral da sua bunda, forçando-a a virar-se para mim e me cobrir com sua nudez. Mergulhei o nariz em seu tesão líquido, experimentando seu gosto. Dom rebolava, me engolindo. Meus dedos exploraram sua entrada trabalhando em conjunto com minha língua, espremendo em ondas circulares o caroço que era seu ponto máximo de prazer.

Ela tirava meu cacete da garganta para respirar e gemer, me deixava foder sua boquinha em intervalos irregulares e sugava

minha ereção como um canudo do seu suco favorito e zero calorias.

Eu queria olhar para baixo e assistir Dom me comer, mas a visão a minha disposição era tão absurdamente agradável que seria um crime ignorá-la. Me enfiei ali com gosto e fiz da sua bocetinha quente e pingante meu lar.

Seus joelhos raspavam nos meus ombros, enlacei suas coxas com os braços usando as mãos para agarrar sua bunda, forçando-a para baixo e para o meu apetite.

Deliciosa.

Fiz do seu corpo minha refeição, e ela me usou para o mesmo propósito e encontramos, um na língua do outro, o nosso pequeno paraíso particular.

Um barulho na sala e alguém chamando o meu nome.

- É o Zahner! - bati no braço de Greg, enquanto ele terminava de se vestir.

- Ele tem a chave? - reclamou.

- Eu achava que ele era Interpol e estava cuidando de nós! - devolvi - Claro que ele tem a chave!

- Você cofia rápido demais.

- Antes de você entrar na minha vida eu não confiava em ninguém! - lhe mostrei a língua - Então, de quem é a culpa?

Terminamos de nos vestir, apressados, e Holt abriu a porta do quarto, descendo o corredor, com minha mão na sua.

- Zahner. - cumprimentou.

- Baxter. - sorriu - Ótimo que estão todos aqui. Preciso falar com vocês, me disseram que não estava no escritório, Thoen.

- É sobre Boe? - perguntou, rápido demais.

- O que houve com Boe? - puxei minha mão.

- Fiquei sabendo hoje de manhã. - me ofereceu uma careta de culpa e um pedido de desculpas - Pelo Walton.

- Sim. Achei o Boe. - avisou - E ele foi atacado.

- Atacado? - eu quis saber.

- É. A mando de Eleanor, provavelmente. - constatou. Parecia exausto. Eu olhei para Gregory, esperando sua reação. Esperando

sua discordância. Mas ela não veio. - Precisei de um tempo para escondê-lo.

- Está vivo? - Greg quis saber.

- Está. Por pouco. Mas forcei sua morte.

Holt olhou ao redor, colocando o dedo sobre os lábios como se preocupado que alguém pudesse lhe ouvir.

- Relaxe, Baxter. - Gary sentou-se no sofá - Já revistei esse lugar por escutas várias vezes e tem uns geradores de interferência ali do lado do telefone. Eu sou muito bom no meu trabalho.

- Que, por sinal... - cruzei os braços - Não é o que está fazendo. Não *oficialmente* pelo menos.

Zahner nos observou por dois segundos antes de baixar a cabeça.

- Malcolm contou para vocês que eu estava apenas lhe fazendo um favor?

- E que eu e meu filho servimos de isca sem plenos conhecimentos do perigo? - rosnei - Pois é. Vamos chegar nessa parte. Mas como está Boe?

- Está bem. - levantou as mãos, rendido - Vai colaborar, principalmente agora. Vamos colocá-lo no programa de proteção à testemunha.

- O de verdade? - sorri, sarcástica - Ou nesse *de mentirinha* que você arranjou para mim?

- Nunca lhe disse que era um programa de proteção à testemunha o que você ia ter. - levantou o indicador.

- Não confio em você. - decidi, sorrindo.

- Ótimo. - deu de ombros - Mas, acredite se quiser, já trabalhei bastante nessa área. Pela sua rapidez em concordar com a teoria da "*vovó assassina*" - olhou para Greg - Vou supor que Walton já lhe contou tudo sobre Merryll e o ataque a maternidade, não é? Pois bem, o que precisamos fazer agora é...

- O quê? - Gregory deu um passo a frente - O que sobre a maternidade?

Zahner mordeu os lábios, arregalando os olhos enquanto calculava o tamanho da merda que tinha feito.

Holt olhou para mim, buscando apoio e eu não tive tempo de mudar minha reação. E mesmo se tivesse... não queria mais mentir para ele. Minha expressão nem um pouco confusa deve ter lhe explicado exatamente o que ele parecia querer saber quando demorou o olhar em mim.

- Você sabe do que ele está falando? - mas ele já sabia a resposta. Então, eu só engoli em seco.

- Gareth? Pode nos dar um minuto? - pedi.

Zahner se levantou e se retirou sem reclamar. Fez um comentário genérico sobre estar no seu apartamento bem ao lado se precisássemos de alguma coisa e lembrou que precisávamos resolver o que fazer depois. Ia continuar a explicar seu plano, mas eu o encarei com seriedade e ele se foi.

- Do que diabos ele está falando? - Greg mal esperou que ele saísse.

- Não te contei porque... - passei os dedos, puxando meus cabelos para trás - Por tantos motivos... - levantei um dos ombros - Primeiro, porque não achei que você ia acreditar. Depois, por medo de como você poderia reagir. E por último... - me abracei, sentindo um calafrio desagradável se apoderar da minha espinha - Acho que tive medo de te perder. Estávamos tão bem que...

- Dom! - pediu - O que houve?

Engoli a seco e o observei por um momento, para que ele sentisse no meu silêncio que era um assunto muito sério.

- Lembra como eu falei sobre Eleanor ter mandado Boe me assustar? E sobre como ela ameaçou me matar?

- Não é uma de minhas memórias favoritas. Mas lembro.

- Pois bem. Eu nunca soube exatamente qual história ela te contou a respeito do meu desaparecimento. Mas Boe disse a ela que eu tinha morrido. Disse que o plano tinha funcionado.

Enfiou as mãos nos bolsos e encarou o chão, respirando profundamente.

- Greg, eu...

- Continue. - pediu, ríspido. - Chega de mentiras e meias-verdades sobre Eleanor, Dominique. Eu quero saber tudo.

- No dia que se casou com Elizabeth, eu... Eu estava em trabalho de parto e liguei para você.

Espremeu a boca com tanta força que sulcos brancos se formaram nas imediações da pressão.

- Eu estava me sentindo sozinha, precisava de alguém e... depois do que você falou eu me senti ainda pior. Foi aí que liguei para minha mãe.

- Sua mãe?

- O mesmo amigo que me ajudou a desaparecer conseguiu o número dela para mim. E eu liguei. O que eu não sabia era que Eleanor já tinha feito um acordo com ela há muito tempo atrás e tinha lhe oferecido dinheiro por informações a meu respeito. Acordo que minha maravilhosa mãe aceitou prontamente.

- Ela contou para Eleanor que você tinha ligado. Que estava viva?

- Contou.

Greg levou as mãos a cabeça.

- Puta merda. - ofegou - Boe! - apontou o dedo para mim - Boe desapareceu nesse dia! Ele deve ter percebido que ela descobriu. Deve ter fugido para se salvar! Puta merda! - repetiu, com os dedos enfiados no cabelo, como se a percepção da realidade o invadisse, dando sentido a todas as pontas soltas na sua vida. - Se ele contou isso para Meryl antes de ir embora! - o corpo de Holt parecia pesar e ele se deixou cair sobre o braço do sofá, sentando-se com uma aparência esgotada - Ela matou Meryl. - suspirou, aceitando.

- É o que nós achamos.

- Walton te disse isso? - estreitou os olhos.

- Disse. - admiti.

- Por que não me contou?

- Estou contando agora. Pode entender isso?

Balançou a cabeça como se ainda estivesse na dúvida, mas preferisse me deixar continuar.

- Ela mandou alguém atrás de mim. Na maternidade. - tentei explicar essa parte com o máximo de suavidade que pude. Mas a lembrança de Lola, de suas palavras, da realização que minha

própria mãe tinha me vendido e a memória vívida e azeda de meu filho recém nascido desaparecido ainda me assombravam forte demais. E eu não pude ser tão suave quanto pretendi - Mandou alguém me matar e matar Ty.

Gregory se levantou e me abraçou.

Me apertou tão forte como se temesse que eu fosse me esvaír ali mesmo.

- MERDA, DOMINIQUE! - exclamou, furioso, sem deixar que eu me afastasse da sua proteção - Você devia ter ligado para mim! Devia ter ligado para mim no mesmo segundo! Devia ter gritado e me chamado de filho da puta! Devia me ter feito ouvir! Eu teria... eu teria...

- Greg... Shh... Eu sei. - tentei abraçá-lo de volta mas eu mal conseguia me mover envolta por seus braços fortes e tive apenas minhas palavras para acalmá-lo.

- Ai, que inferno. - murmurou - Não acredito. Não consigo acreditar. - me soltou por um segundo - Como conseguiu me perdoar? - havia um brilho peculiar em seus olhos e eu levei as mãos ao seu rosto.

- Porque eu te amo. Achei que essa parte estava clara.

- Ainda assim. - voltou a me abraçar. Mas dessa vez, estava muito mais enfiado nos meus braços do que eu nos dele.

- Bem... acho que às vezes a falta que uma pessoa faz nas nossas vidas é maior do que o erro que ela cometeu. E eu também cometi os meus e... Achei que já tínhamos resolvido essa parte.

- Como conseguiu escapar?

- Oliver. O mesmo amigo que me ajudou desde o começo. - sorri - Ele tinha mandado alguém para ficar de olho em mim.

- Eu preciso dar um abraço no Oliver. - ofegou - Devo minha vida a ele.

- Holt, calma. - ri - Já passou. Já faz muito tempo. E eu não sei se te avisaram... - brinquei - mas eu sou *bem* durona.

Ele riu baixinho. Mais de alívio do que por ter achado graça.

- Tudo bem. - aceitou - Estou feliz que tenha acabado. Pelo menos agora eu sei. Vai me contar, não é? Se houver outra coisa? - beijou minha boca rapidamente.

- Greg. - suspirei - Tem outra coisa.
- O que foi?
- Não vai ser fácil ouvir isso.
- E você acha que todo o resto foi? - arregalou os olhos.
- Isso vai ser *pior*. - prometi.
- Dom... Me diz de uma vez. Está me assustando.
- É uma coisa que sua avó fez. Muito antes da gente se conhecer... Boe me contou, quando sugeriu que eu fosse embora e me falou sobre as intenções de Eleanor.

- Dominique, diz de uma vez.
- Boe me deu vários detalhes, Greg. Ele parece bem seguro de que... - ofeguei - O acidente que causou a morte do seu pai e de Amanda, Boe disse que não foi só um acidente. Ele disse que Eleanor mandou uma pessoa fazer algo com o carro.

Meu pobre Gregory.

Ele estava pálido.

Lívido.

Fraço.

Apoiando o corpo contra o sofá.

Os olhos perdidos no vazio e a boca entreaberta em um grito mudo.

Era como se não houvesse sangue circulando por suas veias.

Como se não houvesse calor em seu corpo ou brilho em seus olhos.

Como se algo dentro dele estivesse morrendo de novo.

- Ela matou minha família. - eu não saberia dizer se era ou não uma pergunta - Ela vai pagar. - sua voz era uma mistura de sobriedade com loucura de um modo tal que me assustou.

- Holt. Calma. - pedi.

- Calma? - sorriu. Mas não havia alegria em seu rosto - *Calma?* Se alguém te pedisse calma quando ela te ofereceu dinheiro para matar o Ty você ouviria?

- Só quero dizer que ela é ardilosa. Não pode correr atrás dela sem medir a profundidade, Greg. Tem que tomar cuidado.

- Merda, Dom! - esfregou os cabelos com raiva - Por que não me contou? Por que não me contou no segundo que soube?

- Você teria acreditado?

- Sabe do que eu estou de saco cheio? - exclamou com os dentes semicerrados - Estou de saco cheio de todo mundo me tratar como se eu fosse um idiota incapaz de pensamentos próprios!

- Holt, a mulher sempre teve um poder sobre você...

- PORQUE TODO MUNDO DEIXAVA! Porque TODO MUNDO escondia de mim as coisas que ela fazia! Como eu podia descobrir? Como eu poderia saber que ela é essa pessoa horrível? Que ela é esse *monstro*? Se ninguém nunca me diz nada? Claro que eu não ia acreditar! Não havia provas! Só segredos! Só segredos porque *Gregory é um idiota manipulável que não sabe pensar!*

- Greg. - toquei seu braço mas ele o sacudiu me afastando.

- Não. Não! - reclamou - Eu... Ah! Merda! - sacudiu os braços no ar - Ela vai pagar. - murmurou para si mesmo, prendendo os lábios entre os dentes - Vai pagar! - exclamou furioso e saiu pela porta.

- Holt!

- Não venha atrás de mim. - vociferou.

Ouvi os estrondos da sua mão contra a porta de Zahner e achei melhor ficar para trás. Talvez Gary pudesse acalmá-lo. Ou talvez pudesse direcionar sua fúria para um propósito melhor.

- Quero falar com você.

- Notei quando você quase derrubou minha porta.

- Não seja engraçadinho. - avancei pelo seu apartamento.

- Dominique te contou tudo, han?

- A filha da puta matou meu pai e minha irmã? É verdade?

Zahner abriu os olhos e a boca em uma expressão de gloriosa admiração.

- Filha da mãe... - murmurou - Não sei. Dominique não me contou essa parte.

- Ela disse que Boe contou isso para ela.

- Se ele tiver provas! - Zahner estava falando sozinho.

- Presta atenção! - estalei os dedos, chamando-o - Ela matou minha família. Ela matou minha melhor amiga. Ela quase matou a

mulher que eu amo e o meu filho. Chega, Zahner. Chega.

- Concordo.

- Todo mundo fala sobre você como se você tivesse planos que ninguém estivesse disposto a executar. Como se ninguém quisesse sujar as mãos.

- Estou honrado.

- Estou com você, agora. - rosnei - Não me importa o que precisa ser feito.

- Não se importa?

- Não me importa.

- Mesmo que isso te custe Dominique?

Respirei fundo e engoli a seco.

- Quero Eleanor na cadeia. - era a única resposta que eu seria capaz de dar.

- Tudo bem, então. - concordou - Vou te explicar o plano.

Capítulo 20

Gregory estava estranho. Voltou para sua cobertura depois da conversa com Zahner e eu não quis perguntar a nenhum dos dois o que tinha acontecido. Holt estava magoado e precisava de um tempo. Eu sabia como isso funcionava e pressioná-lo agora não lhe faria bem algum.

O curioso é que, apesar de já ter sido espancada pela vida repetidas vezes, eu ainda mantinha esperança de que algumas coisas pudessem simplesmente se resolver e parte de mim tinha certeza que Gregory iria me abraçar na manhã seguinte assim que me visse. Ia me beijar e dizer que depois conversaríamos com calma sobre tudo aquilo.

Mas não foi isso que aconteceu.

Ele chegou na vara antes de mim, me cumprimentou a distância e ficou de pé conversando com um assistente por alguns minutos. Elizabeth também já estava lá. Cercada por oito advogados e eu não consegui entender qual desgraça poderia ter afetado a mente de um sócio majoritário para ocupar oito profissionais com uma causa tão simples. Se o objetivo era intimidar, boa sorte para eles. Eu nasci vacinada contra esse tipo de coisa e, no meu habitat natural, nada seria capaz de me intimidar.

A não ser ela... Sentada na sala de espera.

Eleanor Baxter.

A origem de todos os maiores problemas que eu tive na minha vida.

Não dedicou mais que dois segundos a minha presença e sequer me cumprimentou.

Ótimo, já que eu também não lhe tinha oferecido qualquer cortesia.

Me senti imbecil por não ter imaginado que ela estaria ali.

Depois de tudo que Gregory fez, depois da demissão e da distância que ele impôs, eu acreditei que ela finalmente teria

recebido o recado e se afastaria. Mas lá estava ela. Assistindo da primeira fila, como sempre.

- Greg, vou solicitar ao juiz para não permitir a entrada de ninguém na sala de audiência além do *pessoal essencial*. - disse objetivamente. Se ele ia me tratar com frieza até resolvermos nossos problemas, tudo bem. Mas eu não ia deixar o emocional prejudicar meu trabalho. Mesmo que ele não fosse exatamente um cliente: se envolvia a lei, eu levaria a sério. Sempre fui assim e agora não seria diferente.

Foco.

- Não é necessário. - suspirou.

Encarei Eleanor com o canto do olho e inspirei para contestar.

- Dominique. Não tem problema. - garantiu - Se ela quer participar, que participe. Vou guardar minhas energias para brigas mais produtivas.

- Você decide. - levantei um ombro e ele concordou.

A audiência foi anunciada e nós entramos. A juíza se sentou na cabeceira da mesa e nós ocupamos nossos lugares ao seu redor. Os advogados de Elizabeth apresentaram um documento de acordo quanto a divisão de bens e eu contestei. O acordo pré-nupcial era claro e quando eles ameaçaram usar as inúmeras *indiscrições* de Gregory como fundamento para quebrar o acordo, eu tive que lhes lembrar que o contrato não trazia aquilo como uma hipótese de exceção e sorri sugestivamente para Elizabeth de modo a lhe deixar entender que eu sabia da verdadeira procedência genética de seu primogênito.

Ela respirou fundo e as horas se passaram a nosso favor, de modo que as poucas coisas que sua ex-mulher absolutamente insistiu, eram tópicos indiferentes para Holt e nós cedemos.

Bastava apenas um tópico a ser discutido para que o documento fosse assinado e Gregory fosse um homem divorciado.

- Guarda integral. - Leslie Matt era a advogada principal de Elizabeth e se não estivesse do outro lado da mesa imaginei que seria o tipo de mulher que se daria bem comigo.

Se é que alguma mulher era capaz de se dar bem comigo.

- Compartilhada. - sibilei.

- Essa parte não é negociável. - me explicou.

- Tudo é negociável. - sorri.

- A senhorita Saint-Michel não vai abrir mão da criança. - apontou para Elizabeth - Organizamos uma proposta para pagamento de pensão que o seu cliente vai achar muito razoável.

- Queremos guarda compartilhada. Mas se fizer questão da guarda integral, não temos problemas em transformar isso em uma disputa de guarda litigiosa.

- Você nunca foi um pai para ele, Gregory! - reclamou e a advogada lhe pediu calma.

- Quero mudar isso. - suspirou - Quer me culpar por essa decisão?

- Você só quer me machucar! - choramingou, exagerada - Mais do que já machucou sua vida inteira.

- Estou cansado do seu drama, Elizabeth. Isso não é sobre você! - explicou pausadamente - É sobre Hyatt e o que é melhor para ele.

- Você é ausente.

- Tenho trabalhado nisso ultimamente e você sabe. Mas você só entope o menino de presentes para não precisar lidar com ele!

- Dois dias cuidando dele e acha que sabe o que significa ser um pai! - se exaltou - Não ouse me julgar! - ela se movimentou na cadeira, inclinando-se sobre a mesa e sua advogada lhe recomendou que ficasse em silêncio mais uma vez.

- Senhores, por favor. - a juíza pediu - Posso deduzir que não estamos em acordo nessa questão?

- Todos os dados já estão no processo, excelência. - expliquei

- Preferimos que a guarda seja resolvida em juízo.

- Tudo bem. - ofegou - Mas quero ouvir a criança.

- Excelência. - Leslie pediu - Ele é muito novo. Não é recomendado que a criança escolha em cenários...

- Não precisa me ensinar minha profissão, advogada. - encarou-a por cima dos óculos - Não disse que o garoto iria *escolher*. Mas gosto de ouvir as crianças independente da idade antes de tomar minha decisão. Acho que seus comentários geralmente são muito ilustrativos do contexto que vivem. Acaba

sendo elucidativo. Me ajuda a decidir melhor. Tem algum problema com isso?

- Não, excelência.

Eu concordei e as providências foram tomadas para que Hyatt fosse trazido a juízo e ouvido. Apesar de acostumada com causas vultosas, ainda assim me impressionei com a velocidade como tudo tinha sido feito.

Há poucas semanas atrás, Elizabeth estava pronta para arrastar Gregory em um processo de divórcio longo e desgastante. Mas agora ele era *persona non grata* em toda a alta sociedade e Lizzie queria se livrar desse estigma o mais rápido possível. Com a Baxter a dois passos do fundo do poço, ela tinha desistido até do precioso sobrenome e voltado imediatamente a usar seu nome de solteira, ao que tudo indicava, antes mesmo dos papéis estarem assinados.

Um exemplo de ser humano ela era...

Seu desespero para concluir as negociações eram tão grandes que ela não parecia fazer questão de muita coisa. E para decidir aquele último tópico, duas ligações foram feitas e Hyatt foi trazido até o fórum para ser ouvido em uma sala separada.

Trouxe um copo de café que Gregory recusou com um gesto. Enquanto esperávamos por Hyatt, ele não falava comigo qualquer palavra além do absolutamente essencial e eu estava começando a perder a paciência. Que tipo de raciocínio ele poderia ter feito para me culpar a ponto de irmos de parceiros apaixonados para semi-desconhecidos que recusavam um café com um gesto e nem mesmo um "obrigado"?

Bebi o meu café e o dele. A cafeína começou a atacar os meus nervos e me manteve sacudindo minha perna em uma contida e interminável crise convulsiva. A ansiedade era tanta que eu me coloquei de pé no segundo que anunciaram a chegada de Hyatt.

- Vamos assistir por aqui. - a juíza apertou um botão no controle, ligando a televisão.

Sentamos de volta na mesa e assistimos Hyatt na sala infantil, acompanhado pela psicóloga oficial e a babá que se sentou a

distância.

A psicóloga o amaciava com conversas e noções infantis de separação. Ele seguiu o raciocínio bem enquanto coloria uma imagem de aviões em um céu que, por qualquer motivo que fosse, ele tinha decidido pintar de verde.

- Meu pai já falou isso comigo. - murmurou, enquanto esfregava o giz de cera no papel, com uma força desnecessária.

- O que ele disse? - ela perguntou.

Eu prendi a respiração.

Queria que aquilo acabasse. Por um lado, para que eu pudesse sentar com Holt e conversar. Por outro, para que Hyatt ficasse livre daquele estresse injusto.

- Disse que ainda ia me ver. E que eu podia ficar com ele se eu quisesse.

- E você quer?

Elizabeth me encarou de soslaio e eu a ignorei.

- Quero o quê?

- Ficar com o seu pai? - incentivou.

- Pode ser. - levantou um ombro, indeciso.

- Ou prefere ficar com sua mãe?

- Tanto faz. - disse, miúdo.

- Se pudesse escolher. - aproximou-se dele - Se pudesse escolher ficar com quem você quisesse, quem escolheria?

- Quem eu quisesse? - levantou os olhos para a psicóloga e ela concordou - Acho que eu queria ficar com a minha tia Dom.

Era melhor eu aprender a viver sem oxigênio, porque meus pulmões pararam de funcionar. Elizabeth soltou uma risada alta de escárnio e ia protestar quando a juíza a mandou calar. Na tela, vimos a psicóloga encerrar a entrevista e o aparelho foi desligado.

Entre a juíza, Leslie Matt, Elizabeth, Eleanor e Holt... Eu não sabia para onde olhar.

- Acho que tenho tudo que eu preciso agora. - a juíza anunciou, passando o documento de divórcio, ainda sem a definição de guarda, para que todas as partes assinassem - O divórcio consensual está oficializado. Os senhores serão informados da minha decisão em relação a guarda, em breve. - me observou com cuidado

antes de se virar mais uma vez para Leslie Matt - E eu não disse, advogada? - sorriu, sem achar graça em nada em particular - Independente da idade, ouvir o que uma criança tem a dizer sempre acaba sendo elucidativo.

Elizabeth levou Hyatt para casa e eu tive que me controlar. Parece que *meu filho* também tinha sido aprisionado pelos encantos de Dominique. Eu podia entender. Podia entender muito bem.

E era exatamente por isso que aquilo ia me doer tanto.

- Pronto? - ela tinha a bolsa no ombro e estava me convidando para ir para casa.

Quantas vezes eu não quis receber aquele convite?

Por cima do seu ombro eu podia ver Eleanor se aproximando.

- Não vou com você. - murmurei.

- Vai trabalhar? - levantou a sobrancelha com um meio sorriso - Achei que estivesse desempregado.

- Vou voltar para minha casa, Dominique. - suspirei - Não acho que isso vai dar certo. Não agora. - elevei a voz.

Dom estava impassível. Me encarava como se não houvesse qualquer justificativa no mundo que pudesse lhe fazer entender minha atitude. Nossas expressões corporais denunciavam a discussão e Eleanor arriscou se aproximar.

Meu olhar desviou para minha avó por um segundo e Dominique olhou por cima do próprio ombro antes de se desfazer em um irritado sorriso de compreensão que doeu minha alma.

- O que ela te disse dessa vez? - murmurou.

- Nada. - arranquei a palavra da minha garganta como um bandaid - Conversamos depois.

- Conversamos agora! - insistiu, exaltando-se - Eu estou cansada de ser jogada de um lado pro outro por você, Gregory. Se tem algo para me dizer, me diga, agora.

Respirei fundo.

Vamos lá.

- Você mentiu para mim. - sibilei, devagar - Não aguento mais isso. Nós combinamos não foi? Combinamos que íamos confiar um

no outro e logo depois eu descobro mais e mais coisas que você nunca me contou?

- E você me culpa por isso? Tem que culpar ela! - apontou a mão para Eleanor e a outra hesitou, parando.

- Não estou eximindo ninguém de suas responsabilidades. - avisei.

- Uma hora você me beija, faz amor comigo e diz que me ama!

- Dominique! - olhei ao redor - Por favor. - segurei seu braço pedindo discrição.

- Aí acontece qualquer besteira, você enfia a cabeça na terra e muda de ideia.

- Conversamos depois. - decidi.

- Não! - puxou o braço - Chega, Gregory! Não aguento sua instabilidade.

Seu lábio tremia e meu coração tremeu junto.

Eu tinha certeza do que ela imaginava...

Imaginava que eu tinha corrido para Eleanor na noite anterior atrás de explicações. Ela teria me entupido de mentiras e eu, como bom garoto adestrado que era, tinha engolido todas e culpado Dom.

Esse era, sem dúvidas o seu raciocínio.

E agora não havia nada que eu pudesse fazer a não ser sentir meu coração sangrar a cada nova palavra.

- Minha instabilidade? Quem era o homem, Dominique? Quem era o tal de Rossel?

- Já te expliquei isso.

- Depois que ele bateu na sua porta! E se ele nunca tivesse aparecido? Eu teria ficado sabendo dessa história?

- Greg... - ela quase deu um passo para trás e... de todas as coisas que eu poderia ter dito, foi perceptível que aquela doeu mais fundo. - Não diz isso.

- Foi você quem quis conversar agora, não foi?

Dominique se virou devagar, observando Eleanor.

- Você está certo... Conversamos depois. - ofegou exageradamente - Não quero fazer isso na frente dela. - murmurou com os dentes semicerrados de ódio.

Eleanor nos encarava com olhos de falcão. Não ousaria perder uma única palavra.

Sinto muito, Dom.

Agora que tínhamos começado, era melhor ir até o fim.

- Acho que já conversamos, Dom. Duvido que tenha algo que você possa dizer que me convença a confiar cegamente em você de novo.

Ela mordeu o lábio inferior e considerou suas próximas palavras.

Levantou seus olhos escuros para mim e eu vi o nojo em seu rosto quando disse:

- Vai fazer isso, Greg? - tinha dor na sua voz e eu quis abraçá-la e acabar com aquilo - Vai me destruir de novo?

- Eu não fiz nada. - engoli a seco - Foi você quem fez.

Dominique respirou muito fundo e espremeu os olhos, livrando-se das lágrimas que já deveriam se formar ali.

Encarou o vazio por um segundo ou dois antes de olhar para Eleanor e começar a rir.

Uma risada sofrida e densa de inacreditável desespero.

- Chega. - resolveu - Você é tóxico. - confessou para o chão - Não pode fazer isso comigo... Não pode se magoar por qualquer coisa e dizer o que quer achando que depois só precisa me dar um beijo e pedir desculpas e tudo vai voltar ao normal. - cuspiu as palavras com velocidade - Chega. Você já me machucou demais. Não vou deixar que faça isso de novo.

- Poderia te dizer a mesma coisa. - consegui expulsar as palavras em um tom tão baixo que sequer tenho certeza se ela me ouviu.

- Acabou.

Uma palavra.

Dominique passou as mãos nos cabelos e eu vi a realidade a invadir.

Mesmo que eu explicasse meu plano depois... Eu a magoei ali, não foi? Magoei de novo. Do mesmo jeito. Aquela mesma merda que eu sempre fazia.

Ela não confiava em mim para ser leal a ela e era isso que nos destruiria.

Sempre isso.

- Você conversa com Tyler. - rosnou - Você explica pro seu filho o tipo de homem que o pai dele é.

Virou-se de costas para ir embora e eu senti aquele último golpe como um espeto enfiado no meu coração, destruindo meu corpo inteiro.

Assisti Dominique se afastar de um jeito resoluto e sem arrependimentos.

Não foi aquele jeito colérico como ela tinha ido embora depois da coletiva. Aquele jeito emocional e intenso que anunciava suas ações como impulsivas.

Agora ela estava realmente indo embora. De uma forma calma e definitiva.

Racional.

Como se parte dela estivesse se preparando para aquele momento inevitável em que eu a trairia de novo e ultrapassasse a barreira do aceitável.

Ela não suportava mais e estava indo embora.

Eu mordi meu lábio com força. Esperando que a dor me distraísse daquela verdade inescapável: Eu perdi Dominique.

Perdi para sempre.

Sentei na poltrona no meu escritório em casa, no escuro, encarando o teto e esperando que o álcool fizesse a dor passar.

Um estalo e alguém acendeu o interruptor.

Eu sabia quem era antes mesmo de descer os olhos para a porta.

Nos encaramos por um longo momento. Nosso relacionamento tinha sido danificado de um modo que não havia mais palavras de cumprimento.

- O que você quer, Eleanor? - suspirei, exausto, antes de voltar a olhar para o teto.

- Quero saber se você já acabou de descer essa sua espiral autodestrutiva e se está pronto para se por de pé de novo.

- Saia da minha casa. - apontei para a porta - Você não é bem vinda aqui.

- Ora, cale-se! - exclamou irritada, jogando a bolsa em cima da cadeira e eu percebi que nunca a tinha visto perder o controle daquele modo - Você tem me dado um trabalho infernal nos últimos dias! E pra quê? Por causa daquela mulher? GREGORY! - abandonou o pouco de cautela que lhe restava e eu pisquei, entediado - O que é esse poder que essa mulher tem sobre você?

- Não importa. - rugi - Porque acabou. E eu sei que você estava me vigiando no fórum então não me venha com hipocrisias.

- E por que acabou?

- Não é da sua conta.

- Você era um dos maiores homens do mundo! E jogou tudo fora por ela! E agora não a quer mais e vai fazer o quê? - ela andava de um lado para o outro na minha sala gastando o excesso de energia que ela simplesmente não conseguia conter no próprio corpo - Ficar aqui no escuro se afogando em uísque?

- E se for isso que eu quero? Não é da sua conta. - virei o que restava da dose e vi sua careta de fúria explodir.

- Você precisa colocar sua vida de volta nos trilhos! - tomou o copo da minha mão, e eu ri com gosto da sua infantilidade - Não vai ser fácil depois dessa *cena* que você criou. Mas vou dar um jeito.

- Que se dane o seu jeito.

- Você só pode ser inconsequente porque eu estou aqui para resolver.

- É... o *netinho da vovó*. - forcei uma voz sonsa - E depois eu ainda acho estranho ninguém me levar a sério.

- Pare, Gregory! PARE! - gritou - Chega dessa autocomiseração!

- Não use palavras difíceis, vovó. - ri - Estou bêbado.

- Vai tomar um banho! - decidiu - Ter uma boa noite de sono e amanhã nós começamos a resolver essa confusão.

Fiquei em silêncio diante dos seus rosnados.

- Não vou deixar você ficar enfurnado aqui, vivendo como um homem das cavernas por causa de um romance imbecil que estava fadado ao desastre.

- Destruí a empresa. - murmurei, encarando o vazio - O trabalho da minha vida inteira. Da minha família. E eu destruí.

Ela pausou encarando minha tristeza. Ofegou exageradamente e se sentou, buscou minha mão em cima da mesa e a acariciou.

- Vamos resolver isso tudo.

- Dominique vai levar meu filho embora. - continuei.

- Você vai contratar Andrew Conaughy de volta! - ralhou como uma matriarca preocupada - Vai pedir a guarda do seu filho. Você precisa crescer, Gregory! O garoto é seu, tem que lutar por ele. Você tem direitos! E tem condições de lhe dar uma vida muito melhor!

Pisquei os olhos vagarosamente, me permitindo olhar para ela.

- Vai fazer isso? - implorou.

Inspirei e expirei algumas vezes, deixando a tensão de acumular sobre ela.

- Amanhã. - sibilei, vencido - Hoje, eu quero ficar bêbado.

Ela soltou minha mão e eu pude ver o princípio de um sorriso em seu rosto.

- Vou ajudar você a cuidar de tudo. Só precisamos subornar as pessoas certas e eu sei exatamente quem são. Tenho experiência na área.

- Eleanor, você matou meu pai e Amanda?

Soltou meu copo em cima da mesa. Dos vários cenários hipotéticos em que ela deve ter visualizado aquela conversa, em nenhum deles ela ouviria aquela pergunta. Sua surpresa era palpável e ela demorou demais antes de tentar reagir. O que acabou sendo uma resposta por si só.

- Foi isso que Dominique te contou? Foi por isso que brigaram?

- Brigamos porque ela teve um caso com um francês. - enchi o copo que ela libertou - Trocou favores financeiros por *favores* sexuais. E, por último, pegou um empréstimo vultoso e foi embora sem pagar. Ele apareceu na casa dela essa semana.

- Eu soube. - confessou.

Nem sequer me dei o trabalho de fingir indignação. Estava cansado demais para isso e, se ela tinha alguém me vigiando, agora não era hora de discutir sobre isso.

- Então, foi por isso que ela voltou? Para que você lhe desse dinheiro?

- Eu paguei a dívida dela... - admiti, girando o copo - Mas não voltou só por isso.

- E pelo que mais?

- Por isso. - coloquei a pequena escuta profissional em cima da mesa e Eleanor a pegou para observar com cuidado.

- Estava te investigando com o amigo dela da Interpol. - Não era exatamente uma pergunta e por isso eu não respondi.

- Obrigado pelo aviso, por sinal. - murmurei, irônico.

- Oh, Greg. Querido... Eu sinto por vê-lo de coração partido.

Ofereci uma risada de escárnio e incredulidade por resposta.

- Não seja assim! - reclamou - Não gosto de te ver sofrer. Mas essa mulher nunca foi boa notícia.

- Eleanor! Se veio aqui só para dizer "eu avisei", já disse. Pode ir, agora.

- Quero ajudar. Sou sua família, Gregory! A única que lhe resta.

O fato de que ela ignorou a existência da minha mãe revoltou meu estômago.

- Quer me ajudar? Então me tire do escuro! Passei os últimos anos recebendo informações pela metade, Eleanor. Nunca sei o que me espera na próxima esquina. Você é uma pessoa horrível, já descobri isso. E é uma merda, mas está certa: é a única família que eu tenho. Sei que quer o melhor pra mim e sempre confiei nisso. Mas você está cercada de mentiras e eu não aguento mais. Estou farto. Você quer salvar a empresa, boa sorte. Faça isso sozinha. Se quiser minha ajuda, eu quero *saber*.

- Quer saber o que houve com seu pai e Amanda?

- Quero saber o que houve com meu pai e Amanda. Quero saber se você mandou Boe matar Dominique. Quero saber o que houve com Boe. E quero saber seja lá qual for o outro esqueleto que você está escondendo.

- Eu só quis lhe proteger.
- Bom trabalho! - ri, indicando os arredores e a situação de merda em que eu estava.

- Vai me odiar. - avisou, temerosa.

- Eleanor... - suspirei - Eu já te odeio agora.

Engoliu a seco, considerando suas opções.

Ela não tinha meu carinho. Mas talvez pudesse ter minha confiança.

- Muito bem. Eu queria impedir que seu pai voltasse... Convenci sua mãe a abandoná-lo e sabia que ele iria correr atrás dela, como sempre fazia. Mandeí alguém... *alterar* os freios dele para impedir que voltasse a tempo. Nunca quis que o acidente acontecesse! - acrescentou apressada, os olhos cravados em mim, esperando minha sentença - Eu só queria impedir que ele voltasse. Para que Audrey pudesse abandoná-lo. Perto de mim, ela seria mais firme em sua decisão. Se eu conseguisse tirá-la de perto dele a tempo.

- Só quis impedi-lo de voltar?

- Só isso! - prometeu.

- E por que não alterar o *acelerador*? - cuspi - Por que os freios, Eleanor? Se não queria matá-los?

Seus lábios tremiam. Nunca a vi demonstrar esse tipo de insegurança antes.

- Você quis saber o que aconteceu e eu contei.

- E Boe? - bebi mais um gole de uísque. Eu não estava nem de longe bêbado o suficiente para essa conversa.

- Eu não queria Dominique grávida de um filho seu.

- Surpresa... - sarcástico.

- Mandeí Boe colocar um... *produto* na bebida dela. Iria fazer com que ela abortasse com certeza.

- E só abortar?

Engoliu a seco e se decidiu.

- Talvez pudesse machucá-la.

- *Talvez?*

- Ia machucá-la. - corrigiu-se - Muito. Provavelmente.

- Queria matá-la.

- Queria que ela saísse da sua vida.

- Você tem um dom para se meter em coisas que não são da sua conta. É realmente impressionante.

- Você quis saber!

- Sabe o que mais dói, *vovó*? - rosnei a última palavra com asco - Que nada disso me surpreende. - admiti - Nada disso é inesperado. O que isso diz sobre nossa dinâmica familiar, han? - ri.

- Não importa! Boa não fez o que eu mandei.

- Ao invés disso, ele avisou Dominique e fez o quê? Te disse que ela estava morta?

- Algo assim. - espremeu os lábios e eu levantei uma sobrancelha irritada - Me disse que ela estava morta. - suspirou - Descobri que ela não estava através da mãe dela. Fiz contato com ela há muitos anos. Queria saber mais sobre Dominique.

- Ela ligou para a mãe quando estava no hospital. - aquela parte nunca ia cicatrizar no meu peito.

- E a mãe dela me avisou.

- Você ameaçou Boe?

- Não precisei. - encarou o uísque como se estivesse considerando ela mesma tomar uma dose - Boe já fez muitos serviços... *de moralidade questionável*, para mim. Ele sabe do que sou capaz. Quando descobri que Dominique não estava morta e que ele tinha mentido para mim, ele sequer hesitou. Desapareceu antes que eu pudesse fazer qualquer coisa.

- Não foi atrás dele?

- Não. Eu sabia que ele ia ficar calado. Foi só há pouco tempo que descobri que ele tinha mudado de ideia. Mas já cuidei disso também.

- Não quero nem saber dessa parte. - levantei a mão - Tenho nojo de você. Mandou alguém atrás de Dominique? No hospital? Mandou alguém matar meu filho recém nascido?

Ela encarou o chão e acenou afirmativamente.

- Responde! - exclamei violento - Eu quero ouvir você dizer!

- Mandei. Mas eles não estavam mais no hospital quando a pessoa que eu enviei chegou. Tinham desaparecido de novo.

- Filha da puta. - sussurrei.

- Algum dia vai ser capaz de me perdoar, Gregory? - havia um brilho de lágrimas nos seus olhos. Algo que eu nunca tinha presenciado antes.

- Não.

Ela acenou, compreendendo.

- Mas acha que poderemos superar?

- Superar? - ri, recostando na poltrona - Eu não vou precisar superar. - levantei os ombros - A sua consciência é problema seu. Bem... - senti o sorriso gostoso de triunfo no meu rosto - Problema seu... - abri os primeiros botões da minha camisa e exibi o microfone que eu trazia discretamente grudado a minha pele - ... e da polícia.

A porta do meu escritório se abriu ruidosamente e Zahner entrou acompanhado de quatro policiais.

- Eleanor Baxter. - anunciou satisfeito. Ela arregalou os olhos para mim, esperando que eu anunciasse que aquilo era uma piada idiota - Está presa por conspiração, tentativa de homicídio, fraude, sonegação e corrupção ativa.

Pisquei um olho para ela e assisti os quatro policiais começarem a levá-la dali entre gritos de fúrias e indignação.

- Isso não vai ficar assim, Gregory!

- Não vai mesmo. Ainda vou descobrir várias outras coisas para aumentar a lista dos seus crimes, Eleanor. E vou trabalhar duro para que seja condenada por cada um deles.

- Tudo que eu fiz foi para...

- Cale-se. Guarde o pouco de dignidade que você ainda tem.

Zahner a algemou e Eleanor ficou com os olhos baixos, encarando as algemas em sua pele em contraste com a pulseira de diamantes.

Adeus. Já vai tarde. Que você pague pelos seus crimes embora punição nenhuma seja capaz de desfazer o mal que você criou.

- Greg... - pediu já na porta.

- Ah! E antes que eu esqueça! - sorri, maldito - Boe está vivo e bem. Achei que você gostaria de saber. - acenei - Já que ele aceitou testemunhar contra você

- Zahner! Preciso de uma carona! - puxei seu braço assim que os policiais levaram Eleanor.

- Baxter... Eu acho que ela deve estar muito puta com você depois do nosso pequeno espetáculo.

- Por isso mesmo que é urgente! - implorei - Preciso explicar para ela o mais rápido possível! E você... você pode...?

- Posso, posso falar com ela. Mas pelo que eu entendi esse problema de confiança entre vocês é uma coisa grave, não é? Você sabia o tipo de dano que poderia causar antes de aceitar me ajudar.

- Eu sei! Mas eu preciso tentar. Gary, por favor! É minha família.

- Tudo bem... Mas eu tenho que acompanhar sua avó. Vou pedir para um dos policiais te dar uma carona, tudo bem?

- Preciso que você fale com Dominique.

- Gregory, eu estava errado sobre você... Você é um cara legal. Mas eu não vim até aqui para bancar o cupido. Vim para prender aquela mulher. Preciso me certificar que tudo vai ser feito corretamente. Não vou perdê-la por uma technicalidade ou falha de procedimento. Falo com Dominique assim que puder. Mas não posso ir agora. Sinto muito.

Eu subi as escadas correndo. Dois degraus de cada vez. O elevador ia ser lento demais para mim, hoje. Um pânico se apoderava do meu corpo a cada novo centímetro vencido. Dominique era teimosa, determinada e inteligente. Se ela tivesse finalmente resolvido que eu não prestava, que era melhor manter distância, mas que não conseguiria fazer isso na mesma cidade, aquelas poucas horas desde que nos vimos no fórum seriam suficientes para que ela tivesse feito as malas e desaparecido para algum lugar no mundo.

Principalmente se ela temesse que eu tentasse tirar a guarda de Ty dela.

Se ela quisesse sumir, faria isso. Já tinha feito antes.

Alcancei o hall com o punho levantado e esmurrei a porta, nervoso.

- Dom? Dominique, abre a porta!

Eu queria fazer silêncio e descobrir se havia algum barulho lá dentro. Algo que me indicasse que ela ainda estava ali. Mas eu não conseguia controlar minha respiração alta e ofegante, os batimentos do meu coração que explodiam pelo meu corpo inteiro. E, acima de tudo, não iria conseguir parar de bater naquela porta. Era a única coisa que poderia me acalmar: esmurrar a porta até alguém abrir.

E alguém teria que abrir.

Se não houvesse mais alguém lá dentro eu não conseguia imaginar o que seria de mim.

O trinco da porta estalou alto e eu congelei.

A porta se abriu apenas um pouco. Dominique colocou o rosto na fresta e analisou o espaço atrás de mim antes de abrir a porta. Eu inspirei profundamente e me preparei para pedir um milhão de desculpas e lhe dar dois milhões de explicações.

Mas ela falou primeiro:

- Já acabou ou a gente ainda tem que fingir?

As desculpas e explicações travaram na minha língua e eu fiquei com a boca aberta na porta da sua casa.

- Fingir?

- É. - balançou a cabeça com um sorriso de obviedade - Foi isso que você e Zahner conversaram cheios de mistério ontem não foi? Queriam enganar Eleanor?

- Você sabia? - o alívio arrebatador me atingiu com tanta força que eu quase caí no chão.

- Você ficou estranho de repente. - arregalou os olhos e se afastou para o lado, permitindo que eu entrasse - Não conseguia pensar em nada que tivesse acontecido para você se afastar tanto. Quero dizer... - riu - Eu sei que você é instável e meio maluco. Mas não *tão* instável e maluco.

Eu a abracei, espremendo-a contra a porta. Apertando seu corpo com força. Inundando-a de carinho e saudade.

- Eu achei que você tinha desistido. Fiquei com medo que tivesse ido embora.

- É... eu faço isso. - brincou, enfiando a mão nos meus cabelos.

- Fiquei com medo que tivesse acreditado que eu tinha caído na conversa de Eleanor de novo.

- É... - balançou a cabeça - *você faz isso.* - riu - Mas a gente tinha prometido.

Beijei sua boca e deixei nossos narizes grudados.

- Prometido?

- É. - sussurrou - Você prometeu que ia confiar em mim e cuidar de tudo. E eu prometi que ia deixar você mostrar como não era escravo da sua avó.

- Promessas cumpridas? - ri na sua boca.

- Bastante. - empurrou os lábios me dando mais um selinho.

- Quando você percebeu? - me afastei, impressionado.

- Ora, Holt, sinceramente! Não faça essa cara de surpresa. Me ofende. - reclamou. Me puxou pela mão e fechou a porta atrás de nós - No começo achei que você pudesse estar em outra de suas crises de insanidade... Mas quando mencionou o Rossel assim que viu Eleanor por perto, eu soube que estava tramando alguma coisa. Você não ficou chateado por causa dele...

- Isso não é completamente verdade. - contestei, rindo.

- Seja como for... eu imaginei que você quisesse passar a ideia que não estávamos bem e resolvi confiar em seu plano. Seja lá qual fosse.

- Você me disse que nós tínhamos acabado e que não aguentava mais.

Ela revirou os olhos:

- Não leve a mal, querido. Sua atuação foi ótima. Mas se queria convencer Eleanor, achei que não faria mal se eu ajudasse um pouco. - piscou um olho e eu a puxei para mais um beijo.

Eu amava tanto essa mulher nos meus braços...

- Zahner achou melhor não te contar. - expliquei - Ele achou que você poderia agir com superioridade perto de Eleanor e fazê-la perceber que era um truque.

- Todo mundo sempre supõe que eu vou bancar a arrogante. Mas a verdade é que entre nós três, eu sou a melhor atriz.

- Não duvido! - gargalhei - Você convenceu até a mim!

- E então? Não vai me contar?

- Ela confessou.

Mal fechei a boca e Dominique tinha levado as mãos ao sorriso e estava fazendo uma dancinha cômica pela sala.

- Zahner a levou presa.

- Algemada? - virou-se com os olhos arregalados.

- Algemada. - confirmei.

- Não acredito que eu perdi isso! - enfiou um pé no chão, birrenta - Nunca vou te perdoar! - apontou o indicador para mim.

- Eu precisava estar a sós com ela!

- Mas deveriam ter me avisado! Eu ficava bem quietinha na van de vigilância da polícia! Não ia atrapalhar ninguém!

- Não tinha uma van de vigilância. - eu ri.

- Mas que tipo de armadilha foi essa? - reclamou, pondo as mãos na cintura - Sem van de vigilância?

- Sinto muito. - levantei um ombro.

- Ela ficou indignada? - perguntou, mordendo o polegar.

- Bastante.

- Gritou, se sacudiu...?

- As duas coisas.

- O que ela gritou? - me segurou pelos braços e eu estava rindo com seu divertimento.

- Que não acreditava... Que eu ia me arrepender. E algumas obscenidades.

Dominique tinha o queixo exageradamente caído.

- Eleanor Baxter, algemada, se sacudindo e gritando obscenidades.

- Pois é.

- E eu perdi isso. - estreitou os olhos para mim - Não vou te perdoar nunca.

- Vai ter sua chance. Aposto que, se cutucá-la o suficiente, ela se sacode e grita umas obscenidades para você na audiência também.

- Hmm! - fechou os olhos, se deliciando com a ideia.

- Sabe que vai ter que testemunhar, não sabe?

- Com prazer. E Boe?

- Está bem. Também vai testemunhar. Com vocês dois, os documentos que consegui na Baxter e a gravação da confissão dela... Eu acho que ela não tem chance.

- Você não vai precisar testemunhar?

- Talvez precise.

Dom não estava sorrindo mais. Parece ter satisfeito seu momento de alegria infinita e agora tinha um olhar preocupado.

- Como você está, Holt?

- Minha avó matou meu pai, minha irmã e provavelmente minha melhor amiga também. Além de ter tentado matar meu filho e a mulher que eu amo.

- Não é uma notícia fácil de receber. - apertou meus braços, carinhosa.

- Não é. - concordei baixinho - Mas não é como se eu tivesse descoberto subitamente que ela era um monstro. Parte de mim já estava se preparando para isso há algum tempo. Vou ficar bem!

- Vou estar aqui se precisar de ajuda. - lembrou.

- E é por isso mesmo que eu vou ficar bem.

- Gareth Zahner?

Pedi licença aos dois policiais para ver o que ela queria.

- Sim?

- É você?

- Sou eu. - seus sussurros chamaram minha atenção.

- Senhor Zahner... eu sou... pode me chamar de Lynn. Estou com os advogados de Eleanor Baxter.

Mordi meus lábios em uma careta desagradável.

- O que posso fazer por vocês?

- Não... não estou falando por eles. Seria possível conversarmos... ahmm...

- Em sigilo? Claro.

Ela inspirou profundamente enquanto tomava uma decisão.

- Eu sou advogada, senhor Zahner. Sei como funciona confidencialidade profissional, mas isso... Não sou melhor amiga de Gregory, nem morro de amores por Dominique, mas... Mas não posso...

- Senhorita Lynn, vamos fazer um acordo. - sugeri - A senhorita se vira de lado e sussurra para o vazio o que aconteceu. Diga: "eu não acredito..." e complete a frase do modo como preferir. Por acaso, eu vou apenas estar por perto e ouvir. E nunca repetirei a fonte para ninguém. O que acha?

Ela me observou, com olhos atônitos. Sua resolução hesitava e se não falasse logo, provavelmente falharia.

Indiquei o movimento com um gesto e me virei de lado.

Ela seguiu minha instrução. Respirou fundo e sussurrou de forma quase inaudível.

- Não acredito que Eleanor Baxter prometeu não comprometer um assassino profissional em seu depoimento desde que ele matasse Dominique Thoen esta noite.

Eu engoli a seco, me virei a tempo de vê-la partir como se nunca tivesse me dirigido a palavra.

Eu ia ter que correr.

Bem rápido.

- O que acha?

- É imenso! - Ty analisou o anel de diamantes da minha família que eu mantive guardado todo esse tempo - Achei que você tinha ficado pobre.

Eu ri de sua inocência.

- Não, garoto. Não é assim que funciona... - passei a mão em seus cabelos e puxei o cobertor ao seu redor. Seria difícil explicar para uma criança como tudo aquilo funcionava ou o fato de que mesmo que metade da minha família estivesse com o nome arrastado na lama, a outra metade ainda era impecavelmente rica. E eu tinha investimentos dos dois lados. Respirei fundo, me preparando para dizer que era complicado demais para uma criança, antes de me lembrar que Tyler não era uma criança *normal* - É um pouco complicado para crianças - sorri - De qualquer modo... Esse anel aqui está na minha família há gerações. Não comprei agora.

- Hmm... - ele pareceu confuso - É isso que você achou que isso ia ser complicado de entender, pai? Porque parece ser bem simples.

- Não, moleque! - ri - Amanhã eu te explico a parte complicada, combinado?

- Combinado.

- Acha que ela vai aceitar? - sacudi o anel uma última vez procurando aprovação do único ser humano do mundo que deveria conhecer Dominique tão bem quanto eu.

- Eu começaria contando a história de que é uma joia de família. Se ela achar que você está pobre e gastou dinheiro com um anel desses vai chutar sua bunda.

- Rá! Você está *muito* certo. Mas... se eu falar do jeito certo? O que acha?

- Pode ser que ela diga "*não*". - fez uma careta, miúdo - Mas a gente convence ela a mudar de ideia.

Foi involuntário.

Eu simplesmente o abracei.

Tomei meu filho nos meus braços e o apertei ali por alguns instantes.

- Adorei o plano. - confessei - Agora, dormir! - beijei sua testa e ele se virou para o outro lado.

Dominique estava me esperando no sofá, com a tv ligada no jornal, assistindo a interminável novela que era a prisão de Eleanor Baxter. Ela não tinha feito pipoca, mas imagino que isso era apenas porque ela *não tinha* pipoca em casa e morreria antes de sair para comprar o que quer que fosse, arriscando perder dois segundos da transmissão.

Na tela, minha avó aparecia pálida e apática. Seus lábios rígidos e contraídos em uma única linha. Sua expressão corporal era como sempre foi: intransigente, segura...

Mas estava ali: nos olhos. Eu a conhecia bem demais e podia ver que a frieza se foi. Ela estava quebrada e em pânico.

Colhendo o que plantou.

Expirei profundamente, enfiando a caixa do anel no bolso e percebendo que apesar de tudo, eu não tinha estômago para aquilo.

Não tinha estômago para mais nada.

- A gente precisa assistir isso? - pedi, macio, sentando ao seu lado.

- Não. - decidiu após me observar por uma fração de segundo. Apertou um botão no controle e o infinito barulho de repórteres se foi.

- Obrigado.

- Eu assisto depois no youtube.

Gargalhei, contido.

- O quê? Eu te amo e se você não está com vontade de ver, eu respeito. Mas não vai me impedir de ter esse prazer.

- Não é minha intenção.

- Ótimo. - me deu um selinho comportado - Tyler dormiu?

- Não fiquei até ele dormir! - lembrei - Você disse que não era para fazer isso! - voltei os olhos para a porta do quarto, preocupado se teria abandonado meu filho.

- Calma, Holt! - puxou meu braço, rindo do meu desespero - Ele já está grande. Tem que aprender a dormir sozinho. Mas você nunca me obedece, por isso perguntei.

- Eu *sempre* obedeco! - me indignei - Sempre!

- Mentiroso! - revirou os olhos - "*Não foi de propósito! Peguei no sono ao lado dele*".- imitou minha voz.

- Foi verdade! Eu estava cansado.

- "*O filme estava divertido, acabei assistindo por um tempo e não notei que ele dormiu*".

- Era um bom filme! - me defendi.

- Era um episódio de Pokémon.

- Eu adoro esse desenho!

- Adora? Diz o nome de cinco pokemons, Holt.

Prendi a respiração.

Tinha um amarelo... Eu sabia que tinha um amarelo...

- Te dou minha bunda toda noite até o fim do mês! - anunciou - Se você conseguir dizer o nome de cinco pokemons.

Putá merda, como era o nome do amarelo?

- Diz o nome de dois? - colaborou.

- Ahm... po... pokechu? - arrisquei.

Ela beijou minha boca.

- Ganha um beijo pelo esforço. - riu.

- É um amarelo. - expliquei - É um pokemon novo. Você não conhece.

- Pikachu? - perguntou.

- Isso. Foi isso que eu disse.

Levantou uma sobrancelha pra mim.

- Foi isso que eu disse! - repeti - É o amarelo.

- Como é o nome do protagonista?

- É um nome japonês complicado. Não sei pronunciar direito.

- "Ash" é um nome japonês complicado, Holt?

- Eles sempre dizem com o sobrenome. O sobrenome é complicado.

- "Ketchum" é o sobrenome complicado, Holt?

- É sério que o nome é esse?

- É! - arregalou os olhos.

- É até simples! Como eu não consigo lembrar dessas coisas?

- Não sei. - ela se encolheu no meu peito, rindo.

- Acho que fico confuso com o sistema escravocrata em que eles mantêm aquelas pobres criaturas adoráveis e não presto atenção em mais nada.

- É melhor se acostumar com esses desenhos. - avisou - É um vício constante e um assunto recorrente.

- Parece mais simples que o do dragão.

- Dragon Ball?

- Esse. As pessoas morrem e ressuscitam muitas vezes nesse.

É difícil acompanhar.

- Não vou discordar dessa vez.

Puxei seu rosto para o meu pescoço e apertei o abraço ao seu redor.

- Você fez um bom trabalho. - murmurei - Com Ty.

- Eu sei. - aceitou o elogio sem falsa humildade me fazendo sorrir.

- Eu tenho que aprender muita coisa... Não sei nem como amarrar o acento infantil no carro direito. - lembrei.

- Eu te ensino. - sua mão se espalhou pelo meu tórax, brincando no espaço entre meus botões. As pernas dobradas no meu colo.

- Acho que nem vou ter tempo... Daqui a pouco ele vai estar mais alto que eu e não vai mais precisar.

- Vai ter que aprender para o próximo.

- Está pensando nisso, é? - felicidade é uma coisa boba. Frágil e precária. E ao mesmo tempo, absolutamente arrebatadora - Aumentar o clã daqui a uns anos? - enfiei o nariz nos seus cabelos.

- Eu estava pensando mais em... - levantou os olhos para mim - Daqui a uns oito meses?

Seus olhos eram profundamente negros, mas havia uma linha na parte mais externa que era quase azul. Um azul marinho muito escuro. Aquela combinação de negro com azul, aquela linha específica dos seus olhos... era exatamente ali que eu estava olhando quando compreendi o que suas palavras queriam dizer e... se tornou minha cor favorita. Imediatamente.

- Você... - gaguejei - Você... - meu rosto doía e eu percebi que deveria estar rindo mais do que meus músculos aguentavam - Está... Dizendo q-que...

- Estou grávida. - concluiu o raciocínio por mim - Quer que eu desenhe, Holt? Sinceramente... não é tão complicado quanto pokem...

Ela estava nos meus braços. Eu a enfiei ali com força, daquele jeito involuntário como tinha feito com Ty. Beijando cada espaço de pele ao alcance dos meus lábios. Explodindo no amor avassalador que eu sentia por Dominique, deixando a felicidade nos envolver como um acesso incontrolável de risos.

Atravessei meu corpo no sofá e coloquei o rosto contra o seu estômago. Beijando seu abdômen, apertando sua cintura. Beijando sua pele com carinho, na altura do umbigo.

- Você está bem? - pegou meu rosto entre as mãos - Está vermelho. - apertou minhas bochechas.

- Se for possível alguém morrer de alegria acho que é melhor me levar pro hospital.

- Dramático. - deu um tapa brincalhão na minha testa.

- Mamãe é muito estressada. - sussurrei para o seu umbigo - Mas papai te protege! Não se preocupe! - beijei a barriga de novo.

- Está falando com o bebê? Sabe que não pode te ouvir, não é? Ainda é só um caroço, desse tamanho. - mostrou com o indicador e o polegar.

- É o caroço mais maravilhoso do mundo! - enchi sua barriga de beijou mais uma vez, fazendo-a rir.

- Você é ridículo!

- Não escute a mamãe, meu Carocinho! - murmurei - Ela está mau humorada porque papai não deixa ela ver a velha ser presa.

Minha cabeça balançava no ritmo das gargalhadas de Dom.

- Te amo. - levantei, sentando no sofá ao seu lado - Sabe disso, não sabe? De verdade?

- Sei. - ofereceu os lábios e eu os tomei. - Também te amo. De verdade. - sorriu.

Eu tinha seu rosto na minha mão, desenhando os contornos da sua boca com meu polegar. Ela era tão linda. Tão perfeita. Tão minha.

- Casa comigo?

O contorno do lábio que eu desenhava se abriu em um sorriso.

- Vamos decidir isso com calma. E precisamos conversar com os meninos.

- Deixa de coisa, Thoen. Casa comigo.

- Não é "coisa", Holt. - reclamou, birrenta - São detalhes importantes.

- São só "detalhes"! Casa comigo.

- Que diferença faz?

- Se você não vê diferença, então qual o problema em me agradar? Casa comigo.

- Você é... - apertou os punhos como se procurasse a palavra - um babaca! - apertou os lábios em um bico - Por que quer casar? Por que não esperar um pouco? Ver se dá certo? E se a gente se apressar e der tudo errado?

- Dominique, eu te amo. E a gente já perdeu tempo demais. Eu não quero esperar nem dois dias para a reserva que fiz no restaurante italiano que você gosta. Ia te pedir em casamento, lá. - tirei o anel do bolso - Mas nem dois dias eu quero esperar. Posso ser

um babaca. - ri - Mas sou um babaca que vai ser seu marido, porque vou te encher a paciência até dizer "sim". Sabe que vou! Vai ser que nem quando te convenci a morar comigo: vou te vencer pelo cansaço.

Ela estava mordendo o sorriso querendo dizer "sim" de uma vez. Mas ela tinha se machucado na vida... muitas vezes. Para ela sempre tinha sido difícil confiar em alguém e se abrir. Então fez isso comigo e... E todos nós sabíamos o que tinha acontecido.

Era difícil para minha Dom teimosa. Sempre foi.

Mas o "sim" estava ali.

Eu só precisava esperar até que ela se acostumasse com a palavra.

- Tudo bem. - suspirou.

- Tudo bem o quê? - confirmei.

- Caso com você! - decidi irritada antes de abrir seu sorriso exuberante que me fazia tremer.

Beijei sua boca, procurando sua mão e enfiando o anel ali, antes que ela mudasse de ideia. O beijo se intensificou e eu estava escorregando a mão pelas suas costelas enquanto ela perdia os dedos enfiados em meus cabelos.

- Mãe? Não consigo dormir.

Nos separamos com um susto. Ty estava parado ao lado do sofá, esfregando olhos sonolentos.

- Posso dormir na sua cama? - pediu.

Ela sorriu pra mim, ajeitando os cabelos.

- Pode, filhote. Deita que já estou chegando.

Ele se foi para o quarto.

- Que pena. - gemi diante das nossas expectativas interrompidas.

- É? E você está animado com um bebê? Se prepare para muitas noites de "que pena". - riu, antes de se levantar.

Ouvi o barulho da porta de fechando e depois de vidro se quebrando. Foi um estalo alto na lateral da sala onde ficava a varanda e ecoou pelo ambiente inteiro. Virei-me preocupado, imaginando que Dom teria tropeçado em algo. Minha mente foi para o bebê e para a minha mais absoluta falta de conhecimento em

matérias de gravidez. Eu teria que ler aqueles livros que explicavam as coisas, desde as mais básicas. Entre a preocupação com Dom e a listagem de livros que eu sequer sabia os títulos, eu me virei na sala.

Havia um homem parado próximo a porta da varanda. Os estilhaços de vidro no chão contavam a história de como ele teria entrado.

É uma daquelas ocasiões em que você se enfia em uma cena tão pouco provável que demora a acreditar que ela está realmente acontecendo. Ele tinha um cheiro forte de tabaco, uma barba mal feita e mascava um chiclete com um sorriso maldito. Foi apenas quando ele levantou a arma na minha direção que a realidade bateu na minha cabeça como um porrete.

Levantei as mãos rendido enquanto minha mente desesperada percebia que ele estava entre mim e a porta do quarto de Dom... ele estava entre mim e minha família.

- Calma! Tenho dinheiro na carteira. Pode levar o que quiser é só...

- Sua avó mandou saudações. - sorriu, maldito.

Ele veio me matar.

Veio matar Dom.

Veio matar Ty.

Desespero se assemelha a felicidade.

É uma coisa frágil e precária.

E, ao mesmo tempo, absolutamente arrebatadora.

É por causa dele que nós podemos fazer as contas em um milésimo de segundo. E decidir que o mais importante é proteger as pessoas que amamos. E que se dane o que vai acontecer com a gente.

Eu estava de pé quando tomei a decisão.

Quando respirei fundo.

Avancei para cima dele com o máximo de resolução que jamais tive em minha vida. Sua postura mudou. Seu dedo estava no gatilho. Um tiro estalou alto e eu caí no chão junto com ele. Esperando a dor. Esperando que ele reagisse.

Mas o homem gritou e caiu pesado. Eu o segurei contra o chão, chutando sua arma para longe. Dominique a aparou com o pé

e eu vi a arma nas mãos dela.

- Dom? - eu não sabia se ria de alívio ou gaguejava de medo. Fiz um pouco das duas coisas.

Seu lábio inferior tremia. Mas... assim como eu tinha feito mais cedo com Eleanor, eu podia fazer agora com Dom. Eu podia julgá-la pelo brilho nos seus olhos. O brilho voraz de uma leoa que sempre lutou contra tudo que a vida colocou no seu caminho. E que sempre superou, transcendeu e venceu. Uma mulher forte que não se destruía com uma ameaça de morte, um pedido de casamento, uma investigação policial ou um estranho armado em sua casa.

Eu não sabia quem aquele homem era... mas cruzar o caminho de Thoen foi a pior decisão que tomou em sua vida.

- O que é isso? - indiquei a arma com o queixo e um leve toque de surpresa.

Ela engoliu a seco e tirou os olhos do seu alvo por um segundo, para me observar com obviedade.

- Uma glock. - levantou um ombro - Ouvi dizer que é bem útil.

Ouvi Greg me chamando assim que fechei a porta de casa. Coloquei as chaves do carro em cima da mesa, no canto da sala.

- Cheguei! Deixei os garotos na casa dos Binz, vão dormir lá hoje. - além da janela da nossa sala eu podia ver Andy gesticulando para mim, do outro lado do jardim, na sala da sua casa. Chamando-me para ouvir alguma coisa. Eu gesticulei um "não" majestoso para ela, com impaciência. Ela fez uma careta e eu lhe mostrei a língua antes de fechar minhas cortinas.

Eu tinha descoberto bem rápido que a única coisa pior que uma Andy que reciclava era uma Andy me ajudando a planejar um casamento.

- Tudo certo? - Greg desceu as escadas e passou a mão pela minha cintura.

- Se for me ajudar a subir as escadas de novo, Gregory, eu te espanco.

- Dalila Jones disse que queda em escadas é um dos principais motivos para... *abortos*. - sussurrou a última palavra e eu

revirei os olhos, sem paciência para os seus exageros.

- Gregory, eu estou grávida, não sou uma inválida. Deixei os meninos na casa do colega esse fim de semana para poder adiantar a mudança e ver se coloco essa casa em ordem. DE NOVO! - reclamei.

- Queria que eu continuasse morando aqui depois que você foi embora?

- Não estou falando sobre isso. Só estou dizendo que, se vai me atrapalhar na arrumação, deixo você também na casa dos Binz.

- Eu fico quietinho. - levantou as mãos, rendido - Se me deixar te ajudar a subir as escadas.

- Vou te bater! - avisei - Estou falando sério! Se encostar em mim, você apanha! Sou perfeitamente capaz de fazer qualquer coisa sozinha.

- É... mas se fica sem supervisão... quem sabe... daqui a pouco você faz algo absurdo como... subir no telhado - riu - para assistir eu me masturbar.

- Prefiro ver esse tipo de coisa de perto, agora, obrigada.

Ele riu, olhando ao redor.

Eu sabia que estava pensando o mesmo que eu.

Aquela casa significava muito para nós dois.

Ela significava uma vida inteira.

- Onde está Euler? - notei a ausência de pulos e latidos.

- Lá fora. Por sinal... ele encontrou uma poça de lama bem adorável. Alguma chance de você colocar uma camisa branca sem soutien e ir até lá lhe dar um banho.

- Pra você me jogar na piscina? - beijou minha boca - Ou Dalila Jones disse que isso também é perigoso?

- Vamos evitar quedas em geral. - decidiu, o selinho se multiplicou e estava murmurando palavras em nossos lábios colados.

- Você e esses livros... Gregory, eu juro que eles só atrapalham.

- Dalila Jones sabe das coisas.

- Dalila Jones nem sequer tem filhos!

- Mas ela é psicóloga e trabalha com crianças.

- Você é ridículo. - constatei.

- Não me importa. Deixe meus livros em paz. - enfiou a língua na minha boca.

- Como foi o julgamento? O veredicto saiu?

- Saiu. Pena máxima. Zahner estava lá. Acho que ele ainda se sente um pouco culpado por não ter chegado a tempo naquela noite.

- Como se eu precisasse de homens. - brinquei, arrogante.

- Um dia ainda vai ter que me contar como conseguiu aquela arma.

- Já te disse! Foi presente de uma amiga.

- Hmhum... sei...

- E eu só atirei na perna dele.

- Na barriga, Dom.

- Mirei para a perna.

- Foi uma sorte ter acertado ele.

- De nada, seu ingrato.

Enlaçou meu quadril com um braço.

- Obrigado, meu amor. - apertou minha bunda, safado.

- De nada. - repeti - E Eleanor?

- A sentença dela deve sair até a próxima semana.

- Os advogados dela fizeram milagre.

- É. Fizeram. Mas você sabe que ela não vai sair livre, não é?

- Sei. Você e Zahner cuidaram disso.

- E o dinheiro dela acabou. - sorriu.

- Você não precisou do Zahner para cuidar dessa parte.

- Nem um pouquinho. Agora, deixa eu te ajudar a subir as escadas.

- Não. Eu não vou subir. - andei rápido para a cozinha e ele me seguiu.

- Fico com você até subir.

- Você quer mesmo apanhar, não é? - apontei a faca para ele, antes de pegar uma torrada e a geleia. Gregory estava rindo. - O que foi?

- Não se lembra da festa? - segurou meu punho com a faca para manter a arma longe de si - Você assassinou o queijo e me ameaçou com a faca.

- Não fiz isso.

- Fez sim! Estava com ciúmes da Meryll. - beijou meu pescoço, bem embaixo da orelha. Naquele ponto em que o mínimo hálito quente é capaz de desencadear um arrepio interminável - De todas as pessoas! - riu - Com ciúmes da Meryll.

- Não estava como tantos ciúmes assim.

- Me provocou até eu transar com você no meio da festa. - deslizou a palma pela minha bunda - Bem ali. - apontou para o local precariamente escondido na lateral da cozinha. - E quer me dizer que não estava com ciúmes.

- Eu curto essas situações arriscadas - dei de ombros - não foi por causa de ciúmes.

- Hmhum... - balançou a cabeça, sem acreditar.

- E você ficou com ciúmes do Hill.

- Verdade. - disse de uma vez - Viu como é fácil assumir?

Estava mordendo meu queixo e acariciando suas partes íntimas no meu corpo.

- Ficou tão excitado que me comeu nas escadas sem nem fechar a porta de casa.

Greg me soltou e espremeu os olhos.

- Não acho que foi dessa vez.

- Qual vez?

- A vez da festa não foi uma das vezes que a gente transou na escada.

- Não? - agora eu estava espremendo os olhos também, buscando nos confins da minha memória.

- Acho que não. - coçou a barba - Acho que essa foi a outra vez.

- O dia que a gente foi ver sua mãe! - estalei os dedos na minha testa - Que eu te chupei no restaurante. - deixei a faca na pia e ele me seguiu de volta para a sala.

- Isso! Foi dessa vez!

Enlaçou minha cintura e sorriu.

Gregory tinha um sorriso lindo. Eternamente jovem. Como se qualquer preocupação ou problema do mundo pudesse fugir a mera presença do seu sorriso. Ele sorria e eu tinha certeza que estava

apaixonada. Não era normal admirar tanto uma mera curva nos lábios de uma pessoa.

Mas era sua alegria. Sua felicidade. Não importava quão ínfima fosse... ela era capaz de me deixar em paz.

- Acha que a gente já transou em todos os lugares dessa casa, Thoen?

- Não sei... Temos que descobrir. - provoquei.

- Ótima ideia. - dobrou o corpo, mantendo-me presa no abraço.

- Quer experimentar as escadas de novo?

- Não. Dalila Jones disse que...

- ... *escadas são perigosas. Tá, tá.*

Gregory tomou minha boca e me guiou para o sofá. No mesmo lugar onde tínhamos brigado por um pedaço de pizza. Me despiu onde eu tinha me esfregado contra sua virilha para ganhar uma partida de street fighter.

Sussurrou juras de amor e obscenidades excitantes enquanto subimos as escadas, fazendo o inverso do caminho que eu fiz, em desespero, quando o vi com outra mulher e descobri que estava, de fato, apaixonada por ele. A diferença é que agora eu o tinha para mim. Sem jogos, dúvidas ou segredos.

Holt mordiscava meus lábios, murmurando com sua voz rouca de prazer tudo que ele gostaria de fazer comigo e naquela noite, como em todas as outras que ele me tocava, eu me senti umedecer em uma velocidade impressionante.

Colocou-me com cuidado sobre a cama onde ele cuidou de mim quando me machuquei. Parecia ter lembrado do mesmo momento que eu, porque beijou meu braço... o punho que tinha machucado e depois meu pé. Eu ri, me divertindo com nossa sincronia e ele se aproveitou dos meus seios desnudos.

Holt me beijou e fez amor comigo no mesmo local onde tinha dito que me amava.

Deixei ele me possuir, notando, talvez pela primeira vez, que eu não me sentia mais sozinha.

Greg estava comigo.

Na nossa cama.

Na nossa vida.

Nossa.

Eu não me sentia sozinha.

E no seu sorriso eu pude ver que ele não me permitiria sentir
daquele jeito nunca mais.

Epílogo

- Linda do papai! - cantarolei baixinho, embalando minha filha, enrolada em seu cobertor vermelho - Shh, shh... - ela se mexeu lutando contra o sono e eu beijei seus cabelos, ainda poucos, inspirando seu cheirinho - Não pode puxar os genes do papai, ouviu? É, Mandy... não pode... - balancei a cabeça, sorrindo, assistindo-a abrir e fechar os olhinhos de pálpebras pesadas - Tem que puxar os genes da sua tia e da sua mãe. É! Tem que fazer isso! - sussurrei - Perto delas, seu papai é um bobo. Um grande boboca...

- Um *frouxo*.

Dominique beijou meu pescoço, me abraçando por trás.

- Frouxo! - sorri - Mas só quem chama papai assim é a mamãe. Tem um efeito complicado. - continuei balançando minha filhota devagar.

- Ela é um bebê, Holt! Pare com suas indecências! - riu, gostosa, no meu pescoço.

- É *Thoen*, agora, esqueceu? - virei o rosto de lado para beijar sua bochecha.

- Ah, perdão, *senhor Thoen*. - exagerou.

Deixei meu rosto de lado, meu nariz raspando em sua bochecha e sentindo seu cheiro. Com Amanda no meu colo, nos dançamos devagar para um lado e para o outro. Preguiçosamente na penumbra do quarto.

Dominique desceu as mãos pelo meu tórax nu até raspar os dedos no cóis da calça comprida do pijama que eu vestia. Apertou minha bunda, mordiscando meu ombro.

- Controle-se, eu estou segurando um bebê. - recriminei, dissimulado - Papai tem que tomar muito cuidado. - sussurrei pra Mandy - Porque mamãe é muito safada! Ela é sim! Uma moça bem safada!

Eu tinha certeza que Dom estava revirando os olhos, atrás de mim. Mas continuei me divertindo as suas custas.

- Ela não aguenta manter as mãos longe da bunda de papai.
- Falando em bunda... Continue essa brincadeira e nunca mais come a minha.

- Papai está quietinho. - sussurrei para o meu bebê - Papai já calou a boca. Quem está falando alguma coisa? Quem? Não é papai. Não, senhora.

Dominique colocou as mãos na boca para abafar a risada. Me abraçou mais uma vez, beijou a parte baixa do meu pescoço. Eu me sentia tão amado quando ela fazia isso.

Na verdade... eu me sentia amado o tempo inteiro. Mas quando ela me abraçava apertado daquele jeito e me beijava do seu modo familiar, eu derretia. Me virei para beijá-la mas ela tinha os lábios na parte da frente do meu ombro. Delineando minha nova tatuagem.

Uma que eu fiz em por causa dela. Não que isso fosse surpreendente... ela era o motivo de quase todas as coisas da minha vida.

Beijou a incrição de letras escuras e depois minha boca.

Coloquei Amanda no berço e passei eu mesmo o dedo pelas linhas de minha tatuagem.

"Hoje".

Hoje.

Era isso que eu precisava.

Eu precisava ser feliz hoje.

Eu precisava encarar minhas duvidas e meus problemas hoje.

Eu precisava cuidar da minha família hoje.

Precisava viver minha vida hoje.

Dom estava na porta do quarto e eu me permiti admirar sua beleza. Apoiada na porta, sorrindo para mim.

Minha esposa.

Minha Dominique.

Meu coração batia de um jeito especial quando ela estava por perto.

E mesmo quando eu tive a ideia de fazer uma tatuagem para completar o "um dia" que ela trazia na nuca, eu soube... eu soube que o meu "hoje" significava "sempre".

Ela estava ali, na porta, sorrindo para mim. E eu seria feliz sempre.

Ao seu lado, eu sempre encararia minhas dúvidas e meus problemas. Eu sempre os resolveria.

Eu sempre cuidaria da minha família.

Eu sempre viveria minha vida.

Eu sempre a amei.

Eu a amo hoje.

Eu sempre a amarei.

Minha Dom.

Claro que apesar dessa certeza, hoje, eu não imaginava tudo que iria acontecer. Eu não imaginava que Tyler e Hyatt iriam virar melhores amigos. Que Hyatt ia ajudá-lo com amizades e garotas e Ty ia ajudá-lo com aritmética e seu primeiro emprego. Eu não imaginava que eles seriam companheiros pra vida inteira.

Eu não imaginava que Tyler ia ser um astrofísico de renome, vencedor de prêmios e o primeiro dos Thoen, dos Holt e até mesmo dos Baxter a ir ao espaço.

Não imaginava que Hyatt ia trabalhar muito para se tornar um juiz. E que seria um homem digno e decente.

Eu não imaginava que Amanda ia ser uma médica. Que ia seguir a carreira nos Médicos sem Fronteiras e se casar com um funcionário da ONU, em um destino quase profético. E sempre com o apoio da sua família.

Eu não imaginava que eu e Dominique ainda teríamos outros dois filhos. Um, assim como Mandy e Ty. E outro que foi concebido na barriga de outra mãe e por outro pai, como Hyatt. Mas que acabou sendo nosso ainda assim.

Eu não imaginava que Andy e Rick iam se casar, apesar de Dom sempre ter certeza disso e que nós seríamos convidados para ser padrinhos do seu primeiro filho.

Eu não imaginava que a vida em casa e cercada por netos ia fazer com que a saúde da minha mãe melhorasse tanto, a ponto de fazê-la abandonar a cadeira de rodas e voltar a trabalhar. Eu não imaginava que ela ia conhecer um senhor distinto em uma das fundações de caridade que trabalhava e que iria se casar de novo.

Definitivamente não imaginava que eu ia ficar com ciúmes e Dominique ia precisar me dar seus famosos tapas na testa quando eu exagerasse.

Eu não imaginava que nossos filhos iam crescer e sair de casa tão rápido.

Não imaginava que eu e Dom íamos envelhecer naquela mesma casa onde tudo tinha começado tanto tempo atrás.

Não imaginava como seria a primeira vez que eu carregasse meu primeiro neto no colo.

Não imaginava como seria levar Amanda ao altar.

Não imaginava como seria dormir e acordar ao lado da mesma mulher, todos os dias. Dizer "eu te amo", todos os dias. E ser a mais pura verdade, todos os dias.

Não imaginava o quanto minha Dom seria ainda mais linda com rugas e linhas de expressão que eu vi se formarem. Que eu conhecia e admirava como mais ninguém no mundo.

Eu não imaginava que iria me deitar ao seu lado na última noite de nossas vidas. Não imaginava que ela morreria primeiro, porque ela sempre foi assim: decidida. E que eu a seguiria imediatamente, porque tinha desaprendido a viver sem ela.

Eu não imaginava que morreríamos de mãos dadas como vivemos a vida toda.

Hoje, eu não imaginava nada disso.

Hoje, eu apenas olhava para trás. Olhava para o garoto que chantageou sua colega de trabalho e que resolveu que a amava depois de apenas quatro semanas. Eu queria abraçar aquele garoto, sorrir e lhe dizer "olha... você não faz a menor ideia do quanto ainda vai amar essa mulher".

Foi por causa dela que eu amadureci e me tornei um homem do qual eu poderia me orgulhar.

Por causa dela, eu perdoei minha mãe e criei filhos decentes. Tive uma família.

Foi por causa dela que eu tive paz.

Ela tinha sido pré-requisito da minha vida inteira.

Tudo só foi possível com Dom ao meu lado.

Eu sei que ela foi o motivo da minha plena felicidade.

Hoje, e por todos os dias da minha vida.

O melhor sexo

- Holt, você precisa se acalmar. Os meninos vão ficar bem.

- É a primeira vez que a gente deixa eles sozinhos por tanto tempo, Dom, eu vou só mandar uma mensagem rápida para.

- Andy está lá. Rick, Shelby, até a Madeleine. – ri de sua agonia - Sua mãe está com eles. Duas babás e um segurança. Eles vão ficar bem!

- Amanda é muito pequena. O que isso diz de mim? Abandonar minha filha recém-nascida assim? – gemeu.

Eu sabia que seu problema eram traumas do passado.

- Greg. – segurei seu rosto em minhas mãos – Você não *abandonou* Ty.

- Abandonei. – chiou – sabe que abandonei. E abandonei Hyatt também. Não quero fazer isso de novo.

Abri as cortinas para ver as praias de Cancun se esticando ensolaradas a vários andares abaixo de nós.

- Tudo bem. – expirei, fingindo frustração – Eu achei que nós íamos passar uma boa semana nus aqui em cima ou molhados lá embaixo. Mas, se você vai ficar remoendo traumas do passado, é melhor a gente nem desfazer as malas e...

- Conta de novo como é o plano? – me puxou pelo braço.

- O humor melhorou foi? – provoquei.

- Você promete que não estou abandonando ela?

- Não está. – prometi de forma solene.

- Então, estou de acordo com seu plano. – mordeu minha boca e eu soube que íamos nos atrasar para o passeio.

Sentada com as costas apoiadas contra Greg, o vento bagunçava meus cabelos enquanto a lancha se movia rapidamente. Ele tirou a camisa e eu achei melhor ficar só de biquíni ou o sol me marcaria de um jeito desagradável.

O guia nos levou por entre as trilhas e pedras até a entrada no topo da gruta. A abertura larga no teto da caverna oferecia espaço suficiente para a luz entrar e visitantes descerem de rapel, um de cada vez. Lá embaixo, uma combinação de pedras formava uma escultura natural dentro de um lago de águas límpidas e puras.

- Acho que estou ficando velho para isso. – reclamou quando o guia o ajudou a amarrar as cordas do Rapel.

Mordi meu sorriso depois de beijar sua boca.

- O que foi? – riu.

- Lembra da última vez que estivemos aqui em Cancun?

Seus olhos brilharam, safados.

- Na cidade ou aqui nessa gruta?

Meu sorriso silencioso respondeu por mim.

Holt se virou para o guia com um jeito discreto e eu soube que estava pagando ao rapaz para desaparecer por uma hora.

Eu queria descer primeiro, já que tinha mais prática com aquilo do que ele. Mas Gregory insistiu e eu o deixei ir na frente. As pedras molhadas deslizaram sob meus pés e eu me arrependi imediatamente de não ter trazido sapatos antiderrapantes como os

que Greg usava. Ele se aproximou para me ajudar a andar e eu levei a mão a primeira fivela, me soltando do rapel.

Gregory segurou minha mão sobre a fivela com força, me impedindo de me libertar e eu pisquei para ele, sem entender suas intenções. Sua mão buscou o apoio e ele puxou a corda presa as tiras em minhas coxas me fazendo subir, pairando a centímetros do chão.

- O que houve? – eu perguntei preocupada, olhando ao redor.

Sua mão na minha garganta, sua mão na calcinha do meu biquíni.

Ah...

- Não vai nem esperar eu descer? – ri.

Holt se agachou na minha frente, apoiando um dos joelhos na pedra e me enfiou na boca.

Uma coisa interessante acontece sempre que um contato sexual demais é recebido inesperadamente. Como se seu corpo acordasse em um segundo percebendo que se atrasou para a festa e correndo para acompanhar. Uma eletricidade corre pelas suas terminações nervosas, enquanto sua vagina se contrai e se encharca em uma velocidade admirável.

A saliva de Holt estava na minha pele, se confundindo com minha umidade que aumentava e aumentava. Ele sugou, deixando escapar o barulho típico de uma boca preenchida por suco, um estalo baixo que me garantia que ele estava tão sedento quanto eu estava molhada e que me fez pensar as coxas contra sua cabeça, raspando os calcanhares em suas costas.

O rapel suspenso formou um balanço sexual improvisado e as tiras começaram a arder na minha coxa quando as mãos de Gregory encontraram minha bunda e joguei a cabeça para trás, sentindo aquele golpe de prazer que te faz perder os sentidos.

Sentia meu grelo rolando em sua língua. Fechei os olhos. Minha intenção foi suspirar, mas um gemido delicioso escapou e então eu não conseguia mais parar. Eu ofegava, tremendo, sentindo minha bunda contraída, tentando me impulsionar contra aquela língua que me possuía, mas sem qualquer apoio para fazer valer minha vontade.

- Tira, tira. – Gregory levantou, rouco de insanidade, arrancando a parte de cima do meu biquíni e jogando no pequeno lago ao nosso redor. Mamou em um dos meus seios, antes de voltar a se enfiar entre minhas pernas. Suas lambidas longas deixavam claro que ele estava me experimentando. Não era sexo oral para o meu prazer, era *alimentação* para o prazer dele. Segurei as cordas acima da minha cabeça, buscando apoio e deixei que ele me comesse.

Suas mãos apertaram meus peitos quando ele voltou a se levantar, me beijando. Eu adorava sentir meu gosto na boca dele. Aquela troca que me fazia sentir como se nossos corpos tivessem se fundido além do sexo e fossem levar para sempre um pedaço um do outro.

Escutei o estalo do tapa na minha bunda antes de sentir o ardor.

- Por que tanta violência, Holt? – ri na boca dele e Greg me mordeu.

- Você não faz ideia. – suspirou com urgência. Era como se ele tivesse sido possuído pelo fantasma tarado do lado na caverna. Havia uma insanidade nos seus gestos e olhares – Não faz ideia de quantas vezes eu me lembrei daquele momento. – chupou meu peito de novo – Eu e você aqui – raspou os dentes na minha pele – Você molhada naquela porra daquele biquíni minúsculo... saindo da piscina para buscar bebidas e a vontade que eu ficava de te jogar na primeira espreguiçadeira que encontrasse e comer tua bunda, bem no meio do hotel.

- Quase fizemos isso... – me apoiei em um dos ombros dele, agarrando sua orelha com os dentes.

- Você não faz ideia do quanto eu senti saudade do calor da toa bocetinha. – lambeu minha boca, me fazendo abrir os lábios, esperando um beijo que não veio, já que ele estava preocupado demais em experimentar todas as partes do meu corpo ao mesmo tempo – Preso naquela minha vida de merda, doido de saudade dessas tuas curvas que me enlouquecem. – esfregou as mãos pela minha cintura e quadris, me apertando com voracidade, como se quisesse me absorver inteira de uma vez só.

Baixou o calção exibindo uma ereção completa.

Puxou a calcinha da minha roupa de banho ainda mais para o lado e se enfiou. Eu balancei nas cordas, tentando mantê-lo preso perto de mim com meus calcanhares. Mas Holt forçou minhas panturrilhas para longe de si, segurando meus joelhos, me mantendo exposta, mas frágil, sem apoio. Suas estocadas violentas se intensificavam com a fluidez do balanço. O movimento fazia sua virilha raspar com força contra o meu clitóris do jeito que ele sabia que eu gostosa, me fazendo urrar e implorar.

Minhas mãos tremiam, enfiadas nos seus cabelos, puxando com força. Gemendo seu nome, desejos e promessas enquanto ele me fodia na meia luz, os pés apoiados com força contra a parte mais seca da pedra.

Abri os olhos olhando para o céu, vendo a abertura por onde tínhamos descido e imaginando que bastava um novo grupo de turistas se aproximar e nos veria ali embaixo. Nos ouviria antes de nos ver, provavelmente.

Greg levou quatro dedos a boca e cuspiu, espalhando sua saliva entre os dedos. Depois os ofereceu para mim e eu os enfiei na boca. Sua mão escapou dos meus lábios, deslizando pela minha bunda e abrindo suas bochechas. Seus dedos me preencheram por trás, lubrificando minha passagem.

O contato era forte demais e eu encontrei um orgasmo curto de gemidos abafados no fim de uma das estocadas mais poderosas de Greg.

- Eu já estou quase. – sussurrou urgente, escapando de mim. Não sei se meu orgasmo já tinha terminado, mas fiquei com a sensação que não, por assim que ele me arreganhou ainda mais, se enfiando no meu cu, eu senti o estímulo voltar. Me joguei pra trás, apoiando as costas contra o seu corpo, sentindo suas mãos me guiarem até que uma delas voltassem ao meu clitóris e o esfregasse. Forte e com pressa. Ele estava perto e queria que eu o acompanhasse, gozando mais uma vez. Fechei os olhos, ouvi seus gemidos sussurrados, sentindo sua respiração no meu pescoço. Seu gemido ficou mais grave e longo e eu soube que ele tinha concluído com um longo aperto no meu clitóris que me fez ver estrelas. Diminuí a velocidade das estocadas, saindo de mim, sem para de estimular minha vagina. Mordi os lábios até senti-los queimar e o orgasmo explodiu mais uma vez.

Ele riu satisfeito atrás de mim, antes de me ajudar a descer. Guiou minhas pernas bambas para dentro do lago, onde me beijou e lavou.

- Pode pegar para mim? – indiquei a parte de cima de meu biquíni que flutuava perto de nós.

- Não. – beliscou um de meus mamilos – Prefiro você assim.

- Última vez que viemos até aqui você não foi tão ousado. – brinquei.

- Isso é porque última vez que viemos aqui eu era seu namorado. – sorriu – Agora, sou seu marido. – ele me beijou e eu soube que ele disse aquilo não como uma afirmação. Ele disse aquilo porque gostava de dizer. Gostava do sabor que a palavra tinha na sua boca.

Beijou meu queixo, meu pescoço, sussurrou que me amava e me manteve em seus braços. Não me deixou colocar meu biquíni de

volta até ouvir um barulho lá em cima e uma voz nos chamando, indicando que o guia estava de volta. Depois me ajudou a subir de volta para as pedras e para o mundo lá fora.

Mas eu não me senti triste. Não senti como se uma experiência tivesse acabado. Nosso sexo proibido naquela gruta tinha sido incrível. Mas com Gregory era sempre assim: o nosso melhor sexo era sempre o próximo.

Anos Depois

- Max! Vá trocar de roupa.
- Mas mãe...
- Agora, Max! Não me faça repetir.

Nosso filho mais novo subiu as escadas batendo os pés e Dominique lhe rosou um aviso de que não fosse rabugento ou ficaria de castigo.

Só Dominique para ameaçar uma criança com castigo na noite de natal.

No fundo, eu acho que ela ficava perdida com ele. Era o primeiro e único de nossos filhos que tinha uma personalidade rigorosamente idêntica a dela.

Hyatt tinha sido durão a vida toda. Mas a falta de atenção nos seus primeiros anos de vida tinha feito dele um garoto carente e depois das primeiras demonstrações de afeto, tinha se derretido por Dom e adotado ela como sua mãe.

Ty era um poço de gentileza e Mandy não ficava para trás nesse quesito. Meryl, por sua vez, já estava grande quando a adotamos. É o tipo de fenômeno triste de aceitar, mas após muitos anos em instituições para crianças carentes, Mer tinha se tornado uma jovem pacífica e resignada, ainda desesperada por aceitação... nós a entupíamos de amor e atenção e esperávamos que um dia fosse suficiente.

Mas Max...

Max era um departamento completamente novo para Dominique.

Era extremamente inteligente... não como Ty... era uma inteligência diferente. Uma inteligência como a de Dom. Uma sagacidade infinita desde o berço, uma teimosia que não conhecia limites e um temperamento genioso. Parte de mim sempre teve certeza que, na cabeça de Max, ele nasceu sabendo como cuidar de si mesmo e que não precisava de ninguém.

Aprendeu a andar e usar o vaso sanitário mais cedo que qualquer um de nossos outros filhos. Dominique achava que o teste de QI dele superaria o de Ty quando ele aprendeu a ler absurdamente cedo e com o mínimo de assistência.

Mas não era genialidade.

Era teimosia.

Max resolveu que era desnecessário precisar de alguém sempre que quisesse ler um de seus livros infantis antes de dormir e decidiu que era melhor dar um jeito nesse absurdo depressa. Se o modo era aprender a ler... então que fosse.

Começou a se meter nos assuntos da casa e, um determinado dia, ouviu Dominique dizendo que estava preocupada em perder a hora no dia seguinte e colocou ele mesmo, seu próprio despertador, para ter certeza que iria acordar a mãe.

Era autossuficiente e, na maior parte das vezes, não precisava que ninguém lhe mandasse fazer nada. Mas, nas poucas vezes que era preciso, ficava furioso com as instruções que lhe dávamos como se ninguém fosse capaz de cuidar tão bem dele quanto ele mesmo.

Eu aprendi a dialogar com Max com calma. O garoto reagia melhor quando era tratado como uma adulto, o que não fazia sentido, mas produzia resultados.

Dominique apenas ofegava e resmungava que ele era muito teimoso. Eu tinha vontade de rir e lhe dizer "bem feito pra você". Mas eu conhecia minha mulher e ficava bem quietinho.

Era mais saudável.

A campainha tocou uma vez após a outra e logo a casa estava cheia.

Dominique cumprimentou Elena com sua típica distância quando ela chegou abraçada com Tyler.

Abracei meu filho e sua namorada, guiando-os para a sala.

- Como estão a faculdade?

Entre suas graduações simultâneas e atividades extracurriculares, Tyler mal voltava para casa e eu tinha que prendê-lo contra a parede para arrancar algumas frases complexas.

- Bem.

- Só "bem"? - desafiei.

- Conta pra ele. - Elena cutucou seu estômago com o cotovelo.

- Fui aceito para o mestrado. - anunciou, sem empolgação.

- Parabéns, moleque! - eu avancei para abraçá-lo e logo percebi Dominique mordendo os lábios no canto da sala. Insatisfeita por não ter sido a primeira a ouvir a notícia - Achei que você tinha que se formar antes de... Ah... deixa pra lá! - abracei ele de novo antes de dar espaço para que Dom o parabenizasse também. Eles entraram pela casa, cumprimentando os outros e eu segurei minha esposa pela cintura.

- Comporte-se. - sussurrei no seu ouvido - Vai ser sua nora um dia... - brinquei.

Ela me beliscou e vestiu um sorriso falso.

- Como está sua família, Elena? - sentou-se ao seu lado.

- Bem, senhora Thoen. Minha virá para a cidade na próxima semana.

- Estou sabendo. Falei com ela. Ficará conosco.

- Ah! Ótimo! - sorriu - E meu pai mandou um beijo e um abraço. Como sempre.

- Diga a ele que eu agradeci e recusei. Como sempre. - caçoou - Seu pai consegue ser muito inconveniente.

- Ele diz que faz parte do charme.

- O charme dele é ser inconveniente? - levantou uma sobrancelha - Pois dê um recado ao seu pai por mim? Diga que eu o acho muito charmoso.

Hyatt gesticulou para mim do outro lado da sala e eu me levantei após verificar que a interação entre Dom e Elena parecia ter ganhado tração.

- O que foi filho?

- Pai, a gente pode conversar um instante? - ele tinha um tom urgente e discreto.

- Claro, filho. - indiquei as escadas e subimos para o escritório.

Fechei a porta atrás de nós e vi Hyatt passar uma mão nos cabelos enquanto enfiava outra nos bolsos.

- O que houve? - eu estava preocupada e nem sequer arrisquei sentar. Queria ouvir tudo de uma vez.

- Eu... não quero te ofender...

- Não vai ofender. - garanti - Seja lá o que for. Pode me dizer.

Ele inspirou fundo e me observou antes de ter certeza que eu estava sendo verdadeiro.

- Sei que não é meu pai. Meu pai genético, quero dizer.

Tudo bem.

Agora eu ia precisar sentar.

E foi isso mesmo que fiz.

- Não quero te ofender.

- Não ofendeu, filho...

- Eu só... - ele se sentou a minha frente - Eu quero saber. Já perguntei a Elizabeth, mas ela nunca diz nada. Ela ignora daquele com aquele seu jeito de realeza e acho que a mera ideia de uma fofoca envolvendo seu nome e um relacionamento extraconjugal, ela... Ela não admite. Mas eu sei. - balançou a cabeça devagar e umedeceu os lábios - Sei que não é meu pai. - confessou baixinho e eu pude ouvir a dor em sua voz - E eu... quero saber quem é. Quero saber quem é o cara. Tenho certeza que ele sabe... quero dizer... ele tem que saber. Sei que tem. E eu... acho que se olhar por esse lado, eu não tive pai nem mãe, não é? - me ofereceu um sorriso tímido que não combinava com ele.

- Hyatt, o que gerou esse interesse repentino?

- Não sei. - deu de ombros - Só... me diz?

- Ai estão vocês! - Dominique abriu a porta sem cerimônias - Jantar está na mesa. Desçam. Agora. - ordenou.

- Depois do jantar? - murmurei e ele acenou uma concordância breve.

Andy e Rick chegaram com o resto do clã e a mesa estava barulhenta e animada. As crianças se espalharam pela sala e depois de muito peru, vinho e troca de presentes, os convidados estavam indo embora.

Ty e Hyatt jogavam jogo da memória contra Max e Merryl. Os mais velhos deixavam os mais novos ganhar o que irritava Max sumariamente.

- Você tem memória eidética! - puxava o braço do irmão - Você sabe onde as peças estão! Não perca de propósito!

- Não estou fazendo isso. - mentiu - Eu não estava prestando atenção.

- Não quero mais jogar com vocês. - Max rosnou, era incrível como ele era idêntico a mãe quando começava com essas birras - Vocês me deixam ganhar porque acham que eu não consigo ganhar sozinho! Mas eu consigo!

- A gente sabe. - Hyatt prometeu.

Um beijo no meu ombro e eu me virei para o abraço de Dom.

- Olha. - apontou para cima e o visco que balançava sobre nossas cabeças.

Eu ri lembrando da noite que nos conhecemos.

- Posso te beijar ou vou levar um tapa? - levantei seu queixo.

- Ah, vai levar o tapa! Lógico. Como manda a tradição.

Eu a beijei com carinho.

- Arranjem um quarto! - Mandy reclamou.

- Sabe quem paga por essa casa toda? - Dominique devolveu.

- O papai. - provocaram em uníssono.

Dominique inspirou como um animal e levantou o indicador. Atrás dela eu comecei a gesticular, mudo, para minha família, mandando todos calarem a boca.

Eles começavam essas brincadeiras e depois quem passava a noite sem sexo era eu.

- Você, mãe. - Hyatt liderou o movimento e logo todos estavam aceitando o cargo de General que Dominique claramente ocupava.

Mãe.

Eu estava lembrando da primeira vez que Hyatt se referiu a Dominique como mãe. Ele ainda era pequeno e foi tão... natural.

Nada poderia ter sido mais natural.

Ele era filho dela. Era um fato.

- Pois se eu pago as contas - Dom ainda estava reclamando - agarro seu pai no canto da casa que eu quiser.

Eles riam um para os outros acostumados com a teimosia da mãe.

Eu concordei enfaticamente com cada palavra que ela dizia e fingi ralar com todos eles. Mas logo, ela também estava rindo e se sentando para participar do jogo da memória.

Já era o fim da noite e quase todos tinham ido embora quando fui levar Hyatt até a porta.

Ele me abraçou antes de se virar para sair. Mas se deteve na entrada.

- Vai me dizer quem é? - pediu.

Eu olhei para trás, para os resquícios da festa e fechei a porta atrás de mim.

- Quem é meu pai? - enfiou as mãos nos bolsos e eu respirei fundo para lhe responder - Quem é meu pai, de verdade? - repetiu.

De verdade.

Eu sorri, satisfeito.

Só havia uma resposta verdadeira para aquela pergunta.

- Eu sou seu pai, moleque. De verdade. E não quero ouvir mais essas bobagens.

Ele encarou o chão com um sorriso feliz. Me abraçou mais uma vez, entrou no seu carro e se foi.

O caminho para o altar

Eu sabia que aquele era um momento em que eu deveria apresentar firmeza. Eu deveria ser forte e calmo para que todo mundo ao meu redor pudesse se desesperar. Mas anos casado com Dominique não tinham exatamente me ensinado a ser firme. Ela era a rocha da dupla.

Mas agora isso não importava.

Agora ela estava lá, do outro lado daquela porta: firme ou desesperada, não fazia diferença. Ela não poderia me ajudar. Fiquei trocando o pé de peso em uma dança nervosa.

- Pai, está me deixando nervosa. – Amanda tocou meu ombro e eu coloquei sua mão entre as minhas. Ela estava linda. Perfeita. O longo vestido branco de mangas curtas e detalhes discretos. Ela não queria nada muito exagerado ou chamativo e foi tudo exatamente como ela quis.

Não poderia ser diferente.

- Estou entregando minha primeira filha para um maluco desconhecido, Mandy. Como você queria que eu ficasse? – beijei sua bochecha, tomando cuidado para não estragar sua maquiagem. Dominique tinha sido muito específica nesse ponto e gritou para que eu não abraçasse nossa filha com força, amassando o vestido ou estragando a maquiagem. Foi bem enfática.

- Maluco desconhecido? – ela riu. Um riso gostoso e nervoso.

Jason era um bom rapaz. Ele estavam juntos há três anos, mas eu suspeitava que ele já queria colocar uma aliança no dedo da minha filha desde os primeiros três meses. Melhor assim. Se minha história com Dom tinha me ensinado alguma coisa, era que o melhor tipo de amor é aquele que é inevitável. *Inescapável.*

- Está quase na hora. – a organizadora do evento se aproximou murmurando instruções e nós concordamos.

Encaixei a mão de Mandy no meu braço e sorri para minha filha.

- Calma. Vai ficar tudo bem. – tentei passar uma tranquilidade que eu não sentia.

Seu sorriso se desfez em uma seriedade tensa.

- E se não der certo, pai? E se a gente não der certo juntos?

- Amanda. – virei de lado, encarando seus olhos escuros, como os da mãe. A organizadora gesticulou nervosa, para que ficássemos na posição correta. Mas eu precisava falar com minha filha e iria fazer isso agora. – Me escuta, filha. Eu posso não saber muita coisa na vida, mas tem uma coisa que eu sei. Uma coisa que eu aprendi. – sorri – Uma coisa que sua mãe me ensinou. Acontecem coisas incríveis quando a gente se permite tentar. Quando a gente supera o medo de se magoar e arrisca. – olhei fundos nos seus olhos, sentindo seus dedos me apertarem, buscando segurança – Eu não sei se você e Jason vão se amar para sempre e não posso te prometer isso. Mas quero que pense em como se sente agora. Você sente como se valesse a pena? Mesmo que depois tudo acabasse em mágoa, mesmo que destruísse seu coração... Hoje, o que você sente por ele é forte o suficiente para arriscar?

Ela sorriu e confirmou com um gesto definitivo.

- Então, pronto. Isso é tudo que precisa. – Amanda sorriu e beijou minha bochecha. Eu olhei assustado para os seus lábios verificando se seu batom não estava manchado.

- Mamãe te ameaçou de alguma coisa se borrarasse minha maquiagem, não foi? – riu baixinho.

- Ah, não tenha dúvidas. – confidenciei. A organizadora avançou para nós, em desespero, nos forçando a ficar na posição

correta.

- Acha que mamãe ameaçou ela, também? – provocou, me fazendo rir, assim que as portas foram abertas. A música soou alta e os convidados nos aguardavam de pé, esperando a entrada da minha filha. Eu podia ver Dom a distância, na primeira fila.

Decidi ali mesmo que seria melhor olhar para ela. Papeis invertidos em relação ao dia do nosso casamento, mas ainda era o mesmo sentimento. Mais forte, mas igual em essência. Bastava encarar aquele olhar e eu sentia uma confiança estranha tomar conta de mim. Como se a firmeza dela me possuísse.

Caminhei até o altar, guiando nossa filha para o homem sorridente que a aguardava próximo ao padre. Beije seu rosto uma última vez e nos separamos. Apertei a mão de Jason, levei a mão ao seu ombro em um abraço carinhoso.

- Se magoar minha menina... – eu murmurei, brincalhão.

- Você me mata. – sorriu.

- Eu não... Dominique. – lembrei e ele riu.

Dei alguns passos para trás, desaparecendo entre os convidados.

- Quer me explicar por que sua bochecha está manchada de batom, Holt? – beliscou minha cintura – Achei que tinha sido clara.

- Resolva com sua filha. – me defendia, passando o braço pela sua cintura e devolvendo o beliscão.

Ela beijou minha boca em um selinho curto e satisfeito.

Felicidade.

Aquela coisa que tinha invadido minha vida por causa dela.

O padre tinha começado a falar, quebrando a hipnose dos nossos olhares e eu olhei para o casal no altar.

Eu ainda estava tentando respirar melhor. Não imaginei que aquilo pudesse ser tão difícil para mim, mas aí estava...

Foi então que a coisa mais curiosa aconteceu. Não foi algo que Mandy fez, não foi um toque de Dom, não foi nenhuma percepção elaborada...

Foi Jason.

Apenas ele.

Estava ali naquele olhar.

O modo como ele olhava para minha filha.

Eu reconhecia aquele olhar sempre que olhava para Dom. Estava nos olhos dela.

E tinha certeza que estava nos meus, também, sempre que eu observava aqueles olhos negros e aquele sorriso delicioso.

Era amor.

Jason amava a minha garota.

E ela deveria amá-lo também.

Apenas um olhar.

Apenas um brilho curioso e inconfundível.

E eu estava em paz.

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[O melhor sexo](#)

[Anos Depois](#)

[O caminho para o altar](#)